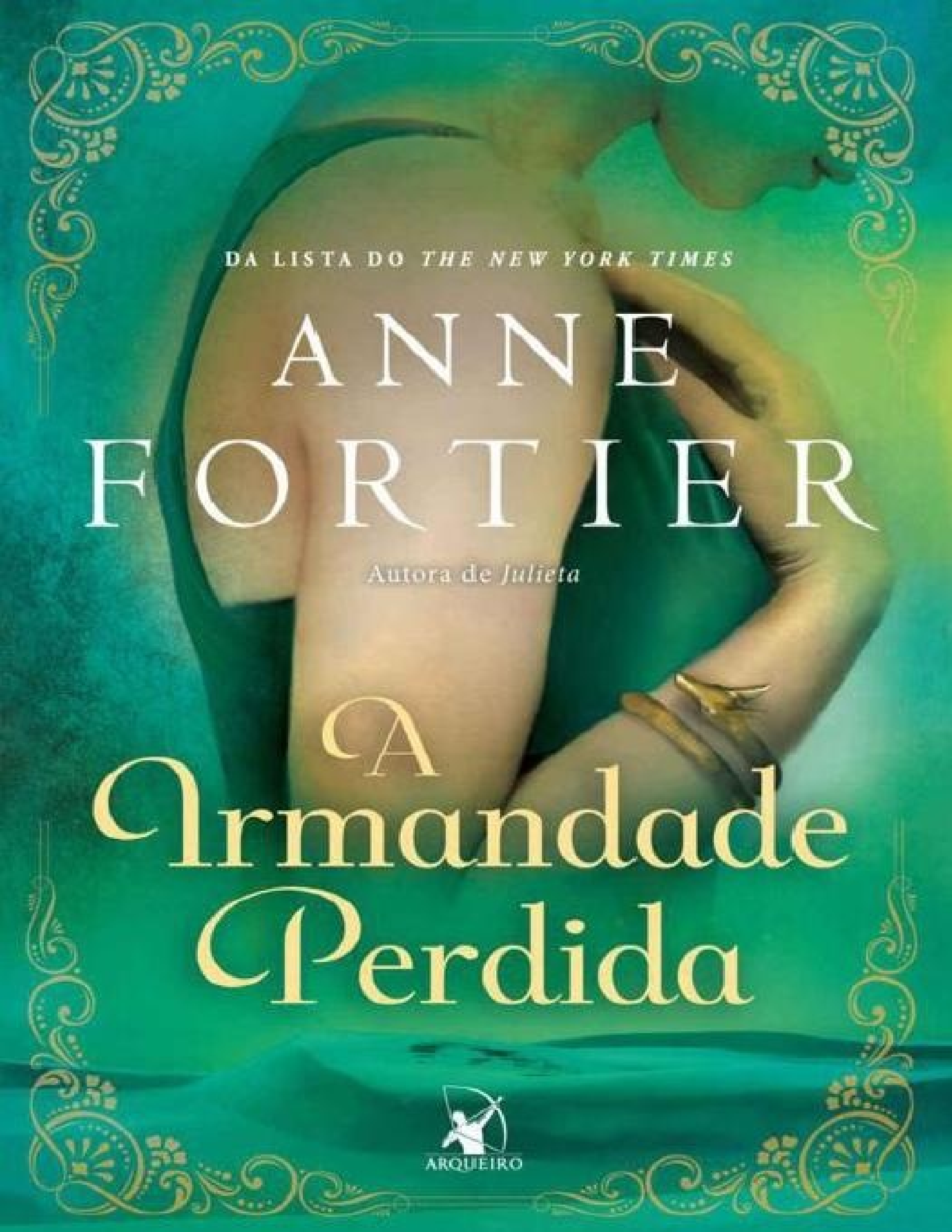
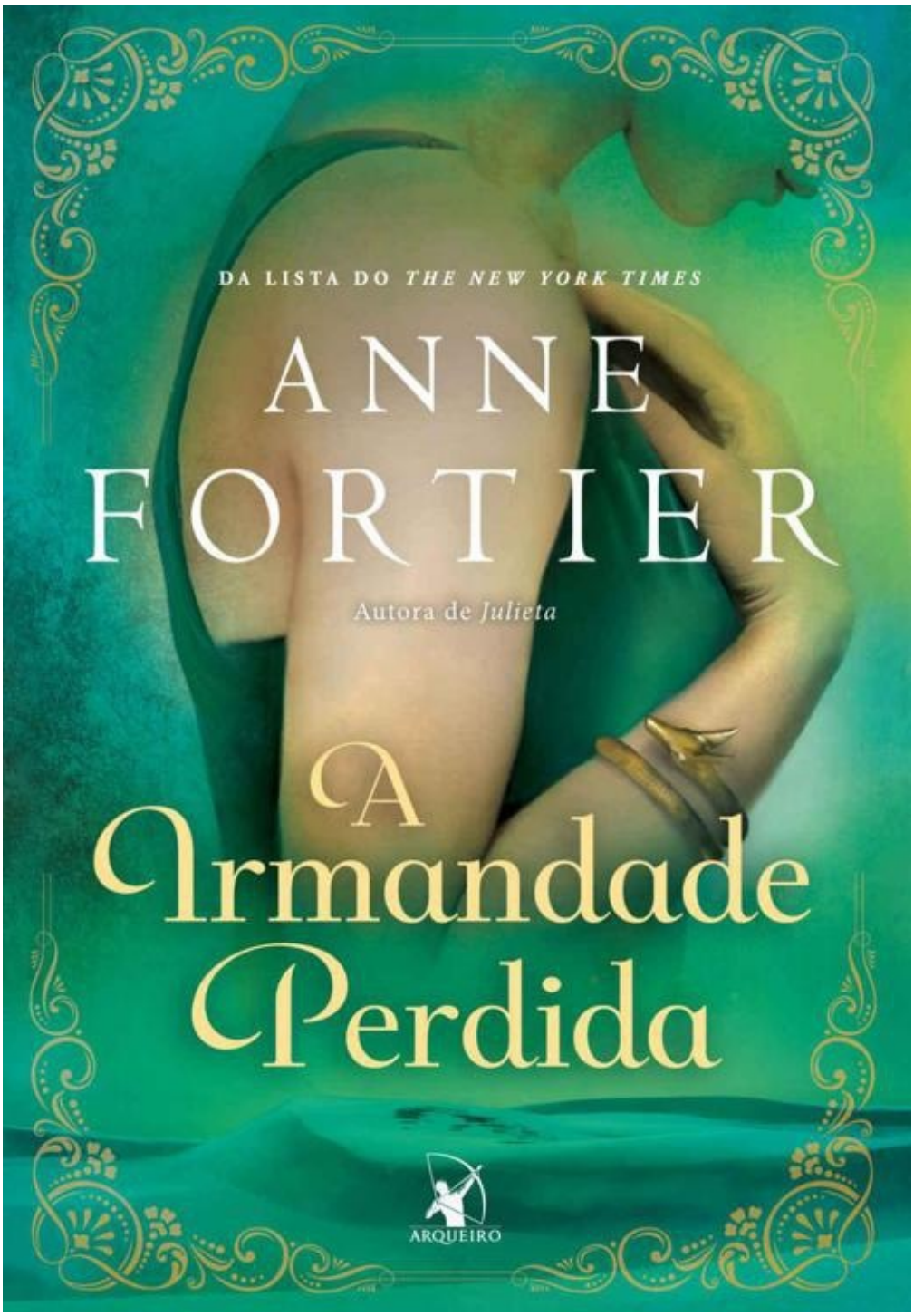

DA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*
ANNE
FORTIER
Autora de *Julieta*
A Armandade Perdida
ARQUEIRO


DA LISTA DO THE NEW YORK TIMES
ANNE
FORTIER
Autora de Julieta
A Irmandade Perdida
ARQUEIRO

leLivros

DADOS DE COPYRIG HT

Sobre a obra: A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o obj etivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêm icos, bem com o o sim ples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de com pra futura.

É expressam ente proibida e totalm ente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso com ercial do presente conteúdo **Sobre nós:** O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dom inio publico e propriedade intelectual de form a totalm ente gratuita, por acreditar que o conhecim ento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar m ais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo

nível."

A Irmandade Perdida



O Arqueiro GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) com eçou sua carreira aos 17

anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Oly m pio, publicando obras m arcantes com o *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salam andra com o propósito de form ar um a nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis m ais prem iados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes m esm o de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transform ou em um dos m aiores fenôm enos editoriais de todos os tem pos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desej o de aj udar o próxim o, Geraldo desenvolveu diversos proj etos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a m issão de publicar histórias em polgantes, tornar os livros cada vez m ais acessíveis e despertar o am or pela leitura, a Editora Arqueiro é um a hom enagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar m ais além , m irar nas coisas verdadeiram ente im portantes e não perder o idealism o e a esperança diante dos desafios e contratem pos da vida.

ANNE FORTIER

A Irmandade Perdida

ARQUEIRO

Título original: *A irmandade perdida* Copy right © 2014 por Anne Fortier Copy right da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Este livro não pode ser exportado para Portugal, Angola e Moçam bique.

Todos os direitos reservados. Nenhum a parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer m eios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu *preparo de originais:* Sheila Til *revisão:* Ana Grillo e Bruna Cruz *projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira *capa:* Eileen Carey *adaptação de capa:* Miriam Lerner *imagens de capa:* arabescos: Daxi/ iStock Vectors; m ulher: PhotoAlto/ Matthieu Spohn The Agency Collection; dunas: Vladim ir Piskunov; bracelete: Robert Hunt *adaptação para ebook:* Marcelo Morais CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F847i Fortier, Anne, 1971-A irmandade perdida [recurso eletrônico] /

Anne Fortier [tradução de Fernanda Fernanda Abreu]; São Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital Tradução de: Lost sisterhood Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-

ISBN 978-85-8041-453-0

(recurso eletrônico) 1. Ficção dinamarquesa. 2.

Livros eletrônicos. I.

Abreu, Fernanda.

II. Título.

15—

CDD: 839.813

25039

CDU: 821.113.4

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conj untos 52 e 54 – Vila Olím pia 04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-m ail: atendim ento@editoraarqueiro.com .br

www.editoraarqueiro.com .br

Para m inha am ada sogra, Shirley Fortier (1945 – 2013), cuj a coragem em com bate se equiparava à de um a am azona.

“Am azonas: raça m ítica de m ulheres guerreiras.

O nom e era popularm ente com preendido com o ‘sem seios’ (*maza*, ‘seio’), e conta-se que elas ‘atrofiavam ’

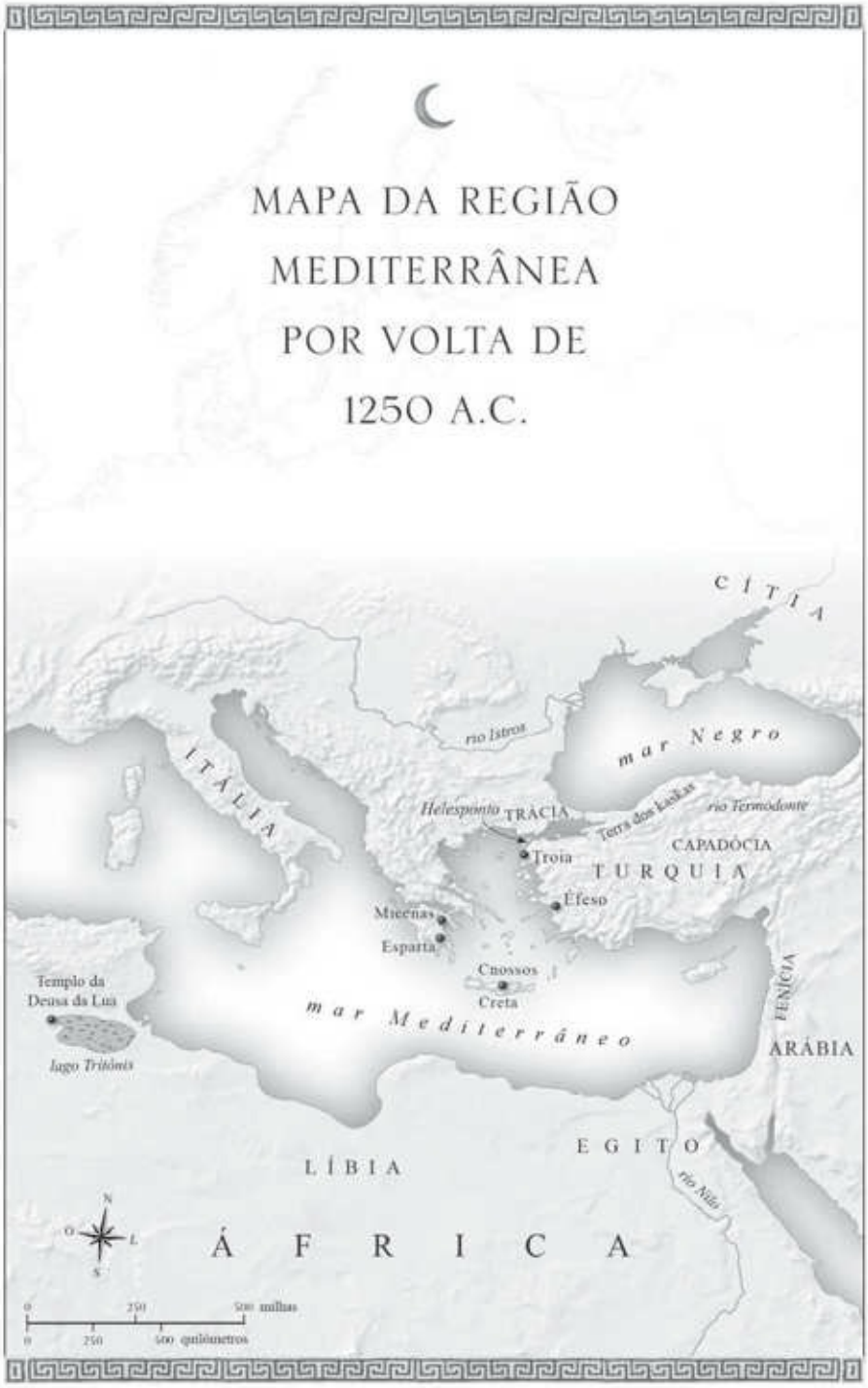
ou ‘cauterizavam ’ o seio direito para não atrapalhar o arrem esso da lança.

As am azonas j á foram vistas com o indício de um verdadeiro m atriarcado na Pré-História. Apesar de atraente contraponto aos atuais preconceitos m asculinos, isso contradiz a natureza do m ito.”

– *THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY*

“Quem controla o presente controla o passado.”

– GEORGE ORWELL



PRÓLOGO

Os rapazes term inaram a rem ada de treinam ento em tem po recorde.

Fazia um a daquelas raras m anhãs de sol em Oxford em que a névoa se descola

da superfície do rio bem em frente à proa, com o se a natureza estivesse à espera daquele instante, daquela equipe, para enfim se revelar.

Ao atravessar o gram ado de Christ Church Meadow de volta para a faculdade, sob a luz do sol nascente j unto com os com panheiros de rem o, Haz se sentia invencível, m as sua anim ação foi interrom pida pelo porteiro, que o cham ou com um aceno brusco assim que os j ovens entraram no pátio.

– Chegou aquilo para o senhor – avisou o porteiro, indicando com um polegar suj o de tinta o obj eto pousado sobre a bancada de correspondência. – Não faz nem dez m inutos. Eu j á ia ligar para o diretor...

– O que é? – perguntou Haz, esticando-se para olhar. – E onde...?

Mas ele se calou assim que viu o conteúdo do cesto de lona, pois, aninhado sobre um a alm ofada e coberto por um a m anta, estava um bebê adorm ecido.

Haz não conseguiu encontrar nenhum a palavra adequada para expressar o súbito caos em sua m ente. Não era a prim eira vez que via um bebê, claro, m as j am ais im aginara deparar com um tão pequeno na portaria úm ida, cercado por sacos de correspondência e guarda-chuvas esquecidos.

– Pois é – falou o porteiro, unindo as sobrancelhas grossas em um a expressão canhestra de em patia. – Mas talvez esta carta aqui explique algum a coisa.

Então entregou ao rapaz um envelope preso ao cesto por um barbante.

PARTE I C R E P Ú S C U L O

CAPÍTULO UM

Por nove dias então fui varrido pela força dos ventos hostis sobre o mar repleto de peixes, mas no décimo dia chegamos ao país dos lotófagos...

Hom ero, *Odisseia* OXFORD, INGLATERRA

DIAS ATUAIS

Do j eito enigm ático que lhe era peculiar, m inha avó fez o possível para m e ensinar a enfrentar a carnificina da vida. Cascos descontrolados, carruagens velozes, m achos predatórios... graças a vovó, quando fiz 10 anos tudo isso j á estava m ais ou m enos dom inado.

Infelizm ente, o m undo se revelou m uito diferente do nobre cam po de batalha que ela m e levara a esperar. O valor do que estava em j ogo era irrisório, as pessoas pálidas e covardes; m inhas artes de am azona de nada m e valiam . E com certeza nada do que vovó m e ensinara durante nossas longas tardes de chá de hortelã e m onstros im aginários poderia ter m e preparado para as correntes e ventos contrários do m undo acadêm ico.

Naquela tarde específica de outubro, o dia em que tudo com eçou, um a raj ada de ira inesperada m e derrubou no m eio da apresentação de um artigo.

Instada pelo todo-poderoso professor Vandenbosch, sentado na prim eira fila, a presidente da m esa se levantou e, covardem ente, passou um dedo pela garganta para m e inform ar que eu tinha exatam ente zero m inuto para term inar m inha apresentação. Segundo m eu próprio relógio, eu estava dentro do tem po regulam entar, m as m eu futuro acadêm ico dependia da aprovação daqueles distintos especialistas.

– Para concluir... – Olhei de relance para o professor Vandenbosch: ele m e encarava com um olhar belicoso, braços e pernas cruzados. –... fica claro que, apesar de todas as descrições explícitas de seus hábitos reprodutivos, esses autores gregos nunca consideraram as valentes am azonas com o algo m ais do que com panheiras fictícias e quase eróticas em seus j ogos.

Um burburinho de anim ação percorreu o auditório. Mais cedo, ao chegar do pátio chuvoso, estavam todos m olhados e um tanto desanim ados, m as m inha apresentação obviam ente contribuíra para aquecer o recinto.

– No entanto... – Meneei a cabeça para a presidente da m esa de m odo a lhe assegurar que estava quase term inando. –... m esm o sabendo que essas m ulheres guerreiras sedentas de sangue não passavam de ficção, nossos autores não se acanharam em usá-las nas histórias de alerta sobre os perigos da liberdade

fem inina irrestrita. Por quê? – Corri os olhos pela plateia, tentando contar m eus aliados. – Por que os gregos se sentiam obrigados a m anter as esposas dentro de casa? Não se sabe. Mas com certeza esse alarm ism o em relação às am azonas deve ter contribuído para j ustificar o tratam ento inferior dado às m ulheres.

Assim que as palm as silenciaram , o professor Vandenbosch passou por cim a da presidente da m esa, levantou-se e olhou em volta com um ar sério, esm agando com a sim ples força do olhar as m uitas m ãos levantadas. Então se virou para m im com um sorrisinho arrogante estam pado no rosto.

– Obrigado, Dra. Morgan. Alegra-m e constatar que deixei de ser o acadêm ico m ais ultrapassado de Oxford. Espero, para o seu bem , que a academ ia um dia volte a precisar do fem inism o. De resto, fico aliviado em dizer que há m uito tem po j á passam os dessa fase e aposentam os o velho m achado de batalha.

Em bora o ataque tivesse vindo disfarçado de brincadeira, foi tão absurdo que ninguém riu. Mesm o eu, presa atrás do atril, fiquei pasm a dem ais para ensaiar um a reação. Tinha certeza de que a m aior parte da plateia concordava com igo, m as m esm o assim ninguém teve coragem de se levantar e m e defender. O

silêncio foi tal que dava para ouvir o leve tam borilar das gotas de chuva no telhado de cobre.

Dez torturantes m inutos depois, consegui fugir do auditório e m e refugiar em m eio à névoa úm ida de outubro. Apertei um pouco m ais o xale em volta do corpo e tentei visualizar o bule de chá que m e esperava em casa... m as ainda estava furiosa dem ais.

O professor Vandenbosch nunca gostara de m im . Segundo um relato particularm ente m aldoso, ele certa vez divertira os colegas com um a fantasia na qual eu era raptada de Oxford para estrelar um seriado de TV sobre o poder da m ulher. Já a m inha teoria era que ele estava m e usando para atingir sua rival, Katherine Kent, m inha supervisora, achando que conseguiria enfraquecer a posição dela atacando seus protegidos.

Katherine, é claro, tinha m e desaconselhado a fazer outra apresentação sobre as am azonas.

– Se você continuar nessa linha de investigação, vai virar picadinho acadêm ico – afirm ara ela, direta com o sem pre.

Eu m e recusava a acreditar nisso. Um dia aquele tem a iria cair nas graças das pessoas e o professor Vandenbosch nada poderia fazer para sufocá-lo.

Faltava só eu arrum ar tem po para term inar m eu livro ou, m elhor de tudo, conseguir pôr as m ãos no *Historia Amazonum*. Mais um a carta para Istam bul, dessa vez de próprio punho, e quem sabe a caverna m ágica de Grigor Reznik finalm ente se abrisse para m im . Eu precisava tentar. Devia isso a vovó.

Ao avançar cabisbaixa pela rua, eu estava preocupada dem ais para reparar que alguém m e seguia, até que um hom em m e alcançou na faixa de pedestres da High Street e tom ou a liberdade de m e abrigar sob seu guarda-chuva. Tinha a aparência de um sessentão j ovial, e com certeza não fazia parte do m undo acadêm ico: por baixo da capa im perm eável sem m ancha nenhum a pude ver que vestia um terno caro, e desconfiei que suas m eias com binassem com a gravata.

– Dra. Morgan – com eçou ele, com um sotaque que revelava origens sul-africanas. – Gostei da sua apresentação. A senhora tem um m inutinho?

Ele m eneou a cabeça para o outro lado da rua, em direção ao Grand Café.

– Posso convidá-la para beber algum a coisa? A senhora parece estar precisando.

– Que gentileza... – Olhei para o relógio. – Mas infelizm ente estou atrasada para outro com prom isso.

E estava m esm o. Aquela era a sem ana de seleção de novos m em bros no clube universitário de esgrim a e eu prom etera dar um a passada no final do dia para aj udar na dem onstração dos equipam entos. Bem a calhar, por sinal, j á que estava m ais que disposta a atacar alguns inim igos im aginários.

– Ah... – fez o suj eito, m as foi m e seguindo pela rua, e as pontas do guarda-chuva espetaram m eu cabelo. – E m ais tarde? A senhora está livre hoj e à noite?

Hesitei. Os olhos daquele hom em tinham um quê perturbador: m ais intensos do que o norm al e com um tom m eio am arelado, não m uito diferente do das coruj as no alto das estantes no escritório do m eu pai.

Em vez de virar na Magpie Lane, que era escura e quase deserta, parei na esquina e exibi o que deveria ser um sorriso sim pático.

– Acho que não ouvi direito o seu nom e.

– John Ludwig. Tom e... – Ele revirou os bolsos por alguns instantes e fez um a careta. – Estou sem cartão. Não faz m al. Tenho um convite a lhe fazer.

Ele m e encarou com os olhos sem icerrados, atento, com o para se certificar do m eu valor.

– A fundação para a qual trabalho fez um a descoberta im portantíssim a – falou, m as fez um a pausa e franziu o cenho, talvez incom odado por estarm os na rua. – Tem certeza de que não posso lhe oferecer um a bebida?

Apesar da m inha apreensão, fui vencida por um a pontinha de curiosidade.

– Quem sabe possam os nos encontrar am anhã? – propus. – Para um café rápido?

O Sr. Ludwig olhou para alguns passantes encolhidos de frio e chegou m ais perto.

– Am anhã a senhora e eu vam os estar a cam inho de Am sterdã – falou, baixando a voz para um sussurro íntim o e, ao ver m inha expressão de espanto, ainda sorriu e continuou: – De prim eira classe.

– Ah, claro! – falei, j á saindo de baixo do guarda-chuva e com eçando a descer a Magpie Lane. – Tenha um bom dia...

– Espere!

Ele m e seguiu pela ruela e m e alcançou sem dificuldade, apesar do calçam ento irregular.

– Estou falando sobre um a descoberta que vai reescrever a história. É um a escavação novinha em folha, ultrassecreta, e adivinhe só: querem os que a senhora dê um a olhada.

Dim inuí o passo.

– Por que eu? Não sou arqueóloga, sou filóloga. Com o o senhor deve saber, a filologia não tem a ver com escavar, m as consiste em ler e decifrar...

– Justam ente!

O Sr. Ludwig enfiou as m ãos nos m esm os bolsos onde não encontrara seu cartão de visita, m as dessa vez pegou um a fotografia am assada.

– O que precisam os é de alguém que consiga decifrar *isto aqui*.

Mesm o na penum bra da Magpie Lane, pude ver que a foto era de um a inscrição em algo que parecia um a parede antiga de gesso.

– Onde essa foto foi tirada?

– Isso eu não posso dizer. Só depois que a senhora aceitar o convite – disse e, aproxim ando-se, baixou a voz até um tom conspiratório. – Encontram os provas de que as am azonas existiram *mesmo*, entendeu?

Fiquei tão surpresa que quase caí na gargalhada.

– O senhor não pode estar falando sério...

O Sr. Ludwig se em pertigou.

– Perdoem e, m as estou falando *muito sério* – garantiu ele e, com guarda-chuva e tudo, abriu os braços com o se tentasse dem onstrar a gravidade da questão. – Essa é a sua especialidade. A sua paixão. Ou não?

– É, sim , m as...

Olhei para a fotografia, fascinada. A cada seis m eses, m ais ou m enos, topava com um artigo de algum arqueólogo que alegava ter encontrado um verdadeiro túm ulo de am azona ou até m esm o a lendária cidade só de m ulheres cham ada Tem iscira. Esses artigos eram invariavelm ente intitulados “Nova Descoberta Prova que as Am azonas Existiram ”, e eu sem pre os lia do início ao fim com grande afã, m as acabava decepcionada. Sim , m ais um duro na queda havia passado a vida inteira vasculhando a região do m ar Negro e enfrentado as intem péries com sua parca de capuz em busca de m ulheres enterradas j unto com arm as e cavalos. E, sim , de vez em quando essa pessoa encontrava indícios de algum a tribo pré-histórica que não im pedia as m ulheres de m ontar e portar arm as. Apesar disso, alegar que elas vivessem em um a sociedade am azona sem hom ens que às vezes enfrentava os gregos antigos em batalhas espetaculares...

bom , era m ais ou m enos com o encontrar um a ossada de dinossauro e deduzir que os dragões cuspidores de fogo dos contos de fadas tinham m esm o existido.

O Sr. Ludwig m e encarou com seus olhos de coruj a.

– A senhora quer m esm o que eu acredite que depois de passar... o que... nove anos pesquisando as am azonas, não existe sequer um a ínfim a parte de Diana Morgan que desej e provar que elas realm ente existiram ?

Ele m eneou a cabeça para a foto que havia m e m ostrado.

– Isso que está nas suas m ãos é um alfabeto am azônico ainda não decifrado, e entenda o seguinte: nós estam os dando *à senhora* a oportunidade de ser a prim eira especialista a tentar. Além do m ais, estam os dispostos a recom pensar seu esforço com um a generosa rem uneração. Cinco m il dólares por um a sem ana de trabalho...

– Só um instantinho – falei, sentindo os dentes baterem por causa do frio e do nervosism o causado por aquilo tudo. – O que os faz ter tanta certeza de que esta inscrição tem algo a ver com as am azonas? – Acenei com a fotografia na sua frente. – O senhor acabou de m e dizer que ela ainda não foi decifrada...

– Arrá! – O Sr. Ludwig apontou o dedo para o m eu nariz e quase o tocou. – É

j ustam ente esse tipo de sagacidade que estam os procurando. Pegue... – Levando a m ão a um bolso interno, ele m e estendeu um envelope. – É a sua passagem .

Decolam os de Gatwick am anhã à tarde. Nós nos vem os no portão de em barque.

E pronto. Sem sequer esperar a m inha reação, o Sr. Ludwig sim plesm ente virou as costas e foi em bora, desaparecendo na m ovim entação da High Street sem olhar para trás.

CAPÍTULO DOIS

Assombradas por seu esplendor, as estrelas próximas da formosa lua cobrem os rostos claros quando ela fica mais redonda e acende a terra com sua luz prateada.

Safo

Quando cheguei, a m aior parte dos professores j á estava reunida de copo na m ão na Sala de Convívio dos Docentes. Com o eu tinha corrido para passar no clube de esgrim a, não tivera tem po de tom ar banho e, quando entrei no recinto, escutei alguns com entários em voz baixa sobre a Miss Am érica ter se atrasado outra vez para o j antar, m as apenas sorri e fingi não ouvir. Até onde eles sabiam , eu poderia m uito bem ter estado na biblioteca, m e m atando para destrinchar algum m anuscrito antigo em um canto em poeirado – desculpa perfeitam ente válida para aparecer, com o eles próprios viviam fazendo, na hora errada, no lugar errado, com cara de quem acabou de aterrissar direto do Renascim ento.

Infelizm ente, nada m e levava a crer que m eu apelido de Miss Am érica fosse um elogio. Em bora eu de fato fosse uns 10 centím etros m ais alta que a m aioria das pessoas ali e, além disso, tivesse um a aparência angelical (que, sem pre que eu soltava m eus cachos louros, m eu pai lem brava ser só fachada), o apelido quase com certeza era um a referência ao m eu berço, ou m elhor, ao que eles consideravam m inha falta de berço. Ao que tudo indicava, eu j am ais conseguiria m e livrar do fato de o vocabulário de m inha m ãe, que era norte-am ericana, ter sido tão presente em casa na m inha infância. Em bora m eu pai fosse um perfeito britânico e eu tivesse crescido rodeada por eles, havia horas em que as expressões dos Estados Unidos m e ocorriam com m ais naturalidade. Pelo visto, alguns dos docentes m ais velhos j á tinham m e escutado assassinar a língua de Shakespeare, ou talvez até m e visto passar correndo em frente a algum prédio da faculdade sem outro m otivo que não o desej o um tanto vulgar de m anter a form a, e logo concluíram ser desnecessária qualquer investigação m ais a fundo sobre m inha personalidade.

– Diana! – cham ou Katherine Kent, m inha supervisora, com um aceno im paciente. – Com o foi a apresentação?

Com o sem pre, seu j eito de m etralhadora m e pegou desprevenida e senti m inha coragem se esvair.

– Nada m au. Na verdade até que encheu bastante.

– Qual era o assunto, m esm o?

– Bom ... – Tentei sorrir. Não havia com o dizer que eu tinha ignorado o seu conselho. – Eu estava m eio com pressa...

Os olhos de Katherine se transform aram em duas fendas. Cravados em um rosto m arcado pela disciplina e em oldurado por cabelos tão curtos que poderiam ter sido confundidos com um penteado da m oda, seus olhos eram sem pre m uito vívidos e de um azul-turquesa raro, incandescente, com o cristais incrustados em estanho. Na m aioria das vezes eles reluziam de irritação, m as eu j á aprendera que isso era tam bém sua form a natural de interação com pessoas que, na realidade, haviam conquistado o seu respeito.

Bem nessa hora, um a onda de entusiasm o varreu o recinto. Aliviada por Katherine ter se distraído por um instante, virei-m e para ver quem tinha chegado ainda m ais atrasado do que eu e apesar disso ser o queridinho da festa.

Mas é claro. Jam es Moselane.

– Aqui! – cham ou Katherine, erguendo de novo o braço no gesto im paciente de quem nunca aceita um não com o resposta.

– Kate. – Jam es cum prim entou a *grande dame* com o aperto de m ão que ela esperava. – Obrigado pela crítica no *Quarterly*. Eu com certeza não m ereço.

Só então ele reparou em m im .

– Ah, oi, Morg. Não tinha visto você.

Por m im , tudo bem . Porque toda vez que Jam es Moselane entrava em algum lugar, eu levava alguns m inutos para conseguir controlar os lóbulos frontais do m eu cérebro. Na m adura e responsável idade de 28 anos, era terrível se pegar tateando em busca de algum a m igalha de sofisticação e m ais constrangedor ainda ter certeza de que todos ao m eu redor haviam reparado nas m inhas faces coradas e tirado a conclusão certa.

Para um m em bro da com unidade acadêm ica, Jam es era m ais atraente do que o norm al. De algum a form a, conseguira escapar à velha m áxim a de que o prim eiro em m atéria de inteligência era sem pre o últim o em m atéria de beleza.

Mesm o possuindo um a m assa cinzenta incrivelm ente ativa, sua cabeça era tam bém coroada por um a profusão de belos cabelos castanho-averm elhados e, aos 33 anos, seu rosto sem m arcas continuava a exercer um charm e j uvenil.

Com o se não bastasse, seu pai, lorde Moselane, era dono de um a das m ais belas coleções de esculturas antigas do país. Em outras palavras, Jam es era o único hom em m ais príncipe do que sapo que eu j á conhecera.

– Diana fez um a apresentação hoj e – inform ou-lhe a professora Kent. – Ainda estou tentando saber qual foi o título.

Jam es m e lançou um olhar de esguelha, cúm plice.

– Ouvi dizer que você foi bem .

Grata por aquele socorro, ri e enxuguei um a gotinha da têm pora. Era um a gota de suor deixada no m eu cabelo pela m áscara de esgrim a, m as torci para Jam es interpretá-la com o indício de um a chuveirada recente.

– Você é m uito gentil. Mas quais são as novidades? Outra carta de am or suicida de algum a aluna?

Bem nessa hora, a sineta do j antar tocou e todos com eçaram a sair da sala.

As conversas foram suspensas enquanto nosso pequeno cortej o descia a escada, atravessava o pátio dos fundos sob um a chuva fina e entrava em pares solenes no grandioso refeitório da faculdade.

Todos os alunos se levantaram dos bancos enquanto subíam os o corredor até a m esa dos docentes, instalada sobre um tablado nos fundos do recinto. Quando sentei na cadeira reservada para m im , tive a nítida consciência de todos aqueles olhos a m e encarar. Ou o m ais provável era que estivessem encarando Jam es, que se sentou bem ao m eu lado, lindo de m orrer e surpreendentem ente à vontade na beca preta, quase um príncipe Tudor na corte.

– Ânim o, garota – disse ele, entre os dentes, enquanto o responsável pelo bufê servia o vinho. – Fiquei sabendo por um a ótim a fonte que não teve nada de errado com a sua apresentação de hoj e.

Olhei para ele, esperançosa. Todos concordavam que Jam es era um astro do m undo acadêm ico, e sua lista de publicações bastava para fazer com que a m aioria dos colegas parecessem m inúsculas luas em órbitas frágeis.

– Então por que ninguém falou *nada*?

– O que alguém poderia ter falado? – Jam es provou com deleite sua entrada.

– Depois de serem atacados pela sua narrativa de m ulheres guerreiras suadas vestidas com botas de pele anim al e biquínis de cota de m alha... Eles são acadêm icos, caram ba. Fique feliz por ninguém ter enfartado.

Usei o guardanapo para abafar um a risada.

– Eu devia ter feito um a apresentação em slides. Talvez assim finalm ente tivesse conseguido m e livrar do professor Vandenbosch...

– Morg... – Jam es m e encarou com aqueles olhos. Olhos que m e diziam que eu só estava vendo a pontinha de seus pensam entos. – Você sabe que o professor Vandenbosch tem 400 anos. Ele j á estava aqui m uito antes de a gente chegar e vai continuar m uito depois de você e eu baterm os as botas. Pare de im plicar com o coitado.

– Ah, sério!

– Estou falando m uito sério. – Mais um a vez, seu olhar cor de m el foi além de nossa brincadeira. – Morg, você tem m uito talento. De verdade. Mas é preciso m ais do que talento para ter sucesso por aqui.

Talvez para suavizar a crítica, ele sorriu.

– Escute o conselho de um chef veterano: não dá para requentar para sem pre a sopa velha das am azonas.

Dito isso, ele ergueu sua taça para um brinde conspiratório, m as poderia m uito bem ter j ogado o vinho na m inha cara.

– Tá. Entendi.

Baixei os olhos para disfarçar m inha consternação. Aquelas palavras não eram novidade para m im , m as, vindas dele, apunhalavam em cheio m eu coração.

– Ótim o.

Jam es girou o vinho algum as vezes antes de beber.

– Jovem dem ais – sentenciou ao baixar a taça. – Carece de com plexidade.

Que desperdício.

Ele e eu tínham os nascido praticam ente um ao lado do outro, m as em m undos com pletam ente distintos. A única coisa que nós, m ortais, conseguíam os ver da fam ília Moselane eram os carros luxuosos com j anelas de vidro escuro que passavam depressa pelas ruas de nossa tranquila cidadezinha, parando só alguns segundos para esperar o portão autom ático de sua im ensa entrada de garagem se abrir. Isso e, de vez em quando, por entre os arbustos densos e espinhosos que cercavam esse éden particular, um vislum bre de pessoas distantes j ogando croqué ou tênis na gram a da propriedade e suas risadas carregadas pela brisa com o papéis de bala vazios.

Em bora quase todo m undo na cidade soubesse o nom e e a idade dos filhos de lorde e lady Moselane, eles eram tão distantes de nós quanto os personagens de um livro. Com o todos estudavam em colégios internos – os m elhores do país, é claro –, o j ovem Jam es e suas irm ãs nunca eram vistos durante o ano letivo, e quase todas as suas férias pareciam ser passadas com am igos de escola em castelos isolados na Escócia.

Apesar de ser pouco m ais do que um chum aço de cabelos ruivos na prim eira fila da m issa natalina anual, na m inha im aginação o filho e herdeiro de lorde Moselane tinha um a vida m uito real. Sem pre que eu saía aos dom ingos com m eus pais e, por algum tem po, tam bém com m inha avó, ia saltitando na frente pela floresta na esperança de encontrá-lo a cavalo, com sua capa flutuando à brisa com o um nobre de verdade... m esm o sabendo m uito bem que ele era aluno interno em Eton, depois em Oxford, e que não havia ninguém ali a não ser eu e m inhas ideias ridículas.

Mas eu não estava totalm ente sozinha nesse m undo im aginário. Isso porque, pelo que m e lem brava, m inha m ãe ansiava por se tornar íntim a dos Moselanes, que afinal de contas eram nossos vizinhos. Pelos seus cálculos, o fato de m eu pai ser diretor da escola da cidade deveria ter nos colocado em um a posição de grande estim a e, portanto, nos tornado visíveis até m esm o do casarão no alto do m orro. Mas depois de passar a m aior parte da vida de casada esperando em vão um convite para j antar encim ado por aquele brasão em relevo, ela por fim foi obrigada a reconhecer que nosso lorde e sua esposa seguiam um a cartilha social bem diferente da sua.

Eu nunca entendi por que m inha m ãe, norte-am ericana até a raiz dos cabelos, nunca perdeu essa ânsia pelo belo casarão, m esm o depois de tantas am argas decepções. Todos aqueles anos de voluntariado nos eventos beneficentes de m ilady na esperança de ser reconhecida; todos aqueles anos aparando com esm ero os 7 m etros de sebe que separavam o canto m ais rem oto da propriedade dos Moselanes da horta no fundo de nosso quintal... tudo em vão.

Quando m e m udei para Oxford para fazer doutorado, tinha tanta certeza de que ela e eu j á estávam os curadas de nossas bobagens sem propósito que levei m ais de um ano para entender o que de fato fazia m inha m ãe m e visitar quase que a cada três sem anas e insistir para explorarm os j untas as m aravilhas da cidade.

Tínham os com eçado visitando cada um a das várias faculdades, o que se revelara m uito divertido. Minha m ãe não se cansava daqueles pátios e cam panários góticos tão diferentes do que via quando era pequena. Sem pre que ela pensava que eu não estava olhando, eu a via se abaixar e enfiar discretam ente na bolsa pequenos suvenires: um a pedrinha qualquer, um lápis largado sobre um degrau de pedra, um ram o de tom ilho de um j ardim de ervas, e eu ficava quase constrangida ao constatar que, depois de tantos anos, ainda sabia m uito pouco sobre seu universo.

Depois da turnê pelas faculdades, com eçam os a frequentar concertos e eventos, entre os quais um ou outro esportivo. Minha m ãe de repente desenvolveu um estranho interesse pelo críquete, depois pelo rúgbi, e enfim pelo tênis. Eu deveria ter percebido, é claro, que esses interesses aparentem ente im pulsivos eram na verdade parte de um a cam panha que sem pre tivera um único obj etivo.

Jam es.

Por algum m otivo, nunca notei com o era sistem ática nossa m ovim entação pela cidade e com o m inha m ãe parecia decidida a m apear nossas rotas com antecedência e se ater a elas, m esm o quando o clim a era desencoraj ador... só no dia em que ela m e segurou pelo braço e, com a m esm a voz de um cavaleiro cruzado que finalm ente se depara com o santo graal, exclam ou: “Olhe ele *ali*!”

E, de fato, ali estava ele, saindo da livraria Blackwell’s da Broad Street, equilibrando um a pilha de livros e um a xícara de café. Se não fosse pela m inha m ãe, eu j am ais o teria reconhecido, m as não havia passado a últim a década acom panhando o crescim ento de nosso alvo com o auxílio de um binóculo e de

revistas de fofocas. Para m im , Jam es Moselane continuava sendo um príncipe adolescente em um a floresta encantada, m as a pessoa que tinha saído da livraria era um adulto de proporções perfeitas – alto, atlético –, porém inteiram ente despreparado para a cilada que o aguardava.

– Que coincidência! – falara m inha m ãe, que atravessara a Broad Street a passos largos e o interceptara antes m esm o que ele a visse. – Nem sabia que você estudava em Oxford! Você não deve ter reconhecido Diana...

Só então m inha m ãe reparara que eu não estava bem do seu lado. Ela se virou para m im com um a careta que j á dizia tudo. Eu nunca tinha sido um a pessoa covarde, m as o terror que senti ao entender de repente que era aquilo, exatam ente *aquilo*, que tínham os passado tanto tem po perseguindo quase m e fez virar as costas e sair correndo.

Em bora Jam es não pudesse ver a expressão lívida de m inha m ãe, com certeza percebera seu aceno frenético e m inha consternação. Som ente alguém de raciocínio m uito lento não teria interpretado aquela situação em um piscar de olhos, m as, verdade sej a dita, Jam es cum prim entara nós duas com um a cordialidade perfeita.

– Está gostando de Oxford? – perguntara a m im , ainda equilibrando o café em cim a dos livros. – Desculpe, com o é m esm o o seu nom e?

– Diana Morgan – respondera m inha m ãe. – Igual à princesa Diana. Deixem e anotar para você. – Ignorando m eus cutucões e súplicas sussurradas, ela rem exera dentro da bolsa e tirara um pedaço de papel. – E a faculdade em que ela estuda...

– Mãe!

Foi preciso toda a m inha força de vontade para im pedi-la de escrever tam bém m eu telefone, e ela ficara m uito zangada com igo por puxá-la para longe antes de ter exaurido sua baj ulação descarada.

Jam es não aparecera m ais depois disso, o que não foi nenhum a surpresa. Eu provavelm ente nunca m ais o encontraria não fosse por Katherine Kent. No ano seguinte, pouco antes do Natal, ela m e convidara para um a recepção no m useu Ashm olean, e acabei descobrindo que o evento era em hom enagem à recente doação de artefatos antigos da Coleção Moselane.

– Venha cá! – dissera ela, puxando-m e de perto de um a linda estátua da deusa egípcia Ísis e abrindo cam inho pela m ultidão de gente im portante. – Quero apresentar você. Os Moselanes são m uito úteis.

Katherine era um a m ulher de pouca paciência e havia aperfeiçoado a arte de se introm eter em conversas e roubar a presa que lhe interessasse.

– Jam es! Esta é Diana. Talentosíssim a. Ela quer saber quem lim pou sua Ísis.

Depois de quase engasgar com o cham panhe, Jam es se virara para nós, tão lindo de terno e gravata que m inhas fantasias de m enina voltaram a galope em um segundo.

– Eu só estava adm irando a estátua – falara eu, depressa. – A pessoa que a encontrou e trouxe para a Inglaterra deve ter sofrido um a senhora m aldição dos faraós...

– Um antepassado m eu. O prim eiro lorde Moselane.

Para m eu espanto, Jam es parecia ter se esquecido por com pleto de nosso encontro anterior. Na realidade, seu sorriso sugeria que eu era exatam ente o tipo de m ulher que ele esperava conhecer naquela noite.

– Morreu tranquilo, dorm indo, aos 92 anos. Pelo m enos gostam os de pensar assim . – Ele apertara m inha m ão e não se apressara em largá-la. – Muito prazer.

– Na verdade... – Recolhera a m ão com relutância. – Nós nos encontram os no ano passado. Em frente à Blackwell’s.

Antes m esm o de as palavras saírem da m inha boca, m inha honestidade traiçoeira havia m e arrancado um a careta. Poucos segundos bastaram para as peças se encaixarem na cabeça de Jam es, e não foi algo bonito de se ver.

– Ah, sim – dissera ele devagar. – Sim , sim , sim ...

Mas a palavra escrita em seus olhos cor de m el era j ustam ente o contrário.

De fato, nos m eses subsequentes, toda vez que nos encontrávam os obedientem ente para um café, sem pre convocados por Katherine Kent, a prim eira pergunta

de Jam es – “E sua m ãe, com o vai?” – dava o tom da nossa conversa e m e fazia lem brar por que nossos cafés nunca se transform avam em alm oços. Ele era atencioso, sim , e de vez em quando m e olhava de um j eito que fazia m eu corpo estrem ecer de esperança. Mas de m odo geral continuava a m e tratar com todo o cavalheirism o, com o se eu fosse um a donzela intocável que ele houvesse j urado proteger.

Talvez fosse por causa da m inha m ãe. Ou talvez fosse por Jam es ter nascido, com o m eu pai certa vez descrevera tão bem , com um berço de ouro enfiado no cu. Para m anter a pureza do sangue azul, essas coisas. Nesse caso, eu poderia refinar m eu estilo quanto quisesse, m as o filho de lorde Moselane j am ais pensaria que éram os da m esm a espécie.

Fui despertada de m eu devaneio na m esa dos docentes pela m ão de alguém levando em bora o prato com m inha entrada intacta. Ao m eu lado, sentado com a cabeça abaixada com o quem reza, Jam es conferia o celular por baixo do guardanapo engom ado. Enfiei a m ão na bolsa com discrição, peguei a foto do Sr.

Ludwig e estendi para ele.

– O que acha disto aqui?

Jam es se inclinou para olhar.

– Datação aproxim ada?

– Uns dez dias, eu diria, a j ulgar pelo canto am assado e pelas bordas roídas – brinquei. – Quanto à inscrição... eu sei tanto quanto você.

Ele estreitou os olhos; era óbvio que estava intrigado.

– Quem lhe deu isso?

– Um hom em m isterioso. Ele m e disse que essa foto é um a prova de que as am azonas existiram *mesmo*... – falei, com um tom dram ático deliberado.

– O que é isso? – Katherine Kent esticou o braço, arrancou a foto da m inha m ão e a exam inou à luz de um a vela. – Onde esta foto foi tirada?

– Não tenho a m enor ideia.

Surpresa e feliz com o interesse dela, relatei depressa os pontos altos de m eu bizarro encontro daquela tarde. Quando repeti a afirm ação do Sr. Ludwig sobre o alfabeto am azônico ainda não decifrado, porém , Jam es se recostou na cadeira e grunhiu.

– Que irritante! – Katherine m e devolveu a foto com o cenho franzido, contrariada. – Isso pode ser em qualquer lugar. Se pelo m enos a gente soubesse o nom e da fundação desse suj eito...

Encolhi-m e diante de seu olhar raivoso. Estava claro que ela m e culpava por não ter extraído m ais inform ações do Sr. Ludwig, e tinha razão.

– Acho que o escritório deles fica em Am sterdã – falei. – Porque é para lá que ele queria que eu fosse.

– E isso tem algum a im portância? – interrom peu Jam es. – Porque é lógico que você não vai...

– Na verdade, eu quase disse sim – contrapus, incapaz de resistir à tentação de im plicar com ele. – Não é todo dia que um desconhecido na rua m e oferece 5

m il dólares...

– Exato. – Ele m e encarou com um olhar de censura. – Um desconhecido na rua. E isso faz de você o quê?

Sorri, lisonj eada por ele levar a história tão a sério.

– Um a curiosa – respondi.

Jam es balançou a cabeça, e decerto teria feito m ais algum com entário negativo não fosse Katherine ter exercido o privilégio dos gênios e levantado a m ão para silenciar nós dois.

– E ele disse que a encontraria no aeroporto?

Perplexa com a gravidade do seu tom , lim pei a garganta com um pigarro.

– Creio que sim .

Jam es não conseguiu m ais perm anecer calado.

– Não está incentivando Morg a pegar um avião com esse tal... Sr. Ludwig, está? – perguntou, em bolando o guardanapo na m ão. – Só Deus sabe o que ele está tram ando...

Katherine se recostou na cadeira com um m ovim ento brusco.

– É claro que não! Deixe de ser bobo. Só estou tentando entender o que está acontecendo... quem são essas pessoas.

Ansiosa para recuperar nosso tom descontraído, ri e falei: – Eu não ficaria nada espantada se fosse um dos m eus alunos preguiçosos...

Jam es m e encarou, sério.

– Não estou vendo graça nenhum a nessa situação. Você foi escolhida com o alvo, e não estou falando de um trote universitário qualquer. Não se esqueça de trancar a porta hoj e à noite.

CAPÍTULO TRÊS

No rosto de um amigo verdadeiro um homem vê, por assim dizer, um segundo eu.

Cícero, *Diálogo sobre a amizade* Ainda chovia quando Jam es m e acom panhou até m eus aposentos do outro lado do pátio, am bos nos esquivando com cuidado das poças escuras no calçam ento.

Era a prim eira vez que ele m e levava em casa; pelo m enos esse agradável desdobram ento eu teria que agradecer ao Sr. Ludwig.

– Então, Morg... – Ele ergueu um braço para m e proteger da chuva quando parei para pegar a chave. – Acho que você deve passar alguns dias sem sair da faculdade. Pelo m enos não sozinha. Nunca se sabe...

Encarei-o, sem conseguir acreditar na sua sinceridade.

– Deixe de ser ridículo.

– Se quiser sair, m e ligue que eu vou com você – com pletou ele, com a chuva a pingar de seus cabelos e escorrer por seu nobre rosto.

Não foram só as palavras: o tom grave de sua voz penetrou fundo em m eus ouvidos e reverberou nas cavernas de m inhas esperanças hibernadas. Ávida por m ais, cravei os olhos nos dele... m as a chuva e a escuridão nublaram o m om ento.

Após um a pausa constrangida, por fim consegui responder, tensa: – É m uita gentileza sua.

– Que besteira – retrucou Jam es, no tom casual de sem pre. – Tem os que tom ar conta de você, não é?

E ele então se afastou com as m ãos nos bolsos, assobiando um a m elodia alegre, enquanto eu m e recolhia a m eus aposentos. Ou, m elhor dizendo, ao apartam ento luxuoso e m obiliado com bom gosto que tecnicam ente não era m eu, m as do distinto professor Larkin, que, para m inha sorte, fora convidado a passar o ano em Yale. Eu não fora a única candidata à vaga de um ano que surgira com sua ausência, m as eu era m ulher, e o corpo docente da faculdade carecia havia m uito dessa variedade específica de pessoa. Ou pelo m enos fora esse o argum ento usado por Katherine Kent para convencê-los a m e contratar.

Eu não recebia o m esm o salário do professor Larkin, m as, ao assum ir seu cargo, pudera abandonar m eu apartam ento úm ido e m e m udar para dentro da faculdade. O único porém era a carga de trabalho. Meus dias eram tão abarrotados de orientações que quase não sobrava tem po para m inhas próprias pesquisas. Além disso, a m enos que eu publicasse um a lista quilom étrica de artigos novos e interessantes, com certeza não haveria um cargo perm anente à m inha espera no final do ano e eu teria de voltar ao m eu porão na sinistra Cowley Road para distribuir m eu currículo sem o m enor ânim o e espantar cam undongos do m eu café da m anhã.

Enquanto enchia a chaleira para fazer um chá antes de ir dorm ir, fiquei pensando nos acontecim entos do dia e acabei, com o era de esperar, com a cabeça no Sr. Ludwig. Em poucos m inutos, aquele estranho hom em havia m e apresentado um ofuscante rol de tentações: glória acadêm ica, aventura e dinheiro suficiente para com prar seis m eses de liberdade e m e dedicar apenas à m inha pesquisa. Quem sabe até conseguisse encaixar um a ida a Istam bul para

procurar Grigor Reznik pessoalm ente e convencê-lo a m e deixar ler o *Historia Amazonum*, único docum ento original sobre as am azonas ao qual eu não tivera acesso. Minha cabeça fervilhava diante das possibilidades.

Em troca, porém , o Sr. Ludwig tinha pedido um a sem ana do m eu precioso tem po e, m esm o que eu tivesse sido doida o suficiente para considerar sua proposta, não havia com o j ustificar essa ausência estando havia apenas um m ês no cargo novo. Teria sido outra história se ele houvesse m e m ostrado algum docum ento oficial carim bado e assinado, dizendo com precisão o que sua fundação estava m e pedindo para fazer e com o aquilo ficaria incrível no m eu currículo... m as, do j eito que o convite fora feito, era tudo vago e arriscado dem ais. De fato, com o tanto Katherine Kent quanto Jam es tinham deixado bem claro durante o j antar, seria preciso ser louca de pedra para pegar um avião assim , rum o ao desconhecido.

Se ao m enos o Sr. Ludwig não tivesse dito a palavra m ágica.

Am azonas.

Era óbvio que ele sabia da m inha obsessão acadêm ica por esse tem a, do contrário sequer teria falado com igo. Mas com o interpretar sua afirm ação de que eu estava ansiosa por um a prova de que as am azonas tinham m esm o existido? Ele não podia saber quanto estava certo nisso.

Ou podia?

Segundo a m aioria dos estudiosos, as am azonas j am ais tinham existido em lugar algum a não ser na m itologia grega. Quem afirm asse o contrário, no m elhor dos casos, era um rom ântico incurável. Sim , de fato, era totalm ente concebível que o m undo pré-histórico tivesse sido povoado em parte por guerreiras do sexo fem inino, m as os m itos sobre am azonas sitiando Atenas ou participando da Guerra de Troia sem dúvida eram invenções de contadores de histórias na tentativa de fascinar seus ouvintes com relatos fantásticos.

Eu sem pre explicava a m eus alunos que as am azonas da literatura clássica deviam ser vistas com o predecessoras dos vam piros e zum bis que povoam as estantes de hoj e em dia: criaturas im aginárias, terríveis e sobrenaturais, que tinham por hábito treinar as filhas nas artes da guerra e acasalar com m achos aleatórios um a vez por ano. Ao m esm o tem po, contudo, essas m ulheres selvagens tinham características hum anas atraentes o bastante para despertar

nossas paixões secretas, nem que fosse aos olhos dos antigos escultores e pintores de vasos.

Eu sem pre tom ava cuidado para não deixar transparecer m eus próprios sentim entos em relação ao tem a; interessar-se pelo folclore das am azonas j á era ruim , m as revelar que acreditava na existência delas seria pura e sim plesm ente um suicídio acadêm ico.

Assim que m eu chá ficou pronto, sentei-m e para estudar a foto do Sr. Ludwig com o auxílio de um a lupa. Tinha quase certeza de que conseguiria identificar os caracteres inscritos na parede com o pertencentes a algum dos alfabetos antigos m ais com uns; quando isso não aconteceu, perm iti-m e sentir um leve frisson de anim ação. Após m ais alguns m inutos de investigação atenta e incom preensão crescente, as possibilidades se tornaram um arrepio a correr pela m inha espinha com a m esm a urgência de m ensageiros em um cam po de batalha.

O que m ais m e intrigou foi a universalidade dos sím bolos; tinham características que tornavam quase im possível vinculá-los a algum lugar ou período específicos. Eles poderiam ser um a fraude feita naquela parede de gesso rachado logo antes de a foto ser tirada ou poderiam ter m ilhares de anos. Ainda assim ... quanto m ais eu os olhava, m ais percebia em m im um a estranha sensação de fam iliaridade. Era com o se em algum lugar, em um canto rem oto do m eu subconsciente, um a fera adorm ecida estivesse despertando. Será que eu j á tinha visto aqueles sím bolos antes? Caso sim , não conseguia contextualizá-los, o que m e causava grande frustração.

Por coincidência, um a am iga de infância, Rebecca, trabalhava havia três anos em um sítio arqueológico em Creta, e eu tinha quase certeza de que ela sabia quais organizações estavam escavando onde e em busca de quê. Com certeza, se alguém tivesse deparado com aquele tipo de inscrição em algum lugar da região m editerrânea e houvesse estabelecido qualquer vínculo com as am azonas, a Dra. Rebecca M. Wharton teria sido a prim eira a saber.

– Desculpe interrom per sua orgia da m eia-noite – falei, quando ela finalm ente atendeu o celular.

Fazia m ais de um m ês que não nos falávam os e, quando ela deu um m uxoxo bem -hum orado do outro lado da linha, percebi quanto sentia saudades dela. Eu reconheceria aquele riso em qualquer lugar: soava com o alguém com ressaca de

uísque, m as, no caso da curiosa Rebecca, era a consequência um tanto prosaica de ter passado o dia inteiro com a cabeça enfiada em algum buraco cheio de poeira.

– Estava pensando em você agorinha m esm o! – exclam ou ela. – Estou aqui com um coro de gregos gatos m e servindo uvas e m e besuntando de azeite.

A im agem m e fez rir. A probabilidade de a linda Rebecca ter intim idades com qualquer outra coisa que não fossem fragm entos de cerâm ica antiga, infelizm ente, era quase nula. Ela bancava o estilo rebelde, de viseira e short j eans cortado, ficava o dia todo de quatro no m eio de um form igueiro de arqueólogos...

m as não tinha olhos para nada além do passado. Em bora fosse do tipo que se vangloriava, eu sabia que, por baixo das sardas, continuava sendo a filha do pároco.

– Foi por isso que você não teve tem po para m e ligar e contar a grande novidade?

Um breve farfalhar sugeriu que Rebecca estava tentando segurar o fone entre a orelha e o om bro.

– Que grande novidade?

– É você quem vai m e dizer. Quem está escavando am azonas aí na sua área?

Ela soltou um de seus gritinhos estridentes de ave selvagem .

– *O quê?*

– Dê um a olhada. – Inclinei-m e para a frente e conferi a im agem na tela do m eu com putador. – Acabei de lhe m andar um a foto por e-m ail.

Enquanto esperava o laptop de Rebecca receber a im agem , fiz-lhe um pequeno resum o da situação, sem deixar de fora a desconfiança de Jam es Moselane de que eu tinha sido vítim a de um trote ou talvez até corresse perigo.

– É claro que eu não vou, m as estou m orrendo de curiosidade para saber onde essa foto foi tirada – falei. – Com o você pode ver, parece que a inscrição faz

parte de um a parede m aior, onde o texto se organiza em colunas verticais.

Quanto ao alfabeto em si... – Cheguei m ais perto e tentei posicionar m elhor a lum inária da escrivaninha. – Estou com um a sensação estranha... m as, por m ais que eu tente, não consigo...

Um ruído sugeriu que Rebecca m astigava um punhado de castanhas, sinal de que estava intrigada.

– E o que você quer que *eu* faça? – perguntou ela. – Posso garantir que essa foto não foi tirada na m inha escavação. Se alguém tivesse deparado com algo assim aqui, em Creta, eu saberia, pode acreditar.

– Quero que você faça o seguinte: dê um a boa olhada na inscrição e m e diga onde viu esses sím bolos antes.

Eu sabia que era um tiro no escuro, m as precisava tentar. Rebecca sem pre tivera talento para enxergar além do óbvio. Fora ela quem havia descoberto o esconderij o de barras de chocolate do m eu pai quando éram os crianças, dentro de um a velha caixa de apetrechos de pesca na garagem . Mesm o nessa ocasião, apesar de adorar doces, não tinha sugerido que com êssem os um a das barras: para ela, o sim ples triunfo da descoberta e de poder m e contar um a coisa sobre m eu pai que eu não soubesse j á era um prêm io.

– Vou lhe dar m ais um m inuto... – falei.

– Que tal m e dar uns dias para perguntar por aí? – retrucou Rebecca. – Posso m andar a foto para o Sr. Telem akhos...

– Não! Não m ostre essa foto para *ninguém*.

– Por quê?

Hesitei, consciente de que estava sendo irracional.

– Porque tem algum a coisa nessa escrita que m e é m uito fam iliar... de um j eito m eio esquisito. É com o se eu enxergasse um a inscrição invisível...

A verdade nos ocorreu ao m esm o tem po.

– O caderno da sua avó! – exclam ou Rebecca com um arquej o, m ovim entando-se freneticam ente do outro lado. – Aquele que você deu para ela de Natal...

Estrem eci, alarm ada.

– Não, é im possível. Loucura.

– Por quê?

Rebecca conhecia bem m eu calcanhar de aquiles, m as estava agitada dem ais para pisar com delicadeza nele.

– Ela sem pre disse que lhe deixaria instruções, não foi? E que você as receberia quando m enos esperasse. Bom , talvez sej a isso. O grande cham ado de vovó. Quem sabe... – A voz de Rebecca se ergueu em um tom desafiador quando ela com certeza se deu conta do absurdo da sugestão. – Quem sabe ela até estej a esperando por você em Am sterdã?

CAPÍTULO QUATRO

NORTE DA ÁFRICA

IDADE DO BRONZE TARDIA

Duas silhuetas surgiram no horizonte trem eluzente.

Era a hora m ais clara e m ais quente do dia, quando céu e terra se encontravam em um a névoa prateada e não se conseguia distinguir um do outro.

No entanto, bem devagar, à m edida que avançavam pela salina plana, as duas form as trem eluzentes se m aterializaram em duas m ulheres, um a adulta; a outra, nem tanto.

Mirina e Lilli tinham passado m uitos dias fora, só as duas. O obj etivo da viagem era óbvio, pois todo tipo de caça e arm a se balançava em seus om bros preso em correias de couro, e seus passos ficavam m ais velozes conform e elas se aproxim avam do povoado à frente.

– Com o m am ãe vai ficar orgulhosa! – exclam ou Lilli. – Espero que você conte a ela com o eu peguei aquele coelho na arapuca.

– Não vou om itir nenhum detalhe – prom eteu Mirina, afagando os cabelos em baraçados da irm ã caçula. – Talvez só aquela parte em que você quase quebrou o pescoço.

– É... – Lilli encolheu os om bros e deu aquela andadinha lenta e engraçada que sem pre dava quando ficava constrangida. – É m elhor não falar nisso, senão nunca m ais vou poder sair com você. Seria um a pena, não é? – indagou ela, erguendo os olhos para Mirina com um sorriso esperançoso.

Mirina aquiesceu com firm eza.

– Um a pena enorm e. Você tem potencial para ser um a grande caçadora.

Além do m ais... – Ela não conseguiu conter um a risadinha. – É um a fonte inesgotável de diversão.

Lilli fechou a cara, m as Mirina sabia que no fundo estava contente. Pequena para um a m enina de 12 anos, sua irm ã passara a viagem inteira tentando desesperadam ente provar o próprio valor, e Mirina tivera um a grata surpresa

com sua capacidade de lidar com as dificuldades. Mesm o com fom e ou cansada, Lilli nunca se recusara a cum prir nenhum a tarefa e nunca derram ara um a só lágrim a. Pelo m enos não na sua frente.

Com seis anos a m ais do que Lilli e tão hábil quanto qualquer hom em da m esm a idade, Mirina havia considerado seu dever ensinar à irm ãzinha a arte da caça. A ideia, porém , tinha esbarrado na resistência visceral da m ãe, que nunca deixara de considerar Lilli seu bebê e ainda cantava à noite para ela dorm ir.

Agora, cam inhando de volta para casa j unto com Lilli e vendo o orgulho recém -adquirido em sua postura, Mirina m al podia esperar para pôr tudo aos pés da m ãe: a caça farta, as m uitas histórias, além da caçula de volta dos confins selvagens ilesa e sorridente, com a m arca de sangue da caçadora na testa.

– Você acha que elas vão assar tudo ao m esm o tem po? – perguntou Lilli, interrom pendo os pensam entos da irm ã. – Seria um banquete e tanto. Apesar de algum as coisas serem tão pequenas que talvez nem valham a pena – com pletou ela, baixando os olhos para um punhado de peixes m inúsculos pendurados em seu cinto por um fio de lã.

– Na m inha experiência, as m enores são as m ais gostosas... – falou Mirina.

Ela parou. As duas tinham feito a curva perto do pasto, e o povoado de Tam ash ficava logo à frente. Era ali que os cachorros sem pre vinham recebê-la, pois sabiam que a sua chegada anunciava ossos e restos de carne.

Só que nesse dia nenhum cachorro apareceu e, quando Mirina parou para escutar, não ouviu nenhum dos barulhos habituais do povoado, apenas os gritos roucos dos pássaros e um zum bido estranho e persistente, com o m ilhares de abelhas em volta de um arbusto de flores. Os únicos sinais de vida eram algum as grossas colunas de fum aça a se erguer de algum lugar entre os casebres rum o ao azul infinito.

– O que aconteceu? – indagou Lilli, arregalando os olhos. – O que você ouviu?

– Não sei bem ... – respondeu Mirina, sentindo cada pelinho do corpo se eriçar de apreensão. – Por que você não fica aqui?

Ela segurou a irm ã pelos om bros e a im pediu de seguir em frente.

– Por quê? O que houve?

A voz da m enina saiu esganiçada e, quando Mirina com eçou a andar, ela foi atrás.

– Por favor, m e diga!

Então Mirina finalm ente viu um dos cachorros. Era o filhote m alhado que sem pre vinha dorm ir enrodilhado j unto a seus pés durante os tem porais, o filhote que ela havia salvado e que às vezes a fitava com olhos quase hum anos.

Bastou um a olhada no cachorro, em sua atitude arredia e ao m esm o tem po obsequiosa, em seus ganidos nervosos, para Mirina entender tudo.

– Não toque nele! – gritou quando Lilli deu um passo à frente com os braços estendidos.

Mas era tarde dem ais. Sua irm ã j á segurava o filhote pelo pescoço e o afagava com afeto.

– Lilli! – Mirina pôs a irm ã de pé com um puxão brusco. – Não ouviu o que eu falei? Não toque em nada.

Só então a expressão da m enina dem onstrou que ela com eçava a entender o que acontecera.

– Por favor – falou Mirina, suavizando tanto a voz que ela chegou a falhar. – Sej a boazinha e fique aqui enquanto eu... – Ela lançou outro olhar aflito na direção das casas silenciosas à frente. – Enquanto eu vou ver se está tudo bem .

Mirina entrou no povoado segurando firm e a lança com as duas m ãos e olhando para todos os lados em busca de sinais de violência. Estava certa de que o lugar tinha sido atacado por algum a tribo rival ou por anim ais selvagens.

Preparou-se para im agens horrendas, m as não podia ter previsto o que encontrou.

– Você! – Um a voz rouca e cheia de ódio chegou aos seus ouvidos vinda de um dos casebres e, um segundo depois, um a m ulher corcunda em ergiu de lá com o corpo coberto de suor. – Foi a sua m ãe quem fez isso... – Ela cuspiu no chão, a

saliva verm elha de sangue. – A bruxa da sua m ãe!

– Nena, am iga... – Mirina deu alguns passos para trás. – O que aconteceu aqui?

A m ulher tornou a cuspir.

– Não ouviu o que eu disse? A sua m ãe nos am aldiçoou. Ela invocou um a peste e disse que m ataria todo m undo que não aprovasse o seu com portam ento de puta.

Mirina seguiu adiante e, para onde quer que olhasse, tudo o que via era doença e tristeza. Hom ens, m ulheres e crianças am ontoados na som bra trem iam de m edo e de febre; outros, aj oelhados j unto a fogueiras j á apagadas, esfregavam cinzas no corpo em silêncio. E o local onde antes ficava o casebre de sua m ãe não passava agora de um leito de carvões negros com obj etos conhecidos espalhados por cim a sem o m enor cuidado.

Sem conseguir entender direito o que via, a m oça se aj oelhou e catou um pequeno círculo enegrecido que despontava das cinzas: era a pulseira de bronze que sua m ãe usava, e que havia j urado j am ais tirar até o dia da sua m orte.

– Eu sinto m uito, querida – disse um a voz débil.

Ao se virar, Mirina viu que era o senhor vizinho da m ãe ali de pé, apoiado em um a bengala, com feridas abertas em volta da boca.

– É m elhor você ir em bora – falou ele. – Estão procurando alguém para culpar. Tentei fazê-los ouvir a voz da razão, m as ninguém deu ouvidos.

Com um a das m ãos cobrindo a boca, Mirina com eçou a se afastar, ignorando os com entários que a seguiam pelo povoado conform e avançava. “Puta!”, gritavam os hom ens, não porque houvesse dorm ido com eles, m as porque j am ais o fizera. “Bruxa!”, gritavam as m ulheres, esquecendo que fora a m ãe de Mirina quem as am parara à noite durante o parto de cada um de seus filhos... e esquecendo que fora Mirina quem fabricara com ossos de anim ais os brinquedos desses m esm os bebês.

Quando finalm ente voltou para j unto da irm ã, encontrou-a sentada em um a pedra na beira da estrada, rígida de m edo e de raiva.

– Por que não m e deixou ir j unto? – perguntou ela, balançando-se para a frente e para trás com os braços cruzados. – Você dem orou m uito.

Mirina cravou a lança no chão e se sentou ao lado dela.

– Lem bra o que m am ãe nos disse quando fom os em bora? Que, acontecesse o que acontecesse, você precisava sem pre confiar em m im ?

Lilli ergueu o rosto retorcido por um m au pressentim ento.

– Está todo m undo m orto, não é? – sussurrou ela. – Igual às pessoas do m eu sonho.

Mirina não respondeu. A garotinha com eçou a soluçar.

– Eu quero ver a m am ãe. Por favor!

Mirina envolveu a irm ã em um abraço apertado.

– Não há m ais nada para ver.

CAPÍTULO CINCO

É uma coisa terrível, meu senhor, Despertar um antigo mal já adormecido.

Sófocles, *Édipo em Colono* REGIÃO DE COTSWOLDS, INGLATERRA Meu pai foi m e buscar na estação de trem de Moreton-in-Marsh vestido com um a elegância surpreendente, apesar da hora. Eu esperava encontrar um hom em ranzinza e m al barbeado. Fiquei com ovida ao vê-lo com um a calça de veludo bastante decente em vez do pij am a que costum ava usar em casa nos fins de sem ana. Eu com eçara a tem er que fosse apenas questão de tem po para aquela roupa de dorm ir se aventurar sozinha até o quintal para buscar o j ornal e m uito possivelm ente acabar dando um as voltinhas de carro.

– Não quero ser enxerido, m as...

Meu pai não achou necessário com pletar a frase. Era o seu m odo de dizer: “Por que cargas-d’água você quis sair de Oxford às sete da m anhã?”

– Ah... – Olhei pela j anela para nada em especial, lutando contra um a ânsia

infantil de contar o verdadeiro m otivo da m inha visita. – Achei que j á estava na hora de ser um pouquinho inconveniente. Privilégios de filha única.

Meus pais m oravam em um antigo chalé construído com pedras douradas por algum antepassado distante que, a j ulgar pelas m açanetas na altura dos j oelhos, não devia ter m uito m ais de 1,5 m etro. Para ele, a casa devia ser um a m ansão espaçosa; para m im , que sem pre fui alta para a m inha idade, sem pre parecera apertada e, quando eu era criança, m uitas vezes fantasiei ser um a gigante aprisionada por dois *trolls* em um a colina na floresta.

Depois que fui m orar sozinha, é claro que até m esm o as frustrações da infância tinham ganhado brilho e encantam ento, pois sem pre que eu voltava descobria ter ficado um pouco m ais cega para as lim itações da casa... a ponto de até m e deliciar com sua exiguidade reconfortante.

Entram os na casa pela garagem , com o sem pre, e param os em um quartinho para tirar os sapatos. O recinto transbordava casacos, flores j á ressecadas e um estoque de castanhas pendurado no teto; sem dúvida era o m ais bagunçado da casa. No entanto, eu gostava de m e dem orar ali, pois o cheiro era fam iliar e relaxante: de capas de chuva e cam om ila e, m esm o anos depois, do cesto de m açãs que certa vez esquecêram os em cim a do braseiro.

Assim que calçou os chinelos, m eu pai prosseguiu em direção à cozinha e, de lá, para a sala de j antar. Um pouco intrigada com esse traj eto, fui atrás e o vi se aproxim ar da j anela de form a um tanto furtiva.

No j ardim havia um novo com edouro para aves, posto ali para os passarinhos de que m eu pai tanto gostava. Sobre sua plataform a, porém , estava aboletado um esquilo preto que se refestelava com as sem entes destinadas aos passarinhos.

– Ele outra vez!

Meu pai m al parou para pedir licença antes de irrom per porta afora, de chinelos e tudo, e pôr fim àquele terrível plano da natureza. Ao vê-lo daquele j eito, correndo pelo quintal dos fundos com o cardigã vestido de trás para frente, era quase im possível pensar que aquele hom em , Vincent Morgan, tivesse sido até recentem ente o diretor da escola da cidade, onde, durante m uitos anos, havia instilado terror nos corações de m eninos e m eninas. Por toda a região, m eu pai era conhecido com o Morgan, o Górgona, e sem pre que eu saía de casa sozinha quando era pequena, corria o risco de ser seguida na rua por um bando de m

eninos a entoar “Morgan, a Minigórgona” até o açougueiro sair com seu avental suj o de sangue e botá-los para correr.

Foi só depois de se aposentar que m eu pai passou a se dedicar ao j ardim . Ele, que nunca fora m uito afeito a m udanças, ainda contava histórias nostálgicas sobre aquele pequeno pedaço de terra que estivera por tantos anos na fam ília. As m ações nunca tinham o sabor tão autêntico quanto as que ele recordava da infância, tam pouco as fram boesas eram tão abundantes quanto no tem po em que ele era pequeno, quando colhia cestos e m ais cestos, que levava para a Sra.

Winterbottom na cozinha.

Essas im agens rom ânticas eram sem pre editadas com cuidado de m odo a excluir os detalhes inoportunos. O pai que vivia para o trabalho e a m ãe hospitalizada não eram citados. Desaparecia tam bém o fato de que a Sra.

Winterbottom , a governanta, era um a m ulher sisuda e sem pre param entada com luvas de plástico, m uito eficiente no quesito higiene, porém incapaz no que fosse relacionado a ternura. Sobravam apenas um m enininho e seu j ardim , em oldurados pela folhagem da época e salpicados por um a levíssim a cam ada de purpurina.

Enfiei a cabeça para dentro do porão e vi, conform e esperado, um punhado de m ulheres sentadas em bicicletas ergom étricas posicionadas de frente para um vídeo de exercícios.

– Oi, m ãe! – falei. – E olá, senhoras!

– Oi, m eu bem !

Minha m ãe estava usando a cam iseta de m anga com prida am arela que eu havia lhe dado de Natal e um a bandana segurava seus cabelos curtos e grisalhos.

Ela era um a das únicas m ulheres que eu conhecia que não tem ia ficar suada e, por esse fato ser fonte de im enso constrangim ento, ao longo dos anos havia se transform ado em um a das coisas que eu m ais adm irava nela.

– Faltam dez m inutos!

Enquanto eu tornava a subir a escada, vi m eu pai ainda m exendo no com

edouro de pássaros e senti um súbito calor de nervosism o brotar no estôm ago. Dez m inutos. Justo o que eu precisava.

O escritório do m eu pai era um cubículo em poeirado provido de todo o aparato de um cavalheiro vitoriano. As paredes eram cobertas de alto a baixo por estantes arqueadas pelo peso e, espalhados entre os livros, havia tesouros especiais: insetos dentro de caixas de m adeira, verm es e cobras preservados em vidros, pássaros extintos com olhos de vidro brilhantes a observar do alto das prateleiras feito predadores em um a saliência rochosa. Até onde m inha m em ória alcançava, o cheiro daquele côm odo tinha um perigoso poder de atração, um arom a de história, conhecim ento e transgressão infantil.

Eu estava m ais velha, porém não m enos nervosa, então esbarrei por acidente em um a caneca m al posicionada sobre a m esa. Por alguns segundos de aflição, canetas, réguas e clipes se espalharam por todo lado. Atabalhoada e nervosa de culpa, recoloquei tudo de volta na caneca e tornei a posicioná-la sobre as contas do m ês, onde era o seu lugar.

Meu pai apareceu na porta.

– Ué, oi! – exclam ou ele, unindo as duas sobrancelhas peludas. – Será que eu deveria ficar lisonj eado por você achar m inha correspondência tão interessante?

– Mil desculpas – balbuciei. – Estava procurando a m inha certidão de nascim ento.

Ele desfez o cenho franzido.

– Ah. Deixe-m e ver... – Sentando-se pesadam ente na cadeira de escritório, ele abriu e fechou algum as gavetas antes de encontrar o que procurava. – *Voilà!*

– Pegou um a pasta novinha com m eu nom e escrito. – Seus docum entos estão aqui. Andei fazendo um a arrum ação. – Por fim , m eu pai sorriu. – Pensei que seria bom poupar você da bagunça.

Encarei-o, tentando decifrar o que havia por trás do sorriso.

– O senhor não andou... j ogando coisas fora, andou?

Ele piscou algum as vezes, sem entender m eu súbito interesse pelos seus proj

etos.

– Nada im portante, eu acho. Pus quase tudo dentro de um a caixa. Os docum entos de fam ília, essas coisas. Talvez você queira queim ar, m as... vou deixar a decisão por sua conta.

A porta do sótão rangia. Sem pre fora quase im possível visitar aquele côm odo em segredo.

Quando éram os pequenas, Rebecca e eu tínham os um a pequena caixa de recordações em um dos cantos do sótão escuro, escondida debaixo da j anela, e entrávam os ali de fininho para exam inar seu conteúdo sem pre que nos atrevíam os. Havia um sabonetinho de um hotel em Paris, um a rosa seca de um buquê de noiva, um a bola de golfe da propriedade dos Moselanes, além de alguns outros tesouros que não podiam cair em m ãos erradas.

– O que vocês duas andam fazendo no sótão? – perguntara m inha m ãe certo dia durante o alm oço, fazendo Rebecca derram ar lim onada na m esa da cozinha.

– Nada – respondera eu, com um a inocência forçada.

– Então brinquem lá fora. – Minha m ãe precisara de quase um rolo de toalha de papel para lim par a bagunça de Rebecca, m as não fizera nenhum com entário.

Afinal de contas, m inha am iga era filha do pároco. – Não gosto que vocês fiquem naquele lugar em poeirado.

Assim , da m esm a form a que as crianças aprendem a agradar aos pais andando de bicicleta e indo para a cam a quando eles m andam , elas desenvolvem furtivam ente habilidades m ais som brias, em geral relacionadas a latas de biscoito guardadas em lugares arriscados; no m eu caso, foi a capacidade de abrir e fechar a velha porta do sótão sem fazer barulho.

Em bora eu não precisasse daquele truque havia m uitos anos, fiquei satisfeita ao constatar que ainda o dom inava. Parei um instante na soleira e fiquei escutando por alguns instantes os ruídos lá de baixo, m as tudo o que captei foi o tilintar ocasional de xícaras. No dia inteiro, m eus pais na verdade só tinham um hábito previsível, que era ler j untos o j ornal depois do alm oço. Era inútil tentar envolvê-los em um a conversa a três nessa hora; um a vez guardada a louça e feito o café, eles se perdiam felizes em um m undo feito de críquete e políticos

corruptos.

Mesm o assim , não consegui parar de pensar que os dois estavam lá em baixo quando acendi a única lâm pada do sótão, que parecia pendurada no teto por grossas teias de aranha. Ao avançar pelo piso, tentei m e lem brar de quais tábuas rangiam e quais eram seguras... m as logo percebi que m uitos anos haviam se introm etido entre m im e o cam inho que eu conhecia tão bem .

Im prensado debaixo de nosso íngrem e telhado, o sótão era basicam ente um vão triangular sem luz natural, exceto a que entrava pela j anela em form ato de m eia-lua j unto à cum eeira norte. Apesar de em poeirado e deserto, aquele côm odo sem pre exercera um estranho fascínio sobre m im . Quando criança, sem pre que espiava dentro de um a velha m ala de couro ou baú de m adeira ali, eu esperava encontrar algo m ágico. Talvez fosse um a caixa de j oias esquecida, ou então um a bandeira pirata esfarrapada, ou ainda um m aço de cartas de am or ressecadas... aquele recinto e seu cheiro esquisito de cedro e naftalina continham sem pre a prom essa de segredos de fam ília e portais para outros m undos.

Então, um belo dia, quando eu tinha 9 anos, a porta m ágica finalm ente se abriu.

Vovó.

Eu ainda podia vê-la ali em pé, de costas, olhando por horas a fio pela j anela em form ato de m eia-lua... não com a resignação saudosa que se poderia esperar de alguém trancado a sete chaves, m as com determ inação, com o se estivesse à espreita de um ataque inevitável.

Até então, tudo o que eu sabia sobre a m ãe do m eu pai era que ela estava doente em um hospital de um país distante. A parte do país distante era invenção m inha, decerto para explicar o fato de nunca a visitarm os com o íam os visitar vovô durante sua doença longa e inexplicada. Sem pensar m uito no assunto, im aginava-a acam ada com o ele, com tubos de plástico a entrar e sair pelas roupas, m as em algum lugar no estrangeiro, com paredes caiadas e um crucifixo pendurado acim a da cabeceira.

Mas do nada, em um a tarde de chuvinha fina, eu tinha chegado do colégio e encontrado um a m ulher alta em pé no m eio da nossa sala, com um a pequena m ala no chão ao seu lado e um a expressão de rara serenidade no rosto.

– Diana! – exclam ara m am ãe, acenando im paciente para m im . – Venha dizer

oi para a vovó.

– Oi – eu balbuciara, em bora na m esm a hora sentisse que o cum prim ento era inadequado.

Mesm o então dava para sentir que algo não se encaixava a respeito daquela desconhecida de braços e pernas com pridos, m as m e lem bro de ser incapaz de identificar o quê.

Talvez fosse o fato de ela ainda estar vestida com a capa de chuva, o que lhe dava o aspecto de um a sim ples transeunte à espera de um ônibus ou alguém que sairia a qualquer instante. Ou talvez eu estivesse confusa, pois, na m inha experiência obviam ente um tanto lim itada, aquela m ulher não se parecia em nada com um a avó. Em vez do cabelo enroladinho com perm anente das senhoras da cidade, usava um a trança grisalha que descia pelas costas e seu rosto quase não exibia rugas. Na verdade, seu rosto quase não tinha expressão. Minha nova avó apenas m e encarara de form a franca e direta, sem nenhum interesse especial no olhar, nenhum vestígio de em oção.

Lem bro-m e de ter ficado decepcionada com aquele com portam ento im pessoal, m as tam bém de haver com preendido, com a certeza inabalável de um a criança, que por ela ser m inha avó era inevitável que viesse a m e am ar.

Portanto, eu sorrira, sabendo que estávam os fadadas a virar am igas, e percebera um a levíssim a surpresa em seus olhos azul-acinzentados. Mas nada de sorriso.

– Boa tarde – respondera ela apenas, com aquele seu sotaque curioso que a fazia parecer ter ensaiado as palavras sem com preender de todo o seu significado.

– Vovó esteve doente – explicara m inha m ãe, tirando a m ochila das m inhas costas e m e em purrando m ais para perto. – Mas agora está se sentindo m elhor. E

ela vai m orar aqui com a gente. Não é m aravilhoso?

Nada m ais foi dito nessa ocasião específica. Vovó se m udou para o sótão – que, conform e descobri, tinha sido lim po e m obiliado – e, em bora ela fosse excepcionalm ente alta (e, na m inha acepção infantil, tivesse pés particularm ente grandes), era tão silenciosa que ninguém nunca perceberia que ela estava lá não fosse o rangido da porta sem pre que eu ia visitá-la.

Anos m ais tarde, eu pensava nessa época e ria de m im m esm a por ter m e deixado enganar por aquele ar sereno e por pensar que o silêncio de vovó era de algum m odo um a consequência de sua longa e m isteriosa doença. Eu ficava incom odada com o fato de ela passar horas sentada em um a cadeira da nossa sala, sem fazer absolutam ente nada, enquanto m inha m ãe corria para lá e para cá, agitada, lim pando a casa com o se a sogra fosse apenas m ais um m óvel no seu cam inho. “Levante os pés!”, exigia ela, e vovó, obediente, tirava os pés da reta do aspirador de pó.

Em algum as ocasiões não havia resposta im ediata, e o aspirador era desligado de repente até, dali a algum tem po, ocorrer a m inha m ãe acrescentar um “por favor”.

Em seus m elhores m om entos, m inha m ãe repreendia a si m esm a pela im paciência com vovó, lem brando a nós duas que “é o rem édio, ela não pode fazer nada” e parando um instante ao atravessar o côm odo para afagar a velha m ão cheia de tendões que descansava sobre o braço da cadeira, m uito em bora fosse raro haver reação.

Passaram -se m eses desde sua chegada até que eu tivesse um a conversa de verdade com vovó. Quando isso finalm ente aconteceu, tínham os passado a m aior parte de um a tarde de dom ingo sentadas em seus aposentos no sótão, relegadas à nada fascinante com panhia um a da outra enquanto m eus pais com pareciam a um funeral na cidade. Eu lutava com um trabalho de colégio bastante chato e j á fazia algum tem po que podia sentir os olhos de vovó na m inha caneta enquanto escrevia, o que m e irritava. Em determ inado m om ento, quando parei buscando inspiração, ela se inclinou para a frente, ansiosa, com o se estivesse esperando um a oportunidade, e sibilou: – Regra núm ero um : não os subestim e. Anote isso aí.

Perturbada com aquela súbita veem ência, eu escrevera as palavras no m eio do m eu trabalho, obediente, e ao ver o resultado ela o aprovara com um m eneio de cabeça.

– É bom isso que você está fazendo. Escrever.

Eu m al soubera o que dizer.

– A senhora não... escreve?

Por um instante ela parecera abalada, e m e perguntara se a teria ofendido.

Então ela baixara os olhos, subitam ente tem erosa.

– Sim . Eu escrevo.

No Natal desse ano, dei a ela de presente um caderno, um dos de capa verm elha que ainda não tinha usado na escola, e três canetas azuis com pradas no m ercado. Ela não disse nada na hora, m as assim que m eus pais ficaram entretidos com seus próprios presentes, segurou m inha m ão e apertou tanto que chegou a doer.

Só anos m ais tarde tornei a ver aquele caderno, m uito depois de ela sum ir, quando eu estava bisbilhotando um a conversa após o j antar entre m eus pais e um velho am igo dele de escola, o Dr. Trelawny, que era psiquiatra em Edim burgo.

Sentada no últim o degrau da escada, conseguia escutar a m aior parte das conversas que aconteciam na sala e voltar depressa para o quarto se necessário.

Nesse dia em especial o assunto era vovó. Com o as m inhas perguntas sobre ela eram em geral respondidas com silêncio e expressões de reprovação, decidi ignorar o vento cortante que subia pela escada e absorver o m áxim o de inform ação possível.

Meu pai obviam ente estava m ostrando ao Dr. Trelawny um a coleção de históricos m édicos, pois eles falavam sobre coisas com o “esquizofrenia paranoica”, “tratam ento com eletrochoques” e “lobotom ia”, a m aior parte ininteligível para m im na época. Em determ inado m om ento, houve um dem orado farfalhar de papéis entrem eado com exclam ações de “Que coisa m ais extraordinária!” e “Incrível!” do Dr. Trelawny, e tudo isso m e deixou tão louca de curiosidade que não houve j eito: tive que descer m ais alguns degraus e espichar o pescoço para ver o que estava acontecendo.

Pela porta entreaberta, vi m inha m ãe sentada em nosso sofá am arelo, aflita, enrolando as pontas do xale, enquanto m eu pai e o Dr. Trelawny conversavam em pé j unto à lareira, com seus copos de uísque pousados sobre o consolo.

Levei alguns instantes para perceber que o obj eto que causava tam anha excitação no bastante insípido Dr. Trelawny era o caderno verm elho que eu dera

de Natal para vovó seis anos antes. Estava claro que as três canetas azuis tinham sido postas em uso, pois, a j ulgar pelo fascínio do m édico com cada página, o caderno fora preenchido de cabo a rabo.

– O que você acha? – perguntara m eu pai depois de algum tem po, estendendo a m ão para o copo de uísque. – Mostrei para alguns especialistas lá em Londres, m as eles disseram que essa língua não existe. Um dicionário im aginário, segundo eles.

Alheio à careta de alerta da m inha m ãe, o psiquiatra assobiara bem alto.

– Um a língua inventada por um a m ente perturbada. Pensei que nada m ais m e espantasse, m as isso é diferente de tudo o que j á vi.

Infelizm ente, o assobio fez m inha m ãe fechar a porta que dava para o corredor, im pedindo que eu ouvisse o resto da conversa.

Desde essa noite, eu m e roía para saber o que vovó tinha escrito no caderno.

No entanto, sem pre que m e atrevia a abordar o assunto, m inha m ãe largava o que estivesse fazendo para exclam ar “Ah, m e lem brei! Diana, quero lhe m ostrar um a coisa...” e lá íam os nós para o andar de cim a vasculhar suas roupas, sapatos ou bolsas em busca de algo que eu tivesse idade e responsabilidade suficientes para pegar em prestado. Era o seu j eito de se desculpar por todas as perguntas sem resposta, im agino eu.

Certa vez, sem querer, surpreendi m eu pai sentado à escrivaninha, curvado sobre o caderno, m as a urgência atabalhoada com que ele o enfiou num a gaveta foi m ais um a prova de que aquele não era de form a algum a um assunto sobre o qual ele quisesse conversar. Assim , fiquei esperando, esperando, m uito consciente da presença do caderno entre os docum entos da fam ília, até que um dia não pude m ais resistir.

Rebecca e eu havíam os passado o dia inteiro sozinhas em casa, fazendo todo o tipo habitual de bobagem , quando finalm ente nos vim os na soleira do escritório do m eu pai. “Você tem o direito de saber a verdade”, insistira ela ao m e ver hesitar. “Eles não podem esconder isso de você. É m uito errado. Tenho certeza de que é até contra a lei. Afinal de contas, você tem *16 anos*.”

Instigada pela indignação dela, finalm ente abri a gaveta que continha os docum

entos da fam ília.

Passam os a hora seguinte vasculhando as pastas de arquivo do m eu pai em busca do caderno verm elho. Durante essa hora, encontram os tantos docum entos chocantes que eles dim inuíram a im portância de nossa eventual descoberta do caderno. Sim , de fato, este continha um a longa lista de palavras em inglês com a aparente tradução em um conj unto de sím bolos bizarros, m as o pequeno dicionário de vovó, conform e ficou claro, não chegava nem perto de ser tão interessante quanto as cartas dos m édicos recom endando-lhe tratam entos com nom es assustadores, incluindo um a nauseante descrição de um a lobotom ia.

Meio atordoadas após esse tesouro inesperado de inform ações, Rebecca e eu acabam os recolocando tudo nas pastas, inclusive o caderno verm elho, e saím os do escritório do m eu pai com eçando a entender que é por um bom m otivo que os pais escondem coisas dos filhos.

Desde esse dia, doze anos antes, eu não tornara a ver o caderno preenchido com os rabiscos m eticulosos de vovó; na verdade, m al m e perm itira pensar nele.

No entanto, ele havia am adurecido em algum recanto do m eu cérebro e, em pé no sótão naquela tarde chuvosa de outubro, eu sabia que não ficaria em paz até que ele estivesse nas m inhas m ãos.

Não levei m uito tem po para encontrar a caixa com os docum entos da fam ília. Conform e esperado, m eu pai havia feito um a tentativa bem tosca de escondê-la debaixo de um guarda-sol fechado, e ela era a única caixa que não tinha o conteúdo anotado com esm ero na lateral. Ao retirar a fita adesiva centím etro por centím etro, nervosa, fiquei atenta ao som de passos na escada. Só quando m e senti segura de que ninguém se aproxim ava eu m e aj oelhei e com ecei a exam inar as pastas.

Quando finalm ente encontrei o caderno verm elho, estava com tanta pressa de testar a ideia m aluca que havia se apoderado de m im na noite anterior que quase deixei passar as duas palavras escritas por vovó na sobrecapa: “Para Diana”.

Descobrir que aquele caderno sem pre fora para m im m e encheu com um a certeza súbita e febril. Abri a capa com os dedos trêm ulos e, com um a breve olhada nas prim eiras páginas, com preendi que, em sua cuidadosa caligrafia em

tinta azul, vovó havia m e deixado a chave para um idiom a de sím bolos que eu j am ais encontraria em lugar nenhum ... até o dia em que um desconhecido m e abordasse na Magpie Lane e m e entregasse um a fotografia e um a passagem para Am sterdã.

CAPÍTULO SEIS

NORTE DA ÁFRICA – Conseguim os, Lilli!

Mirina cam baleou nas pedras instáveis do leito do rio. Não havia m uita água; o que outrora devia ter sido um curso d'água caudaloso não passava agora de um a fenda com prida e estreita na paisagem desértica. Mas ela estava anim ada dem ais para se decepcionar e exausta dem ais para sentir algo além de um débil latej ar quando as pedras irregulares esfolaram os últim os pedaços de pele intacta de seus pés cansados.

– O rio! – Finalm ente caindo de j oelhos à beira d'água, soltou de seu pescoço os braços finos de Lilli, que o enlaçavam desde o raiar do dia. – Está m e ouvindo?

É o rio!

Ela desceu a irm ã inerte até o chão e com eçou a despej ar água nos lábios que tinham passado o dia inteiro calados.

– Vam os, beba.

O deserto fora m aior do que ela im aginava. Seus cantis de bexiga de cabra haviam secado antes m esm o de elas chegarem à m etade da travessia. Ela tranquilizava Lilli dizendo enxergar árvores no horizonte, além da planície escaldante. Torcia para as próprias palavras virarem realidade. No entanto, à m edida que as horas passavam sem nenhum a som bra ou água, as conversas entre as irm ãs foram se tornando m ais e m ais breves, até não restar m ais palavras a serem ditas.

Nos últim os dias de viagem , Mirina não havia parado de escutar a voz paciente e firm e da m ãe instando-a a prosseguir, prosseguir. "Você precisa chegar ao rio", dizia a voz, num sussurro urgente. "Não pode parar. Precisa seguir em frente." As palavras nunca falhavam nem enfraqueciam . Da m esm a form a que a m ãe j am ais havia deixado sua cabeceira durante todas as noites de doença e

m edo na infância, tam bém perm aneceu fiel ao seu lado naquelas últim as horas cam baleantes, quando não havia m ais nada a que se agarrar exceto algum as palavras insistentes em sua cabeça. “Preciso chegar ao rio. No final do rio fica o m ar. Junto ao m ar, a cidade. Na cidade vive a Deusa da Lua. Só ela tem o poder de curar m inha irm ã.”

Quando Lilli finalm ente recobrou os sentidos, virou o rosto em todas as direções, com os olhos frágeis quase fechados e sem nada ver. Então com eçou a chorar, os om bros estreitos trem endo de tanto desespero.

– Aqui não é o rio – soluçou ela. – Você só está dizendo isso para m e reconfortar.

– Mas é, sim ! Sinta só. – Mirina guiou as m ãos da irm ã até a água rasa. – Eu j uro que é.

Ela correu os olhos pela paisagem desolada e poeirenta. Antigam ente, m uitas árvores deviam m argear aquele curso d’água, m as agora eram apenas esqueletos tom bando em busca de apoio, tristes resquícios de um m undo de viço havia m uito desaparecido.

– Tem que ser aqui.

– Mas eu não estou ouvindo nenhum barulho de água – falou Lilli, enxugando coraj osam ente as lágrim as e inclinando a cabeça na tentativa de escutar. – Deve ser um rio bem silencioso.

– É, sim – reconheceu Mirina. – Um rio velho e cansado. Mas ele ainda está vivo e vai nos levar até o m ar. Vam os, agora beba.

As duas passaram algum tem po em silêncio, saciando a sede. No início, foi com o se a garganta de Mirina tivesse esquecido o que fazer para engolir, m as depois de conseguir forçar os prim eiros goles ela pôde sentir o líquido fresco descer pelo corpo e restaurar a vida por onde passava.

Depois de m atar a sede, recostou-se nas pedras e fechou os olhos. Tantos dias sem descanso e aquele últim o trecho sem água... Por quanto tem po havia carregado Lilli no colo? Dois dias inteiros? Não, não era possível.

Um grito assustado e um súbito bater de asas a fizeram se levantar. Ao ver a irm

ã aterrorizada sacudindo os braços para afugentar o inim igo que não via, ela sacou na m esm a hora a faca do cinto.

– Era um pássaro! – gritou Lilli, esfregando a perna com fúria. – Ele m e bicou! Onde está? Não deixe ele m e m order de novo.

Mirina ergueu um a das m ãos para proteger os olhos do sol e viu dois abutres m agros voando em círculos no céu.

– Praga m aldita! – balbuciou, guardando a faca e pegando o arco. – Estavam querendo se banquetear conosco hoj e...

– Por que os deuses nos desprezam tanto? – questionou a m ais nova, segurando os próprios j oelhos e com eçando a se balançar para a frente e para trás. – Por que eles querem a nossa m orte?

– Eu não perderia m eu tem po pensando no que os deuses querem ou não. – Mirina tirou da alj ava sua m elhor seta para aves. – Se eles quisessem m esm o nos m atar, poderiam ter feito isso quarenta vezes. – Apoiou a seta na corda, pôs-se de pé devagar e a puxou para trás. – Está claro que algum poder quer nos m anter vivas.

Mais tarde, quando estavam deitadas j unto à pequena fogueira de gravetos sob um céu estrelado, digerindo a refeição sem gosto, Lilli se aconchegou j unto à irm ã e disse: – Mam ãe veio falar com igo, sabia? Eu a vi m uito bem ...

Sem dizer nada, Mirina a puxou m ais para perto.

– Ela parecia feliz – continuou Lilli. – Quis m e abraçar, m as aí viu você e acho que teve m edo de você ficar chateada com ela por m e levar em bora...

então não levou.

As duas passaram um tem po deitadas em silêncio.

Sua antiga vida agora parecia m uito distante. No entanto, a lem brança dos am igos e pessoas queridas que tinham perdido ainda era forte o suficiente para fazer am bas engasgarem e se calarem , assim com o Mirina sabia que continuaria a sentir aquele fedor horrível da doença e da m orte para sem pre.

Depois de sair do povoado, as duas haviam passado m uito m al, com trem ores e convulsões. Mirina tivera certeza de que iriam m orrer; na verdade, quase se alegrara com isso. No entanto, aos poucos havia com eçado a m elhorar, e Lilli tam bém , em bora a febre da irm ã tivesse durado o suficiente para prej udicar seus olhos. Durante várias terríveis m anhãs, a m enina havia acordado de seu sono agitado enxergando cada vez m enos, até por fim perder com pletam ente a visão.

– O dia j á vai raiar? – perguntara Lilli no últim o dia, olhando para o sol sem nada ver.

– Não falta m uito, não – respondera Mirina com um sussurro, abraçando a irm ã e soluçando enquanto a beij ava repetidam ente e a verdade dolorosa dava um nó em sua garganta.

Mas as duas continuavam vivas. Haviam sobrevivido à pestilência e agora tam bém ao deserto. Dali em diante, as coisas só poderiam m elhorar. Mirina se recusava a pensar de outra form a.

– Tem certeza de que... – com eçou a perguntar Lilli, com o fazia todas as noites. Só que dessa vez não term inou a frase, apenas m ordeu o lábio e virou o rosto.

Am bas sabiam que só haveria resposta para a grande questão de Lilli quando chegassem à cidade. Será que a Deusa da Lua conseguiria reverter os danos da febre e fazê-la recuperar a visão? Só a Deusa sabia.

– De um a coisa eu tenho certeza – falou Mirina, polindo a pulseira da m ãe na túnica. Por baixo do insistente resíduo de fuligem , a serpente com cabeça de chacal de que ela tão bem se lem brava a encarava com os olhos enegrecidos. – Mam ãe sentiria orgulho se visse você agora.

Lilli ergueu o rosto com um a expressão intrigada na direção da irm ã.

– Você não acha que ela ficaria brava com igo por estar inútil?

Mirina a puxou m ais para j unto de si.

– Inúteis são agricultores que não plantam e pastores que não pastoreiam .

Lem bre-se que você é um a irm ã. Um a irm ã não precisa de olhos para ser útil,

só de um sorriso e de um coração valoroso.

Lilli deu um suspiro pesado e seus om bros afundaram quando ela se recostou na bolsa das duas.

– Eu sou só sua m eia-irm ã. Talvez por isso não tenha a m esm a coragem que você. Se o m eu pai fosse o m esm o que o seu, talvez eu tam bém tivesse um coração de caçadora.

– Shh! Os pais vêm e vão, m as a Terra perm anece a m esm a. Assim com o não existe m eio coração, não existe m eia-irm ã.

– É, pode ser – m urm urou Lilli. – Mas eu ainda não tenho certeza se um dia vou conseguir voltar a sorrir.

– Bom , pois eu tenho – retrucou Mirina, pousando o queixo sobre a cabeça da irm ã. – Lem bre-se: quem enfrenta o leão se torna o leão. Nós vam os enfrentá-lo e vam os voltar a sorrir.

– Mas leões não sabem sorrir – balbuciou Lilli, abraçando a bolsa.

Mirina deu um rugido e com eçou a m ordiscar o pescoço da m enina até as duas rirem .

– Então nós vam os ensinar.

Mirina e Lilli seguiram o rio por dez dias.

Tinham água de sobra para beber, m as a terra que as cercava de am bos os lados era estéril. Sem pre que Mirina encontrava algum a planta que lhe parecesse m inim am ente com estível, m ascava algum as folhas ou pedaços da raiz e esperava um pouco para observar seus possíveis efeitos. Só então a oferecia a Lilli. E toda vez que o regato preguiçoso em poçava em algum ponto, ela o vasculhava na tentativa de pegar um peixe solitário.

Nos dias m ais quentes, um anim al ou dois podiam descer até o rio em busca de água e, graças ao seu arco e a algum as flechas restantes, Mirina em geral conseguia obter essa carne desconhecida para o j antar. Esses eram os m om entos bons. Elas ficavam acordadas até tarde, com endo até se fartarem , e inevitavelm ente se pegavam relem brando a vida de antes.

Com o as m azelas diárias de seu povoado agora pareciam triviais. E com o ganhavam valor todos os pequenos prazeres. O aconchego da fam ília, as preocupações e m exericos, tudo se m esclava em um sonho radiante e feliz, um m undo de inocência im possível que agora existia apenas em palavras.

Com o Mirina e Lilli tinham nascido no povoado de Tam ash, as duas sem pre haviam pensado nele com o seu lar. E quando as outras crianças zom bavam delas por serem estrangeiras, com hábitos estrangeiros, a m ãe apenas descartava os com entários, e garantia às filhas que os outros não sabiam o que estavam dizendo.

– Eles acham que um a m ulher ter filhos com hom ens diferentes é um a coisa m á – dizia ela, revirando os olhos. – Mal sabem que o pai deles m esm os talvez não sej a quem acham que é.

Além da acusação de prom iscuidade, havia tam bém a questão das m isteriosas habilidades de sua m ãe com ervas e raízes. Contudo, em bora as m ulheres da aldeia pudessem passar os dias fofocando sobre seu com portam ento pecam inoso, bastava algum a doença acom etê-las para que aparecessem na porta de sua casa im plorando rem édio.

Mais de um a vez, os anciãos, com belas túnicas e bastões esculpidos, tinham visitado seu casebre para pedir a Talla que parasse de praticar suas artes estrangeiras. Mas ela só fizera balançar a cabeça, pois sabia que as m ulheres do povoado j am ais os deixariam expulsá-la. Em um a ocasião específica, Mirina se lem brava de ter ouvido a m ãe provocar o chefe da aldeia dizendo: – Você acha que eu j oguei um feitiço no seu passarinho caolho, Nholo? Quem sabe se você não passasse o dia inteiro sentado em cim a dele, falando bobagem , ele conseguisse voar de novo.

Agora até esses instantes infelizes pareciam m aravilhosos ao serem recordados. Im plicâncias eram esquecidas; dívidas, perdoadas. Mirina se assom brou ao constatar com o a m orte levava em bora todos os detalhes incôm odos da vida e tornava puro e acolhedor um povoado inteiro de pessoas m esquinhas.

Conform e os dias da m onótona viagem iam passando, as irm ãs m uitas vezes retornavam às m esm as lem branças, com o se o prazer aum entasse com a repetição.

– Ainda consigo ver – dizia Lilli, disfarçando um a risadinha. – Mam ãe tentando

pegar o velho galo... Ah, com o ela ficou brava! E todos aqueles m eninos perdidam ente apaixonados por você, m as com m edo até de sorrir na sua frente...

Mirina nunca repreendia a irm ã por falar assim . Apenas ria tam bém e a deixava vagar por esse passado im aginário pelo m áxim o de tem po possível.

Sabia que o presente não tardaria a se im por.

No décim o prim eiro dia, o rio se alargou form ando um delta, e então, por fim , Mirina com eçou a ver indícios de outros seres hum anos. Canais rasos escavados para irrigação deixavam a paisagem parecida com teias de aranha, m as m esm o assim nenhum a gota d'água chegava até os cam pos. O chão ali era tão seco quanto na sua aldeia e não havia um agricultor sequer à vista.

– O que foi? – perguntou Lilli, incom odada pelo longo silêncio da irm ã.

– Nada.

Mirina tentou parecer alegre, m as a verdade era que estava m orta de preocupação. Para onde quer que olhasse, tudo o que via eram ferram entas agrícolas abandonadas e áreas desertas do que seriam pastagens. Os únicos anim ais visíveis eram corvos m agros a voar em círculos no céu. Onde estavam as pessoas?

– Shh! – Lilli parou de repente e levantou a m ão. – Está ouvindo?

– O quê?

Tudo o que Mirina conseguia escutar era o grasnar dos pássaros.

– Vozes... – Lilli girou a cabeça para um lado e outro. – Vozes de hom ens.

Esperançosa, Mirina escalou um a rocha grande para poder ver m elhor.

Diante delas se descortinava um litoral e um a grande extensão de água. Ficou aliviada.

– É o m ar! – exclam ou ela, apontando sem pensar. – É enorm e... exatam ente com o m am ãe disse que seria.

Com exceção da m ãe delas, ninguém da aldeia tinha visto o m ar. Mas os anciãos faziam m uitas referências a ele sentados à som bra da figueira, m eneando a cabeça para concordar uns com os outros. O m ar era grande, azul e perigoso, diziam , espantando distraidam ente as m oscas, e em seus litorais distantes havia cidades cheias de riscos e sofrim ento, cidades povoadas por estrangeiros m aus...

A m ãe sem pre rira dessas palavras, lem brando às filhas que os hom ens costum avam j ulgar m al aquilo que não com preendiam .

– A cidade não é m ais m á do que o povoado – dissera ela certa vez, descartando aquilo tudo com um gesto da m ão coberta de m assa de pão. – Na verdade, as pessoas lá são bem m enos invej osas do que aqui.

– Então por que você foi em bora? – quisera saber Mirina, salpicando m ais farinha nas m ãos da m ãe. – E por que não podem os voltar para lá?

– Talvez voltem os. Mas por enquanto é aqui que a Deusa nos quer.

Mirina não havia se deixado enganar. Sabia que a m ãe estava escondendo algum a coisa relacionada à Deusa da Lua. No entanto, não im portava com o form ulasse suas perguntas, não conseguia obter as respostas que desej ava. Tudo o que sua m ãe dizia era: – Nós som os servas fiéis da Deusa, Mirina. Ela sem pre vai nos aj udar. Nunca questione isso.

Conform e as irm ãs avançavam pela vegetação rasteira e pegaj osa do estuário, Mirina descobriu que o m ar era surpreendentem ente raso e pantanoso. Juncos altos brotavam da água e não havia ondas; na verdade, a água m al se m ovia.

– Não estou gostando disto aqui – disse Lilli em determ inado m om ento, quando as duas estavam afundadas até o j oelho na lam a e na vegetação m arinha viscosa. – E se tiver algum a cobra?

– Duvido – falou Mirina, m entindo, enquanto golpeava a água à frente com a lança. – Cobras não gostam de água aberta.

Bem nessa hora, vozes as fizeram parar.

– É a m esm a coisa que eu escutei antes! – sibilou Lilli, aflita, grudando o corpo às costas da irm ã. – Está vendo de onde vem ?

Mirina afastou os j uncos com a ponta da lança. Por entre o em aranhado de caules verdes, pôde distinguir um barquinho com três pescadores a bordo.

Estavam entretidos dem ais com suas redes para reparar nas duas. Decidiu que eram trabalhadores, portanto dignos de confiança.

– Vam os!

Foi levando a irm ã pela água, ansiosa para chegar ao barco antes que ele sum isse. A perspectiva de passar m ais um a noite no leito seco do rio ou naquele pântano coalhado de insetos era insuportável. Aonde quer que aqueles pescadores fossem , ela e Lilli iriam tam bém .

Assim que chegaram perto o suficiente para serem vistas, Mirina acenou com a lança no ar para cham ar a atenção dos outros. A água agora batia na sua cintura e Lilli ia agarrada às suas costas. Os hom ens a encararam incrédulos, o que não era de espantar.

– Eles nos viram ! – arquej ou Mirina, avançando com passos bam bos pela água lam acenta. – Estão sorrindo e acenando para subirm os a bordo...

Ao se aproxim ar do barco, porém , viu que os hom ens não estavam sorrindo, m as sim gesticulando frenéticos, com os sem blantes contorcidos pelo m edo.

Instantes depois, agoniados, os hom ens puxaram prim eiro Lilli, depois Mirina para dentro do barco e, logo em seguida, aliviados, apontaram para a água enquanto desfiavam longas explicações em um idiom a estrangeiro.

– O que foi? – quis saber Lilli, segurando-se na túnica enlam eada da irm ã. – O que eles estão dizendo?

– Quem m e dera eu entendesse – m urm urou Mirina.

A j ulgar pela aparência, os pescadores eram o pai e dois filhos adultos. Não pareciam do tipo que se deixava abalar com facilidade.

– Eu acho...

O barco então balançou e os rapazes na m esm a hora estenderam a m ão para am parar o pai. Mirina viu os três olharem nervosos para a água e entendeu, por

fim , o m otivo de seu alarm e.

Um a form a com prida e m alhada rodeava o barco, deslizando o im enso corpo pela água barrenta. Seria um peixe grande? Mas ela não viu nem cabeça nem cauda, som ente um corpo interm inável da m esm a grossura de um ser hum ano.

Era um a cobra gigantesca.

– O que houve? – ganiu Lilli, sentindo a súbita tensão. – Me diga!

Mirina m al conseguia falar. Já tinha visto cobras grandes, claro, m as nunca algo com o aquilo.

– Ah, nada – conseguiu articular, enfim . – Só um as algas presas no casco.

Após alguns segundos de aflição, a cobra pareceu perder interesse pelo barco, e os hom ens relaxaram e recom eçaram a conversar. Verificaram m ais algum as arm adilhas, m as a pescaria foi m agra: apenas um a dúzia de peixes e um par de enguias. Apesar disso, eles pareciam anim ados ao recolher as varas e, a duras penas, com eçar a im pulsionar o barco para a frente com m ovim entos curtos e ritm ados.

– Para onde estam os indo? – sussurrou Lilli, trêm ula de cansaço.

Mirina puxou a cabeça da irm ã para j unto do peito e afagou seu rosto suj o de lam a.

– Para a cidade grande, leoazinha. A Deusa da Lua está nos esperando, lem bra?

PARTE II A U R O R A CAPÍTULO SETE

As amazonas terão prazer em lhes servir de guia.

Ésquilo, *Prometeu acorrentado*

AEROPORTO DE GATWICK

Se o Dr. Ludwig ficou surpreso ao m e ver sentada j unto ao portão de em barque, folheando com gestos casuais um a revista de bordo abandonada, não dem onstrou nada. Apenas m eneou a cabeça com o se m inha presença j á fosse esperada e ofereceu: – Café?

Assim que ele se afastou, relaxei de alívio e exaustão. Por m ais calm a que aparentasse estar, as últim as horas sem dúvida tinham sido as m ais agitadas da m inha vida, e eu não havia parado sequer para respirar depois de encontrar o caderno de vovó no sótão. Por sorte, m eu pai havia se m ostrado m uito disposto a um a pequena aventura e insistira em m e levar até o aeroporto.

– Mas confesso que estou um tanto curioso – dissera ele, de m odo sensato, durante nossa curta parada em frente à m inha faculdade em Oxford, enquanto eu lutava para enfiar no banco de trás do Mini a m ala feita às pressas.

– É só por um a ou duas noites – respondi, sentando-m e no banco do carona e aj eitando m eu rabo de cavalo. – Talvez três.

O m otor continuava ligado e m eu pai ainda segurava o volante, m as o carro não andou.

– E as aulas que você precisa dar?

Eu m e rem exi no banco, incom odada.

– Antes que o senhor perceba, eu j á vou ter voltado. É um a viagem de pesquisa. Na verdade, um a pessoa está m e pagando para ir a Am sterdã...

– Im agino que o seu benfeitor não sej a o j ovem Moselane... – sugeriu m eu pai, olhando pelo retrovisor.

Quando m e virei, vi Jam es saindo da faculdade com um a raquete de tênis no om bro.

Um calor repentino e nada agradável tom ou conta do m eu corpo. Ali estava ele, a sensatez em pessoa, lindo com o nunca. Não seria m ais prudente lhe dizer que

eu iria viaj ar em vez de sair de fininho daquele j eito?

– Ai, droga – falei, conferindo o relógio. – Tem os de ir, sério.

Meu pai continuou a olhar pelo retrovisor enquanto avançávam os pela Merton Street, decerto perguntando-se com o contar à m inha m ãe sobre aquela agourenta m udança de cenário, e cada trem or de sua pálpebra fazia aum entar o bolo de culpa que eu sentia no estôm ago. Mas com o eu poderia lhe contar a verdade? Ele nunca havia tom ado qualquer iniciativa de conversar sobre vovó, nunca m e contara sobre o caderno que ela claram ente escrevera para m im . Abordar o assunto agora, a cam inho do aeroporto, a um a velocidade para ele supersônica, não era um a ideia nada boa.

– Desculpe, papai – m urm urei, afagando seu braço. – Na volta eu explico.

Passam os algum tem po em silêncio dentro do carro. Com o rabo do olho, pude notar a preocupação paterna cada vez m aior lutando contra sua boa índole, que tanto resistia a confrontos. No final ele respirou fundo e disse: – Só m e prom eta que isso não é algum a espécie de... fuga am orosa. – Ele teve de levantar um pouco a voz para pronunciar a palavra. – Nós tem os dinheiro de sobra para pagar um a festa de casam ento, você sabe.

Fiquei tão chocada que desatei a rir.

– Pai, sério!

– Bom , o que você quer que eu pense? – Curvado sobre o volante, ele parecia quase zangado. – Você passa três horas em casa, pergunta sobre sua certidão de nascim ento... e agora vai viaj ar para Am sterdã. – Ele m e lançou um olhar, e na sua expressão pude ver um a centelha de m edo genuíno. – Prom eta que isso não tem a ver com nenhum ... hom em . Sua m ãe j am ais iria m e perdoar.

– Ah, papai! – Inclinei-m e para lhe dar um beij o na bochecha. – O senhor sabe que eu j am ais faria isso. Não sabe?

Ele assentiu sem convicção, e acho que eu não podia culpá-lo. Em bora fosse raro o assunto vir à baila, eu não tinha dúvidas de que m eus pais haviam deduzido bastante coisa em relação ao m eu grupo bastante heterogêneo de ex-nam orados, aos quais Rebecca se referia com o “cavaleiros do Apocalipse”, em bora nenhum deles m erecesse título tão nobre.

Por algum m otivo, eu nunca tinha tido m uito j eito com hom ens. Talvez a causa fosse m inha própria predileção por ficar sozinha ou quem sabe, com o Rebecca sugerira certa vez (esquecendo por um instante m inha paixão infantil por Jam es Moselane), eu tivesse algum defeito genético passado por m inha avó que m e im pedisse de m e apaixonar. Sem pre que algum relacionam ento term inava m al, com lágrim as e palavras ditas para m agoar, eu chegava a desconfiar que talvez não *gostasse* de hom ens e pronto, e que talvez por isso tivesse na gaveta da escrivaninha um m aço cada vez m aior de cartas de adeus m e acusando de ser um a vaca frígida, em bora em term os m ais eloquentes, claro.

Instigada por Rebecca, lá de Creta, na ocasião do m eu vigésim o sétim o aniversário, cheguei a pensar que talvez m eu problem a pudesse ser resolvido sim plesm ente m udando o foco de hom ens para m ulheres. No entanto, depois de refletir a respeito por m ais ou m enos um a sem ana, tive de concluir que elas despertavam ainda m enos m eu interesse. A triste conclusão, decidi, devia ser que Diana Morgan estava fadada a ser solitária... um a daquelas dam as de ferro cuj o legado, no lugar de netos, consistia em m onografias de 3 quilos dedicadas a algum finado professor.

Três dias depois disso, Federico Rivera aparecera.

Sendo frequentadora antiga do Clube de Esgrim a da Universidade de Oxford, eu não m e deixava im pressionar fácil por hom ens exibidos, m as percebi na hora que aquele m estre espanhol que viera passar um a tem porada em Oxford era outra história. Apesar de não ser bonito no sentido estrito do term o, ele era alto e tinha um físico invej ável. E m ais: possuía um a energia explosiva absolutam ente inebriante. Federico era um perfeccionista não apenas na esgrim a, m as tam bém na arte da sedução e, em bora eu tenha certeza de que am bos sabíam os desde o início quais seriam as consequências inevitáveis de m inhas aulas noturnas particulares com ele, passou vários m eses concentrado em m eus golpes e contragolpes e m ais nada... antes de finalm ente m e seguir até o chuveiro e m e ensinar o *coup d'arrêt* sem dizer um a palavra.

Nosso caso durou o inverno todo e, apesar da sua insistência em que guardássem os segredo, acreditei piam ente quando ele disse que eu era o am or de sua vida. Um dia, em um futuro próxim o, nós contaríam os sobre o nosso relacionam ento... nos casaríam os... teríam os filhos... Isso nunca foi dito de form a explícita, m as ficou sem pre subentendido. E quando ele fugiu de volta para a Espanha da noite para o dia sem nem ao m enos se despedir, fiquei tão pasm a e

m agoada que pensei que nunca m ais voltaria a ser feliz.

Aí vieram todas as descobertas horríveis: os m uitos outros casos dele em Oxford, a noiva furiosa em Barcelona, sua vergonhosa dispensa do clube de esgrim a... m as m esm o assim eu lhe escrevi várias cartas chorosas j urando am or e com preensão e im plorando um a resposta.

E ele respondeu. Vários m eses depois, recebi um envelope gordo enviado de um a academ ia de esgrim a de Madri contendo todas as m inhas cartas, a m aioria ainda fechada, e 500 euros. Com o ele não m e devia dinheiro nenhum , fui forçada a supor que aquele era o seu m odo de m e rem unerar pelos serviços prestados.

Fiquei tão irada que levei sem anas para entender que m estre Federico Rivera, em toda a sua sabedoria libertina, devia ter m e ofendido de propósito para cauterizar m inha ferida e, perfeccionista com o era, com pletar m inhas aulas de esgrim a com o golpe m ais honrado de todos: o de m isericórdia.

Em bora eu nunca tivesse falado sobre ele com m eus pais, os dois com certeza sabiam que eu j á tivera m eu quinhão de desilusões am orosas. Na realidade, eu às vezes desconfiava que a obsessão insistente de m inha m ãe com Jam es Moselane era apenas o seu m odo de consolar a nós duas. E que consolo m aior poderia haver do que im aginar um futuro ideal em que eu m orava na propriedade bem ao lado da sua casa, feliz para sem pre?

Quando o Sr. Ludwig voltou, guardei a revista e tirei m eu casaco de cim a da cadeira para ele poder se sentar ao m eu lado.

– Obrigada – agradeci ao pegar um dos cafés.

O calor do copo foi um a bênção para m inhas m ãos nervosas.

– A propósito, o senhor não chegou a m e dizer o nom e da fundação que está pagando este nosso luxo.

Ele rem oveu a tam pa de seu café.

– Sou um hom em cauteloso. – Ele deu um golinho e fez um a careta. – O que vocês, britânicos, têm contra o café? Bem , posso lhe dizer o nom e: Fundação Skolsky. Açúcar?

Instantes depois, enquanto eu pesquisava freneticam ente a Fundação Skolsky no Google, ouvi o Sr. Ludwig dar um a risadinha e, quando olhei para cim a, flagrei-o espiando descaradam ente o m eu celular.

– Não vai achar nada on-line – inform ou-m e. – O Sr. Skolsky prefere ser discreto. Coisas de bilionário.

Talvez a intenção dele fosse fazer um com entário bem -hum orado, m as não achei graça nenhum a. À nossa volta, o portão de em barque estava coalhado de funcionários da em presa aérea e passageiros com esperança de em barcar na frente, m as eu continuava sem saber quase nada sobre a nossa viagem .

– Desculpe, m as nunca ouvi falar na Fundação Skolsky – falei. – A sede fica em Am sterdã, im agino...

O Sr. Ludwig se abaixou e pôs o copo no chão.

– Com o eu disse, o Sr. Skolsky é um hom em discreto, um em presário interessado em arqueologia. Ele patrocina escavações no m undo inteiro.

Encarei-o à espera de m ais detalhes. Ele não deu nenhum , então m e inclinei um pouco para a frente, deixando bem claro que esperava m ais.

– Com o por exem plo...?

O Sr. Ludwig sorriu, m as algo na expressão predatória de seus olhos m e disse que ele estava ficando irritado.

– Não posso dizer antes de chegarm os lá. É o protocolo da Skolsky.

Fiquei tão incom odada com seu j eito desdenhoso que tive um a súbita lem brança do café intragável do aeroporto e das bem -intencionadas palavras de alerta ditas por Jam es na noite anterior. A suposta inscrição das am azonas talvez fosse um trote... ou coisa pior. Fora o que ele dissera. Peguei-m e pensando m ais um a vez em qual seria o m eu papel em tudo aquilo. Estava ficando claro – e de form a bem desagradável – que o Sr. Ludwig não sentia m ais necessidade de cair nas m inhas graças. Cheguei a desconfiar que o súbito declínio dos seus bons m odos fosse um prenúncio da sem ana por vir. Qualquer pessoa norm al prestaria atenção nesses sinais de alerta e iria em bora enquanto ainda havia tem po. Mas eu não podia. O caderno verm elho de vovó escondido

na m inha bolsa j á derrotara o m eu bom senso tem pos antes.

– Está pronta? – perguntou o Sr. Ludwig, pegando seu cartão de em barque. – Vam os lá.

Segundos depois, descíam os a ponte de em barque. Eu ainda não sabia por que estávam os a cam inho de Am sterdã, m as àquela altura tinha certeza que seria inútil perguntar. E fiquei ainda m ais desnorteada quando, em vez de subir a bordo, o Sr. Ludwig parou para trocar algum as palavras com um hom em de m acacão e grandes protetores de ouvido de cor laranj a.

O hom em prim eiro m e lançou um olhar desconfiado, depois abriu um a porta na lateral do portão de em barque e nos conduziu por alguns degraus instáveis de m etal até chegarm os à pista, j unto ao avião. Mesm o ali, do lado de fora, o ar estava tom ado por barulho e cheiro de com bustível queim ado. Quando abri a boca para perguntar o que estava acontecendo, m e senti sufocar com a fum aça do j ato e não consegui m e fazer ouvir.

Após um a viagem curta a bordo de um veículo utilitário, serpenteando por entre as vans de em presas que forneciam com ida às com panhias aéreas e os cam inhões de com bustível, param os ao lado de outro avião. Só nessa hora, quando vi m inha m ala trocar de m ãos e desaparecer dentro do bagageiro, m e toquei de que nosso suposto voo para Am sterdã fora apenas um disfarce cuidadosam ente planej ado.

Mas não houve tem po de questionar o Sr. Ludwig sobre a m udança em nosso destino, pois, após um controle de segurança dos m ais superficiais, fom os conduzidos depressa ao avião por um a escada de fundos.

– Belo acessório – com entou o Sr. Ludwig quando o detector de m etais em itiu um bipe ao passar por m eu bracelete de bronze. – A senhora usa isso com o arm a?

– Ainda não, m as posso vir a usar – retruquei, tornando a baixar a m anga.

Ele não precisava saber que o bracelete pertencera à m inha avó e que eu o havia desenterrado da m inha gaveta de lingerie poucas horas antes, com o um m arco inicial daquela inesperada aventura. Até onde o Sr. Ludwig sabia, eu aceitara viaj ar por causa do dinheiro e da possível glória acadêm ica; não queria que ele descobrisse quanto aquilo era pessoal para m im . Se o Sr. Skolsky podia se m

anter discreto, eu tam bém podia.

Enquanto a aeronave m anobrava até a pista de decolagem com nós dois bem presos por nossos cintos de segurança na prim eira classe, falei para o Sr. Ludwig: – Talvez agora sej a um m om ento oportuno para o senhor m e inform ar aonde vam os...

Ele encostou sua *flûte* de cham panhe na m inha.

– Para Dj erba. A um a viagem produtiva. Desculpe o subterfúgio; é que há m uita coisa em j ogo.

Fiquei m e coçando para pegar o celular e pesquisar o nom e, m as faltavam poucos segundos para a decolagem . Pelo que sabia, Dj erba era um a ilhota no Mediterrâneo, próxim a ao litoral da Tunísia e conhecida sobretudo pelos resorts turísticos e pelo clim a am eno. Jam ais soubera que lá ocorresse m uita atividade arqueológica, m as eu tam bém duvidava que a escavação fosse em Dj erba propriam ente dita. Devia ser na parte continental da Tunísia.

O que fazia todo o sentido.

Hoj e a Tunísia é um país pequeno im prensado entre a Argélia e a Líbia, m as 2 m il anos atrás era a arqui-inim iga do Im pério Rom ano. Consequentem ente, sua antiga capital, Cartago, acabou arrasada pelos rom anos, que escravizaram seus habitantes e destruíram seus registros históricos. Quase nenhum a fonte escrita havia escapado desse culturicídio; era com o se a terra natal de Aníbal fosse apenas um m ito.

Mas isso tudo eram acontecim entos relativam ente recentes em com paração com a época em que, segundo alguns, tinham vivido os heróis da m itologia grega.

Personagens fam osos com o Hércules, Jasão e Teseu pertenciam a um m undo pré-histórico povoado por m onstros, m agia... e am azonas.

Era bem verdade que os escritores m ais antigos, quer acreditassem ou não na lenda, situavam a terra das am azonas ao leste, em geral na região norte da Turquia, no litoral do m ar Negro, m as alguns afirm avam que essa nação de guerreiras surgira no norte da África. Parte do problem a era que a tradição das am azonas se dividia m ais ou m enos em três períodos m uito distintos, tanto em

relação ao tem po quanto ao local.

O últim o desses períodos delim itava com o região das am azonas a sua lendária capital no m ar Negro – Tem iscira – e seu entorno. Aos poucos elas teriam sido esprem idas por todos os lados, até se extinguirem ou serem absorvidas pelas tribos próxim as. Podia-se dizer que essa fase tinha sido um longo e vagaroso outono que culm inara em um a últim a floração por volta de 330 a.C., quando um a rainha am azona supostam ente fizera um a visita a Alexandre, o Grande, e pedira que ela e seu séquito de m ulheres passassem duas sem anas com ele na esperança de conceber filhos daquela verdadeira lenda viva. Quando os rom anos apareceram , cerca de um século depois apenas, a nação das am azonas j á havia desaparecido.

O auge de sua civilização foi sem dúvida o período interm ediário, a época da guerra de Troia, que a m aioria dos especialistas situa m ais ou m enos 3 m il anos atrás, em algum m om ento entre 1300 e 1100 a.C. Foi nessa época que as am azonas foram dizim adas por Aquiles diante das altas m uralhas de Troia e que Hércules percorreu o território em volta da cidade para cum prir um de seus doze trabalhos: roubar o cinturão da rainha. Foi tam bém a época em que as am azonas supostam ente atacaram Atenas e conseguiram enfim conquistar seu lugar nas im agens esculpidas nos m árm ores do Partenon.

Antes disso, porém , houve um a prim avera am azônica com grupos esporádicos, o m ais im portante deles no lendário lago Tritônis, no norte da África. Alguns afirm avam ser esse o berço das am azonas que, segundo se dizia, haviam reunido um grande exército e invadido países vizinhos.

Com parados às am azonas do m ar Negro que surgiriam m ais tarde, porém , esses dois prim eiros grupos tinham m uito m enos estrutura histórica. Muitas vezes eu até vira fanáticos pelas am azonas revirarem os olhos ao ouvir falar nos m itos do lago Tritônis, sem perceber, talvez, que para os céticos isso equivalia a ver gente que acreditava na Fada do Dente desdenhar o Coelhinho da Páscoa.

A questão, é claro, se com plicava pelos fatos de o clim a do norte da África ter passado por m udanças colossais desde a Idade do Bronze e de o lago Tritônis, caso tivesse m esm o existido, haver desaparecido tem pos atrás. Eu conhecia m uitos arqueólogos desesperados para escavar na região... m as por onde com eçar? O deserto do Saara é um im enso m anto que cobre todos os lindos sonhos que alguém possa ter de encontrar civilizações ainda desconhecidas, m as as

chances de ir até lá com um a pá e um balde e encontrar um piolho que sej a são quase nulas.

Assim sendo, o fato de estarm os a cam inho da Tunísia, que segundo alguns era onde ficava o lago Tritônis, era de fato em polgante. Seria possível a Fundação Skolsky ter encontrado indícios da existência de um a sociedade m atriarcal de guerreiras? O potencial era estarrecedor.

– Dj erba é onde viviam os lotófagos de Hom ero – disse o Sr. Ludwig, interrom pendo m eus devaneios. – Eram hom ens assustadores, praticam ente zum bis, sem pre drogados com um a planta local. – Ele cobriu os olhos com a venda, m as ela só escondeu parcialm ente sua expressão arrogante quando ele em endou: – Me parece o lugar perfeito para um acadêm ico.

Era um com entário tão óbvio para m e provocar que foi fácil descartá-lo com um a risada.

– Adm iro seus conhecim entos no assunto. Mas não foi por causa da planta que o senhor m e convidou, foi? – Encarei-o, tentada a espiar por baixo da venda para ter certeza de que ele estava prestando atenção. – Isto é sobre as am azonas, não é?

Ele aj ustou o descanso inflável de cabeça e conseguiu acrescentar m ais algum as cam adas de queixo à sua farta papada.

– Não m e pergunte. Eu nunca tive envolvim ento nenhum com as escavações.

Não sei nem m uito bem por que estou na Europa se a floresta Am azônica fica na Am érica do Sul. Mas... – Ele uniu as m ãos sobre a barriga e deu de om bros. – Quando o Sr. Skolsky m e diz para fazer algum a coisa, eu faço. Não deixo m inha razão atrapalhar.

Deve ter sido sorte ele pegar no sono depois desse curto diálogo, pois estávam os com eçando a dar nos nervos um do outro. Apesar da sua aparente generosidade, ou no m ínim o disposição para gastar o dinheiro do Sr. Skolsky, havia no Sr. Ludwig um a m esquinhez e um a arrogância ofensivas.

O fato de eu estar louca para pegar o caderno de vovó não aj udava. Desde que o encontrara no sótão algum as horas antes, estava desesperada para verificar se algum a parte da inscrição na parede da foto correspondia às palavras do

caderno. Só que, entre aquele m om ento e agora, eu não tivera um só instante para m e sentar e usar m inha lupa.

Talvez fosse bobagem m anter o caderno escondido do Sr. Ludwig, m as enquanto eu estava sentada ali, abrindo e fechando a revista de bordo, escutando os seus trancos e roncos conform e atravessávam os cada cam ada de turbulência da atm osfera britânica, senti que ele não era um hom em digno de confiança. O

problem a não era só sua predileção preocupante pelo sigilo, para não dizer desonestidade; seria só m inha im aginação ou ele tinha m esm o observado m eu bracelete com m ais curiosidade do que o norm al?

Em form ato de cobra, m as tendo em um a das extrem idades um a cabeça que parecia um cachorro de orelhas pontudas, o bracelete de bronze dava duas voltas em m eu pulso. Eu não podia culpar m eu com panheiro de viagem por ficar intrigado. Mas as circunstâncias que haviam m e levado a herdar aquela peça m e deixavam pouco à vontade com a sua curiosidade, por m ais inocente que pudesse ter sido.

Vovó usava aquele bracelete com a m esm a constância com que se usaria um a aliança de casam ento e, até onde m eus pais sabiam , levara a j oia consigo para o túm ulo. Eu nunca tinha m e atrevido a lhes contar que certo dia, cerca de um ano depois de com eçar a pós-graduação em Oxford, encontrara um pequeno envelope acolchoado enfiado sem a m enor cerim ônia na m inha caixa de correio na portaria da faculdade. Não havia recado, apenas aquele bracelete de chacal que m inha avó um dia m e dissera que “só um a am azona de verdade pode usar”.

Receber esse tesouro especial de form a tão inesperada de um rem etente anônim o em Berlim havia m e provocado um m isto desagradável de m edo e espanto. Será que aquilo significava que vovó tinha m orrido? Ou será que era um cham ado seu? Nesse caso, com certeza algum a explicação viria a seguir.

Só que não houve explicação nenhum a e acabei guardando o envelope na m inha gaveta de lingerie sem com entar nada com ninguém . Um a ou duas vezes cheguei a pensar em m ostrar a peça a Rebecca, na esperança de que ela conseguisse subm etê-la a algum tipo de análise científica... m as isso teria significado ressuscitar um tem a espinhoso. Por m ais segredos de infância que nós duas com partilhássem os, a verdade sobre o desaparecim ento de vovó era

algo que eu j am ais poderia dividir com ninguém , nem m esm o com ela.

Já estava escuro quando pousam os em Dj erba. Assim que saím os do avião e com eçam os a descer a escada estreita, fom os envolvidos por um a brisa m orna, perfum ada e quase inebriante. Fazia m uitos anos que eu não sentia a em polgação provocada pelos clim as m ais ao sul e, até aquele m om ento, nunca m e ocorrera quanto isso m e fazia falta.

Rebecca sem pre culpava Oxford por ter m e transform ado em um a pessoa caseira, que só vivia carregando seu chá para lá e para cá, e eu nunca a contradizia. A verdade era que eu teria adorado viaj ar regularm ente com o todas as outras pessoas e ler pergam inhos antigos na Jordânia ou exam inar docum entos controversos em algum a biblioteca grandiosa de Rom a... m as não tinha dinheiro para isso. Acho que eu não tinha j eito para escrever pedidos de financiam ento convincentes. Assim , eu havia ficado onde estava, lim itando-m e a assuntos ao alcance da m inha bicicleta e vivendo por procuração graças aos postais pregados na geladeira coletiva.

– Tudo bem ? – perguntou o Sr. Ludwig enquanto atravessávam os o aeroporto adorm ecido. – Não se preocupe: logo, logo vai se livrar de m im .

Após um a curta viagem de táxi, param os em frente a um prédio branco que parecia bem m enos m aj estoso do que a m aioria dos num erosos resorts turísticos pelos quais havíam os passado no cam inho. Apesar da aparência externa, entretanto, a m odesta porta da frente do hotel Dar el Bhar se abria para um reino sedutor de elegância e tranquilidade e, em bora as paredes caiadas e pórticos nada tivessem em com um com as gárgulas góticas de Oxford, eu m e senti em casa na hora.

Depois da área da recepção ficava um pátio interno com árvores altas plantadas em grandes canteiros e lanternas bruxuleantes pousadas direto no piso de laj otas. Ali, m ais do que eu j á sentira, o ar estava tom ado por especiarias e, de algum lugar na escuridão daquele j ardim m ágico, vinha o som de um a fonte.

Não sei ao certo quanto tem po passei ali, com os olhos fixos em um a planta repleta de frutos am arelos dentro de um vaso, perguntando-m e se estava diante do m eu prim eiro lim oeiro, m as o Sr. Ludwig acabou aparecendo, m e entregou a chave de um quarto e disse: – A senhora está registrada com o Dra. May o. É só por precaução. Se eu não a vir am anhã... – Ele estendeu a m ão. – Boa sorte.

Meu colega vai assum ir a partir daqui.

Olhei em volta pensando que ele fosse m e apresentar ao colega, m as não vi ninguém .

O Sr. Ludwig sorriu.

– Nós nunca nos encontram os pessoalm ente.

– Deixe-m e adivinhar: protocolo da Skolsky ?

O sorriso dele foi irônico.

– É m ais um a questão de horário. Ahm ed vive em um fuso só seu.

Meu quarto ficava no andar de cim a, recuado em relação ao pórtico que dava a volta em todo o pátio interno e proporcionava um a vista fantástica daquela selva particular na altura das copas das árvores. Era um a suíte linda, com alm ofadas verm elhas de franj as e um a tigela de tâm aras com o presente de boas-vindas, m as a essa altura eu j á estava tão cansada que m eus olhos quase fechavam sozinhos. Era só m eia-noite, m as a anim ação m e im pedira de dorm ir m uito na noite da véspera e, na anterior, eu ficara acordada até altas horas para term inar m inha apresentação.

Mesm o assim , desde que saíra da casa dos m eus pais naquela tarde, eu vinha esperando a hora de poder m e dedicar ao caderno de vovó. Assim , depois de um j antar leve de pão com *hummus* que pedi no serviço de quarto, j oguei um a água no rosto e m e sentei para exam inar de novo a foto dada pelo Sr. Ludwig, dessa vez à procura de conj untos específicos de sím bolos que pudessem representar palavras isoladas para eu procurar na densa lista de vovó.

Só que o desafio foi m aior do que eu calculava e m inha anim ação inicial de concluir que os dois sistem as de escrita eram de fato idênticos foi logo esm agada pela enorm idade da tarefa.

Mesm o com a aj uda da lupa, não consegui identificar nenhum ponto ou traço que pudesse funcionar com o divisor das palavras. Tudo o que vi foi um a longa sequência de letras ou sílabas em um a língua que eu não conhecia. Além disso, o “dicionário” de vovó não estava na ordem alfabética do m eu idiom a – nem , aparentem ente, na do outro. Ou sej a, a coisa toda era frustrante de tão aleatória

e m e fez lem brar que eu poderia estar tentando im por razão aos rabiscos obsessivos de um a m ente desequilibrada.

Após duas horas concentrada no trabalho, fiquei exausta. Tom ando por base o caderno de vovó, a prim eira palavra da inscrição na foto poderia ser “lua”, “água” ou “m ulher”. Resolvi m e contentar com isso e m e levantei para escovar os dentes.

Afora a inscrição m isteriosa, o m aior enigm a de todos era com o m inha avó tivera conhecim ento daquele idiom a antigo. Talvez suas alucinações fossem apenas os efeitos colaterais indesej ados de um dia ter estudado arqueologia ou, quem sabe, com o eu, filologia. Não era im possível que aquele sistem a de escrita j á tivesse sido descoberto ou m esm o decifrado pela equipe de algum a universidade desconhecida que j am ais chegara a publicar um artigo a respeito.

Ou então publicara, m as ninguém se dera o trabalho de ler.

Inteiram ente exaurida, m as sem conseguir relaxar, fiquei deitada no escuro aproveitando a brisa suave da j anela aberta. Um a incrível variedade de sons de insetos e pássaros – a agitação, o farfalhar de asas e todo tipo de pios e grasnados – j á prenunciava o nascer do sol e, além dessa cacofonia da vida selvagem , em algum lugar lá fora se ouvia o barulho pulsante do m ar.

Em um a tarde de verão, quando eu tinha 9 anos, m inha fam ília deu um a festa no j ardim de casa e convidou todos os vizinhos. Algum as noites antes do grande dia, fiquei sentada na escada ouvindo m eus pais debaterem se deveriam ou não deixar vovó com parecer.

– Você sabe que vai ser um desastre – m inha m ãe não parava de repetir. – Ela com certeza vai ofender alguém ou dizer algo inadequado. Além do m ais...

im agine a cara das pessoas quando perceberem que tem um a louca m orando no nosso sótão!

Dessa vez, no entanto, o lado prático de m eu pai tinha se m antido firm e.

Depois de m uito escutar, ele dissera: – Com certeza apresentá-la aos vizinhos de form a civilizada é a m elhor m aneira de garantir que ela *não* vire algum tipo de m onstro invisível que habita a im aginação deles. Assim que a virem com Diana, nossos vizinhos vão perceber que ela é totalm ente inofensiva.

Assim , acabei sendo incum bida de acom panhar m inha recém -adquirida avó pela festa, apresentando-a aos convidados e aj udando-a com a com ida. De m odo geral, a estratégia foi um sucesso. Todos a trataram com o tratariam um a pessoa norm al, dizendo am enidades sobre o j ardim , e vovó sorria e aquiescia com o se aquilo lhe fizesse algum a diferença.

Em determ inado m om ento, contudo, nos vim os no m eio de um anim ado grupo de senhoras que havia conseguido encurralar o novo adm inistrador da igrej a, um hom em solteiro, contra um a árvore.

– E a senhora? – perguntara o pobre hom em à m inha avó, ansioso para fazer am izade e puxar conversa. – Tam bém foi criada por aqui?

– Não – respondera ela, calm a, dando m ais um gole no vinho que eu deveria ter trocado por lim onada. – Eu venho das m ontanhas Hodna. Meu nom e é Kara.

Sou a vice-líder.

O adm inistrador enfiara um dedo no colarinho, decerto para entrar um pouco de ar fresco.

– Vice-líder de quê, exatam ente? Se a senhora m e perm ite perguntar...

Vovó lhe franzira o cenho, indignada.

– Das am azonas, claro. Quem lhe ensinou sobre o m undo? O senhor não sabe nada. Por que está falando com igo? Hom ens com o o senhor... – Ela estalara os dedos num gesto de quem o descartava, depois se afastara m archando.

Mais tarde, de volta à segurança do sótão, perguntei-lhe se era m esm o verdade que ela j á tinha sido um a am azona cham ada Kara. Agradava-m e bastante a ideia de vovó com o um a j ovem guerreira, arm ada e a cavalo, perseguindo adm inistradores de igrej a e senhoras fofoqueiras com flechas e gritos de guerra.

Segundo a m ãe de Rebecca, que se considerava especialista em qualquer questão paranorm al por ser casada com um pároco, as exuberantes am azonas não passavam de invenção da ignorância pagã. Em um a aula de catecism o particularm ente m arcante, ela dissera: – A sim ples possibilidade de um grupo de m ulheres viver sem hom ens é ao m esm o tem po nefasta e absurda. Eu com certeza nunca ouvi falar em um com portam ento tão anorm al...

– E as freiras? – rebatera eu, tentando sinceram ente entender, m as a Sra.

Wharton fingira não m e escutar.

– Então é verdade? – perguntara outra vez a vovó, quicando na cadeira de tanta anim ação. – A senhora foi m esm o um a am azona?

Só que nessa hora, para m inha consternação, ela descartara aquela conversa toda com um grunhido e com eçara a andar para lá e para cá pelo quarto, aj eitando e reaj eitando cada m óvel e badulaque com m eticulosidade obsessiva.

– Não preste atenção no que eu digo. Sou um a velha m aluca. Esqueci a regra núm ero dois. Nunca esqueça a regra núm ero dois.

Murchei de decepção.

– Qual é a regra núm ero dois?

Vovó parara com as m ãos no encosto de um a cadeira e olhara bem nos m eus olhos.

– Sem pre se certifique de que *eles* subestim em *você* – falara, bem devagar para ter certeza de que eu prestasse atenção. – É esse o segredo.

– Mas por quê? – insistira eu. – E eles quem ?

A pergunta a fez hesitar. Ela contornou a cadeira na ponta dos pés e se aj oelhou na m inha frente.

– Os hom ens de roupa verde – sussurrara, com os olhos subitam ente arregalados de m edo. – Eles espiam dentro da sua cabeça e cortam fora as coisas em que você não deve pensar. Então você precisa aprender a não pensar nada. A nunca deixá-los saber quem você é. Consegue fazer isso?

Fiquei tão assustada com a veem ência dela que quase com ecei a chorar.

– Mas eu não sou am azona...

– Shh! – Vovó apertara m eus om bros com tanta força que doeu. – Nunca diga essa palavra em voz alta. Não deve nem pensar nela. Entendeu?

Só então, quando viu que tudo o que consegui fazer foi m enear a cabeça com cara de choro, ela aninhou m inha cabeça nos braços e abrandou a voz.

– Você é coraj osa. Tenho grandes esperanças em você. Não m e decepcione.

CAPÍTULO OITO

LAGO TRITÔNIS

Mirina e Lilli passaram a tarde inteira a bordo do barco de pesca, percorrendo o litoral pantanoso e verificando as arm adilhas, quase todas vazias. Quando veio a calm aria da tarde, Mirina com eçou a tem er que elas fossem passar a noite na água, rodeadas pelas m onstruosas serpentes, m as então os hom ens finalm ente entraram em um a enseada m argeada por cabanas de praia.

Depois de sua longa e solitária andança, ver hom ens e m ulheres atarefados encheu Mirina ao m esm o tem po de alegria e apreensão. Sua m ãe sem pre dizia que as pessoas que m oravam perto do m ar eram as m ais sim páticas de todas, m as, pensando bem , ela tam bém havia falado em água azul cristalina e praias de areia, e nada disso se revelara verdadeiro. Na realidade, a cor do m ar era um verde lam acento e a água da enseada era um a sopa inerte de algas apodrecidas e penas.

Depois de puxarem o barco até a praia e de entregarem a m agra pesca a um a m ulher com um cesto grande, um dos pescadores gesticulou para que Mirina e Lilli o seguissem , sem pre sorrindo e m eneando a cabeça com o se quisesse lhes assegurar de suas boas intenções. Ele as conduziu até diante de um hom em idoso vestido com um a longa capa verm elha e sentado com as costas bem retas, m uito digno, sobre um a esteira de palha em frente a um a cabana, com endo castanhas que tirava de um a tigela vitrificada. Adivinhando que aquele era um dos anciãos da aldeia, Mirina se aj oelhou com Lilli em m eio às cascas de castanha espalhadas a seus pés.

– Saudações – disse ela em sua própria língua.

O idoso não respondeu, então ela repetiu o cum prim ento nos outros três idiom as que conhecia: a língua antiga, a língua do povo da m ontanha e a língua nôm ade. Nenhum a de suas tentativas anteriores havia funcionado com os pescadores no barco, m as quando ela com eçou a falar na língua dos nôm ades do deserto, o hom em uniu as m ãos calosas, anim ado.

– Você sabe falar as palavras do povo dos cam elos!

– Só algum as – retrucou Mirina. – Com o o senhor conhece o povo dos cam elos?

– Eles vinham aqui fazer com ércio. – O hom em acenou com um dos braços descarnados para o ar à sua volta, com o quem indica que as coisas m udaram , e não para m elhor. – Quando o rio corria forte, o com ércio aqui era bom . Já não é m ais.

Em bora Lilli nunca houvesse aprendido a língua nôm ade, pareceu entender por instinto o que o hom em estava dizendo, e as duas ficaram sentadas em silêncio por alguns instantes, com partilhando a sua tristeza. Ele então lhes ofereceu um pouco d'água em um a cabaça para beber e disse, em tom obj etivo: – Agora é a sua vez de falar. Com o posso aj udá-las, j ovens?

– Estam os indo ver a Deusa da Lua – com eçou Mirina. – Na cidade grande.

Minha irm ã ficou cega depois de um a febre, m as tem os esperança de que possa ser curada.

– Sinto m uito pela sua irm ã. – O hom em balançou a cabeça, desanim ado. – Muitas, m uitas pessoas viaj am ao encontro da Deusa da Lua. Ela é m uito ocupada.

– Mesm o assim , gostaríam os de vê-la – falou Mirina.

O hom em deixou transparecer um a leve irritação, então deu de om bros e j ogou as m ãos para o céu com o quem diz: eu fiz o que pude.

– Não fica m uito longe. Eu m ostro o cam inho, m as prim eiro vocês precisam com er e dorm ir.

Na últim a hora antes de o sol nascer, quando pairava no lim iar da consciência, Mirina sentiu os corpos adorm ecidos à sua volta, ouviu os suaves sussurros das m ães e por um instante pensou que tivesse voltado para casa.

No canto, im aginou, estava deitada sua irm ã m ais velha, Lana, com o bebê recém -nascido aninhado debaixo do braço. E ali bem perto, j unto ao seu peito, estava Lilli, quentinha, aconchegada e encantadora...

O cheiro ruim a fez cair em si. Após sem anas sem tom ar banho, com crostas de suj eira e sangue nos cachos em aranhados, os cabelos de Lilli eram um lem brete cruel de tudo o que as duas tinham perdido.

Mirina virou a cabeça para o outro lado e trincou os dentes, expulsando tudo de sua m ente: os sons, os cheiros, as silhuetas am adas e conhecidas. “Pare de pensar”, ordenou a si m esm a repetidas vezes, até não restar m ais nada a não ser essas três palavras e seu eco insistente.

Quando o sol nasceu e foi chegando a hora de partir, Mirina tirou seu colar e o entregou aos pescadores com o retribuição por sua hospitalidade. Todos balançaram a cabeça, recusando o presente, m as Mirina se m ostrou irredutível; em bora ela e a irm ã fossem pobres, ainda tinham dignidade.

O colar era um a fieira com m ais ou m enos um a dúzia de delicados botões – não de plantas, m as das planícies salgadas, que de vez em quando produziam flores de pedra de extraordinária beleza. Fora um presente do pai de Mirina para sua m ãe quando ela nascera, a pequena prova de am or de um nôm ade que se dizia m arido, m as cuj as visitas nunca duravam tem po suficiente para tanto.

“Pode ficar com isto aqui”, dissera a m ãe de Mirina certo dia, quando estava exam inando seus adornos. “Tom e.” Com o cenho franzido e um a expressão determ inada, ela havia fechado os dedos da filha ao redor do colar. “Talvez ele se lem bre de que tem um a filha se você usar isto. Onde quer que ele estej a.”

Desde esse dia, Mirina não se atrevera a tirar o colar, por m edo de que isso a separasse do pai para sem pre. Agora que sua casa tinha virado cinzas, porém , sabia que ele nunca m ais conseguiria encontrá-la, com ou sem colar.

Assim , ela e Lilli saíram da aldeia de pescadores descansadas e de barriga cheia, porém m ais pobres do que antes. Não restava um a só seta boa na alj ava de Mirina, e agora que elas não tinham m ais sequer o colar, era pouco provável conseguirem arrum ar outra refeição até chegarem ao seu destino.

– Poderíam os vender a pulseira da m am ãe – m urm urou Lilli enquanto as duas cam inhavam pela estrada rum o à cidade.

– Não! – Mirina tirou a bolsa das m ãos da irm ã. – Ela não iria querer isso. E

agora estam os tão perto...

Ao ver a cidade assom ar à sua frente no horizonte, porém , com suas construções infindáveis e gigantescas a cintilar com força sob o sol da m anhã, até m esm o Mirina com eçou a se perguntar se elas estavam de fato tão perto assim .

Para alguém que nunca vira um a cidade m aior do que sua aldeia natal, com suas três dúzias de casas e um espaço coletivo central, um a aglom eração im ensa com o aquela fugia a qualquer padrão.

A estrada logo ganhou m ais m ovim ento, com pessoas e carroças passando im pacientes por elas, sem nunca parar para cum prim entá-las ou perguntar de onde vinham . Mirina achou tudo aquilo m uito desanim ador, porém não disse à irm ã. Em um lugar tão grande e agitado, onde os seres hum anos pareciam tão atenciosos e acolhedores quanto besouros, com eçou a tem er que, apesar de todas as garantias da m ãe, ela e Lilli acabassem descobrindo não ter quase nenhum a im portância para a Deusa da Lua ou para qualquer outra pessoa.

– Me diga o que está vendo! – im plorou Lilli. – Já dá para ver o tem plo?

Mas Mirina não via nada que se parecesse com o m agnífico edifício descrito pela m ãe. Segundo ela dissera, o Tem plo da Deusa da Lua tinha altura e largura m onum entais e era feito de um a pedra brilhante que parecia vir de outro m undo.

Do esplendor dessa m orada celeste, a Deusa controlava as m arés, curava os m ales fem ininos e, de form a valente, enfrentava o reino do Sol e o desafiava, acendendo o céu noturno quando ele virava as costas. Durante toda a sua longa j ornada, Mirina tivera certeza de que, se ela e Lilli algum dia conseguissem chegar à cidade na beira do m ar, o tem plo dessa poderosa divindade faria todas as estruturas em volta parecerem anãs. Com o se enganara... Ao percorrer as ruas coalhadas de gente com Lilli em seu encalço, viu m uitos edifícios m aravilhosos, alguns de altura inacreditável, m as nenhum que parecesse feito de qualquer outra coisa que não tij olos de barro secos ao sol.

O desafio im ediato, entretanto, era se locom over em m eio aos m ovim entos im previsíveis da m ultidão. Mais de um a vez Mirina levou a m ão à faca em seu cinto por causa disso. Por sorte, a m aioria dos habitantes da cidade estava totalm ente entretida com os próprios afazeres: alguns carregavam ferram entas e escadas com o se fossem construir ou consertar um a casa, enquanto outros, com

certeza a cam inho do m ercado, iam pelas ruas conduzindo anim ais que m ugiam , baliam ou cacarej avam .

Havia, porém , pessoas com a clara intenção de negociar com quem passasse por ali. Algum as que vendiam adornos ou peças de roupas chegaram a ter a desfaçatez de enrolar suas m ercadorias no pescoço de Lilli, o que fez Mirina em purrá-las para longe. Outras ofereciam seus serviços em sussurros roucos antes de sum ir nos becos escuros. Não levou m uito tem po para a curiosidade de recém -chegada de Mirina se transform ar em desdém e desconfiança. Ela logo aprendeu a evitar contato visual com qualquer um que parecesse ocioso e a se esquivar sem pre que alguém se aproxim asse com um sorriso largo dem ais.

Não houve necessidade de explicar o que estava fazendo; Lilli entendeu por instinto. Deixou a irm ã conduzi-la em m eio ao tum ulto. Quando a rua enfim se alargou e elas puderam parar para recuperar o fôlego, a m enina trem ia da cabeça aos pés.

– Ai, Mirina! – exclam ou. – E pensar que este lugar existia o tem po todo...

com todas estas pessoas. Com o é incrível!

– Não sei o que tem de tão incrível... – com eçou Mirina, m as então se arrependeu das próprias palavras.

Havia esperado m uito que a irm ã recuperasse a habitual alegria de viver; não iria sufocá-la agora.

– Que cheiro horrível é esse? – Lilli tapou o nariz de noj o. – Que horror!

Elas estavam à beira de um a grande área aberta lotada de pessoas e anim ais.

A j ulgar pela presença de velhas conchas quebradas na areia batida, não fazia m uito tem po que aquele terreno inclinado tinha sido um litoral, ou talvez até um local em que os m ercadores atracavam suas em barcações. Para onde quer que Mirina se virasse, pilhas de m elões e m ontes de especiarias coloridas estavam dispostas sobre esteiras e gritos de agonia deixaram claro que anim ais eram abatidos bem ali, no m eio de tudo.

– É um m ercado – falou para Lilli. – Maior do que você pode im aginar. Mas tem tam bém ... – Ela se esticou para ver além da confusão. –... um a casa.

Im ensa. Com largos degraus na frente e colunas m uito altas feitas de pedra.

Enquanto elas serpenteavam pelo caos a cam inho da bela construção, Mirina sentiu um calafrio ao perceber que, acim a das altas colunas, havia um a sequência larga e colorida representando todas as fases lunares, com a lua cheia bem no m eio, acim a da porta colossal.

– Não tenho certeza – disse, parando. – Mas acho que talvez sej a aqui.

– Até que enfim ! – Lilli j ogou o corpo para a frente e para trás, ansiosa para prosseguir. – Por que param os?

– Nossa tarefa não é fácil.

Mirina olhou por cim a da horda de pessoas aglom eradas diante do tem plo; era óbvio que estavam ali em busca de aj uda. Nunca tinha visto tanta gente reunida em um só lugar.

– Vam os.

Puxando a irm ã pela m ão, avançou hesitante, tom ando cuidado para não incom odar os doentes deitados em esteiras ou as m ães esquálidas que tentavam consolar os filhos aos prantos. Mas não tinha ido m uito longe quando um a velha se levantou para im pedir sua passagem , fazendo algum com entário m aldoso em um a língua que ela não entendeu.

– Acho que tem os de esperar a nossa vez. – Mirina correu os olhos pelas poças fétidas. O m au cheiro era quase insuportável. – Essas pessoas estão aqui há m uitos dias. Mas não se preocupe. – Ela segurou Lilli com firm eza pelos om bros, decidindo que as duas não passariam sequer um a noite naquele lugar, cercadas por lam entos estridentes e feridas purulentas. – Vam os dar um j eito.

Puxando a irm ã consigo, afastou-se depressa da m ultidão para ver o que havia do outro lado do tem plo. Ficou intrigada ao descobrir um m uro alto que com eçava nos fundos da gigantesca construção de pedra e delim itava o que devia ser um conj unto de casas pertencentes ao com plexo sagrado. E m ais encoraj ador ainda: lá atrás, rodeadas por arbustos cheios de espinhos, duas altas palm eiras tinham crescido sem entraves, um a delas levem ente inclinada em direção ao m uro do tem plo. Era um a tentação irresistível para qualquer um com coração de caçador.

– E você pensando que os deuses estivessem contra nós – com entou Mirina, apoiando as costas na palm eira para testar sua força. – Ouça o que eu digo, eles estão do nosso lado. Se eu não estiver enganada, a Deusa da Lua acaba de nos abrir sua porta dos fundos. Agora fique aqui enquanto eu procuro alguém que nos aj ude.

Ela entregou sua lança e seu arco para Lilli e passou a bolsa pelos om bros.

O sol do m eio-dia era com o ouro a se derram ar no pátio do tem plo. Seu reflexo na piscina revestida com ladrilhos rebuscados proj etava nas paredes em volta um a m iríade de estrelas cintilantes, e as poucas m ulheres que descansavam nesse refúgio particular estavam quase todas adorm ecidas em esteiras à som bra das árvores plantadas em vasos, com as m angas dos com pridos vestidos brancos a cobrir com elegância os olhos. Por causa disso, foi preciso algum tem po para alguém reparar na silhueta de pé sobre o alto m uro do j ardim , com as m ãos erguidas em um a saudação.

– Venho trazendo am izade! – Mirina disse as palavras que havia escolhido para aquela ocasião.

Em bora não esperasse que ninguém a com preendesse, estava confiante de que o seu sorriso por si só bastaria para convencer aquelas m ulheres de suas intenções pacíficas. Aparentem ente, porém , tudo o que as m ulheres viram foi um a ladra im unda prestes a pular do m uro do j ardim para j unto delas, pois um ou dois segundos depois aquele lugar tranquilo explodiu em gritos de pânico.

– Não! Por favor...

Mirina chegou para o lado quando um a das m ulheres lhe atirou um a pedra.

Mas aquele braço delicado coberto pela fina m anga branca obviam ente não tinha prática naquilo, pois a pedra caiu dentro da piscina com um *plof* inofensivo.

Mesm o assim , Mirina decidiu sair daquela posição de risco. Correu alguns m etros, pulou para outro m uro m ais baixo e, de lá, para cim a de um a pilha de esteiras de palha no chão. Assim que recuperou o equilíbrio, tornou a erguer as m ãos, sorriu para as m ulheres e disse: – Vim em m issão de paz. Não estou arm ada. Esta coisinha aqui é só para caçar – falou, apontando para a faca no cinto. – Entenderam ?

Por algum m otivo, as m ulheres recom eçaram a gritar, e Mirina olhou em volta, nervosa, perguntando-se para que lado fugir. Tinha vários vãos escuros de porta entre os quais escolher... Mas não chegou a ter essa oportunidade.

Ouviu passos pesados e pessoas arfando em algum lugar atrás de si e, ao se virar, viu três hom ens im ensos se aproxim arem . Tentou se esquivar, m as dois deles j á tinham lançado cordas à sua volta com o se ela fosse um anim al selvagem . Debateu-se, tentando se soltar, m as o terceiro enfiou um saco em sua cabeça.

Enquanto a levavam em bora, ela tentou protestar em todos os idiom as que conhecia, explicando que estava ali por causa da irm ã, da pobre irm ã que aguardava lá fora ao sol. Mas o saco em poeirado encheu sua garganta de areia e as suas súplicas foram logo interrom pidas por violentos acessos de tosse.

Em seu desespero, Mirina não tinha com o prever aonde os hom ens a estavam levando. Am arrada e cega, tudo o que conseguiu deduzir, pelo som ao redor, foi que a carregaram por longos corredores cheios de m urm úrios, depois desceram um lance de escada e m ais outro... antes de finalm ente a largarem em um chão duro e frio e puxarem o saco de sua cabeça.

Piscando, Mirina tentou com preender onde se encontrava, m as antes que sua visão se acostum asse à luz fraca e trêm ula de um a única tocha, ela ouviu um pesado ruído de m etal deslizando sobre pedra. Os hom ens haviam destam pado um buraco negro no chão bem aos seus pés.

Ela tentou se afastar, m as não pôde. Antes disso, sem dizer nada, eles a em purraram .

Mirina despencou com um grito na escuridão.

CAPÍTULO NOVE

Esse canto do mundo agrada meus olhos mais do que qualquer outro.

Horácio, *Odes* DJERBA, TUNÍSIA Fui arrancada do sono pelo toque altíssim o de um telefone antiquado. O aparelho estava em cim a da m esa de cabeceira, a m eio m undo de distância.

– Alô? – balbuciei, ainda sem saber ao certo onde estava.

– Desculpe ligar tão cedo – disse a voz bem desperta do recepcionista do hotel. – Mas o Sr. Ahm ed j á chegou.

– Quem ?

Só então consegui em ergir, ainda que à força, do poço da sonolência. De acordo com m eu relógio de pulso, eu havia dorm ido pouco m ais de duas horas, e a luz tênue sobre o chão de laj otas averm elhadas confirm ava que, além do lim ite das venezianas, a escuridão tinha cedido lugar à aurora.

– O Sr. Ahm ed está esperando – insistiu a voz. – Ele disse para a senhora vir agora.

O hotel ainda parecia dorm ir quando cheguei ao pórtico, atordoada por m eu m uito necessitado descanso ter sido interrom pido tão cedo. Apesar da ordem para m e apressar, parei um instante para m e apoiar no corrim ão e inspirar a calm a do pátio lá em baixo. Um gato solitário passeava por entre os vasos de plantas, confiante e em silêncio. O único som a perturbar a paz m atinal era o débil sussurro de um a vassoura raspando em um piso de pedra.

Som ente então reparei na figura à espreita na colunata próxim a à área da recepção do outro lado do pátio, bem de frente para o m eu quarto. Usando um a roupa branca com prida e um turbante preso por um cordão, o hom em parecia m uito árabe, e senti certo tem or ao perceber que aquele devia ser Ahm ed.

Assim que desci a escada, ele veio im paciente na m inha direção, com o se eu o houvesse deixado esperando ali por horas. Sem saber com o agir, parei no m eio do pátio lutando contra um a onda de enj oo. Se aquele fosse m esm o Ahm ed, pensei, era difícil vinculá-lo ao elegante Sr. Ludwig e à óbvia prosperidade da Fundação Skolsky. Vista de perto, a brancura da túnica de Ahm ed estava com prom etida por um a profusão de m anchas e rasgos e, em relação ao suj eito em si, seus traços j á pouco m arcantes eram encobertos por um a barba preta m alcuidada e um par de óculos de plástico baratos.

– Dra. May o? – Ele m e estendeu a m ão encardida.

– Quem ? Ah... – Fiquei tão confusa que hesitei m ais tem po do que deveria.

Foram só um ou dois segundos, tenho certeza, m as tem po suficiente para Ahm ed retirar a m ão com um grunhido de consternação.

– Por aqui – disse ele, virando-se para ir em bora.

Abalada dem ais para perguntar o que quer que fosse, segui-o feito um robô pela área da recepção e, quando saím os pela porta da frente, o sol da m anhã m e fez piscar.

Do lado de fora do hotel, bem onde o táxi havia deixado o Sr. Ludwig e a m im na véspera, estava agora estacionada um a m onstruosidade que só poderia ser o j ipe de Ahm ed, se é que “j ipe” era m esm o a palavra certa para descrever aquele veículo.

– Por favor! – Provavelm ente m ais por im paciência do que por cavalheirism o, ele segurou a porta do carona para m im . – A senhora viaj a sem m uita bagagem . Isso é bom .

Encarei-o, protegendo os olhos com a m ão.

– Está dizendo que... nós não vam os voltar para o hotel?

Ainda que eu não conseguisse ver seus olhos através do plástico preto suj o, senti que ele m e encarava.

– John não avisou?

– John?

Subi m ais um pouco o zíper do m eu suéter.

– Sim . – Ahm ed hesitou, com o se ele tam bém estivesse subitam ente questionando a nossa associação. – John Ludwig. O hom em que a trouxe até aqui.

– Ah, claro!

Consegui recuperar um sorriso. O Sr. Ludwig. O hom em que havia m e prom etido o estrelato acadêm ico e 5 m il dólares.

– Em um dia bom , são doze horas de carro, e j á estam os atrasados – falou Ahm ed e usou a m anga para dar um a lim pada no banco do carona. – Então vam os!

Devo dizer que o com portam ento de m eu novo acom panhante j á tinha evoluído de form a considerável quando eu finalm ente saí do hotel trazendo m inha bagagem .

– Desculpe, m as não m e avisaram que a senhora chegaria tão tarde – disse ele, guardando um celular nas dobras da túnica encardida. – Me dê isso aqui... – Ele pegou m inha m ala e, com um a agilidade espantosa, j ogou-a na traseira do j ipe, por cim a do santantônio. – Pronta para partir?

Enquanto nos afastávam os do hotel, pensei na loucura de tudo aquilo. Se algum dia tivessem m e apresentado um questionário perguntando sobre a probabilidade de entrar em um carro com um desconhecido de etnia obscura traj ando andraj os e deixá-lo m e levar até um lugar secreto em um país estrangeiro, eu com certeza teria feito um x no quadradinho de “m uito im provável”.

No entanto, ali estava eu.

Apesar de ser outubro, o vento que soprava em m eu rosto e fustigava m eus cabelos estava quente e seco, tão diferente da um idade e do frio de Oxford que m e senti tão deslocada quanto se houvesse aterrissado na Tunísia em um a m áquina do tem po. Minha m ala feita às pressas continha basicam ente roupas para serem usadas em Am sterdã, com algum as peças m ais leves acrescentadas por puro otim ism o. Só que naquela m anhã, com a afobação, eu não tivera a presença de espírito de vestir nada além da m esm a calça j eans e suéter da véspera.

– Café? – Ahm ed levou a m ão até atrás de seu banco e pegou duas barras de cereais e um a garrafa térm ica surrada.

– Não sou m uito fã de café – respondi.

– Tom e. – Ele m e lançou em vez disso um a garrafa de água m ineral. – Lacrada da fábrica.

Enquanto eu com ia a barra de cereal, atravessam os a ponte que ligava a ilha de Dj erba à parte continental da Tunísia. Conform e nos em brenhávam os no interior do país e nos afastávam os da costa, a paisagem sofreu um a m udança radical. Sem o efeito am enizador do oceano e os valorosos esforços dos j ardineiros do hotel, a vegetação aos poucos foi se afogando em ondas de areia vindas do sul. Lavouras, bosques, pom ares... em bora dem asiado sutil para ser

discernida a olho nu, a m aré arenosa do deserto era im possível de deter, e as banquinhas de produtos à venda no acostam ento eram dom inadas por pedaços de arenito curiosam ente fascinantes, em diferentes form atos e tam anhos.

– São rosas de areia – explicou Ahm ed, ao ver que eu m e virava no banco para olhar. – Minerais. Elas se form am naturalm ente aqui. Os turistas gostam .

Fiquei quieta, absorvendo a vastidão do deserto à nossa volta e lem brando a m im m esm a que aquilo que eu podia ver era apenas um a gotinha infinitesim al no oceano de areia do Saara. Milhares de anos antes, aquelas regiões tinham sido férteis e abrigaram prósperas com unidades urbanas, m as a natureza havia lhes lançado um feitiço e posto tudo para dorm ir sob um cobertor de esquecim ento form ado por finos grãos que nenhum estudo, por m ais detalhado que fosse, poderia ter a esperança de rem over.

– O senhor se im porta se eu der um telefonem a rápido? – perguntei, depois de algum tem po.

– Contanto que não diga a ninguém onde está – respondeu Ahm ed. – E não pode usar o seu celular. Sob hipótese nenhum a. Tom e. – Ele equilibrou a xícara de café sobre o painel e enfiou a m ão dentro de um dos bolsos. – Use este aqui. É

um telefone por satélite, então vai ter algum delay.

Apesar da cam ada de suor e suj eira que o cobria, o telefone de Ahm ed m e proporcionou um a excelente conexão com a Inglaterra e com a única pessoa para quem eu sabia que precisava ligar: Jam es Moselane. Ele não só era insuperável na arte de fazer as coisas acontecerem na faculdade sem alertar as pessoas erradas, com o as palavras que dissera na soleira da m inha porta duas noites antes m e levaram a acreditar que se im portava m ais com a m inha segurança do que eu pensava até então.

Eu sabia, é claro, que Jam es não ficaria nada contente com o fato de eu ter viaj ado sem dizer nada, e senti um franco alívio quando a ligação caiu direto na caixa postal. Usando as palavras m ais leves possíveis, deixei um recado curto pedindo-lhe por favor, se não fosse m uito trabalho, que cancelasse as m inhas aulas e orientações daquela sem ana. De preferência sem que o professor Vandenbosch soubesse.

Quando devolvi o telefone a Ahm ed, notei algo parecido com um sorriso em algum ponto dentro do ninho de esquilo que era sua barba e decidi interpretar aquilo com o um a abertura para conversarm os.

– Mas m e diga, que tipo de hom em é esse Sr. Skolsky ? – perguntei.

– O Sr. Skolsky ? – Ahm ed tornou a atarraxar a tam pa da garrafa térm ica e a j ogou por cim a do om bro em direção à traseira do j ipe, onde ela aterrissou em m eio a um a pilha de cilindros de propano. – Não tenho a m enor ideia. Eu não o conheço.

Olhei para a paisagem desolada lá fora e vi um m enino tocando um rebanho de cabras por um deserto de sal.

– Mas o senhor trabalha para ele?

– Digam os apenas que ele m e contrata para... serviços especiais.

Ahm ed m e intrigava. Com seu visual de beduíno e seus m odos um tanto ocidentais, estava claro que ele era um tipo paradoxal. Tirando o sotaque, seu inglês tinha um a inform alidade suspeita. Na verdade, eu estava com eçando a desconfiar que ele não passava de um norte-am ericano excêntrico com predileção por se fantasiar, m as então seu telefone tocou e ele atendeu falando um árabe acelerado.

– Problem as? – atrevim e a perguntar depois que ele desligou.

– Quando se lida com o governo, com o é possível não ter? – resm ungou ele, tam borilando os dedos no volante. – Mas não, está tudo bem . Estam os só bolando um a estratégia em relação a onde cruzar a fronteira.

Sem m otivo específico, m inha pulsação com eçou a galopar.

– Que fronteira?

Ahm ed balançou a cabeça.

– Dra. May o, nós estam os na Tunísia indo na direção oeste. Ninguém ensina geografia naquela sua universidade chique?

Ao com pletar 10 anos, Rebecca ganhou de presente um quebra-cabeça gigante m ostrando o m apa-m úndi. Foi dado por um a tia divorciada que sem pre escolhia presentes um tanto perversos. Não teve perm issão para m ontá-lo em casa; aquela insanidade de m il peças ocuparia m uito espaço na m odesta residência paroquial.

Com o j á tínham os feito com tantos outros obj etos subversivos nos m eses anteriores, acabam os levando o j ogo para os aposentos de vovó no sótão.

Despej am os as peças no chão abaixo da j anela e com eçam os por separar as m argens. Quando a hora do j antar chegou, tudo o que tínham os conseguido m ontar eram os quatro cantos e uns poucos pedaços entre eles.

No dia seguinte, quando voltam os da escola, o quebra-cabeça estava sobre a m esa de j ogos no m eio do sótão, todo m ontado.

– Caram ba! – exclam ara Rebecca, levando a m ão à boca de form a graciosa e soando m uito com o a m ãe. – Foi a senhora sozinha, Sra. Morgan?

Am bas encaram os m inha avó: sentada em sua poltrona habitual, ela olhava pela j anela com um a expressão vazia, com um a das pernas cruzadas a chutar de m aneira distraída nada em especial. Um pouco chateada por ela ter privado Rebecca de m ontar o próprio presente de aniversário, falara: – Com o a senhora foi *capaz* de fazer isso?

Vovó dera de om bros.

– Foi fácil. Só que o m apa está errado...

– Não – dissera Rebecca, subindo em um a cadeira para adm irar de cim a o quebra-cabeça. – Está perfeito. Olhe só, Diana... ela fez até os oceanos!

Vovó se levantara e acenara com a tam pa da caixa.

– Está escrito aqui que é um m apa do m undo todo. Só que não é. – Ela gesticulara em direção ao quebra-cabeça. – Esse m undo está errado.

– É? – Rebecca estava intrigada. – Com o assim ?

Mesm o antes de vovó com eçar a form ular seu com entário, entendi que iríam

os escutar algum absurdo com plexo que m e deixaria sem graça. Eu não ligava para isso quando estávam os sozinhas, m as m e doía toda vez que via aquela expressão no rosto da m inha am iga: a expressão de extrem a boa educação que se tem ao ficar cara a cara com alguém insano.

– Em prim eiro lugar... – com eçara vovó, debruçando-se sobre o quebra-cabeça com o cenho franzido. – O que significa esta bobagem aqui?

Am bas acom panham os seu dedo.

– A senhora está falando... da Am érica? – perguntou Rebecca, com os olhos arregalados de espanto.

– Estou falando de tudo. – Ela fizera um gesto largo para indicar o Novo Mundo de m odo geral. – E isto... – Ela apontara para a Estátua da Liberdade. –...

deveria estar aqui.

Rebecca e eu seguim os a traj etória de seu dedo e a vim os situar o fam oso m onum ento na Argélia.

– Acho que não, Sra. Morgan – falara Rebecca com aquela sua voz segura que eu tanto invej ava. – Isso é o deserto do Saara, entende? Não acontece m uita coisa por lá. A m enos que eu estej a m uito enganada...

– E está! – Vovó se curvara para a frente de m odo abrupto, com o se desej asse parar algum a transform ação em curso no quebra-cabeça. – Isso tudo é um disfarce. Três cam elos e só? Que ridículo! Será que vocês não veem ? – Ela batera com o nó de um dedo na fronteira entre a Tunísia e a Argélia. – Nós nascem os aqui. Foi aqui que tudo com eçou.

– Tudo o quê? – indagara Rebecca, alheia ao fato de eu estar puxando sua m anga. – Está dizendo que a senhora nasceu na Argélia? A senhora não tem *cara* de argelina. Não que eu algum dia tenha *visto* um argelino...

Um espasm o de dor atravessou o sem blante de vovó. Rebecca, é claro, não sabia que a questão das origens da m inha avó era um tabu na fam ília, porque m eu avô, velho am argurado que era, levara tudo consigo para o túm ulo. A própria vovó, por sua vez, era tão confusa e instável que ninguém , exceto eu, se atrevia a lhe fazer qualquer pergunta direta. Qualquer que fosse o tem a, m eus pais sem

pre descartavam suas palavras, considerando-as “só coisa do rem édio”

ou “o que se poderia esperar de alguém que passou por *aquilo*”. Eles nunca se referiam de form a explícita à lobotom ia na m inha frente. Se eu não tivesse bisbilhotado com Rebecca e visto a palavra im pressa nos docum entos da escrivaninha do m eu pai naquele dia, anos depois, talvez j am ais tivesse sabido.

É triste, m as enquanto vovó ainda estava conosco eu nunca entendi por com pleto o m otivo de sua am nésia parcial, de seus tem ores repentinos e da infantilidade ocasional que tanto m e envergonhava. Para m im , aquilo era sobretudo questão de vontade: se ela quisesse m esm o *, é claro* que conseguiria se lem brar da própria infância. E eu quase chorava de frustração por haver tanta coisa que ela, no m eu entender, se recusava a com partilhar com igo.

De onde vinha tudo aquilo, aquela boca larga e aqueles olhos do m ar do Norte que m udavam de cor e que eu tão obviam ente herdara dela? Meu desej o m ais ardente era conseguir atrelar a narrativa de quem eu era a um a nação de pessoas iguaizinhas a nós – altas, sonhadoras, com os cabelos da cor do centeio m aduro – em vez de sentir, com o acontecia com frequência, que ela e eu éram os um a dupla de alienígenas desorientadas tentando se adaptar entre terráqueos de m ente lim itada.

– Eu acho que m e lem bro de estar aqui – falara vovó, exam inando m ais um a vez o quebra-cabeça de Rebecca. – Ela deixara um a das m ãos pairar acim a de Creta, depois acim a da Grécia continental, rem exendo os dedos com o quem tenta sentir algum a corrente invisível. – Ou talvez tenha sido aqui. – Sua m ão se m overa para o oeste da Turquia e prosseguira rum o ao norte em direção à Bulgária e à Rom ênia. – Eu usava roupas de pele. Um a vez, éram os onze crianças dividindo um único ovo. Tam bém m e lem bro...

– Ovo de quê? – Rebecca tivera de perguntar.

A pergunta tirou vovó de seu transe e ela olhou para nós duas com um a expressão desencantada.

– Não sei. De galinha, eu acho.

Quando tornei a abordar a questão naquela noite, enquanto a observava escovar os cabelos antes de ir dorm ir, vovó parecia ter esquecido por com pleto a conversa.

– Essa sua am iga é legal – foi só o que dissera, olhando-m e pelo espelho. – Mas fala dem ais. Não é um a caçadora.

Nunca m ais fiz progresso na investigação das raízes de vovó. Por m ais m apas e atlas diferentes que levasse até o sótão debaixo do m eu cardigã, tudo o que ela e eu conseguim os determ inar foi que o norte da África era, de m odo geral, um lugar absolutam ente subestim ado.

Um tapinha no braço m e despertou do cochilo e vi o celular de Ahm ed balançando à m inha frente.

– Para a senhora. Jam es Moselane.

Form igando de nervosism o, levei o aparelho ao ouvido.

– Mil desculpas por dar trabalho...

– Morg! – Pelo barulho, Jam es parecia estar ao ar livre, andando debaixo de um tem poral. – Devo entender então que você foi m esm o para Am sterdã?

A pergunta direta fez eu m e retrair. Minha vontade era responder “não”, m as eu sabia que isso provocaria outra pergunta que eu não tinha perm issão para responder. Em vez disso, falei: – Você acharia m uito ruim se eu lhe pedisse outro favor?

Ouvi um breve farfalhar, o baque de um a porta m etálica e então os ruídos inconfundíveis de aparelhos de ginástica deslizando e batendo.

– Seu desej o é um a ordem , m inha senhora – retrucou Jam es, com um tom que deixou claro que eu estava passando dos lim ites, m as que ele seria cavalheiro.

– Tem um aquário no m eu apartam ento – com ecei. – Esqueci de dizer no recado. Ele quase não precisa de cuidados...

– Pode continuar.

Pigarreei, consciente de que estava abusando.

– Tem um potinho de com ida para peixe na geladeira.

Expliquei rapidam ente m inha rotina de alim entação dos guppies do professor Larkin, torcendo para m eu tom anim ado aliviar o peso do pedido. Quando Jam es enfim se pronunciou, fiquei aliviada ao detectar um sorriso em sua voz.

– Confesso que estava esperando um a tarefa m ais arturiana. Por que não pedir aos seus alunos para cuidarem dos peixes? Assim eles ficariam entretidos até você voltar.

Nossa conversa se encerrou com um com entário bem -hum orado, m as m esm o assim fiquei m e sentindo péssim a. Havia algo em Jam es, um a espécie de integridade do Velho Mundo, que sem pre m e im pelia a ser totalm ente sincera com ele. Mas m esm o assim ali estava eu, m entindo e tirando vantagem de sua gentileza.

Eu havia até lhe contado sobre a doença de vovó certa vez, durante um café, em bora soubesse que isso poderia fazê-lo achar, com o eu própria às vezes achava, que os m eus genes estavam contam inados pela loucura. Com a som bra da traição de Federico ainda a m e seguir, eu tinha buscado abrigo em um a atitude de desafio. Não ligava m uito para m anter as aparências, nem m esm o com Jam es.

– Em um a escala de 1 a 10... – dissera eu, posicionando o crem e e o açúcar em extrem idades opostas de nossa pequena m esa no café. – Onde 10 é a loucura total, tipo assassino do m achado usando cam isa de força, e 1 som os você e eu, eu diria que m inha avó era quatro. – Posicionara m inha xícara de café de acordo com essa avaliação. – Quero dizer, no contexto geral, o único problem a dela era um a convicção absurda de que era um a guerreira am azona cham ada Kara. Ela não planej ava bom bardear o palácio de Buckingham nem nada...

– Bom , em prim eiro lugar... – Jam es se esticara para afastar ainda m ais o potinho de crem e, exalando um agradável cheiro de sândalo ao fazê-lo. – Eu protesto quanto a ser 1. Você m e perm ite ser zero?

Nossos olhares se cruzaram e, em algum lugar daquele sorriso, por baixo do verniz platônico, pude ver que Jam es sabia m uito bem que para m im ele era qualquer coisa, m enos um zero.

– Em segundo lugar – continuara ele, em purrando a própria xícara de café para a frente. – Infelizm ente eu acho que sua vovó vai ter de ser rebaixada para 3, de m odo a poderm os encaixar m eu tio Teddy, que era tão lelé que queria se casar

com o próprio cavalo e escreveu 29 cartas ao bispo argum entando a lógica dessa união. – A xícara de café de Jam es se aproxim ara da m inha. – Isso *sim* é um 4, Morg. – Ele tornara a se recostar na cadeira, com as pernas cruzadas no tornozelo. – E por que não 5?, você deve estar se perguntando. Bom , vej a bem , tio Teddy antes foi casado com um a m oça cham ada Charlotte...

Ao fim da narrativa de Jam es, a fam ília Moselane havia anexado todas as peças de louça disponíveis, e vovó fora relegada ao cinzeiro da m esa ao lado.

Nessa tarde, voltando para a faculdade, enfim reconheci que *estava* perdidam ente apaixonada por Jam es e que j am ais poderia haver outro hom em para m im , nem se eu vivesse cem anos sem receber sequer um beij o de boa-noite dele.

Chegam os à fronteira argelina ao m eio-dia. A j ulgar pela cam ada virgem de areia que cobria a estrada, fazia m uitas horas, quiçá dias, que ninguém passava ali. Foi então que entendi por que Ahm ed precisava de m ais do que um sim ples 4x4.

Quando nos aproxim am os do pequeno posto de fronteira, levei a m ão à bolsa para pegar m eu passaporte. Enquanto estava curvada revirando m inhas coisas na bolsa no chão, o carro de repente deu um a guinada para a esquerda e logo depois para a direita, fazendo m inha cabeça bater no porta-luvas.

– Ai! O que...

O posto de fronteira estava agora atrás de nós.

– Está tudo bem ? – indagou Ahm ed, sem parecer m uito preocupado.

– Não! – Girei o corpo para ele. – O senhor acabou de contornar aquela cancela!

Ele deu de om bros.

– Não tem ninguém lá. Está fechada.

– Mas nós não podem os sim plesm ente...

Eu m al sabia com o expressar m inha indignação. Com ecei a im aginar guardas de fronteira com m etralhadoras em punho.

– O quê? – Ele sequer olhou para m im . – A senhora quer m esm o dar m eia-volta, procurar outro posto de fronteira, solicitar um visto e aguardar dois dias? – Então m eneou a cabeça para o m eu passaporte. – Confie em m im , não é um tipo de carim bo que vá querer aí.

– Tam bém não quero passar vinte anos presa na Argélia.

Ahm ed m e lançou um sorriso largo que revelou um a dentição im pressionante.

– Pelo m enos ficaríam os lá j untos.

Não tive ideia do que responder. A situação era tão absurda que talvez o sarcasm o dele fosse com preensível. Atrás de nós havia um a construção abandonada grande com o o barracão de ferram entas do m eu pai. A única coisa que dem arcava a fronteira era um a cancela de 1,5 m etro de com prim ento com a qual ninguém se im portava o suficiente a ponto de pô-la em operação. Nenhum m uro, nada de cerca nem de aram e farpado...

Num piscar de olhos, m e vi aos 7 anos, voltando a pé sozinha da escola pela prim eira vez. É claro que fui encurralada por dois valentões sardentos que tinham levado um pito recente do m eu pai. Os dois se aproxim aram de m im , rindo e puxando m eu cabelo, e um deles usou um galho para desenhar um círculo à m inha volta na lam a.

– Fique aí, górgona! – ordenara ele. – Até a gente dizer que você pode sair.

Mesm o depois de os m eninos sum irem , rindo e disputando o galho, continuei com m edo de m e m exer. Dali a pouco com eçou a chover e a linha no chão se apagou, m as não tive certeza se isso significava que eu estava livre.

Foi nesse dia que fiz am izade com Rebecca, que estava um ano na m inha frente. Ela vinha descendo a rua saltitando e cantarolando e quase trom bou com igo ali, em pé no m eio da poça, agarrada à m ochila.

– Minha cara Srta. Morgan! – exclam ara com a voz alegre e aguda que sua m ãe sem pre usava com os paroquianos m ais velhos. – O que está fazendo do lado de fora neste tem po horrível? Vam os lá. – Ela m e pegara pela m ão e m e puxara do círculo j á invisível. – Olhe só com o você está... que lástim a!

A lem brança m e desagradou. Aparentem ente, aos 28 anos, eu ainda precisava

que outros m e tirassem de linhas desenhadas na areia por valentões distantes.

Ahm ed olhou de relance para m im , talvez pensando se o que m e causara tam anha repulsa tinha sido seu com entário im próprio.

– Caso a senhora não tenha percebido, estam os tentando apagar o seu rastro.

– Já reparei – retruquei, arrependida do arroubo. – Só não entendo por quê.

Talvez possa fazer a gentileza de m e esclarecer... Ahm ed. Posso cham á-lo pelo prim eiro nom e?

Ele se rem exeu no banco com um m ovim ento abrupto, com o se aquele tem a fosse m uito desconfortável.

– A senhora faz algum a ideia de com o o m ercado negro de antiguidades é grande? Sabe quantas pessoas estão envolvidas em escavações ilegais, saques a tum bas, pilhagem ? – Ele pegou o telefone e o deixou cair no m eu colo. – Por que não liga de novo para o seu nam orado? Ele pode lhe contar um a ou duas coisinhas sobre resgatar a história de outro povo.

Fiquei tão atônita que pensei que talvez não houvesse escutado direito.

– Você conhece o Jam es?

– Conheço a fam ília dele. Quem não conhece? Aliás, m eu nom e não é Ahm ed. É Nick Barrán. Pode m e cham ar de Nick.

Encarei-o, ainda sem saber o que dizer.

– Nick, apelido de Nicholas?

– Não foi à toa que eles lhe deram o título de doutora, hein?

Essa piadinha deu o tom do restante da nossa viagem . Ao longo das m uitas horas seguintes, abordei o tem a da Fundação Skolsky de todos os ângulos possíveis, m as sem sucesso. Em m atéria de táticas e gracinhas evasivas, Nick fazia até m esm o o Sr. Ludwig parecer um am ador.

No final das contas, decidi que não im portava. Afinal, antes de o dia term inar, a

tarefa daquele hom em irritante de m e transportar estaria term inada e eu enfim iria conhecer as pessoas que haviam m e escolhido e m e convidado a ir até lá.

Chegam os ao nosso destino m ais ou m enos um a hora depois do cair da noite. Eu j á tinha pegado no sono tem pos antes no banco do carona, usando a bolsa com o travesseiro, e acordei com fragm entos de conversa e o barulho de um portão m etálico se abrindo. A noite do deserto era m uito escura. Levei alguns instantes para distinguir vozes graves e as luzes fortes que percorriam m eu rosto.

Minha prim eira im pressão foi de que tínham os entrado em um estaleiro, pois estávam os cercados por contêineres e gruas, e hom ens de capacete e m acacão corriam para todo lado, guiados por refletores ofuscantes em postes de m etal.

Antes que eu pudesse perguntar a Nick onde estávam os, porém , um hom em de costeletas peludas com um a lanterna no capacete se aproxim ou para nos cum prim entar.

– Bem a tem po de j antar! – bradou ele com sotaque escocês. – Eu disse para o Eddie guardar algum as alm ôndegas. – Então se virou para m im e prosseguiu em um tom m ais educado. – Dra. May o? Sou Craig, o encarregado. – Ele apertou m inha m ão com cuidado, com o se tem esse esm agá-la com seu punho gigantesco. – Bem -vinda ao sítio de escavação de Tritônis.

– Na verdade, m eu nom e é Diana Morgan – falei, rouca de sono.

Meio perplexo, Craig olhou para Nick.

– Não se preocupe. – Sorri para os dois, abraçando a bolsa que continha o caderno de vovó. – Eu *sou* a pessoa de quem o senhor precisa.

CAPÍTULO DEZ

TEMPLO DA DEUSA DA LUA

Quando Mirina recobrou os sentidos, seu prim eiro pensam ento foi: *Lilli.*

Mas a irm ã não estava lá. Em vez disso, havia outra coisa na escuridão. Seus instintos lhe disseram que ela corria perigo. Ouviu um farfalhar... algo deslizando... um sibilo. Algo frio deslizou por cim a de seu tornozelo. Ela im aginou que fosse um a pequena víbora, m ais provavelm ente venenosa. Então outra, não tão pequena assim , passou bem j unto à sua orelha. Mordendo o lábio, Mirina forçou a si m esm a a não se m exer, a não respirar. Estava deitada sobre algo esponj oso. Seria um a pilha de gravetos e folhas em decom posição? O que quer que fosse, o cheiro pútrido lhe deu ânsia de vôm ito. Então a m em ória enfim lhe voltou: os guardas do tem plo a tinham j ogado dentro de um fosso.

Muito devagar, em total silêncio, ela com eçou a soltar os braços das cordas.

Por sorte, os hom ens estavam com pressa dem ais para dar nós de verdade.

Decerto im aginavam que ela m orreria na queda, e ela poderia m uito bem ter quebrado todos os ossos do corpo, j á que, a j ulgar pela débil tram a de luz que entrava pela grade m etálica lá em cim a, o fosso era fundo feito um poço d'água – na verdade, provavelm ente era *mesmo* um velho poço agora seco.

Mirina reprim iu um calafrio de fúria e sofrim ento. Fúria contra os hom ens que a haviam tratado feito um anim al; sofrim ento ao pensar em Lilli à sua espera, assustada e sob o sol escaldante. Até m esm o a dor que latej ava em suas costas devido à queda brutal perdia a força se com parada a isso.

Bem nessa hora, os sibilos cessaram . Ela prendeu a respiração e, por alguns segundos, tudo foi silêncio. As pequenas víboras se foram . A garganta de Mirina se contraiu de apreensão. Outra coisa se aproxim ava.

Ela apurou os ouvidos e por fim escutou: um corpo pesado deslizando sobre pedra.

Puxou a faca do cinto e se preparou. Se a sua suposição estivesse certa, o anim al que agora contornava a parede externa do fosso à procura de um a entrada era

um a cobra grande, do tipo que se enrola nas vítim as e as sufoca antes de engoli-las inteiras. No seu povoado, a cada dois anos ou algo assim , alguém m orria dessa m aneira horrenda. Mirina ainda se lem brava do terror provocado pelo sum iço do filho de um vizinho. Dias depois, a barriga de um a cobra gigante foi aberta revelou o cadáver pálido do m enino.

Demônios da lama, era com o os habitantes do povoado cham avam aquelas criaturas. A cada prim avera, os anciãos iam até a fonte em um a longa procissão, com tam bores, canções e galhos de árvores floridos im plorar paz a esse antigo m al.

Desde m uito pequena, Mirina desconfiava que a cerim ônia fosse em vão.

Não porque as cobras não escutassem , m as porque se im portar com aquilo não fazia parte da natureza delas. Seu pai tinha lhe dito isso, assim com o dissera tantas outras coisas em suas saídas pela m ata. Cobras não tinham o respeito do caçador pela presa, explicara ele quando Mirina havia chorado por causa de um filhote de cervo; répteis não eram capazes de m isericórdia. Eles não sentiam nem am or nem ódio; eram desprovidos de em oção.

E para com batê-los era preciso tam bém pôr de lado qualquer em oção.

Mirina se levantou, ergueu os braços acim a da cabeça e ficou esperando a serpente encontrá-la. Se houvesse m ais luz dentro do fosso, talvez tivesse se posicionado m elhor. Mas ali os seus olhos de nada valiam . Ela só podia confiar nos ouvidos e na faca em sua m ão.

No entanto, por m ais coraj osa que fosse, Mirina quase desm aiou de terror quando a cobra enfim conseguiu penetrar aquele espaço fechado. Havia se preparado para a sensação das escam as frias e lisas em sua pele, m as não para o tam anho colossal do bicho. Quando a cobra com eçou a se enroscar e a subir por suas pernas e coxas, o sim ples peso de seu corpo a fez cair aj oelhada com um grunhido.

Mirina enfiou a faca no corpo rígido que agora a envolvia na cintura. No início, a lâm ina sequer penetrou o couro grosso e escam oso, m as o desespero aum entou sua força, e ela logo pôde sentir a cobra reagir. O anim al parou com o se estivesse confuso, e então, à débil luz vinda de cim a, Mirina viu o clarão de um a bocarra m edonha antes de esta se fechar com um m ovim ento rápido em volta de seu braço esquerdo.

Aos gritos, ela se pôs a golpear a cabeça da cobra, m irando nos olhos. A dor em seu braço era tão avassaladora que ela m al conseguia saber se estava causando algum dano ao anim al. No final, a cobra deu um tranco violento, fazendo Mirina perder o que lhe restava de equilíbrio. Presa por aquele corpo im enso, desabou no chão e sentiu o ar ser esprem ido para fora de seu peito, enquanto a faca escorregava de sua m ão.

Ela estava m orrendo.

Mas continuava respirando. Apesar de todo o peso da cobra gigantesca a esm agá-la, o anim al j á não a apertava.

Mirina precisou fazer um esforço im enso para conseguir se m over, m as as m andíbulas do terrível m onstro haviam se aberto com sua m orte e, com cuidado, ela conseguiu libertar o braço daqueles dentes pontiagudos. Então, centím etro por centím etro, m exeu-se até se desvencilhar, liberando as pernas e os pés.

Tivera sorte, pois em bora seu braço latej asse e estivesse pegaj oso de sangue, não era um sangram ento incontrolável e seu osso não se quebrara...

Mirina estava ocupada dem ais exam inando as próprias feridas, de form a que não percebeu nenhum a m ovim entação lá em cim a até que de repente a grade de m etal foi arrastada. Ergueu o rosto e viu um a tocha trem eluzente e duas pessoas com expressão de repulsa. Então veio um a enxurrada de acusações em um a língua que ela não com preendeu e um vislum bre do que parecia ser sua bolsa de viagem , segura por um punho carnudo e sacudida com violência no ar. Lutando contra o im pulso de gritar com os guardas, Mirina se levantou, com o braço sangrando, pousou um dos pés sobre o corpanzil que acabara de abater e ergueu as palm as em gesto de am izade.

– Me tirem daqui e eu lhes conto tudo – falou na língua antiga, com a voz falhando diante da enorm e necessidade de que seus captores a entendessem .

Por uns poucos e terríveis instantes, os hom ens sum iram de vista e Mirina tem eu que fossem em bora outra vez. Então algo desceu chicoteando lá de cim a, e a ponta am arrada com um nó parou com um tranco bem na sua frente.

Um a corda.

Quando os hom ens tiraram o saco em poeirado de sua cabeça pela segunda vez,

Mirina sentiu alívio ao ver que estava dentro de um grande recinto no tem plo, cuj o telhado alto era sustentado por im ensas colunas. Não havia j anelas nem luz natural onde quer que fosse; o lugar era ilum inado por um sem -núm ero de pontos de fogo que ardiam em recipientes sustentados no alto por três varas. Mirina levou algum tem po para discernir as pessoas ali reunidas, que a encaravam através das som bras dançantes.

Com o eram todas m ulheres e usavam os m esm os vestidos brancos e exibiam a m esm a expressão horrorizada, Mirina supôs que fossem sacerdotisas que serviam à Deusa da Lua e não estavam acostum adas a ver sangue e contusões. O

que a confundiu foram os arcos e alj avas presos às suas costas, pois nenhum a delas lhe parecia ter a postura de um a arqueira.

Seus pensam entos desgovernados foram interrom pidos por um a voz autoritária vinda de cim a. Após alguns instantes de desorientação e vários cutucões im pacientes dos hom ens em pé atrás dela, Mirina se virou e viu a tem ível m ulher em um a cadeira feita com esm ero no alto de um a plataform a de pedra. Adivinhando que estava diante da sum a sacerdotisa, inclinou a cabeça em sinal de respeito. Teria se aj oelhado tam bém , m as os hom ens a tinham am arrado apertado dem ais para isso.

– Você é acusada de invadir o tem plo – com eçou a m ulher com perfeita fluência na língua antiga. – E possivelm ente de ser um a assassina. Entende qual é a punição para esses crim es?

Assustada dem ais para responder, Mirina fez que não com a cabeça.

– Se não m e responder, serei obrigada a concluir que é culpada – continuou a m ulher. – E terei de entregá-la às autoridades da cidade... algo que preferiria evitar.

Ela ergueu um pequeno obj eto e, só quando este cintilou à luz dos fogos acesos, Mirina reconheceu o bracelete da m ãe. Então, de repente, tudo com eçou a fazer sentido: os hom ens acenando furiosam ente acim a do fosso com sua bolsa de viagem , depois puxando-a lá de baixo para ser interrogada.

Ela não foi a única a reconhecer a pulseira: a sim ples visão da j oia provocou um arquej o coletivo nas sacerdotisas.

– Então m e diga: com o conseguiu isto? – continuou a sum a sacerdotisa, com a

voz m ais grave do que antes.

Mirina endireitou sua postura.

– Era da m inha m ãe. Ela usou esse bracelete todos os dias de sua vida.

Assim que as palavras ecoaram no recinto vazio, foram seguidas por m urm úrios de incom preensão. Som ente aí, ao ver as sacerdotisas virando-se para um lado e para o outro em busca de explicação, Mirina notou que todas usavam adornos iguais àquele.

– Silêncio! – ordenou a sum a sacerdotisa, correndo os olhos severos pelo recinto antes de se virar para Mirina outra vez. – Qual era o nom e da sua m ãe?

– Talla.

– Talla? – A m ulher se inclinou para a frente, segurando-se com força nos braços do trono. – Você é filha de Talla e m esm o assim se atreve a voltar aqui?

Ao sentir os hom ens se agitarem atrás dela, com o a se preparar para levá-la em bora outra vez, Mirina foi tom ada pelo m edo.

– Por favor! – exclam ou ela. – Eu vim aqui porque m inha m ãe sem pre m e dizia que nós pertencíam os à Deusa da Lua. Ela serviu fielm ente à deusa durante toda a vida...

A sum a sacerdotisa se levantou de supetão.

– Talla violou as regas deste tem plo. Ela se uniu a um hom em e foi m aculada.

Se não tivesse fugido, teria sido atirada no fosso, exatam ente com o você.

Mirina ficou grata por as cordas a m anterem de pé.

– Eu com preendo – falou, fazendo força para articular as palavras. – Joguem -m e de novo no fosso se for preciso, m as por favor... – Ela ergueu os olhos para a sum a sacerdotisa. –... por favor, tenham piedade da m inha irm ãzinha. Ela passou esse tem po todo esperando por m im lá fora. Está cega e não tem o que com er.

Mirina tentou novam ente dobrar os j oelhos, m as não conseguiu.

– Se tirarem estas cordas, eu m e aj oelharei para im plorar à senhora.

A sum a sacerdotisa desceu os degraus de pedra com um a dignidade contida.

– Diga-m e – falou, parando em frente a Mirina. – O que leva um a j ovem a invadir um tem plo? – Ela estendeu a m ão e tocou a m ordida ensanguentada em seu braço. – A sofrer tam anha agonia?

– Eu sou um a irm ã – falou Mirina, reprim indo um arrepio de dor. – É isso que m e m ove. Vim aqui na esperança de que a Deusa curasse os olhos de Lilli...

Agora vej o que fui ingênua e que o m eu erro vai prej udicar m inha irm ã ainda m ais. É essa a m inha agonia.

A sum a sacerdotisa avaliou seu rosto por algum tem po.

– Sua coragem m e intriga. Os eunucos m e disseram que você m atou um m onstro, é verdade?

– Sou um a caçadora – respondeu Mirina. – É isso que eu faço.

Um débil sorriso de adm iração repuxou os cantos da boca da sum a sacerdotisa.

– A m aioria dos hom ens diria que m ulheres não podem ser caçadoras.

– Os hom ens das aldeias podem dizer isso. – Mirina ergueu o queixo. – Mas outros afirm am que as m ulheres são as m elhores caçadoras, pois são ágeis, silenciosas e pacientes. – Ela se controlou e acrescentou, m ais hum ilde: – Meu pai é nôm ade. Ele m e ensinou a caçar.

A sum a sacerdotisa franziu o cenho.

– Onde está seu pai agora?

Mirina desviou os olhos.

– Ele costum ava ir e vir, com o fazem os nôm ades. Sem pre dizia que viaj aríam os o m undo j untos quando eu estivesse crescida. Só que... acho que os nôm ades m udam de rota, e ele parou de aparecer.

A sum a sacerdotisa m eneou a cabeça devagar.

– Quantos hom ens você am ou?

Mirina ficou tão espantada com a pergunta que quase esqueceu o m edo.

– Nenhum . Eu nunca am ei ninguém . Só m inha fam ília.

– Não foi isso que eu quis dizer...

– Entendi o que a senhora quis dizer – garantiu Mirina. – E a resposta é nenhum . Não gosto de hom ens, e eles têm a gentileza de m e corresponder na m esm a m oeda. Nenhum hom em quer um a m ulher que corra m ais rápido ou dispare setas com precisão m aior do que a sua.

A sum a sacerdotisa ficou parada sem dizer nada por algum tem po. Então se virou e retornou com extrem a graciosidade à sua cadeira no alto.

O silêncio tom ou conta do recinto. Todos estavam ansiosos para saber qual seria a sentença final; até m esm o os três eunucos se m antiveram estranham ente im óveis, com os braços im ensos inertes j unto ao corpo.

Recostando-se no trono de pedra, a sum a sacerdotisa dem orou tanto refletindo sobre a situação que Mirina se perguntou se iria dizer algum a coisa.

Então, por fim , veio o veredito.

– Em todos os m eus anos, nunca vi um caso tão claro de intervenção divina – disse ela. – Pela infinita j ustiça da Deusa, você sofreu e sobreviveu à punição de sua m ãe, lavando assim a culpa de am bas. E depois de ouvi-la defender sua irm ã... – Ela olhou para as sacerdotisas silenciosas. –... eu diria que você passou em todos os testes de dignidade. O que m e dizem , filhas da Deusa? Não concordam ?

Houve um zum -zum de aprovação relutante.

Estalando os dedos para os eunucos, a sum a sacerdotisa os m andou enfim desam arrar Mirina.

– Sua coragem a salvou – disse ela, sorrindo da própria benevolência. – Salvou

você *e* sua irm ã. Esta noite, quando a lua nascer, vam os acolhê-la em nossa irm andade fem inina.

Livre das cordas, Mirina cam baleou para a frente.

– Está querendo dizer...

A sum a sacerdotisa aquiesceu.

– Vai ser um a de nós. Na verdade, acredito que j á sej a. – O sorriso deu lugar a um a expressão severa. – Ser sacerdotisa não é um a vocação fácil. Você viu a m ultidão revolta lá fora. A terra está secando e as pessoas estão m orrendo de fom e. Não se passa um m ês sem a notícia de piratas saqueando o litoral.

Vivem os tem pos desesperadores... – Ela fez um gesto de lam ento em direção ao círculo de sacerdotisas. – E som os poucas para todas as tarefas que precisam ser cum pridas.

– Pelo bem da m inha irm ã, eu vou tentar – falou Mirina. – Mas nunca agradei a ninguém com m eu canto.

A sum a sacerdotisa balançou a cabeça.

– Não é para isso que você está aqui. A Deusa a cham ou até o tem plo para nos fazer sentir vergonha. Sua força, sua coragem , sua habilidade com as arm as... – Ela fez outro gesto em direção às sacerdotisas, dessa vez acusador. – Olhe só para nós! Som os m eras som bras das nobres figuras de outrora. Nós nos dizem os generais do exército da Deusa da Lua, m as na verdade estou cercada de preguiçosas tolas e com ilonas, incapazes de m anej ar um arco para salvar este tem plo!

Com um ar de repulsa, ela se deixou cair recostada no trono.

Mirina pôde sentir os olhares ressentidos vindos de todos os lados. Ficou desesperada para dizer algum a coisa e de algum m odo abrandar aquela censura, m as não se atreveu a correr esse risco. Lilli continuava lá fora e, quanto antes as coisas chegassem a um a conclusão, m elhor.

– Agora vam os todas agradecer à Deusa... – prosseguiu a sum a sacerdotisa, abrindo os braços e fazendo as m angas largas da roupa se abrirem feito as asas

de um a fênix. – Obrigada, gentil senhora, por ter nos m andado esta j ovem para nos treinar. Por favor, aj ude-a a elim inar nossas tolices e fraquezas, para que possam os m ontar guarda outra vez ao redor de sua radiosa m aj estade com nossos arcos tesos.

CAPÍTULO ONZE

Houve um tempo em que existiu, nas partes ocidentais da Líbia, nos confins do mundo habitado, uma raça governada por mulheres cujo modo de vida era diferente daquele que prevalece entre nós.

Diodoro da Sicília, *Biblioteca Histórica* ARGÉLIA Minha prim eira noite na escavação de Tritônis foi decepcionante. Não levei m uito tem po para perceber que não havia nenhum com itê de boas-vindas à m inha espera com cham panhe e rosas; Nick parecia ser o único representante da Skolsky no local.

Após um a refeição m orna no refeitório vazio, Craig, o encarregado, m e levou até a m inúscula cabine que seria o m eu lar naquela sem ana. Foi um alívio enfim ficar sozinha. Mal esperei a porta se fechar atrás dele para pegar o caderno de vovó. Apesar da m inha exaustão, estava decidida a seguir trabalhando nele e sabia que o passo seguinte deveria ser organizar os sím bolos desconhecidos em algum tipo de ordem alfabética. Mas a luz azulada da lâm pada de teto que zum bia não facilitou em nada a m inha tarefa. Munida de um tim er, ela m e obrigava a levantar e puxar um a cordinha de contas plásticas m ais ou m enos de dois em dois m inutos e, depois de fazer isso no m ínim o cinquenta vezes sem avançar m uito no caderno, acabei desistindo e fui m e deitar.

Na m anhã seguinte, logo depois do café, saí do refeitório e dei de cara com Craig e Nick à m inha espera com três cam elos. O céu ainda estava escuro, m as clarões roxos e alaranj ados no leste do horizonte sugeriam que o sol estava a cam inho. O ar m atinal estava fresco e agradável; desconfiei que o calor logo fosse aum entar.

– Espero que tenha trazido o seu chicote – disse Craig, rom pendo o silêncio. – Nós fecham os a escavação para veículos m otorizados.

Ergui os olhos para os cam elos, que tinham um ar solene de tédio.

– Desconfio que um chicote não sej a o m elhor j eito de cair nas boas graças de um bicho desses.

Craig sorriu para Nick.

– Viu? Ela não é tão sem noção quanto você pensa.

Instantes depois, partim os. Fiquei feliz ao descobrir que os orgulhosos quadrúpedes cam inhavam em um ritm o regular e cheio de indiferença que m e perm itia m anter a cabeça erguida e adm irar a paisagem . À nossa volta, o deserto m udava aos poucos de cor. Conform e o sol subia no céu, a areia se acendia com o se fosse um a im ensa bandej a de brasas, até se incendiar com o prim eiro toque da aurora. Sentada no cam elo, balançando-m e para a frente e para trás, senti que assistia de um lugar privilegiado a um gigantesco teatro de som bras nas dunas: para cada vulto claro e m ontanhoso, um reflexo negro distorcido se form ava com o contraparte, m as os m inutos faziam esses lagos de negrum e encolherem até se transform arem em poças, depois em filetes, e por fim em nada, conform e o sol ia tom ando posse do m undo por com pleto.

O espetáculo do nascer do sol no Saara, porém , foi logo m aculado pelos vestígios da atividade hum ana. Quando passam os a crista da duna e olham os lá para baixo em direção a um a grande bacia de areia, deparam os com equipam entos de perfuração espalhados e um a torre de m etal caída. No m eio de tudo aquilo havia um a barraca m arrom de beduíno com dois cavalos am arrados na frente.

– Encontram os a construção quando estávam os tentando determ inar o m elhor ponto de instalação para a torre – explicou Craig enquanto descíam os em direção à barraca solitária. – Fica bem abaixo de onde estam os, a uns poucos m etros de profundidade, m as por algum m otivo nossos equipam entos de im agem não a detectaram ... interpretaram tudo apenas com o sedim ento no leito do velho lago.

– Aqui tinha um lago? – Olhei em volta e tentei im aginar um corpo hídrico naquela paisagem seca.

– Ah, tinha sim – respondeu Craig, aquiescendo. – Provavelm ente um m ar interior que cobria partes da Argélia e da Tunísia e se ligava ao Mediterrâneo por algum a espécie de canal. Dá para ver o form ato dele em um m apa de paleo-hidrologia. Mas isso faz m ilhares de anos. Com o tem po, o m ar virou lago, o lago virou pântano e o pântano virou deserto. – Ele deu um sorriso irônico. – Os clim as m udam ; sem pre foi assim , e não há nada que possam os fazer em

relação a isso.

Quem m anda é o chefão lá de cim a – falou, apontando para o céu.

Quando chegam os perto da barraca, dois hom ens saíram lá dentro para nos cum prim entar. Usavam traj es param ilitares e não pude deixar de reparar em suas arm as de tam anho considerável. Em bora am bos tivessem cum prim entado Nick e Craig com sorrisos e curvado a cabeça para m im com educação, tive a sensação de que eram hom ens que, caso achassem necessário, não pensariam duas vezes antes de ferir alguém ; na verdade, talvez até gostassem da ideia.

A barraca beduína acabou se revelando nem tanto um abrigo para os guardas, m as sim um disfarce para nosso acesso ao subterrâneo. À prim eira vista, parecia haver um grande barril de aço bem no m eio do chão da barraca; só quando m e curvei para espiar lá dentro foi que percebi que o barril não tinha fundo. Era um buraco de form ato circular perfeito, com 60 centím etros de largura, e levei alguns instantes para entender que era para lá que estávam os indo: iríam os descer por um duto im provisado no m eio de um oceano de areia.

Ergui a cabeça pronta para expressar m inha preocupação com o fato de ter sido levada até ali sem ser alertada quanto aos perigos potenciais daquele últim o estágio. Nick, porém , j á estava m e estendendo um a lanterna para prender na cabeça e um cinto, e até m esm o Craig parecia estar se com portando com o se entrar e sair do subsolo por um canudo gigante fosse um a coisa perfeitam ente norm al.

– Não se preocupe – disse-m e ele, prendendo o cinto em m im com gestos seguros. – Eu vou na frente e pego você. Tom e aqui. – Ele prendeu um elástico em volta da m inha cabeça e posicionou um a m áscara protetora sobre m inha boca e m eu nariz. – É só se lem brar de respirar devagar. Vai se acostum ar rapidinho.

“Me acostum ar com quê?”, eu quis perguntar, m as Craig j á tinha passado um a das pernas por cim a da borda do tubo de aço e, sem dizer m ais nada, desapareceu na escuridão.

Sentindo-m e estranha, com o se fosse um a sim ples espectadora boquiaberta de m eu próprio núm ero de circo, deixei Nick e os guardas m e aj udarem a entrar no tubo e colocarem um capacete de segurança na m inha cabeça, com o se aquilo de fato fosse fazer diferença. Quando dei por m im , eles j á tinham m e

baixado para dentro do tubo e, por algum tem po, não consegui ouvir nada a não ser os rangidos perturbadores da corda presa ao m eu cinto e m inha respiração descom passada de pânico, am plificada pela m áscara e pelo m etal em volta.

Então, do nada, eu estava totalm ente dentro do tubo e todos os sons conhecidos se dissiparam dentro de um vazio im enso e frio. Fiquei pendurada feito um a isca em um anzol, perguntando-m e que m onstros estariam à espreita naquele m undo escuro e esquecido.

Certa vez, durante um j antar de dom ingo, vovó entrou em transe olhando para o em padão de frango. Minha m ãe teve de pedir a ela três vezes que lhe passasse o sal e só então ela despertou e m e encarou por cim a da m esa.

– Está tudo lá – dissera ela, com o se estivesse respondendo a um a pergunta m inha. – Debaixo da superfície. Basta encontrar.

– Calculei três pedaços de frango por pessoa – interrom pera m inha m ãe, pegando o saleiro com um m uxoxo de irritação. – Estão bem distribuídos dentro do em padão.

– Eles acham que sum iu, m as não – continuara vovó, ainda com os olhos cinza-azulados presos aos m eus. – Acham que podem destruir tudo e que nós vam os esquecer, m as não. É esse o grande erro deles.

Som ente então m e ocorrera que ela devia estar se referindo aos recortes de j ornal que m eu pai havia retirado pouco tem po antes das paredes de seu quarto no sótão. Por eu ser criança, o arquivo cada vez m ais rico de recortes de vovó m e parecia um a construção gradual, nada preocupante. Sem pre que eu lhe trazia um dos j ornais descartados por m eus pais, um ou dois recortes se som avam à coleção e acabavam pregados nas paredes com gotas de cola escolar.

– Sobre o que eles falam ? – eu lhe perguntara um a ou duas vezes. – Todos esses artigos?

A resposta de vovó fora apontar para um recorte recente ainda em cim a da m esa. A m anchete dizia ESCRITORA FOGE DE PRISÃO DOMICILIAR. Li o texto duas vezes, com cuidado, m as não vi ligação algum a com m inha avó nem com qualquer outro conhecido.

Ao notar m inha incom preensão, vovó sorrira daquele seu j eito infantil e

sussurrara: – Am azonas! – Então se pusera a andar pelo côm odo e apontar para os recortes pregados nas paredes, um depois do outro. – Am azonas – ia repetindo, com a voz cada vez m ais segura. – Am azonas.

Eu parara diante de um recorte pregado um pouco m ais baixo do que os outros. O título dizia KHANABAD: APEDREJAMENTO TERMINA EM

TUMULTO, e havia um a im agem em preto e branco de hom ens e m ulheres de véu atrás de algum tipo de barricada, protegendo a cabeça com os braços.

– Essas m ulheres são am azonas? – perguntara, louca para entender.

Vovó chegara ao m eu lado, m as tudo o que fez foi dar um m uxoxo de repulsa.

– Não! Essas m ulheres são tão ruins quanto os hom ens! Mas elas tiveram o que m ereciam . Olhe só para elas!

– Mas... – Eu não sabia o que pensar. – O que significa “apedrej am ento”?

Naquele exato instante, um a súbita raj ada varreu o aposento, e os recortes de j ornal esvoaçaram com o folhas secas.

Quando olhei para trás, vi m inha m ãe em pé no vão da porta, com a m ão a tapar a boca em um a expressão de silêncio horrorizado. Dez m inutos depois, m eu pai apareceu com um balde e rem oveu todos os pedaços de papel sem dizer nada, deixando apenas um a constelação de pontinhos de cola seca. Não nos olhou sequer um a vez ao fazer isso; eu nunca o vira tão pálido nem tão abalado.

Vovó ficara apenas assistindo enquanto o seu acervo cuidadosam ente reunido de atividades im aginárias das am azonas era desm antelado e levado em bora, e a cada recorte que sum ia seu rosto endurecia m ais um pouco.

Em bora vários dias tivessem transcorrido desde o incidente, os olhos de vovó ainda estavam cheios de ressentim ento, e fora só a contragosto que ela havia aceitado descer para j antar conosco no dom ingo, decerto por saber que, caso contrário, não com eria.

– Suponho que estej a gostando da com ida – com entara m inha m ãe por fim , incapaz de deixar passar um a oportunidade de pontuar os m aus m odos da sogra.

Em um acesso incom um de lucidez, vovó respondera na hora, com um a voz tão cheia de ódio que espalhou um frio pela sala: – Regra núm ero três: j am ais suponha.

Minha m ãe não disse m ais nada sobre o assunto, o que era com preensível, m as o olhar que lançou a m eu pai bastou para fazer a com ida entalar na m inha garganta. Mais tarde naquela noite, eu m e sentara na escada com o sem pre fazia e ouvi m eus pais baterem boca na sala. Na verdade não chegou a ser um bate-boca, nunca chegava, pois a m aioria das participações do m eu pai tom ava a form a de suspiros profundos e passos nervosos para lá e para cá.

– Isso não pode continuar! – dizia e repetia m inha m ãe, cada vez m ais desesperada. – Tem os que pensar em Diana. Eu não posso m ais aturar esse com portam ento obsessivo. Só Deus sabe o que ela encontrou naqueles j ornais.

Você pode por favor *dizer* algum a coisa, Vincent?

Quando os dois finalm ente se calaram , ouvi o inconfundível rangido da porta do sótão e entendi que vovó tam bém estivera escutando. Mesm o triste e com frio, eu quis m uito subir e reconfortá-la, m as tive m edo de que isso só fosse deixar m inha m ãe ainda m ais chateada caso descobrisse que eu não estava na cam a.

Na m esm a noite, enquanto eu estava deitada no escuro, m as acordada, m inha m ãe entrou no m eu quarto. Deve ter achado que eu estava dorm indo, pois m eus olhos estavam fechados. Curvou-se para m e dar um beij o e sussurrar j unto à m inha testa: – Eu nunca vou deixar nada de ruim acontecer a você.

Desse m om ento em diante, vivi num m edo constante de perder vovó. Talvez um dia, m uito em breve, pensava, chegasse em casa da escola e não a encontrasse m ais. Então m eus pais se recusariam a m e dizer onde ela estava.

Pensariam que, tirando-a do m eu m undo, conseguiriam elim inar sua influência sobre m im . Para eles, o silêncio sem pre tinha sido um a cura para todos os m ales, e eles o aplicavam em doses generosas sem pre que necessário, em geral com igo.

Foi o grande erro deles.

Pendurada em um a corda em algum lugar abaixo da superfície do deserto

argelino, eu estava tão absorta em m eus m edos prim itivos que, quando algo agarrou m inhas pernas, gritei de susto.

– Sou só eu! – disse Craig, a voz am plificada pelo eco enquanto m e punha no chão e soltava m eu cinto. – O bicho-papão ligou dizendo que estava doente.

Enquanto eu m e esforçava ao m áxim o para respirar com calm a naquele ar frio e estagnado, Craig acendeu um a lanterna. A luz fantasm agórica revelou que estávam os em pé em um recinto tão enorm e que eu não conseguia ver as paredes. Aqui e ali havia pilhas de areia que deviam ter entrado por rachaduras no teto antes do dia em que a construção inteira fora tragada pelo deserto.

– Que incrível – falei. Minha voz transm itiu exatam ente o m edo que eu sentia e pareceu reverberar pela escuridão durante m uito tem po. – Nem acredito que a pressão da areia não fez tudo desabar.

– É espantoso, m esm o – concordou Craig. – Mas o nosso m inerologista deu um a boa explicação. Tem algo a ver com a concentração de sal na areia.

Dependendo das condições clim áticas, ela form a um a crosta. Nesse caso, parece ter form ado um a parede de contenção. Cuidado!

Saím os os dois da frente quando Nick se j untou a nós. Ele desceu pela corda feito um m acaco, com o se nunca tivesse usado um a escada na vida.

Coordenação m otora e agilidade em contraste com roupas enlam eadas e barba desgrenhada.

– Tudo bem ainda? – perguntou ele, cegando-m e com a lanterna de seu capacete.

Quando os dois hom ens se puseram a andar, m al consegui acom panhá-los, de tão atarantada que estava com tudo à m inha volta. A j ulgar pelo m odo com o o som de nossos passos prim eiro desapareceu e depois retornou na form a de um eco fraco e distante, a construção tinha um tam anho colossal, com o teto alto sustentado por dezenas de colunas.

– Im pressionante! – falei para Craig, com a voz abafada pela m áscara. – Devia ser algum tipo de palácio real. – Cam inhei até um a das colunas e a exam inei da m elhor form a que pude com a pouca luz. – Se eu conseguisse ver m elhor... m

as acho que devo ser sem noção dem ais para ganhar um a lanterna extra. – Dei um passo para trás e apontei para as várias pequenas prateleiras e ganchos afixados à pedra. – Olhem aquilo! Talvez isto aqui tenha sido algum tipo de m ercado coberto.

– Tem os quase certeza de que foi um tem plo – disse Craig, erguendo a lanterna. – E essas prateleiras e ganchos deviam servir para oferendas. Algum as delas continuam aqui. Pequenas urnas, possivelm ente contendo cinzas hum anas.

Mas isso... – Ele m e olhou com um sorriso de provocação. –... é o que estam os torcendo para que *você* nos diga.

À m edida que seguíam os pelo corredor central, eu tentando acom panhar o ritm o de Nick, m inha apreensão inicial com aquele lugar foi se transform ando em verdadeiro tem or. Se Craig quisesse m esm o saber sobre aqueles artefatos antigos, pensei, precisaria de um exército inteiro de arqueólogos, não de um a única filóloga.

O corredor era ladeado por recipientes m etálicos onde um dia foram acesos fogos para ilum inação. Alguns estavam inclinados de m odo perigoso, outros caídos. No final da nave havia um pódio com degraus e um a grande cadeira de pedra. A presença daquela solitária peça de m obília, por m ais severa e im pessoal que fosse, m e fez pensar nas pessoas que tinham vivido ali e no que havia acontecido com elas.

Craig notou m eu desconforto.

– Só Deus sabe o tam anho deste com plexo. Tentam os m apear o subsolo... – Ele parou para m e m ostrar um buraco no chão com degraus de pedra estreitos.

–... m as os rapazes não conseguiram . Tem um m undo de cavernas lá em baixo e nós todos ficam os um pouco apavorados com a… com a população anim al.

Quando finalm ente alcançam os Nick, ele estava em pé no lim iar de um a porta no fim do salão principal e apontava um a lanterna para os recantos escuros de um côm odo m enor para verificar, supus, a presença de anim ais indesej ados.

– Chegam os! – Craig parou na soleira e ergueu a lanterna. – O santuário interno. O que m e diz, doutora, j á viu algum a coisa parecida?

Eu estivera tão preocupada com o que Nick procurava ali que não tinha erguido a cabeça, portanto não percebera que agora estava enfim diante da inscrição da foto do Sr. Ludwig: os m isteriosos sím bolos que tinham m e trazido de Oxford. Ali estavam eles: três paredes cobertas de caracteres que ocasionalm ente davam lugar a desenhos verm elhos, pretos e am arelos. E no m eio do chão havia um a pedra retangular grande que devia ter sido usada com o altar.

– Parece que os desenhos foram feitos prim eiro – falei, entrando no recinto e esquecendo-m e por com pleto de qualquer coisa assustadora que pudesse surgir das som bras. – E os escritos vieram depois. Estão vendo? – Peguei a lanterna de Craig e a levantei para dem onstrar o que estava dizendo. – Reparem em com o os caracteres às vezes se sobrepõem um pouco aos desenhos.

Deixei os dois boquiabertos a encarar a parede e dei um a volta rápida pelo recinto com a lanterna erguida. Assim de perto, as inscrições assom avam acim a de m im em um a profusão de cores, de m odo que foi bom descobrir que a fotografia do Sr. Ludwig não tinha de m odo algum lhes feito j ustiça. Havia variações interessantes na densidade da tinta e no tam anho dos caracteres em si, com o se o autor houvesse rabiscado tudo aquilo com grande afobação usando quaisquer pigm entos disponíveis e diluindo-os cada vez m ais, provavelm ente com ovo ou óleo, até os sím bolos se tornarem quase invisíveis.

Além do m ais, o m eu exam e atento revelou que na realidade o texto continha, sim , divisores de palavras. O m otivo pelo qual a fotografia não os havia captado era que sua cor estava m uito desbotada. Eram pequenos asteriscos am arelos inseridos entre sím bolos. Na m aior parte das vezes um só era usado, o que interpretei com o um a quebra de palavras, ao passo que a presença de dois devia indicar o fim de um a frase.

Fiquei tão anim ada que não consegui m e conter. Estendi o braço e encostei a m ão no gesso liso e frio. As pontas dos m eus dedos form igaram quando pensei na possibilidade de voltar ali com o caderno de vovó.

Saquei a câm era e com ecei a tirar fotos em close dos divisores de palavras, m as fui interrom pida por um estalar dos dedos de Nick.

– Vam os, hora de trabalhar.

Craig e ele se dirigiram até o altar no m eio do recinto e com eçaram a em purrar a pedra. Som ente na terceira tentativa a parte superior finalm ente cedeu, com o

se fosse um a enorm e tam pa, e j untos eles a giraram noventa graus até revelar que o grande bloco era na verdade oco.

– Venha dizer oi – cham ou Craig, acenando para que eu m e aproxim asse.

Estiquei-m e para ver.

– É um sarcófago? Eu em geral não... não lido com sarcófagos.

Nick se endireitou e lim pou as m ãos.

– Não fiz você atravessar m etade do Saara para ficar aqui sem fazer nada.

Então, por favor, quer vir até aqui e nos dizer qual deve ser nosso próxim o passo?

Aj eitei m inha m áscara e fui até o caixão de pedra preparada para ver um a m úm ia envolta em gaze. Só que lá dentro não havia nada de m uito dram ático, apenas um esqueleto ressecado no fundo, deitado sobre um leito de poeira.

– Puxa vida – falei, lam entando não conseguir encontrar um com entário m ais respeitoso. – Não tem m uita coisa aí dentro. Nenhum tesouro pessoal, nenhum presente para os deuses do além -túm ulo...

– Na verdade... – com eçou Craig, m as um olhar de Nick o fez calar.

– Talvez algum antigo ladrão de túm ulo tenha chegado antes de nós – com entei.

– Não acho provável. – Craig apontou para o sarcófago. – Está vendo o bracelete? Não teriam deixado aquilo para trás. Mas além do m ais... não está notando um a coisa esquisita nesse pobre coitado?

Não respondi, então ele tornou a apontar: – Olhe. Ele não tem cabeça.

– Não acredito – balbuciei.

Mas o m eu espanto tinha m enos a ver com a falta de cabeça do que com o bracelete que a pessoa, fosse hom em ou m ulher, usava no braço direito, logo acim a do pulso, e que continuava ali, parcialm ente coberta de poeira. O form ato era inconfundível, m as parecia im possível que...

– Então – falou Nick, tirando a lanterna da cabeça. – Do que você precisa?

– Do que preciso? – Recuei para longe do sarcófago. – Na verdade, de nada.

Só de tem po. – Meneei a cabeça para as paredes à nossa volta. – Essas coisas às vezes dem oram para ser decifradas.

– Deixe as paredes pra lá – falou Nick. – Esse caixão foi aberto na sem ana passada. Precisam os preservar o corpo.

– Infelizm ente acho que nisso não vou poder aj udar – falei, consciente de que Craig acom panhava nossa conversa com crescente incom preensão. – Não sou arqueóloga.

– *O quê?* – Nick m e encarou, irado. – Eu disse para John arrum ar um arqueólogo...

– Desculpe – falei, decidida a m anter a pose –, m as o Sr. Ludwig m e disse *especificamente* que vocês precisavam de um filólogo... de alguém que conseguisse decifrar essas inscrições. – Fiz um gesto na direção do texto que nos encarava de todas as paredes. – Não quero parecer presunçosa, acreditem , m as se quiserem saber o que está escrito aí...

Nick ergueu um a das m ãos e estreitou os olhos com o se eu de repente houvesse com eçado a em itir um a luz ofuscante.

– Tudo bem . Você não é arqueóloga. Está aqui por causa da inscrição. Ótim o.

Quanto tem po vai levar para decifrar tudo?

Dei de om bros e olhei em volta.

– Difícil dizer. Pode levar alguns dias... ou algum as sem anas. Ou então pode levar anos. Tudo depende...

Parei de falar. Não podia dizer a ele que tudo dependia da precisão do caderno de vovó.

– Anos? – Nick m e encarou com um a expressão m uito estranha nos olhos.

Dei um sorriso tranquilizador.

– Bom , em um m undo ideal...

– Não. – Ele falou com calm a, com o se apenas pensasse em voz alta. – Isso não vai dar certo. Eu sabia. Vam os voltar para o posto de perfuração. Agora.

Ao perceber horrorizada que estava sendo expulsa da m inha aventura, segurei-o pela m anga.

– Mas vocês precisam de m im ! Eu sou especialista nas am azonas...

Nick encarou m inha m ão com fúria.

– Nas *o quê*?

– Nas am azonas – gaguej ei. – Da m itologia grega. Eu achei que...

Houve um silêncio breve, m as desagradável. Então ele apenas balançou a cabeça, m e deu as costas e foi em bora.

CAPÍTULO DOZE

TEMPLO DA DEUSA DA LUA

Mirina sorriu, m as ninguém lhe devolveu um sorriso.

Já sentadas às longas m esas no salão de refeições, am ontoadas com seus pratos em grupos fechados, as cerca de trinta sacerdotisas de branco acolheram em silêncio suas duas novas irm ãs.

Não foi surpresa para Mirina. Pôde ver nos olhos das outras que elas ainda a consideravam um a invasora violenta que sobrevivera ao fosso das cobras poucas horas antes, e a Lilli um ser inferior cuj a cegueira havia tornado tam bém surda e burra. O fato de a sum a sacerdotisa ter feito todas passarem um a enorm e vergonha tam bém não aj udava; se ela houvesse planej ado provocar ressentim ento contra as recém -chegadas, não poderia ter escolhido m aneira m elhor.

Controlando a frustração, Mirina lem brou a si m esm a que aquele tem plo e aquela irm andade eram a m elhor chance de sobrevivência de Lilli em um m undo agonizante e que som ente a Deusa da Lua tinha o poder de lhe devolver a visão. “É isso que m am ãe iria querer que eu fizesse”, pensara ela, enquanto os eunucos guardavam suas arm as de caça e a escoltavam j unto com a irm ã até um a im ensa casa de banhos subterrânea. Ali foram confiadas aos cuidados de um a m egera carrancuda, que raspara seus cabelos em aranhados, j ogara suas roupas no fogo e as esfregara da cabeça aos pés com sabão e óleo até sua pele ficar ardida de tão lim pa. Para Mirina, esse calvário tinha sido particularm ente doloroso, pois a m ulher apertara e puxara seus m em bros feridos sem a m enor com paixão. Na verdade, quase parecera feliz com suas caretas e gem idos enquanto lim pava bem com sabão o grande m achucado da m ordida da cobra e o enfaixava o m ais apertado possível. “A segurança de Lilli é m ais im portante do que a m inha liberdade”, Mirina lem brara e relem brara a si m esm a. “Pelo bem dela, eu vou aguentar isso tam bém .”

Nua e trêm ula, Lilli havia tentado se esconder atrás da irm ã, m as não houvera com o fugir das vestes de cânham o que pinicavam o corpo e dos pequenos gorros pontudos que as identificavam com o servas da Deusa.

– Com o você está elegante! – dissera Mirina, puxando a irm ã para um abraço. – E tenho certeza de que nunca a vi tão lim pa.

– Eu preferiria m il vezes estar coberta de esterco – resm ungara Lilli, esfregando-se, zangada. – E percorrer o deserto com você.

Mas am bas sabiam que o deserto não era lugar para Lilli. Mesm o antes da febre, quando ainda conseguia ver, a m enina preferia o conforto da aldeia às trilhas solitárias. Mirina tinha lhe ensinado a caçar, sim , m as a alegria da irm ã eram as atividades agrícolas que ela própria sem pre achara um tédio: sem ear, cuidar dos brotos, dar com ida às galinhas. Um a rotina sem fim que exigia a paciência que Mirina não possuía.

Sua m ãe sem pre dizia que as três filhas haviam herdado, cada um a, as m ãos de seus pais, que eram m uito diferentes entre si.

– Essas aí... – observara ela certa vez, m eneando a cabeça para Lana, a m ais velha das irm ãs, quando estavam todas sentadas em volta da fogueira descascando feij ões. – ... são m ãos que contam grandes histórias. Mãos capazes de levar um a m enina ingênua a fazer qualquer coisa... a quebrar qualquer regra.

– Ela fizera um a careta ao se lem brar de seu prim eiro am or, cuj o nom e nunca revelara, m as que pelo visto m orava na grande cidade à beira do m ar. – E essas m ãos aí... – Ela se virara para Mirina, a filha do m eio. – Elas adoram o perigo e, ouçam bem o que estou dizendo, irão segui-lo até o final dos tem pos.

As m eninas continuaram sentadas, com partilhando o silêncio nostálgico da m ãe, até Lilli estender as m ãos suj as de terra.

– E eu, m ãe?

– As suas m ãos contam histórias m aravilhosas sobre um hom em doce – respondera Talla, beij ando os dedinhos da filha um a um . Então parara para deixar passar um lam pej o de tristeza. – São m ãos feitas para cuidar e preservar.

Mas elas não são páreo para os anim ais selvagens que atacam o rebanho. Então você, m eu am or... – Ela estendera o braço e puxara a caçula m ais para perto. – Você tem que ficar perto do fogo, onde os leões têm m edo de chegar.

Um a trilha ilum inada feita de pétalas tinha levado Mirina e Lilli diretam ente da hum ilhação da casa de banhos à iniciação no santuário interno. O piso de pedra salpicado de cores alegres com certeza tinha por obj etivo alegrá-las, m as a Mirina aquilo parecera um a trilha de grãos que conduzia ao laço de um a arm

adilha.

Ela passara a cerim ônia inteira entorpecida, em um estado de negação.

Mesm o após seu j uram ento, quando a sum a sacerdotisa pegara no altar a terrível faca sacrificial e fizera um corte em seu seio esquerdo e no de Lilli para derram ar sangue na tigela dourada, Mirina m al sentira a dor. Ou talvez estivesse tão preocupada com a reação de Lilli que sequer reparara no próprio sofrim ento.

A m enina, porém , fora coraj osa e, enquanto as duas estavam ali em pé de m ãos dadas, ela sentira um a onda de adm iração pela irm ã.

– Alegrem -se! – dissera a sum a sacerdotisa ao colocar em seus pulsos os braceletes sagrados da Deusa da Lua, am bos idênticos aos de sua m ãe. – O seu sangue se uniu ao nosso. Vocês agora estão unidas a nós. Esse bracelete é um sím bolo de nossa irm andade sagrada e da sua prom essa de j am ais deixar um hom em m acular sua pureza. Se alguém as atacar, vocês irão descobrir que esse bronze afiado é um a excelente arm a. Mas lem brem -se: se traírem a Deusa ou suas irm ãs, esse chacal dourado vai se tornar *seu* inim igo, e *vocês* irão sentir sua m ordida. Pois a fidelidade dos cães de caça da Deusa é eterna: se obedecerem aos com andos divinos dela, eles as protegerão com as próprias vidas, m as se a desobedecerem eles irão caçá-las e fazê-las em pedaços.

Esse tinha sido o discurso de acolhida de Mirina e Lilli ao tem plo. No entanto, assim que as duas apareceram na porta do salão de refeições exibindo seus braceletes, foram recebidas com olhares que não tinham nada de fraternos.

Por fim , Mirina deu um passo à frente.

– Alguém pode m e dizer quem j ogou a pedra em m im quando eu estava em cim a do m uro do j ardim ?

Silêncio sepulcral.

– Estou perguntando porque foi um belo lançam ento – prosseguiu ela, m antendo-se ereta diante da profusão de olhares desconfiados. – Meus parabéns.

Um m urm úrio percorreu o recinto. Então alguém gritou: – Foi Anim one quem atirou a pedra!

O m urm úrio se transform ou em um a balbúrdia total. O refeitório com certeza teria se tornado um a batalha de com ida j ogada caso Mirina não houvesse dado um assobio agudo.

– Nesse caso, Anim one é m inha prim eira am iga – concluiu ela, assim que recuperou a atenção de todas. – E quero que ela conheça Lilli. – Ela levantou a m enina para todos verem . – Ela é a irm ã m ais doce que se pode ter. Não há nada de errado com ela a não ser o fato de não conseguir ver os seus rostos am argurados. E isso, acho eu, é um a perda feliz.

Mirina teve o prazer de ver surpresa e até vergonha no olhar das sacerdotisas quando suas palavras se espalharam pelo recinto em vários idiom as diferentes.

Algum as m ulheres perm aneceram sérias e hostis, evitando encará-la de propósito, m as logo foram neutralizadas pela anim ação geral.

Três j ovens sacerdotisas cham adas Anim one, Pitana e Klito agora pareciam dispostas a fazer am izade.

– Com o você conseguiu sobreviver ao fosso das cobras? – quis saber Anim one, com o olhar atraído pela atadura no braço de Mirina. – Conte-nos com o m atou o m onstro.

– Vou fazer m elhor – garantiu Mirina, inclinando-se para a frente em atitude conspiratória. – Vou *mostrar*.

A aventura furtiva de Mirina e suas três novas am igas ao subsolo do tem plo à m eia-noite m ais do que confirm ou que as filhas da Deusa da Lua precisavam de treinam ento. Até m esm o esse trio, que se dispusera a acom panhá-la, recuou horrorizado quando Mirina lançou um a corda para dentro do fosso e as instigou a segui-la.

– Mas lá em baixo tem cobras! – exclam ou a anim ada Anim one, com um gesto de noj o.

– E por que você acha que eu j oguei tochas prim eiro? – Mirina m eneou a cabeça para o buraco ilum inado em que a gigantesca criatura j azia enrolada e m orta. – Cobras têm m edo de fogo. Venham ...

– Não sei se consigo descer por essa corda – disse Pitana, m oça desengonçada

quase tão alta quanto Mirina, m as sem os m esm os m úsculos. – Meus braços são com pridos, não fortes. Eu posso até conseguir descer, m as j am ais teria forças para subir de novo.

– Klito? – cham ou Mirina, virando-se para a últim a das três: um a m oça linda e saudável, com um brilho de aventura nos olhos.

Mas nem m esm o Klito aceitou descer.

– Vou ficar olhando aqui de cim a – prom eteu, balançando a cabeça entusiasm ada. – E incentivando.

Mirina balançou a cabeça e com eçou a descer pela corda, com a faca de caça recém -recuperada enfiada entre os dentes. As três a observaram fascinadas esfolar a cobra e enrolar as escam as m alhadas até form ar um a grande trouxa.

– Isso é a coisa m ais noj enta que eu j á vi – observou a aventureira Klito lá de cim a. – Por favor, não traga aqui para cim a.

– Vou lim par e secar este couro para fazer roupas – disse Mirina. – Vocês vão ver. Agora puxem isso para m im . Prom eto dar a cada um a de vocês um a peça para vestir.

– Sabe de um a coisa? – disse Anim one, balançando a cabeça. – Não tenho certeza se quero ser sua am iga.

Isso foi só o com eço.

Antes de um a sem ana, a sum a sacerdotisa instruiu todas a iniciarem um treinam ento com arm as no pátio.

– Nossos exercícios serão supervisionados por Mirina – disselhes ela na língua antiga, com um tom que não adm itia resistência. – As aulas serão diárias, logo após o desj ej um . Anim one fará a tradução para quem não entender Mirina.

Vocês se dividirão em grupos de seis, sem exceção!

É claro que esse novo arranj o criou forte resistência assim que a sum a sacerdotisa virou as costas. Por que aquela bobagem repentina de treinam ento com arm as? Por que as coisas não podiam continuar com o estavam ? As

sacerdotisas m ais velhas, sobretudo, não entenderam o raciocínio por trás daquela m udança e logo se tornaram m estras em arrum ar desculpas.

Mas o m aior desafio de Mirina acabou sendo um pequeno grupo de m ulheres m ais j ovens acostum adas a dar as ordens. Ainda que não tivessem nenhum título que lhes conferisse m ais autoridade do que as outras, elas de algum a form a tinham conseguido assum ir papéis de com ando. Para elas era inconcebível subm eter-se aos ensinam entos de um a recém -chegada. Um a delas, um a encrenqueira com grandes olhos escuros cham ada Kara, fazia questão de faltar a todos os treinam entos e, para isso, nem se m antinha afastada do pátio, apenas fingia cochilar em um a rede bem na frente das outras.

Apesar dessas dificuldades, Mirina achava ótim o passar as m anhãs ao ar livre, fazendo aquilo que am ava. Não levara m uitos dias para se cansar da cerim ônia dentro do prédio do tem plo; até m esm o as m uitas oferendas de ouro e prata que cintilavam de m odo tão fascinante expostas à luz dos vários pontos de fogo logo perderam a graça. Além do m ais, a sum a sacerdotisa tinha m andado Lilli fazer voto de silêncio total até a lua nova com o form a de conquistar as boas graças da Deusa e m erecer a cura para sua cegueira, portanto Mirina achara m elhor m anter distância da irm ã, para que ela não se sentisse tentada a falar.

Lem brando-se das críticas incansáveis do pai, que tantas vezes haviam atrapalhado sua m ira, Mirina com eçou os treinos com incentivos. Elogiou as irm ãs sagradas por seus dotes de dançarinas e pés ágeis e as m andou com eçar todos os dias com um exercício físico que tinha certeza de que iriam dom inar.

Então, em vez de desencoraj á-las im ediatam ente com um treino com arm as, inspecionou todos os seus arcos e balançou a cabeça, dizendo: – Com o esperam que vocês façam algo com estas coisas aqui? A m adeira está velha e seca; precisam os pedir arcos novos. – Ela então reuniu todas e baixou a voz. – Enquanto isso, vam os brincar e fingir que treinam os.

Assim , elas haviam com eçado puxando cordas e levantando baldes d’água.

Só quando Mirina ficou segura de que todas no grupo conseguiriam esticar um arco ela com eçou a treiná-las em tiro ao alvo usando flechas.

No entanto, não im portava o que ela fizesse, o pequeno grupo de Kara perm anecia hostil e fazia todo o possível para atrapalhar o treino. Viviam perdendo os arcos, quebravam as flechas... obviam ente instigadas pela própria Kara, que não

parava de recom pensá-las com risadas e m uxoxos.

– Não ligue para ela – disse Anim one certa noite, quando ela e Mirina se despiam no dorm itório em m eio ao burburinho habitual de intrigas da hora de dorm ir. – Ninguém gosta dela. Vive se gabando por ser filha de um chefe tribal.

Tenho certeza de que, até você chegar, ela achava que podia m andar em todas nós.

Am bas relancearam os olhos para Kara, que era o centro das atenções em volta do lavatório e distribuía doces para o seu séquito.

– Por que ela se sente am eaçada por m im ? – perguntou Mirina, lutando para se desvencilhar do traj e de sacerdotisa ainda pouco fam iliar. – Eu não quero m andar em ninguém .

– Porque você é tudo o que ela não é. Olhe só para você! – Anim one correu a m ão pela pele firm e de Mirina com um gesto de adm iração. – Você é viva de verdade. É quase um hom em ...

Mirina com eçou a rir, m as logo ficou séria.

– Se eu fosse hom em , ninguém m e m anteria enclausurada desse j eito. Na verdade, se nós fôssem os hom ens... – Ela passeou os olhos pelo dorm itório, onde as sacerdotisas ainda se agitavam , cacarej ando feito galinhas. – Não nos com portaríam os assim . Não é?

Ela buscou um a resposta nos olhos de Anim one, m as tudo o que viu foi adm iração.

Será que as coisas tam bém eram assim em sua aldeia? Mirina achava que não. Em bora as brigas fossem frequentes na aldeia de Tam ash, com certeza nunca houvera trocas de socos por causa de um a escova de cabelos quebrada.

Por causa de um a ferram enta agrícola roubada ou de um am ante infiel, sim ...

m as esses conflitos faziam sentido para Mirina, ao contrário das preocupações e interesses frívolos de suas com panheiras de sacerdócio.

Eu só queria vê-las com igo lá no deserto, pensou quando lançou um últim o

olhar de repulsa para Kara e seus doces. Não durariam um dia. Mesm o que eu lhes ensinasse tudo o que sei, não seria suficiente. Se m eu pai estivesse aqui agora, diria o seguinte: você pode afofar a j uba de um gato quanto quiser, m as não vai conseguir transform á-lo em leão.

Não dem orou m uito para que os ataques de Kara contra as recém -chegadas culm inassem em um a cena diante da sum a sacerdotisa, cuj a expressão cansada confirm ou para Mirina que a vida no tem plo era repleta dessas disputas triviais.

– *Ela* disse àquela gente im unda que o filho deles tinha lugar garantido no salão da Deusa! – exclam ou Kara, apontando um dedo acusador para Mirina. – Isso apesar de *eu* dizer e repetir que a oferenda deles era insignificante dem ais.

Eu sigo as regras, m as *ela* sim plesm ente... – O pensam ento lhe deu um calafrio.

– Ela só diz o que quer.

– Todos ficaram m uito abalados – acrescentou um a das am igas de Kara, um a m oça m agra cham ada Egeia, cuj a voz estridente m ais do que com pensava seu tam anho dim inuto. – Tivem os de cham ar os eunucos. Foi quase um m otim .

A sum a sacerdotisa se virou para Mirina com as sobrancelhas arqueadas.

– Para ser franca, não entendo por que não podem os dizer a essas pessoas o que elas querem ouvir – falou Mirina, cruzando os braços. – Com o é que *nós* vam os saber quem vai conquistar a vida eterna e quem não vai? – Ela deu um passo em direção à sum a sacerdotisa, confiando na bondade do seu coração. – Eles estavam chorando. Era o *filho* deles.

Mordeu o lábio, torcendo para a sum a sacerdotisa ser m ais parecida com sua m ãe, para quem o am or entre pais e filhos era algo sagrado. Ainda recordava o dia em que um grupo de m oradores do povoado havia se reunido em segredo atrás da pilha de esterco para debater o destino de um a criança cuj os pais eram considerados incapazes.

– Nós acham os m elhor tirar esse m enino deles e criá-lo direito, em outra casa – dissera um m orador.

Com o ainda era criança, Mirina m al conseguira acom panhar a conversa.

Mas com certeza entendera que a m ãe estava um a fera quando esta se m eteu: – Com o é que vocês podem propor afastar um m enininho das pessoas que ele m ais am a neste m undo? Quaisquer que sej am os outros sofrim entos que im aginem que ele enfrente, isso é nada com parado à dor de rom per os laços fam iliares. – Ela gesticulara para os vizinhos com o se a m era presença deles a repugnasse. – Vão para casa, seus enxeridos, e sintam vergonha de seus corações.

A sum a sacerdotisa, porém , apenas tam borilou os dedos nos braços do trono e disse: – Não podem os nos deixar guiar pela pena, Mirina. Im agine se todos vivessem para sem pre no salão da Deusa... que barulheira! Seria insuportável.

– Mas talvez a Deusa, divina com o é, possa garantir que os barulhentos fiquem separados dos silenciosos... por um a parede, quem sabe? – arriscou Mirina, apesar das caretas horrorizadas de Anim one lhe dizendo para parar.

– Chega, Mirina! – A sum a sacerdotisa se levantou abruptam ente. – Volte para os seus afazeres e, daqui em diante, preste atenção para seguir as regras.

Que regras? Mirina olhou em volta à procura da resposta, m as não encontrou.

Anim one m antinha a cabeça baixa de vergonha e Kara exibia um sorriso arrogante e ardiloso que durou a noite inteira e doeu m ais em Mirina do que um a sem ana inteira de olhares de desdém .

Nessa m esm a noite, durante o j antar, Anim one apontou com a colher para a parede do salão de refeições e disse: – Está tudo ali. As regras do tem plo. Alguém deveria ter explicado a você.

Acho que esquecem os. Estam os tão acostum adas...

– Onde?

Mirina encarou a parede, m as nada viu a não ser um m otivo decorativo preto sobre o gesso lisinho. Além disso, sua cabeça ainda zum bia por causa do esforço de entender o que Anim one tinha dito; durante o j antar, todas falavam a língua oficial do tem plo e, em bora aprendesse depressa, ela ainda tinha dificuldade para com preender até m esm o as frases m ais sim ples. O fato de

Lilli ainda estar suj eita ao voto de silêncio não aj udava em nada: em bora sua irm ã estivesse sentada no banco bem ao lado do seu, rem exendo-se de inquietação por ter de ficar calada, não havia com o avaliar quanto ela com preendia.

– Na parede! – Anim one tornou a apontar. – Está tudo escrito ali. O que podem os e não podem os fazer. Não está vendo?

Outra m ulher se m eteu na conversa. Mais velha do que am bas, tinha os cabelos grisalhos bem arrum ados dentro do gorro.

– Cham a-se *escrita* – explicou ela a Mirina, com os olhos repletos de um a sinceridade calorosa. – Todos aqueles pequenos desenhos são palavras. – Ao ver o ar perplexo de Mirina, ela pegou um punhado de sal e espalhou um a fina cam ada sobre a m esa. – Quando nós falam os, usam os a boca para em itir sons.

Quando escrevem os, usam os as m ãos para form ar desenhos. Mas a ideia é a m esm a. Está vendo? – Com um dedo, ela traçou dois desenhos no sal. – Ci-m e.

Eu posso falar, m as tam bém posso escrever. Entendeu?

– O que é “Cim e”? – indagou Mirina.

A m ulher riu.

– Sou eu. É o m eu nom e, Cim e. Meu pai era escriba. Foi assim que aprendi a ler e escrever. Não era para ter aprendido, claro... – Ela apontou para si m esm a sorrindo. – Mas m inhas orelhas são grandes. Olhe aqui. – Cim e apagou o próprio nom e e, com os olhos acesos de anim ação, fez outro desenho. – Mi-ri-na.

Fascinada, Mirina fitou o desenho. No entanto, na m esm a hora em que esticou a m ão para tocá-lo, um arquej o percorreu o recinto e Cim e lim pou rapidam ente o sal.

Um eunuco estava postado à porta.

– Com a! – Nervosa e curvada acim a do prato, Anim one deu um a leve cotovelada em Mirina. – É Dais. Não olhe para ele.

O eunuco fez um a ronda vagarosa pelo recinto, parando por um breve instante j unto à sua m esa, obviam ente em busca de um a chance de exibir sua superioridade. Com o não encontrou nenhum a, acabou com pletando sua ronda e foi em bora.

– Não tem os autorização para aprender o alfabeto – atreveu-se então a sussurrar Anim one, olhando com raiva para Cim e por tê-las feito correr tam anho perigo.
– Nem devem os desperdiçar sal desse j eito. Está nas regras.

Mirina olhou das palavras escritas em preto na parede para a m esa sobre a qual ainda restavam alguns grãos de sal.

– As regras dizem que não podem os ler as próprias regras?

Anim one deu de om bros.

– Bom , todo m undo j á sabe o que elas dizem , m esm o.

– Olhe... – Ignorando os sussurros de súplica à sua volta, Cim e espalhou m ais um punhado de sal na m esa. – O que *eu* acho é o seguinte.

Com um dedo firm e e desafiador, ela traçou outro desenho, dessa vez m ais com prido.

– O que está escrito? – quis saber Mirina.

Cim e retraçou orgulhosam ente as palavras.

– Dais... tem ... peitos.

Logo se ouviam risadinhas por todo o salão. Em pouco tem po, a única pessoa séria era Anim one.

– Meu avô era m arinheiro – disse ela a Mirina, passando a falar a língua antiga.
– Ele não perdia tem po com brincadeiras. – Ela inclinou a cabeça em direção às regras do tem plo escritas na parede. – Conheço todas de cor... j á as escutei m uitas vezes. Todas nós escutam os. De que adianta ler?

Segundo as regras, as refeições eram servidas pontualm ente três vezes ao dia e determ inadas tarefas deveriam ser cum pridas em certos horários. Saudar os

peregrinos, receber suas oferendas, escutar suas preces... e, todos os dias, ao m eio-dia, entreter os visitantes, em sua m aioria estrangeiros desengonçados, com um a procissão que seguia cantando ao ritm o solene do tam bor de couro de boi.

– Que *porcaria* é esse que elas estão fazendo? – sussurrara Lilli, esquecendo o voto de silêncio, na prim eira vez que as irm ãs haviam presenciado o espetáculo.

– Um a pequena cantoria com dança – sussurrara Mirina em resposta. – Deve ser em troca de todas as oferendas recebidas.

Mas nem todos os peregrinos se contentavam com aquele espetáculo. Alguns criavam tum ulto ao descobrir que não haveria resultado im ediato para os presentes caros oferecidos à Deusa da Lua. Muitos tinham vindo de longe, trazendo nos om bros as esperanças e as vidas de aldeias inteiras, e se recusavam a sair do tem plo antes de terem visto a Deusa com os próprios olhos.

– Cham e os eunucos! – respondeu Anim one quando Mirina perguntou com o se com portar caso isso acontecesse. – Faça o que fizer, nunca deixe gente de fora entrar no santuário. Eles não iriam entender.

Mirina apenas aquiesceu, conform e esperado. Ela tam bém não entendia.

Após sua iniciação, tentara descrever a Deusa da Lua para Lilli, m as não encontrara as palavras certas.

– Ela parece um a velha, m as não é. É m uito m ais alta do que um a pessoa norm al e com pletam ente negra, com exceção do branco dos olhos. Daria para dizer que está sorrindo. Um sorriso m isterioso.

Bem lá no fundo, porém , escondida debaixo de suas esperanças em relação aos olhos da irm ã, Mirina podia sentir a verdade, dura feito um caroço de fruta. A Deusa da Lua que elas tinham viaj ado tanto para encontrar não era um ser vivo.

Era feita de pedra. E, a m enos que ela estivesse m uito enganada, a probabilidade de que ela reagisse a preces não era m aior do que a chance de a pedra sagrada de sua aldeia ou as cobras do rio fazerem o m esm o. Não im portavam quais fossem as histórias tristes dos peregrinos nem o valor de suas oferendas, dia após dia, sem ana após sem ana, a seca não term inava nem os rios voltavam .

Tam pouco Lilli, apesar de todas as suas súplicas silenciosas, recuperava a visão.

Mas a Deusa da Lua, no alto de seu pedestal, continuava a sorrir.

CAPÍTULO TREZE

Lembrem-se: as mulheres talvez não sejam fracas demais para desferir um golpe.

Sófocles, *Electra* ARGÉLIA Quando era criança, Rebecca tinha um *bichon frisé* cham ado Spencer. Nós duas levávam os o cãozinho para centenas de passeios e passávam os horas tirando carrapichos de sua barriga. Chegam os até a levá-lo para visitar vovó um dia, na esperança de alegrá-la com as brincadeiras do anim al. A reação dela, com o sem pre, foi im petuosa.

– Isso não é um cachorro! – exclam ara, olhando com fúria para o convidado de quatro patas. – Olhem só para ele! Esse bicho esqueceu a sua parte lobo. Acha que o m undo é fofo e cheio de biscoitinhos. Vocês precisam protegê-lo ou ele vai ser devorado.

A expressão de Rebecca se transfigurou e tive m edo de ela cair no choro, algo que m inha avó detestava.

– Com o? – perguntara eu, pondo-m e rapidam ente entre as duas. – Com arco e flecha?

Vovó com eçara a andar de um lado para o outro, com o sem pre fazia ao discutir estratégias.

– Arcos são arm as de longo alcance – lem brara-m e. – Servem para um arqueiro hábil e um alvo distraído. Mas vocês não são hábeis e os seus inim igos vão ser rápidos e im previsíveis.

Eu olhara de relance para Rebecca e ficara aliviada ao ver sua consternação se transform ar em um fascínio que a deixou de olhos esbugalhados.

– Que tal facas, então? – sugerira ela.

– Facas são para curto alcance – continuara vovó e, pelo cenho franzido, eu suspeitara que ela havia ficado chateada por eu não ter lem brado o que ela j á

dissera tantas vezes. – E são só para alguém com o braço e o coração fortes.

Minha recom endação é que vocês nunca passeiem com essa coisa peluda aí sem um galho na m ão. – Ela relanceara os olhos para Spencer. – Um galho bom , firm e, m ais ou m enos do com prim ento da sua perna e com a extrem idade pontiaguda. – Ela olhara para nós duas com grande seriedade. – Andar arm ada não é um privilégio, pequenas. É um dever.

Rebecca nunca levou a sério o conselho de vovó. Sem pre que eu ia cam inhar com ela, revirava os olhos para m im por levar um galho. Mas um dia, quando estávam os andando pela floresta com Spencer, de repente ouvim os pessoas gritarem por perto. O desespero em suas vozes nos fez parar.

Foi então que o vim os: um anim al pequeno, m arrom -averm elhado, vindo para cim a de nós a toda a velocidade, voando por sobre pedras e galhos caídos, m al tocando o chão com os pés. Seria um cachorro? Parecia m ais um a raposa raivosa.

No início, tudo aconteceu depressa dem ais. Sim plesm ente fiquei parada, atônita, enquanto Rebecca por instinto se abaixava para pegar Spencer e apertá-

lo contra o peito. Mas ela fez isso tão às pressas que perdeu o equilíbrio e caiu, bem na hora em que o agressor partia para cim a do m onte de pelos brancos em seu colo.

Quando o cachorro violento aterrissou perto da m inha am iga, rosnando e preparando-se para atacar outra vez, m inha cabeça finalm ente parou de girar.

Ouvi Rebecca gritar, sem conseguir se levantar porque segurava Spencer com força, e vi aquele bicho m arrom -averm elhado voar novam ente para cim a dela...

Só aí m e lem brei do galho que tinha na m ão.

Corri e, não sei com o, consegui enfiar o galho entre os dois para im pedir o ataque, de m odo que Rebecca saiu apenas arranhada, m as não m ordida. E

quando o cão furioso tornou a atacar, dessa vez sem im pulso, tive tem po de puxar o galho de volta e lhe desferir um golpe que o fez cair ganindo.

Rebecca m ais tarde m e disse que eu gritei tantos palavrões para o bicho que ela chegou a tem er que eu estivesse possuída por um espírito m au da floresta. E

quando os donos do cachorro finalm ente apareceram , pisando com passos largos as folhas m ortas e exibindo suas roupas cam pestres tinindo de novas – nada m ais típico para denunciar turistas –, se com portaram com o se *nós* fôssem os a am eaça, e não seu m onstruoso bicho de estim ação.

– Pare com isso! – gritara o hom em para m im . – Pare agora m esm o ou eu cham o a polícia!

– Pode cham ar! – eu reagira, enquanto o cão assassino era recolhido e acariciado por sua dona protetora. – Por que não cham a m esm o? Tenho certeza que o chefe Murray *adoraria* dar um a palavrinha com o senhor.

De m odo nada surpreendente, o casal bateu em retirada e na certa passou o resto do fim de sem ana escondido em seu chalé alugado. Pelo m enos torci por isso.

– Ai, Sra. Morgan! A senhora devia ter visto a Diana! – exclam ara Rebecca m ais tarde naquele dia, quando subim os correndo a escada para contar a vovó sobre o incidente. – Ela foi cruel! Quase tão cruel quanto o cachorro!

Vovó assentira de sua poltrona, com as m ãos unidas no colo, tranquila.

– Que bom . – Ela olhara para as pernas enlam eadas da m inha calça, para m eu zíper quebrado e para m eu rosto corado, e seus olhos escureceram de satisfação. – Que bom que você leva j eito.

Nick tinha m e dito para fazer a m ala e m e preparar para ir em bora da escavação depois do alm oço, m as não obedeci. Em vez de arrum ar m inhas coisas na pequena cabine, sentei em cim a da roupa de cam a em bolada tendo o caderno de vovó, a foto do Sr. Ludwig e m inha câm era em m ãos, decidida a aplicar na inscrição a m inha recente descoberta sobre a form a de delim itar as palavras.

Dessa vez, usando as im agens em close que havia tirado naquele dia de m anhã, não levei m uito tem po para solucionar o enigm a da prim eira frase. Ela dizia: “Presságio lua chegada hom ens m onstros navios” ou, em leitura m ais livre: “A lua previu que hom ens m onstruosos chegariam de navio.”

O duplo asterisco após “navios” sugeria o final de um a frase e início da seguinte, que dizia apenas: “Sacerdotisas rezam deusa protege”, afirm ação que praticam ente não precisava ser interpretada. Era óbvio que estávam os lidando com um relato de acontecim entos reais, gravados com esm ero no gesso em algum m om ento do passado pré-histórico. Qualquer que fosse a narrativa naquela parede, o sim ples fato de eu conseguir lê-la era quase um m ilagre.

Grigor Reznik e sua m aldita *Historia Amazonum* não tinham m ais a m enor im portância... o dicionário feito por vovó havia m e proj etado a um a nova esfera acadêm ica.

Arm ada com aquela fantástica descoberta e um a leve cam ada de batom , não perdi tem po: desci às pressas do trailer e saí correndo em busca de Nick. Depois de nossa desavença no tem plo e durante toda a desagradável subida até o posto de perfuração, ele não havia dem onstrado o m enor interesse pelos argum entos em defesa da m inha perm anência. Por algum m otivo absurdo, aquele hom em que havia m e feito viaj ar centenas de quilôm etros estava agora determ inado a se livrar de m im o quanto antes. No entanto, se eu conseguisse dem onstrar m eus avanços em solucionar o enigm a da inscrição, ele com certeza cairia em si.

Na noite anterior, Craig havia m e apontado onde ficavam os aposentos de Nick. Ao que parecia, a Fundação Skolsky tinha j ulgado suficiente instalar seu representante na grande barraca central de um a pequena aldeia form ada por tendas m arrons de beduíno, e essa disposição m e fez pensar em um a im agem que j á vira m uitas vezes na literatura antiga: o acam pam ento de um líder guerreiro em um a região pouco civilizada.

Alguns hom ens de turbante m e olharam com curiosidade e apreensão quando passei andando pela areia. Sem saber ao certo qual era o protocolo para visitas àquelas estruturas de tecido, parei à porta de lona que duas estacas de m etal m antinham aberta feito um toldo. Após alguns segundos de hesitação, pigarreei bem alto na esperança de que isso bastasse para alertar Nick.

Não houve reação no interior da barraca, então m e curvei para espiar lá dentro, m as na m esm a hora recuei ao ouvir um a súbita irrupção de palavras.

Pelo j eito, Nick estava ao telefone; sua fala era pontuada por silêncios e, em bora eu não fizesse a m enor ideia do que estava sendo dito, tudo indicava que ele estava sendo repreendido via satélite.

Essa não foi a prim eira vez na vida em que m e arrependi de não ter aprendido árabe, m as com certeza foi aquela em que fiquei m ais apreensiva, pois, a m enos que eu estivesse m uito enganada, na enxurrada de palavras agressivas que Nick usou para se defender, o nom e “Moselane” foi repetido no m ínim o três vezes.

Bem quando eu m e afastava da porta, tendo dem orado a m e dar conta de que estava bisbilhotando, Nick irrom peu de dentro da barraca e quase m e derrubou no chão. Seu olhar se estreitou na m esm a hora.

Morta de constrangim ento, ergui a foto do Sr. Ludwig e disparei: – Consegui. As prim eiras duas frases. Eu consigo!

Sem nem olhar para a fotografia, Nick m e segurou pelo cotovelo e m e conduziu até dentro de sua barraca.

– Sente-se.

Corri os olhos ao redor. Havia poucos m óveis. Um laptop aberto repousava sobre um tapete persa ao lado de um a bandej a de refeitório com um prato de ovos m exidos deixado pela m etade. O único outro lugar para sentar era o divã um tanto im ponente que devia lhe servir de cam a.

– Vim só dar a boa notícia – falei, virando-m e para ele.

Na penum bra da barraca, praticam ente só dava para ver a barba e o cenho franzido que eu j á conhecia tão bem . Meu olfato, porém , preencheu as lacunas.

Nick precisava de um banho, e o cheiro forte de seu corpo m e deixou quase tonta.

– É claro que, se você não estiver nem aí para o que está escrito, isso não faz a m enor diferença, m as *se estiver*, sugiro que a gente recom ece do zero. – Dei o sorriso m ais encantador de que fui capaz naquelas circunstâncias. – O que m e diz?

Foi com o se Nick tivesse de ir buscar seus pensam entos em um lugar m uito distante.

– Você decifrou o código? – disse ele por fim , baixando os olhos para a foto que

eu segurava. – Foi bem rápido. Com o conseguiu?

Dei m eio passo para trás.

– Sou filóloga, lem bra? Se m e contratasse, eu poderia lhe explicar m inha técnica.

Deixei a frase no ar.

– Tá – disse ele, cruzando os braços. – Eu peço desculpas.

Olhei-o de cim a a baixo com um desdém estudado, em polgada por ter conseguido enfim virar o j ogo.

– Desculpas não m e interessam . O que m e im porta é com o vam os continuar a partir daqui. Algum a sugestão?

No silêncio pesado que se seguiu à m inha pergunta, tive a nítida sensação de que, para Nick, a m elhor form a de prosseguir incluiria ele em punhar um chicote.

Sem dizer m ais nada, abaixei-m e para passar pela porta de lona e, bastante aturdida, saí andando pela areia.

Ele não levou m uito tem po para m e alcançar e se postar na m inha frente.

– Que tal 10 m il dólares?

– Para quê, exatam ente? – retruquei. – Para ser o seu saco de pancadas?

– Para ficar até o final da sem ana, com o com binado?

Atônita e um pouco desconfiada, ergui a fotografia contra o sol e estudei o rosto dele para tentar descobrir qual era a pegadinha.

– Está propondo dobrar o m eu pagam ento?

Mesm o na claridade ofuscante, seus olhos estavam escuros.

– Estou.

– Tá, eu aceito. Mas... por quê? – Meu alívio dem orou um instante para chegar e m e deixou quase tonta. – Eu teria feito isso de graça.

Nick olhou para o outro lado, e o contorno de seu perfil contra o céu do deserto era inescrutável.

– Eu sei.

Assim que voltei para a m inha cabine, fui dom inada por um a ânsia de ligar para Rebecca. Durante nosso longo traj eto desde Dj erba, Nick havia deixado bem claro que eu não podia usar m eu celular, m as, depois do seu com portam ento de ogro, eu não nutria por ele qualquer sentim ento de lealdade.

Ao constatar que m eu celular estava sem bateria e que o m eu carregador não encaixava na tom ada, fui até o escritório do posto para ver se Craig poderia m e aj udar.

– Não se preocupe – disse ele, olhando para o im enso plugue britânico de três pinos do m eu carregador. – A gente carrega pra você. – Depois de algum as gam biarras, m eu telefone voltou à vida.

Três m ensagens de voz haviam entrado na caixa postal desde que eu saíra de Oxford. A prim eira era do m eu pai, incentivando-m e a aproveitar as delícias de Am sterdã. Pude ouvir m inha m ãe gritar ao fundo: “Diga a ela que eu a am o, aconteça o que acontecer!” enquanto program ava o m icro-ondas, e esse pequeno vislum bre do lar fez o j á conhecido bolo de culpa subir de novo pela m inha garganta.

O segundo recado era de Rebecca. Com seu tom acelerado habitual, ela m e inform ava que tinha um a coisa incrível para m e contar, m as não dava nenhum indício do que poderia ser.

Fiquei em polgada ao ver que o terceiro e últim o recado era de Jam es e que fora deixado poucas horas antes. Quando o escutei, porém , m inha alegria logo desapareceu: “Não sei onde você está”, dizia ele, com um a am argura inabitual na voz, “m as achei que você devia saber que o telefone que usou ontem está em nom e da Fundação Aqrab. Lem bra aquilo que eu falei sobre os fanáticos da restituição em Dubai? Bem , são eles.” Jam es respirou fundo, com o se falar com calm a fosse um esforço. “Não tenho ideia do que essa gente quer com você, Morg, m as não m e agrada que estej a aí com eles. Por favor, ligue para m

im assim que puder.”

Quando desliguei, m inhas m ãos trem iam . Se Jam es estivesse certo, e é claro que estava, Nick tinha m entido para m im . Ele não trabalhava para a Fundação Skolsky, que eu desconfiava sequer existir, m as sim para o vil Sr. Al-Aqrab, um hom em cuj o nom e dava calafrios no m undo dos m useus britânicos.

Alguns m eses antes, durante um café, Jam es havia descrito em detalhes a Fundação Aqrab e seus m étodos im placáveis. Nos últim os dez anos, ele m e contara, o pessoal da Aqrab vinha im portunando os m useus da Grã-Bretanha com exigências de que os artefatos antigos fossem restituídos a seus países de origem . O Sr. Al-Aqrab não se acanhava diante de am eaças de violência e terrorism o; ao que parecia, esse desavergonhado bilionário de Dubai tinha verdadeiro ódio pelos britânicos e pelos acadêm icos de Oxford em especial.

Peguei-m e encarando Craig distraída enquanto tentava entender aquilo tudo.

Era óbvio que o gentil escocês tinha decidido que m inha presença valia com o incentivo para lim par sua m esa, e agora inspecionava o m ofo que havia se form ado dentro de um a xícara. Até que ponto ele estaria m etido naquele golpe?, pensei.

Mais im portante, porém : o que *eu* estava fazendo ali? Se o Sr. Al-Aqrab de fato considerava Oxford sua inim iga núm ero um , por que havia m andado o Sr.

Ludwig ir lá m e contratar? Por m ais experiente que eu fosse, não era a única filóloga do m undo.

O caderno de vovó surgiu na m inha m ente em um clarão. Mas aquilo era absurdo. Eu tinha certeza de que suas fantasias sobre as am azonas eram um segredo de fam ília m uito bem guardado.

Pretendia retornar a ligação de Jam es sem dem ora, na privacidade do m eu quarto, m as não consegui chegar até lá. Assim que saí do escritório de Craig, reparei em dois hom ens assum indo um a postura de prontidão do outro lado do pátio de areia e, instantes depois, Nick m e interceptou quando eu subia os degraus para m inha cabine.

Assim que ele estendeu a m ão, com preendi o que queria. Mas seu pressuposto de que 10 m il dólares lhe davam o direito de m e intim idar não m e agradou,

sem falar no fato de ele ter m entido sobre o próprio em pregador, de m odo que encarei seus óculos escuros fingindo não entender.

– Pois não?

– Seu celular – disse ele, sem sequer fingir boas m aneiras. – Eu achei que tivesse deixado absolutam ente claro...

– Deixou, sim – respondi, dando um passo coraj oso escada acim a. – E eu escutei. Devo entender que não confia em m im ?

Ele apenas estalou os dedos para m e m ostrar que continuava esperando. O

gesto fez m inhas bochechas corarem de raiva.

– Isto aqui é o quê? Um gulag?

– Com um a exceção. Você está livre para ir em bora quando quiser.

Algo no seu m odo de falar m e fez perceber que era exatam ente isso que ele esperava que eu fizesse. Apesar de seu esforço para fazer as pazes e seguir em frente, não fora Nick quem havia m e oferecido 10 m il dólares para passar a sem ana ali. Fora outra pessoa. Mas quem ? E por quê?

Pus m eu telefone na palm a da sua m ão com tanta dignidade quanto a situação perm itia.

– Obrigado – disse ele, guardando-o no bolso. – Você sabe o que há lá em baixo. Sabe por que eu preciso agir assim .

– Para ser bem franca... – falei, enrolando o fio do carregador com dedos irados e enfiando-o no bolso. – É difícil entender por que o tal Sr. Skolsky acha que este tem plo é sua propriedade particular.

Resisti ao im pulso de fazer um a careta ao pronunciar aquele nom e m entiroso.

– É isso que você acha que está acontecendo?

– Que outra conclusão eu posso tirar?

Olhei-o com a m aior sinceridade de que fui capaz, m as a cooperação com que

ele havia acabado de acenar j á se acabara outra vez.

Tudo o que ele disse foi: – É exatam ente por isso que preciso ficar com o seu telefone.

Mais tarde nessa noite, Craig m e levou para um a cam inhada noturna sob as estrelas. Em bora ele não tivesse m encionado nada a respeito, desconfiei que soubesse do incidente com o celular e estivesse tentando m e dar um a anim ada.

Enquanto cam inhávam os, a tentação de confrontá-lo com perguntas sobre a Fundação Aqrab foi grande, m as eu sabia que seria um erro revelar que descobrira a verdade. Mesm o que não estivesse na folha de pagam ento de Al-Aqrab, Craig fazia parte da sua equipe. Por que outro m otivo os teria alertado, e som ente a eles, quando sua equipe de escavação encontrou o tem plo?

– Então, para que em presa você trabalha? – acabei perguntando, tentando parecer que estava apenas puxando papo. – E o Nick? Vocês trabalham para as m esm as pessoas?

Craig deu algum as tragadas no cachim bo.

– É m elhor perguntar para outra pessoa. Eu só recebo ordens.

Quando ele viu m inha decepção, m e deu um sorriso torto.

– Olhe, eu não sei o que têm lhe falado. Prefiro ficar fora disso.

– O que têm m e falado é o seguinte – com ecei, um pouco irritada com a sua covardia. – Disseram que isso tem a ver com as am azonas. Que de algum a form a... – Gesticulei na direção do tem plo enterrado. –... este lugar seria um a prova de que elas realm ente existiram . Mas com o você ouviu hoj e de m anhã, Nick não recebeu esse m em orando.

Olhei para ele com o que m e restava de esperança.

– E você? Ouviu algum a m ução às am azonas? Alguém falou sobre isso?

Algum a coisa?

Ele deu de om bros, pouco à vontade.

– Desculpe, m oça. Não é para m im que você tem de perguntar.

Seguim os andando em silêncio até darm os em um portão sim ples de m etal.

Com o estava escuro, dem orei a perceber que tínham os chegado a um curral e que havia outras pessoas ali, encostadas em silêncio nas estacas m etálicas.

Craig m eneou a cabeça sem dizer nada e, quando olhei para dentro do curral, vi duas silhuetas se m overem devagar: um cavalo negro preso a um a corda e um hom em vestido apenas com um a calça branca. Levei alguns instantes para reconhecer Nick e, apesar de m eu desprezo crescente em relação à sua pessoa, havia algo de totalm ente fascinante naquela lenta dança ao luar.

– Observe – articulou Craig com a boca sem em itir som .

Dentro do curral, Nick se aj oelhou na areia. O cavalo negro deu algum as voltas, depois chegou perto e esticou o pescoço para descansar a cabeça no om bro dele.

Um zum -zum coletivo percorreu os hom ens reunidos j unto à cerca e Craig olhou para m im com um a expressão radiante e o cachim bo a se sacudir de anim ação no canto da boca.

– Apostei em dez dias. Ele conseguiu em cinco. Está no sangue.

– O que está no sangue? – indaguei, quase sem conseguir desgrudar os olhos de Nick.

Craig gesticulou com o cachim bo, os olhos franzidos em um sorriso m isterioso.

– Cavalos árabes são m uito inteligentes. Eles sem pre adivinham o que você vai fazer. Não é possível dom á-los; é preciso esperar eles adotarem você. Olhe!

– Bom ... – Virei as costas para o espetáculo, sentindo os acontecim entos do dia pesarem em cada m em bro. – Acho que eu sou tarefa para m ais de cinco dias.

O sorriso de Craig desapareceu.

– Se quiser o m eu conselho...

– Por favor!

– Aceite o dinheiro, faça o seu trabalho e vá em bora. Não olhe para trás. E

aconteça o que acontecer... – Ele m e encarou bem fundo, para ter certeza de que eu estava escutando. – Não contrarie essa gente. Eles não vão ser legais com você.

CAPÍTULO CATORZE

TEMPLO DA DEUSA DA LUA

O ataque aconteceu à noite.

Sob o m anto de um céu nublado, cinco navios estrangeiros atravessaram com dificuldade o grande pântano e chegaram ao litoral perto do Tem plo da Deusa da Lua. Se tivessem chegado três m eses antes, j am ais teriam conseguido cruzar as águas rasas; deviam seu sucesso a um a estação de chuvas particularm ente forte, que por um breve período havia restaurado a antiga costa.

Mesm o quando as quilhas cobertas de breu foram fincadas na areia, nenhum cão ladrou, nenhum ganso deu o alarm e. Todos os ruídos foram abafados pelo ar pesado de um idade característico daquela época do ano, quando céu e terra enfim se encharcavam . Nessa brum a traiçoeira, os cinco navios despej aram sua carga m ortal: hom ens com arm as refinadas e desej os brutais, cuj as necessidades tinham sido avivadas por longas sem anas no m ar.

A invasão foi tão silenciosa que Mirina só percebeu o perigo ao ser despertada por um a pequena cotovelada em suas costelas.

– Você ouviu isso? – sibilou Lilli, sentando-se abruptam ente na cam a. – Escute.

Contrariando as regras do tem plo, m as com a bênção secreta da sum a sacerdotisa, que gostava da ideia de ter Mirina com o sentinela, as duas irm ãs passavam a m aioria das noites em cim a do telhado, e preferiam o relento à segurança enclausurada do dorm itório. Lilli no início hesitara, com m edo da subida pela escada de corda, o que era natural. Mas depois de aprender onde colocar as m ãos e os pés, e com Mirina logo atrás, em pouco tem po passou a gostar das escapulidas noturnas. Sozinhas no telhado, as irm ãs podiam conversar a sós sobre os acontecim entos do dia.

Mesm o durante a estação das chuvas, continuaram a dorm ir nesse poleiro, encolhidas debaixo de um pequeno tecido im perm eabilizado e enroladas no m esm o cobertor. À m edida que a tão ansiada água subira, a linha da costa avançara o suficiente para que, do telhado, fosse possível avistar a vasta área pantanosa e esverdeada à beira-m ar.

De vez em quando, de m anhã bem cedo, Mirina ficava sentada adm irando o

nascer do sol na água e tentava descrever para Lilli a transição das cores, e as duas recordavam seus am igos que viviam da pesca e ficavam especulando se a pescaria teria m elhorado com as chuvas.

Mas, ao subir, o m ar despertara m ais do que lem branças.

Ultim am ente, Lilli vinha tendo pesadelos com navios estrangeiros e m ais de um a vez acordara chorando, convencida de que o tem plo estava prestes a ser atacado. “Não é um sonho!”, insistia ela sem pre que Mirina tentava acalm á-la.

“É um a visão. Um aviso.”

Em troca da visão perdida, a Deusa da Lua dera a Lilli o dom da profecia.

Pelo m enos era isso que a sum a sacerdotisa afirm ava desde que ficara claro que a m enina j am ais voltaria a enxergar. Cega a todas as coisas m ateriais, Lilli podia ver o futuro. E nesse futuro ela via sangue.

Sem pre que os pesadelos aconteciam , Mirina sim plesm ente abraçava a irm ã em silêncio e a ninava até que ela voltasse a dorm ir, com o sua m ãe costum ava fazer. Lilli sem pre tivera sonhos vívidos e, até onde a m em ória de Mirina alcançava, a m enina acordava praticam ente a cada duas noites trem endo de m edo. Assim , não foi surpresa para ela quando, nessa noite específica, Lilli de repente se aj oelhou no telhado do tem plo e sibilou: – O que foi isso? Está ouvindo vozes?

Obediente, Mirina tam bém se sentou e olhou em volta.

– Deve ser...

Foi silenciada pela m ão assustada da irm ã em seu om bro.

– Hom ens. Arm as. – Lilli escutou com atenção. – Eles chegaram . Os navios negros. Passei o dia inteiro sentindo.

Ainda m eio dorm indo, Mirina se levantou e estreitou os olhos para a escuridão de m odo a tentar distinguir a linha da costa. Foi só quando as nuvens se abriram e perm itiram à lua um breve clarão de alerta que ela viu: os contornos das em barcações puxadas até a m argem e as som bras a se esgueirar pela encosta em direção à entrada do tem plo.

– Não está ouvindo? – insistiu Lilli, tom ando por descrença o silêncio horrorizado de Mirina. – São eles!

– Silêncio! – Ela sentou a irm ã em um lugar escondido. – Preciso avisar às outras. Fique aqui e perm aneça quieta. Entendeu?

Assim que Lilli concordou com um m eneio de cabeça assustado, ela saiu correndo por cim a das telhas. Não havia tem po para usar a escada de corda; em vez disso, ela pulou para o pátio do m esm o j eito que tinha feito naquele prim eiro dia, seis m eses antes.

O pátio tinha um ar sinistro nessa noite, envolto em som bras... e dessa vez foi ela quem cham ou os eunucos, e não o contrário.

– Acordem ! – gritou, batendo em suas venezianas fechadas ao passar correndo. – Acordem e vão proteger a porta da frente!

Ao passar pela piscina de ladrilhos, ficou intrigada ao notar um a série de ondulações ritm adas na água. Parou para escutar e pôde ouvir ao longe o bater de m adeira em m adeira e, em bora não soubesse o que estava causando aquele barulho, entendeu que seu intuito era destruir.

Quando finalm ente chegou ao dorm itório, encontrou-o vazio, com lençóis e roupas espalhados por toda parte. Aliviada ao deduzir que as sacerdotisas tinham sido rápidas para perceber o perigo e assum ir suas posições, correu para verificar a caixa secreta... m as soltou um grunhido consternado.

As arm as estavam todas ali, no lugar exato em que ela as havia guardado depois da últim a sessão de treinam ento, quatro dias antes. Aonde quer que suas colegas sacerdotisas tivessem ido, estavam m ais desarm adas e indefesas do que nunca.

Juntou o m áxim o de lanças e arcos que conseguiu carregar e seguiu pelo corredor sem dim inuir o passo até o tem plo principal, parando de vez em quando apenas para aj eitar as arm as. Foi só quando chegou ao santuário interno que pôde enfim escutar gritos e súplicas chorosas. Esticou-se para ver e distinguiu a sum a sacerdotisa atrás do altar, com os braços cruzados em postura defensiva, rodeada por um am ontoado de m ulheres aos prantos.

– O que está acontecendo aqui? – Mirina largou as arm as no chão. – Rápido,

arm em -se!

Todas as cabeças se viraram ao ouvir o clangor dos obj etos, m as ninguém se m oveu para obedecer ao seu com ando.

– Ela disse que a Deusa da Lua ordenou que ficasse – disse Pitana aos prantos, bem m ais alta do que as outras, acenando desesperada para a sum a sacerdotisa com os braços com pridos. – E *elas* não querem abandoná-la. Ah, por favor, Mirina, convença-a a m udar de ideia!

– Não há tem po para isso! – Mirina deu a volta correndo no altar e agarrou a sum a sacerdotisa pela m anga. – Vam os! Tem os de nos posicionar...

– Saia! Vá em bora daqui! – A sum a sacerdotisa se desvencilhou das m ãos de Mirina e estendeu a sua para a coroa sacrificial pousada sobre o altar, um enorm e diadem a enfeitado com serpentes de bronze. – Eu vou ficar. É m eu dever sagrado proteger a Deusa...

Mirina trincou os dentes.

– A Deusa pode se proteger sozinha. A senhora nos ensinou isso, lem bra? – Ela pegou a coroa com um gesto im paciente e tornou a colocá-la no altar. – Agora vam os! Foi a senhora quem m e disse para treinar todo m undo e nos prepararm os para o pior.

Sua atitude ousada despertou apenas o desafio da sum a sacerdotisa. Sem dizer m ais nada, a sum a sacerdotisa tornou a pegar a coroa e a colocou com firm eza na própria cabeça, cam baleando por um instante por causa do peso.

Desviando-se das serpentes protuberantes, Mirina segurou a m ulher pelas duas m ãos.

– Por que faz tanta questão de nos atrasar? – exigiu saber. – Nossa esperança m orre um pouco m ais a cada batida naquela porta. Será que a senhora não entende?

Houve um breve silêncio, durante o qual Mirina quase conseguiu se convencer de que a sum a sacerdotisa havia com eçado a se dar conta de seu erro trágico, m as o barulho de m adeira sendo partida tornou todas essas especulações inúteis.

Em um piscar de olhos, o tem plo foi invadido por hordas de dem ônios uivantes. Criaturas pálidas e anim alescas, com barbas em aranhadas e expressões selvagens, atiravam -se para um lado e outro com seus escudos e espadas em busca de corpos para transpassar e tesouros para roubar. Sua presença era tão aterrorizante que Mirina não fez outra tentativa de arm ar as irm ãs, tam pouco se atreveu a procurar as próprias arm as na pilha do chão. Encurralada no santuário interno e entorpecida de m edo, não havia nada a fazer senão esperar e rezar.

Por algum tem po, a preocupação dos invasores foi com as riquezas do tem plo principal. Um a a um a, as oferendas foram arrancadas das paredes e j ogadas em um a pilha cada vez m aior no chão de pedra. Em seguida, o líder m irou a porta aberta do santuário e as m ulheres assustadas ali reunidas. Bradando algo em um a língua gutural incom preensível, abriu cam inho pelo tum ulto, chutou para o lado a pilha de arcos e lanças de Mirina e cruzou a soleira do recinto sagrado.

Ficou ali parado por um ou dois segundos, encarando as m ulheres.

Então seu olhar pousou na sum a sacerdotisa.

– Venha, eu lhe im ploro! – Mirina m ais um a vez tentou puxar a m ulher m ais velha para o anonim ato da m ultidão, m as novam ente se deparou com um a feroz resistência.

– Não! – A sum a sacerdotisa pôs as m ãos no peito de Mirina e a em purrou para longe com toda a força de que foi capaz. – Deixe-m e, Mirina, é um a ordem !

Contida por Anim one e Pitana, Mirina nada pôde fazer a não ser ficar parada, im potente, enquanto o hom em atravessava o recinto, pulava sobre o altar e, sem a m enor dem onstração de respeito ou arrependim ento, brandia a espada contra a sum a sacerdotisa.

Alheio aos gritos das m ulheres, recolheu a cabeça decepada e a segurou bem alto, com o se ela fosse um prêm io, e ele, um vitorioso m erecedor.

Então chegaram seus com panheiros, derram ando-se recinto adentro feito ratos e, antes que Mirina pudesse reagir, um golpe na cabeça fez tudo escurecer.

Quando ela recobrou os sentidos, estava sendo arrastada pelo chão do tem plo principal, seu corpo sofrendo convulsões. Um hom em a puxava pelos cabelos com o se ela não passasse de um a presa m orta. Ela gritou de dor quando ele

desceu os degraus de pedra e atravessou o que restava da área antes ocupada pelos peregrinos.

O hom em a deixou na praia j unto a um a pilha de obj etos saqueados e Mirina passou um tem po deitada, gem endo, certa de ter quebrado todos os ossos do corpo. À sua volta, em m eio à névoa cinza da aurora, estavam deitadas outras sacerdotisas com as roupas rasgadas e m anchadas de verm elho. Sem pre que um a delas acordava e tentava se sentar, um braço peludo ou um a bota de couro a derrubava no chão na m esm a hora. Ao ver isso, Mirina sequer tentou se m over; ficou onde estava, ouvindo os gritos vindos do tem plo e tentando conter o sangue e o vôm ito que insistiam em sair de sua boca.

Lilli.

Rezou para a irm ã ainda estar segura no telhado, onde a deixara. Mais do que nunca, desej ou ter arm as consigo. Sua faca de caça... seu arco e sua alj ava...

m as, pensando bem , o que poderia ter feito? De que adiantava um único arco contra um exército do m al?

Quando a escuridão de um a noite de infelicidade se transform ou no inclem ente sol da m anhã, os invasores com eçaram a carregar seus cinco navios com os obj etos que consideravam m ais valiosos. Em determ inado m om ento, iniciou-se um a discussão entre o líder e o resto, claram ente relacionada à Deusa da Lua, que eles haviam conseguido rem over do pedestal no santuário interno e transportar por todo o cam inho até a praia com a aj uda de cordas e troncos de m adeira.

A j ulgar pelos grunhidos e dentes cerrados daqueles hom ens, a Deusa era excessivam ente pesada, e sem dúvida com prom eteria a estabilidade da em barcação que a transportasse. Mas o líder estava decidido e, a um com ando seu, a m aciça divindade foi posta, ainda que com dificuldade, em seu navio, j unto com outros obj etos sagrados, entre os quais, tem ia Mirina, um saco ensanguentado contendo a cabeça da sum a sacerdotisa.

Em seguida dividiram por cinco os obj etos saqueados e os transportaram aos navios. Um a vez que todas as cinco tripulações estavam satisfeitas com o seu quinhão, com eçaram a preencher o espaço restante com m ulheres. Algum as sacerdotisas, entre elas a linda Klito, foram em barcadas sem dem ora; outras foram despidas e inspecionadas apenas para serem descartadas com um sorriso

de desdém .

Mirina foi um a das descartadas. Bastou os m arinheiros darem um a olhada em seu corpo robusto e seios pequenos para caírem na risada. Um deles pareceu defender os m éritos de sua j uventude e força, m as foi logo derrotado.

Bem na hora em que se atreveu a com eçar a engatinhar para longe, pensando não ter m ais serventia para eles, Mirina sentiu um a dor lancinante nas costas. Virou-se a tem po de ver um hom em puxar de volta a lança com que a perfurara. Em vez de pânico, porém , tudo o que ela teve foi um a estranha sensação de alívio ao desabar na areia.

Os deuses do m undo inferior a receberam em seus escuros salões, cortaram fora seu coração e o pesaram em sua balança... m as o j ulgaram incom pleto. Algo estava faltando. Som ente quando eles a m andaram para a câm ara da verdade, onde os dem ônios de cabeça de chacal dilaceraram sua carne, foi que ela finalm ente se lem brou.

Lilli.

Escavando com as próprias unhas o cam inho para sair das cavernas da m orte, Mirina voltou para a luz lá em cim a e se viu de novo caída na beira da lagoa, sob o sol que a tudo devorava. Quando finalm ente abriu os olhos, o m undo estava envolto em um a brum a dourada e era com o se seu corpo não tivesse peso nenhum . Levantou-se e se pôs a cam inhar a esm o, sem sentir dor. O céu girou à sua volta um a ou duas vezes e a praia tentou engoli-la com o se ela estivesse na areia que se esvai num a am pulheta... m as ela não sentiu m edo.

Ao se ver com pletam ente sozinha ali, voltou para as escadas do tem plo, que subiu pensando se o ataque teria sido apenas um sonho causado por um a insolação. Mas, assim que passou pela porta e viu a destruição lá dentro, entendeu que tudo tinha sido real e que, por algum m otivo que ela talvez j am ais entendesse, os deuses a haviam poupado com sua m ão protetora.

A toda a sua volta estavam espalhados obj etos de cerâm ica quebrados e roupas rasgadas, e então, por fim , Mirina sentiu a névoa dourada se dissipar e suas faculdades retornarem ao perceber que algum as daquelas peças ensanguentadas ainda estavam enroladas em corpos. Sentiu-se sufocada pelo desespero. Precisava saber quem tinha sido assassinado com tanta brutalidade, m as tinha m edo de reconhecer as vítim as.

As sobreviventes estavam reunidas no dorm itório das m ulheres, agachadas no chão em pequenos grupos am edrontados. Até onde Mirina pôde ver, Lilli não estava entre elas.

– Querida! – Cim e veio correndo, com os cabelos grisalhos soltos e o rosto bondoso contorcido de dor. – Pensam os que você tivesse m orrido! Ah, que ferida horrível!

De repente, m ãos surgiram por toda parte para tentar fazê-la deitar, m as Mirina as afastou.

– Onde está Lilli? – exigiu saber, sentindo o funil de areia puxá-la cada vez m ais forte.

– Fique calm a – pediu Cim e, tocando sua testa com a m ão gelada. – Descanse.

Ao se deitar em um a das cam as, ela se sentiu deslizar para a escuridão, m as assim que pensou que não fosse m ais aguentar, Anim one apareceu. Mirina não reconheceu a am iga na hora, pois a form a oval que apareceu na névoa ao seu lado estava tão m achucada e pálida que parecia não um rosto, m as um m elão caído de um a carroça e deixado à beira da estrada para apodrecer.

– Olhe só para nós – m urm urou aquela form a, inclinando-se m ais para perto e depositando um beij o trêm ulo na bochecha de Mirina. – Nós som os as que tiveram sorte.

Mirina tentou falar, m as sua língua estava pesada dem ais.

– Você vai ter um a m orte sagrada – continuou Anim one. – E eu... – Sua voz falhou, m as ela se forçou a continuar. – Eu prefiro ser estuprada um a vez por um bruto sem nom e do que pelo resto da vida por alguém que se diz m eu m estre. E a Deusa da Lua...

Com o pouco de força que ainda lhe restava, Mirina segurou Anim one pelo pulso, logo abaixo do bracelete de chacal.

– Onde ela está?

Sua am iga em itiu um ruído de repulsa.

– A Deusa? Eles que fiquem com ela! O que a Deusa fez para nos proteger?

Passam os a vida inteira a seu serviço... sendo castas por ela. E qual é a sua retribuição? Ir em bora com um bando de estupradores!

Mirina deu um puxão no braço da am iga e a encarou com um a im paciência febril.

– Estou falando de Lilli! Onde ela está? Eu a deixei no telhado...

– Shh. – Pitana apareceu, com o corpo alto curvado de preocupação. – Você precisa descansar. – Ela alisou o rosto ardente de Mirina com dedos trêm ulos. – Está m uito m al...

– Digam ! – exigiu Mirina, encarando as duas am igas. – Onde ela está?

Anim one fechou os olhos e abaixou a cabeça ferida.

– Ela se foi tam bém . E Kara. Por m ais que ela causasse problem as, sinto pena dela...

– Eles a levaram ? – Mirina tentou se sentar, m as não conseguiu. – Para onde?

Para onde eles a levaram ? Quem eram esses m onstros? Anim one, seu avô era m arinheiro... você deve saber algum a coisa. Vam os, m e aj ude a levantar. Onde está m eu arco?

– Arcos são para caçadores – m urm urou alguém .

– E nós som os o quê? – rebateu Mirina. – A caça? – Ela conseguiu finalm ente se sentar. – Um anim al caçado sente m edo. Se debate. É devorado. – Ela encarou os rostos m achucados e atônitos, um de cada vez. – Por que essa cara de m edo?

A lua cheia sem pre não favoreceu o caçador?

Ela pretendia dizer m ais, m uito m ais, m as a sua força j á estava nas últim as havia m uito tem po. Com um grunhido de exaustão, desabou de volta na cam a, onde ficou deitada, im óvel com o na m orte, durante dois dias inteiros, fazendo as outras sacerdotisas se perguntarem que poder sobrenatural a m antinha viva e

por quê.

CAPÍTULO QUINZE

E assim cheguei aonde vivia a Górgona. No caminho, em campos e à beira das estradas, vi homens e animais por todos os lados, qual estátuas, transformados em pedra cinza pela visão do rosto da Medusa.

Ovídio, *Metamorfoses* ARGÉLIA Levei quatro dias para decifrar a inscrição no santuário interno. Mesm o depois de descobrir os asteriscos que separavam palavras e frases – e apesar de, m esm o caindo de sono, eu passar várias horas por noite colocando o dicionário de vovó em ordem alfabética –, foi m uito difícil entender o que a narrativa na parede dizia.

O gesso rachado e lascado em vários pontos (com certeza por causa da um idade ou das m udanças na estrutura ao redor) dificultava o trabalho. Em alguns lugares, grandes pedaços da parede tinham ruído por com pleto, deixando lacunas de bordas irregulares, de form a que faltava cerca de um terço da inscrição.

O que restava era um registro incom pleto de acontecim entos apocalípticos e de violência nauseante. Destruição, estupro e assassinato haviam m arcado o fim daquela civilização antiga e desconhecida e, m uito em bora a lista de vovó não contivesse nem de longe todas as palavras usadas pelo narrador, entendi o suficiente para ligar os pontos.

Quando finalm ente cheguei ao fim da últim a parede, deitei-m e por algum tem po sobre m inha esteira de palha e fiquei pensando em com o aquilo tudo se encaixava no m undo antigo que eu pensava conhecer tão bem . Não m e restava dúvida de que o tem plo tinha no m ínim o 3 m il anos e de que eu estava diante do legado de um a civilização da Idade do Bronze que não deixara vestígio nenhum a não ser no universo dos m itos. A pergunta era: quais m itos?

O Sr. Ludwig tinha m e dito explicitam ente que a Fundação Skolsky havia encontrado resquícios das am azonas, m as a inscrição não m encionava m ulheres guerreiras; m uito pelo contrário. E, j á que a Fundação Skolsky se revelara um a farsa, será que eu deveria supor que a conexão com as am azonas tam bém o era?

Teria aquilo tudo sido um a form a de m e ludibriar?

Caso fosse, por que alguém do alto escalão da Fundação Aqrab decidira *me* despachar até a Argélia, em vez do arqueólogo que Nick havia solicitado? Com o estava sem celular, ainda não pudera pesquisar o Sr. Al-Aqrab na internet.

Lem brei-m e, no entanto, de Jam es ter dito que ele era um daqueles típicos novos ricos sem lim ites que tinham um cam po de golfe em sua cobertura e não hesitavam em alugar um navio de cruzeiro inteirinho para a festa de aniversário da esposa. Tive de m e perguntar por que um hom em assim daria algum a im portância à narrativa incom pleta escrita naquela parede, quanto m ais em preenderia um a escavação de proporções tão gigantescas.

E m ais um a vez pensei em vovó. Será que ela sabia daquela civilização esquecida? Parecia im possível. Mas ali estava eu, com seu caderno na m ão...

Minhas especulações term inaram quando Craig entrou no santuário interno com um sorriso e m eneou a cabeça.

– Im aginei que fosse encontrá-la aqui. Venha, doutora! É noite de sexta-feira e vam os m atar o bezerro gordo.

Na realidade, o bezerro gordo veio na form a de m ais um m isterioso ensopado do refeitório, m as o fato de Craig ter m e convidado para m e sentar com ele e os am igos ao redor de um a fogueira no acam pam ento aj udou. Acim a de nós e à nossa volta, um a profusão de estrelas cintilantes tornava o breu infinito do Universo um pouco m enos intim idador e, após horas e m ais horas passadas debaixo da areia ou dentro da caixa claustrofóbica que era a m inha cabine, eu estava m ais do que feliz por desfrutar a noite do deserto, sem falar em um pouco de com panhia.

– Então, doutora, conte para a gente o que anda encontrando lá em baixo – pediu Craig, pondo a m anta de m icrofibra da em presa em volta dos m eus om bros. – Quem é o bonitão sem cabeça do caixão?

A j ulgar pelos grunhidos de surpresa à m inha volta, poucos daqueles hom ens tinham ouvido falar no esqueleto.

– Não é um hom em – falei para eles. – É um a m ulher. Ela foi decapitada.

Houve um ataque. Um a pequena frota de navios estrangeiros...

Olhei em volta e vi que os hom ens m e encaravam com fascínio.

– É sem pre a m esm a coisa, não é? – continuei. – Saques e pilhagem . Hom ens em penhados em destruir e m ulheres...

Na m esm a hora em que eu disse isso, ocorreu-m e que eu era a única m ulher em um acam pam ento cheio de hom ens, que ninguém havia m e feito m al e que eu estava com partilhando o seu j antar. Minhas tataravós teriam achado aquilo im possível. De fato, na longa história de m ulheres que se estendia entre os infelizes acontecim entos descritos na parede e o aqui e agora, a anom alia era a *minha* situação.

– A m aioria das sacerdotisas foi m orta – continuei, puxando a m anta para m ais j unto do corpo. – Algum as foram levadas em bora com o escravas... as bonitas, im agino. Não estou cem por cento certa do que aconteceu com as outras pessoas que m oravam aqui, m as a inscrição parece sugerir que os invasores atearam fogo na cidade antes de ir em bora.

Ao ver a expressão nos rostos à m inha volta, balancei a cabeça.

– Desculpem . Não é um a história m uito alegre.

– E a m ulher no caixão? – insistiu Craig. – Por que ela era especial?

– Até onde eu entendo, ela era a sum a sacerdotisa. – Tirei o laptop da bolsa e fui percorrendo as fotos do santuário interno. – A representação terrena da Deusa da Lua. Que tam bém foi roubada, por sinal. A estátua, quero dizer. Parece que a sum a sacerdotisa tinha um a coroa de cobras venenosas.

Parei para dar close em um desenho na parede que retratava um a figura fem inina intim idadora, com serpentes enroscadas a brotar dos cabelos.

– Olhem aqui. – Ergui o com putador para todos verem . – Im pressionante, não?

Os hom ens se esticaram para olhar a im agem na tela e deixei que passassem o laptop de m ão em m ão. Quando a m áquina chegou a Craig, ele soltou um ganido.

– Ela é a cara da m inha sogra!

Esperei as risadas dim inuírem , então falei: – Na m itologia grega, Perseu viaj a a terras distantes para m atar a Medusa, um m onstro com cabelos de cobra. Mas ele não só a *mata*: ele corta sua cabeça e a leva consigo para usar com o arm a. Parece que a Medusa era de um a feiura tão aterradora que, só de ver sua cabeça, um hom em se transform ava em pedra.

– Ela é *mesmo* a m inha sogra! – exclam ou Craig.

Ignorando as risadinhas que se seguiram , continuei: – Dizem que a Medusa viveu exatam ente aqui, no norte da África. Segundo a literatura grega, estas regiões abrigavam m uitas variedades de... bem , de m onstros, sobretudo.

– Mas para onde Perseu levou a cabeça? – quis saber Craig.

– Ele passou um tem po carregando a cabeça consigo – respondi. – Na verdade, ela era bem útil. Quem não iria gostar de às vezes conseguir transform ar os outros em pedra? Mas o m ais interessante é que essa cabeça com cabelos de cobra acabou virando um a decoração assustadora no escudo de Palas Atena. A deusa do Olim po Palas Atena, sabem ? A que aj udou Odisseu na longa viagem de volta de Troia.

Ao ouvir isso, Craig e alguns outros aquiesceram para sinalizar que conheciam a história.

– Além do m ais, o filósofo grego Platão afirm ava que Palas Atena era na verdade um a figura originária do norte da África – continuei, encoraj ada por seu aparente interesse.

Levei a m ão à testa para tentar segurar aquele súbito fio de com preensão que m e deixava eufórica.

– Será que foi isso que aconteceu com a Deusa da Lua roubada? E se ela tiver sido levada para a Grécia antiga e rebatizada de Palas Atena? Isso explicaria por que traz a cabeça da Medusa no escudo e por que Hom ero e Hesíodo a cham avam de “Tritogeneia”. Não estão vendo? Elas chegaram à Grécia ao m esm o tem po, a deusa Palas Atena e sua m onstruosa arm a secreta, as duas únicas sobreviventes de um a m agnífica civilização perdida às m argens do lago Tritônis. Faz todo o sentido!

– Não houve nenhum outro sobrevivente?

Sobressaltei-m e ao ouvir a voz de Nick. Fazia alguns dias que ele não dava as caras, e eu deduzira que estivesse atrás de um arqueólogo para m e substituir. Mas ali estava ele, observando-m e através da luz trem eluzente da fogueira.

– Bom , as que foram levadas com o escravas é com o se tivessem m orrido – respondi. – Mulheres negras levadas à força para um m undo de brancos...

Balancei a cabeça.

– Com o sabe que elas eram negras?

Hesitei, espantada com seu tom com bativo.

– Com o você sabe, as m ulheres retratadas nas paredes do tem plo estão coloridas de m arrom . Além disso, as inscrições fazem referência à pele clara dos invasores...

– E as que não foram levadas com o escravas? Deve ter havido outras sobreviventes. Quem gravou o testem unho em prim eira m ão na parede?

– Infelizm ente, o texto tem um a lacuna – falei, irritada com ele por m e contestar na frente de todo m undo.

– Lacuna?

Encarei-o com fúria. Seu ar de desprezo m e dizia que ele sabia m uito bem o que era um a lacuna. Um a lacuna era um a parte que faltava. Algo que não estava lá. Com o ele não m e dizer que trabalhava para a Fundação Aqrab, por exem plo.

Ou não pedir desculpas por sua grosseria. Ou não devolver m eu telefone.

– Tem um buraco deste tam anho na parede – falei, abrindo os braços e balancei a cabeça para confirm ar. – Mas, sim , houve sobreviventes. Um a m eia dúzia, não m ais do que isso. E a inscrição diz que elas partiram em busca das am igas roubadas.

Nick deu um passo à frente; seus olhos refletiam a dança das cham as.

– Para onde elas foram ?

Hesitei. Pensei que ele quisesse apenas m e provocar com suas perguntas insistentes, m as nessa hora entendi que não tinha nada a ver com igo.

– Não sei – respondi. – Essa parte está faltando.

A decepção ficou óbvia em seu rosto. Sem dizer m ais nada, ele virou as costas e foi em bora, e fiquei m e perguntando, m ais um a vez, quais seriam as m otivações da Fundação Aqrab e seus obj etivos ao m e contratar.

Quando o Sr. Ludwig m e procurara em Oxford, na sem ana anterior, ele e a fundação não tinham com o saber se eu conseguiria decifrar a inscrição. Eles poderiam m e pagar m ilhares de dólares e m e transportar por várias zonas clim áticas diferentes a troco de nada. Além do m ais, ao m e escolherem , eles em teoria haviam alertado toda a com unidade acadêm ica de Oxford quanto à existência da escavação.

Minha confusão só fez aum entar quando voltei à m inha cabine nessa noite e encontrei m eu celular em cim a da cam a com um bilhete dizendo: “Pode ligar à vontade.”

Sem surpresa nenhum a, m inha caixa postal estava lotada de m ensagens.

Meus pobres pais cada vez m ais perplexos com m inha ausência, Rebecca sem entender por que eu não tinha retornado sua ligação e Jam es com eçando a tem er que eu tivesse sido raptada por um xeique do deserto, talvez não sem m otivo, e que ele fosse ter de passar o resto do ano letivo dando com ida aos peixes. “A propósito, seus alunos deram com a língua nos dentes”, continuava ele, com um tom m ais sério. “A velha gata selvagem sabe que você sum iu. Seria bom ligar para ela.”

A velha gata selvagem era m inha supervisora Katherine Kent, com quem Jam es e eu tínham os j antado na véspera da m inha viagem . Eu esperava conseguir m anter m inha ausência em segredo, pois ela com certeza m e tacharia de boba por abandonar m inhas obrigações em Oxford no m eio do sem estre, m esm o que apenas por um a sem ana.

Depois de conferir rapidam ente as horas, liguei para Katherine. Conform e eu desconfiava, ela não estava na sala, e deixei um recado curto que dizia: “Desculpe ter sum ido assim , m as estou envolvida em um a coisa espetacular, sério. Com certeza está valendo a pena. Um sistem a de escrita novo... é

inacreditável. Tenho quase certeza de que consegui decifrar; m al posso esperar para lhe m ostrar.”

Isso feito, tornei a pensar no com entário de Jam es sobre o xeique do deserto.

Seria possível ele saber que eu estava no norte da África? Ou será que ele estava apenas brincando com o fato de a Fundação Aqrab ter sede em Dubai?

Obviam ente, para um historiador com o Jam es, o fato de eu ter sido quase raptada por um a gangue de fanáticos em restituição de arte antiga tornava a situação particularm ente precária; se de fato os exércitos do Sr. Al-Aqrab estivessem atacando os m useus britânicos, eu estaria, por assim dizer, atrás das linhas inim igas.

Sábado foi m eu últim o dia no tem plo. Eu j á tinha quase acabado de trabalhar na inscrição e, depois de passar a m anhã m elhorando m eu texto traduzido, voltei para o santuário interno à tarde para tirar fotos de m ais alguns detalhes das paredes e, acho eu, para m e despedir do lugar.

Não avisei nem a Craig nem a Nick que voltaria ao tem plo depois do alm oço.

Até onde eles sabiam , eu estava ocupada fazendo a m ala e, com o Craig tinha com entado, trançando m eus cabelos de Rapunzel antes de voltar para a torre de m arfim .

Depois de fazer o traj eto tantas vezes, sabia que o tem plo não ficava tão longe assim do acam pam ento: não m ais do que m eia hora em m archa acelerada por dunas de areia. Com o a nossa partida para Dj erba só estava m arcada para dali a algum as horas, gostei da ideia de fazer um pouco de exercício solitário.

Os guardas na barraca pareceram achar estranho que eu chegasse à escavação a pé e sozinha, m as não eram pagos para fazer perguntas, então não hesitaram em m e aj udar a descer pelo tubo.

Logo o resto do m undo se tornou irrelevante. Eu estava no tem plo, bem longe da agitação da vida e, m ais um a vez, sozinha com m eus próprios pensam entos.

Úm ido, poeirento e escuro, aquele com certeza não era um lugar m uito confortável, fosse do ponto de vista físico ou m ental, m as a m aravilha que

eram as paredes do santuário interno logo m e distraíram do fato de eu estar debaixo da terra e de que um a sim ples corda m e conectava ao m undo lá em cim a.

Eu agora j á conhecia as m ulheres naquelas paredes, e estar ali em baixo, respirando o m esm o ar que elas haviam respirado, de certa form a criava um a relação entre nós que transcendia o tem po. Quaisquer que fossem os acontecim entos do passado e o que quer que ainda viesse a acontecer, aquele lugar silencioso era nosso refúgio com um , e não pude evitar um a pontada de tristeza por ter de ir em bora tão cedo. Nick havia j urado que eu estaria de volta a Oxford na segunda de m anhã e, considerando sua vontade de se ver livre de m im , eu sabia que ele cum priria a prom essa.

Dali a pouco tem po, pensei ao percorrer o santuário interno em silêncio, o tem plo estaria coalhado de arqueólogos e a m ídia ficaria louca para ter acesso àquela descoberta sensacional. Enquanto isso, eu estaria em Oxford, dando o m elhor de m im para escrever um artigo acadêm ico sobre a inscrição sem revelar com o conseguira traduzir aqueles sím bolos m isteriosos.

Peguei a câm era e tirei m ais algum as fotos em close dos desenhos nas paredes e da inscrição. Na pressa de decifrar os escritos, vergonhosam ente dera pouca atenção às im agens coloridas, que sem dúvida eram m ais antigas que o texto. A m aioria era de cenas de sacrifício e um a delas em especial parecia sugerir que os sacrificados nem sem pre eram anim ais. Ali estava a im agem que m e fizera pensar no m ito da Medusa: usando um adereço de cabeça feito de cobras vivas, a sum a sacerdotisa tinha a m ão estendida para um a m ulher de vestido branco que ela parecia apunhalar com um facão. Quaisquer que fossem aquele ritual e o destino da vítim a, pensei, não seria de espantar se aquela m ulher de cabelos de cobra entrasse para a m itologia com o um m onstro.

Segurando bem alto a lanterna, exam inei com m ais atenção a figura da sum a sacerdotisa. O gesso estava lascado, m as, além do assustador adereço de cabeça, tive quase certeza de que ela usava um bracelete de chacal idêntico ao que eu vira no braço do esqueleto dentro do sarcófago... sem falar no que eu usava, escondido sob a m anga do suéter.

Mas o esqueleto, as sacerdotisas e eu não éram os as únicas m ulheres no recinto com um chacal de bronze em com um . Ao dar a volta por todo o santuário com a lanterna apontada para as paredes, contei pelo m enos m ais oito figuras com

braceletes parecidos. Todas vestiam branco e, em bora seus cabelos estivessem escondidos por pequenos gorros pontudos, os bustos e ancas largas sugeriam se tratar de m ulheres.

Com o j á havia acontecido m uitas vezes, peguei-m e pensando até que ponto aquelas m ulheres de roupas brancas estariam relacionadas à lenda das am azonas. Deixando de lado qualquer feito guerreiro, talvez eu estivesse à procura de um elem ento m ais íntim o, talvez até secreto de suas vidas: os rituais e crenças que tinham forj ado seu vínculo sagrado de irm andade. No entanto, se fosse m esm o o caso, por que elas não tinham se defendido dos invasores? Será que eu estava diante das últim as horas de um a civilização de am azonas?

Ou de seu início?

Ainda m e lem brava de quando vovó tinha m e m ostrado seu bracelete, dizendo que o chacal era im ortal. Ao que parecia, apesar da im obilidade, o coraj oso canino estava vivo e era m uito exigente em relação às suas hospedeiras hum anas.

– Ninguém herda este bracelete – explicaram e ela. – É preciso m erecê-lo.

Só então o chacal escolhe você.

Na época, eu levara isso para o lado pessoal. Eu tinha entendido que ela estava se referindo a m im . Ficara um pouco ofendida com a sugestão de que não era digna de usar sua j oia. Bom , não faz m al, pensara eu. Afinal de contas, quem quer ser escolhida por um chacal?

Mas, na verdade, era j ustam ente isso que parecia ter acontecido: o bracelete de vovó havia escolhido a m im com o sua hospedeira. Por m ais que eu tentasse, nunca conseguia tirá-lo do braço; nem sabonete nem óleo adiantavam . É claro que essa fora a prim eira coisa em que eu havia pensado ao ver o esqueleto no caixão: sabia que tinha de garantir que Nick não visse m eu bracelete, para que não ficasse pensando em qual poderia ser o vínculo. Mesm o na confusão de todo o resto que estava acontecendo, eu continuava tentando tirá-lo... só que não conseguia.

Parecia ser um a daquelas coisas sinistras e irreversíveis: um a vez colocado, o bracelete não saía m ais. Ou quem sabe o calor do deserto tivesse m e deixado inchada. Contudo, pensando bem , ali em baixo no tem plo eu vivia com frio, o

que tam pouco parecia fazer a m enor diferença. Eu tinha posto aquela j oia por im pulso, agora estava presa a ela.

Será que a m esm a coisa acontecera com vovó?

Se na j uventude ela houvesse feito parte de um a equipe arqueológica e trabalhado para decifrar aquela língua desconhecida, não era inconcebível que tivesse internalizado alguns dos rituais da antiga cultura que aj udara a descobrir.

Talvez, só de brincadeira, ela houvesse posto um bracelete recém -encontrado e depois descobrira que não conseguia tirá-lo. Ou talvez não tivesse querido tirar.

Fui até o sarcófago, pousei a lanterna no chão e tentei m ais um a vez em purrar a tam pa de pedra. Mas é claro que não consegui. Nem m esm o Nick tinha conseguido m ovê-la sozinho.

Todas aquelas horas solitárias passadas naquele recinto ao longo dos últim os dias... tão perto do esqueleto, m as fisicam ente incapaz de confirm ar se o adorno em seu braço era m esm o idêntico ao m eu. E agora eu iria voltar para casa...

Um ruído estranho e baixo de algum a coisa arranhando interrom peu m inhas especulações. Fiquei parada por um instante e tentei identificar a origem do som , m as não consegui.

Um a um , todos os pelinhos do m eu braço se eriçaram de m edo. Desde a m inha prim eira visita ao tem plo, seis dias antes, eu vivera apavorada que a estrutura inteira desabasse em cim a de m im . Só que o barulho que eu acabara de escutar não era um tij olo de barro cedendo, concluí. Parecia o som de um saco pesado sendo arrastado pelo chão.

Fiquei parada, escutando com atenção, e quase m e convenci de que ouvia vozes tam bém . Não as vozes graves e decididas de Craig ou Nick, m as um m urm úrio débil e fantasm agórico que se enroscou em m im até eu m al conseguir respirar.

Assustada dem ais para ficar onde estava, presa no santuário interno, esgueirei-m e até o tem plo principal a passos hesitantes. Nunca m e sentira confortável naquele recinto enorm e, som brio e cheio de ecos, e sem pre m antivera um a boa distância do buraco quadrado e negro no chão que, segundo Craig, conduzia

a um a escadaria de pedra estreita rum o ao desconhecido.

Apontando a lanterna para um lado e outro, tentei determ inar se estava m esm o sozinha. No entanto, tudo o que vi foram interm ináveis fileiras de colunas e som bras a brincar de esconde-esconde com m eu facho de luz.

Cham ei, ansiosa, na direção da escuridão. Ninguém respondeu.

Desde a prim eira vez que eu havia entrado ali, aquele tem plo titânico tinha m e enchido de m edo. E toda vez que voltara para trabalhar na inscrição, apressaram e em passar para o relativo conforto do santuário interno. Era com o se as pessoas que tinham vivido e m orrido ali houvessem m arcado o ar de form a dem oníaca, com o se fossem im agens à espreita prontas para pular em cim a de m im assim que eu baixasse a guarda. Nem as visitas repetidas tinham aliviado m eu desconforto com aquele vazio cim ério tão frio e que continha tantos segredos. E agora, com a gola levantada enquanto percorria devagar a grande galeria atrás de sons m isteriosos, fiquei tão congelada de m edo que tive de cerrar os dentes para que não batessem .

De tão atarantada, fui m ais longe do que j á tinha ido, bem depois da corda que indicava a saída e até o final da nave do tem plo. Craig tinha m e dito que na outra ponta havia um a grande porta dupla, m uito provavelm ente a entrada principal original, m as eu nunca chegara a vê-la.

Apesar de todos os seus gestos am plos, Craig não tinha feito j ustiça à porta.

Tão descom unal que alguém poderia atravessá-la no lom bo de um cam elo, ela fazia tudo à m inha volta parecer dim inuto, inclusive m eu conhecim ento. Que tipo de m undo teria existido além daquela porta? Será que era habitado por pessoas com o eu ou por um a raça m ais forte e m ais bem preparada? Eu não fazia ideia.

Enquanto estava ali em pé, novam ente adm irada com as habilidades de engenharia daquela civilização perdida, ocorreu-m e que a porta tinha algo estranho. Não o fato de ter sido evidentem ente quebrada e consertada, m as sim de estar trancada com um a im ensa tora de m adeira.

Trancada por dentro.

Quem quer que tivesse feito aquilo, m ilhares de anos antes, obviam ente tom ara

a decisão de ficar dentro do tem plo para proteger seus segredos. Teria sido um gesto grandioso e suicida, pensei, para o bem da irm andade do bracelete? Ou será que o tem plo tinha outra saída, que eu desconhecia?

Craig m e dissera que o subsolo era um labirinto de cavernas e que ele não conseguira convencer seus hom ens a seguir nenhum deles até o fim . Até m esm o os durões do posto de perfuração tinham ficado assustados com aquele lugar, e fiquei pensando o que exatam ente poderiam ter encontrado lá em baixo.

Seria de lá que vinham os barulhos? Do subsolo do tem plo?

Mais um a vez, pus-m e a escutar com atenção.

Então ouvi passos. Bem atrás de m im .

Virei-m e com um grito e ergui a lanterna, pronta para espatifá-la na cabeça do intruso.

– Sou eu! – bradou Nick, segurando com força o m eu pulso. – O que você está fazendo aqui?

– Eu ouvi algum a coisa... – com ecei, com a voz trêm ula.

– Vam os! – Ele pegou a lanterna e com eçou a andar em direção à corda de saída, puxando-m e com ele. – Hora de ir em bora.

Meu m edo se transform ou em irritação.

– Preciso pegar m eu casaco.

Saí correndo pelo escuro. A única coisa a m e guiar era a luz da lanterna que havia deixado no santuário interno. Atrás de m im , pude ouvir Nick gritar que eu parasse. Seu tom ficava cada vez m enos educado. Mas o caderno de vovó estava no bolso do m eu casaco, e para m im era m ais im portante recuperá-lo do que cair nas graças de Nick.

Quando por fim cheguei ao santuário, tudo estava exatam ente no m esm o lugar em que eu deixara. Exceto por...

– Diana! – Nick apareceu logo atrás de m im . – Não tem os tem po para...

– Que estranho. – Peguei m eu casaco e, enquanto verificava que o caderno continuava no bolso, m eus olhos percorreram o recinto. – Algum a coisa aconteceu aqui...

– Vam os! – Nick tentou pegar o casaco da m inha m ão. – Vam os logo.

– Peraí! – De repente, senti todos os m eus nervos ficarem alertas. – Olhe! – Apontei para o sarcófago. – Está aberto! Alguém abriu!

Nick nem olhou. Sim plesm ente m e pegou pelo braço e com eçou a m e puxar, com o cenho franzido de apreensão.

Enquanto saíam os correndo do santuário, ouvi um barulho terrível que m eu cérebro levou alguns segundos ofegantes para processar: um a explosão abafada, não m uito distante, e tij olos de barro desabando.

CAPÍTULO DEZESSEIS

As mulheres sozinhas não são nada; não têm Ares dentro de si.

Ésquilo, *As suplicantes* Assim que chegam os ao pé do buraco de acesso, Nick segurou a corda ali pendurada e m e m ostrou o m osquetão preso a ela, o m esm o que eu j á conhecia bem de tantas vezes que descera e subira.

– Daqui a alguns segundos, você vai prender isto aqui no seu cinto – instruiu ele. – Eu vou estar lá em cim a e vou puxar você – falou, apontando para ilustrar o que dizia. – Entendeu?

Senti m ais um a onda de dorm ência provocada pelo pânico.

– Por que os guardas não...?

– Os guardas não estão lá.

Nick tirou a cam isa folgada e olhou lá para cim a com apreensão.

– Agora m e dê um m inuto.

Só quando ele lim pou as palm as das m ãos na calça foi que entendi que iria escalar a corda e m e deixar sozinha.

– Peraí! – exclam ei, cada vez m ais apavorada. – O que está acontecendo?

Por que os guardas não estão lá?

Ele m e segurou pelos om bros e deu um a sacudidela.

– Você vai ficar bem . Eu prom eto. Só não deixe de respirar.

Suas palavras foram seguidas por um ronco distante, e puder ver em seus olhos que ele tam bém estava incom odado com aquele barulho. Sem m ais qualquer tentativa para m e acalm ar, ele com eçou a subir pela corda. Não havia nenhum nó para lhe dar sustentação; tudo de que ele dispunha eram a força das próprias m ãos e braços e o pouco de apoio que conseguia ao enroscar a corda nos pés.

Nunca tinha m e sentido tão abandonada quanto na hora em ele enfim desapareceu dentro do tubo de aço. Prendi o m osquetão ao cinto com dedos trêm ulos e olhei para o escuro em volta, sentindo m uito bem que o perigo se aproxim ava por todos os lados. Toda vez que eu inspirava, conform e ele instruíra, pareciam e que m ais escom bros despencavam de repente em algum lugar m ais abaixo ou do outro lado da parede... não dava para dizer qual dos dois.

Igualm ente perturbador era o ronco fraco e crescente que fazia o chão vibrar sob m eus pés. Cada vez m ais em pânico, quase pude im aginar a raiva de algum m onstro pré-histórico despertada em algum lugar nas cavernas debaixo daquele prédio colossal. E esse anim al tem ível avançando na m inha direção com passos pesados e vagarosos.

Quando por fim senti um puxão firm e na corda presa ao m eu cinto, que m e tirou uns dois palm os do chão, dei um grito de alívio. Ficou claro que Nick tinha chegado lá em cim a e dava o m elhor de si para m e içar.

Bem na hora em que eu estava pendurada no ar, um a nova explosão soou, dessa vez m ais perto. Por instinto, cobri o rosto enquanto m eu corpo inteiro era fustigado pela areia que voou.

Quando m e atrevi a abrir os olhos, tudo o que consegui distinguir foi areia e escuridão. Respirando com o casaco em bolado em frente à boca e ao nariz, tentei encontrar o leve brilho da lanterna que tínham os deixado no santuário interno, m as ele havia sum ido. Tam pouco pude ver o reconfortante pontinho de

luz do dia no final do tubo acim a de m im .

Desesperada para apressar m inha fuga do tem plo que ruía, segurei a corda e tentei subir por ela, m as é claro que não consegui. Tudo o que consegui foi fazer Nick m e deixar cair uns 30 centím etros – que avançara com esforço – e gritar com igo pelo tubo.

Pelo m enos o som da voz dele teve um efeito calm ante, e m e esforcei ao m áxim o para parar de m e m exer. Instantes depois, cheguei à segurança da superfície e Nick desatou m eu cinto com os olhos sem icerrados de preocupação.

– A gente está... – com ecei, m as o que pretendia dizer foi interrom pido pelo barulho de outra explosão subterrânea.

– Rápido! – gritou Nick, j á m e puxando da barraca para o sol ofuscante.

Correm os em direção a um solitário cavalo am arrado a um a estaca.

– Eu m onto prim eiro. – Ele soltou rapidam ente as rédeas e m ontou no anim al irrequieto. – Ponha o pé aqui.

Usei o estribo para m ontar na sua garupa e, assim que o abracei pela cintura, ele esporeou o cavalo com força.

Enquanto nos afastávam os a galope, um a série de explosões rasgou o chão logo atrás de nós; foi com o se estivéssem os sendo alvej ados por um avião invisível. Em pânico, o cavalo parou e em pinou, derrubando nós dois sobre um a duna.

– Caram ba! – gem i, vendo estrelas e com a boca cheia de areia. – Está tudo bem ?

Mas Nick j á tinha se levantado e fazia o possível para acalm ar o cavalo. Foi então que vi, logo atrás dele, a barraca de beduíno desabar e sum ir, sugada por um estrondoso funil de areia.

– Olhe! – gritei. – Tem os que...

Assim que Nick viu do que eu estava falando, nós dois escalam os a duna o m ais depressa que conseguim os; sequer tentam os m ontar de novo no cavalo. O

rugido da destruição foi aum entando às nossas costas e, quando por fim chegam os ao topo e m e atrevi a olhar para trás um a últim a vez, consegui ver apenas um a cratera de areia que devorara tudo. Nada havia sobrado: a barraca, o duto de acesso, o equipam ento de perfuração. O vale inteiro tinha virado um a gigantesca boca que sugara com avidez cada pedacinho do aqui e agora para preencher o vazio dos m ilênios perdidos.

Depois de falar com seu pessoal e dar seus telefonem as, Nick m e encontrou exatam ente onde havia m e deixado: sentada em um dos bancos do refeitório vazio, encarando um a xícara de chá.

– Está se sentindo m elhor? – perguntou, sentando-se do outro lado da m esa com um a caneca de café. Parecia m ais calm o agora, quase em paz. Ou talvez estivesse apenas fingindo para m e anim ar.

– Esqueci de lhe agradecer – falei, endireitando as costas. – Por ter salvado a m inha vida.

Nick aquiesceu.

– De nada.

– Você não precisava ter feito isso – continuei, girando a xícara. – Eu não tenho sido exatam ente a sua... m elhor am iga. Não é?

Ele deu um gole no café.

– Não quero encrenca com os Moselanes.

Fiquei pasm a.

– Com o é que é?

Só então percebi que ele estava brincando. Com o sem pre acontecia, sua barba atrapalhava m inha percepção da sua expressão, com o um círculo de arbustos espinhosos em volta do seu verdadeiro eu. Balancei a cabeça, exausta de repente.

– Quer por favor m e dizer o que está acontecendo?

Ele deu de om bros.

– Alguém resolveu explodir o tem plo...

– Alguém ?

Evitando m eus olhos, Nick se recostou na cadeira e coçou o pescoço.

– Craig recebeu um a ligação anônim a. Um alerta. Foi por isso que resolvi m andar os guardas saírem de lá. E foi sorte, porque do contrário não saberia que você estava lá em baixo.

– Mas isso é um absurdo! – exclam ei. – Quem faria um a coisa dessas? Por quê? *Como*, pelo am or de Deus? – As possibilidades giravam em m inha cabeça, e tive de inspirar fundo algum as vezes para conter a náusea. – Que loucura – retom ei, dessa vez m ais baixo. – Quem quer que sej a, deve estar m orto agora, não é?

Nick deu de om bros.

– Devem ter acionado a bom ba por controle rem oto.

– Mas os barulhos que eu escutei...

Ele tornou a dar de om bros.

– Não adianta ficar especulando. A gente nunca vai saber.

– Ah, fala sério!

Encarei-o desesperada por respostas, m as ele apenas bebeu o resto do café em um gole só, em purrou a caneca para o lado e sacou um m aço de dinheiro. Só quando com eçou a contar as notas sobre a m esa entre nós dois foi que entendi o que estava fazendo. Aquele sangue-frio m e fez sentir um ódio... Pelo visto, para Nick, tudo ainda continuava apenas profissional. Bom bas, cordas, hem atom as...

era só um dia com o outro qualquer na Fundação Aqrab.

– Certo, 10 m il dólares – disse ele por fim , em purrando o dinheiro na m inha direção. – Acho que é isso que estávam os lhe devendo.

– Ora, obrigada – falei, um tanto ríspida, enfeitiçada por aquela ridícula pilha de dinheiro. – Então é só isso que eu m ereço. Nenhum a explicação?

Nick se levantou; tinha os olhos vazios de qualquer em oção.

– A gente poderia continuar conversando. Mas você iria perder o avião.

Saím os do posto de perfuração sob a luz dourada do fim de tarde. Apesar de tudo o que havia acontecido, Nick continuava decidido a m e fazer chegar a Dj erba a tem po de pegar m eu voo para Gatwick na m anhã seguinte, tanto que estava disposto a passar a noite dirigindo.

Quando m e sentei ao seu lado no carro, exaurida dem ais para sentir algo além de um bem -vindo torpor, ele tam borilou os dedos no volante e disse: – Achei que você fosse gostar de saber que um grupo am bientalista assum iu a autoria do atentado. Eles m andaram um fax logo antes de a gente sair... a m esm a baboseira anticapitalista im becil de sem pre.

Olhei para ele. O sol se punha atrás de nós e seu rosto estava envolto em som bras, com o sem pre parecia estar.

– Que prático – com entei, espantada com m eu próprio sarcasm o. – Isso explica tudo.

Nick relanceou os olhos para m im .

– Você não acredita?

– E você esperava que eu acreditasse? Você tam bém não acredita, não é?

Ele deu de om bros.

– Sei lá. Não faz sentido para m im . Eu esperava que fizesse sentido *para você*.

– Vej am os. – Recostei-m e no banco, feliz com o convite inesperado para falar sobre o incidente que quase havia custado a vida de nós dois. – Você vai até a Argélia protestar contra um a perfuração, m as em vez de se acorrentar ao equipam ento ou de pichar os trailers com seus slogans, rastej a por túneis infestados de criaturas indizíveis para explodir um sítio arqueológico que é patrim ônio da hum anidade? Não, para m im não faz sentido. Quem m andou

esse fax está tentando esconder a verdade.

Nick hesitou.

– E *qual* é a verdade?

Olhei para um oásis que passava, ou m elhor, cinco solitárias palm eiras am ontoadas em desafio ao im enso nada que as atacava por todos os lados.

– Boa pergunta. Acho que a única coisa que se pode dizer com qualquer grau de certeza é que a pessoa que fez isso não é am iga de nenhum de nós dois. Afinal de contas, am igos não deixam am igos m orrerem na explosão de um tem plo subterrâneo. Certo?

– É, acho que sim – disse Nick, sem parecer m uito convencido.

– E j á que estam os falando nesse assunto... – Tirei as botas e pus os pés calçados com m eias sobre o painel do carro. – Ainda estou esperando alguém m e dizer por que não foi nenhum outro filólogo que teve o privilégio de quase m orrer na explosão. Por que o Sr. Ludwig foi procurar *a mim*? *Você*, é óbvio, nunca m e quis lá no tem plo. Esse papo todo sobre as am azonas... de onde isso veio?

Nick se rem exeu no banco, pouco à vontade.

– John é m eio brincalhão.

– Bobo da corte, você quer dizer – corrigi, decidida a não deixá-lo encerrar a conversa. – O único obj etivo de um bobo da corte é agradar ao rei. Então, j á que você pertence à m esm a corte, diga um a coisa: por que o seu poderoso rei m andou seu bufão m e seduzir com um a conversa sobre as am azonas?

Nick não respondeu, então o cutuquei com o pé esquerdo. Afinal de contas, ali estávam os nós, a poucas horas de nos despedirm os para sem pre, e eu sabia que se quisesse solucionar o quebra-cabeça da viagem , aquela era m inha oportunidade.

– Ah, por favor – falei, tentando ganhar sua am izade. – Você não pode m e deixar assim no vácuo.

Nick sorriu, m as foi um sorriso bem desanim ado.

– Você está partindo do princípio de que o poderoso rei confia em reles cavaleiros. Bom , não é o caso.

– Então por que não pega esse seu nobre celular e liga para algum duque ou príncipe que saiba?

– Hoj e é dom ingo. O escritório está fechado. – Ele m e olhou de esguelha. – Mas, afinal de contas, por que você está tão interessada nas am azonas? Já não basta ser a única filóloga do m undo a ter podido decifrar um alfabeto desconhecido?

– E agora soterrado por 10 toneladas de areia.

– Mesm o assim ... – Nick tirou um a das m ãos do volante para contar nos dedos. – Você tem as fotos. O texto. A narrativa. Sem falar em 10 m il dólares no bolso. O que m ais você quer?

Dei um suspiro alto, frustrada por não term os saído da estaca zero.

– Um a explicação!

Nick contraiu o m axilar.

– Bom , está im portunando o cara errado. Eu sou só um funcionário. A única coisa que posso dizer é que o fax do grupo am bientalista foi enviado de um cibercafé em Istam bul.

Ele m e lançou um olhar que interpretei com o de desconfiança.

– O que você sabe sobre Grigor Reznik? – perguntou.

Fiquei tão espantada com a pergunta que com ecei a rir.

– O colecionador? Pouca coisa. – Parei para reunir o conhecim ento que tinha.

– Escrevi para ele um a ou duas vezes solicitando acesso a um m anuscrito antigo que ele com prou no ano passado cham ado *Historia Amazonum.* Mas ele nunca respondeu.

Nick franziu o cenho.

– É isso que em geral acontece quando você fala com um ladrão sobre o que ele roubou.

– Com o assim ?

– Quando Reznik negocia antiguidades, em geral é sob a m ira de um a arm a – respondeu ele, tam borilando outra vez no volante. – De onde veio esse m anuscrito? Quem vendeu para ele?

As perguntas de Nick m e deixaram pouco à vontade. Katherine Kent tinha dito algo parecido quando eu com etera o erro de m encionar m inhas cartas para Reznik, m as eu havia descartado suas preocupações com o boatos sem fundam ento.

– Tá – falei, rendendo-m e ao que parecia ser a opinião da m aioria. – Quer dizer que Reznik tem m étodos pouco convencionais...

– Para não dizer outra coisa! – Nick m e lançou um olhar de reprovação. – Ele é um escroque! Não feche os olhos para isso só porque ele tem algo que você quer.

Fiquei extrem am ente tentada a usar isso com o deixa para confrontá-lo sobre o fato de ele trabalhar para a Fundação Aqrab, m as resolvi deixar essa flecha na alj ava por enquanto.

– Bom , alguns dizem que Reznik se redim iu do ponto de vista m oral – falei, em vez disso. – Parece que ele perdeu o filho em um acidente de carro no ano passado e ficou arrasado...

– Não vam os usar as palavras “Reznik” e “m oral” na m esm a frase – disse Nick, interrom pendo-m e. – Quanto ao filho dele, Alex, pode acreditar em m im : aquele filhote de coisa ruim pediu. Você j á ouviu falar em film e *snuff*? – Ao ver que eu sabia do que se tratava, ele aquiesceu com um ar som brio. – Aquele m arginal cruel m erecia bem m ais do que um acidente de carro. É o tipo de pessoa que faz a gente querer acreditar que o inferno existe.

– Parece que você conhecia o cara.

– De ouvir falar. E j á é m ais do que suficiente. Só para você ter um a ideia, em

alguns círculos ele era conhecido com o “Serra de Osso”.

– Grata pela im agem – falei.

– De nada. Mas a pergunta m ais interessante é: por que Grigor Reznik se interessa por um velho m anuscrito? Ele não é intelectual. Explique isso, por favor.

– Por quê? Porque você acha que ele está por trás do atentado?

Nick deu de om bros.

– Estou só tentando j untar as peças. O fax foi enviado de Istam bul. Reznik está em Istam bul...

– Mas ele não é idiota – rebati, erguendo um a das m ãos para m e proteger da poeira ao cruzarm os com um cam inhão. – Se ele tiver *mesmo* m andado o tal fax, não teria feito isso de algum outro lugar? De *qualquer* outro lugar?

– Talvez. Ou talvez o rem etente tenha querido incrim iná-lo. Por quê?

– Tudo o que posso dizer é que se acredita que o *Historia Amazonum* contenha inform ações sobre o destino das últim as am azonas e sobre o lendário Tesouro das Am azonas. – Acenei com a m ão no ar para acrescentar um pouco de dram aticidade. – Tesouro não no sentido histórico, m as no sentido literal de conj unto de obj etos valiosos.

– Um tesouro?

– Isso. É claro que até quem acredita nas am azonas acha que isso não passa de um a velha lenda rom ântica... assim com o a ideia de que elas cortavam um dos seios para m anej ar m elhor as arm as.

Parei para reavaliar m inha própria opinião sobre o assunto e concluí, com o j á tinha feito tantas vezes, que eu tam pouco acreditava no Tesouro das Am azonas.

– Se for disso que Reznik está atrás, ele não é só m au, m as tam bém louco.

Que com binação infeliz... Não sei m uito bem de onde veio essa fantasia absurda, de que um bando de guerreiras nôm ades e pobres pudesse transportar

um tesouro por aí, m as garanto a você que isso não passa de um conto de fadas.

– Assim com o as próprias am azonas – acrescentou Nick.

Aquiesci.

– É o que a m aior parte dos estudiosos diria.

– As am azonas em cuj o tem plo nós dois acabam os de estar.

Pasm a, virei-m e no banco para encará-lo.

– Cinco dias atrás, você não conseguia nem *soletrar* am azona. Quem sabe agora sej a um a boa hora para m e dizer o que aconteceu nesse ínterim ?

– Quem sabe agora sej a um a boa hora para você m e falar sobre o bracelete?

Chocada com a arm adilha, levei um a das m ãos à m anga da roupa.

– Não sei bem se...

– Você achou m esm o que eu não fosse reparar?

Rem exi-m e no banco, pouco à vontade, consciente de que estava presa naquele carro com ele.

– Não entendo o que você tem a ver com isso...

– Ah, é? – rebateu Nick, e sua recente sim patia se esvaiu com o se nunca houvesse passado de um a m áscara. – Estou vendo que você puxou aos seus conterrâneos. Apropriar-se de artefatos antigos é um a questão que sequer m erece discussão.

Só então m e dei conta de que ele na verdade não estava m e interrogando sobre o bracelete de chacal de vovó. Não: ele estava m e acusando de roubar a j oia do sarcófago. Se eu negasse o roubo, porém , restaria o m istério de com o aquela j oia específica tinha ido parar no m eu braço. Nas atuais circunstâncias, esse era um assunto que eu faria de tudo para evitar.

Assim , tom ei um a decisão rápida e falei, com a m aior calm a possível: – Se eu não tivesse pegado, ele teria se perdido para sem pre, não é? Mas não se

preocupe, nunca tive a intenção de ficar com ele, só queria m antê-lo seguro por enquanto. – Virei a cabeça e tornei a olhar para o perfil de Nick, que se m ostrava inescrutável com o sem pre enquanto ele escutava a m inha defesa. – De qualquer form a, não entendo por que ele pertenceria a você m ais do que a m im .

Esta j oia deveria estar exposta para todos verem ...

– Então tire. Eu posso garantir que ela vá para um m useu. Um m useu do tipo *certo*.

Seu sorriso desdenhoso m e inform ou que os m useus britânicos não pertenciam a essa categoria.

Passam os alguns instantes sentados em silêncio. Apesar da brisa fria do início da noite, eu suava enquanto m eu cérebro se esforçava para salvar a situação. No final, decidi m e ater à verdade.

– Eu não consigo tirar.

Nick olhou com fúria para o m eu pulso; estava claro que não acreditava em m im .

Estendi o braço na sua direção.

– Fique à vontade.

Não era um blefe; eu sabia que ele tam pouco conseguiria. Mas ele sequer tentou.

Nessa noite dorm i no carro e sonhei de novo com vovó.

Estávam os as duas em pé j unto a um penhasco, olhando para um a paisagem deserta de sonho. Eu estava de pij am a e vovó usava seu velho roupão esgarçado e tinha os cabelos grisalhos soltos nas costas. Atrás de nós, m eus pais discutiam aos berros sentados dentro do carro, achando que não podíam os escutar.

– Isso não pode continuar assim – dizia m inha m ãe. – Hoj e de m anhã encontrei m ais um daqueles desenhos na cam a da Diana.

Ela estava se referindo a m eus desenhos de am azonas im aginárias, a m aioria dos quais eram feitos a quatro m ãos, por m im e m inha avó, produzidos no frenesi criativo daqueles poucos e preciosos dias em que não éram os vigiadas pelos hom ens im aginários vestidos de verde. Sentadas à m esa de j antar do sótão, ela e eu desenhávam os guerreiras am azonas com riqueza de detalhes, usando lápis de todas as cores.

Eu em geral tom ava cuidado para guardar no fundo do arm ário todos os indícios de nossas atividades clandestinas, m as de vez em quando ficava tão encantada com um desenho específico que à noite dorm ia com ele debaixo do travesseiro. Sem dúvida era um desses desenhos que tinha caído nas m ãos de m inha m ãe, e ela decerto teria preferido achar o recado de um colega de colégio apaixonado do que um a m ulher a cavalo arm ada com um m achado de com bate.

– E se ela fosse um m enino? – sugeriu m eu pai, em um raro m om ento de obj eção. – Você se preocuparia com os desenhos?

Minha m ãe deu um grunhido de irritação. Não estava acostum ada a ser contrariada e certam ente não por seu dedicado m arido. Os dois haviam se conhecido a bordo de um ônibus turístico em Londres uns doze anos antes; ela era a turista am ericana de agenda cheia, conquistando o Velho Mundo com sua câm era fotográfica, e ele, o solteiro distraído que subira no ônibus por acidente depois de confundi-lo com o N19 que ia para Finsbury Park.

Esses papéis perm aneciam os m esm os.

– Não é fácil para m im dizer essas coisas – continuou m inha m ãe, com seu tom de voz que encerrava todas as discussões. – Afinal de contas, você é filho dela. Mas ela está *doente*, Vincent...

Pressionei as m ãos nos ouvidos para tentar não escutar o que estava por vir.

Mas não havia com o im pedir o inevitável. Vovó tam bém sabia disso.

– Não chore, m inha pequena – sussurrou ela, tocando m inha bochecha. – As coisas sem pre estiveram fadadas a ser assim . – Ela apertou o cinto do roupão e sem icerrou os olhos para a vastidão do deserto. – Preciso voltar para j unto das m inhas sem elhantes...

– Mas eu não quero que você vá em bora! – Abracei-a com ím peto. – E eles não podem obrigá-la a ir. Se fizerem isso, eu fuj o de casa...

– Não! – Ela soltou m eus braços. – Preciso que você cresça e fique grande, forte e sábia em relação ao m undo. Aprenda tudo o que houver para saber sobre as am azonas, m as j am ais revele que é um a de nós. – Ela m e segurou pelos om bros e cravou em m im seu olhar azul. – Não esqueça: deixei instruções para você.

Contive as lágrim as.

– Que tipo de instruções?

Jam ais obtive resposta. Com a exuberância surreal tão típica de m eus sonhos com ela, vovó deu um passo em direção à borda do precipício e desapareceu.

Saltei para a frente e tive um vislum bre de seu roupão flutuando pelo ar bem lá em baixo até finalm ente ir parar sobre um a onda de areia im aculada. De vovó j á não havia nem sinal. E em um piscar de olhos o roupão tam bém sum iu, engolido por um súbito redem oinho de areia até desaparecer por com pleto nas entranhas sem pre fam intas do deserto.

Para garantir que tudo corresse bem e eu não perdesse o voo, Nick m e acom panhou até o controle de segurança. Quando enfim o vi afastar-se pelo hall vazio do aeroporto, senti um breve latej ar de arrependim ento. Apesar de sua resistência, estava convencida de que ele conhecia as respostas para a m aioria das m inhas perguntas, e agora nunca m ais teria chance de conseguir extraí-las dele.

Assim que passei pelo controle, m eu celular tocou. Era Rebecca.

– Estava superpreocupada – disse ela, depois de ouvir m eu relato confuso. – Não conseguia entender por que você não m e retornava.

– Bom , aqui estou – falei, enquanto m e encam inhava para o portão de em barque. – Voltando para casa.

– Peraí! Você *precisa* vir aqui ver o que eu encontrei – falou ela e, apesar de tudo o que eu tinha lhe contado, parecia exultante. – E traga o caderno da vovó.

Estaquei bem no m eio do saguão.

– Por quê?

– Porque... – Com o sem pre, Rebecca ficou dividida entre o desej o de perm anecer m isteriosa e a com pulsão de revelar tudo ali na hora. – Venha e pronto. Troque esse voo. Preciso m uito lhe m ostrar isso.

– Bex! – Eu não estava com disposição para m ais m istérios. – Esta últim a sem ana foi um a loucura total...

– É um a tabuleta de argila – disparou Rebecca. – E nela estão inscritos exatam ente os m esm os sím bolos da foto que você m e m andou por e-m ail. Está bem aqui, no nosso arquivo. Tentei tirar um a foto, m as o m eu celular é um a porcaria. Você precisa ver pessoalm ente, m as tem que ser *agora*, antes que o chefe da equipe volte...

Parte de m im quis acalm ar Rebecca e dizer que aquilo não era um a questão urgente, m as m esm o assim ... se ela tivesse m esm o encontrado um a tabuleta antiga com sím bolos iguais aos do tem plo argelino e aos do caderno de vovó, eu não poderia descansar antes de tê-la nas m ãos. Se pegasse um voo direto dali para Creta, talvez ainda conseguisse estar de volta a Oxford na segunda.

Considerando a situação com o um todo, o que significavam m ais 24 horas?

PARTE III

S O L

CAPÍTULO DEZESSETE

ILHA DE CRETA

O sol batia em seu rosto e o vento a atingia por trás.

Em pé na proa do navio, com as m ãos na am urada, Mirina saboreava o subir e descer de cada onda e sentia um im previsto fio de esperança. Era seu prim eiro dia sem enj oar, o prim eiro em que conseguia de fato ficar feliz por estar enfim a cam inho.

Auxiliada por Anim one, fizera um grande esforço para convencer as irm ãs sobreviventes a deixar para trás suas vidas arruinadas e acom panhá-la rum o ao desconhecido. A doce Lilli, Kara, filha do chefe tribal, e a linda Klito com seus olhos cheios de aventura... onde estariam elas agora? Ao todo, nove m ulheres tinham sido raptadas. Seria possível encontrá-las?

Por m ais inútil que pudesse ser aquela busca, Mirina não sossegou até que todas as sacerdotisas concordassem em ir. O que os saqueadores haviam deixado em seu rastro era um m undo desesperado, violento, povoado por bandos de ladrões que enchiam as ruas para roubar qualquer coisa que parecesse ter algum valor e abandonar cadáveres ao relento para serem devorados por ratos e cães.

As incertezas da viagem não eram preferíveis à certeza de infelicidade perm anecendo ali?

Segundo Anim one, Creta era onde elas poderiam encontrar ouvidos interessados e respostas para suas perguntas. Partindo das histórias do avô m arinheiro, ela insistia que aquela próspera ilha no m eio do grande m ar setentrional era um a das preferidas pelos hom ens do m ar para se abastecerem de água e com ida. Com certeza os cretenses conheciam os navios m aus de casco negro... na verdade, era até possível que os saqueadores tam bém parassem ali a cam inho de casa.

Um a vez tom ada a decisão, as doze sacerdotisas se esforçaram j untas para transform ar seu tem plo destruído em um túm ulo. Retiraram os obj etos sagrados da pedra oca do altar e puseram lá dentro o corpo m utilado da sum a sacerdotisa, aninhado nas cinzas das que tinham acabado de m orrer e cercada por seus braceletes de chacal. Depois de bem fechado o caixão, Cim e escreveu nas paredes do santuário interno um relato com pleto daqueles últim os e

penosos dias.

– No futuro, as pessoas vão entrar neste tem plo e perguntar o que aconteceu aqui – disse ela às outras. – Quero que elas saibam tudo em detalhes, para poderem honrar nossas irm ãs m ortas que não podem m ais contar a própria história.

Enquanto isso, Mirina reuniu todas as arm as que conseguiu encontrar e garantiu que cada irm ã tivesse no m ínim o um a faca, um arco e um a alj ava com m uitas flechas. Dessa vez, a única a protestar foi Egeia, a altiva seguidora de Kara, que não gostou quando Mirina lhe disse o que fazer.

– Por que fica m e dando estas coisas horríveis? – lam entou-se ela, recusando as arm as. – Passo m al só de vê-las.

– Passa m al? – Mirina teve de fechar os olhos para m anter a calm a. – E ver suas irm ãs assassinadas? Qual o efeito disso em você? Ou pensar nas suas am igas raptadas? – Ela em purrou o arco e a alj ava para as m ãos de Egeia. – Quer saber o que *me* faz passar m al? Um a m ulher saudável e capaz que não quer se defender porque acredita que arm as são m ás.

Ela pousou um a das m ãos no om bro de Egeia e o apertou de leve em um gesto de conciliação.

– Aqueles hom ens que vieram aqui, *eles*, sim , são m aus. E quem lhe deu essas ideias falsas sobre as arm as está para sem pre m anchado com o sangue dos inocentes.

Quando finalm ente ficaram prontas, depois de reforçar as roupas com couro de cobra – antes repulsivo até m esm o para as com panheiras m ais próxim as de Mirina, m as agora um a bem -vinda proteção para sua tão abalada confiança –, j untas, as m ulheres travaram a colossal porta do tem plo com m ais um a barra, im obilizando-a da m elhor m aneira que conseguiram . E, depois de um a últim a prece à Deusa da Lua ausente, Mirina conduziu o pequeno grupo para fora do tem plo pelo com plexo sistem a de cavernas subterrâneas, que ela j á explorara bastante tem pos antes, enquanto as outras aproveitavam o descanso da tarde.

– Por aqui! – acenou, segurando a tocha próxim a ao chão para m anter as cobras afastadas. – A cham a logo vai m orrer, apressem -se!

Sem a Deusa da Lua e com a sum a sacerdotisa m orta, as m ulheres não dem oraram m uito a retornar às habilidades e paixões de suas vidas anteriores. A m ais experiente das sobreviventes era Anim one, que sem pre se declarara à vontade no m anej o de em barcações a vela e em águas abertas e que agora tinha enfim um a possibilidade de provar às outras suas aptidões.

– Por que não acreditam em m im ? – exclam ara ela, ao ver a hesitação das com panheiras diante do barco de pesca abandonado que ela e Mirina haviam arrastado a duras penas pela m argem do lago. – Eu sei velej ar neste barco, estou dizendo. Mas prim eiro precisam os consertá-lo. Precisam os de cordas... – Transbordando com um a anim ação esquecida tem pos antes, ela havia com eçado a contar nos dedos. – Precisam os de estacas, de fio resistente e de agulhas e precisam os de um pano grosso para a vela.

Mirina, por sua vez, teim osa, seguiu afirm ando que era caçadora. Nada m ais nem nada m enos do que isso. Traj ando um a túnica de couro de cobra, com os preciosos arco e alj ava presos aos om bros, não fez nenhum a tentativa de assum ir o com ando. No entanto, com o as outras não paravam de procurar nela respostas e incentivo, foi natural que a liderança lhe coubesse. Aonde quer que ela fosse, as outras iam atrás; nem m esm o Egeia se atreveu a desej ar que fosse diferente.

A terra dos cretenses repousava no oceano qual um gigante deitado.

Íngrem e e intim idadora, vários trechos de sua costa não perm itiam que o barco atracasse. Segundo Anim one, até m esm o as m ais belas enseadas eram traiçoeiras para m arinheiros inexperientes. Logo abaixo do turquesa cintilante daquelas leves ondas, explicou, pedras afiadas com o dentes e cobertas por algas escorregadias esperavam para arrem essar e lacerar desconhecidos sem sorte.

Mirina sabia que de nada valia reclam ar. Se não fosse Anim one, elas j á teriam m orrido. Houvera várias situações de risco desde que tinham deixado para trás os pântanos onde viviam . Engolidas por ondas gigantes, esm agadas por penhascos, naufragadas em costas desconhecidas... de um a form a ou de outra, teriam sucum bido m uito antes de pousarem os olhos no litoral de Creta. Era graças ao conhecim ento j am ais esquecido de vela e navegação da am iga que haviam chegado.

– Ali! – exclam ou Anim one, apontando para a frente. – É ali que os m

ercadores atracam . O palácio do rei não fica m uito longe. Só que eles não o cham am de “rei”. Tenho certeza de que o m eu avô m e disse que ele é cham ado de Minos.

Sem icerrando os olhos por causa do sol, Mirina estudou com grande interesse aquele litoral m ovim entado. Toda sorte de em barcações se aproxim ava ou se afastava do porto construído pelos hom ens, m as nenhum a delas se parecia com os navios negros que tinham levado a pobre Lilli e tantas outras. Em bora parte dela ansiasse por vê-las, Mirina sabia tam bém que ainda não estava pronta para enfrentar aqueles hom ens bestiais. Em pé na proa de seu valente barquinho, com as m ãos a proteger o rosto, sentiu a ferida em suas costas lhe avisar que ainda não estava totalm ente curada e que, apesar de todas as suas palavras de incentivo às outras e dos treinos coletivos de arco, ela e as irm ãs ainda eram pouco m ais do que presas para caçadores.

– Tem certeza de que serem os recebidas em paz? – perguntou Pitana, chegando ao seu lado na am urada e pousando os braços finos de m odo casual sobre a m adeira envelhecida.

Apesar dos m em bros com pridos e m agros, ela havia revelado um a força e um a obstinação quase equivalentes às de Mirina e, naqueles últim os dias, a descoberta dessa potência oculta praticam ente fizera desaparecer sua postura encurvada.

– Na época do m eu avô, isto aqui era o m aior m ercado do m undo – respondeu Anim one. – Com erciantes de todas as cores e idiom as vinham dos m ais diversos cantos do oceano trocar suas m ercadorias em paz e obter inform ações sobre rotas, direção dos ventos, e... – Sua voz falhou. – Sobre o destino de pessoas que am avam .

Prim eiro, porém , elas precisavam encontrar com ida. Seus parcos m antim entos tinham se esgotado fazia tem po e nos últim os três dias elas vinham sobrevivendo praticam ente da água trazida em cantis de bexiga de cabra e dos eventuais peixes enganchados em um m inúsculo anzol por algum espírito piedoso do oceano.

Para piorar ainda m ais a situação, um funcionário do porto lhes inform ou que elas precisavam pagar um a taxa se quisessem pernoitar ali. Deu esse inospitaleiro recado em várias línguas diferentes antes de finalm ente chegar

àquela usada no Tem plo da Deusa da Lua, idiom a que Mirina havia se esforçado m uito para dom inar desde que se tornara sacerdotisa.

– Nunca ouvi falar nessa taxa – disse Cim e ao suj eito com a voz confiante de quem conhece o m undo m uito m elhor do que seria honesto adm itir. – E o senhor, quem é?

O hom em espichou o queixo barbado.

– Sou o coletor de im postos. O com ércio está enfraquecendo, m as m esm o assim precisam os garantir a m anutenção deste porto. – Ele gesticulou para a balbúrdia à sua volta. – Quando seus hom ens voltarem , não se esqueçam de explicar a situação para eles.

– Talvez o com ércio não enfraquecesse se vocês não tivessem com eçado a cobrar um a taxa – observou Cim e.

Mas nada conseguiu fazer o hom em m udar de ideia. Algum a form a de pagam ento precisava ser encontrada antes de o sol se pôr, de preferência na form a de peças de cobre, em bora o hom em tam bém aceitasse algum a iguaria apetitosa.

– Se ao m enos eu pudesse caçar – com eçou Mirina, olhando m ais à frente para a aglom eração urbana que não deixara nenhum a árvore de pé.

– Por favor, não diga m ais a palavra “caça” – pediu Egeia, ainda hostil a Mirina m esm o depois de m uitos dias no m ar. – Estou farta disso.

– Caçar de nada nos serviria aqui – concordou Anim one. – Brigar tam bém não. Agora vam os pensar e encontrar um a saída.

Elas haviam deixado o tem plo sem nada de valor exceto com ida e arm as.

Mesm o rudes e brutais, os saqueadores haviam prestado atenção ao retirar das prateleiras todas as oferendas de ouro e prata e não deixar para trás nada que pudesse ter valor em qualquer outro lugar. Tam pouco as sacerdotisas conheciam a existência de peças de cobre e com certeza nunca tinham visto um a.

– Não gosto do som dessa palavra – com entou Cim e, torcendo o nariz e exercendo o privilégio de ser a m ais velha. – Ouro e prata eu consigo entender, m as *peças* de ouro e prata? *Peças?* Vá saber o que ele quis dizer com isso. Não,

vam os até a cidade tentar trocar algo por com ida. O que esse detestável hom em dos im postos não levar, nós m esm as com em os. Porque estou com tanta fom e que se não encontrarm os outro alim ento sou capaz de com er as cracas daquele cais.

– Trocar algo por com ida – repetiu Egeia. – Com o o quê, por exem plo? Nós não tem os nada. Em bora quem sabe... – Ela sacou a faca do cinto. – Talvez alguém vej a valor nisto.

– Não vam os nos desfazer das nossas arm as! – Mirina tornou a enfiar a faca no cinto de Egeia. – Com o a sua m em ória é curta... Sim , nós chegam os a um a cidade que parece tranquila, m as am bas sabem os com o isso pode m udar rápido.

Assim , duas irm ãs ficaram vigiando o barco e as outras desem barcaram e com eçaram a percorrer as m uitas pontes e docas interligadas. Ao pisarem enfim em terra firm e, cam balearam por causa da sensação desconhecida e tiveram de sentar um pouco e esperar a terra parar de ondular sob seus pés.

Quando se sentaram , um hom em apareceu para lhes fazer um a pergunta em seu próprio idiom a. Sua expressão foi tão lasciva que Mirina adivinhou m ais do que entendeu o que ele queria. Acenou para ele ir em bora, m as ele apenas riu e chegou m ais perto, com o se aquela recusa enoj ada fizesse parte do j ogo.

– Vam os! – Pitana se levantou com um m ovim ento abrupto e puxou as irm ãs consigo. – Já descansam os o suficiente.

Quando entraram na cidade, Mirina se lem brou de sua chegada à cidade da Deusa da Lua, tantos m eses antes, e do fascínio de Lilli com tudo. A doce Lilli, que franzira o nariz por causa dos cheiros ruins, m as m esm o assim quisera continuar... com o Mirina ansiava por ter a irm ã j unto de si outra vez, sem pre alegre m esm o diante da adversidade.

– Eu proponho o seguinte – falou Anim one, virando a cabeça em direção a um hom em com um m acaco am estrado que divertia os passantes em troca de restos de com ida. – Vam os cantar nossas canções sagradas e deleitar os cretenses com nossas vozes harm oniosas. – Ela apontou para um espaço vazio entre as bancadas lotadas. – Por que não tentam os aqui? Tem espaço suficiente para um a pequena roda e o barulho com certeza vai cessar assim que com eçarm os.

Mirina olhou em volta. Os vendedores ofereciam galinhas vivas e cabeças de bode fervidas, e ela viu m uitas m ercadorias m udando de m ão em um fluxo constante de clientes.

– Eu não ficaria surpresa se houvesse m ais um a taxa a ser paga... – com eçou.

– Se houver, nós pagam os!

Anim one tirou o arco das costas e verificou todas as suas trancinhas para ter certeza de que estava com sua m elhor aparência. Nenhum a das outras teve coragem de lhe dizer que m esm o agora, três sem anas depois do ataque no tem plo, seu rosto ainda exibia um a verdadeira m áscara de hem atom as em vários tons.

– Espere só e você vai ver – disse Anim one, com a determ inação de alguém acostum ado a ter razão.

Mas as canções sagradas, que atraíam a atenção e causavam arquej os nos peregrinos do tem plo, m al fizeram um as poucas cabeças se virarem no m ercado e com certeza não inspiraram ninguém a oferecer presentes com o sinal de apreciação. Não dem orou m uito para as esperanças de Anim one serem esm agadas pelo desinteresse das pessoas que passavam .

– Que lugar detestável! – sibilou ela depois de tentarem cada canção e cada passo de dança duas vezes. – Essa gente não entende a nossa arte. Que cabeças duras! Deveriam ser obrigadas a pagar!

– Vam os voltar para o barco e tentar pegar m ais um peixe – sugeriu Cim e, pálida de fom e e cansaço. – Ou dois, m elhor dizendo. Um para nós e outro para o hom em .

– Enquanto vocês fazem isso... – falou Mirina, aj eitando o arco nas costas. – Eu vou caçar.

Antes de penetrar m ais fundo na cidade, ela cobriu a cabeça com os restos esfarrapados das vestes de sacerdotisa. Com apenas os olhos à m ostra, im aginou, as pessoas naturalm ente a tom ariam por um hom em , pois ela era m ais alta do que a m aioria das m ulheres e sua túnica de couro de cobra era com prida o bastante para esconder as coxas. Além disso, com o arco e a alj ava nas costas, poucas pessoas pensariam que ali em baixo pudesse haver um corpo de m ulher.

Foi entrando na cidade e procurou pessoas de idade sentadas à som bra das construções, velhos falastrões que tivessem visto m uita coisa e gostassem de rem em orar o passado com desconhecidos. Sem se dem orar m uito no m esm o lugar, perguntou sobre navios de casco negro, que transportavam hom ens gananciosos e brutos até litorais distantes, dos quais eles voltavam trazendo ouro em profusão.

Mas quase ninguém entendia as línguas que Mirina falava e, quando ela finalm ente foi apresentada a um velho m arinheiro deitado em um a rede, nem m esm o esse hom em , que falava o idiom a antigo, pôde lhe revelar m uita coisa.

– Muitos navios têm quilhas cobertas de breu – contou ele, abanando-se com um a folha de figueira. – Eles podem ser de qualquer lugar. Devem ser do norte, j á que o senhor diz que os hom ens tinham a pele clara. Os m eus negócios eram sobretudo no sul, por isso conheço a sua língua.

Mirina resolveu se concentrar na questão m ais prem ente, a saber: com o alim entar as irm ãs e pagar o pernoite no porto.

– Se eu estivesse à procura de um a refeição e não tivesse nada para dar em troca, aonde deveria ir? – perguntou antes de se afastar do m arinheiro.

Ele respondeu sem hesitar.

– Ao Porto Oriental. É lá que os navios grandes atracam . Tente os troianos. Se eles estiverem aqui, vai encontrá-los bem no final do porto. Im agino que eles devam ter algo sobrando.

Assim , ela foi até o lado oriental do porto, com o tecido que lhe cobria o rosto escondendo tam bém sua vergonha por ter de agir com o um a pedinte. Mas não conseguia ver nenhum a alternativa m ais honrada. Com o se prostituir ou roubar estavam fora de cogitação e com o era im provável que ela ou suas irm ãs conseguissem encontrar outra saída, restava-lhe a hum ilde esperança de encontrar algum com erciante m isericordioso com m ercadorias sobrando.

Abrindo cam inho às cotoveladas por entre os desconhecidos de terras distantes, que haviam chegado ali em navios tão grandes que ela no início os tom ara por construções em terra firm e, Mirina acabou chegando ao fim do passeio construído no cais, ao lugar onde a costa se transform ava outra vez em praia e as gaivotas rodeavam os barcos de pesca atracados na areia. Ali, sob a luz laranj

a enviesada do sol poente, viu um grupo de hom ens assando frangos e legum es em espetos sobre um a fogueira. O barulho que faziam era carregado de alegria, de form a que ela se convenceu de que eram am istosos. Seriam esses os troianos que o velho m arinheiro m encionara?

Chegando m ais perto, viu que eles estavam entretidos lançando pedras dentro de círculos, um a brincadeira de criança que ela havia j ogado com o pai quando ainda era pequena dem ais para caçar e, m uitas vezes depois, sozinha, para passar o tem po e apurar a m ira.

Um dos hom ens, um rapaz de rosto bem barbeado, om bros largos e roupas bonitas e bordadas, tinha um talento especial para acertar pedras no centro dos círculos e, ainda que Mirina não entendesse sua língua, ficou claro que ele estava provocando os outros, desafiando-os a derrotá-lo.

Encoraj ada pela atm osfera j ovial, Mirina pegou um a pedra e lançou-a. Ela aterrissou com um pequeno baque dentro do círculo m ais próxim o e m ais fácil, não exatam ente no centro, m as perto o suficiente para fazer com que os hom ens se virassem para ver quem a lançara.

Ao ver suas expressões de espanto, Mirina apontou para o j ogo, em seguida para o j ovem cam peão e, por fim , para si m esm a, dando a entender que gostaria de desafiá-lo. Seu gesto fez um burburinho bem -hum orado percorrer os colegas do rapaz, que a encarou com um a expressão incrédula, com o se estivesse desacostum ado àquele tipo de desafio.

Ao vê-lo hesitar, Mirina tornou a apontar para o j ogo, em seguida para os frangos que assavam , depois para a própria boca por trás do pano. O rapaz então disse algo que ela não entendeu, e seus olhos argutos cor de âm bar vasculharam seu rosto coberto à procura de um sinal de com preensão. Mas Mirina apenas se abaixou para catar seis pedras, três das quais lhe estendeu... e então seus braços foram agarrados abruptam ente pelos com panheiros do rapaz.

Perplexa com aquela m udança de com portam ento, Mirina arqueou o corpo e com eçou a chutar, louca para se ver livre. Mas um a gargalhada do rapaz seguida por um diálogo rápido entre ele e os am igos os fez soltá-la depressa.

– Tom e... – disse ele, pegando as três pedras que ela deixara cair na areia. – Vou falar na língua dos nôm ades do deserto, pois você m e parece nôm ade.

Entendeu?

Mirina aquiesceu. Em bora pudesse ter lhe respondido com palavras, resolveu ficar calada por m edo de que a voz revelasse seu segredo.

– Ótim o. – Ele abaixou a cabeça para encará-la com gravidade, do j eito que os touros avaliam os adversários antes de atacar. – Você m e desafiou, e isso não é um fato qualquer.

Mas a centelha de travessura em seus olhos lhe m ostrou que aquela gravidade era só brincadeira.

– Valendo um frango. E quem sabe um a cenoura. Que vença o m ais fam into.

– Ele m eneou a cabeça para os círculos desenhados na areia. – Você prim eiro.

Mirina m irou e atirou a prim eira pedra, fazendo o possível para ignorar as provocações em volta. A pedra aterrissou bem no m eio do m ais próxim o dos cinco círculos, um a prim eira tentativa nada boa.

– Muito bem – disse o seu adversário, fingindo preocupação. – Com o é que vou conseguir igualar esse feito?

Antes m esm o que ele term inasse de falar, seu prim eiro lançam ento voou pelos ares e foi parar bem no m eio do segundo círculo.

– Ah. Que sorte. Sua vez.

Mirina cerrou os dentes e atirou a pedra seguinte, m uito consciente de que o rapaz zom bava dela. No entanto, algo na expressão de seus olhos lhe transm itia bondade e, m esm o quando o seu segundo lançam ento perfeito, no terceiro círculo, foi equiparado pelo dele no quarto, ela continuou esperançosa de sair daquele lugar com algo para com er.

Assim que ela atirou sua últim a pedra no quinto círculo, porém , ele lançou a últim a pedra do j ogo e em purrou a dela para fora, rindo a valer de seu infortúnio.

– Ah, não... – Ele fez um a careta de sim patia fingida. – Lá se vai o seu frango, garoto. Mas eu lhe dou um a cenoura para com pensar.

Sem dizer nada, Mirina se abaixou para pegar outras seis pedras e lhe entregou três, m as ele não aceitou. Em vez disso, falou: – Estou farto deste j ogo. Vam os tentar outra coisa?

Ele olhou em volta à procura de inspiração, incentivado pelas provocações dos am igos, e seus olhos recaíram sobre o arco de Mirina, que despontava acim a do om bro.

– Isso aí é só um brinquedo ou você sabe atirar?

Mirina hesitou. Fazia m eses que não conseguia treinar direito. Além disso, o ferim ento em suas costas ainda doía tanto que ela m al havia disparado um a flecha desde o ataque ao tem plo, m esm o quando treinava com as irm ãs.

– Vam os ver se você é bom .

O hom em abriu um a bolsinha de couro e pegou cinco pedacinhos de bronze.

Eram as tais peças de cobre.

– Isto aqui é seu, e o frango tam bém , se conseguir acertar a gaivota pousada naquele m astro – continuou ele e apontou para um barco de pesca parado na areia a uns 100 m etros dali, com o m astro inclinado.

Mirina fez que não com a cabeça.

– Por que não? – O hom em a encarou com um interesse renovado. – Ah, entendi. Não quer m atar um a ave por esporte. – Ele riu e fez um a careta na direção dos am igos. – Quanta nobreza! Então que tal o seguinte: eu lanço um a m açã no ar e você atira nela?

Mirina não protestou, então ele estendeu a m ão e um dos outros hom ens depositou nela um a m açã.

– Está pronto?

Antes m esm o que ela tirasse o arco das costas, a m açã saiu voando pelos ares em um longo arco... e caiu sobre as ondas, intacta.

O hom em balançou a cabeça.

– Você é lento dem ais, rapaz. Mas vou lhe dar outra chance.

Dessa vez, Mirina estava pronta. Tirou o arco das costas antes de ele pegar a m açã e sacou a flecha da alj ava na m esm a hora em que ele se preparou para o arrem esso. Se tivesse parado para pensar, teria se atrasado ou errado o alvo. Mas a sua flecha voou, inabalável e certeira, e partiu a suculenta m açã ao m eio antes de m ergulhar graciosam ente na água.

Os hom ens ficaram tão assom brados com aquele tiro perfeito que ninguém reparou quando Mirina cam baleou de dor.

– Que olho você tem ! – com entou seu carrasco, sorridente, dando-lhe um tapinha adm irado nas costas. – Vam os testá-lo outra vez.

Mas ao ouvir seu grunhido abafado, espontâneo dem ais para ser outra coisa que não um som fem inino, ele puxou a própria m ão, horrorizado.

Vendo o ar de assom bro em seu rosto e tem endo o interrogatório que viria a seguir, Mirina rapidam ente se aj oelhou para catar os cinco pedaços de cobre que ele deixara cair na areia, segurou-os j unto ao peito e saiu correndo dali. Estava tão desesperada para fugir antes que o rapaz arrum asse outro j eito de retê-la e tom ar seu prêm io que sequer parou para pegar o frango.

– Espere!

O hom em partiu atrás de Mirina. Sua voz transm itira irritação suficiente para fazê-la apressar o passo. Ela subiu correndo os degraus de pedra que conduziam ao cais e atravessou o passeio do Porto Oriental, esquivando-se das pessoas pelo cam inho. Ao olhar por cim a do om bro, viu que ele a seguia. Sua postura era a de alguém furioso, então, em vez de seguir para o Porto Ocidental, onde as irm ãs a aguardavam , ela decidiu correr em direção ao m ovim entado m ercado.

Não tinha certeza do m otivo que levava aquele hom em a persegui-la, m as desconfiava de que a intenção dele j am ais fora deixá-la levar suas cinco peças de cobre. Se Mirina houvesse ficado lá, ele sem dúvida a teria convencido a fazer algum a outra aposta qualquer e a ridicularizaria para divertir os am igos.

Estava tão absorta nessas possibilidades que não percebeu que os m uros se fechavam cada vez m ais à sua volta. Acabou indo parar em um beco sem saída repleto de lixo do qual escorria um caldo fétido. Ao deparar com aquilo, ela se

virou com um a careta...

E viu o rapaz parado bem ali, im pedindo a sua passagem .

– Sem saída – observou ele, de form a um tanto redundante, com a cabeça inclinada para um dos lados. – A m enos que você tenha um par de asas escondido debaixo dessas escam as.

– Por favor. – Apertando os pedaços de cobre em um a das m ãos, Mirina tirou a faca do cinto com a outra. – Não quero m achucá-lo.

O rapaz ergueu os braços, m as seu rosto não exibia nenhum a preocupação verdadeira.

– Tam bém não quero que você m e m achuque. Só quero ver o seu rosto.

Mirina deu um passo para trás e seu calcanhar se enterrou em algo m orno e m acio.

– Por quê?

O rapaz riu.

– E por que não?

– Estes cobres são m eus. – Mirina estendeu o punho fechado. – Não são?

Ele fez cara de surpresa.

– É claro que são.

– Então o que você quer?

Ela deu m ais um passo para trás e se desequilibrou por um instante na im undície escorregadia.

– Já disse. – O hom em chegou m ais perto, sorrindo com o se tudo aquilo não passasse de um a brincadeira. – Quero ver o seu rosto. Só isso.

Mirina em punhou a faca para im pedi-lo de se aproxim ar.

– E depois?

Ele deu de om bros.

– Depois nada. Você pode ir em bora.

Ela hesitou, tentando avaliar a sinceridade dele. Então tornou a em bainhar a faca e soltou rapidam ente o tecido que lhe cobria o rosto.

– Pronto! – falou, encarando o chão para evitar aquilo que, tinha certeza, devia ser um olhar de desprezo. – Já viu o suficiente?

O rapaz não respondeu. Quando enfim ergueu os olhos, ela não conseguiu interpretar o que ele pensava.

– Posso ir agora? – indagou, enrolando de novo o pano em volta do rosto. – Por favor?

Por fim , ele deu um passo para o lado. Sem m ais um olhar sequer na sua direção, Mirina saiu correndo o m ais depressa que pôde, com os preciosos pedaços de cobre bem apertados j unto ao peito.

Reencontrou as irm ãs bem na hora em que o sol se punha no m ar. Estavam envolvidas em m ais um bate-boca com o coletor de im postos.

– Espere! – gritou, percorrendo a passarela a passos largos até o cais em que seu barco estava atracado. – Quantas peças de cobre pelo pernoite?

– Depende – respondeu ele. – Quantas a senhora tem ?

Mirina abriu a m ão e lhe m ostrou.

– Ah – disse ele. – Então duas, digam os. E m ais duas por am anhã.

– *O quê?* – Cim e deu um passo à frente, com o rosto corado por causa da discussão. – Não podem os pagar essas duas am anhã?

O coletor de im postos fez que não com a cabeça.

– Nesse caso vocês vão ter que ir em bora quando o sol nascer. Só que não vão conseguir. Não do j eito que o vento do norte está soprando.

Mais tarde nessa noite, depois de um a refeição insuficiente – um a dúzia de bolinhos de caranguej o que lhes custou a única peça de cobre restante –, Mirina ergueu o rosto e viu um hom em m ais velho e bem -vestido em pé no cais j unto ao barco, encarando as m ulheres.

– Saudações – disse ele na língua dos nôm ades.

O sotaque e a postura fizeram Mirina pensar nos j ogadores que havia encontrado na praia m ais cedo.

– Posso aj udar? – perguntou ela, levantando-se educadam ente e torcendo para estar errada.

– Talvez – respondeu o hom em com um tom paciente e digno. – A senhora é a arqueira que acertou a m açã, não é?

– O que houve? – quis saber Anim one, puxando a m anga da am iga. – O que ele está dizendo? Nós j á pagam os a taxa de am anhã; diga isso a ele.

– Não tenham m edo – disse o hom em a Anim one, igualm ente fluente nos dois idiom as. – Vim convidá-las para um j antar.

Os olhos dele foram atraídos pelos tristes restos da parca refeição no fundo do barco.

– Ou talvez eu devesse dizer um banquete, oferecido por m eu generoso m estre, o príncipe Páris.

Não houve reação im ediata, então o hom em acrescentou com um sorriso de superioridade: – Meu m estre é conhecido com o o herdeiro da realeza de Troia.

CAPÍTULO DEZOITO

Ao chegar a Creta levando um novelo de fio dado por Ariadne, que havia se apaixonado por ele, e instruído por ela quanto ao modo de usá-lo para achar seu caminho no labirinto, conseguiu de lá fugir e matar o Minotauro.

Plutarco, *Teseu* DJERBA, TUNÍSIA O voo para Heraklion estava quase vazio. Pelo visto, Creta não era um grande destino turístico no início de novem bro, e o funcionário da com panhia aérea havia trocado m inha passagem de bom grado.

Eu j á m e acom odara com os pés sobre o assento vazio ao m eu lado quando um hom em de calça j eans e casaco de cam urça parou no corredor e com eçou a guardar sua bolsa de lona no com partim ento logo acim a da m inha cabeça.

Bonito, pensei, e puxei os pés. Só quando ele se sentou ao m eu lado percebi que era Nick. Sem barba.

– Não se preocupe, vai crescer de novo – disse ele ao perceber m eus olhos arregalados de incredulidade.

Quis retrucar à altura e disfarçar m eu espanto com algum a tirada de hum or britânico, m as por algum m otivo o centro da linguagem no m eu cérebro ficou vazio. O cabelo dele, antes revolto, tam bém tinha sido aparado, e o que restava eram fios negros com o breu. Mas foi a ausência da barba que m e deixou sem fala. Havia algo de indecente em ver o rosto de Nick assim . Fiquei quase tão pasm a quanto se ele tivesse surgido nu em pelo na m inha frente.

– Então, o que tem lá em Creta? – perguntou ele, ao passar na m inha frente.

Sua arrogância m e trouxe de volta à realidade. Além de m e espionar depois de nos despedirm os no aeroporto – de que outra form a poderia ter descoberto m inha m udança de planos na últim a hora? –, aquele hom em ainda tinha a desfaçatez de m e confrontar? Com o se *eu* houvesse com etido algum a transgressão, não ele.

– Com o se atreve a m e seguir desse j eito? – perguntei, enfiando às pressas o caderno de vovó na bolsa. – Nosso com prom isso profissional acabou.

– Na verdade, eu não estou seguindo você. – Nick bateu com o passaporte no m eu bracelete. – É *ele* que estou seguindo. Enquanto esse cachorrinho estiver no seu braço, m eu com prom isso profissional é *você*.

A afirm ação era tão infam e, a situação tão absurda... que se não estivéssem os dentro de um avião eu teria m e levantado e ido em bora.

– Pense um pouco – continuou ele, com um sorriso irritante. – É com o um a pequena algem a que prende você a m im .

Ficam os sentados em silêncio enquanto o avião decolava. Foi bom ter um a oportunidade de repensar m inha estratégia. Nick parecia estar ali por acreditar

que eu havia roubado o bracelete. E se eu lhe contasse a verdade? Ou pelo m enos os aspectos básicos da verdade, sem m encionar o caderno de vovó?

– O negócio é o seguinte – com ecei, torcendo para ele perceber que eu estava sendo sincera. – Eu na verdade *não roubei* este bracelete do sarcófago.

Acredite ou não, ele pertencia à m inha avó...

Nick balançou a cabeça.

– O m em orando que recebi a seu respeito dizia que o seu QI era 153. Então, das duas, um a: ou o m em orando está errado ou você anda se contendo. Por quê?

Quase engasguei de tão indignada.

– Perdão?

– Eu a perdoo, sim . O tem po todo. – Ele com eçou a folhear um a revista de bordo, fingindo interesse. – O que houve? Alguém aí não sabe o que responder?

Fulm inei-o com o olhar, m as ele nem percebeu.

– Quem sabe quando as coisas pararem de explodir à m inha volta e as pessoas pararem de m e espionar... quem sabe aí eu consiga dem onstrar m ais inteligência. Só não sei se você conseguiria apreciar isso. Hom ens do seu tipo raram ente conseguem .

Nick arqueou as sobrancelhas.

– Tente. Diga algo inteligente.

Mordida, abri a boca para fazer j ustam ente isso, m as um pequeno redem oinho de fúria destruiu qualquer resposta potencial. Em vez disso, optei pelo silêncio.

– Para pensar tanto assim , é m elhor que sej a bom m esm o – com entou Nick.

– Ainda estou esperando para ouvir o que vam os fazer em Creta.

– Bem -vindo ao clube das perguntas sem resposta – disparei, de m odo um tanto infantil. – O que houve com a sua barba?

– Não preciso m ais dela.

– Por quê?

Nick fez cara de surpresa.

– Pensei que j á tivesse entendido.

– Já chegam os à conclusão de que eu não sou m uito inteligente.

– Tudo bem . – Ele se virou para m im , e toda a sua arrogância havia desaparecido. – Então eu explico. Onde quer que haj a descobertas ou invenções, os parasitas não dem oram m uito a chegar. O m aior de todos eles, claro, é o governo, m as no m undo do com érc io de antiguidades existe todo um ecossistem a de negociantes, contrabandistas e saqueadores de túm ulo. São todos iguais, parasitas que se alim entam da história alheia e roubam sua herança cultural.

Nick fez um a pausa breve, encontrou um m apa no final de um a revista de bordo, tirou do bolso um a caneta e fez um X na Argélia.

– Então, para os saqueadores de túm ulos, eu sou o X que indica o local – prosseguiu ele, entregando-m e a revista. – Tudo o que eles precisam fazer é m e seguir. Sabem que vou conduzi-los direto a um a nova escavação. Mesm o que não consigam acessar o local em si, vão com eçar a escavar por perto na esperança de encontrar algum a coisa que deixam os passar. E se conseguirem , vão subornar nossos escavadores para que eles contrabandeiem artefatos da escavação oficial antes que sej am catalogados. – Ele esfregou o queixo. – Pensei que a barba e roupas esfarrapadas pudessem despistá-los. Pena que não deu certo.

Encarei o m apa, incom odada com as im plicações do que ele acabara de revelar. Ao conhecê-lo, fazia exatam ente um a sem ana, eu o havia tom ado por um hom em das cavernas incom petente para quem transportar um a acadêm ica de Oxford era apenas m ais um trabalho. Com o passar dos dias, porém , eu percebera m eu equívoco. Agora tinha certeza: em bora Nick gostasse de dar a im pressão de haver saído das páginas do Apocalipse, ele na verdade era um a figura im portante.

– Você acha que foi por isso? – ouvi-m e perguntar. – Quer dizer, acha que os

saqueadores de túm ulos estão por trás das explosões?

Nick olhou para m im , m as tive a im pressão de que na verdade não era eu que ele estava vendo.

– Parasitas inteligentes não costum am m atar o hospedeiro. As explosões ainda não fazem sentido para m im . Mas tenho a sensação de que isso está prestes a m udar.

Senti vontade de rir, m as o resultado foi bem triste.

– Espero sinceram ente que não estej a sugerindo que eu tive algo a ver com aquilo.

Nick ainda m e encarou por m ais alguns segundos, então deu de om bros e olhou para o outro lado.

– Meu chefe gastou centenas de m ilhares de dólares em troca de nada. Você ganhou 10 m il e um bracelete. Sem falar que é a única estudiosa a ter visto o tem plo e que agora essa história é *sua*. Mas não, não estou sugerindo nada, só estou tentando garantir que chegue em casa bem .

Rebecca estava à m inha espera no aeroporto de Heraklion, com os cachos ruivos colados pela chuva na testa sardenta. Com suas galochas e seu vestido anos 1920

curto e desbotado, acenando im paciente por trás da barreira m etálica, m inha velha e fiel am iga parecia prestes a explodir de tanta em polgação. Ao ver Nick, porém , e perceber que estávam os j untos, sua agitação logo se transform ou em um a incom preensão m uda.

– Bex! – Abracei-a com força. – Você está encharcada! Obrigada por ter vindo m e buscar nesse tem po horrível. Este é Nick Barrán.

Dei um passo para o lado para que eles se cum prim entassem .

– Ele não quer m e largar – em endei.

– É o que acontece quando se com eça a roubar – falou Nick.

Ainda que Rebecca fosse *blasée* por natureza e apesar da raj ada de chuva que

nos atingiu assim que saím os do prédio do aeroporto, m inha am iga só recuperou o sangue-frio quando estávam os todos esprem idos no banco surrado de seu pequeno carro. Nick se oferecera para ir atrás com nossa bagagem (e ficar chacoalhando j unto com um a m istura de fragm entos de pedra, ferram entas enferruj adas e um a ou outra banana de dinam ite). Mas Rebecca, ainda sem entender a dinâm ica tensa entre nós dois – sem falar em quem ele era, para com eço de conversa – insistira em que ele fosse na frente conosco.

– Desculpe não fazer j us aos catálogos turísticos – disse ela, estendendo-nos pedaços úm idos de toalha de papel. – Infelizm ente vocês chegaram em plena estação das chuvas.

Com o a cidade de Heraklion no m om ento não passava de um borrão cinza, pulam os o roteiro turístico e fom os direto para o sítio arqueológico de Cnossos, com os lim padores de para-brisa a chiar na potência m áxim a.

Na últim a vez que eu estivera ali – dez anos antes, por incrível que parecesse, durante um a viagem com Rebecca pela Europa antes de qualquer um a de nós saber que ela acabaria indo m orar em Creta – o clim a era tão quente e seco que até m esm o as cigarras se calavam . Nós passeávam os de short e sutiã de biquíni.

Nossos om bros queim ados de sol viraram um a colcha de retalhos descascada, rosa e m arrom , até finalm ente nos ocorrer que precisávam os de um a cam ada de tecido entre nossa pele e o sol. Por falta de coisa m elhor, tínham os com prado duas blusas m asculinas, que precisávam os usar dobradas para caberem , e foi com esse visual nada na m oda que percorrem os as antigas ruínas de Cnossos, oscilando ao peso de nossas m ochilas e da pilha de livros sobre a Grécia Antiga pegos na biblioteca e que eu insistira em levar.

Nem é preciso dizer que não reconheci nada naquela paisagem desm ilinguida que atravessávam os agora, m uito m enos a em polgação que sentira em m inha prim eira visita.

– Desculpe – Rebecca não parava de repetir enquanto se inclinava e esfregava com gestos frenéticos a toalha de papel na j anela em baçada. – Em geral se tem um a boa visão do acesso norte.

Com um a olhadela nervosa para Nick, ela se apressou em explicar que parte do antigo palácio fora reconstruída, com belas colunas verm elhas, e que o local da

escavação não era apenas a m ontanha de entulho cor de terra que se poderia esperar.

– Tem os até um m onstro – acrescentou, orgulhosa. – O tem ível Minotauro.

Mas infelizm ente vocês não vão vê-lo esta noite. Parece que ele não gosta de m olhar o cabelo.

– Minotauro? – repetiu Nick. – Soa fam iliar.

– Metade hom em , m etade touro. Morava por aqui antigam ente. – Rebecca lhe lançou outro olhar curioso. – Pergunte a Dee; a especialista em m itologia é ela.

Quando por fim chegam os a um estacionam ento, olhei em vão ao redor à procura da im ponente propriedade que Rebecca tantas vezes havia descrito. Tudo o que consegui ver à nossa volta foi o débil contorno de um com plexo caiado em form ato de ferradura, sem elhante a um hotel de beira de estrada.

– Sei que não é a Villa Ariadne – falou Rebecca, lendo m eus pensam entos. – Mas achei que seria m elhor... – Ela hesitou, decerto por se dar conta de que não era recom endável entrar em detalhes na frente de Nick, e prosseguiu em tom m ais alegre. – A vantagem é que a m aioria dos quartos está vazia. Além disso, estam os pertinho da escavação. Quando o nevoeiro baixar, vai dar para ver as ruínas do palácio.

Apesar das m inhas caretas e indiretas, Rebecca acom odou Nick no quarto bem ao lado do m eu. Não que ela não tivesse percebido m eu com portam ento estranho; apenas decidiu ignorá-lo.

– Pra m im j á chega – sibilou ela, quando enfim ficam os a sós. – Que porcaria é essa que está acontecendo?

Ciente de que Nick estava separado de nós por apenas uns poucos m etros quadrados de parede de gesso, inform ei-a do que pude, da m elhor m aneira que fui capaz, confirm ando que de fato aquele era o m esm o Nick sobre quem lhe falara ao telefone: o farsante que j am ais confessara trabalhar para a Fundação Aqrab.

– Ainda não sei por que ele está aqui – concluí. – Mas tenho certeza de que o bracelete é só um pretexto. Ele deve estar tentando entender por que troquei o

voo e se isso tem algo a ver com o que aconteceu na Argélia.

Rebecca não pareceu convencida.

– Ainda não entendo. Você roubou m esm o esse bracelete?

– Bex!

Com ecei a rir, m as ela não riu j unto. No m undo de Rebecca, que era arqueóloga, pegar artefatos encontrados em um a escavação era com o com eter assassinato. “Bom , talvez não assassinato”, dissera ela certa vez, depois de perceber que tinha se exaltado ao ler um a nota do tipo em um a revista sem anal.

“Mas quando leio essas coisas, que algum artefato de valor inestim ável foi encontrado no espólio de algum finado colecionador, é com o ler sobre um a criança raptada que alguém m anteve prisioneira num galpão no quintal durante quinze anos.” Naturalm ente, seu choque ao descobrir que a m elhor am iga talvez fosse um a dessas sequestradoras foi considerável.

– Deixe de ser ridícula – falei, sentindo um a pontada de raiva pelo fato de ela m e considerar capaz de tal coisa. – É o bracelete da vovó, você não lem bra?

Estendi o braço para lhe m ostrar.

– Lem bro – respondeu ela depois de algum tem po. Então ergueu os olhos para m im com um a expressão acusatória. – Só não sabia que você o tinha herdado.

Andei até a j anela. Lá fora, a chuva transform ara o pequeno estacionam ento em um lago alim entado por riachos de lam a. Um a névoa vespertina insistente m e im pedia de ver m ais do que a silhueta das estruturas do outro lado do pátio.

Em bora estivéssem os em Cnossos, antigo palácio m inoico e m aior atração turística de Creta, o lugar parecia estranham ente deserto. Com certeza era a época do ano perfeita para quem quisesse evitar as m ultidões – ainda que tivesse de enfrentar as intem péries.

Eu só tinha visitado o sítio um a vez, fazia um a década, naquele glorioso dia com Rebecca. O interessante era que, de nós duas, a m ais apaixonada pelo lugar na época tinha sido *eu*. Graças a vovó, havia decidido m uito tem po antes seguir um a carreira em história antiga e na época j á m e considerava de certa form a

especialista nas civilizações da Idade do Bronze.

Arm adas com m eia dúzia de livros e nossa garrafa de água m ineral, Rebecca e eu havíam os passado m uitas horas estudando as fundações do palácio, m aravilhadas com a reconstrução dos aposentos reais e com os achados dos depósitos subterrâneos. Desdenhando os turistas que andavam apressados para lá e para cá, sem olhos para nada que não estivesse no guia, dem os a volta no sítio arqueológico, decididas a apreciar toda a grandeza do prédio original. Chegam os a cogitar ficar ali depois que o lugar fechasse as portas, para adm irar o efeito da luz da lua sobre as ruínas. “Juro por Deus”, dissera Rebecca, encam inhando-se com um ar sonhador para a saída enquanto os seguranças trancavam o portão de m etal atrás de nós. “A gente um dia vai voltar e passar a noite aqui, m esm o que isso nos leve à m orte.”

Agora, olhando a névoa pela j anela do quarto em que estava hospedada, esses dias alegres e ensolarados m e pareciam de fato m uito distantes.

– Bom – falei por fim , percebendo que Rebecca ainda estava à espera de um a explicação. – Ele chegou pelo correio um dia. Acho que vovó sem pre quis que ficasse com igo.

O choque de m inha am iga foi tam anho que ela se levantou de im ediato.

– Não acredito que você nunca m e contou! Por que não... com o foi que ela...?

– Bex – falei apenas, de repente esm agada pelo cansaço.

Mal havia pregado o olho na véspera, e aquilo tudo estava com eçando a m e afetar: o horror do que acontecera na Argélia, a longa viagem de carro até Dj erba, o choque de rever Nick.

– Não vam os perder tem po com isso agora. Me conte sobre o disco de argila.

Você tirou um a foto?

Rebecca levou a m ão à cabeça, com o se m udar de assunto lhe causasse dor.

Então foi pegar o laptop e m e m ostrou algum as im agens de um obj eto redondo.

– É isso. Não consegui m elhorar m uito a im agem .

Estudei a tela do com putador, m as não fui nem m esm o capaz de concluir se o disco estava inscrito com os sím bolos de vovó.

– Tem razão. Esta foto não adianta nada. Cadê o disco?

Rebecca fez um a careta.

– Já não tenho certeza se isso é um a boa ideia...

– Bex! Eu acabei de atravessar o Mediterrâneo de avião...

– Eu sei! – Ela abriu os braços, exasperada. – Tá, o que aconteceu foi o seguinte: eu sei que você m e disse para não fazer isso, m as...

– Você m ostrou a foto do Sr. Ludwig para o Sr. Telem akhos?

Não era sequer um a pergunta. Apesar de toda a sua integridade profissional, Rebecca era incapaz de guardar um segredo. Mesm o quando éram os crianças, eu sabia que precisava m antê-la longe da m inha m ãe sem pre que estávam os fazendo algum a bobagem , para im pedir que ela revelasse nossos planos na hora m ais inconveniente possível. Adulta, eu às vezes m e perguntava se m inha levem ente preocupante tendência ao segredo havia se desenvolvido com o um contraponto necessário à incontinência de m inha am iga.

O Sr. Telem akhos, por sua vez, era um a daquelas figuras pseudoacadêm icas im previsíveis (para o bem e para o m al) que eu fazia o possível para evitar.

Rebecca, que sucum bira ao seu feitiço durante um sim pósio de pós-graduação em Atenas, tinha m e dito várias vezes que o “oráculo” grego, com o costum ava cham á-lo, tinha interesse em m e conhecer e talvez até colaborar em algum proj eto m eu. Até então, porém , eu não fizera nenhum m ovim ento para conhecer aquele autodidata excêntrico, em parte porque um a viagem à Grécia não cabia no m eu orçam ento e em parte por m edo de que ter m eu nom e vinculado ao dele prej udicasse m inha reputação acadêm ica. “Não se associe a um charlatão desses”, dissera Katherine Kent quando eu havia pedido a sua opinião. “Ele não tem form ação, não publicou nada... pelo am or de Deus, o suj eito é professor de escola prim ária!”

Apesar de sua obsessão pela pureza acadêm ica, Rebecca não tinha os m esm os escrúpulos; o Sr. Telem akhos era o sim pático tio que ela j am ais tivera e, eu tinha certeza, um ardoroso ouvinte das fofocas que ela sem pre tinha para contar.

– Mandei um e-m ail para ele. – Rebecca não parecia nada arrependida; na verdade, sua expressão era de puro triunfo. – E você deveria m e agradecer por isso. Se não fosse por ele, eu nunca teria sabido da existência do disco. Estou dizendo, esse hom em se lem bra *de tudo*. Ele reconheceu na hora que a escrita da sua foto era idêntica aos sím bolos de um disco do nosso depósito... um disco que ele só viu um a vez, vinte anos atrás. É inacreditável. O único problem a é que... – Ela olhou para o relógio de pulso e fez um a careta. – O chefe da equipe não pode ficar sabendo. E ele volta am anhã cedo.

– Por que ele não pode ficar sabendo?

Rebecca estreitou os olhos.

– Porque ele m e odeia. Tenho certeza de que passa o dia inteiro bolando m otivos para m e m andar em bora. – Ela se virou e olhou pela j anela. – Você m e conhece. Quando as pessoas erram as datas ou exageram a im portância de algum achado... eu sim plesm ente não consigo ficar quieta.

Esperei que m inha am iga continuasse, m as ela apenas suspirou.

– Que saco – falei enfim .

Estava tentando não pensar que eu j á tinha escutado aquela história diversas vezes. Do m ais reles calouro ao m ais ilustre professor, ninguém estava a salvo da paixão de Rebecca pelos fatos. Ainda era um m istério para m im com o o Sr.

Telem akhos tinha conseguido passar por seu crivo.

– Mas você está aqui há três anos – argum entei. – Este lugar é praticam ente *seu*.

Ela deu um sorriso pesaroso.

– Não m ais.

Ali em pé usando seu velho vestido, com a chuva ainda a escorrer dos cabelos,

Rebecca de repente m e pareceu a m esm a m enina que eu conhecera tão bem , m as que havia quase esquecido: a filha do pároco, louca para ser *blasée* em relação ao m undo, m as que na verdade, bem lá no fundo, m orria de m edo dele.

– Tá – falei, levantando-m e. – Então vam os lá olhar agora.

Rebecca fez que não com a cabeça.

– Não é tão fácil assim . Talvez a gente devesse pedir para o Nick...

– De j eito nenhum !

Encarei-a, perguntando-m e com o Rebecca ainda não suspeitava da Fundação Aqrab com o eu.

– Alguém em Dubai está interessado no sistem a de escrita de vovó. E até esse alguém vir m e procurar para m e dizer que porcaria está acontecendo e onde as am azonas se encaixam nisso tudo, não vou oferecer *nada* a eles. Sim , eu decifrei a inscrição do tem plo e, sim , eles m e pagaram , m as é só isso. Ninguém vai m e forçar a trabalhar para eles outra vez, e com certeza não de graça. O disco não é da conta do Nick. Entendido?

– Se você está dizendo. – Rebecca m ordeu o lábio, discordando em silêncio. – Mas não vam os ter tem po de olhar o disco antes do j antar.

– Vam os fazer o seguinte. – Com ecei a andar de um lado para o outro. – Você vai distrair o Nick enquanto eu vou olhar o disco sozinha. Assim vou ter certeza de que ele não está m e seguindo. E quando o seu queridinho chefe de equipe chegar, am anhã, eu vou em bora. Fim de papo.

Olhei para Rebecca, anim ada, pronta para pôr o plano em ação.

– Onde você falou que o disco está?

– Bom . – Ela sorriu, encabulada. – É esse o problem a.

Saím os para um j antar de fim de tarde na Taberna Pasífae, na m esm a rua das ruínas de Cnossos. A chuva finalm ente cessara, deixando tudo m olhado e um tanto frio, e quando nos sentam os em m eio às oliveiras que pingavam no pátio,

um clarão de luz laranj a do sol rom peu a névoa rem anescente para nos lem brar de quem , afinal, era o soberano do céu.

– Então, m e fale m ais sobre esse tal Minotauro – pediu Nick em determ inado m om ento, olhando para m im com um ar ansioso. – Metade hom em , m etade touro. Qual m etade é o quê? Não estou entendendo.

– Ah, deixe para lá. – Desviei os olhos, ainda chateada com a sua presença. – Isso não é assunto para o j antar.

– E por que não? – rebateu ele e se virou para Rebecca. – Só quero saber com o alguém vira m etade touro. Estou intrigado.

– Tá bom – concordou ela, sorrindo, e fiquei im pressionada com seu dom de se com portar com o se nada secreto estivesse sendo tram ado. – De acordo com o m ito, o rei aqui de Cnossos tinha um a rainha, Pasífae... em hom enagem a quem este estabelecim ento foi batizado, o que não deixa de ser perturbador. – Rebecca m eneou a cabeça para a entrada da taberna e a placa pendurada acim a da porta.

– Só Deus sabe o que realm ente aconteceu com a coitada, m as segundo a tradição ela se apaixonou por um touro e o resultado disso foi um m onstro com cabeça de touro e corpo de hom em .

– Com o assim , resultado?

– Bem ... – Rebecca chegou a enrubescer. – Dizem que a rainha encom endou um a vaca oca feita de m adeira e m andou colocá-la no cam po perto do touro.

Im agino que ela tenha pensado que isso... facilitaria o seu nam oro. Enfim , ela acabou dando à luz o Minotauro, um ser horrendo que se alim entava de hom ens e era m antido em um labirinto escuro debaixo do palácio real. Segundo a lenda, os atenienses tinham que m andar sete m eninos e sete m eninas para Creta a cada ano para servir de alim ento ao m onstro, e fizeram isso obedientem ente, ano após ano, até que o herói Teseu se infiltrou no grupo, m atou o Minotauro e conseguiu sair do labirinto com a aj uda do fio de um novelo.

– Com o se explica um a lenda assim ? – quis saber Nick. – Será que ela tem algum a raiz em fatos históricos?

Rebecca ficou radiante. Era o tipo de pergunta que ela adorava.

– Sem dúvida algum a. Na época antiga existia aqui em Creta um culto ao touro e não é im possível que ele envolvesse a prática de sacrifícios hum anos executados por sacerdotes que usavam m áscaras desse anim al – disse ela. – É

bem razoável que a assustadora figura do Minotauro venha daí.

– E o labirinto? Ele ainda existe?

– Por assim dizer. – Rebecca inclinou a cabeça em direção às ruínas do palácio. – A m aioria dos arqueólogos acredita que a palavra "labirinto" sej a apenas um a referência ao palácio em si. Afinal, o lugar era um a construção im ensa, vastíssim a, e devia ser bem intim idadora para os visitantes, m esm o sem o atrativo extra do Minotauro.

Ela fez um a pausa para olhar para m im e entendi que estávam os pensando a m esm a coisa. Havia um segundo labirinto debaixo das ruínas, um lugar escuro e assustador conhecido apenas por alguns especialistas.

– Isso é um enigm a para m uitos arqueólogos – interpus, com m edo de Rebecca estar perdendo o sangue-frio. – Com o explicar o fato de essa cultura m inoica aparentem ente feliz e pacífica ter pilhas de ossos hum anos com m arcas de faca escondidos em cavernas sagradas no subsolo?

– Esses achados podem ser exceções – falou Nick.

Rebecca aquiesceu.

– Podem . Mas, com o o m eu am igo, o Sr. Telem akhos, sem pre diz, exceções são exceções e achados são com o form igas: se você encontrar um , pode ter certeza de que vai haver vinte.

– E a rainha e o touro? – indagou Nick, servindo m ais vinho para todo m undo.

– Qual é a interpretação científica disso?

– O m ais provável é que sej a só m ais um a história inventada para depreciar a paixão fem inina... – falei, torcendo para im pedir um a retom ada do assunto.

– Ou então... – interrom peu Rebecca, incapaz de guardar seu conhecim ento para si, sobretudo em um tem a tão saboroso. – O culto ao touro tam bém podia ter um elem ento de... – Ela enrubesceu de novo. – De *hieros gamos*, para usar a expressão em grego.

– Eu não falo grego – lem brou-lhe Nick.

Isso provocou em Rebecca um sorriso deliciado que fez suas covinhas surgirem pela prim eira vez em horas.

– Eu poderia lhe ensinar.

– Me ensinar o quê? – indagou ele, tam bém sorrindo. – *Hieros gamos* ou grego?

Recostei-m e na cadeira e fiquei assistindo, incrédula, enquanto os dois com eçavam a praticar um as poucas expressões em grego, para grande diversão de am bos. Não era a prim eira vez que eu via m inha am iga se livrar de um casulo de pessim ism o após um as poucas taças de vinho, m as fiquei assom brada ao ver Nick tam bém se entregar à brincadeira. Se não estivesse tão bem inform ada, teria achado que ele estava de fato se divertindo.

E talvez estivesse, m esm o. Talvez o charm e destram belhado de Rebecca tivesse despertado um lado até então oculto daquele hom em difícil de decifrar, um lado que eu talvez j am ais tivesse visto, um a vez que não tinha a m esm a doçura da m inha am iga. Ou quem sabe a m udança tivesse sido provocada outra vez por aquela voz do além , a m esm a que m andara Nick m e contratar de volta e dobrar m eu cachê naquele dia na Argélia... e que quase com certeza lhe ordenara que consertasse a besteira feita e m e seguisse até Creta. De quem seria essa voz? Do Sr. Al-Aqrab? Ou será que havia outra pessoa no éter nebuloso à m inha volta que instruíra Nick a deixar de lado o pessim ism o?

– O que houve, Diana? – perguntou Rebecca de repente. – Foi a com ida?

– Eu sinto m uito, estou m orrendo de dor de cabeça – falei, em purrando a cadeira para trás. – Por favor, não m e deixem estragar a festa...

– Eu a acom panho – ofereceu-se Nick, levantando-se tam bém .

– Não! Não, obrigada. Sério, não precisa. – Acenei para ele se sentar outra vez. – Vocês dois... podem ficar aqui.

De volta ao m eu quarto, troquei de roupa depressa: pus o velho blusão e os tênis que Rebecca havia em prestado para m inha m issão noturna. O disco de argila ficava guardado em um depósito naquela parte labiríntica do subsolo do palácio que nós havíam os tom ado o cuidado de não m encionar para Nick. Ao descrever o lugar para m im antes do j antar, Rebecca fizera de tudo para m e persuadir a não descer lá sozinha, m as o orgulho m e im pedira de m udar o plano do qual j á fora tão difícil convencê-la. Além do m ais, m inha curiosidade sem pre achava um j eito de vencer m inha prudência e, naquele m om ento, estava m e im pelindo com gritos de guerra dignos das am azonas.

Ao que parecia, a sala das tabuletas era considerada um a espécie de inconsciente coletivo pelos arqueólogos que trabalhavam em Cnossos. Entre as suas paredes se abrigavam centenas de placas de argila, a m aioria gravada com a escrita linear B e identificada com o antigas listas de arm azenagem . O

m isterioso disco gravado com os sím bolos de vovó estava lá havia m uitos anos, guardado em um canto escuro. Pelo que Rebecca sabia, ninguém nunca fizera qualquer tentativa real de decifrar a m ensagem im pressa com tanto cuidado na argila m ais de três m ilênios antes. “Sei que é difícil acreditar”, dissera m inha am iga ao notar m eu ceticism o. “Mas, segundo o Sr. Telem akhos, havia um boato de que esse disco em especial era am aldiçoado. Algum as das pessoas que o tocaram sofreram acidentes, e... bem , você sabe com o essas coisas funcionam ”, contara, revirando os olhos com o quem descarta um a teoria. “Talvez sej a por isso que ele está escondido há tanto tem po.”

Enquanto eu reunia as coisas de que precisaria na expedição – m inha bolsa, a lanterna e o novelo de barbante que Rebecca havia insistido em que eu levasse – ouvi um a voz interior dizer que eu não deveria entrar em lugar nenhum de form a sorrateira tão pouco tem po depois do susto que levara na Argélia. Mas eu sabia que não poderia ser diferente; prom etera a Rebecca que estaria longe do subsolo bem antes do raiar do dia. Além disso, estava decidida a esconder o disco de Nick até saber o que estava escrito nele. Não era só por causa da ligação dele com a Fundação Aqrab, m as tam bém porque, com o m e confessara, ele era seguido por terroristas e saqueadores de túm ulos e o seu envolvim ento com prom eteria m inhas chances de solucionar o m istério da língua secreta de vovó.

Pensando nisso, depois de procurar em vão um lugar seguro onde esconder os 10 m il dólares que Nick tinha m e dado na Argélia, resolvi pôr o dinheiro na bolsa e levá-lo com igo. Não m e sentia à vontade deixando um a quantia daquelas no

quarto, a poucos m etros de um hom em que atraía ladrões aonde fosse.

Já estava quase escuro quando saí. Seguindo as instruções de Rebecca, atravessei depressa o estacionam ento enlam eado e entrei no sítio arqueológico por um buraco na cerca. Ela havia feito aquilo parecer facílim o, m as, quando tentei m e esprem er pela m inúscula abertura, o m etal partido agarrou em m eus cabelos e na m inha roupa, lem brando-m e de que eu era consideravelm ente m aior do que m inha am iga.

Chapinhando pelo chão cheio de lam a, tentei pisar nas rochas esparsas e nas pontas pedregosas sem pre que possível. Apesar de m eus esforços, porém , um a um idade fria logo com eçou a penetrar os tênis de Rebecca. Quando cheguei ao barracão que ela havia m e descrito, estava com os pés encharcados.

Por m edo de ser vista se m e atrevesse a acender a lanterna, avancei pela fachada irregular tateando as paredes. Ao encontrar a porta, enfim , entrei da m aneira m ais silenciosa possível, torcendo para que ninguém escutasse o rangido das dobradiças velhas e gastas quando a fechei.

O barracão m e acolheu com aquele fedor específico e forte de m ofo que em geral anuncia ninhos de aranha. Quase dei m eia-volta na m esm a hora. Segundo Rebecca, porém , aquele era o acesso m ais seguro para descer ao subsolo do antigo palácio. Havia outras entradas, m as eram arriscadas dem ais.

Quando acendi a lanterna e vi a escada de m adeira im provisada que desaparecia no subterrâneo diante de m eus pés, entendi por que o detestável chefe de equipe de Rebecca considerava quase crim e visitar a sala das tabuletas depois do expediente e sem perm issão.

Com o coração acelerado de tão nervosa, peguei o m apa que Rebecca havia desenhado para m im e com ecei a descer os degraus precários. Vacilei um pouco no pé da escada e explorei com a lanterna aquela escuridão bolorenta, tentando entender para que lado tinha de virar o m apa.

Aquele corredor antigo, que estava m ais para um a caverna com prida e irregular do que para qualquer coisa construída pelo hom em , estendia-se escuridão adentro para am bos os lados e parecia apenas um a pequena parte do enorm e com plexo de salas de depósito sob o velho palácio. Só ao ver com o o lugar era claustrofóbico e quanto j á tinha m e confundido entendi por que m inha am iga havia m e dado o novelo de barbante.

Tirei-o da bolsa e m e aj oelhei para prender a ponta no degrau m ais baixo da escada, conform e ela m e instruíra. Então com ecei a seguir o túnel na direção que torci para ser a da sala das tabuletas, apontando a lanterna para a frente da m elhor m aneira possível e desenrolando o barbante à m edida que avançava. Foi preciso todo o m eu autocontrole para m e m anter concentrada no m apa e nos poucos m etros de claridade à m inha frente; m ais de um a vez tive de repetir em voz alta a m inha m issão para conter as vozes de m eus m edos indom ados.

– Disco de argila. Sala das tabuletas.

Em bora eu tivesse sido criada para fazer pouco de fantasm as e m onstros, não pude evitar a sensação de que eles estavam a toda a volta, esperando que eu os notasse. Sem pre que eu dobrava outra quina escura ou passava por outro vão de porta aberto, sentindo um a lufada de m ofo ou podridão, m e preparava para ver algo terrível. Durante o j antar, fora fácil discorrer em term os racionais sobre um ogro devorador de hum anos que vivia no labirinto de Cnossos, sobre sacerdotes m ascarados e rituais m acabros. Era bem diferente estar ali em baixo sozinha, percorrendo as grutas perdidas no tem po que tinham gerado esses m itos bestiais.

Quando finalm ente cheguei à sala das tabuletas, só m e restavam uns poucos m etros de barbante. Após destrancar a pesada porta de m adeira com a chave secreta de Rebecca, am arrei a ponta do novelo na m açaneta e, hesitante, adentrei o recinto apontando a lanterna em volta.

Depois de percorrer toda encolhida o labirinto escuro, senti-m e reconfortada ao ver que estava em um espaço bastante grande, angular, com prateleiras de pedra a cobrir cada parede, do chão até o teto... prateleiras repletas de tabuletas de argila, centenas delas, apoiadas um as nas outras com o livros em um a biblioteca.

Quando acendi as luzes, as lâm padas penduradas em hastes m óveis presas a um a grade de m etal m e cegaram por um instante. A m aioria apontava para um a m esa form ada por dois cavaletes e um a grande porta azul disposta por cim a.

Ficou claro que aquilo era a estação de trabalho da pessoa que m anuseava as tabuletas – um tanto im provisada, m as, apesar disso, lim pa e organizada.

Nenhum papel, nenhum a caneta, nem m esm o um a garrafa d’água vazia fora deixada ali, o que não chegava a ser surpresa. Segundo Rebecca, o chefe da

equipe fazia um a ronda de inspeção todas as m anhãs, quando o dia raiava.

Depois de verificar as instruções rabiscadas em m eu m apa, iniciei a busca pelo disco de argila nas prateleiras situadas no canto m ais afastado da sala.

Encontrei-a exatam ente onde Rebecca tinha dito que estaria: confortavelm ente ao alcance da m ão. Inserida entre outras tabuletas de tam anho equivalente, ela era, porém , bem diferente das dem ais, um a vez que se tratava de um a das poucas redondas de toda a coleção.

Peguei o disco e o levei até a m esa, onde o pousei com todo o cuidado. A argila averm elhada estava lascada nas bordas e um a rachadura no m eio, fina feito um fio de cabelo, poderia se transform ar em um verdadeiro desastre caso a tabuleta fosse subm etida a vibrações ou exposta a m udanças bruscas de um idade.

Na realidade, pensei, com um a pontada de culpa, eu não deveria m anuseá-la sem luvas de proteção e um desum idificador portátil.

Inclinando-m e sobre a m esa, inspecionei com cuidado os sím bolos dim inutos gravados em espiral na argila. Apesar das lâm padas halógenas, foi difícil distingui-los; não era à toa que as fotos de Rebecca não tinham conseguido dar conta do recado. Mesm o assim , não levei m uito tem po para confirm ar que ela e o Sr. Telem akhos tinham razão: os sím bolos eram iguais aos da Argélia e do caderno de vovó.

Sem conseguir resistir, peguei o caderno com as m ãos trêm ulas. Havia prom etido a Rebecca não m e dem orar na sala das tabuletas m ais do que o absolutam ente necessário. Eu apenas copiaria a inscrição em um pedaço de papel. Só tentaria decifrá-la quando estivesse de volta à segurança da superfície.

Mas... agora que estava finalm ente ali, form igando de tanta anim ação, eu *precisava* sentir um gostinho do m eu achado.

Folheei o caderno e m e apressei em decifrar a prim eira palavra gravada na argila. Depois de trabalhar com aqueles sím bolos de form a tão intensa, todos eles m e pareciam conhecidos... m as com aquela prim eira palavra eu nunca havia deparado.

– Ah! – falei em voz alta quando enfim encontrei o que estava procurando. – Rainha.

A segunda palavra, contudo, foi bem m ais difícil.

– Rainha o quê? – balbuciei enquanto tornava a folhear o caderno. – Rainha quem ?

Mas a palavra não estava ali. Decepcionada, tornei a m e virar para o disco de argila, pronta para pular para a terceira palavra. Mas algo naquela segunda palavra, que talvez fosse um nom e de três sílabas, não parava de m e incom odar...

No fim das contas, abri o com putador para olhar m inhas anotações da Argélia. E ali estava ela, dentre os m uitos m istérios sem solução do tem plo enterrado: a m esm a palavra de três sílabas, escrita j unto ao pé da últim a parede.

Segundo m inhas anotações, era quase com certeza o nom e da sacerdotisa que assum ira o com ando após o ataque, m as cuj as ações posteriores, infelizm ente, tinham se perdido em um a lacuna de gesso desm oronado.

Mas ali estava ela outra vez, no palácio de Cnossos. Agora rainha.

Fervilhando de agitação, peguei a câm era e tirei várias fotos do disco antes de copiar com atenção a espiral de sím bolos em um a folha de papel. Então, lem brando-m e do pedido de Rebecca para m e apressar, guardei a frágil tabuleta exatam ente onde a havia encontrado e arrum ei m inhas coisas. Com a cabeça a quilôm etros dali (ou pelo m enos no quarto, traduzindo o resto do texto antes de o dia am anhecer), peguei a lanterna e fui até a porta. Assim que a abri, porém , tom ei um choque de realidade.

Pois a ponta do barbante que eu havia am arrado com tanto cuidado na m açaneta da porta não estava m ais lá.

CAPÍTULO DEZENOVE

ILHA DE CRETA

Os troianos estavam atracados no Porto Oriental, bem ao lado da praia onde Mirina havia ganhado as cinco peças de cobre. Enquanto seguia o m ensageiro pela m ultidão vespertina j unto com as irm ãs, ela não pôde evitar um a apreensão crescente diante da possibilidade de encarar outra vez o rapaz que tanto a provocara diante dos com panheiros. Pior ainda: tem ia que seu único m otivo para convidá-la fosse zom bar dela ainda m ais.

Fosse o que fosse, não conseguira recusar o convite. O m ensageiro troiano havia pintado um atraente retrato de com idas e bebidas e, após tantos dias no m ar e tantas decepções, Mirina sabia que o conforto das irm ãs devia ser m ais im portante que o seu.

– Olhem ! – Anim ada, Pitana m eneou a cabeça para os prodigiosos navios que assom avam logo à frente. – Já viram algo tão m aravilhoso?

Os três navios troianos de fato faziam as outras em barcações no porto parecerem anãs. Altos e largos, com as proas curvas enfeitadas por pinturas intrincadas, eram capazes de sustentar velas im ensas, e cada um parecia ter um a casa inteira na popa.

– Por aqui, por favor. – O m ensageiro as conduziu até o navio do m eio e com eçou a subir a passarela na frente de Mirina. – Não tenham m edo; é bastante seguro.

Era óbvio que ele estava se referindo à com prida tábua de m adeira sobre a qual andavam , que sacudia um pouco sem pre que alguém dava um passo. Mas Mirina estava m enos preocupada com a passarela do que com o am ontoado de guardas arm ados de sem blante grave que as aguardava no convés.

– Bem -vindas a bordo – disse um hom em alto e barbado, que Mirina reconheceu da praia m ais cedo. – Suas arm as, por favor.

Ficou evidente que os guardas esperavam que as m ulheres se desarm assem antes do banquete prom etido, e Mirina pôde sentir as irm ãs a encará-la, ansiosas para saber com o deveriam reagir. Tinham consciência de que sua líder detestava se separar do arco e com certeza da faca, m as aquelas eram

circunstâncias fora do norm al.

– Não estou gostando nada disso – sussurrou Anim one. – Eles podem ser m ercadores de escravos.

– Talvez. – Mirina olhou para o hom em barbado, e sentiu que por trás da atitude defensiva havia um bom coração. – Mas eu duvido.

Ela soltou o arco e a alj ava.

– Façam o que ele pediu.

Quando elas term inaram , um a pilha de arm as havia se form ado no convés, encim ada pela im ponente faca de caça de Mirina.

– Certo – disse o m ensageiro, cuj os olhos haviam se esbugalhado de surpresa a cada lança e adaga escondida que fora j ogada na pilha. – Venham com igo.

Ele as conduziu até a casa na popa, que se revelou um a estrutura sem elhante a um a barraca, feita com um pano grosso am arrado a am uradas opostas do navio e sustentado bem alto no m eio por estacas de m adeira. O resultado era um am plo recinto em form ato triangular m argeado por com pridos bancos e coberto por delicados tapetes. Sobre eles, um a profusão de travessas transbordava de com ida, e nos bancos estavam sentados uns dez hom ens bem -vestidos que encararam as m ulheres com grande curiosidade.

No ponto m ais distante do recinto, de costas para a proa, um a silhueta régia traj ando azul estava sentada em um a cadeira separada, confortável, com um cálice dourado na m ão. Então era m esm o ele, pensou Mirina, sentindo um a onda de calor quando seus olhares se cruzaram em lados opostos do banquete. O rapaz que a seguira pela cidade apenas para dar um a olhada em seu rosto suj o era um príncipe bem -nascido, e enquanto, sentado ali em seu torno, ele m eneava a cabeça com um ar superior para lhes dar as boas-vindas e gesticulava para que se sentassem , sua expressão deixou claro para Mirina que era com grande prazer que ele revelava sua posição e, m ais ainda, observava a reação dela.

– Vam os – sibilou Egeia, em purrando-a para a frente. – Estou fam inta.

Seguindo o exem plo de Mirina, as m ulheres se sentaram ali m esm o, no chão forrado com o tapete, esprem endo-se bem próxim as um as das outras, feito

coelhos encurralados por raposas. Em bora tentasse não olhar para os hom ens sentados nos bancos, Mirina sentia seus olhares curiosos e lascivos. Quando viu Egeia estender a m ão para um cesto de pão que lhe era oferecido, deu um pinote para a frente e afastou as m ãos da irm ã.

– Não toquem em nada antes de entenderm os nosso papel aqui hoj e – sussurrou para as com panheiras. Então se aj oelhou, curvou a cabeça para o príncipe Páris e com eçou a falar. – Obrigada pelo convite. Estou certa de que não m erecem os tanta gentileza.

A resposta dele foi um sorriso que parecia destinado som ente a ela.

– No m eu país nós tem os um ditado: se é preciso bater, não se esqueça de acom panhar a dor com um beij o.

As palavras ficaram no ar por algum tem po, lançadas para um lado e outro pelas risadas dos hom ens. Mas só Mirina havia entendido o que Páris realm ente quisera dizer: era ela quem deveria dar o beij o, pois fora ela quem ferira sua dignidade ao sair correndo e puxar um a faca para ele.

– Entendo – falou, tornando a se sentar, as bochechas quentes de constrangim ento. – Portanto lhe devo desculpas. Pois não som os m ulheres com quem qualquer hom em deveria esperar trocar beij os. Assim sendo, a m enos que o senhor goste de ouvir hinos sagrados, nunca poderem os lhe agradecer de form a adequada por isso.

Ela fez um gesto de pesar em direção à com ida.

Os belos traços de Páris se contraíram de irritação.

– Mais um a vez, sua m ira se m ostra certeira. Se eu fosse um hom em m ais reles, diria que estou ofendido. – Ele abriu os braços e sorriu. – Mas eu não sou.

Portanto, senhoras, acalm em -se e saboreiem a nossa hom enagem à sua santidade. Não tenham m edo de que queiram os lhes dar outra coisa que não com ida.

Ele olhou direto para Mirina com um a expressão de desafio nos olhos. Mas depois as deixou com er em paz, e o recinto se encheu com o som de colheres raspando em tigelas de argila, cordas rangendo e água chapinhando sem pre que

as ondas balançavam a enorm e em barcação e puxavam as cordas que a prendiam . De vez em quando os hom ens trocavam alguns balbucios, m as o príncipe Páris se m anteve calado, e seu olhar brilhante ficou fixo em Mirina com a m esm a vigilância e paciência de um predador em repouso.

Na m etade da refeição, dois m eninos entraram em silêncio no recinto e acenderam um a profusão de pequenas lam parinas a óleo feitas de argila, espantando na m esm a hora a penum bra do crepúsculo. Os hom ens então com eçaram a se servir de doces e pão de m el, e um líquido escuro de cheiro estranho foi passado de m ão em m ão em um a j arra de bronze.

Em bora todos os pratos estivessem deliciosos, Mirina m al prestou atenção na com ida. Estava curiosa dem ais em relação aos hom ens para não estudá-los com olhares fortuitos: a língua que eles falavam , sua aparência, seu com portam ento.

Qualquer que fosse sua terra de origem , estava claro que os troianos eram um povo civilizado, e seus traços eram tão belos quanto os m odos. Tudo neles transm itia riqueza e opulência: os navios, os m óveis, a com ida. Quanto m ais Mirina escutava o tom calm o de suas conversas, m ais vergonha sentia de seus tem ores iniciais. E pensar que havia pressentido depravação e ardileza ao entrar naquele recinto... estava claro que tudo fora apenas obra de sua im aginação. Por m ais tem po que aqueles hom ens tivessem passado cruzando o m ar e por m ais que ansiassem por um toque fem inino, não era provável que violassem as regras sagradas da hospitalidade. Não, era *ela* quem havia fracassado em seus deveres de hóspede ao se perm itir acalentar tais m edos.

Quando a refeição estava quase no fim , Mirina ergueu o rosto e se dirigiu a Páris num tom que torceu para ser de desculpas.

– O senhor se m ostrou m ais do que gentil conosco – falou, levando a m ão ao peito. – Não podem os partir sem lhe retribuir. Perm ite-nos cantar um hino com o gesto de gratidão?

O príncipe pareceu achar graça na proposta, m as conseguiu transform ar o sorriso em um altivo franzir de cenho.

– Podem poupar seus hinos, caras senhoras. Vocês não nos devem nada.

Mirina se esforçou para encontrar um a alternativa.

– Mas nós devem os agradecer...

Páris inclinou a cabeça.

– A senhora m e daria o seu arco?

A pergunta franca fez Mirina recuar de tão pasm a. A boa educação exigia que ela concedesse o pedido, m as, apesar do im pulso para ser generosa, ela constatou que era difícil dizer sim .

Ao vê-la tão abalada, Páris j ogou a cabeça para trás e soltou um a sonora gargalhada.

– Não tenha m edo! Eu preferiria arrancar seu coração do peito a pegar o seu arco, pois creio que lhe faria m ais falta.

Mirina o encarou sem entender direito.

Ainda sorrindo, Páris estendeu o cálice dourado para um dos rapazes encarregados de servir, que tornou a enchê-lo na m esm a hora com vinho.

– Não fique tão consternada. De que m e serviria outro arco... ou outro coração?

Ele olhou em volta à procura de aprovação, e os outros hom ens o encoraj aram com risadinhas.

– Não, m inha santa arqueira... será que essa expressão existe m esm o? – Páris franziu os lábios com o quem reflete sobre o assunto. – O que *a senhora* acha?

Dessa vez, Mirina não se deixou enganar. Entendeu que Páris estava sentindo um prazer genuíno com aquela conversa... m as que não podia ser totalm ente sincero na frente de seus hom ens, pois estes poderiam considerar seu líder um hom em m olenga e bobo.

O elegante príncipe pareceu a Mirina m ais diferente dela do que qualquer pessoa civilizada poderia ser. Não em m atéria de força e habilidade, pois ele tam bém era alto e capaz, m as sim em term os de intelecto e com portam ento: enquanto ela era escura, ele possuía um a claridade esplendorosa. Seus cabelos e olhos tinham quase o m esm o tom acobreado do m el de flores silvestres que sua m ãe havia ensinado Lilli e ela a colher, m as o m ais im portante era que ele

parecia totalm ente im une ao peso do destino. Mesm o naquela hora, com a escuridão cada vez m ais densa, irradiava um brilho fascinante. Era com o se o seu corpo retivesse o brilho do sol... com o se aquele rapaz, ainda a transbordar de luz, estivesse decidido a im pedir sozinho a existência da noite.

– Com certeza a expressão existe se o senhor perm itir que exista – respondeu ela, por fim . Ao ver que havia conseguido surpreendê-lo, e de form a agradável, prosseguiu com m ais ousadia. – Agora tenha a gentileza de revelar o que desej a de nós. Pois estou certa de que desej a algo, só não consigo adivinhar o quê.

Im pressionado com o pedido, Páris se recostou na cadeira.

– Muito bem – falou, com um m eneio de cabeça. – Eu quero a sua história.

Onde fica a sua casa? As senhoras pertencem a um a nação de m ulheres? Na terra de onde eu vim , o poder da Grande Mãe j á declinou faz tem po, e o hom em , o orgulhoso hom em , governa o céu e a terra.

Ele estendeu a m ão com o quem pede perdão.

– Por acaso pode m e culpar por estar curioso?

– Se existir um a terra sem hom ens, serem os as prim eiras a querer saber onde fica – retrucou Mirina, olhando para as irm ãs. – Com o o senhor decerto pode constatar, j á sofrem os m uito e im aginam os que vam os sofrer m ais ainda, pois esse m undo de navios e viagens não foi clem ente conosco.

Ela baixou a cabeça quando as im agens dos invasores do tem plo desfilaram diante de seus olhos.

– A felicidade se esgotou em nós há m uito tem po. Agora nos resta escolher entre o perigo e o arrependim ento, nenhum dos quais j am ais poderá resgatar as vidas que perdem os.

Quando ela se atreveu a encarar Páris, ficou aliviada ao ver que a provocação e o divertim ento tinham cedido lugar a um desej o sincero de com preender a tragédia que se abatera sobre suas convidadas. Inclinando-se para a frente na cadeira, o belo príncipe parecia ter esquecido por ora os hom ens ao seu redor. Até o vinho em seu cálice perm aneceu intocado enquanto ele aguardava Mirina prosseguir.

Sentindo um interesse genuíno, ela decidiu expor todo o m apa da sua infelicidade, com os fatos conhecidos e desconhecidos, sem poupar nenhum detalhe cruel. Enquanto falava, as irm ãs a acudiram m ais de um a vez, lem brando-lhe este ou aquele m om ento de horror ou com pletando um a triste frase quando as palavras ficavam entaladas em sua garganta.

– Com o o senhor pode ver, não nos resta esperança além de continuarm os vivas – concluiu ela, enxugando um a lágrim a da face. – Nosso sangue pulsa pelas que foram raptadas e que decerto sofrem m ais do que nós. Não sabem os para onde elas foram levadas, m as j uram os encontrá-las a qualquer custo.

Seu relato foi seguido por um profundo silêncio. Não houve um só hom em no recinto que não olhasse para elas com pena. Páris agora estava curvado, o sem blante grave, e batia no queixo com o nó de um dedo enquanto refletia.

– Desconfio que os piratas fossem gregos – falou, por fim . – Os navios revestidos com breu, as arm as de excelente qualidade, o idiom a que a senhora descreveu.

Ele olhou em volta para os conterrâneos, que aquiesceram , sérios.

– Nós dividim os com eles o m ar setentrional e sabem os m uito bem com o se com portam .

Um m urm úrio pelo recinto confirm ou esse fato e deixou claro que Páris não tinha feito um elogio.

– O m ar setentrional – repetiu Mirina. – Fica m uito longe daqui?

Ele a olhou de esguelha.

– O problem a não é a distância. Com o vento certo, qualquer um pode velej ar até lá. Mas os gregos são um a raça cheia de am bição e invej a. Eles fundaram m uitas cidades, que protegem com unhas e dentes... acim a de todas, Micenas, lar de seu grande rei, Agam enon. Situada no alto de um a colina dentro de um a baía protegida, eu diria que ela é intocável. A m enos, é claro, que se disponha de um a frota poderosa e de um exército terrestre, coisas que suponho que as senhoras não tenham .

A decepção de Mirina tornou qualquer resposta im possível.

– Para os gregos, as m ulheres valem pouco m ais do que gado e as estrangeiras são consideradas ainda de m enor valor – continuou Páris. – Foi por isso que os piratas de Agam enon não pensaram duas vezes antes de atacar um tem plo estrangeiro e violentar as sacerdotisas, e é por isso que a aconselho a esquecer essa busca. Se suas am igas j á não estiverem m ortas, em breve estarão.

Por que j ogar m ais corpos na pira?

As palavras deixaram Mirina tão estupefata que seu respeito crescente pelo príncipe Páris quase se dissipou.

– Se eu fosse hom em , o senhor não teria falado assim com igo – disse ela, endireitando as costas. – Com o sou m ulher, supõe que o m eu obj etivo na vida sej a o conforto e que m inha honra resida apenas na m inha castidade. Não posso culpá-lo, pois está apenas falando o que pensa que eu espero ouvir. Mas o senhor está errado. Nós tem os obj etivos m aiores do que isso... obj etivos que nos guiam com o estrelas no escuro, e não é tão fácil assim desencoraj ar nossa m issão.

Suas palavras pareceram ecoar por algum tem po. Mirina pôde sentir as irm ãs se rem exerem , pouco à vontade, com m edo de ela ter desferido o derradeiro golpe na boa vontade de seu anfitrião. Mas, no fim , Páris apenas suspirou e disse: – Am anhã vou m e encontrar com o Minos no palácio de Cnossos. Vam os discutir negócios. Talvez a senhora devesse m e acom panhar e expor a ele as suas reclam ações. Ele é aliado dos gregos, que apoiam o seu governo. Se existe alguém capaz de influenciá-los nessa questão, é ele. Se suas am igas ainda estiverem vivas, talvez possam os trocá-las por algo.

Apesar de tudo, Mirina quase gargalhou.

– A sua generosidade o tornou cego para a m inha condição. Com certeza não vai querer se degradar acom panhando um a m altrapilha...

Páris ergueu a m ão para silenciá-la.

– Não vej o nada que não possa ser resolvido com um banho. Passem a noite aqui, todas vocês, durm am no conforto deste recinto e iniciem o dia de am anhã com um desj ej um e um banho de água do m ar. Aposto, e, com o j á sabe, gosto de apostar, que depois de um a noite de sono segura e de um a troca de roupa a senhora talvez se revele um a rainha.

Ele sorriu, e um a centelha de travessura tornou a surgir em seus olhos.

– Caso contrário, nós a deixarem os parecida com um a.

O palácio de Cnossos se erguia acim a da cidade, com cam adas e m ais cam adas de telhados e colunatas pintados em cores vivas. Um a estrutura harm oniosa e, ao que parecia, sem o m enor indício de fortificação.

– Algum problem a? – indagou Páris ao ver Mirina espiar pela frágil cortina da liteira. – Gostaria de estar m ontada no form idável anim al que tenho entre as pernas?

A pergunta provocou risadas a toda a volta. A m anhã não fora escassa de diversões para os troianos. Com eçara com um a peça tragicôm ica im provisada na praia, quando eles receberam a m issão de proteger as m ulheres durante o banho, e fora concluída com a com édia de apresentar a rainha Mirina ao seu régio m eio de transporte.

– Pelo am or da Deusa! – exclam ara ela, recuando horrorizada ao ver o anim al que Páris desej ava que m ontasse. – O que é *isso*?

Mais altas do que vacas, porém m enores do que cam elos, além de consideravelm ente m ais indóceis do que am bos, as criaturas que os troianos conduziam pela passarela até o caís pareceram a Mirina m ais belas, sim , m as tam bém m ais inconstantes do que qualquer outro anim al dom esticado que ela j á vira. Obviam ente agitadas depois da longa estadia a bordo, elas escoiceavam e em pinavam , ferozes com o gatos selvagens, e quando Páris confirm ara a suspeita cada vez m aior de Mirina de que seria preciso m ontar em um a, ela recuara e fizera que não com a cabeça.

– Vam os lá, eu a cham ei de destem ida! – provocara ele. – Não m e faça passar por m entiroso. Não há nada m ais sim ples do que m ontar um cavalo.

Observe.

Ele m ontara com facilidade, sem se deixar intim idar pelo anim al arisco e agitado.

– Tudo o que a senhora precisa fazer é se segurar.

Mas nada que ele dissesse conseguiu fazer Mirina m ontar um cavalo por livre e espontânea vontade. Páris tam pouco conseguiu convencê-la a m ontar na sua garupa.

– Por favor – dissera ela por fim , buscando com os dedos a segurança da corda de seu arco e da alça de sua alj ava, m as encontrando apenas o vestido bordado que haviam lhe com prado naquela m anhã, sem dúvida a um grande custo. – Por que não posso ir a pé?

– *A pé?* – Páris quase caíra para trás na sela. – Desde quando um príncipe de Troia deixa um a rainha andar *a pé* pelas ruas, feito um a prostituta?

Um tanto a contragosto, ele m andara o criado buscar um a liteira. Quando esta finalm ente foi trazida, tudo o que Mirina pôde fazer foi subir nela. Sua repentina tim idez, concluíra ela, era consequência de terem lhe tirado as arm as e a haverem prendido naquelas roupas inúteis... m as ainda assim ela sabia que tinha a ver com Páris, e isso a surpreendia. O m odo com o ele a encarara ao pôr o fino aro dourado em sua cabeça e dizer “Pronto! Ganhei a aposta. Você é *mesmo* um a rainha!” a assom brou durante toda a travessia da cidade. Nenhum com entário bem -hum orado conseguiu acalm ar a tola palpitação em seu peito.

Os guardas do palácio não os detiveram por m uito tem po. Sem nem m esm o olhar dentro da liteira, eles deixaram os troianos passar pelo grande portão e entrar no pátio. Por trás das cortinas, Mirina ouviu os cavalos saírem da terra batida e com eçarem a pisar em laj otas.

Espiou de novo lá fora e viu os ângulos perfeitos dos prédios a se destacar contra o céu azul m uito claro, além de um a am pla escadaria coalhada de gente.

Era um a visão m agnífica, m uito m ais grandiosa e bem m ais sofisticada do que o Tem plo da Deusa da Lua, onde elas residiam . Mirina ficou assom brada ao se dar conta de que aquele cintilante labirinto de corredores im ponentes e colunatas de um verm elho tão vivo fora erigido para m ortais: um governante e seus adm inistradores.

A cortina foi então afastada e Páris estendeu a m ão para aj udá-la a descer.

– Rainha Mirina – disse ele, cordial, sem sorrir. – Perm ita-m e.

Ao descer da liteira e se ver rodeada por troianos de sem blantes im passíveis e

por altivos funcionários do palácio, Mirina se sentiu estranham ente pequena.

Em bora as delicadas sandálias que com pletavam seu traj e tivessem saltos elevados de m adeira, era com o se ela tivesse dim inuído de altura ao tirar a túnica de couro de cobra e vestir aquele caro disfarce. Páris era alto, sim , m as antes não lhe parecera tão m aior do que ela. Pouco im portava que o aro dourado dele estivesse agora na cabeça *dela*. Vestido com sua túnica e m anto azuis bordados, o herdeiro de Troia não perdera nada de seu porte de príncipe, ao passo que ela, apesar de toda a elegância em prestada, j am ais se sentira tão reles.

Mesm o que os troianos tivessem razão ao lhe garantir que seu porte era nobre e que ela poderia com facilidade se fazer passar por um m em bro da realeza, Mirina estava m uito consciente da form a desaj eitada com o andava por usar aqueles sapatos traiçoeiros. E apesar dos m uitos m eses no Tem plo da Deusa da Lua, onde era obrigatório usar vestidos, nunca se sentira confortável m ovendo-se para lá e para cá com o ar etéreo de um a sacerdotisa. “Você não está tentando surpreender um a m arm ota, Mirina!”, repreendera-a a sum a sacerdotisa certa vez, para grande divertim ento de Kara e Egeia. “Você é um corpo celeste, um a estrela no céu, um a coisa sem pensam entos.”

Apesar de toda a vontade de se adaptar, Mirina nunca chegara a dom inar a arte de ser um a coisa sem pensam entos. E ao soltar a m ão de Páris para arrum ar a saia com gestos canhestros, tem eu que os guardas do palácio não vissem nem rainha nem m ulher, apenas um a estrangeira m al disfarçada.

Caso tivessem visto, não dem onstraram nada. Curvando-se diante de Páris e dos sete outros troianos com o m aior respeito, os funcionários do palácio conduziram os convidados por um m osaico de ladrilhos m uito m ais com plexo do que aqueles que Mirina tinha visto nos salões sagrados do tem plo.

– Está vendo o m achado de fio duplo? – sussurrou Páris, m eneando a cabeça para o desenho. – É um sím bolo sagrado aqui.

Quando subiam a escadaria branca bem varrida até o salão de audiência, Mirina olhou para o pátio e se perguntou por que aquele espaço aberto aparentem ente acolhedor a incom odava tanto. No final do am plo quadrado revestido de ladrilhos, um a porta dupla verm elha se destacava contra o am arelo-claro dos tij olos ao redor e um desenho dourado de cabeças de touro e m achados de fio

duplo acim a da porta sugeria que ela guardava um local sagrado.

– Agora lem bre-se – sussurrou Páris, segurando com força a m ão de Mirina.

– Quando entrarm os na sala do trono, prim eiro faça um a reverência para a Mãe Sagrada, ainda que o verdadeiro poder sej a exercido pelo Minos.

Apesar do nom e im ponente, a sala do trono não era grandiosa, m as estava tão cheia que Mirina poderia não ter visto a Mãe Sagrada caso não a tivesse procurado. Sentada em um trono diante da parede decorada em cores vivas, afundada com o se estivesse dorm indo, a Senhora de Cnossos dava a im pressão de ser um grande m am ífero terrestre vestido e arrastado para dentro de casa contra a própria vontade. Som ente quando Mirina se aj oelhou na sua frente a m ulher levantou a cabeça e fixou um olhar desconfiado na faixa de ouro que coroava os cabelos encaracolados daquela suplicante incom um . Então, com um a resignação bovina, a Mãe Sagrada ergueu a m ão enfeitada com j oias e apontou para Mirina o verdadeiro governante de Creta.

O Minos estava no canto m ais afastado, envolto em um a névoa de política.

Cercado pelos gestos enfáticos de hom ens com interesses contrários, ficou claro para Mirina que aquele era um hom em que raram ente tinha paz. Mesm o do lado oposto daquele recinto m ovim entado, não havia com o não ver a astúcia reptiliana de sua expressão. Ninguém contrastaria m ais com a Senhora de Cnossos do que aquele hom em baixinho e irrequieto. Ao se aj oelhar na sua frente, Mirina se pegou pensando na ligação entre os dois. Seriam m arido e m ulher? Mãe e filho?

Era difícil dizer.

– Hoj e trouxe com igo a rainha Mirina – disse Páris ao Minos no idiom a falado no Tem plo da Deusa da Lua, com a voz e o com portam ento totalm ente im unes à agitação. – Ela veio de m uito longe para visitar este país e nos trazer um presente de paz.

Ele acenou para Enéas, seu com panheiro de confiança, que deu um passo à frente com a pequena tabuleta que Cim e e Mirina haviam gravado naquela m anhã m esm o.

A m udança no Minos foi im ediata. Assim que ele viu o disco de argila redondo

com a elegante espiral de texto, abriu os braços em um a generosa saudação.

– Levante-se, cara rainha! – exclam ou, pegando a tabuleta da m ão de Enéas.

– E fale-m e sobre o seu país. De que lugar exótico a senhora veio?

Mirina sequer tentou responder. Páris havia lhe ensinado que, apesar de todas as palavras e gestos gentis, som ente os hom ens tinham perm issão para dirigir a palavra ao Minos.

– A rainha Mirina governa um vasto país próxim o ao lago Tritônis – m entiu Páris no lugar dela.

– Ah! – exclam ou o Minos, perdendo o entusiasm o por um breve instante e em seguida se anim ando outra vez. – Entendo. Im agino que tenha vindo pedir com ida. Para aj udar o seu povo até os bons tem pos voltarem .

Ele baixou os olhos para a tabuleta e seu cenho se franziu.

– Não conheço este idiom a. Que tipo de prom essa é esta?

– São bênçãos – explicou Páris. – E um a oferta de am izade.

– O quê? Nenhum a oferenda hum ana? Ora, nas atuais circunstâncias... – O

Minos virou o disco de argila com o se esperasse encontrar no verso a prom essa desej ada. – É um a época desesperadora para o seu povo!

Ignorando Mirina por com pleto, ele apontou para Páris.

– Com certeza ela deve entender que os deuses estão zangados e precisam ser aplacados.

Com o sem blante inteiram ente plácido, Páris assentiu.

– A rainha sabe disso. Mas não veio aqui pedir com ida. Está aqui porque sabe que Creta tem relações de am izade com os gregos.

O Minos se em pertigou.

– Sim , de fato. O filho do rei Agam enon acabou de vir aqui.

– É m esm o? – falou, e dirigiu o olhar para Mirina. – Então ele deve ter vindo diretam ente do lago Tritônis.

O Minos franziu o cenho.

– Ele com entou que teve de arrastar seus navios por um pântano infestado de cobras antes de voltar ao m ar. E houve algum as referências a um a grande estátua negra. Mas posso saber por que está tão interessado na m ovim entação dos gregos? Espero sinceram ente que não haj a nenhum outro conflito se form ando.

Mirina deu um passo à frente, esquecendo-se, tam anha sua em polgação, de que precisava ficar calada. Antes que ela conseguisse falar, porém , Páris apertou seu braço com tanta força que ela fez um a careta.

– Três sem anas atrás, o filho de Agam enon visitou o palácio da rainha Mirina sob um pretexto de am izade, m as foi em bora levando vários obj etos preciosos, entre eles nove donzelas prim as da rainha – disse ele.

O Minos deu um passo para trás.

– Estou chocado!

– A rainha, é claro, está furiosa – continuou Páris. – Mas ela preferiria não dar início a um a cam panha.

– Claro.

O Minos engoliu em seco. Páris havia explicado a Mirina que sua riqueza e poder dependiam inteiram ente da livre m ovim entação de navios ao redor de sua costa. Um a guerra sufocaria esse tráfego e tornaria o m undo do com ércio ainda m ais inseguro. Por isso, e só por isso, o Minos sem pre fora um hom em de paz.

– Talvez isso não sej a um fato notório, m as a rainha com anda um exército de m ilhares de hom ens, a m aioria m ontada a cavalo – prosseguiu Páris.

Outro beliscão inform ou Mirina que até m esm o naquele m om ento Páris estava brincando com ela.

– Com certeza não é do interesse de ninguém ver tam anha violência se abater sobre a hum anidade.

O Minos ensaiou um sorriso.

– É claro. Mas por que veio falar com igo? Em que eu poderia aj udar?

Páris indicou o disco de argila com um m eneio de cabeça.

– A rainha espera conseguir um acordo dizendo que o senhor concordou em se aliar a ela. Diante de um a aliança assim , os gregos talvez possam ser convencidos a devolver o que roubaram ...

– Ah. – O Minos suspirou. – Isso vai levar um tem po. Os sacerdotes estão ocupadíssim os, m as eles precisam aprovar... consultar previsões...

Mirina não conseguiu m ais se conter.

– Por favor, o senhor não pode abrir um a exceção? – falou, antes que Páris a im pedisse.

Um arquej o geral de horror a fez perceber a gravidade da transgressão antes m esm o que o Minos se m anifestasse.

– Talvez sej a m elhor a rainha ir se acom odar com as outras m ulheres enquanto os hom ens resolvem as coisas aqui – sibilou ele, quase sem conseguir falar.

Páris não dem orou m uito para concluir a conversa com o Minos e ir procurar Mirina do outro lado da sala do trono. Quando ele a acom panhou de novo até a luz ofuscante do lado de fora, Mirina tem eu que sua careta de desprezo houvesse sido provocada por seu com portam ento im petuoso.

– Eu sinto m uitíssim o – com eçou ela, tentando acom panhar seus passos zangados. – Não consegui m e controlar.

Páris parou na escada e olhou em volta à procura dos hom ens que havia deixado ali fora.

– Se precisar m esm o se desculpar, lam ente não tê-lo insultado ainda m ais.

Que hom enzinho m ais incapaz. Am ordaçado pelos próprios sacerdotes. Escreva o que estou dizendo: esta ilha j á viu seus dias de glória.

Enquanto Páris e Mirina desciam j untos a escada, Enéas se aproxim ou com seus braços e pernas com pridos e falou em tom urgente ao ouvido de Páris.

Em bora não tivesse com preendido suas palavras, Mirina calculou que a narrativa fosse horrível, pois Enéas estava pálido de aflição e a expressão de raiva e desprezo de Páris logo deu lugar a um ultraj e que deixou seus lábios contraídos.

– O que foi? – perguntou-lhe ela quando Enéas se calou.

– Nada – respondeu Páris, com o olhar atraído pela porta dupla verm elha do outro lado do pátio. – Vam os sair daqui sem dem ora.

– Mas o que aconteceu de tão horrível? – Mirina tentou intuir os pensam entos que haviam pintado um a expressão tão m edonha em seu rosto. – É sobre os gregos?

Páris só respondeu quando eles tornaram a pegar os cavalos e j á estavam prontos para sair.

– Parece que nós os perdem os por um triz – disse ele, tentando im prim ir um tom leve à voz. – Eles foram em bora seis dias atrás. Voltaram direto para Micenas.

Mirina o encarou, pressentindo que havia m ais coisa.

– Algum a notícia das m inhas irm ãs?

– As m ulheres não saíram dos navios – contou Páris ao segurar a m ão de Mirina para aj udá-la a subir na liteira. – Com exceção de um a. Ela foi dada de presente ao Minos...

Mirina levou a m ão à boca.

– Ela está aqui? No palácio?

Os hom ens trocaram olhares graves e m ais um a vez os olhos de Páris foram

atraídos para a porta dupla do outro lado do pátio.

Sem dizer m ais nada, Mirina soltou sua m ão e com eçou a andar, tão depressa quanto se atrevia, em direção ao quadrado verm elho coroado por sím bolos dourados.

– Não entre aí! – alertou Páris, pondo-se a correr atrás dela.

Mas Mirina tirou os sapatos, esquivou-se dele e acelerou. Não ligou para quem pudesse estar olhando; j am ais poderia deixar um a irm ã para trás.

Ao encontrar a porta destrancada, Mirina passou por ela sem hesitar e adentrou o recinto sagrado com Páris e Enéas em seu encalço. O contraste entre o pátio ensolarado e a caverna sem j anelas a cegou. Ainda assim , ela seguiu cam baleando pela penum bra, m ais preocupada em fugir dos troianos do que em se preparar para o que talvez encontrasse.

O recinto era longo e estreito, m ais parecido com um corredor, m argeado por algum as tochas acesas enfiadas em receptáculos de m etal. No final do corredor, um a escada descia rum o ao desconhecido.

– Mirina! – cham ou Páris ao finalm ente alcançá-la. – Nós não deveríam os estar aqui.

Ao perceber a determ inação em seu olhar, porém , ele não disse m ais nada, apenas a seguiu.

Os dois desceram j untos os degraus, com os outros troianos logo atrás. No pé da escada havia outro corredor, m ais escuro, que por sua vez se abria para um recinto circular ilum inado por fogos sacrificiais acesos dentro de tigelas de bronze. Era o santuário interno do palácio.

Mirina se deteve no lim iar e olhou em volta para as cabeças de touro douradas presas à parede e para os altares com pilhas de carne e ossos.

Sacrifícios de anim ais não lhe eram desconhecidos e, por ser caçadora, ela estava acostum ada a vísceras e m em bros esquartej ados, m as algo no cheiro insuportável de podridão daquele lugar contrariava todos os seus instintos...

Foi então que ela viu as cabeças hum anas arrum adas em um a pequena pirâm

ide sobre o altar principal, com braços e pernas desm em brados dispostos em pilhas bem -feitas de cada lado. Alguns dos m em bros estavam enegrecidos pela putrefação, enquanto outros, apenas cinzentos e exangues, pareciam ter sido postos ali recentem ente. Enquanto olhava para aquilo, horrorizada, um obj eto brilhante atraiu a luz das tochas trem eluzentes... Era um bracelete de chacal em volta de um pulso fino.

CAPÍTULO VINTE

Então, vendo o cão de guarda adormecido em um sono profundo, Enéas aproveitou a deixa: afastou-se depressa do rio do qual alma nenhuma retorna.

Virgílio, *Eneida*

ILHA DE CRETA

DIAS ATUAIS

Sem querer m e render ao pânico, vasculhei o chão áspero do corredor da m aneira m ais m eticulosa que consegui à luz que vinha da sala das tabuletas.

Então am pliei a busca: virei a lanterna e com ecei a voltar por onde tinha vindo...

m as de nada adiantou. O barbante sum ira.

Talvez um a raj ada de vento repentina houvesse esticado o fio, pensei, e assim ele se soltara da m açaneta. Essa raj ada poderia inclusive ter tirado o barbante do túnel e do m eu cam po de visão. Fiz um esforço para m e convencer de que a explicação era essa, pois a única alternativa racional – eu não estava sozinha no labirinto – era aterrorizante dem ais para ser contem plada.

Fiquei parada no lim iar da escuridão. O facho da lanterna estava tão fraco que m e perguntei se as pilhas estariam acabando. Trem endo de tão nervosa, desliguei-a e voltei para a sala das tabuletas para avaliar m elhor a situação. Meu celular estava ligado, m as não fiquei surpresa ao constatar que não pegava.

Afinal de contas, m ilhares de toneladas de tij olos antigos e terra m e separavam do m undo contem porâneo. Além do m ais, o que eu diria a Rebecca se conseguisse telefonar? Que pretendia passar o resto da noite na sala das tabuletas, com a porta trancada e as luzes acesas, refugiada atrás da m esa de trabalho, até o chefe da equipe m e encontrar durante sua ronda m atinal?

Não, decidi; eu não era tão covarde assim . Não iria pôr em risco o em prego da m inha am iga. Eu devia isso a ela: tinha de sair daquele subsolo proibido tão discretam ente quanto entrara, sem deixar o m enor vestígio da m inha presença.

Abri de novo a porta que dava para o corredor e passei alguns segundos à escuta, m as não ouvi nada. Havia um a leve corrente de ar, quase um sussurro, m as só. Respirei fundo e desdobrei o m apa de Rebecca. Com ou sem barbante, bastava eu ficar calm a e seguir a lógica para voltar pelo m esm o cam inho da vinda, e dali a pouco estaria deitada na cam a em m eu quarto e rindo daquilo tudo.

No entanto, assim que com ecei a avançar pelo corredor, seguindo o facho instável da lanterna cada vez m ais fraca, a calm a e a lógica logo sucum biram a um a m aré de m edo. Não pude evitar: m esm o sem o m istério do barbante desaparecido, aquelas cavernas escuras m e deixavam atordoada. Meus olhos saltavam de pânico a cada som bra distorcida que se proj etava na parede irregular e, sem pre que eu focava a lanterna no m apa, a escuridão m e cercava por todos os lados.

Então, de algum lugar bem lá no fundo, um a voz que era parte m inha, parte de vovó, com eçou a recitar um m antra que ela havia m e ensinado m uito tem po antes e que eu j am ais iria esquecer. Fora no dia depois do incidente com o cachorro assassino, e estávam os no m eio do chá quando m e ocorreu que ela vinha m e tratando de um j eito diferente: com m enos paciência, porém m ais respeito.

“Eu sou um a am azona, m atadora de anim ais e de hom ens”, ela dissera, com os olhos azul-acinzentados ilum inados por um brilho febril, m etálico. “A liberdade corre em m inhas veias; corda nenhum a pode m e prender. Eu nada tem o; é o m edo que foge *de mim*. Ando sem pre para a frente, pois esse é o único cam inho.

Quem tentar m e im pedir sentirá m inha fúria.” Ela havia repetido inúm eras vezes essa declaração tão im periosa, até eu aprendê-la de cor. Então m e fizera recitá-

la até m inha voz se tornar firm e e confiante e eu m e postar diante dela com o corpo ereto e acreditando em cada palavra.

Eu j á tinha usado o m antra algum as vezes antes de um a prova im portante ou de um a disputa de esgrim a, m as ele nunca m e dera forças com o nessa noite ao percorrer o labirinto. Era para aquilo que vovó havia m e preparado: não para os desafios sim ples da vida m oderna, m as para aqueles m om entos cruciais, quando nos vem os presos na teia do destino e os verdadeiros m onstros aparecem .

Assim , quando m e aproxim ei da prim eira curva sem ver nenhum sinal do barbante, preparei-m e para um possível encontro. Agora tinha certeza de que alguém ou algum a coisa tinha passado por aquele corredor enquanto eu m e ocupava na sala das tabuletas. Apertando a bolsa contra o peito, recuei com a

lanterna para poder usá-la com o arm a... m as quando m e estiquei para olhar vi apenas outro túnel vazio que desaparecia em um lim bo.

Ou m elhor, não totalm ente vazio, pois distingui algo caído no chão alguns passos à frente: o novelo de barbante. Muito bem enrolado.

Fiquei tão atarantada que fui pega de surpresa. Na escuridão do túnel, tudo o que vi foi um a som bra repentina e im ensa que m e engoliu por trás. Aterrorizada, encolhi-m e por instinto. Teria com eçado a correr se algo não houvesse agarrado m eu blusão com um grunhido de advertência que fez m eu sangue gelar.

Desesperada para fugir, eu m e virei e golpeei o agressor às cegas com a lanterna. Em m eio a um a névoa de pânico, pude discernir um a cabeça, m as nenhum rosto... apenas sobrancelhas grossas e dois olhos sem vida. Aos gritos, golpeei a coisa com o m áxim o de força que consegui, várias vezes, até a lanterna ser arrancada da m inha m ão e logo voltar com um golpe atordoante bem na m inha têm pora.

A próxim a coisa que senti foi o chão frio e duro do túnel encostado em m inha bochecha. Um segundo m ais tarde, algo m e segurou pelo braço com violência e m e virou de barriga para cim a. Morta de m edo e sem conseguir ver nada naquele breu, tentei chutar o corpo agressivo e ofegante parado acim a de m im , m as m inhas pernas foram agarradas e im obilizadas contra o chão da caverna.

Apesar de eu gritar e m e debater, garras rasgaram com fúria o m eu casaco.

Finalm ente m e lem brei do afiado bracelete de chacal e, com esforço, consegui desferir alguns golpes com as costas da m ão. Um deles fez m eu agressor dar um grunhido de dor e m e soltar. Tem endo o pior, encolhi-m e para m e proteger.

Mas o ataque não veio. Ouvi pés correndo, senti um a corrente de ar e então...

Silêncio.

Trem endo da cabeça aos pés, passei m uito tem po agachada no chão do túnel, pensando se a coisa iria voltar, o que quer que fosse. A escuridão era tal que sequer tive certeza de estar com os olhos abertos. Precisei de toda a m inha força de vontade para m e levantar e com eçar a procurar a lanterna.

Não a encontrei. Aos arquej os, em pânico, pus-m e a tatear às cegas pelo chão

pedregoso até por fim m e ocorrer que poderia usar o telefone. Felizm ente, o aparelho estava intacto e se acendeu na m esm a hora em que o abri, proporcionando alguns segundos de luz azul por vez. Não era o suficiente para ver m uito longe, m as o bastante para ler o m apa de Rebecca. Só que o precioso pedaço de papel não estava em lugar nenhum . Tam pouco m inha bolsa. Percebi que o agressor tinha conseguido levar tudo. Até um dos m eus sapatos estava faltando. Tudo o que m e restava eram os poucos obj etos que eu havia guardado nos bolsos: o celular, a câm era e o caderno de vovó, com a transcrição do disco de argila guardada dentro.

Com as pernas bam bas, com ecei a descer o túnel escuro outra vez em direção à sala das tabuletas. Bastava dobrar um a esquina, pensei; com certeza eu conseguiria voltar para lá, m esm o sem o auxílio do m apa.

Mas não consegui. Cheguei a um recinto circular que não vira antes e então com preendi que tinha ido longe dem ais. Virei-m e na intenção de sair dali pelo m esm o cam inho que usara para chegar, m as por m ais absurdo que fosse, peguei-m e olhando para três portas idênticas, incapaz de distinguir por qual das três havia entrado.

Quase aos prantos de tanto choque e frustração, além de assustada dem ais para ficar parada por m ais de uns poucos segundos, acabei escolhendo a da esquerda, decidida a voltar caso sentisse que não era a certa. No início foi im possível distinguir aquele túnel do outro em que estava antes; eu notava detalhes que poderiam ou não ter estado ali antes, sim plesm ente porque não os havia procurado. Um a pilha de entulho, um a rachadura na parede. A pressão de constatar o inevitável foi tam anha que tive vontade de m e sentar ali m esm o, na esperança de que um a equipe de busca conseguisse m e encontrar antes que o m onstro voltasse para m e atacar de novo.

Assim que consegui superar esse im pulso de covardia, o túnel se alargou e virou um corredor de verdade. Encoraj ada pelos apoios para tochas nas paredes, avancei depressa segurando o celular em frente ao corpo e acabei chegando a um a caverna de teto abobadado. Não dava para ver grande coisa à luz débil do aparelho, m as o que vi foi prom issor. Eu estava perto do que parecia ser um canal subterrâneo. A fantasm agórica presença de um bote retangular de fundo chato e de um a vara sugeria que o canal j á tinha sido navegável; aquilo antigam ente conduzia a algum lugar. Talvez fosse um tipo prim itivo de rede de esgoto; talvez eu estivesse diante do escoam ento de águas do palácio. Nesse caso, o

canal devia conduzir ao lado de fora. Até m esm o as entranhas de Hades precisavam desaguar em algum lugar.

Concluindo que aquela era m inha m elhor chance de encontrar um a saída, fui avançando em m eio ao que devia ser o esgoto do palácio e rezei para não chegar a um beco sem saída feito de escom bros. A essa altura, eu estava m orrendo de frio, aterrorizada pelo que havia acontecido e pelo que ainda poderia acontecer, e m eu pé calçado apenas com a m eia latej ava de dor a cada passo, o que era um lem brete constante de quanto eu era frágil e hum ana.

Cam baleando pelos detritos do esgoto do palácio, perdi o equilíbrio várias vezes e ralei as m ãos ao tatear às cegas em busca de algo em que m e segurar.

Abria o telefone a intervalos regulares para tentar ver as horas, m as não conseguia. Os núm eros haviam perdido o significado. Para acalm ar a m ente, tentei algum as vezes recitar o canto de am azona de vovó, m as m eus dentes batiam tanto que tive de parar.

Em determ inado m om ento, m inha m ão esquerda roçou em algum tipo de teia úm ida e pegaj osa. Abri o celular e vi raízes caindo lá de cim a. Incentivada pelo cheiro terroso e pela óbvia proxim idade de vida, segui em frente, afastando o entulho e escalando rochedos... até a passagem se tornar tão estreita que tive de prosseguir de quatro.

Anestesiada pelo frio, fui m e esprem endo por aquele espaço confinado enquanto lim pava com obstinação o cam inho à frente, recolhendo pedaços de pedra e j ogando-os para o lado. Estava tão angustiada, tão perto de perder as esperanças, que quase não m e atrevi a acreditar em m eus sentidos quando enfim em ergi por um buraco coberto de m usgo escorregadio e percebi um a escuridão de outro tipo.

Olhei para cim a e dei um grito de alegria ao ver a lua crescente... e de repente saltei para o lado quando um par de faróis veio na m inha direção, m as eles se desviaram no últim o instante, bem na direção dos prédios m arfim de Rebecca.

Segui m ancando pelo estacionam ento enlam eado e subi os degraus de pedra até a varada com partilhada em frente aos quartos, esforçando-m e ao m áxim o para andar depressa. Ao ver as luzes do quarto de Nick ainda acesas, passei por sua porta pé ante pé e tentei não fazer barulho enquanto procurava no bolso a chave do quarto.

Não a encontrei. Tam pouco achei a chave da sala das tabuletas, que Rebecca havia colocado no m esm o chaveiro para facilitar. Abalada com a estupidez daquilo tudo, encostei a cabeça na porta trancada, tom ada por um a agonia m uda.

– Melhorou?

O choque de ouvir um a voz m asculina m e fez levantar a cabeça com um tranco. Apoiado na parede, a m enos de dez passos de m im , Nick m e observava de braços cruzados.

– O que houve com seu outro sapato?

Em bora sua atitude não fosse exatam ente am igável, senti m eu corpo am olecer com aquela pergunta e baixei a cabeça de exaustão.

– Não sei bem .

Só então Nick se aproxim ou; seus pés descalços e bronzeados sobressaíam no piso caiado da varanda.

– O que está acontecendo, Diana?

Ergui os olhos para ele, relutante, sem querer explicar nada. Assim que ele viu m eu rosto, sua expressão m udou. Sem dizer nada, ele m e segurou pelo braço e m e levou até seu quarto.

– Olhe para baixo. – À luz da lum inária de teto, ele inspecionou a contusão na m inha têm pora. – Você perdeu os sentidos?

– Acho que não... – falei.

Então vi m eu reflexo em um espelho na parede. O aspecto da contusão era ainda pior do que a sensação que ela m e provocava: além de verm elha e inchada bem no ponto em que a lanterna havia batido, um a m ancha escura se espalhara até m eu olho direito.

– O que houve?

Afastei-m e quando ele tocou o hem atom a.

– Trom bei com um a porta.

Nick desapareceu dentro do banheiro.

– Vou ter m esm o que perguntar outra vez? – indagou ele ao voltar, pressionando um pano m olhado com firm eza no local do m achucado.

Aquela atitude arrogante m e fez perder a calm a.

– Pode perguntar quantas vezes quiser – falei, afastando a m ão dele. – Não tenho obrigação *nenhuma* de lhe dizer nada. Você só m e encheu de m entiras desde o prim eiro dia...

Nick se sobressaltou.

– Que m entiras?

Encarei-o, furiosa, sem conseguir conter a raiva que vinha fervilhando dentro de m im havia tanto tem po.

– Talvez fosse bom você com eçar m e dizendo o nom e do seu patrão. E por favor não responda “Sr. Skolsky ”.

– Por que perder m eu tem po com isso? – Nick estava totalm ente im passível. – Você j á sabia desde o início.

Atônita por um instante, sentei-m e na beira da cam a. Tinha desferido m eu m elhor golpe, m as o contragolpe dele sequer exigira esforço. Ele m e olhou com um sorriso superior de quem diz: “Isso é m esm o o m elhor que você tem ?”, depois balançou a cabeça e m e entregou o pano m olhado.

– Quer dizer que você adm ite ter m e enganado? – perguntei, pegando o pano.

Nick deu de om bros.

– Eu sou m entiroso, você é ladra. Nas atuais circunstâncias, acho que o m elhor que a gente tem a fazer é trabalhar j untos. – Ele m eneou a cabeça para a m inha contusão. – Sua cabeça não concorda?

Nesse exato instante, escutam os um a leve batida na porta.

– Deve ser a Bex – falei com um suspiro. – A gente ia se encontrar...

Nick foi até a porta.

– Vou pedir a ela para buscar gelo.

– E um a garrafa de Metaxa – acrescentei, pressionando o pano na cabeça.

Mais tarde nessa noite, aninhada na cam a de Nick depois de tom ar tam bém um a bem -vinda dose do analgésico local, m eu choque aos poucos foi se transform ando em am argura e incom preensão. Rebecca ficou horrorizada com m eu relato sobre o ocorrido e, ainda que Nick tivesse falado pouco, eu sabia que ele tam bém estava pasm o. Sentado no canto em um a velha poltrona com estam pa de flores, ele parecia cada vez m ais soturno à m edida que tam borilava os dedos no braço esgarçado.

– Quem m ais sabia que você estava lá em baixo? – perguntou ele por fim .

Olhei para Rebecca, sentada na cabeceira bem ao m eu lado, preparando-se para m e servir um a segunda dose da bebida.

– Você falou para o seu querido Sr. Telem akhos que eu desceria lá hoj e à noite? – perguntei a ela.

Ela franziu o cenho, com um ar m eio ofendido.

– Não lem bro. Mas você não pode estar desconfiando *dele.*

Tom ei m ais alguns goles de Metaxa enquanto Rebecca se esforçava para explicar a Nick o fenôm eno Sr. Telem akhos. É claro que não era hora para um bate-boca, m as eu estava m uito desconfiada de que a m inha am iga linguaruda de algum a form a havia m e posto em apuros.

– Só para recapitular. – Os olhos de Nick percorreram m inhas roupas im undas e m eus j oelhos ralados antes de voltar ao galo averm elhado na m inha têm pora. – Você perdeu o laptop e um m olho de chaves. O que m ais tinha na bolsa?

– Ah, pouca coisa. – Arregacei a m anga para exam inar m eu cotovelo que latej ava. Quando o fiz, a pulseira de vovó surgiu com toda a sua graça atem poral, lem brando a nós dois que m entirosa eu podia ser. – Só um envelope com 10 m

il dólares.

Ignorei o arquej o de horror de Rebecca e balancei a cabeça.

– Todo o resto estava ou no m eu quarto ou no m eu bolso.

– Todo o resto?

Senti um frio súbito e puxei m ais a coberta na m inha direção. Ainda que estivesse dizendo a verdade, m inha voz soou falsa.

– Bom , ainda tenho a câm era com as fotos da Argélia. – Levei a m ão até a parte interna do blusão preto j ogado na cam a ao m eu lado. – Espero que não tenha quebrado.

Sem hesitar, Nick pegou o aparelho da m inha m ão e retirou o cartão de m em ória.

– Se m e perm ite.

Não era um pedido.

O laptop de Nick era um daqueles m odelos parrudos, feito para suportar suj eira, estradas no deserto e pequenas explosões. Um a excelente escolha, considerando para quem ele trabalha, pensei ao vê-lo posicionar o equipam ento em cim a da cam a e descarregar m inhas fotos na sua biblioteca de im agens.

Quando dei por m im , um ano inteiro da m inha vida com eçou a desfilar diante de nossos olhos em um em baraçoso slide show de Jam es j ogando tênis, m eu pai cortando o peru de Natal com seu avental de esquilo, alguns narcisos fora de época que eu havia com prado em um m ercado ao ar livre, m inha m ãe saboreando um raro sorvete... e por fim todas as m inhas fotos da Argélia, seguidas pelas que eu havia tirado poucas horas antes, na sala das tabuletas.

– Parece que eu m e m udei para dentro do seu com putador, por assim dizer – com entei, um pouco irritada diante da naturalidade com que Nick se apropriara da m inha vida particular.

– Não faz m al. – Ele se inclinou para a frente e estudou a im agem na tela. – Estava faltando algo interessante nele. É esta a tabuleta?

Aquiesci, e ele balançou a cabeça.

– Você arriscou a vida para fotografar um a panqueca gravada?

Decidi deixar aquilo passar. Afinal de contas, era um alívio ver Nick tratando o precioso disco de argila com tão pouco respeito. Se ele houvesse dem onstrado algum interesse real, eu poderia ter duvidado de novo da sua m otivação para ir a Creta.

Um zum bido estranho m e surpreendeu.

– Com licença. – Nick tirou o celular de um dos bolsos da calça e saiu do quarto.

Assim que a porta se fechou atrás dele, Rebecca chegou bem perto de m im , louca para investigar o com putador ele.

– Vam os ver o que ele tem aí! – instou ela. – Rápido!

– Pode hackear, é todo seu. – Em purrei o laptop na sua direção. – Fique à vontade.

Rebecca baixou os olhos para as teclas e só então percebeu que eram todas em árabe.

– Xi.

– Tá. – Tornei a puxar o laptop para a m inha frente. – Não achou que ele fosse facilitar as coisas tanto assim , achou?

– E as fotos dele? – Rebecca cutucou a tela, ansiosa. – Tente abrir outra pasta.

Eu deveria ter dito não, m as a verdade era que estava m ais curiosa do que ela. Depois de um a sem ana de convivência intensa, ainda não sabia quase nada sobre Nick exceto que ele era um cara polivalente e cheio de lábia que trabalhava para a Fundação Aqrab.

À prim eira vista, sua biblioteca de im agens não continha nada explicitam ente incrim inatório. Até onde pude ver em m inha afobação m otivada pela culpa, a m aioria das fotos era de sítios arqueológicos e m ostrava os diferentes estágios da escavação e da lim peza de achados diversos. Alguns eram tum bas, com

esqueletos cercados por arm as e recipientes de argila; outros eram construções que despontavam de dunas no deserto, e os artefatos encontrados ali incluíam j oias de ouro e cálices.

Mas em m eio às fotos de escavações e artefatos havia tam bém as de guardas arm ados e veículos blindados; eles eram o aram e farpado a cercar toda a coleção de im agens. Em bora os guardas m uitas vezes estivessem sorrindo e posando, um a violência latente perm eava aquelas im agens, logo abaixo da aparência científica.

Som ente então m e ocorreu verificar a pasta m ais recente. Conform e esperado, ela continha fotos do tem plo na Argélia, inclusive vários closes do sarcófago no santuário interno. Dei scroll nas im agens com os dedos trêm ulos e m al m e perm iti olhar com atenção até chegar à últim a.

– Olhe! – sibilou Rebecca. – O seu bracelete!

Incrédula, não consegui desgrudar os olhos. A foto de fato m ostrava um chacal enrolado pousado sobre um guardanapo de papel, com o bronze antigo escurecido pelo tem po. Mas aquele bracelete com certeza não era m eu. Devia ser o do sarcófago. Minha cabeça ferida latej ou. Só poderia haver um a explicação para a presença daquele obj eto entre as fotos de Nick: era *ele* quem havia retirado o bracelete do esqueleto. Sua afirm ação de que a ladra era *eu* não passava de um a desculpa conveniente para m e seguir até Creta.

Nesse exato instante, a porta se abriu e Rebecca, que não tivera m eu treinam ento precoce em situações clandestinas, recuou com um arquej o. Nick a encarou por vários instantes, depois se aproxim ou e fechou o laptop.

– Hora de dorm ir.

Nessa noite, quando m e aconcheguei na m esm a cam a com Rebecca, não consegui pegar no sono. Os últim os acontecim entos não paravam de rodopiar na m inha m ente, e eu estava em briagada por um a estranha anim ação, o que não fazia o m enor sentido. Havia passado por um a provação infernal e m inha testa latej ava tanto que eu m al conseguia ficar deitada. No entanto... eu tinha sobrevivido. Resistira ao m eu agressor e conseguira escavar com obstinação um cam inho para sair daquele subm undo. Em m atéria de reações retardadas, m inha inexplicável em briaguez vinha m isturada ao triunfo.

Vai ver eu não era igual à m aioria das outras pessoas, pensei. Talvez fosse devido ao preparo que vovó m e dera e à sua obsessão com a dureza das am azonas... ou quem sabe fosse por ter herdado dela algum a falha genética; m eu cérebro poderia ter ligações nervosas a m enos. Não era a prim eira vez que eu tinha essa desconfiança, m as era a prim eira vez que abraçava com alegria a possibilidade de, em alguns aspectos, ser m ais parecida com m inha avó e m enos com todos os outros.

Fizem os um brunch com Nick na Taberna Pasífae. O dia am anhecera enevoado, m as o sol finalm ente despontava em m eio à brum a e a claridade contribuiu em m uito para dissipar as lem branças soturnas da noite. Era óbvio que nenhum de nós três estava com pressa para voltar ao assunto de m inha desventura no labirinto. Nick relanceou os olhos um a ou duas vezes para m inha contusão, m as nem chegou a perguntar com o eu estava m e sentindo.

Ele agora usava um a roupa folgada com posta por cam isa sem colarinho e calça de cadarço na cintura, conj unto que m inha m ãe, em sua infinita insensibilidade com relação aos costum es alheios, teria se apressado em classificar com o um belo pij am a. Interpretei isso com o um sinal de que ele iria pegar o próxim o avião para a Argélia, ou quem sabe para Dubai, e fiquei aliviada com a sua partida.

– Então. – Ele m e encarou com um sorriso experiente. – O que diz a panqueca? Eu sei que você decifrou o texto.

Hesitei. Com o rabo do olho, percebi que Rebecca ficara incom odada, m as acabei decidindo que o assunto era inofensivo o bastante para eu não precisar m entir. De fato, eu passara a m anhã inteira decifrando a transcrição feita na folha de papel, com auxílio do caderno de vovó. Só não encontrara m enção a tesouros repletos de m etais preciosos ou qualquer outra coisa passível de despertar o interesse de pessoas com o o Sr. Al-Aqrab.

– Parece um tratado – respondi, sincera. – Ou pelo m enos um a proposta de tratado entre um a rainha e, pelo que presum i, o governante aqui de Cnossos.

– E você vê algum a relação entre essa tabuleta e a inscrição da Argélia...

tirando o idiom a? – perguntou Nick, com os olhos pregados nos m eus.

– É possível. – Fiquei um pouco incom odada com a intensidade do seu olhar. –

O nom e da rainha é o m esm o de um a das sacerdotisas m encionadas na parede do tem plo e o tratado tam bém descreve o inim igo e seus “navios negros”. Não tenho certeza de com o interpretar essas sem elhanças, a não ser...

Não concluí a frase, consciente de que a narrativa que havia alim entado em m inha própria m ente – um a história de m ulheres violentadas em busca de vingança – era extravagante dem ais, em baraçosa de tão im provável.

– Então tá. – Nick m e avaliou com aqueles seus olhos escuros, que não paravam de m e fazer sentir que a trapaceira era *eu*, não ele. – Com o você conseguiu? Decifrou em cinco dias o texto da Argélia. E agora esse. Qual é o segredo?

Senti um form igam ento de nervosism o. Em bora não tivesse feito nenhum grande esforço para esconder dele o caderno de vovó, tam pouco chegara a lhe falar sobre sua im portância. Até onde Nick sabia, eu era apenas um a talentosa decifradora de códigos, capaz de identificar padrões e conexões onde os outros nada viam .

– Não ponha a perfeccionista na berlinda! – exclam ou Rebecca, pulando da cadeira e bagunçando m eus cabelos. – Ela não consegue evitar. É m aníaca por decifrar códigos.

Nessa hora, seu celular tocou e ela pediu licença para atender. Enquanto estava ausente, o garçom reapareceu com nosso pedido e com ecei a com er, m uito consciente de que Nick m e observava.

– O que foi? – perguntei por fim , incapaz de suportar aquele escrutínio por m ais tem po.

Mas ele apenas balançou a cabeça e continuou a m e encarar. Em bora as cadeiras de m adeira da taberna fossem um tanto duras, ele havia conseguido se acom odar; parecia ser um a especialidade sua. Com um braço apoiado no encosto da própria cadeira e um chinelo casualm ente pousado sobre a de Rebecca, teria passado por um hom em com pletam ente à vontade, não fosse a expressão intrigada em seu rosto.

– Mil desculpas, m as tenho que ir – falou Rebecca, voltando para a m esa toda agitada e nervosa. – O chefe da equipe quer m e dar algum a incum bência que pelo visto não pode esperar.

Ela fez um a careta e deu um gole rápido no café. Então partiu, deixando nós dois diante de um m onte de com idas deliciosas, m as que de repente m e reviravam o estôm ago. Afinal, apesar de todas as m inhas boas intenções, aquela passadinha por Creta tinha sido um desastre. Eu estava com um galo na testa do tam anho da Sicília, lem branças am argas de 10 m il dólares perdidos, um cabo e um a fonte, só que zero laptop, e sem dúvida, lá em Oxford, o curso de Larkin devia estar um a bagunça na m inha ausência. Com o se não bastasse, eu dera um j eito de m e envolver com o tipo errado de pessoa – e um a delas agora m e encarava com um a expressão desconfiada e olhos sem icerrados, com o se o bandido da história fosse *eu*, e não ele.

Depois de algum tem po, enquanto espetava com o garfo os ovos m exidos, falei: – Estou curiosa. Você conseguiu encontrar alguém lá no seu escritório capaz de explicar a ligação com as am azonas?

Nick se rem exeu na cadeira. Ainda não tinha tocado a com ida, apenas segurava um copo de suco de laranj a.

– Que ligação exatam ente?

– Bem . – Senti m inha irritação se avivar um pouco. – Está claro que *alguém* com quem você trabalha decidiu que precisava de m im na Argélia, sem dúvida o *mesmo* alguém que m andou o Sr. Ludwig até Oxford m e seduzir com um a conversa sobre as am azonas. Agora, na verdade, está claro que vocês *de fato* precisavam de m im ... m as, apesar disso, ainda não sei o que aquelas sacerdotisas do tem plo têm de tão im portante. Elas eram am azonas? Nesse caso, por que o Sr.

Ludwig com eçou a pensar isso? E, aproveitando o em balo, pergunte ao seu adorável Sr. Aqrab por que não param de m e m achucar! – arrem atei, apontando para a contusão na têm pora.

Passam os algum tem po sentados em silêncio até Nick finalm ente afastar o prato com o se a nossa conversa exigisse toda a sua atenção.

– Naquela noite, em volta da fogueira, ouvi você falar em um herói lendário que roubou a cabeça da Medusa – com eçou ele, inclinando-se por cim a da m esa.

– Você disse que isso a fazia pensar na deusa Palas Atena, que talvez tenha sido um a im portação do norte da África. Algo m ais a dizer sobre esse assunto?

A pergunta m e pegou totalm ente desprevenida.

– Não. Por quê?

Nick deu de om bros.

– Só estou tentando solucionar o m istério. Quem eram essas m ulheres... para onde elas foram depois... com o acabaram virando am azonas na cabeça de John Ludwig. Eu acho que tudo se encaixa. E o m ais divertido... – Ele em punhou o garfo, espetou um tom ate-cerej a e o apontou para m im . –... é que eu acho que você j á sabe a resposta.

Fiquei tão pasm a que sequer consegui pensar em um a resposta inteligente.

– Me aj ude com um a coisa – prosseguiu ele, com endo o tom ate. – As sacerdotisas saíram da Argélia e foram de navio para Creta. E de lá, para onde elas foram ?

Diante da m inha incredulidade m uda, ele estendeu os braços, suplicando com garfo e tudo.

– Vam os lá! Me dê algum a coisa para dizer ao chefe. Qualquer coisa.

– Não faço a m enor ideia do que você quer... – com ecei.

Nick balançou a cabeça e tornou a se recostar na cadeira.

– Você nunca trabalhou em um a em presa grande, não é? Em presas podem ser com o governos: cada funcionário tem um orçam ento para gastar. E com o ele está só adm inistrando o dinheiro de outra pessoa – Nick estendeu a m ão e espetou outro tom ate –, bem lá no fundo, na verdade está cagando. É só um em prego. E

tudo o que eles querem ouvir na grande reunião é que você bateu sua m eta.

Fiquei tão chocada que não consegui determ inar na hora se ele estava m entindo ou não.

– Então é isso que você é? – perguntei. – Um funcionário com orçam ento para viagens?

Nick sorriu, com o se estivesse bastante à vontade com esse rótulo.

– Um funcionário com excesso de trabalho, na verdade. É bom estar de férias. – Ele olhou em volta para os outros clientes da taberna, com o se estivesse m esm o aproveitando a estada. – Sem pre gostei de Creta. As pessoas aqui são m ais sim páticas.

Mais sim páticas do que em que lugar?, pensei. Seria aquele o m esm o hom em que tinha gritado com igo porque eu não quis m exer no sarcófago com o ele esperava? O m esm o hom em que havia confiscado m eu celular com os m odos de um agente carcerário? O que poderia ter transform ado um hom em im placável e viciado em trabalho em um preguiçoso disposto a dizer qualquer bobagem para tirar férias à custa do patrão? Sim plesm ente não fazia sentido. Sim , Nick podia ser convincente em seu papel de pau-m andado da Aqrab e fazer questão de exibir aqueles traj es desleixados e um relógio de pulso que m ais parecia um a caixa de cereal, m as dessa vez não m e deixei enganar. Já tinha passado tem po suficiente com ele para saber que aquilo era só m ais um disfarce e que, por baixo de tudo, havia um m anipulador sagaz cuj a única responsabilidade, pelo m enos nos últim os tem pos, parecia ser ficar de olho em *mim*.

– Tá bom . – Encarei-o enquanto ele enfim com eçava a com er a torrada. – Você está de férias. Acho que deve ser bem relaxante ver os outros apanharem .

– É – disse Nick, franzindo o cenho. – Sinto m uito ter obrigado você a descer sozinha naquele labirinto. Com o posso m e redim ir? – Ele fingiu refletir sobre o assunto, então tornou a falar. – Tive um a ideia: você m e diz o que escrever no m eu relatório e eu lhe faço um cheque para com pensar suas perdas. O que m e diz?

Eu não podia ter ouvido direito.

– Está m e oferecendo outros 10 m il dólares?

Ele assentiu.

– *E* um laptop novo.

Tive de m e esforçar para não soltar um a gargalhada.

– Tá. Qual é a pegadinha?

– Não tem pegadinha. Basta responder à m inha pergunta. Quem eram os hom ens nos navios negros? Para onde as sacerdotisas foram depois de Creta?

Encarei-o, tentando, com o tantas outras vezes, entender qual era o seu j ogo.

– Tá bom – falei, ignorando o alerta em m inha m ente de que aquilo era tudo arm adilha e que, de algum a form a, por baixo das palavras brincalhonas de Nick, havia um a bom ba-relógio. – Pode escrever no seu relatório que todas as flechas apontam para a Grécia. O herói Perseu, que roubou a cabeça da Medusa, a deusa Palas Atena, m as o m ais im portante de tudo: os navios negros, que conhecem os graças a Hom ero... – Fui enum erando esses itens nos dedos. – Não estou dizendo que estou certa, m as se estiver, e se nos perm itirm os acreditar que os m itos antigos contêm um fundo de verdade, então os piratas que saquearam o Tem plo da Deusa da Lua eram gregos. Na época antiga, os gregos eram um a potência a ser levada em conta, um im pério, digam os, form ado por vários pequenos estados, dos quais o m ais forte se cham ava Micenas. Era o lar de Agam enon, que, com o você sabe, lançou um a frota de m ilhares de navios e deu início à Guerra de Troia. E por quê? Porque os troianos, de m aneira um tanto estúpida, eu poderia acrescentar, tinham raptado a bela Helena de Esparta... e com o o m arido de Helena, Menelau, era irm ão do grande rei Agam enon, digam os apenas que teria sido m elhor para o príncipe Páris se ele houvesse se m ostrado um pouco m ais criterioso na escolha da m ulher a ser raptada. Estou fazendo j us aos m eus 10 m il dólares?

Nem um pouco im pressionado, Nick aquiesceu.

– Quase. E onde as am azonas se encaixam nisso?

Seu súbito interesse em um tópico que até recentem ente parecia anim ar poucas pessoas além de m im foi um a tentação grande dem ais. Minha sequência de especulações fantasiosas teria feito a m aioria dos m eus colegas se revirar em suas poltronas de couro. Tive de prosseguir: – Bom , segundo o m ito, Perseu, que m atou a Medusa, era considerado o fundador de Micenas, ou sej a, a capital do im pério grego na época de Hom ero.

Em outras palavras, talvez exista um vínculo histórico entre o norte da África e a Grécia que foi esquecido há m uito tem po. Quanto às am azonas, a lenda diz que elas eram inim igas ferrenhas dos gregos, a ponto de ficarem ao lado dos

troianos na Guerra de Troia.

– Não m e lem bro de tê-las visto por lá.

– É verdade. Nem m esm o Holly wood, apesar de todas as suas super-heroínas, abraçou as am azonas. Já m e perguntei várias vezes por quê. Talvez um cartel de am azonas m odernas estej a im pedindo qualquer iniciativa desse tipo.

Olhei para Nick, tentando ver sua reação, m as ele apenas franziu o cenho.

– Voltando aos gregos. Algum outro vínculo?

Senti m eu pulso acelerar. Talvez fosse apenas m inha im aginação, m as ele m e pareceu descartar o tem a das am azonas m odernas de form a abrupta dem ais.

– Bem ... um fato interessante é que um dos principais elem entos do folclore das am azonas é o seu ataque a Atenas, que os gregos nunca conseguiram engolir.

Foi isso que valeu às am azonas seu lugar na fam osa decoração do Partenon...

– Acho que você está se referindo à Sala 18 do Museu Britânico.

Mal dei ouvidos ao que ele disse.

– Sim , m as o fato é que, na época de Hom ero, Atenas era insignificante. Se as am azonas tivessem m esm o em busca de um alvo im portante, teriam atacado Micenas.

– O coração do im pério grego. Mas por que correr esse risco?

– Boa pergunta. – Pensei por alguns instantes. – Segundo o antigo escritor Plutarco, os gregos haviam raptado, entre outras, a rainha das am azonas, e suas com panheiras estavam decididas a libertá-la.

Nick abriu um largo sorriso.

– Viu, eu sabia que você j á tinha a resposta. Piratas gregos saquearam um tem plo das am azonas na Argélia e elas, em resposta, saquearam o que teria sido a Atenas da época, ou sej a, Micenas, para libertar as com panheiras raptadas. Faz todo o sentido.

Dei um a gargalhada.

– Você deveria conversar com o Sr. Telem akhos, am igo de Rebecca. Ele tem um a casa em Micenas e *também* é louco.

Nick assentiu.

– Gostei. Vam os lá.

– Aonde? – Encarei-o, pensando que ele estivesse brincando. – Para Micenas?

– Por que não? – Ele olhou para o relógio. – Ainda vai dar para você chegar a Oxford am anhã de m anhã. Com seus 10 m il dólares no bolso. O que m e diz?

Não levei m uito tem po para encontrar Rebecca: deitada na cam a, com a cabeça enterrada em um travesseiro.

– Bex! – exclam ei, correndo até ela. – O que houve, algum problem a?

– Todos – m urm urou ela, com a voz abafada pelo travesseiro. – Você está sozinha?

Quando lhe garanti que sim , ela levantou a cabeça, e fiquei chocada ao ver sua expressão. Nunca tinha visto um ódio tão patente em seu rosto.

– Idiota inútil! – rosnou ela para algum espectro visível som ente aos seus olhos. – Eu deveria ter dito exatam ente o que penso dele.

O chefe de sua equipe, explicou ela em seguida, a havia cham ado até sua sala sob o pretexto de lhe m ostrar um a coisa. Essa coisa, com o ela descobriu, era o sapato que eu tinha perdido durante o ataque no labirinto. Estava bem ali, em cim a da m esa dele, enquanto ele irradiava triunfo em sua cadeira giratória.

Ainda agarrada ao travesseiro e recusando o copo d’água que eu lhe estendia, Rebecca continuou.

– E quando eu disse que não era m eu, o que você acha que ele fez, aquele verm e? Pegou as chaves que você esqueceu na fechadura e as sacudiu no ar.

– Ai, Bex! – Senti pontadas de dor por ela. – Eu sinto m uito...

– Não precisa! – A voz m elíflua de Rebecca havia se transform ado tem porariam ente em um duro rosnado. – Ele estava só esperando um a desculpa para se livrar de m im . Não consegue suportar o fato de eu saber m ais do que ele sobre este lugar.

– Ele... ele dem itiu você, m esm o?

Ela enfim j ogou longe o travesseiro e pegou o copo d'água.

– Mais ou m enos. Ele m e disse para tirar duas sem anas e pensar nas coisas, ou sej a, traduzindo em bom inglês: vá arrum ar outro em prego.

– Que droga.

Tentei abraçá-la, m as ela não deixou.

– Mas o que houve com *você*? – indagou em vez disso, com um a tensão incom preensível na voz. – Está com um a cara radiante.

Balancei a cabeça.

– Eu acho que você quer dizer furiosa. Nick quer devolver os 10 m il dólares que eu perdi...

– Ué, excelente! – Rebecca estava chateada dem ais para m e ouvir até o fim .

– A gente pega um avião até Milão e torra tudo em sapatos. Que tal?

O j eito com o ela m e olhou sugeriu que, apesar de garantir o contrário, ainda m e considerava a principal culpada por aquela confusão.

– O problem a é o seguinte: Nick quer conhecer o Sr. Telem akhos – acrescentei. – Ele só vai m e pagar se eu o levar até Micenas.

Rebecca estreitou os olhos. Quase pude ver as engrenagens girarem dentro da sua cabeça.

– Que interessante.

– Nem pensar – falei. – Eu não viaj o m ais nem um quilôm etro j unto com aquele hom em . E não estou nem aí para o dinheiro. Vou voltar para casa.

A reação de Rebecca foi se levantar da cam a e pôr a chaleira no fogo.

– Fico im aginando o que sua avó diria sobre isso.

Ela bateu a porta da geladeira e tirou a tam pa da garrafa de leite com um gesto zangado.

– Pensei que isso tudo fosse para encontrá-la. Você não disse que sentia sua avó atraí-la para perto de um j eito que não conseguia explicar?

– Disse, m as...

– E a teoria de que era tudo um cham ado... o Sr. Ludwig, a foto, a inscrição...

e de que talvez, em algum lugar por aí, ela estej a à sua espera?

Rebecca m e olhou com o se, com um só golpe m ortal, eu a houvesse traído e à m inha avó tam bém .

Levantei-m e por fim . Meus j oelhos m achucados doeram .

– O que você quer que eu faça?

Rebecca se aproxim ou com a bandej a e m e entregou.

– Que você sej a a am azona que eu sei que é. Eu não perdi o em prego para você sair de fininho desse j eito. O bonitão quer ir a Micenas? Ótim o, eu levo vocês até lá, de prim eira classe. – Com gestos agora m ais suaves, ela voltou para conferir a chaleira. – E você, quer queira, quer não, finalm ente vai conhecer o Sr. Telem akhos.

Pousei a bandej a sobre um banquinho, esforçando-m e para inventar um a obj eção que não deixasse m inha am iga ainda m ais brava.

– Você não precisa fazer isso...

– Acho que você está se esquecendo de que a Fundação Aqrab faz escavações no m undo todo. – Ela tentou fazer um a cara de ironia, m as não conseguiu. – Quem sabe eu consiga convencer o Nick a m e arrum ar outro em prego...

– Não! – Fiz gestos vigorosos com a cabeça. – Não, não, não...

– Por que não? – Ela m e olhou de cim a a baixo, e um a centelha de m ágoa tornou a surgir em seus olhos. – Por que *você* pode trabalhar para eles e eu não?

Onde eles escavam ? Quantos arqueólogos estão na folha deles?

Dei um suspiro.

– Não faço ideia. Estava querendo pesquisar no Google...

– *O quê?* – Ela m e encarou, furiosa. – Você nem pesquisou os caras? Está viaj ando para lá e para cá com esse suj eito, fugindo de bom bas e sendo espancada... sem nem ao m enos conhecer *os fatos*? – Ela balançou a cabeça, consternada, sem deixar que eu m e defendesse. – Pode ter certeza, m inha cara Srta. Morgan, de que tudo isso está prestes a m udar.

Levei algum tem po para tom ar coragem e ligar para Jam es. Meio esperando que ele fosse estar em um alm oço de caridade, com o celular desligado e algum a viúva de tiara pendurada em seu braço, até m e espantei quando ele atendeu na hora. Ouvi um barulho de água, e então: – Morg! Já não era sem tem po. – Sua voz soava m ais grave do que o norm al.

– Talvez não sej a um a boa hora... – com ecei, perdendo a coragem .

Mais sons de água.

– Não desligue! Vou só fechar isto aqui.

Atônita, fiquei escutando Jam es interrom per o que só podia ser um a ducha para falar com igo.

– Ainda está aí? – Sua preocupação soava genuína. – O que está acontecendo, Morg?

Expliquei a situação rapidam ente, deixando de fora qualquer detalhe que pudesse alarm á-lo. O resultado foi um relato curto, que se concluiu com a prom essa de voltar para Oxford no dia seguinte ou no outro.

– A questão é que eu tenho um a aula am anhã à tarde – concluí, abordando enfim o m otivo da ligação. – Introdução ao sânscrito. Estava pensando se conseguiria convencê-lo a m e substituir e dar sua palestra sobre o Im pério

Assírio em vez da aula...

Houve um silêncio breve, desagradável. Então Jam es pigarreou e disse: – Por você eu faço tudo. Só m e prom eta um a coisa: o que quer que aconteça, não deixe essas pessoas fazerem sua cabeça.

Fiquei tão surpresa que com ecei a rir.

– Você está preocupado com a m inha *cabeça*?

Nenhum ruído sugeriu que Jam es com partilhasse o m eu bom hum or.

– Você é um a m oça inteligente, Morg. Se eles conseguirem fazer a sua cabeça, vão conseguir fazer qualquer coisa. Cuidado com Kam al... ele é um ovo podre.

– Quem ?

– Kam al... ou Karim , ou sei lá com o você disse que ele se cham ava.

– Nick, você quer dizer?

– Isso. O cara que faz o trabalho suj o da Aqrab. Não dê m ole para ele.

Por um instante, vi-m e de volta ao tem plo que desabava e senti Nick m e puxar até um lugar seguro.

– Pode deixar – falei. – Estou praticam ente a cam inho de casa.

– Foi o que você disse lá na Argélia – assinalou Jam es. – Acho bom ter um a explicação bem razoável para a velha gata selvagem .

Senti m inha coluna congelar.

– Sei.

Encerrei a ligação, m as continuei sentada por algum tem po na cam a de Rebecca. Sim plesm ente não conseguia m e m exer. Havia algum a coisa errada. E

não era o fato de eu estar ficando cada vez m enos popular na Inglaterra. Eu tinha certeza absoluta de que j am ais havia revelado a Jam es, nem a Katherine

Kent, aliás, que o m eu m isterioso destino fora a Argélia.

CAPÍTULO VINTE E UM

ILHA DE CRETA

Mirina recuou aterrorizada diante daquela cena m acabra. Sabia que os cultos religiosos podiam assum ir m uitas form as, m as nunca tinha visto um a adoração que utilizasse sacrifício hum ano. Tam pouco lhe ocorrera que um a irm ã que procurasse j á houvesse tido um fim tão abom inável.

– Para fora – grasnou Páris, estendendo os braços para im pedir os outros de avançarem m ais. – Nunca vi um lugar tão am aldiçoado.

Mas interrom peram a saída quando um a sacerdotisa surgiu – ou pelo m enos Mirina supôs que fosse um a sacerdotisa, a j ulgar pelos seios nus e pelas ricas j oias. Com o rosto contorcido por um m isto de raiva e incredulidade, a m ulher pegou um m achado sobre um a das m esas sacrificiais e com eçou a brandi-lo a esm o. Por pouco não acertou Enéas.

– Seu dem ônio im undo e repulsivo! – disse Páris com desprezo, estendendo a m ão para pegar a própria adaga.

Com um só m ovim ento fluido e natural, a arm a saiu de seu cinto e foi se enterrar no peito da sacerdotisa, que caiu contra a parede e desabou no chão com um lam ento agudo, os olhos arregalados tão pavorosos na m orte quanto tinham sido quando ainda estava viva.

– Rápido! – Páris acenou para todos seguirem na direção da escada. – Podem vir outras.

E de fato vieram . Alarm adas pela confusão, duas outras sacerdotisas surgiram de um a porta que Mirina nem sequer havia notado. Assim que viram o corpo da com panheira, j ogaram -se no chão e im ploraram por suas vidas.

Suas súplicas foram tão estridentes que os troianos não perceberam a m ovim entação atrás de si. Som ente Mirina, ainda petrificada de choque, viu se aproxim ar o m onstro que parecia ter se m aterializado do nada, saído de algum nicho escuro atrás do altar principal. Alto e largo dem ais para as proporções hum anas, com o aspecto bestial ainda m ais realçado pela m áscara com chifres, aquele ogro se precipitou m irando um a lança com prida nas costas de Páris.

Mirina agiu por instinto. Sem as próprias arm as, pegou o m achado de fio duplo que a sacerdotisa m orta deixara cair e, com toda a sua força, brandiu-o contra o m onstro.

A lâm ina m ortal se aloj ou com precisão na garganta da criatura, fazendo-a estacar de olhos esbugalhados, surpresa por ter sido golpeada com tanta facilidade. Só quando seu corpo gigantesco caiu no chão com um baque alto, erguendo um a nuvem de poeira, os troianos deram m eia-volta e notaram o que havia acontecido às suas costas.

Mirina estava ocupada dem ais rem ovendo o m achado do pescoço do inim igo para ver a expressão no rosto de Páris ao perceber que ela havia salvado sua vida. Quando ergueu os olhos e o encarou, porém , ela pensou a m esm a coisa.

– Vam os sair daqui – disse Enéas, com a voz cheia de repulsa. – E essas duas?

Ele m eneou a cabeça para as sacerdotisas encolhidas no chão, cuj as súplicas estavam ainda m ais estridentes do que antes.

– Matem -nas – ordenou Páris, estendendo a m ão para puxar Mirina e avançando em direção à escada. – Matem -nas com o elas m erecem : com o anim ais.

Para Mirina, o traj eto de volta ao porto foi um borrão.

Eles tinham voltado ao pátio do palácio do Minos bem na hora em que outra delegação chegava. Assim , para grande alívio de Páris, os funcionários estavam preocupados dem ais para reparar que troianos saíam do santuário.

Páris dispensou a liteira que transportara Mirina na vinda. Suspendeu-a em seu cavalo e a envolveu com sua capa. Ela continuava a segurar firm e o m achado. Instantes depois, eles j á haviam se afastado com segurança do pátio e percorriam em ritm o acelerado as ruas da cidade, dessa vez m orro abaixo, em direção ao m ar. Nem ocorreu a Mirina que aquilo era o que ela não quisera fazer antes: m ontar o cavalo de Páris. Tudo o que sentia era a garganta em bargada pela tristeza diante do que acabara de ver, além de um a fúria nauseante contra o Minos, um hom em capaz de receber visitas com grande eloquência no andar de cim a ao m esm o tem po que perm itia atos hediondos de canibalism o no subsolo.

No Porto Oriental, Mirina apeou com a aj uda de Páris e deu alguns passos em direção à passarela... m as não conseguiu continuar.

– Com o posso dizer às m inhas irm ãs o que acabei de testem unhar? – sussurrou ela, m ais para si do que para ele. – A m aldade daquilo tudo...

– Venha. – Páris tirou o m achado duplo de suas m ãos e a puxou para longe do cais, até a praia onde os dois haviam se conhecido. – Prim eiro vam os lavar o sangue do seu rosto, ou com certeza as fará desm aiar.

Sem parar para se despir, ele a puxou para o m eio das ondas, avançando até as saias subirem ao redor da cintura de Mirina com o as pétalas de um a flor.

– Pronto – falou, usando um pedaço do tecido para lim par o rosto dela. – Um a rainha não pode ter o rosto suj o de sangue com o um a caçadora.

– Mas é isso que eu sou: um a caçadora – disse Mirina, cravando os olhos nele.

Páris a segurou pelo queixo e a encarou, sério.

– Você salvou a m inha vida. Pelos critérios hum anos, isso faz de você um a nobre. E tenho certeza de que os deuses j á a nom earam rainha há m uito tem po. – Ele fez um a pausa e seu olhar se dem orou por um breve instante nos lábios dela.

– Assim com o eu.

Mirina se afastou.

– O senhor faria m elhor em m e largar na sarj eta em que m e encontrou. Eu posso ter salvado a sua vida, m as não se esqueça de que tam bém fui eu quem nos colocou em perigo. E agora o Minos com certeza vai ser seu inim igo.

Ela suspirou e balançou a cabeça.

– O senhor é bondoso dem ais, não estou acostum ada. Para o seu próprio bem , não acaricie m inha infelicidade. Ela só sabe responder com um a violenta m ordida.

– Espere. – Ele a segurou pelo pulso. – Tem um a pergunta que venho querendo

fazer.

Puxando-a m ais para perto de si na água, ele a fez girar e baixou o vestido de seus om bros.

Com um arquej o indignado, Mirina segurou a roupa contra o peito.

– O que está... – com eçou ela, m as foi silenciada pelos dedos dele, que tocaram a antiga ferida em suas costas.

– Estou preocupado com isto aqui. – Páris pressionou a pele para avaliar o estrago. – Por que não m e contou?

Mirina se soltou e, atrapalhada, puxou o vestido para tornar a cobrir os om bros.

– Porque não é nada. E está cicatrizando...

– Acho que não está, não. – Páris com eçou a chapinhar em direção à praia. – Assim que estiverm os no m ar, vou olhar m elhor.

– No m ar?

Ele parou e se virou com um sorriso torto.

– A não ser que você prefira passar a noite com o Minos. Acho que o convite dele não vai dem orar.

Nenhum a das m ulheres protestou ao ver os troianos prepararem os navios para zarpar e ao descobrir que não tinha escolha além de perm anecer a bordo.

Mesm o que seus futuros ainda fossem incertos, Mirina sabia que, no íntim o, as irm ãs estavam aliviadas por deixarem para trás as dificuldades do velho barco de pesca.

Um a vez distante da costa, com as grandes velas infladas por um vento cada vez m ais forte, ela as reuniu à sua volta no convés e explicou com m ais detalhes os m otivos daquela partida apressada. Com o desconfiava, o relato de sua terrível descoberta no palácio do Minos provocou em todas tam anho estado de tristeza e consternação que elas m al suportaram ouvir as palavras.

– Deu para ver... quem era? – perguntou Anim one por fim , com as m ãos ainda tapando a boca de tão estupefata.

– Acho que era Neeta – sussurrou Mirina, com os olhos fechados para im pedir a visão das várias cabeças cortadas. – Mas não tenho certeza.

Neeta era um a m oça calada, que raram ente cham ava a atenção. As irm ãs nunca tinham dedicado a ela tanto am or e atenção quando nessa noite, sentadas no convés sob um a lua indiferente, recordando seu tem peram ento doce.

– Ela cum pria as tarefas sem reclam ar – sussurrou Pitana, com o olhar perdido nas próprias lem branças. – Nunca violava as regras.

Por ser a m ais velha, Cim e tentou m anter a calm a durante essas recordações.

– Acim a de tudo, Neeta nos m ostrou que pode haver tanta virtude nas coisas que *não* fazem os quanto nas que fazem os – disse ela, balançando a cabeça com tristeza.

Elas passaram algum tem po em silêncio, enxugando lágrim as que não paravam de brotar. Então Egeia, que ao contrário de Neeta era capaz de encontrar m otivo de contenda em qualquer situação, falou para Mirina: – Ainda não entendo por que não podem os parar e fazer um funeral decente para ela. *Você* pode se deleitar quebrando as regras, m as *eu* digo que ainda existem regras que devem ser observadas. E agora estam os a cam inho de Troia... – Sua voz se fez ainda m ais am argurada. – Quer dizer, im agino que estej am os a cam inho de Troia...

– Tenho um a nova regra para você – disse Mirina, levantando-se antes de perder a paciência. – Pare de im aginar. E sei do nosso destino tanto quanto você, não sou a tirana traiçoeira que você quer que eu sej a. Assim com o todas nós, você está aqui porque não tem os nenhum lugar m elhor para estar.

Mais tarde nessa noite, Mirina encontrou Páris sozinho na proa do barco, olhando para o verm elho-escuro do m ar e para as estrelas no céu.

– O m apa do firm am ento é diferente lá na sua terra? – indagou ele.

Mirina ergueu os olhos para o céu que conhecia tão bem .

– Não. Acho que nossas estrelas nos seguem aonde form os.

– Aquela ali foi batizada em sua hom enagem . – Ele apontou para um a constelação. – Nós a cham am os de Caçadora. – Ele a encarou com um ar de provocação. – E vocês, com o a cham am ?

Mirina se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos na am urada do barco.

– Minha m ãe a cham ava de As Três Irm ãs. Segundo ela, havia três irm ãs apaixonadas pelo m esm o hom em , e elas pediram que ele escolhesse qual era a m ais linda. O resultado foi guerra e destruição. – Ela o olhou de relance. – Minha m ãe tinha certeza de que as estrelas são o que resta de um m undo anterior e que foram deixadas no céu com o um alerta.

Páris pousou o braço bem j unto ao seu.

– Um alerta contra o quê?

Mirina se em pertigou e em purrou os om bros para trás para deter a dor que ainda latej ava em suas costas.

– Fique longe de irm ãs. – Ela o olhou de soslaio. – Sobretudo de irm ãs sagradas.

Páris se virou e apoiou-se na am urada para vê-la m elhor.

– E quão sagrada você é, exatam ente? Pelo visto não o bastante para m anej ar um a arm a feito um a guerreira. Me diga, o que m ais você m anej a?

Mirina tentou encerrar a conversa com um olhar de ira, m as a escuridão não lhe perm itiu.

– Venha. – Ele a segurou pela m ão com firm eza. – Quero ver seu ferim ento.

– Espere!

Mirina tentou dim inuir o passo, m as se viu arrastada até debaixo do convés passando por um espaço estreito repleto de hom ens que dorm iam em redes a balançar suavem ente. Só quando chegaram a um a área de arm azenagem na popa do casco ela se atreveu a protestar m ais alto do que um sussurro.

– Com certeza cuidar de feridas não é tarefa para um príncipe – falou,

observando-o acender um a lam parina.

Páris se virou para ela com um a expressão de total sinceridade.

– Você acha m esm o que eu deixaria algum a outra pessoa tocar m inha rainha? Agora tire isso – falou ele, indicando a túnica de couro de cobra.

Mirina não se m exeu. Ele balançou a cabeça e deu um passo à frente.

– Preciso m esm o tirar para você?

– Não! – Mirina recuou, m as não conseguiu ir além da parede de barris de m adeira. – O senhor m e cham a de rainha, m as m e trata com o um a vadia. É por isso que está m e levando para Troia? Para m e subm eter à sua luxúria?

Mesm o com a lum inosidade fraca, ela viu a consternação no rosto de Páris.

– Por favor, m ulher, descanse esse m achado – falou, com a voz em bargada pela derrota. – Não tive a intenção de insultá-la. Eu... – Ele correu as duas m ãos pelos cabelos com o quem tenta despertar de um a alucinação. –... só estou tentando cuidar de você.

Mirina pressionou a testa com um a das m ãos, arrependida do arroubo.

– Im ploro que m e perdoe. O senhor se m ostrou nobre de todas as form as possíveis. Os acontecim entos recentes m e convenceram de que hom ens estrangeiros só trazem dor e tristeza... – Ela virou os olhos na direção dele, grata pelas som bras que lhe ocultavam o rosto. – Mas o senhor m e ensina que não é assim . Se todos os troianos tiverem a sua bondade, Troia deve ser um lugar abençoado tanto para os hom ens quanto para as m ulheres. Mal posso esperar para vê-la.

Páris sorriu, por fim .

– Então é m eu desagradável dever decepcioná-la, pois não estam os a cam inho de Troia. Com o poderíam os estar? Vam os para Micenas, tentar resgatar suas irm ãs. Agora vire-se e deixe-m e ver o que se pode fazer com esse ferim ento. Não tem a que m eu obj etivo sej a o prazer. Vai arder.

Vista do m ar, a terra dos gregos não era m uito diferente da ilha de Creta:

atraente para os olhos, m as m ortal para qualquer m arinheiro descuidado. Saber que aquele litoral, aquelas colinas altivas e verdej antes, aquelas enseadas suaves e felizes tinham dado à luz um a raça de brutos dedicada à destruição bastou para fazer Mirina e suas irm ãs se encolherem diante de tam anha beleza, m urm urando um as com as outras que o pântano verde da sua terra, apesar das cobras rastej antes, era superior em todos os aspectos.

– Atrás daqueles m orros fica Esparta, a m ais im placável de todas as cidades – explicou Enéas, apontando enquanto o navio avançava. – Os hom ens de lá são criados para o com bate e não conhecem prazer m aior do que cravar suas lanças na carne de seres vivos. Seu rei é irm ão de sangue do hom em que vam os visitar; eles têm um a aliança e são tem idos nestas regiões e em outras m ais distantes.

As irm ãs de Mirina encararam a costa em silêncio, im aginando o que não podiam ver. Então Anim one, que nunca havia cessado de pedir desculpas por sua presença a bordo nem de agradecer aos troianos por sua bondade, perguntou a Enéas: – Vocês teriam vindo até aqui, até esta costa hostil, se não fosse por nossa causa?

Ele deu de om bros.

– Os gregos não vão nos incom odar. Eles não podem se dar ao luxo de ter nosso rei Príam o com o inim igo.

Anim one olhou para Mirina, m as não disse m ais nada. Depois de ficar claro para as m ulheres quanto crescia a adm iração m útua entre sua líder e o príncipe Páris, Anim one não perdera nenhum a oportunidade de lem brar a Mirina seus votos e responsabilidades. “Você pode ter por Páris um sentim ento de bondade, e eu não posso culpá-la, pois ele é um dos hom ens m ais capazes que j á vi”, dissera ela após presenciar um a troca de olhares dos dois. “Mas lem bre-se do pacto que fez com a Deusa da Lua. Onde quer que ela estej a, tenha certeza de que continua a observá-la. Portanto, se você gostar m esm o de Páris, deixe-o em paz.”

Anim one tocara a pulseira de Mirina. “Lem bre-se: o chacal é um a criatura cium enta.”

Mas Anim one não precisava lem brar Mirina do perigo; ela j á estava ciente.

Devido a ventos desfavoráveis, a viagem que deveria ter dem orado três dias havia durado nove. Nesse turbilhão atem poral, Mirina foi ficando cada vez m ais atraída pelo charm e de Páris, a ponto de quase j á não ter m ais forças para resistir. Todas as noites, sob o pretexto de cuidar de sua ferida em cicatrização, ele pousava a m ão em suas costas por um pouco m ais de tem po que da últim a vez, seu hálito chegava um pouco m ais perto... Não fosse Anim one, que vinha agradecer profusam ente ao príncipe e levar Mirina em bora, algum toque ou som com certeza teria sido trocado pelos dois e palavra nenhum a seria capaz de desfazer seu efeito.

À noite, deitada em m eio às irm ãs no chão do recinto usado para as refeições, virando-se e revirando-se nas ondas dos próprios pensam entos, Mirina sentiu a força do ciúm e do chacal. E com o estava decidida a não transferir nenhum a parcela daquela bile dem oníaca para o hom em que havia se m ostrado tão bondoso com ela, passou o dia inteiro a evitá-lo, sofrendo sozinha com bravura.

Mas Páris, sem pre no convés, sem pre alerta, parecia m esm o assim ter sido atingido pelo veneno. Seu olhar buscava Mirina aonde quer que ela fosse, sorvendo sua im agem , e sua sede aum entava a cada dia em que ele confundia a doença com a cura.

Quando os três navios troianos finalm ente chegaram à baía de Argos, Mirina sentia que poderia haver m ais perigo a bordo do que à espreita em terra firm e.

Foi a prim eira a se oferecer para desem barcar e ficou indignada quando Páris não perm itiu. Postou-se de cara feia j unto à am urada enquanto o príncipe e seus hom ens de m ais confiança se afastavam em um bote a rem o para reunir inform ações sobre o porto.

– Mas você não entende que seria desastroso se alguém nos reconhecesse? – indagou Anim one, em pé ao seu lado.

– Pode ser que sim . – Mirina acom panhou o bote com o olhar até o m ais longe que conseguiu. – Pode ser que não. Ainda não sei qual é o plano de Páris.

Na realidade, nem tinha certeza de que Páris *tivesse* algum plano para sua visita a Micenas. Ele tam pouco havia prom etido nada. “Prim eiro precisam os descobrir se as suas irm ãs estão de fato aqui no palácio”, dissera-lhe antes de ir em bora.

Quando os hom ens voltaram da expedição de reconhecim ento, porém , Mirina viu na hora que Páris lhe trazia notícias.

– O Minos não nos enganou – disse ele, cham ando-a de lado. – O filho do rei Agam enon acaba de voltar de viagem , e m uito se fala sobre um a deusa negra que será dada de presente a um chefe m ais acim a no litoral. Nós vam os levar os navios até o porto, pois hoj e à noite j antarem os na corte. E, sim , você poderá ir j unto. – Páris ergueu a m ão para retardar as expressões de entusiasm o de Mirina.

– Só que dessa vez não vai usar m inha coroa. Você será m inha escrava, e acredite: vou gostar de lhe dar ordens.

A corte real de Micenas ficava no interior, a alguns quilôm etros da cidade portuária de Argos. Entre Argos e Micenas havia um a vasta planície aberta, rodeada por um a proteção de m orros e cultivada em faixas com pridas e estreitas. Agora sem cor e adorm ecida por causa do inverno, a paisagem prom etia grande fartura para o verão. Mirina achou tão espantoso o contraste entre aquele lugar e as ressecadas planícies de sal da sua infância que m al soube onde pousar os olhos.

– Você gostaria daqui – com entou Páris, espiando-a por cim a do om bro.

Montado à sua frente no lom bo do cavalo gigante, parecia m ais preocupado com a reação dela ao am biente em volta do que com a estrada.

– É um lugar cheio de caçadores, agricultores e conversas anim adas – contou ele. – Talvez não tão refinado quanto o m undo que você conheceu, m as desconfio que se sentiria em casa aqui.

Mirina sorriu por trás do lenço que lhe cobria a cabeça deixando apenas um a abertura para os olhos e m udou novam ente as m ãos de posição para tocá-lo o m ínim o possível enquanto o anim al os sacudia. Havia resistido a se sentar na m esm a sela de Páris, pois sabia que a proxim idade a agradaria m ais do que deveria, m as acabara cedendo ao bom senso. “Ir a pé levará m uitas horas”, dissera-lhe o príncipe. “Se quiser m e acom panhar, vai ser no lom bo do m eu cavalo. E suas irm ãs terão de suportar a m esm a indignidade”, com pletara, indicando com a cabeça Anim one, Egeia e Pitana, que haviam insistido em acom panhá-los. Mesm o ao constatar o nervosism o de Mirina, ele sorrira e a desafiara: “A decisão é sua.”

A residência real de Agam enon ficava no alto de um a colina com vista para a planície de Argos, e a pequena porém próspera cidade de Micenas se estendia a seus pés. Grossas m uralhas protegiam tanto a cidade quanto a cidadela e, apesar do tráfego constante de entrada e saída do portão central, a atm osfera era de m edo e desconfiança.

Conform e a estrada foi ficando m ais íngrem e, Mirina sentiu o sangue acelerar nas veias, de tanto nervosism o e expectativa. Olhou de relance para Anim one, m ontada na garupa de Enéas, e desconfiou que a am iga estivesse igualm ente tom ada por tem ores e dúvidas, pois a percebeu cada vez m ais calada à m edida que se aproxim avam do portão da cidadela. Em bora apenas um a nesga dos olhos de Anim one estivesse visível por trás do lenço, esse vislum bre bastou para convencer Mirina de que os pensam entos da am iga não estavam apenas nas m ulheres que esperavam encontrar na corte de Agam enon. Anim one tam bém pensava nos hom ens que talvez reconhecessem , aqueles dem ônios responsáveis por destruir sua vida idílica no tem plo e que decerto nunca haviam im aginado que a som bra m aligna lançada por eles os seguiria até sua casa.

As residências reais de Micenas form avam um com plexo heterogêneo de construções que havia crescido não segundo um planej am ento, m as ao sabor dos caprichos e preferências de seus residentes, ao longo do tem po. Em contraste às m oradias de sua corte, o palácio do Minos era um prédio elegante e anguloso. Ao ver essa paisagem , Mirina ficou im aginando que, para um pássaro no céu, tudo aquilo devia parecer um am ontoado de cogum elos brancos que brotavam de alim entos em putrefação.

Para onde quer que olhasse, ela via outra escadaria ou outro beco coberto a conduzir m ais para longe; o lugar era desorientador. Os troianos, porém , não ficaram confusos quando por fim chegaram ao últim o nível da cidadela. Tanto Páris quanto Enéas sabiam se orientar ali, pois j á tinham visitado o rei Agam enon várias vezes para reforçar as relações diplom áticas entre Micenas e Troia.

Deixando os cavalos com Pitana e Egeia com o com binado, prosseguiram subindo um a larga escadaria que conduzia ao pátio central, com Páris na frente e as falsas escravas Mirina e Anim one no fim do cortej o, de cabeça baixa e em atitude subm issa.

Do outro lado do pátio ficava a entrada para a sala do trono, um a porta larga situada depois de um pórtico e protegida por quatro hom ens fortes arm ados

com lanças. Apesar de haver prom etido m anter-se discreta, Mirina não se conteve e avaliou os guardas ao passar. Em bora sua estatura física fosse parecida com a dos invasores do tem plo, nada nos quatro lhe pareceu particularm ente conhecido.

– Escrava. – Páris se deteve na soleira da porta para falar com Mirina por entre os dentes. – Lem bre-se da sua condição. E controle-se.

Um funcionário do palácio então se adiantou para cum prim entá-los com m esuras exageradas e apertos de m ão nervosos, e eles por fim adentraram o recinto ao qual os troianos m ais cedo haviam se referido, em tom grave, com o "covil do leão". Pois ali estava, sentado em seu trono, o barbado rei de Micenas, um hom em às vezes sanguinário. Vivia cercado por gente que faria qualquer coisa e m ataria qualquer um para agradar a seu m estre. Aos visitantes que iam procurá-lo, qualquer que fosse o obj etivo da visita, Agam enon e seus asseclas se assem elhavam de fato a um a m atilha de leões; ninguém ousado ou im prudente o bastante para entrar em seu abrigo podia ter certeza de sair vivo de lá.

O trono real era quase um a cadeira com um : o rei de Micenas não precisava nem de m óveis pom posos nem de ser posto no alto para ser tem ido. Todos os assentos da sala, inclusive o de Agam enon, estavam dispostos ao redor de um buraco no chão usado para acender fogueiras e grande o suficiente para conter um boi inteiro – e era exatam ente isso que girava em um espeto acim a das cham as: um touro enegrecido ainda com os chifres presos à cabeça.

– Páris! – exclam ou o rei, erguendo o cálice em um gesto de boas-vindas.

Mirina não entendeu o que ele disse a seguir, tam pouco foi capaz de acom panhar a elaborada resposta de Páris. Tudo foi dito na língua que ela só havia escutado um a vez, durante um a m anhã e um a noite de horror indizível. Aos seus ouvidos, a cadência daquele idiom a era o som m ais m edonho do m undo.

Acom odado no banco acolchoado com tecido de lã, Páris acenou para que seus hom ens se sentassem ao seu lado, todos m enos Enéas, que ficou com Mirina e Anim one no chão de pedra atrás do banco para poder, aos sussurros, traduzir para elas as partes da conversa que j ulgasse necessárias.

No início, pouco se disse além de com entários educados e perguntas inofensivas. Mirina olhou em volta com discrição, tentando distinguir os sem blantes dos hom ens reunidos em volta da fogueira do rei. Muitos eram velhos e

grisalhos com o ele. Alguns lhe pareceram dolorosam ente conhecidos. Na m aioria das vezes, após seguir nervosa a direção do olhar da am iga, Anim one baixava a cabeça e aquiescia com o peso da certeza.

Quando a carne e o vinho foram distribuídos, Mirina j á estava praticam ente certa de que pelo m enos quatro dos quinze gregos reunidos na sala do trono haviam participado do saque ao Tem plo da Deusa da Lua. Lem brava-se de seus traços e de seus gestos na praia, onde eles haviam distribuído o butim e disputado as sacerdotisas. Ao ver Anim one se retrair à chegada de m ais um hom em , que ingressou na sala vindo de um recinto nos fundos, seu instinto lhe disse que, em relação a ele, não era apenas do rosto ignóbil que a am iga se lem brava.

– Agora eles estão falando sobre seu país – sussurrou Enéas, inclinando-se na direção de Mirina. – Meu m estre perguntou ao rei se ele tinha visto com os próprios olhos algum indício da seca de que tanto se fala, e o rei está dizendo que seu filho acaba de retornar do lago Tritônis. Segundo ele, por causa da água baixa, eles tiveram de arrastar os navios pela terra firm e para voltar ao m ar. Está dizendo que aquilo lá é um a região de serpentes m onstruosas e bruxas horrendas.

Enéas se calou por algum tem po; o constrangim ento estava óbvio em seus olhos. No banco à sua frente, Mirina viu Páris se retesar enquanto escutava o relato de Agam enon.

– O que ele está dizendo? – perguntou a Enéas.

O troiano hesitou.

– Está dizendo que as m ulheres de lá são teim osas e arrogantes. Está repreendendo o príncipe, seu filho, por ter trazido tantas delas para casa. – Enéas indicou a fogueira com um m eneio de cabeça. – O príncipe está sentado logo ali.

Consegue vê-lo? Talvez se você se inclinar um pouco para a frente.

Quando Mirina se m oveu para tentar ver o filho de Agam enon do outro lado da fogueira, deparou com um rosto que j am ais esqueceria: o do hom em que havia m assacrado a sum a sacerdotisa e erguido sua cabeça cortada em um gesto de triunfo.

– Agora m eu m estre está dizendo que a história do rei o deixou curioso – continuou Enéas. – Está perguntando se pode ver com os próprios olhos essas tais estranhas m ulheres. E o rei...

Mas Enéas não traduziu m ais. Agam enon estalou os dedos e um criado corcunda saiu da sala a galope e voltou quase na m esm a hora com um a j ovem de vestido branco.

Só o m odo de andar j á foi suficiente para que Mirina a reconhecesse.

Desam parada e hesitante, ela chegou agarrada ao braço do criado, de quem dependia para atravessar o recinto desconhecido. Vê-la fez Mirina se retrair, tom ada por um a m istura de dor e alívio, pois a m oça era Lilli.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Ó rei, meu rei, como irei pranteá-lo?

O que pode dizer meu coração cheio de piedade?

Aí jaze tu, preso nessa teia de aranha, com a vida sufocada de ti em morte indecente, derrubado de bruços nessa cama de vergonha pela mão traiçoeira de sua dama.

Ésquilo, *Agamenon* CNOSSOS, CRETA Dar um a passadinha em Micenas para um papo rápido com o Sr. Telem akhos não se revelou propriam ente a experiência de prim eira classe que Rebecca havia prom etido. Assim que concordei em acom panhá-la, m inha am iga sum iu durante quase um a hora. Quando voltou, usava um a j aqueta de aviador m uito estilosa e um capacete de couro j usto com viseira.

– Não achou que eu fosse conseguir, achou? – perguntou ela, com um sorriso, referindo-se a um a de nossas m uitas conversas tarde da noite sobre os prós e os contras de se pilotar o próprio avião. – Bom , eu finalm ente tirei m eu brevê. Ou m elhor, vou tirar assim que Stavros consertar a im pressora dele.

– Que novidade incrível, Bex – falei, j á sentindo a apreensão tom ar conta de m im . – Espero que não estej a planej ando de fato decolar para algum lugar.

– É claro que estou! – Ela m e conduziu até o lado de fora e trancou a porta. –

Na verdade, acho que é o único j eito de ir. Dá para voar direto de escavação em escavação, sem nunca ter de lidar com o m undo m oderno.

Depois de pegarm os Nick, entendi a que Rebecca estava se referindo. Ela nos conduziu em seu pequeno carro por um a estradinha de cascalho sacolej ante até um hangar caindo aos pedaços com três aviões a hélice. Dois pareciam capazes de voar; o terceiro m e pareceu o tipo que deveria estar em um m useu com um a placa de NÃO TOQUE pendurada na asa.

– É Stavros quem m e aj uda a alugar – explicou Rebecca, estacionando a picape j unto ao hangar. – O bichinho precisa de um pouco de am or, m as o preço é em conta – falou, indicando o avião surrado com um m eneio de cabeça.

– Quem é Stavros? – indaguei, ainda abalada dem ais para pensar direito. – E

por que ele está tentando m atar você?

Mas Rebecca j á tinha pulado do carro e deixado a porta escancarada. Nick a seguiu sem qualquer palavra de protesto. Fiquei ali, sozinha com as m inhas dúvidas, perguntando-m e com o um voo im pulsivo em um a aeronave condenada poderia m e aproxim ar de vovó. O que m e incitava a prosseguir era a consciência de que ainda tinha assuntos a resolver com Nick. E não era o dinheiro que ele iria m e pagar de novo (que eu estava decidida a dividir com Rebecca): eu estava convencida de que, em algum lugar, em um escritório de Dubai, havia um a pasta ultrassecreta com a resposta para todas as m inhas perguntas sobre as am azonas.

Mais cedo nesse m esm o dia, Rebecca e eu tínham os passado um a boa m eia hora em seu com putador pesquisando inform ações sobre a Fundação Aqrab. O

pouco que descobrim os bastou para alim entar m eus m edos e confirm ar o que Jam es j á tinha m e dito. Violência, tiroteios, processos j udiciais... a abordagem Aqrab da arqueologia ia contra tudo o que eu prezava no m undo dos estudos antigos. Em lugar nenhum encontram os um a celebração da beleza e da poesia do passado; em vez disso, o que im portava eram dinheiro e direitos de propriedade.

Rebecca e eu ficam os tão confusas com essas descobertas que quase deixam os passar a notícia m ais relevante, pelo m enos para m im . Além de vir processando m useus britânicos havia anos – afirm ando que com pravam , com

conhecim ento de causa, artefatos roubados do Oriente Médio –, a coleção dos Moselanes fora recentem ente incluída na lista de alvos da em presa, em um verdadeiro bom bardeio do que m e pareceram acusações forj adas. Eu agora entendia por que Jam es m e alertara, poucas horas antes, para não deixar Nick e outros da sua laia “m anipularem m inha m ente”.

A descoberta havia aum entado ainda m ais m inha confusão. Será que, de algum a form a, eu tinha m e transform ado em um a bola de pingue-pongue que quicava entre Al-Aqrab e lorde Moselane? Seria por isso que Jam es havia se interessado tanto pelo m eu paradeiro a ponto de rastrear o telefone de Nick e descobrir que eu estava na Argélia? Eu não sabia o que pensar.

– Alô? Terra para a Idade do Bronze, câm bio. – Rebecca interrom peu m inhas infelizes reflexões enfiando a cabeça dentro do carro. – O Oráculo está esperando. E, sim , você talvez m orra, m as pelo m enos vai virar m ártir da am izade.

Apesar de todas as suas virtudes, entre as quais as m ais relevantes eram decolar e voar de verdade, a m aravilha para oito passageiros proporcionada por Stavros era um perigo pela instabilidade e o estrondo irregular de seu m otor era infernal.

– É porque ele trocou o m otor! – gritou Rebecca quando finalm ente levantam os voo, com a voz quase engolida pelo rugido e pelos sacolej os da aeronave. – Vai m elhorar quando chegarm os à altitude de cruzeiro.

– Por falar em altitude de cruzeiro – gritei em resposta, agarrada a m eu colete salva-vidas –, você não deveria estar em contato pelo rádio com algum a...

autoridade?

– Não vej o por quê. – Rebecca verificou os instrum entos; parecia estar no controle da situação. – Estam os voando abaixo do radar. Além disso, na im provável eventualidade de cruzarm os com outro avião, existem regras básicas.

É tudo m uito direto, um a m aravilha.

Nick ficou calado durante a viagem , o que era com preensível, m as m esm o assim deu a im pressão de estar à vontade. Havia se sentado logo atrás de Rebecca, m as sem lhe dirigir a palavra. Ficou apenas observando o que ela fazia e olhando pela j anela de vez em quando. Mas, pensando bem , se eu fosse

acreditar em tudo o que acabara de ler na internet, até m esm o um frágil avião pilotado por um a am adora devia ser um am biente m ais seguro do que aquele com que Nick estava acostum ado com o agente da Aqrab. Quem sabe, pensei, avaliando-o com um m isto de curiosidade e relutância, com o j á fizera tantas vezes, ele não estivesse m entindo ao dizer que precisava de férias.

Quando finalm ente pousam os na planície de Argos, apenas m eu respeito pela dignidade de Rebecca m e im pediu de beij ar o chão. Ainda estava tonta quando o Sr. Telem akhos veio nos buscar, e o fato de que parte de m im ainda relutava em conhecer aquele hom em excêntrico não aj udou. Nos últim os três anos, eu havia m e esquivado das tentativas de Rebecca de nos apresentar, torcendo para que o hom em que ela havia apelidado de "Oráculo" acabasse entendendo a indireta.

No entanto, apesar de todos os m eus esforços, o Destino estava decidido a fazer com que nos encontrássem os.

– Bem -vindos a Micenas, bárbaros! – bradou o Sr. Telem akhos, batendo a porta de seu conversível enferruj ado.

Era um hom em tostado pelo sol, careca, cuj a autoridade natural não ficava nem um pouco com prom etida pela cam isa de *tie-dye* aberta nem pelo cordão dourado que descia pela selva de pelos em seu peito.

– Minha pequena Herm es. – Ele esperou Rebecca se aproxim ar e lhe deu um abraço. – O que m e trouxe dessa vez? – Antes que ela pudesse responder, contudo, ele m e lançou um olhar de triunfo e arrem atou: – Diana Morgan. Até que enfim .

Abri a boca para dizer algo afável, com o seria adequado, m as não houve necessidade. O Sr. Telem akhos j á olhava para Nick, e um largo sorriso de reconhecim ento se espalhou por seu rosto.

– O senhor outra vez!

Tanto Rebecca quanto eu levam os um susto; j á Nick pareceu atônito.

– Eu nunca estive aqui... – com eçou ele.

– Esteve, sim ! – insistiu o Sr. Telem akhos, agora de cenho franzido. – Veio m e

fazer perguntas e passam os a noite inteira conversando. Não se lem bra?

Incom odado por aquela lem brança e fazendo questão de estar certo, o Sr.

Telem akhos nos levou direto para sua casa: um bangalô de pedra situado na encosta de cascalho de um a colina, de frente para as ruínas da antiga Micenas.

Murm urando consigo m esm o em grego, ele seguiu na nossa frente até a sala de j antar e depois voltou, quase na m esm a hora, trazendo um grande caderno de recortes.

– Arrá! – Ele pousou o livro sobre a bancada da cozinha, em cim a de um a tábua de corte coberta de m igalhas de pão. – Agora vej am os.

Com eçando pelo fim , o Sr. Telem akhos foi folheando o grosso volum e de trás para a frente, exam inando cada foto e cada legenda. Quanto m ais avançava, m ais im paciente ficava.

– Sei que estou certo! – insistiu. – Está aqui, em algum lugar.

Quando enfim encontrou o que procurava, porém , sua anim ação m urchou. A foto tinha trinta anos. Além disso, apesar das cores desbotadas, era óbvio que o hom em nela guardava apenas um a vaga sem elhança com Nick. Era bonito, sim , m as os traços eram m ais som brios, a expressão m ais distante.

– Chris Hauser – disse o Sr. Telem akhos, lendo a legenda m anuscrita. – De Baltim ore. O senhor conhece?

Nick fez que não com a cabeça, m as pareceu incom odado. Não dava para culpá-lo. Arriscara a vida voando com Rebecca para se encontrar com um louco, sem falar nos 10 m il dólares que m e devia. Im aginei que, m esm o para alguém que trabalhava para um m ilionário, som ando tudo, a conta com eçava a entrar no verm elho....

Pouco depois, Nick foi até lá fora dar dezenas de telefonem as. Cerca de m eia hora depois, quando sua ausência com eçava a ficar constrangedora, saí à procura dele e o encontrei atrás da garagem , andando para lá e para cá pelo m ato alto com a cam isa aberta.

– Não diga isso nem em pensam ento – ouvi-o m urm urar ao telefone. – A

inform ação é totalm ente extraoficial.

Recuei um pouco, torcendo para ele não ter m e visto. Em pé logo antes da quina do prédio, ouvi suas palavras seguintes com um a clareza que m e revirou as entranhas: – Bem , parece que é real, sim . As pessoas estão procurando há 3 m il anos. Os especialistas com quem estou trabalhando têm certeza de que estam os no cam inho certo. – Ele se calou por alguns instantes, depois prosseguiu. – Isso eu não posso dizer. Mas estão falando que é m ais grandioso do que qualquer outra coisa que j á encontram os. Cham am de “Tesouro das Am azonas”.

Quase nauseada de choque e confusão, apoiei-m e na parede m eio em ruínas, louca para continuar escutando. Mas foi só isso. Após algum as outras gentilezas, Nick desligou e fez um a nova ligação, dessa vez em árabe.

Voltei para a casa dom inada por um a raiva incontrolável. Quantas vezes ele havia m entido para m im agora? Quando eu havia lhe contado sobre o antigo m anuscrito *Historia Amazonum*, no carro ao sair da Argélia, poderia ter j urado que ele j am ais ouvira falar no Tesouro das Am azonas. Conhecia o colecionador de Istam bul Grigor Reznik, sim , m as nada sabia sobre o tesouro. Isso fazia dois dias. Ou ele conseguira esconder de m odo brilhante o fato de que *já* sabia ou então algo extraordinário havia acontecido de lá para cá. Mas o quê?

Convencido de que o m eu súbito m al-estar fora causado pela fom e, o Sr.

Telem akhos nos levou para um j antar cedo no Rei Menelau, um restaurante localizado na rua onde ele m orava. O estabelecim ento era adm inistrado por um prim o distante, m as sim pático, e o Sr. Telem akhos tinha um a m esa cativa na varanda ocupada por pilhas de j ornais e velhos bilhetes de loteria para desencoraj ar turistas ou qualquer outra pessoa a sentarem ali.

Com os pelos a despontar pela cam isa aberta com o m esm o vigor que outrora deviam brotar de sua cabeça, o Sr. Telem akhos insistiu em escolher o prato de cada um de nós, alegando saber exatam ente do que precisávam os.

– Um hom em j ovem com o o senhor precisa com er carne – falou, dando um tapinha no om bro de Nick com um a cam aradagem repleta de nostalgia. – Lem bre-se disso. Muita carne. – Ele chegou m ais perto para desfiar sua sabedoria disfarçado por um j ornal. – Do contrário não vai ter energia para m anter as senhoras felizes. Não é m esm o?

Ele riu daquela cum plicidade secreta, e em seguida retom ou em tom m ais grave.

– Foi isso que aconteceu com Menelau. Ele não com eu carne e não conseguiu segurar a m ulher – falou o Sr. Telem akhos, depois suspirou e balançou a cabeça, estendendo a m ão para o copo de licor de anis. – Acontece nas m elhores fam ílias.

– A m ulher dele era a linda Helena, que fugiu com o carnívoro Páris e deu início à Guerra de Troia – interveio Rebecca, dirigindo-se sobretudo a Nick.

Ela sorriu, ansiosa para m anter o tom alegre. O Sr. Telem akhos era recém -

divorciado, contara-nos m ais cedo, e precisava m uitíssim o de um pouco de alegria.

– Um brinde a Menelau – propôs nosso anfitrião, erguendo o copo. – Que só deu valor ao que tinha quando perdeu. Helena, aquela vadia infiel.

– Aos vegetarianos, que fizeram zarpar m il navios – disse Nick, erguendo ele tam bém seu copo.

Olhei para ele, adm irada com sua calm a. Logo depois de cravar um a faca nas m inhas costas, ali estava o suj eito, parecendo não ter um a preocupação sequer na vida. Se a linda Helena fora um a vadia infiel, Nick era o quê?

– E foi daqui, com o você j á adivinhou, que os navios de Menelau zarparam – disse Rebecca, passando-lhe um a tigela de alcaparras. – A cidade do irm ão m ais velho, Agam enon... a pedra fundam ental do poderio grego na Idade Heroica.

– Heroica! Até parece. – O Sr. Telem akhos enxotou as palavras com o se fossem um a m osca incôm oda. – Hom ens são hom ens, aconteça o que acontecer.

Eles m atam prim eiro e explicam depois. É por isso que tem os um cérebro tão grande, entendem ? – Ele segurou a cabeça com o se quisesse arrancá-la. – Para poderm os ficar aqui sentados contando belas histórias depois. Hom ero era bom nisso.

– Parece que a linda Helena nunca existiu – interveio Rebecca, que pelo visto j á

tinha ouvido aquelas queixas antes. – Ela foi inventada para dar um aspecto rom ântico à destruição de Troia.

– Lam ento interrom per, m as qual era a localização *exata* de Troia? – perguntou Nick, reclinando-se na cadeira até onde era hum anam ente possível.

Dei um grunhido m udo. Seria aquilo m ais um a encenação? Mas Rebecca se prontificou a m ergulhar em um a das m aiores questões arqueológicas de todos os tem pos.

– Até os dias de hoj e, depois de m uitas décadas de escavações em Hisarlik, alguns de m eus colegas não estão convencidos de terem a resposta – disse ela a Nick.

– Hisarlik fica na Turquia – esclareci. – Na costa noroeste da Anatólia, bem onde o m ar Egeu encontra o m ar de Márm ara. – Apontei por cim a do om bro. – Para lá, m ais ou m enos. A quatro dias de barco na época de Hom ero.

– E era esse o problem a, j ustam ente. – Rebecca se inclinou para a frente de m odo a retom ar a narrativa. – Localização, localização, localização. Troia era um a região de sum a im portância para quem quisesse dom inar o m ar Egeu.

– A Guerra de Troia não foi m otivada por nada pessoal – contribuiu o Sr.

Telem akhos, parecendo tão preocupado quanto se tivesse culpa nos acontecim entos da época. – Nós, os gregos, estávam os construindo um im pério com ercial e Troia estava no cam inho. – Ele espetou algum as rodelas de linguiça e as transferiu para o prato. – Podem cham ar do que quiser, m as não nos cham em de heróis.

Depois do j antar, fom os dar um passeio à luz da lua pelas ruínas de Micenas.

Ficam os m aravilhados com a qualidade da construção naquela encosta aparentem ente rem ota. O contraste entre as grossas m uralhas e o palácio de Cnossos em Creta, que não tinha fortificações, era im pressionante. Difícil acreditar que as duas civilizações tivessem sido tão próxim as tanto no tem po quanto no espaço.

– Os gregos assum iram o controle de Creta em algum m om ento por volta de 1.450 a.C. – disse Rebecca. – Tradicionalm ente, pensava-se que o palácio de

Cnossos tinha sido destruído por um incêndio apenas m eio século depois, m as houve intensos debates com relação à data desse incêndio, e *algumas* pessoas... – Suas sobrancelhas arqueadas sugeriram que ela era um a delas. –... estão dispostas a j urar que ele só aconteceu por volta de 1.200 a.C. Vej am , por exem plo, as tabuletas de Pilos...

– Para onde essa conversa está indo? – resm ungou Nick, deixando os acadêm icos entretidos passarem na frente e, assim , ganhando a oportunidade de dar um a palavrinha discreta com igo.

– Não sei bem – falei, em bora soubesse exatam ente o que Rebecca estava fazendo.

Apesar de todos os m eus alertas em relação a farsas e bom bas-relógio, ela estava tentando im pressionar Nick com seu conhecim ento na esperança de que isso produzisse um a proposta de em prego.

– Parece que o Sr. Telem akhos tem um a surpresa para a gente.

E você tam bém , pensei, observando Nick enquanto ele verificava um a m ensagem de texto nova. Em bora ele estivesse usando roupas com uns, j eans e cam isa de m alha, eu sabia que essa norm alidade era só fachada. Ele era cheio de surpresas desagradáveis.

– Queria lhe perguntar um a coisa – disse Nick, interrom pendo m eus pensam entos am argos. – O que vai fazer da próxim a vez que alguém a atacar?

Esperar que saiam correndo de novo, feito o cara no labirinto?

A intenção da pergunta era m e provocar. Funcionou.

– Eu vou ficar bem , m uito obrigada – falei. – Sei m e cuidar.

– Venha cá. – Ele acenou para eu chegar m ais perto. – Quero lhe m ostrar um a coisa.

Pensando que ele estava se referindo a algo em seu celular, fiz o que ele pedia. Assim que m e aproxim ei, porém , ele segurou m eu braço com força e m e girou, fazendo m inhas costas se colarem à frente de seu corpo.

– Peguei você – disse ele no m eu ouvido. – E agora, o que vai fazer?

Fiquei tão chocada que nem tentei m e soltar.

– Contar até três...

– E depois? Não vai conseguir se safar de tudo só pela *conversa*.

– Um ! – falei, com um a paciência forçada.

O fato de Nick se sentir à vontade para fazer aquele tipo de brincadeira com igo m e deixava furiosa. Eu estava decidida a não m e rebaixar até seu nível.

– Dois...

– Você está apostando no fato de eu ser um cara legal. E se eu não fosse?

– Três.

Esperei com calm a ele m e soltar. Quando com ecei a tem er que isso não fosse acontecer, ele o fez.

– Diana – disse ele, balançando a cabeça. – Você tem sorte de estar viva. E

da próxim a vez? Com o pode não querer aprender a se defender ou a defender as pessoas que am a? Eu posso ensinar uns truques fáceis...

– Aposto que pode, m esm o.

Encarei-o com raiva enquanto ele ficava ali parado, rodeado pelas ruínas enluaradas, com cara de quem estava sendo sincero e de que m inha segurança era sua prioridade.

– Mas não preciso dos seus truques baratos. Acontece que eu faço parte da equipe de esgrim a da m inha faculdade. – Ao m e dar conta de com o aquilo soava patético, arrem atei, com m ais dignidade: – Prefiro o cavalheirism o e as boas m aneiras tradicionais a m étodos de troglodita.

Nick assentiu. Era evidente que estava um pouco im pressionado.

– Muito bom . Que ótim o. Mas cadê o seu florete? – perguntou, abrindo os

braços e fingindo olhar em volta.

Triturando respostas m udas entre os dentes, virei-lhe as costas e continuei pela trilha à procura dos outros. Não parei sequer um a vez para ver se Nick estava m e seguindo. Precisava aum entar a distância entre nós, em vários sentidos.

Rebecca e o Sr. Telem akhos esperavam à entrada da antiga cidadela.

Estavam em oldurados por rochas descom unais e por um lintel colossal feito de um bloco único de pedra, que eu m al consegui distinguir por causa da pouca luz, m as que reconheci por tê-lo visto em ilustrações de livros: aquele era o célebre Portão do Leão, com um relevo de dois anim ais ferozes sentados um de frente para o outro.

– Construído por gigantes – disse o Sr. Telem akhos, dando uns tapinhas orgulhosos na pedra im ponente. – Os m icenianos eram ursos das m ontanhas, entendem ? Hom ens grandes e peludos, que gostavam de se sentar em volta de um a grande fogueira e falar sobre guerra. – Ele coçou o peito e olhou ao redor. – Eles construíram um im pério à força, m as no final foram atacados por piratas. O

que acham dessa j ustiça poética?

– Quem pela espada vive... – falei.

– Leva um tiro de quem não vive – resm ungou Nick logo atrás de m im .

– E não vam os esquecer o seu legado de histórias que inspiraram para todo o sem pre as tragédias gregas e a literatura ocidental – assinalou Rebecca, enquanto continuávam os a subir a trilha íngrem e. – Agam enon, Cassandra... que voltou de Troia para encontrar a própria m orte. Orestes, que m atou a própria m ãe. E

Electra...

A lista dela continuou. Foi só quando nos vim os sobre as fundações da antiga residência real, com vista para as colinas de calcário em direção às luzes distantes de Argos e ao oceano negro m ais além , que ela parou para tom ar fôlego.

– Muito bem , Diana Morgan – disse o Sr. Telem akhos, que apesar do tam anho não parecia nem um pouco cansado pela subida puxada. – Diga-nos por que estam os aqui.

O pedido poderia ter m e feito sorrir se eu não estivesse tão entretida com pensam entos conflitantes. Percebia que passara a gostar de Nick m uito m ais do que deveria e, por m ais que tentasse m udar isso, tinha a im pressão de estar nadando contra um a correnteza que acabaria m e puxando para debaixo d'água.

Estivesse ele atrás do que fosse, e quem quer que o estivesse auxiliando, era tudo tão grande que a m inha contribuição parecia insignificante. Eu obviam ente não era um dos especialistas que ele m encionara em seu telefonem a, pois – com o tinha lhe dito no carro, em nossa prim eira conversa sobre o tem a – eu j am ais acreditara que o Tesouro das Am azonas existisse m esm o. Tam pouco tinha ideia de onde tal tesouro poderia ser encontrado, se é que ele de fato existia.

Ao perceber que todos esperavam por m inha resposta, falei: – Bem , são m uitas incógnitas...

O Sr. Telem akhos deu um m uxoxo parecido com o de um a m ula.

– Fique à vontade! Pode ser chata. Mas, se quiser saber a m inha opinião, existe um belo parque de diversões entre o conhecido e o desconhecido. E nesse parque de diversões todo m undo tem um nom e. O nom e da sua sacerdotisa-rainha de três sílabas, por exem plo, não é difícil de adivinhar. – Ele m eneou a cabeça para Rebecca, que havia lhe contado tudo por telefone antes de sairm os de Creta. – E você, Diana Morgan, j á deveria ter adivinhado há m uito tem po. – Ele sacudiu um dedo acusador na m inha direção. – Qualquer um com experiência em palavras cruzadas seria capaz de adivinhar. Rainha am azona do norte da África. Com o ela se cham a?

Recuei diante daquele dedo estendido. Apesar de todo o m eu conhecim ento sobre m itos gregos e folclore das am azonas, j am ais m e ocorrera que o nom e talvez fosse um que eu j á conhecia. Despencar por esse cam inho de investigação e bater com a cabeça na resposta que eu j á sabia foi um choque tão grande que quase não consegui pronunciar o nom e.

– Mirina.

– Muito bem ! – O Sr. Telem akhos bateu palm as. – Você *sabia*, está vendo?

– Espere um instante... – Dei um passo à frente, com a cabeça girando, para refrear o entusiasm o dele antes que este saísse galopando com todos nós. – Com o *o senhor* sabe esse nom e? Com o pode ter tanta certeza?

O Sr. Telem akhos se inclinou para trás apoiado nos calcanhares, tentando baixar os olhos para m im .

– Eu confio nos m itos. Eles m e dizem que as am azonas existiram . Elas vieram do norte da África e sua rainha se cham ava Mirina. Eu acredito em tudo.

Você não?

Nessa noite, depois de nos levar de volta para a sua casa, o Sr. Telem akhos com eçou a narrar um extraordinário conto sobre as prim eiras am azonas do norte da África. Auxiliado por copiosas doses de retsina, ele teceu um a colorida teia de aventura e nos conduziu do lago Tritônis até a Guerra de Troia, passando por Micenas... Sua m atéria-prim a provinha de um saco sem fundo de obscuros fragm entos de inform ação literária e de um a tradição oral local que ninguém j am ais se dera o trabalho de registrar.

Estávam os sentados na sala de estar da sua casa, desprovida de m óveis com exceção de um a m esa de j antar feita com um velho quadro-negro grande, além de cinco cadeiras desem parelhadas, todas dando sinal de j á terem visto dias m elhores. As paredes à nossa volta estavam cobertas por pilhas de revistas e volum es puídos; parecia que alguém havia acabado de se m udar para ali... ou m elhor, de se m udar dali.

– Ela levou até as estantes, acreditam ? – com entou o Sr. Telem akhos na prim eira vez que nos m ostrou a casa. – Agora não consigo achar m ais nada. – Ele lançou para Nick um olhar de quem se desculpa. – É por isso que eu m e confundo com as coisas.

Pelo resto da noite, nosso anfitrião não parou de interrom per a si m esm o no m eio de um raciocínio para encarar Nick e perguntar “Egito?”, ou “Líbano?”, ao que este sim plesm ente balançava a cabeça. Foi só quando Rebecca fitou Nick com um ar de súplica, pedindo para nos poupar de novas interrupções, que ele finalm ente se rendeu e disse: – Irã.

O Sr. Telem akhos espalm ou as duas m ãos contra a m esa preta, fazendo um a tigelinha de azeitonas em borcar.

– Mas isso eu j á falei! Eu disse “Pérsia”!

Nick cruzou os braços.

– Esse foi o nom e que *vocês* nos deram . O *nosso* nom e é Irã.

– Ah! Mistério resolvido. Eu sabia. O senhor tem um nariz persa, eu bem que falei. Mas m e diga... – Ele se inclinou para a frente e fitou Nick com intensidade.

– O que um cidadão iraniano está fazendo com um nom e cristão e um passaporte brasileiro?

Eu m e encolhi. Fora ingenuidade m inha m encionar a Rebecca o passaporte (que eu tinha visto no avião que pegáram os em Dj erba), sem pensar que de algum a form a essa inform ação iria ser j ogada de volta na m inha cara.

– Ganhando tem po – respondeu Nick, inabalado pela inform ação do Sr.

Telem akhos. – Brasileiros não são aterrorizados pela segurança dos aeroportos.

Iranianos, sim .

– Mas você j á m orou no Brasil? – quis saber Rebecca.

– Claro. Minha m ãe é do Rio. A gente m orou lá quando eu era pequeno. Meu pai é m úsico de rua.

Nick cruzou olhares com igo por cim a da m esa. Pela prim eira vez desde que eu o conhecera, tive a sensação de que ele estava dizendo a verdade.

– O m elhor que há – em endou ele. – Sem pre sabia interpretar a reação do público. E eu era o m oleque que ficava passando o chapéu. – Ele nos encarou, um de cada vez, sem se deixar abalar por nosso silêncio grave. – Então agora vocês sabem por que acho um absurdo essa conversa toda sobre fronteiras, cores e nacionalidades. As pessoas tentam catalogar você em um ponto do m apa e pintar você de certa cor para sim plificar as coisas. Só que o m undo está longe de ser sim ples, e seres hum anos inteligentes não gostam de ser catalogados e pintados pela m ão de ninguém , sej a ele deus, padre ou político.

– Quer dizer que você não é... religioso? – perguntou Rebecca, ainda um pouco abalada.

Nick pensou um pouco antes de responder.

– Para m im só existe um Deus. Um a presença sem nom e que nós nunca vam os entender. Todo o resto é política hum ana. Foram seres hum anos que escreveram os livros sagrados e seres hum anos que criaram todas as regras e rituais. Em outras palavras, são os seres hum anos que transform am a vida em um inferno. Então, sim ... – Ele pegou o copo de vinho. – Eu tento viver segundo o espírito de Deus, m as não segundo as regras, porque as regras são criadas pelo hom em , e o hom em não passa de um a pulga m uito da convencida no m am ute da Criação.

Rebecca nem tentou responder. Podia ter passado a vida inteira fugindo desse fato, m as bem lá no fundo ainda era a filha do pároco. Bem , pensei, pelo m enos agora ela talvez se m ostre um pouco m enos disposta a se m eter com a Fundação Aqrab e um pouco m ais receptiva quando eu lhe contar sobre o com portam ento suspeito de Nick.

Quando o Sr. Telem akhos finalm ente guardou o gasto cotoco de giz de volta no bolso da cam isa e lim pou os dedos, o quadro-negro da m esa de j antar estava povoado por um exército de m ulheres-palito e de rabiscos em diversos idiom as, tudo entrelaçado a m igalhas de pão e pocinhas de azeite.

– Pronto, aí está – concluiu ele. – Diodoro da Sicília estava certo ao dizer que as am azonas vinham do norte da África e eram lideradas por um a rainha cham ada Mirina. Foi só depois que elas se m udaram para o m ar Negro e se tornaram as guerreiras sobre as quais nós lem os nos livros.

– Diodoro da Sicília foi um historiador grego antigo – expliquei a Nick. – Ele trabalhou com m uitas fontes às quais nós nunca tivem os acesso. Deve ter passado a m aior parte do seu tem po na Biblioteca de Alexandria... você sabe, a fam osa biblioteca que depois foi destruída. Já vi hom ens adultos chorarem por causa dos tesouros literários e históricos que poderiam ter sido encontrados lá.

Nick pareceu achar certa graça na m inha seriedade.

– Vam os torcer para m uitos alexandrinos terem esquecido de entregar seus livros em prestados naquela sem ana.

– E você, m eu am igo m etade persa. – O Sr. Telem akhos se inclinou em direção a Nick e o encarou. – Diga-nos o que está pensando. Sei que está pensando algo. Os persas sem pre estão. Mesm o aqueles que são só m etade persa.

E este grego aqui gostaria de saber o que é.

Ainda de braços cruzados, Nick sorriu.

– Estou achando que o senhor tem algum a carta escondida na m anga. Os gregos sem pre têm .

– Ah! – O Sr. Telem akhos se levantou da cadeira. – Os persas são inteligentes.

É esse o problem a. – Ele acenou para que nós o seguíssem os. – Vou lhes m ostrar um grande segredo. Vocês não podem contar a ninguém , entenderam ?

Nick foi o prim eiro a se levantar e seguir nosso anfitrião por um lance de degraus de pedra que descia para a escuridão bolorenta debaixo da casa. Tanto Rebecca quanto eu hesitam os em segui-lo.

– Por que tudo precisa ser subterrâneo? – m urm urei para ela, enquanto descíam os a escada traiçoeira. – Eu j á passei tem po de m ais operando abaixo do nível da consciência nos últim os dias.

Apesar do com entário descontraído, a um idade e o silêncio do espaço secreto do Sr. Telem akhos estavam provocando em m im um déj à-vu visceral, não apenas de m eu susto recente em Creta, m as tam bém do tem plo na Argélia. Será que algum dia eu conseguiria ficar em um subsolo sem sentir calafrios?

– Muitos anos atrás, quando eu era m enino e brincava nestas colinas, encontrei um a coisa m uito especial – disse o Sr. Telem akhos, de algum lugar na escuridão, com um a voz ribom bante.

Ele acendeu um a lâm pada que pendia solitária do teto e pude ver que estávam os no m eio de um côm odo com paredes e m esas inteiram ente cobertas por pedaços de papel e recortes de j ornal. Eu nunca tinha visto nada com o aquilo... pelo m enos não desde que m eu pai subira com um balde para lim par o sótão de vovó e arrancara das paredes o seu acervo de atividades im aginárias das am azonas.

O Sr. Telem akhos foi até um velho cofre no canto e com eçou a digitar um a senha.

– Não contei a ninguém na época, porque senão um burocratazinho sebento qualquer iria chegar de cam inhonete e levar tudo em bora para Atenas. É lá que se tem de ir para ver os artefatos de Micenas hoj e em dia; está tudo no Museu Arqueológico Nacional. Ou então, é claro, no Louvre, em Paris – falou ele, com um a careta de desgosto.

Depois de abrir o cofre, vasculhou um pouco lá dentro antes de finalm ente pegar um saquinho de plástico transparente.

– Venham dar um a olhada! – falou, acenando para nos aproxim arm os. – Ela não m orde.

Dentro do saco havia um bracelete de chacal.

– Tom e. – Ele m e entregou o saco, radiante com a sensação que aquilo lhe provocava. – Acho que vai constatar que é igual ao que você está usando.

Senti um a pontada de surpresa diante do seu súbito interesse pelo bracelete de vovó. Ele havia passado o dia inteiro bem na sua frente, m as m esm o enquanto nos deliciava com histórias das am azonas ele não tinha feito qualquer m enção à j oia, na qual m al parecera reparar.

– Encontrei esta pequena j oia am azona na colina j unto às ruínas do palácio – continuou o Sr. Telem akhos. – Bem no fundo de um a cratera provavelm ente aberta por um raio. Im agino que as pessoas fossem lá fazer oferendas aos deuses do Sol.

– Estou chocada! – falou Rebecca, recusando-se a tocar o saco. – Isso é um achado único. Será que não deveria estar... em um m useu?

As sobrancelhas peludas do Sr. Telem akhos se ergueram em sinal de consternação.

– Quando m eu trabalho term inar, vou revelar sua existência. Mas por enquanto estou protegendo esses tesouros insubstituíveis da estupidez e da ganância de burocratas e outros ladrões.

– Concordo – falou Nick.

Levei a m ão trêm ula à testa, perguntando-m e se era possível ter febre só por estar tão consternada.

– Não entendo – falei. – Com o pode ter tanta certeza de que estes braceletes pertenciam às am azonas? Não poderiam ser apenas j oias norm ais, usadas por pessoas com uns? O desenho do chacal não é tão raro assim .

O Sr. Telem akhos sacudiu a sacola diante dos m eus olhos.

– Este chacal é especial, e você sabe. Mas m e deixem contar o que aconteceu.

Ele se esticou para guardar a sacola no cofre outra vez.

– Quando achei este bracelete, com ecei a fazer perguntas. Tom ei cuidado, m as m esm o assim algum as pessoas m e encontraram . Por exem plo, o seu am igo Chris Hauser – disse ele, m eneando a cabeça para Nick.

– E o que ele queria? – perguntou Nick. – O m eu am igo Chris Hauser?

De repente, o Sr. Telem akhos pareceu constrangido.

– Bem , na verdade foi *ele* quem m e disse que esse era um bracelete das am azonas. E quis saber se eu tinha visto outros. Na época eu não tinha.

– Mas depois o senhor descobriu outros? – insisti.

O Sr. Telem akhos fechou o cofre com delicadeza.

– Sim .

– Onde?

– É isso que eu quero lhes m ostrar. – Ele com eçou a andar na direção da escada. – Am anhã. Tem um a pessoa que vocês precisam conhecer...

– Só para ficar claro – disse Nick, com um últim o olhar em direção ao cofre.

– Por que o senhor acha que Chris Hauser estava tão interessado nesse bracelete?

O Sr. Telem akhos estacou, com a m ão na cordinha da lâm pada.

– O que todos os hom ens querem ? Ser violentados por um a am azona, é claro.

Nick não chegou a rir, m as quase.

– Isso é o senhor quem está dizendo.

Pela prim eira vez, o Sr. Telem akhos não pareceu achar graça. Em pé naquele subsolo, rodeado pelos indícios da devoção de um a vida inteira a um tem a que, pelo visto, na sua opinião, não deveria ser exposto, o velho caçador de am azonas m e fez pensar nos escoceses queim ados de sol que eu tantas vezes vira na TV

afirm ando veem entem ente que o m onstro do lago Ness existia m esm o, apesar de todos os indícios científicos de que isso era im possível.

– Ainda não entendo – falei. – Com o Chris Hauser sabia que era um bracelete das am azonas?

A pergunta não contribuiu em nada para apagar as rugas de preocupação do rosto do Sr. Telem akhos.

– Ele não quis dizer.

Olhei para Rebecca e vi que ela tam bém encarava nosso anfitrião com um ar incrédulo. Seria m esm o possível o hom em que ela cham ava de “Oráculo” ter baseado o trabalho de toda a sua vida em algo tão pouco substancial quanto aquilo, o frágil capricho de um rapaz de Baltim ore? Olhei de relance para Nick, esperando vê-lo balançar a cabeça com um ceticism o equivalente ao m eu. Seus olhos, porém , estavam cravados no m eu pulso, e não restava em sua expressão qualquer sinal de bom hum or. Para nós todos, percebi de repente, havia m uito m ais em j ogo do que o sim ples desenrolar de um a lenda antiga.

– Vocês são j ovens – disse o Sr. Telem akhos, por fim , endireitando os om bros e nos encarando um de cada vez. – Têm m uito tem po para encontrar o que estão procurando. Mas para alguém com o eu j á existem m ais dias no lixo do que no calendário da parede. Por isso estou im paciente... – Ele m eneou a cabeça para o m eu bracelete. – E por isso eu quero m ais, m ais e m ais.

– Mais o quê? – indagou Nick, inclinando-se para exam inar um dos m uitos pedaços de papel pendurados na parede.

O Sr. Telem akhos deu um m uxoxo de im paciência.

– Passei três décadas tentando provar não apenas que as am azonas *existiram*, m as que elas *ainda* existem . – Ele gesticulou para a bagunça em cim a da m esa e nas paredes em volta. – A cada sem ana que passa, encontro m ais indícios.

– De quê? – perguntou Rebecca, com um a voz fraca que não era do seu feitio.

O Sr. Telem akhos foi até um dos quadros de aviso e pegou um pedacinho de papel.

– Um a m enina foi m olestada por um estuprador em liberdade condicional.

Duas m ulheres, desconhecidas tanto da m enina quanto de sua fam ília, encontraram o suj eito e cortaram os testículos dele. – O Sr. Telem akhos ergueu os olhos para tentar nos convencer. – Se um a coisa dessas não estiver assinada com o nom e “am azona”, podem m e internar em um hospício.

– Interessante – disse Nick, exibindo um a capacidade surpreendente de autocontrole diante do que, aos seus olhos, devia parecer um a sandice total. – Devo dizer que essa ideia m e agrada e que espero que o senhor tenha razão. Mas deixe-m e fazer um a pergunta... – Ele deu alguns passos próxim o à parede, exam inando os recortes de j ornal. – Em que m om ento isso deixa de ser apenas um a sensação? Onde estão as provas? Onde está o óvni no Hangar 18 do governo am ericano?

O Sr. Telem akhos se m elindrou.

– Não estou falando de alienígenas! As am azonas estão entre nós, am igo. Só que elas são astutas e não querem ser descobertas. Há quem diga que nunca usam telefone nem e-m ail para se com unicar... que usam um a form a im possível de ser rastreada... talvez um a espécie de panfleto im presso.

Ele estendeu os braços com o quem diz que, em bora convencido de ter razão, infelizm ente não tinha nenhum a prova.

– Pensem um pouco. Elas agem contra a lei, form am o que se poderia cham ar

de m ilícia. Im aginem quantas pessoas querem encontrá-las e detê-las.

Não só os próprios crim inosos, m as os governos tam bém . Lem brem -se: o estado detém o m onopólio da j ustiça. Mesm o quando faz um trabalho ruim , quando os policiais cuj os salários são bancados pelos im postos do Sr. Telem akhos só fazem ficar sentados esperando o Sr. Telem akhos ultrapassar o lim ite de velocidade na estrada, m esm o *nesse caso* nós não podem os fazer o que eles *deveriam* estar fazendo e perseguir os *verdadeiros* crim inosos. É por isso que as am azonas não querem ser encontradas. É por isso que vocês j am ais irão reconhecê-las nas ruas. Na verdade... – Ele apontou um dedo para m im . – Com o vocês sabem que Diana não é um a delas? Ela está usando o bracelete, não está?

Nick se virou e m e encarou com um a expressão que não consegui decifrar.

Enquanto isso, vi Rebecca fazer um a careta para o Sr. Telem akhos de m odo a lhe avisar que estávam os adentrando um território traiçoeiro, e ele felizm ente entendeu a deixa.

– Mas está ficando tarde! – falou ele, unindo as m ãos com um gesto abrupto.

– E am anhã de m anhã querem os com eçar cedo. A aventura nos aguarda!

Por algum m otivo, todos os olhos se voltaram para m im .

– Am anhã é terça – falei com algum pesar. – Eu preciso m esm o ir em bora.

O Sr. Telem akhos m e encarou por vários instantes.

– Você não pode vir até aqui e não ver onde isso tudo vai dar. Pode?

– Aonde *o que* vai dar? – indagou Nick. – O rastro das am azonas?

Nosso anfitrião encarou nós três com um olhar apertado e m isterioso.

– Vou contar a vocês o que os cientistas dizem sobre todas as pequenas partículas do Universo: não posso lhes m ostrar onde elas estão, só posso lhes m ostrar onde *estavam*. Se há um a coisa que aprendi nos últim os trinta anos é que, quanto m ais você tenta encontrar as am azonas, m enos elas querem ser encontradas.

A curiosidade e o dever travavam um a batalha dentro de m im . Eu estava desesperada para ficar em Micenas até extrair o últim o fragm ento de inform ação do Sr. Telem akhos e louca para ver aonde ele queria nos levar e por quê. Mas sabia que não podia. Já era ruim o bastante ter abandonado m eus alunos por m ais de um a sem ana; adiar m ais ainda m inha volta seria im perdoável.

– Desculpem , não posso m esm o – falei, com um suspiro. – Eu *preciso* estar em Oxford am anhã à noite.

O pessim ism o tem porário do Sr. Telem akhos deu lugar a um sorriso deliciado.

– Am anhã à noite? Ora, excelente! Farem os nossa excursão pela m anhã e você pode pegar um voo à tarde.

– Mas eu preciso m esm o... – com ecei.

– *Stamata!* – Em um raro acesso de irritação, o Sr. Telem akhos ergueu a m ão para m e silenciar. – Eu sei do que você precisa, Diana Morgan. E prom eto que vai ter.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

MICENAS, GRÉCIA A em polgação de Mirina ao ver Lilli com vida e aparentem ente ilesa foi tão grande que Enéas teve de pousar a m ão em seu om bro para alertá-la.

– O rei disse que essa m enina é a única coisa útil que o filho trouxe da viagem – sussurrou o troiano, traduzindo o odioso diálogo que acontecia na corte real, enquanto segurava Mirina da m elhor m aneira possível. – Segundo o rei, ela fala com a voz de um espírito, e o que ela diz se realiza. Parece que ela previu nossa visita, disse que am igos chegariam .

Ávido para fazer um a dem onstração, o rei Agam enon m andou o criado percorrer o recinto com Lilli para ela poder tocar a palm a da m ão dos convidados e ler seu futuro. Ao observar a irm ã com os olhos estreitados, Mirina pôde ver que ela não estava em seu estado norm al. Não conseguiria se equilibrar se o criado não estivesse ali para am pará-la. Mesm o assim ela sorria, com o se nada de m uito terrível a houvesse acom etido, e as previsões que fez para os chefes gregos reunidos em volta da fogueira do rei, pelo visto, foram boas, pois sem pre que o criado as traduzia o indivíduo em questão exibia um ar

satisfeito.

Ao chegar perto dos troianos, Lilli concedeu ao com panheiro que estava à esquerda de Páris – cuj o nom e era Dares, e cuj o físico, de tão avantaj ado, m al cabia no banco – a m esm a atenção e delicadeza com que presenteara a todos os outros. Sua expressão foi m udando ao tatear as linhas de sua m ão im ensa.

Acabou se fixando em um sorriso.

– O senhor é um hom em de grande coragem – disse Lilli, e Mirina então percebeu que a irm ã falava a língua que as duas haviam aprendido no Tem plo da Deusa da Lua. – A sua glória viverá para sem pre. Daqui a m ilhares de anos, os hom ens ainda irão pronunciar seu nom e com adm iração.

Dares deu um a risadinha e lhe respondeu diretam ente, antes m esm o que o criado traduzisse.

– Eu teria m e contentado com um a vida feliz, m as obrigado m esm o assim .

Lilli fez cara de surpresa, em seguida soltou sua m ão e virou-se para Páris.

– E o senhor? – falou, cam baleando de leve. – Gostaria de saber o seu futuro?

– Será que é bom para um hom em conhecer o próprio destino? – perguntou o príncipe, m as, m esm o relutante, lhe estendeu a m ão. – Não tenho certeza.

Lilli correu os dedos por sua palm a com o tinha feito com Dares e o seu sem blante tornou a adquirir um a falsa expressão de am abilidade. Não dem orou m uito, porém , para isso m udar: prim eiro seu cenho franziu de incredulidade, em seguida ela expressou o m ais puro e sim ples assom bro.

– Mirina! – exclam ou, com alegria estam pada no rosto. – Mirina?

Ergueu a m ão até a face de Páris e tateou com um horror crescente a barba que havia com eçado a despontar durante o dia, com o a se perguntar que m oléstia deform adora havia acom etido a irm ã. Então, sem dizer m ais nada, seus olhos cegos se reviraram nas órbitas e ela desabou aos pés de Páris, com a cabeça sobre o seu colo.

O incidente provocou um a explosão de risadas dos hom ens em volta.

– Está vendo? – Agam enon parecia m uito satisfeito ao deixar de falar grego para provocar seu convidado. – Um pequeno e encantador oráculo. Ela consegue olhar dentro do coração dos hom ens. – Ele ergueu o cálice para Páris. – E nós agora sabem os o que existe dentro do seu.

Páris se rem exeu no assento, pouco à vontade, sem saber com o acom odar o corpo desfalecido de Lilli.

– Que m enina intrigante – concordou. – Gostaria de vê-la fazer isso na corte do m eu pai. Ela poderia aj udá-lo a ler o pensam ento das esposas.

O rei riu e se recostou na cadeira.

– Isso nem os deuses conseguem fazer. Mas na próxim a vez que o seu pai vier nos visitar, m andarei a m enina ler o seu futuro.

– Ele iria gostar – falou Páris. – É um hom em de gostos bem diversos. Na verdade, tive de navegar até o fim do m undo para lhe trazer este lindo presente.

Ele acenou para Dares tirar algo de um a sacola de couro.

– Tenho certeza de que vai assom brar até m esm o ele. O senhor j á viu algo parecido?

O obj eto foi passado com reverência pelo círculo de convivas até ir parar nas m ãos de Agam enon. Era um a m áscara de ouro, gravada com os traços de um a barba m asculina e dotada até de orelhas e de um nariz protuberante.

– Magnífica, não? – Páris observou com atenção o rei adm irar a m áscara. – Puro ouro egípcio. Mas, na verdade, m e pergunto se a sua pequena vidente não seria um a diversão ainda m aior para o m eu pai.

O rei arqueou as sobrancelhas peludas.

– Quer trocar *isto* por aquela bruxinha?

Páris hesitou.

– Talvez não. No entanto... fui incum bido de com prar escravos para casa, não de voltar com j oias inúteis. – Ele gesticulou outra vez para Dares tirar algum a

coisa do saco, dessa vez um par de brincos de ouro na form a de libélulas. – Minha m ãe sem pre reclam a que tem m ais ouro do que consegue carregar e que lhe faltam m ãos para aj udar a colocá-lo.

– Um a triste situação – concordou o rei, espiando os brincos do outro lado do recinto. – Que tipo de escravos para casa está procurando?

Páris se inclinou para trás com um ar contem plativo, as m ãos ainda pousadas sobre a cabeça de Lilli.

– O seu relato sobre essas m ulheres m e diverte. Desconfio que m inha m ãe gostaria de se cercar de criaturas tão exóticas. Ela nunca apreciou m uito as m ais tem erosas e recatadas...

– Não diga m ais nada! – Com a m áscara de ouro ainda sobre os j oelhos, o rei levou as m ãos ao alto. – Elas são suas. Todas elas. Sete, m ais a m enina. Ficarei feliz em m e livrar de sua carrancuda presença...

Um súbito clam or silenciou o rei e Mirina viu o abom inável príncipe ir até o pai e se opor com veem ência ao acordo.

Após um diálogo breve, porém ríspido, Agam enon tornou a se virar para os troianos, com os braços estendidos em um pedido casual de desculpas.

– Eu falei sete? Na verdade, são seis. Seis, m ais a m enina. Ao que parece, m eu filho se afeiçoou a um a delas, e que pai pode negar um brinquedo ao seu prim ogênito?

Assim que o acordo foi feito, Páris acenou para que Mirina e Anim one tirassem Lilli do seu colo e a levassem para fora. Sua expressão foi de absoluta indiferença, com o se tudo aquilo não passasse de um a diversão tem porária, j á quase esquecida. No entanto, a expressão em seus olhos quando Mirina se aj oelhou para pegar a irm ã era tão som bria, tão cheia de palavras não ditas, que ela soube que ele estava tão ansioso quanto ela para reunir todo m undo e voltar para os navios antes que Agam enon m udasse de ideia. Só que o protocolo exigia que os hom ens perm anecessem sentados, saboreando bolo de m el e ouvindo m úsica, até o rei se cansar de sua com panhia e lhes dar adeus.

Enquanto isso, no pátio lá fora, o crepúsculo rosado se transform ava em um a noite opaca. Mirina desceu a escada devagar e insistiu em carregar Lilli sozinha

enquanto Anim one ia na frente. Nenhum a das duas se atreveu a abrir a boca antes de chegar à segurança do terraço inferior, onde Pitana veio cum prim entá-

las com um aceno nervoso.

– Egeia saiu para fazer um reconhecim ento e ainda não voltou – sibilou ela.

Som ente então reparou no corpo flácido nos braços da com panheira. – Quem é essa?

– Lilli. – Mirina se aj oelhou e pôs a irm ã no chão com cuidado. – Acho que eles a drogaram . Mas espero que ela volte a si em breve.

Ao ver a expressão alarm ada de Pitana, Mirina e Anim one se apressaram em narrar os acontecim entos que lhes haviam perm itido levar Lilli em bora assim sem m ais, sob os auspícios do rei ávido por ouro. E, quando Egeia finalm ente voltou, suada devido ao esforço de passar despercebida e anim ada por ter ouvido a notícia da negociação das m ulheres escravizadas, contou que a novidade j á tinha se espalhado pelo palácio.

– Está havendo grande confusão – disse ela, tirando com gestos ansiosos o lenço que trazia em volta da cabeça. – Até onde pude constatar, j á se espalhou a notícia de que algum as das escravas serão levadas em bora por novos senhores, e todas as outras estão m uito encium adas.

– Você por acaso descobriu o nom e da escrava que conquistou o filho do rei?

– indagou Mirina. – Pois ela é a única que terá de ficar.

Egeia fez que não com a cabeça.

– Mas eu vi o lugar em que ele a m antém . Quero dizer, vi a porta e o guarda postado na frente. Um a velha senhora que conhecia nosso idiom a m e deu a entender que o príncipe entra e sai sem pre que tem vontade, de dia ou à noite, e que infelizm ente o que todos escutam ... – Ela se deixou cair sobre um degrau de pedra. – Não tinha m e dado conta de que atrás daquela porta estava um a das m inhas irm ãs. Que destino terrível. Parece que as m ulheres que ele tranca naquele quarto nunca saem de lá vivas.

Sua angústia só se dissipou quando os troianos voltaram , pois entre eles cam

inhavam seis m ulheres de braços am arrados, m as com os sem blantes acesos e radiantes de esperança. Quando elas reconheceram as quatro irm ãs, todas com as m ãos pressionadas sobre a boca para im pedir um grito, correram direto para um abraço m udo, um ninho de braços entrelaçados que se adensava a cada corda que os troianos cortavam .

Só quando todos j á haviam deixado os portões do palácio bem para trás foi que as libertas se atreveram a falar. A j ulgar pelos olhares nervosos, nenhum a tinha dúvidas de que os hom ens de Agam enon viriam atrás delas de lanças em punho, para frustrar sua liberdade. Desceram a colina e atravessaram as ruas em seu sopé com passos tão aflitos que quase ultrapassavam a velocidade dos cavalos.

De volta à segurança da planície de Argos, foram recebidas pelos cavaleiros que Páris tinha posto ali caso fossem necessários quando eles voltassem . O corpo desfalecido de Lilli foi entregue com cuidado ao parrudo Dares, e o restante das libertas foi rapidam ente distribuído entre os outros hom ens m ontados. Pouco se ouviu a não ser as óbvias exclam ações de gratidão. Mas o que havia a dizer, afinal? Elas estavam livres e felizes por isso. Som ente um a tivera de ficar para trás.

Kara.

Nessa noite, nenhum a das sacerdotisas conseguiu dorm ir. Após um a refeição tardia e m uitos agradecim entos, os troianos lhes deram boa-noite e desceram para descansar antes da partida, no raiar do dia.

– Tem os m esm o de ir em bora tão depressa? – indagou Mirina a Páris, seguindo-o até o convés. – Seus hom ens devem estar cansados...

– Meus hom ens querem ir em bora daqui tanto quanto vocês – disse ele, erguendo o lam pião para ela poder ver seu rosto. – Foi tudo fácil dem ais. Os gregos ou seus deuses cium entos em breve irão lam entar nossa sorte.

Mirina chegou m ais perto.

– Com o poderei algum dia lhe agradecer?

Páris estendeu a m ão e tocou seu rosto.

– O que você m e deve e o que eu devo a você são assuntos im portantes dem ais para um breve boa-noite. Não concorda?

Ela apoiou a face na sua m ão.

– Depois do que o senhor fez por m inhas irm ãs, estou decidida a agradá-lo de todas as form as possíveis.

– Não é um a decisão sensata. – Páris tocou seus lábios. – Pois os m eus bons m odos estão quase se esgotando.

Dito isso, ele virou as costas e desceu em passo acelerado a escada do convés.

Mirina voltou às irm ãs e as encontrou todas reunidas, conversando aos sussurros sobre o destino da pobre Neeta, que sucum bira à crueldade, e sobre a terrível situação de Kara, ainda viva. Apesar de felizes por terem escapado ao seu destino de escravas, o alívio das libertas estava tem perado pelo arrependim ento de não terem conseguido salvar as outras duas.

– O orgulho de Kara estim ulou o príncipe – disse a liberta Klito, cuj o aspecto anterior tão saudável e tão pronto para a aventura havia sido substituído por um a expressão sofrida. – Os gregos não conseguem tolerar m ulheres que lhes dizem não. Ele com certeza a teria j ogado ao m ar no prim eiro dia caso a tripulação não estivesse rindo da sua cara. Assim , preferiu espancá-la até ela perder os sentidos, e... – Ela balançou a cabeça, engolindo os detalhes. – Mas vocês todas conhecem Kara. Depois de se recuperar, ela tornou a lhe dizer não, chegou a cuspir em seu rosto. Desde então, ele ficou obcecado por dom iná-la.

Nesse m om ento, Lilli se m exeu no assento ao lado de Anim one, porém voltou a ficar inconsciente.

– Foi um m ês cruel – falou Mirina, sentando-se no chão aos pés da irm ã, tão suj os e castigados quanto naquele dia m uito distante em que as duas haviam chegado ao Tem plo da Deusa da Lua. – E duvido que os deuses tenham term inado de nos castigar.

Ela olhou em volta para cada um a das com panheiras.

– Preciso lhes fazer um a pergunta: se form os em bora sem Kara, será que algum dia conseguirem os chegar a outro lugar?

A única a sustentar seu olhar foi Egeia.

– O que está propondo? – perguntou ela.

Mirina não respondeu, então ela se inclinou para a frente com um m ovim ento abrupto.

– Você perdeu o j uízo? Você viu aquele lugar! Vou lhe dizer um a coisa: Kara não teria voltado *por nós*. E principalm ente não *por você*.

Mirina deu um suspiro, e sua cabeça pendeu com o peso de todos aqueles problem as. Ela então se endireitou e disse a Egeia: – Se você estivesse tentando m e convencer a partir, não poderia ter usado um argum ento m ais convincente. A única coisa que m e retém é o perigo, não para m im ou para quem tiver a coragem de ir com igo, m as para os hom ens que salvaram todas nós... e estão dorm indo lá em baixo. Se fracassarm os e perecerm os, terá sido a nossa própria decisão. Mas eles não foram consultados, e não deveriam se tornar reféns de nossa sorte ou infortúnio.

– Mesm o agora, você só está pensando *nele*, não em nós – disse um a voz am argurada.

Pasm a, Mirina virou a cabeça e encarou Anim one, que nunca antes havia se oposto a ela na frente das outras.

– Se eu não pensasse nas m inhas irm ãs, não estaria sentada aqui propondo um a m issão im possível – falou, com a voz rouca de tanta decepção.

– Por que não? – Anim one espichou o queixo; tinha os olhos verm elhos de em oção e cansaço. – Que form a m elhor de garantir a adm iração *dele* do que se lançar em outra caçada insana?

– Chega! – Mirina se levantou, as pernas exaustas. – Vam os dorm ir, todas nós, antes de sufocarm os com nosso próprio veneno.

Em bora sua vontade fosse gritar de frustração, ela se retirou o m ais silenciosam ente possível. Lá fora, longe dos olhares que a encaravam , foi até a am urada e encheu os pulm ões com o ar da noite. Elas haviam chegado tão longe, conquistado tantas coisas... m as m esm o assim ela sentia o sabor am argo da derrota. Em algum lugar daquela escuridão, depois da planície de Argos, um a m

ulher cuj o rosto ela conhecia estava sendo m orta de m aneira vagarosa, porém certeira, por um hom em que deveria ter sido abatido há m uito tem po caso algum a m isericórdia existisse no céu.

– Então, qual é o plano? – indagou Pitana, indo se apoiar na am urada ao seu lado. – Ainda faltam algum as horas para o sol nascer.

– Ninguém precisaria saber – disse outra voz atrás delas. – Tem um j eito de passar pelos guardas do palácio.

Mirina se virou e viu Klito em pé ao seu lado, com as faces encovadas ainda m ais visíveis no escuro.

– Você voltaria lá? – perguntou-lhe. – Depois de enfim escapar?

Klito fez que sim com a cabeça.

– Se algum a escrava do palácio estiver por lá, ver um rosto conhecido vai acalm á-la. Todas odeiam seus senhores.

– A cam inhada é longa.

– Não tão longa quanto o resto da m inha vida. – Klito tentou sorrir, m as sua boca tinha esquecido com o fazê-lo. – A não ser que ela acabe hoj e.

Mirina m ordeu o lábio.

– Se algo sair errado, se alguém nos vir... não poderem os voltar para este navio. Vam os ficar longe das outras, talvez para sem pre.

– Ora, pensem um pouco – interpôs Pitana. – Todos suporiam que ela fugiu sozinha. Ninguém acusaria os troianos de tam anho ato de loucura.

– Talvez não. – Mirina respirou fundo. – E tem razão, é m esm o um a loucura.

Mas às vezes a loucura é o único cam inho para avançar. Vam os...

Ela se calou quando a sentinela noturna passou.

– Era Ideu – sussurrou Pitana. – Vou pedir que Brianne o distraia. O pobre hom em tem um a queda por ela.

Um a vez tom ada a decisão, as três deixaram qualquer escrúpulo de lado e passaram a pensar apenas na m issão que tinham pela frente. Precisariam estar arm adas, é claro, m as sem carregar m uito peso. Após algum debate, Mirina optou por levar o m achado de fio duplo pego em Creta em vez de sua lança.

– Ele é m uito útil, um a vantagem para quem tem os braços fracos – explicou ela a Klito.

Não m encionou de onde viera o m achado, nem sua desconfiança de que talvez aquela tivesse sido a m esm a arm a que m atara Neeta.

– Mas os seus braços não são fracos – contrapôs Pitana, pondo a alj ava nas costas. – No m ar, quando você disputou um a queda de braço com Páris, eu vi o suor na testa dele.

Mirina fingiu estar ocupada am arrando as sandálias. Por diversão, Páris a deixara pensar que estava ganhando. Ela em purrara sua m ão até esta ficar a centím etros da m esa... então ele dera um a risada e forçara a m ão dela até pousá-la com delicadeza sobre a as tábuas de m adeira, por baixo da sua. E até esse instante a única pessoa a suar fora Mirina.

– Sim , sim – m urm urou ela, apenas, lutando para tirar da cabeça qualquer pensam ento sobre Páris. – Os guardas do palácio são outro tipo de criatura. A m aioria dos hom ens é assim . Até os gordos e preguiçosos têm m ais força nos braços do que nós. A natureza os fez assim , presum o, para que pudessem nos dom inar com m ais facilidade. De que outra form a a raça hum ana conseguiria se reproduzir? E é por isso... – Ela enfiou o m achado no cinto e o deixou pendurado pela cabeça dupla. –... que vocês nunca devem estar ao alcance de um hom em , a m enos que saibam com o com pensar essa inj ustiça da natureza.

Klito espiou o m achado com invej a.

– Eu poderia ter usado isso aí m uitas vezes. E pensar que antes ansiava pelo toque de um hom em . – Ela fez um a careta. – Com o você diz, a natureza nos provoca com as nossas fraquezas.

Mirina segurou Klito pelos om bros.

– Não é um a provocação. É um desafio.

Um a vez prontas, as três desceram a passarela até o cais deserto, olhando para trás de vez em quando para ter certeza de que o vigia noturno, Ideu, continuava entretido com Brianne. Assim que Mirina pensou que tivessem conseguido escapar com segurança, porém , ouviu pés correndo atrás dela.

Virando-se com um arquej o de culpa, ficou aliviada ao ver que era Anim one.

– Por favor! – disse ela, ofegante. – Quero ir com vocês.

Mirina apenas aquiesceu e levou um dedo aos lábios.

Enquanto elas atravessavam outra vez a planície de Argos, agora sem a vantagem dos cavalos, ela fez um grande esforço para superar a própria incerteza. Ali estavam , discutindo com o entrar no palácio sem serem vistas e, se preciso fosse, m atar os guardas. Menos de um ano antes, essas m esm as m ulheres – Pitana, Klito e Anim one – eram tão m edrosas que m al tinham se atrevido a ir com ela até o subsolo do tem plo ver a cobra m orta no fosso...

– Não se preocupe – disse Klito enquanto corriam , com o se lesse os pensam entos de Mirina. – Qualquer um que tenha visto e sentido o que eu vi e senti está pronto para brandir esse seu m achado, acredite.

Atrás delas, Anim one concordou com um arquej o.

– Passei todas as últim as sem anas im aginando o que faria com o porco que...

– Ela se interrom peu com um grunhido. – Para o seu próprio bem , espero que ele não tente nos im pedir.

As palavras fizeram o rosto de Mirina se contrair, m as ela não tentou dem over as am igas, que se instigavam m utuam ente com visões de vingança.

Não tinha passado pela m esm a coisa que as outras; podia apenas im aginar o tam anho de seu ódio.

Foi só quando elas chegaram a Micenas que Klito e Anim one retornaram a um silêncio que deixava claro seu nervosism o. À luz pálida da lua m inguante, a residência do rei Agam enon parecia m ais do que nunca um am ontoado espectral de cogum elos venenosos. Vê-la fez o estôm ago de Mirina revirar.

Tom ando coragem , ela subiu o cam inho em direção ao grande portão de pedra... m as se deteve quando Klito pôs a m ão em seu braço e sussurrou: – É aqui que devem os pegar o outro cam inho. O santuário onde Lilli depositou seu chacal em nom e de todas nós fica ali em cim a, perto do topo. – Ela apontou para a encosta da colina, à esquerda do palácio. – Existe um cam inho secreto desse lugar sagrado até a cozinha do palácio, por um buraco no m uro do j ardim .

Os senhores não sabem , claro, m as as escravas o usam o tem po todo para escapar e fazer oferendas aos deuses na esperança de conseguirem se libertar deste lugar.

Enquanto elas seguiam Klito encosta acim a, Mirina ouviu Pitana sussurrar, incrédula: – Se podiam sair do palácio com tanta facilidade, por que não fugiram ?

– E para onde iríam os? – rebeteu Klito, abrindo os braços com o se desej asse ressaltar que havia apenas colinas desoladas em volta. – Viver na natureza, onde eles se deleitariam nos caçando?

– Que gente m á, m á, *má* – cuspiu Anim one.

Mais um a vez Mirina ficou calada, m as um olhar dem orado de Pitana lhe inform ou que ela não era a única a ter percebido o paradoxo. Suas irm ãs escravizadas tinham sido coraj osas o bastante para sair do palácio sem serem vistas e rezar pela salvação, m as não coraj osas o bastante para fugir. Mas afinal, com o Mirina sabia m uito bem , o que m atava a presa era perder as esperanças, perder a força para lutar. Talvez esse, m ais do que tudo, fosse o m otivo pelo qual ela não queria deixar Kara para trás: Kara nunca havia deixado de acreditar que deveria ser livre.

A passagem secreta para a cozinha do palácio seguia por um canteiro com ervas, colm eias de abelhas e árvores frutíferas. Mesm o naquela época do ano, bem longe da plena atividade do verão, o lugar estava tão bem cuidado e repleto de arom as deliciosos que era difícil conciliar sua beleza com a brutalidade dos gregos.

– Por aqui! – sussurrou Klito, abaixando-se para passar por dentro de um a sebe espinhosa. – Silêncio!

Elas seguiram algum tem po abaixadas no m eio dos arbustos, à espera de qualquer sinal de alguém trabalhando na ala dos criados. Na escuridão do céu, um pássaro soltou um grasnado de alerta. Mais em baixo, roedores se agitaram na pilha de esterco. Tirando isso, tudo era silêncio.

De quatro, Klito se esticou para espiar pela quina a pequena construção do outro lado do pátio da cozinha, onde Kara era m antida prisioneira. Em seguida, com um arquej o anim ado, tornou a se esconder e sussurrou: – O guarda saiu. Isso significa que o príncipe está lá dentro com ela.

– Ah, não! – Anim one se rem exeu sobre o solo úm ido, nervosa. – E agora?

– Esperem aqui.

Klito se levantou e se esgueirou pelas som bras do arbusto até sum ir de vista.

Quando voltou, seus gestos anim ados fizeram as outras entenderem que trazia boas notícias.

– Nenhum barulho – disse ela. – Devem estar dorm indo.

– Ah, não – tornou a dizer Anim one.

– Ah, sim – contrapôs Pitana, puxando a faca do cinto. – Pode ser que o príncipe nunca m ais acorde.

– Espere. – Mirina segurou Pitana. – Não podem os entrar todas. Quatro pessoas, m esm o silenciosas, fazem um barulho considerável. Klito e eu vam os, e vocês duas ficam aqui.

– Mas se a porta estiver trancada... – protestou Pitana.

Klito cobriu o rosto com o lenço.

– Tem um a j anela. É pequena, m as fica sem pre aberta. Com o a construção é afundada no chão, um a pessoa m agra do lado de fora deve conseguir entrar, m as ninguém consegue sair se estiver dentro: a j anela fica m uito acim a do chão.

Depois de se aproxim ar com cautela pelas som bras, Mirina chegou à porta e tentou em purrá-la. Para seu alívio, esta logo cedeu à sua pressão. Ela olhou para

Klito e viu que as duas estavam pensando a m esm a coisa: talvez aquele pequeno sinal de descuido fosse indício de um hom em inconsciente de tão bêbado.

No início, Mirina não conseguiu ver nada dentro do quarto, m as, depois de piscar algum as vezes, seus olhos se acostum aram ao estreito facho de luar que entrava pela j anela aberta. O que viu confirm ou aquilo que seu olfato j á havia lhe inform ado: a presença de dois corpos deitados a esm o sobre os próprios fluidos.

Deitados na m esm a cam a, as silhuetas poderiam ter passado por dois am antes... não fosse o fato de o príncipe, ferrado no sono, repousar sob o conforto de um a pele de carneiro, enquanto Kara, a bem -nascida Kara, filha de um chefe tribal, estava deitada nua ao seu lado, com os braços am arrados por grossas cordas a um a das colunas da cam a.

Meneando a cabeça para Klito ficar de olho na porta, Mirina desfez seu lenço e seguiu na frente, pé ante pé, para ir acordar a desafortunada irm ã. Para sua surpresa, encontrou os olhos de Kara j á abertos. Ela encarava o teto sem expressão. Com um a pontada de pânico, Mirina estendeu a m ão e buscou pulso no pescoço frio e pegaj oso.

Kara ainda estava viva.

Só quando Mirina tocou seu rosto ela piscou e virou a cabeça. No entanto, em bora tivesse olhado bem para ela, não deu qualquer sinal de reconhecim ento.

Na verdade, não deu sinal de nada.

Mirina tentou sorrir.

– Sou eu, sua irm ã Mirina. Nós viem os salvá-la. Venha...

Mas assim que ela pegou a faca para cortar as cordas, Kara se encolheu de m edo e com eçou a soluçar.

– Shh! – Mirina pressionou um a das m ãos sobre sua boca. – Quieta.

Mas o seu pedido surtiu o efeito contrário e, assim que se viu com as m ãos soltas, Kara com eçou a em purrar e estapear Mirina com toda a força de que foi

capaz.

– Vá em bora! Não quero você aqui! Vá em bora!

– Fique quieta! – silvou Mirina, puxando os braços que não cooperavam . – Vam os! Rápido!

– Não! – Kara gritou a palavra a plenos pulm ões, curvando-se na cam a de onde não devia sair fazia m uitos dias. – Me deixe em paz!

Por fim , o príncipe acordou.

Sentou-se na cam a e ficou olhando para a escuridão até distinguir as três m ulheres, agora im óveis feito pedras, e reparar na nesga de luz que entrava pela porta entreaberta. Então, com um rugido, estendeu a m ão para o chão e tentou pegar a arm a. Agindo com o m esm o instinto que teria diante de um predador no ataque, Mirina puxou o m achado do cinto e o atirou em cim a dele com toda a força de seu m edo.

O golpe acertou o príncipe bem no m eio do peito e o lançou ao chão. Seus últim os gritos não passaram de um derradeiro chiado anim al.

– Desgraça!

Mirina não teve certeza se proferira aquela palavra em voz alta ou se apenas em pensam ento. Seu plano de entrar e sair sem deixar vestígio caíra por terra. Se fosse outro o cadáver, elas poderiam tentar escondê-lo, m as aquele era o filho do rei Agam enon.

– Vam os! – instou ela às outras. – Rápido!

– Espere – falou Klito, em pé ao seu lado, de lança em punho. – Tem os que nos certificar de que ele m orreu. – Ela se curvou m ais perto e cutucou a vítim a. – Seu verm e noj ento... sabe qual é a punição por m acular um a sacerdotisa?

Foi então que Kara despertou de seu estado de catatônico.

– Parem ! – gritou ela, tentando arrancar a lança das m ãos de Klito antes de acrescentar, com um pouco de atraso: – Por favor, não o m achuquem ...

– Chega disso! – Mirina passou por cim a do corpo e arrancou o m achado de seu peito.

Ao fazê-lo, constatou que não havia necessidade algum a da lança de Klito; ele estava m orto m esm o.

– Precisam os ir em bora antes que alguém descubra isso!

Sua retirada, planej ada para ser silenciosa e repleta de alegria, foi o contrário. Lam entando a m orte súbita de seu captor, Kara no princípio se recusou a deixar o quarto, cuspindo xingam entos para as irm ãs. Em seguida, quando estas decidiram ir em bora, Kara saiu correndo atrás das outras gritando de pânico.

– Fique quieta! – ordenou Klito e segurou a cabeça e a boca de Kara entre as duas m ãos, louca para silenciá-la. – Vai acordar todo m undo...

Mas j á era tarde. De volta ao arbusto onde Anim one e Pitana haviam ficado escondidas, elas toparam com um grupo de pelo m enos doze escravas, todas m ulheres, entretidas em um a furiosa troca de sussurros e gestos.

– Acho que elas querem ir conosco – explicou Pitana com um a careta.

– Diga que não podem – falou Mirina para Klito, que afirm ava ter aprendido um pouco do idiom a grego durante seu breve cativeiro. – Diga apenas que elas serão caçadas e m assacradas vivas.

Sem esperar Klito transm itir a m ensagem , Mirina seguiu em frente pelo canteiro de ervas arrastando consigo Kara, ainda relutante e aos soluços.

Estava tudo confuso e ruidoso, e Mirina tem eu que em poucos instantes aparecessem hom ens para detê-las.

– Controle-se! – ordenou, am arrando seu lenço de cabeça em volta do corpo nu e trêm ulo de Kara. – Nós viem os salvá-la, e agora sua histeria pode nos levar à m orte.

Im aginando que elas fossem ser interceptadas pelos guardas do palácio, Mirina hesitou em frente ao buraco no m uro do j ardim , sem entender por que não havia ninguém ali. Com o não tinha m uita opção, em purrou Kara pelo buraco, depois foi puxando-a colina abaixo o m ais rápido que as duas conseguiam

correr.

Não dem orou m uito para ouvir vozes cada vez m ais altas atrás delas. Quando parou e se virou, viu que o grupo inteiro de m ulheres ainda as seguia, apesar das ardorosas tentativas de Klito de im pedi-las. Com um grunhido de frustração, esperou que elas a alcançassem e disse, o m ais alto que se atreveu: – Eu sinto m uito. Vocês não podem vir conosco. Fuj am , se quiserem , m as não tem os espaço para m ais ninguém .

– Por favor. – Klito lhe estendeu as m ãos unidas. – Eu conheço essas m ulheres. São todas boas e estão sofrendo. Será que nós não podem os...?

Mirina segurou a cabeça.

– Não podem os levar todas as escravas do palácio. Você quer com eçar um a guerra?

Klito se virou m ais um a vez para as m ulheres e lhes explicou da m elhor m aneira que conseguiu, m as as suas súplicas foram tão dignas de pena que até m esm o Pitana fraquej ou.

– Tem os m esm o de largá-las aqui? – perguntou ela entre os dentes. – Esses rostos vão m e assom brar para sem pre.

Mirina se em pertigou, com raiva ao sentir a lógica ser vencida pela em oção.

– Está bem . Se quiserem podem vir conosco. Mas digam que elas terão de seguir as regras da nossa irm andade. Não podem nunca m ais se deitar com hom ens, devem aprender a m atar em vez de am ar, e... – Ela fez um a pausa e inspirou fundo, decidida a inventar m ais algum a condição que com certeza desencoraj asse todas elas –... e terão de se subm eter a ter um dos seios cauterizado para poder m anej ar m elhor o arco.

Ela m eneou a cabeça com firm eza para todas.

– São essas as condições para se j untarem a nós. Então, quem vai querer vir?

A tradução de Klito arrancou um ganido horrorizado de todo o grupo, e nenhum a das m ulheres se adiantou.

– Foi o que pensei – concluiu Mirina e, satisfeita ainda que desanim ada, virou-se para ir em bora.

– Esperem ! – pediu um a m enina bem j ovem , ainda não um a m ulher, e deu um passo em direção a Mirina com os punhos cerrados de convicção. – Eu vou.

Mirina olhou para Klito, que encarava a m enina com o cenho franzido, com o se tentasse reconhecê-la, m as sem conseguir.

– Que sej a, então. – Mirina se virou para ir e fez um a careta para Pitana. – Pequena com o ela é, ninguém sequer vai se dar conta de que sum iu.

Elas chegaram de volta ao porto bem na hora em que o sol surgia a leste no céu, conduzindo sua carruagem dourada através do véu rosado da aurora. Mesm o a essa hora, o cais j á fervilhava de atividade. Os troianos traziam a bordo os últim os barris de água antes da partida e hom ens subiam e desciam a passarela correndo e gritando instruções.

Em nenhum m om ento ocorrera a Mirina que os barcos pudessem zarpar sem elas; na verdade, ao pensar na volta de Micenas, tinha im aginado um cais tão deserto quanto ao partirem , com as tripulações dos barcos ainda adorm ecidas.

Mas os m arinheiros de Troia estavam bem despertos, além de ocupados dem ais para dar atenção às m ulheres. A única a ser alvo de um ou outro olhar quando elas subiram a bordo foi Kara, que m ancava de exaustão após a travessia da planície de Argos e cuj a roupa im provisada era feita apenas de lenços.

Enquanto as outras a arrastavam passarela acim a, bem devagar para que não perdesse o equilíbrio, Mirina viu Páris no convés olhando na sua direção. De braços cruzados, ele parecia fazer força para se controlar, m as m esm o assim não disse um a palavra sequer, nem para sua tripulação nem para ela. Ficou apenas observando a aproxim ação das m ulheres com olhos que de repente deixaram Mirina fraca de tanta incerteza. Então, na hora em que elas pisaram a bordo, ele virou as costas e ordenou a partida.

PARTE IV

Z Ê N I T E

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Eu colhia flores frescas, que juntava em minhas vestes para levar até Palas Atena no brônzeo templo, quando ele me carregou pelos ares até seu inútil país, pobre de mim, transformada em troféu de guerra.

Eurípides, *Helena* NÁUPLIA, GRÉCIA O Sr. Telem akhos nos fez descer até o porto logo após o nascer do sol. Antes de entrar no carro, lem brei-o de sua prom essa de m e levar até o aeroporto naquela tarde.

– Sim , sim , sim – respondeu ele, abrindo-m e a porta de trás com um gesto brusco. – Sei que você tem coisas m ais im portantes a fazer.

O tom de desafio e m ágoa com o qual ele falou m e deixou constrangida por ter levantado a questão outra vez.

Seu barco, um veleiro de dois m astros cham ado *Penélope*, estava atracado em Náuplia, poucos quilôm etros ao sul de Micenas. A antiga cidade surgira em volta de um a península rochosa que se estendia até bem dentro do m ar Egeu. As lindas fachadas de cores vibrantes que seguiam o traçado em m eia-lua de sua costa faziam dela um lugar prezado por iates e navios de cruzeiro. Mesm o às sete da m anhã, o porto estava anim ado, cheio de m arinheiros aproveitando o sol e à procura de um lugar para tom ar café.

O *Penélope* era um a em barcação de m adeira com velam e de cor crem e, pelo visto fruto de m uito am or, com todas as peças de latão polidas a ponto de reluzir e todas as velas im aculadas.

– Este barco salvou m inha vida – disse o Sr. Telem akhos, dando alguns tapinhas na am urada m arrom -dourada enquanto subia a bordo na nossa frente. – Era do m eu pai. Ele praticam ente passou os últim os dez anos de vida m orando no barco. Eu nem sabia que ele ainda estava vivo, m as aí um dia ele apareceu na m inha cozinha bem na hora em que eu estava abrindo a carta.

– Que carta? – indagou Rebecca, aj udando-o a carregar os m antim entos para o barco.

O Sr. Telem akhos grunhiu e parou para equilibrar um a im ensa lata de azeite de oliva sobre a coxa.

– A carta dos oligarcas da adm inistração da escola dizendo que não precisavam m ais de m im . Vá tom ar cicuta, seu fóssil. Foi o que eles disseram .

Pegue o seu quadro-negro rabiscado e sum a daqui! Os j ovens de hoj e querem professores com controles rem otos.

Ele desapareceu debaixo do convés com o azeite, m as ainda pudem os ouvir sua voz ribom bante quando ele com eçou a rem exer na cozinha do barco.

– Então eu m e aposentei. E o m édico disse: olhe, agora que você virou esse fóssil, não pode m ais com er carne. Então parei de com er carne, e foi aí que tudo com eçou a dar defeito na casa de m áquinas. Quando m e dei conta... m inhas estantes tinham sum ido.

Enquanto o aj udávam os a trazer isto ou aquilo a bordo, tive de conter a im paciência. Por que estávam os estocando m antim entos para um a travessia do Atlântico quando iríam os apenas dar um pulinho costa acim a e voltar para Náuplia a tem po de alm oçar? Quando expressei m eu incôm odo a Rebecca, ela revirou os olhos e disse: – Será que você não consegue relaxar? Ele fez um esforço para nos receber; o m ínim o que a gente pode fazer é dar um a aj udinha. – Ela deu de om bros, ainda irritada com igo por ter insistido em voltar para casa. – Depois que você for em bora, a gente talvez saia de barco outra vez.

Enquanto Nick e o Sr. Telem akhos transportavam garrafas de água potável para algum lugar debaixo do convés, liguei para a portaria da m inha faculdade em Oxford e garanti ao porteiro que estaria de volta à m inha sala, pronta para receber alunos, dali a poucas horas. Bem quando eu desliguei, m eu pai telefonou.

– Desculpe fazer vocês passarem por essa situação – falei para ele. – Foi tudo m eio confuso, m as vou voltar para casa hoj e à noite.

– Pego você no aeroporto – falou ele com aquele seu m odo brusco, disfarçando a preocupação com um a arm adura verbal. – A que horas você chega?

Um barulho estridente de furadeira sob o convés m e forçou a descer do barco para o cais. Rebecca j á estava ali, sentada sobre um rolo de corda, estudando um m apa do litoral.

– Não sei bem – confessei, equilibrando-m e em um a âncora grande.

O contato com o m etal aquecido pelo sol da m anhã foi agradável, m as seria preciso bem m ais do que isso para aliviar m inha consciência depois de ter

deixado m eus pobres pais tanto tem po sem entender o que estava acontecendo.

Sabia que logo teria de confrontá-los com a m inha descoberta de que o caderno de vovó não era fruto da loucura que eles im aginavam . Sabia quanto eles ficariam transtornados. Na verdade, ocorreu-m e que talvez fosse bom tocar no assunto agora, a distância, para lhes dar tem po de se recom por antes de nos encontrarm os.

– O negócio é o seguinte – falei, com um a das m ãos pressionada diante dos olhos para afastar as distrações. – Sei que o senhor não gosta de falar nesse assunto, m as algum as sem anas atrás eu deparei com um a inscrição em um alfabeto desconhecido.

Quase pude ouvir m eu pai expirar de alívio, achando que no fim das contas tudo aquilo tinha a ver apenas com filologia.

– Só que na verdade ele j á foi decifrado. – Pigarreei, esforçando-m e para m anter a calm a. – Porque parece que vovó decifrou em algum m om ento. E ela escreveu tudo... naquele caderno.

Trinquei os dentes, preparando-m e para a reação dele.

Só que não cheguei a ouvi-la. Tudo o que escutei foi o grito assustado de Rebecca atrás de m im ... E então o celular foi arrancado da m inha m ão por um a m ulher esbelta que passou de patins em disparada.

Foi tudo tão rápido que eu não entendi que tinha sido furtada até reparar em m inha m ão vazia. Meu corpo, contudo, reagiu na hora.

Sem nem m esm o olhar para Rebecca, saí correndo atrás da ladra, que j á descia o cais com m ovim entos dignos de um esquiador olím pico. Ela decerto não percebeu que eu a estava perseguindo; só quando chegou ao passeio do porto e precisou dim inuir a velocidade por causa dos pedestres que atravessavam a pista olhou por cim a do om bro e m e viu logo atrás.

Com o eu estava correndo o m ais depressa que conseguia, não pude focar tão bem o seu rosto. Mesm o assim , tive a im pressão de que, depois da prim eira careta de espanto, ela chegou a m e exibir um sorriso de desprezo, que teve com o efeito renovar m inha indignação e m e fazer correr m ais depressa ainda.

– Pare! – gritei, torcendo para alguém entender o que estava acontecendo e deter a ladra.

Mas a m ulher foi passando sem esforço por todos os obstáculos, ganhando cada vez m ais velocidade. Depois de algum tem po, ela entrou num a esquina entre dois cafés e sum iu.

Quando cheguei à esquina, ela j á desaparecera fazia m uito tem po. Mas eu ainda não estava disposta a desistir. Segui em velocidade m áxim a pela estreita rua de pedestres à m inha frente, verificando cada beco lateral pelo cam inho. Ao ver que todos eram sem saída ou iam dar em íngrem es escadarias, concluí que a m ulher tinha passado direto e fora se encontrar com alguém em algum a rua m ais m ovim entada do outro lado.

Eu estava certa. Quando por fim alcancei um a praça ensolarada, logo avistei um Audi prata parado com o m otor ligado e o porta-m alas aberto. Junto ao carro, a m ulher que eu seguira desam arrava seus patins. Ela não estava sozinha. Do outro lado do porta-m alas aberto, outra m ulher em pé, usando um a roupa de m ergulho com o zíper aberto até a cintura, vestia calm am ente um a cam iseta.

O que eu deveria fazer? Seria capaz de enfrentar as duas sozinha? E o m otorista do carro, que gesticulava para am bas se apressarem ? Irritada com igo m esm a por tanta indecisão, m esm o assim com ecei a avançar em direção ao carro. Quando as duas m e viram , a ladra de patins fechou o porta-m alas com força na m esm a hora e as duas pularam no banco de trás, sem term inar de se vestir. Menos de um segundo depois disso, o Audi prata saiu à toda, cantando pneus, e m e deixou sozinha na praça deserta.

Ainda ofegante, com a cabeça latej ando por causa do fracasso, sentei-m e sobre um a lata de lixo virada para m e recuperar antes de enfim voltar para o veleiro, com as pernas tão pesadas quanto se houvesse corrido um a m aratona.

– Rápido! – exclam ou Rebecca, que m e aguardava im paciente no cais. – Tem os que cancelar sua conta de celular antes de ela fazer um m onte de ligações caras...

– Bex! – Pus um a das m ãos em seu om bro, m as logo a retirei quando notei quanto suara. – Não foi um furto aleatório. Isso foi planej ado. Por alguém bem longe daqui.

A testa de Rebecca se contraiu até form ar um a m onocelha nem um pouco bonita.

– Deixe de ser ridícula. Quem iria...? Por que alguém ...?

– Mais duas excelentes perguntas para acrescentar à m aior lista do m undo de perguntas excelentes – falei, subindo a bordo do veleiro bem na hora em que Nick aparecia, vindo de baixo do convés.

– Tem os que achar um a delegacia – insistiu Rebecca, ainda no cais.

– Para quê? Para passar cinco horas sentadas enquanto algum funcionário m al-hum orado anota o m eu endereço cheio de erros de ortografia em um form ulário de dez páginas que vai direto para o arquivo? – Balancei a cabeça, consciente de que Nick observava nós duas sem entender. – *Vamos embora*, pelo am or de Deus.

Pelo visto, Rebecca não estava disposta a deixar para lá, m as a presença de Nick a fez hesitar. Eu havia lhe contado sobre os telefonem as clandestinos dele e o Tesouro das Am azonas m ais cedo naquele dia e, em bora a sua prim eira reação tivesse sido exclam ar: “Que em oção! É um a caça ao tesouro. Pena que você vai voltar para casa”, ela não levara m uito tem po para concordar que algo ilícito estava acontecendo.

– Um a ladra – falei por fim , em resposta às sobrancelhas arqueadas de Nick.

– De patins. Levou m eu celular. Eu quase consegui pegar.

– Foi m esm o? – Ele correu os olhos por m inhas roupas desalinhadas e m eu rosto afogueado. – Você deve ser a filóloga m ais veloz do m undo.

– Não tão veloz quanto gostaria – falei, m ais séria do que pretendia. – Por favor, diga que estam os prontos para zarpar.

Depois de passarm os pelo tráfego do porto, vasculhei nossa pilha de bagagem em busca do casaco que Rebecca havia m e em prestado. A baía protegida e ensolarada de Náuplia nos enganara: assim que saím os dela, o frio vento do norte nos fez lem brar que, afinal de contas, era início de novem bro.

Foi nessa hora, quando fui procurar m eu protetor labial, que descobri a

verdadeira m agnitude do roubo sobre patins.

– Bex? – Levantei-m e, aj eitando o rabo de cavalo salpicado de sal. – Você viu m inha bolsa?

Na realidade nem era *minha*, m as um a bolsa de cam urça e franj as em prestada por Rebecca depois que a m inha sum ira no labirinto de Cnossos.

– Tinha certeza de ter colocado bem aqui – com entei.

Ao em barcarm os, eu prestara atenção ao enrolar a bolsa na j aqueta de piloto de Rebecca e enfiá-la debaixo da bolsa de viagem de Nick, de form a a escondê-

la m elhor. A bolsa de Nick e a j aqueta continuavam ali, m as a bolsa de Rebecca, não. Minha am iga tam pouco se lem brava de tê-la visto depois de partirm os do porto.

– Nick, você m exeu nestas coisas? – perguntei, cada vez m ais em pânico.

Mas Nick não se lem brava de sequer ter tocado na “bolsa hippie”, com o a cham ava. Enquanto Rebecca e eu estávam os no cais, ressaltou, ele estava dando duro debaixo do convés.

Talvez tenha sido o m ar batido ou o chocante confronto com m inha própria estupidez... m as de repente fiquei tonta. Apoiei-m e na am urada e tive que m e esforçar para não pôr para fora o om elete de presunto e linguiça que o Sr.

Telem akhos havia preparado para o nosso café da m anhã antes de o sol raiar. O

caderno de vovó estava naquela bolsa. E agora tinha sum ido.

– Dee? – Rebecca sacudiu m eu braço de leve. – Está tudo bem ?

– Claro! – Tentei rir. – Agora outra pessoa vai ter que pagar m inhas faturas de cartão de crédito. E o m eu passaporte estava quase vencido m esm o.

Apesar de m eus esforços para descontrair a situação, Nick não se deixou enganar. Ele não parava de olhar para m im com o se de certa form a esperasse m e ouvir despej ar algum a terrível confissão, com o que estava carregando m oedas de ouro roubadas costuradas no forro da bolsa.

Mal sabia ele que perder o caderno de vovó era m uito m ais devastador do que qualquer revés financeiro. Já era ruim o suficiente eu ter perdido a longa lista de palavras traduzidas; tam bém não conseguia m e livrar da sensação de que o caderno continha um m istério que eu ainda não tinha entendido, um a m ensagem secreta que ainda precisava encontrar. E que agora j am ais encontraria.

No m eu décim o aniversário, em um sábado ensolarado de abril, Rebecca chegou à festinha com um a hora de antecedência e o rosto verm elho de tanto chorar.

– Ele foi atropelado – choram ingara enquanto subíam os correndo a escada, para longe das bolas de encher e dos bolinhos que assavam no forno. – O Sr.

Perkins disse que não podia fazer nada. Então m eu pai cavou um buraco no j ardim , atrás do canteiro de m orangos.

Foi preciso que vovó pedisse com calm a algum as vezes até que Rebecca sentasse na poltrona e contasse de form a coerente a história da m orte de Spencer.

– Meu pai não quis nem m e deixar segurá-lo – foi a triste conclusão do apressado enterro do cachorro. – Nem falar com ele. Disse que eu precisava m e controlar porque... – Ela m al conseguia pronunciar as palavras. –... porque tudo acontece por um m otivo.

– Isso é errado – rebatera vovó; felizm ente, ela havia esquecido ou reprim ido seu desdém por Spencer. – A m orte é um teste. Ela nos força a lem brar que som os hum anos, não anim ais.

Apesar das rígidas instruções para nunca sair de casa sem m eus pais, vovó vestira seu roupão e levara nós duas até a residência paroquial. Entram os no j ardim sem serm os vistas, pela pequena ponte de m adeira que levava ao cem itério, onde Rebecca nos assegurara que não estaríam os visíveis da casa.

– Suponho que sej a aqui – cogitara vovó, parando diante de um pequeno círculo de terra recém -revirada com duas pás espetadas em cim a.

– É – concordara Rebecca, ainda aos soluços. – Ele está lá em baixo. Sozinho.

– Bem – falara vovó, soltando as pás. – Vam os desenterrá-lo.

Não m e ocorreu protestar. Ao ver a determ inação com que Rebecca com eçara a executar a tarefa, pus-m e a cavar tam bém , enquanto vovó, em pé bem do nosso lado, supervisionava tudo. Quando finalm ente vim os um tufo de pelos brancos, a m enos de dois palm os da superfície, vovó nos em purrou para o lado e desenterrou ela m esm a o resto do cachorro com as próprias m ãos.

– Tom e – falara, depositando o corpo flácido nos braços de Rebecca com a m esm a delicadeza com que teria tratado um bebê adorm ecido. – Agora você pode conversar com ele.

Então sentara ali m esm o, sobre o m ontinho de terra que acabáram os de form ar, e ficara aguardando.

Não tenho ideia de quanto tem po ficam os ali, esperando Rebecca parar de chorar. Eu tam bém chorara ao receber a notícia e depois, ao ver m orto o cachorro que conhecera tão bem . Passado algum tem po, entretanto, tudo em que conseguia pensar era Rebecca e se ela algum dia voltaria a ser m inha am iga feliz e engraçada.

Estávam os todas duras de frio quando ela finalm ente deu um suspiro fundo e falou: – Estou m uito cansada.

Ela ficara deitada no chão com Spencer no colo, m as então sentara devagar, tão pálida e exausta que pensei que fosse desm aiar.

– Muito bem – dissera vovó, a quem o chão úm ido não parecia afetar nem um pouco. – Agora vá buscar as coisas preferidas dele. A cam inha, o brinquedo de que ele m ais gostava, algo para com er...

– A coleira? – sugerira Rebecca, esforçando-se para focar os olhos inchados no rosto de vovó.

– Ele gostava da coleira?

– Sem pre ficava feliz quando a via – respondera Rebecca, com o queixo trem endo outra vez.

– Então vão, vocês duas – ordenara vovó. – Aj udem um a à outra e voltem o m ais rápido que conseguirem . Rápido, rápido, rápido!

Quando Spencer finalm ente foi posto para descansar em cim a de sua alm ofada azul, com seus obj etos favoritos em volta – todos pegos da casa enquanto o páro co e sua esposa estavam ocupados com um a privada entupida – Rebecca recom eçou a chorar, e eu tam bém . Só que era um tipo diferente de tristeza.

– Lem brem -se – falara vovó. – Vocês podem voltar aqui e falar com ele sem pre que quiserem . Mas agora ele precisa dorm ir um pouco. Abaixem a cabeça.

Obedecem os, e vovó recitou um a com prida fieira de palavras em um a língua estrangeira. Não entendem os nada, m as aquilo teve um estranho efeito tranquilizador. Ela então nos passou as pás e nos disse para encher a cova.

Quando term inam os, pegou um punhado de terra que esfregou em nossos rostos.

– Você está de luto – falara para Rebecca, em oldurando com as m ãos o rosto suj o de terra. – Mas fez a coisa certa.

Foi só quando passam os pela porta da frente da m inha casa que de repente m e lem brei da festa de aniversário. Alguns balões flutuavam a esm o e um cheiro de bolo de gengibre pairava no ar, m as um silêncio esquisito reinava na casa.

Um a pequena coleção de sacolas estava pousada no chão de laj otas debaixo do cabide de casacos, m as não dava para ver os presentes. Som ente então ouvi o relógio da sala bater as cinco. Os convites de aniversário com cavalos prateados em relevo diziam três da tarde.

Quando subíam os a escada, pé ante pé, m eus pais apareceram na porta da cozinha. Estavam am bos sérios e pálidos, m as não disseram nada, apenas nos olharam enquanto ficávam os ali paradas, suj as de terra, sem saber se subíam os ou se descíam os.

– Acho que foi tudo culpa m inha – dissera-lhes Rebecca com um a voz débil, m as firm e. – E peço desculpas. Sei que é... que é im perdoável, m esm o.

– Bem – dissera m inha m ãe, fechando m ais o xale à sua volta. – Por que não vêm com er um pouco de bolo de aniversário, m eninas?

Depois desse dia, não houve m ais conversas noturnas na sala, nem olhares irados de súplica de m inha m ãe para m eu pai... apenas silêncio. Um silêncio

dolorido, exausto, definitivo. E um a sem ana depois m eus pais com eçaram a frequentar reuniões em lugares distantes. Voltavam com panfletos e form ulários que tom avam cuidado para esconder de m im .

Mas eu sabia – toda criança com preende instintivam ente quando um adulto está sendo dissim ulado – aonde tudo aquilo levaria. Meus pais estavam se preparando para m andar vovó em bora para algum edifício im penetrável cheio de hom ens que nunca sorriam e grandes chaves de ferro, e eu nunca m ais a veria. Iriam am arrá-la a um a cam a e espetar agulhas em seu braço, e seria tudo culpa m inha... por deixá-la ser m inha am iga.

O único a não ser afetado pelo roubo foi o Sr. Telem akhos, que, com seu j eito teim oso, se recusava a aceitar que m inha bolsa fora roubada.

– Vai acabar aparecendo! – ele não parava de dizer, acenando com um a das m ãos peludas em referência aos assom brosos caprichos do destino. – Sem pre aparece.

Para esconder m inha infelicidade, j oguei-m e de cabeça em todas as tarefas que havia no barco e prom eti a m im m esm a pensar o m ínim o possível naquilo. A estratégia foi tão eficaz que levei m ais de um a hora para erguer a cabeça do que estava fazendo. Som ente então senti um trem or de suspeita. Se estávam os apenas subindo a costa, por que não se via nada em nenhum a direção além de um m ar azul e brilhante?

Cheguei perto do Sr. Telem akhos, que conversava e ria com Nick e Rebecca enquanto m anej ava o lem e.

– Com licença – falei, sentindo-m e de repente um a intrusa. – Aonde vam os exatam ente? Já são dez da m anhã...

O Sr. Telem akhos deu um sorriso afetado.

– Já disse: estam os indo para o lugar onde tudo term ina.

Continuei a encará-lo, exigindo m ais inform ações, então ele falou m ais alto, com o quem se dirige a alguém com problem as auditivos.

– Vam os para Troia. Eu a raptei, Diana Morgan. Durante os próxim os dias, vocês três serão reféns da m inha necessidade obsessiva de com panhia

inteligente.

Ficam os todos em choque diante daquela convencida confissão, o que o fez soltar um a estrondosa gargalhada.

– Daqui a dez anos, perguntem a si m esm os: será que ele era um pirata ou um anj o?

– Mas o senhor prom eteu... – com ecei, quase engasgando de tão indignada.

– Prom eti levá-la aonde você precisava ir – retrucou ele, m eneando a cabeça com o se nós dois concordássem os. – E é isso que estou fazendo. Além do m ais, de que adianta levá-la para o aeroporto se você não tem m ais passaporte?

Fiquei tão fula que poderia ter em purrado aquele hom enzarrão por cim a da am urada. Virei-m e para Nick.

– Pode m e aj udar a dar m eia-volta no barco? – perguntei, querendo que o Sr.

Telem akhos m e escutasse.

Após hesitar um segundo, Nick cruzou os braços.

– Não sou m arinheiro. Sinto m uito.

Algum a coisa em seus olhos m e disse que ele estava m entindo. Devia ser a satisfação m arota disfarçada em seu pedido de desculpas.

Olhei para Rebecca, que guardava um estranho silêncio.

– Por favor, explique para o seu am igo... – Meneei a cabeça para o Sr.

Telem akhos. –... que isso é absolutam ente inaceitável.

A expressão atônita da m inha am iga se transform ou em irritação.

– Você acha m esm o que ele não sabe disso?

Ela lançou um olhar raivoso para o Sr. Telem akhos, que reagiu com um sorriso indiferente, com o se a nossa discussão não passasse de um canto de pássaro para os seus ouvidos.

– Bex, a cada dia que não cum pro m eus com prom issos em Oxford, um ciclope cham ado professor Vandenbosch arranca m ais um pedaço da m inha carreira – falei, lutando para controlar o desespero.

Rebecca desviou os olhos, parecendo j á aceitar seu destino de raptada.

– Pelo m enos *você* tem com prom issos. Isso deve ser m aravilhoso.

Ao perceber que estava sozinha na m inha ira e que nem Rebecca nem Nick iriam m e aj udar a convencer o Sr. Telem akhos a voltar para Náuplia, deixei-os ali e cam inhei a passos largos até a proa do barco. Poucas vezes m e sentira tão im potente. Não queria que eles m e vissem quase chorando de tanta frustração.

Era verdade que eu não poderia em barcar em avião nenhum sem passaporte, m as isso apenas tornava ainda m ais urgente a m inha necessidade de voltar a terra firm e. Eu teria que arrum ar algum transporte e, m esm o que tudo corresse bem , não havia a m enor possibilidade de chegar a Oxford antes do fim de sem ana. Na verdade, m inha situação era extrem am ente preocupante, m esm o sem a com plicação extra de agora ser um a prisioneira a bordo do *Penélope*.

No entanto... apesar do desalento, não pude evitar um a traiçoeira pontinha de anim ação diante da ideia de visitar Troia. Afinal de contas, não era j ustam ente aquele o m eu desej o secreto? Continuar seguindo a trilha das am azonas? Por m aior que fosse m inha determ inação em voltar para Oxford sem m ais atrasos, eu não tinha conseguido reprim ir um a forte sensação de que, ao fazer isso, estaria j ogando fora m inha única chance de encontrar o elo perdido entre vovó e as sacerdotisas da Argélia.

Em pé na proa, olhando para o m ar Egeu e as ilhas que se m aterializavam ao longe, decidi que o m elhor era aceitar a situação. Estávam os a cam inho de Troia e não havia nada que eu pudesse fazer em relação a isso; ficar em burrada não adiantava. Assim que voltasse a Oxford, com pensaria todas as orientações perdidas e daria tanta atenção a m eus alunos que eles passariam a considerar m inha ausência um a bênção. Quanto a Katherine Kent, aferrei-m e à esperança de que ela m e perdoaria depois que eu m e explicasse, com o sem pre fizera.

Enfim confiante da m inha atitude, tornei a m e j untar aos outros. Agora quem m anej ava o lem e era Rebecca, em briagada de tanta em polgação, enquanto o Sr.

Telem akhos lhe dava instruções. O único a prestar atenção em m im foi Nick, que m e lançou um olhar de esguelha e disse entre os dentes: – Acho que você acaba de quebrar o recorde m undial de ficar em burrada.

Menos de dez m inutos. Muito im pressionante.

– Eu não fico em burrada. Eu faço planos.

À noite, depois de passar o dia inteiro parecendo paciente, deixei Rebecca dorm indo na cabine que dividíam os e, sem fazer barulho, subi até o convés para ficar sozinha. O j antar fora alegre e eu chegara até a rir, m as m inha raiva ainda não havia passado. O Sr. Telem akhos estava tão orgulhoso de seu poder sobre nós, tão cheio de si... Um a parte infantil de m im queria lhe dar um a lição.

Havíam os lançado âncora em um a baía tranquila, e os únicos sons que eu conseguia escutar eram as ondas a lam ber o casco do veleiro e um ocasional farfalhar de asas sobre a água. Mais cedo, sob o brilho dourado do poente, a baía parecera desabitada, m as agora, bem depois do cair da noite, algum as luzes acesas eram visíveis em j anelas nas colinas. A que distância estariam essas casas?, pensei. Será que alguém na ilha poderia m e aj udar? Ou será que os pontinhos de luz na verdade eram estrelas que haviam acabado de surgir acim a das crestas arborizadas? Apesar do luar, eu não conseguia definir exatam ente onde acabava a terra e onde com eçava o céu.

Enquanto estava sentada no convés abraçando os j oelhos e tram ando elaborados planos de fuga, Nick apareceu. Não o escutei chegar, pois ele estava descalço e, com o sem pre, se m ovia em silêncio. Após hesitar alguns instantes, ele se sentou ao m eu lado e m eneou a cabeça para a lua crescente.

– Está quase cheia.

Não respondi, então ele continuou: – Um sábio contram estre um dia m e disse que existe um anj o da guarda que zela pelos rapazes. Para m im , esse anj o sem pre foi a lua. Ela salvou m inha vida m uitas vezes.

– Sério? – falei.

Apesar de Nick não ter feito absolutam ente nada para m e aj udar com o Sr.

Telem akhos m ais cedo, eu ainda preferia a sua com panhia ao m au hum or da

m inha solidão.

– Ela j á libertou você de barcos pilotados por capitães gregos insanos?

Senti que ele sorria no escuro.

– A gente pode tentar. Ela talvez realize um desej o seu. O que você quer?

Voltar para Oxford neste instante?

Por algum m otivo, m eu “sim ” entalou na garganta.

– Não se preocupe – disse Nick bem j unto ao m eu ouvido. – Eu não conto para ninguém .

Um pouco irritada com ele por pensar que eu havia sido conquistada com tanta facilidade assim , afastei-m e um pouco e disse: – Eu prom eti para todo m undo que voltaria hoj e.

– Tom e. – Nick m e estregou seu celular. – Ligue e explique.

– Obrigada. Quem sabe am anhã. Meus pais agora estão dorm indo.

– E o nam orado? Ele não atende depois das dez?

Sem saber o que dizer, balancei a cabeça e lhe devolvi o aparelho. Nick deu um a risadinha.

– Relaxe! Ninguém vai dem iti-la. Eles precisam de você. Você é inteligente.

Na m inha experiência, m ulheres bonitas só são atraentes até abrirem a boca. No seu caso, quanto m ais você fala, m ais... – Ele se interrom peu de m odo abrupto; quando tornou a falar, sua voz saiu m ais baixa. – Quem m e dera ter a sua capacidade de concentração. Passar dias sentada em um a biblioteca... m eses... e sim plesm ente *ler*. Nunca tive essa paciência. E tam bém nunca m e tornei realm ente bom em nada.

Talvez percebendo que estava com etendo um a inj ustiça consigo m esm o, ele m e cutucou com o cotovelo, brincalhão.

– Bom , algum as coisas eu faço bem , ou assim m e disseram .

Em bora ditas em tom de brincadeira, as palavras penetraram fundo na m inha im aginação, provocando um a silenciosa explosão de caos.

– E no que m ais você é bom ? – escutei-m e perguntar.

Nick se em pertigou.

– Em correr riscos. Nisso eu sou perito.

– Me dê um exem plo.

Ele pensou um tem pinho, então falou: – Que tal escalada livre? Ou canoagem no rio Nahanni em novem bro?

Franzi o cenho.

– Eu nem sei onde isso fica. O que m ais?

– Ah – fez ele e se encolheu um pouco, com o se no fundo não sentisse tanto orgulho assim de si m esm o. – O de sem pre. Tentar superar os lim ites.

Im pressionar m eus am igos.

Soltei os braços; j á não estava com tanto frio quanto antes. Parte do calor, percebi, em anava do corpo de Nick e pairava no espaço estreito entre nós, atraindo-m e m ais para perto.

– Por algum m otivo im aginei você prestando serviços hum anitários – brinquei, grata pelo rum o cada vez m ais bem -hum orado de nossa conversa. – Levando com ida de cam inhão até aldeias fam intas...

– Isso eu tam bém fiz – falou ele, com calm a, dando de om bros, e nem sequer se im portou em m e olhar para ver se eu acreditava. – Até perceber que as únicas pessoas que aj udava assim eram os guerrilheiros e os políticos burros e teim osos que estavam na origem do problem a.

– Entendi.

Avaliei seu perfil e m e perguntei se enfim o via com o de fato era ou se aquilo era apenas m ais um a interpretação em seu repertório aparentem ente infindável

de papéis.

– Você ficou desm oralizado pelas disfunções da sociedade civil e com o resultado disso se entregou aos prazeres frívolos?

Ele pensou por alguns instantes.

– Me entreguei à busca da dor, para ser m ais exato. Mas sim , foi m ais ou m enos isso. Ei, se você algum dia ficar desanim ada com as disfunções do m eio acadêm ico, deveria tentar relações públicas – disse e, num tom m ais baixo e conspiratório, em endou: – Eu a contrato para m e representar.

– Talvez eu com ece praticando canoagem no rio Nahanni – contrapus. – Em j ulho.

– Você vai ser devorada por m oscas negras. Ou por ursos-pardos.

Dei um soquinho de brincadeira na sua coxa.

– Eu o contrato para ser m eu guia.

Nick riu.

– Talvez você se arrependa. Eu ficaria sem fazer a barba e a gente teria que dividir o m esm o saco de dorm ir.

Essa im agem fez m inhas bochechas corarem , e fiquei grata por ele não enxergar nada além do óbvio.

– Por que não daria para ter dois?

Bem -hum orado, ele bateu com o om bro no m eu.

– Por que você quer acam par com igo, para com eço de conversa?

– Ah, sei lá. – Pigarreei, pasm a com o tom de paquera que a conversa tinha adquirido. – Você tem um papo divertido.

Não pude evitar: algum a coisa nos olhos dele m e fez chegar um pouco m ais perto e, durante alguns segundos ofegantes, tive certeza de que ele iria m e beij ar.

Para dizer a verdade, apesar de não poderm os estar em cam pos m ais opostos, torci por isso.

Mas não. Ele estendeu a m ão para pegar algum a coisa e m e entregou um obj eto plano, com um a textura que m e era fam iliar.

– Tom e. Eu m e perm iti tirar isso da sua bolsa hoj e de m anhã, antes de sairm os de casa.

Era o caderno de vovó.

– Mas...

Fiquei tão atarantada com a reaparição de m eu bem m ais precioso que dei um a gargalhada. Apertando o caderno contra o peito, finalm ente consegui m e recuperar o suficiente para lhe agradecer, em bora parte de m im estivesse consternada com o fato de ele ter m exido na m inha bolsa.

– Depois do ataque em Creta, tive um palpite de que o seu m isterioso ladrão tentaria outra vez. Quis falar com você sobre isso, m as não ficam os sozinhos.

– Isso tudo é m eio... chocante – gaguej ei, enquanto m inha percepção em relação a Nick dava cam balhotas dentro da m inha cabeça.

Se algum a ínfim a parte de m im ainda pensava que *talvez* pudesse ter sido ele, e não a gangue dos patins, que dera sum iço na m inha bolsa de franj as, essa possibilidade estava agora enterrada de vez sob um a avalanche um tanto desagradável de vergonha.

– Fique feliz e pronto – continuou Nick, provocando-m e outra vez. – Eu ainda não lhe paguei. Não tenho certeza se consigo acom panhar o ritm o das suas perdas...

– Ah. Dinheiro de novo.

– O que o dinheiro tem de ruim ? Não é por isso que você está aqui... com igo?

Balancei a cabeça, ainda abalada dem ais para ser discreta.

– Não tem nada de ruim . Na verdade eu sou um a grande fã de dinheiro, m as

não é por isso que estou aqui.

– Então m e diga por que é.

Olhei para seu rosto, que as som bras da lua tornavam ainda m ais grave.

Sentada assim , tão perto dele, não parecia certo haver fingim ento entre nós. É

bem verdade que ele tinha seus próprios obj etivos em relação às am azonas, m as afinal de contas eu tam bém tinha. Na verdade, percebi de repente, a percepção que Nick tinha de m im poderia m uito bem ser tão pouco lisonj eira quanto a que eu tinha *dele*. Talvez, aos seus olhos, eu tam bém não passasse de um a fuinha trabalhando para o tim e errado.

– Em Creta, você m e perguntou com o eu tinha feito – falei. – A tradução.

Pensou que tivesse algum truque. Bom ... – Levantei-m e e cam inhei para longe dele. –... você estava certo.

Em pé j unto à am urada, fitando os reflexos da lua na água preta feito tinta, contei-lhe sobre vovó, o caderno e o bracelete que ela havia m e deixado. Ela devia ter sido arqueóloga, expliquei. Talvez tivesse encontrado o sistem a de escrita das am azonas em algum a outra escavação e conseguido traduzi-lo.

– Mas nem ela, apesar de toda a obsessão com as am azonas, tentou m e ensinar esse estranho idiom a – concluí. – Na verdade, ela nem sequer com entou a respeito. Só m e deixou esse caderno.

Quando finalm ente parei de falar, Nick se aproxim ou e se apoiou na am urada ao m eu lado. Pensei que ele fosse m e repreender por não ter lhe contado aquela história antes, m as em vez disso ele apenas perguntou: – Com o a sua avó m orreu?

Atingida por um conhecido sentim ento de culpa, eu m e encolhi.

– A verdade é que... ela desapareceu. Meus pais estavam prestes a despachá-

la para um hospital psiquiátrico, e ela...

Calei-m e, incapaz de continuar. Nas raras ocasiões em que m e vira forçada a

contar essa história, tinha dito que vovó fugira, sem m encionar as portas trancadas e a sua total falta de recursos financeiros.

– A verdade é que dei a ela todo o dinheiro que eu tinha, fui com ela até a rua principal e a aj udei a em barcar em um ônibus – ouvi-m e dizer, e para Nick, ainda por cim a.

– Para onde?

Engoli em seco, encurralada por em oções reprim idas.

– Eu não sei. Tinha 10 anos. Passei o resto da m inha infância m e torturando com as coisas horríveis que poderiam ter acontecido com ela. Sem pre que um a carta estranha chegava pelo correio ou que recebíam os um telefonem a inesperado, tinha m edo de ser algo relacionado com vovó. Medo de ela ter sido encontrada m orta em algum lugar. – Estrem eci ao pensar nesses antigos tem ores.

– Só m ais tarde descobri que m eus pais pagaram a um detetive particular durante dois anos inteiros. Ele não descobriu absolutam ente nada, só cobrou um a conta m onstruosa.

Nick tirou o suéter e o pôs em cim a dos m eus om bros sem dizer nada, enrolando as m angas em volta do m eu pescoço.

– Desculpe o épico tão longo – falei, encarando a água negra. – Eu na verdade nunca tinha contado isso para ninguém . Nem para a Bex.

Quando Nick enfim falou, sua voz saiu suave.

– Tem certeza de que ela era m esm o louca?

– Eu... não sei.

Mais um a vez, sua linha de questionam ento m e levava de volta a perguntas com as quais eu vinha lutando havia m uitos anos.

– Os m édicos achavam que sim . Ela com certeza não era norm al pelos padrões de ninguém , m as vá saber o que isso significa.

– Você sabe se ela tinha algum am igo? Se m antinha com unicação com alguém ?

Senti um a leve pontada de desconfiança.

– Com o assim ? Espero que não estej a levando a sério aquele papo do Sr.

Telem akhos sobre as am azonas m odernas.

– Por que não? Em que você prefere acreditar: que estava tudo na cabeça dela ou que existia algum a coisa por trás? Você acabou de m e dizer que sua avó tam bém tinha um acervo de recortes de j ornal... que não parava de ver indícios de atividade das am azonas pelo m undo. Por que tem tanta certeza de que ela estava errada?

Senti Nick avaliando m eu perfil no escuro enquanto esperava em vão por um a resposta. Ele então continuou.

– Tirando todo o papo sobre coragem , sua avó algum dia *se comportou* com o um a am azona? Machucou alguém ?

– Bem ...

Meus pensam entos se voltaram àquele dia clandestino, tantos anos antes, que eu passara sentada no chão com Rebecca, exam inando os papéis da escrivaninha do m eu pai. Entre eles havia um a avaliação psicológica narrando os trágicos acontecim entos que tinham conduzido à prim eira internação de vovó.

– Só no início, tenho certeza, antes de perceberem que ela sofria de um distúrbio m ental. Na época ninguém tinha nom e para isso, m as acho que vovó teve um a depressão pós-parto que fugiu ao controle. Em todo caso, ficou convencida de ter dado à luz um a m enina em vez do m eu pai e se recusava a ouvir o contrário. Trancou-se dentro de um quarto com o bebê, m eu pai, e não quis m ais sair. No final das contas, tiveram que usar a força e ela... bom , ela se defendeu com um atiçador da lareira. Foi horrível. Um policial acabou internado.

– Estrem eci, com o tantas vezes j á acontecera, ao pensar em vovó derram ando o sangue de outro ser hum ano. Então, percebendo quão chocante tudo aquilo devia estar soando para Nick, apressei-m e em esclarecer: – Tenho certeza de que ela não queria m achucar ninguém . Dizem que ela teve um a alucinação de

que era errado ter um filho hom em e que se *elas* descobrissem levariam o m enino em bora.

De costas para a lua, Nick não passava de um a silhueta escura e senti – m ais do que vi – a intensidade do seu olhar.

– Quem eram “elas”?

– Suas com panheiras am azonas, claro. Um a am azona não pode criar um filho hom em , certo? Você nunca leu Estrabão?

Nick não respondeu, apenas enfiou as m ãos nos bolsos e deu um a voltinha pelo convés, talvez pensando que eu precisasse de tem po para m e recom por.

Quando ele voltou, tirei seu suéter das costas e lhe devolvi.

– Desculpe falar tanto. Eu j á deveria ter lhe contado, m as...

A frase ficou suspensa entre nós dois por algum tem po. Então Nick j ogou o suéter sobre os om bros e disse: – Você teve razão em não confiar em m im . Não tenho nem certeza se ainda confio em m im m esm o. – Após um a pausa dolorida, ele arrem atou: – Além do m ais, você *tentou* m e falar sobre o bracelete. Só que eu não quis escutar. Pensei que você tivesse roubado. Me desculpe.

– Espere um pouco. – As fotos de seu laptop fizeram um desfile na m inha cabeça. – Foi *você* quem pegou. Não foi? Você tirou até um a foto!

A acusação não provocou a confissão esperada. Em vez disso, Nick falou: – Quando a gente abriu o sarcófago pela prim eira vez, encontrou catorze pulseiras.

– *O quê?*

Encarei seu perfil solene, incapaz de com preender o que ele dizia.

– Sim plesm ente espalhadas lá dentro. Todas idênticas à sua. – Ele m eneou a cabeça para o m eu braço. – E sim , eu tirei fotos. Mas resolvi deixar um a no esqueleto, porque queria que um arqueólogo fizesse as coisas direito.

A inform ação m e deixou tão atônita que senti um a vontade irracional de abraçá-lo.

– Mas se nem você nem eu roubam os o bracelete... então quem foi?

– Com o você sabe que foi roubado? – Nick m e encarou no escuro. – Porque o sarcófago estava aberto?

– Vou reform ular. Quem abriu o sarcófago e por quê?

Nick deu de om bros.

– Não adianta olhar para m im .

– Por que não? – Decidi m e arriscar. – É você quem está no m eio de um a caça ao tesouro.

Esperei sua reação, m as ele não disse nada.

– Vam os lá – falei depois de algum tem po, chegando m ais perto. – Eu ouvi você no telefone, falando sobre o Tesouro das Am azonas. O que está acontecendo, Nick?

Ele por fim deu um grunhido e esfregou o rosto.

– Eu queria deixar você fora disso...

– Bom , eu j á estou dentro, droga!

Com um suspiro, ele se sentou e apoiou as costas no m astro principal.

– Lem bra o que eu disse no carro dom ingo passado? Que eu sou o X que indica o local? Bom , depois do que aconteceu na Argélia, não sou exatam ente o X m ais popular do escritório.

– Mas não foi culpa sua. Com o eles podem ...?

– Ah, não é nada pessoal. É assim que a gente opera. Eu agora represento um risco. Tem vários crim inosos na m inha cola, com o am bos podem os confirm ar. – Nick abriu os braços só um pouquinho. – Peço desculpas. Mas tem m uita coisa acontecendo este m ês na Fundação Aqrab. Então o patrão achou que

talvez fosse um a boa ideia... – Ele parou e respirou fundo. – Me m andar em bora por um tem po. Para longe dos pontos sensíveis.

Senti um aperto no peito.

– Mas... para onde você vai?

Mesm o no escuro, pude ver o constrangim ento em seu rosto.

– Não, você não está entendendo. Já m e m andaram em bora. É por isso que eu fui para Creta com você. É por isso que estou *aqui*.

Ele se interrom peu, pelo visto à espera da m inha reação. Com o não reagi, tornou a suspirar.

– Diana, tanto você quanto eu sabem os que o Tesouro das Am azonas é um a bobagem . Mas *eles* não sabem .

Levei alguns instantes para entender. Quando entendi, o susto m e arrem essou para trás, contra as cordas da am urada.

– Então é isso? – exclam ei. – Espere, deixe-m e entender direito... A gente está sendo seguido e você basicam ente está m e usando com o isca... para tirar os crim inosos da rota certa? É isso que está dizendo?

Nick se levantou.

– Olhe, não é algo de que eu m e orgulhe...

– Não! – Ergui as m ãos para im pedi-lo de se aproxim ar. – Que im becil eu fui, um a im becil! *É claro* que você nunca teve nenhum interesse nas am azonas; m al sabia quem elas eram ! Mas isso não o im pediu de sequestrar um a filóloga sem um tostão e usá-la com o isca, não é?!

– Escute... – Nick deu um passo hesitante na m inha direção, depois outro. – A ideia não foi m inha. E eu com certeza nunca quis que você se m achucasse. Todos esses acidentes...

– Não foram acidentes, Nick. Foi tudo parte de um lindo plano. – Senti um im pulso absurdo de rir. – Enfim tudo faz sentido! Ah, cara, eu pensei que estivesse

ficando m aluca... Pensei que estivesse sendo perseguida pelas am azonas. Que fantástico...

Tentei encará-lo nos olhos, m as a lua não deixou.

– Vam os lá, pode rir! Você deveria estar feliz que o seu plano estej a dando tão certo. Os filhos da m ãe não só m orderam a isca, com o levaram uns bons pedaços *de mim* pelo cam inho. Muito bem , Nicholas! O X que indica o local fez j us ao seu bônus.

Nick parecia abalado.

– Com o posso m e redim ir com você?

Antes que eu conseguisse responder, porém , ele estendeu a m ão e tocou m eus lábios com um dos dedos.

– Agora não – falou. – Pense um pouco. Vá para a cam a e conte até 10.

Afastei a m ão dele.

– Que tal eu contar até 10 m il?

Ele aquiesceu devagar.

– Am anhã lhe dou um cheque.

– Prefiro em dinheiro vivo – retruquei, desviando-m e dele em direção à escada.
– E que tal um a bela gorj eta por ter aturado *você* esse tem po todo?

CAPÍTULO VINTE E CINCO

MAR EGEU

Lilli acordou assim que o barco entrou em águas abertas. Espreguiçou-se, bocej ou, sentou-se e tateou em volta, curiosa. A cam a m acia forrada de tecido...

a parede de pano arredondada para dentro pela pressão do vento do m ar. O

quarto na popa do navio troiano lhe era tão estranho que ela sentiu m edo.

– Klito? – cham ou ela. – Já está acordada?

– Estou, sim – respondeu a outra e lhe deu um beij o na cabeça.

– Estam os no m ar outra vez? – perguntou Lilli, franzindo o cenho. – Tinha um hom em ... um hom em com o cheiro de Mirina...

– Tenho um a surpresa – falou Klito, com lágrim as de felicidade a escorrer pelas faces. – Um a surpresa que vai fazer você rir.

Sem conseguir m ais esperar, Mirina avançou e envolveu Lilli em um abraço firm e. As outras haviam insistido em que seria m elhor dar a notícia aos poucos, para não assustar a m enina, m as Mirina sabia m elhor do que ninguém quanto a irm ã era forte e que na verdade aquele era um susto que ela adoraria levar.

– Nossas preces foram atendidas – disse um a das sacerdotisas libertadas, cuj o nom e era Py lla. – Está claro que foi o bracelete de chacal de Lilli que com prou nossa liberdade. Vam os agradecer aos deuses...

– Talvez vocês devessem com eçar agradecendo a Mirina – falou Pitana. – Ela não descansou, m al se sentou desde que vocês foram levadas.

– Posso fazer um a sugestão? Que tal *nós todas* receberm os agradecim entos? – interveio Egeia. – Não vam os deixar Mirina carregar sozinha o fardo da sua gratidão...

Ninguém quis se opor. Depois de passar as prim eiras horas do dia lidando com a histeria de Kara, que agora felizm ente dorm ia um sono profundo, nenhum a das outras m ulheres queria enfrentar outro dram a. Tam pouco tentaram questionar a m enina que se j untara a elas em Micenas. Ela dissera se cham ar Helena e por

ora isso era tudo o que qualquer um a queria saber.

Depois de passar a m anhã no quarto, sem conseguir tirar os olhos de Lilli, no fim Mirina acabou saindo em busca de Páris. Encontrou-o na proa do barco, m uito entretido em um a conversa com Enéas e Dares.

Nenhum dos três sorriu ao vê-la se aproxim ar. Com um grave m eneio de cabeça para Páris, os dois outros pediram licença depressa e se retiraram . Páris tam pouco parecia pronto para conversar com ela: virou-lhe as costas e olhou para o oceano, dando a im pressão de não ter reparado na sua presença.

Apesar da acolhida hostil, Mirina ficou onde estava e disse: – Pelo m enos perm ite que eu peça desculpas?

Quando ele enfim respondeu, sua voz saiu raivosa: – O que eu perm ito ou deixo de perm itir não parece fazer m uita diferença para você.

– Mesm o assim ...

Ele se virou para ela, corado de irritação.

– Mirina, não sou um a pessoa que dê im portância a palavras e boas intenções... sobretudo não quando os atos as contrariam . Se quiser pedir desculpas, peça aos m eus conterrâneos. Eles serão as vítim as da m inha fé insana em você. Nunca m ais um grego irá confiar na palavra de um m arinheiro troiano...

Abalado dem ais para concluir o raciocínio, Páris virou as costas para ela outra vez e sacudiu a cabeça.

– Mal tenho coragem de perguntar o que aconteceu ontem à noite. Mas preciso saber. Vi que conseguiu libertar sua am iga, m as não sei que preço ainda terei de pagar por ela.

– Talvez achem que ela fugiu sozinha... – com eçou Mirina.

– Está m e dizendo que conseguiu entrar e sair do palácio sem ser vista?

Mirina hesitou, então j ogou a cabeça para trás e o encarou.

– O príncipe está m orto. Morto no chão do cárcere que ele m esm o fez,

encharcado com o sangue das m inhas irm ãs. Mas as m ulheres que nos viram não dirão nada. Não há nada m ais silencioso do que um a m ulher cheia de ódio.

Páris fechou os olhos. Quando tornou a abri-los, estava dez anos m ais velho.

– Se eu fosse um hom em que vivesse segundo as regras, não, se fosse um hom em *sensato*, m anobraria este barco e levaria todas vocês de volta para lá.

Mas não sou. Se fosse um deus lá do céu, acredite, fustigaria a m alévola Micenas com raios e a apunhalaria sem parar. Mas, com o sou hom em , preciso m e contentar em crivá-la de insultos e fugir o m ais depressa possível.

Ao ver que Mirina estava prestes a dar sua opinião, ele balançou a cabeça.

– A coisa m ais bondosa que você pode fazer é ficar longe de m im . Vá com em orar com suas irm ãs. Que eu não a vej a m ais. Daqui a dois dias, se os ventos estiverem a favor, vam os atracar em Éfeso. Eu ia lhe oferecer um lar em Troia, m as nas atuais circunstâncias não posso fazê-lo. Você decide para onde irá a seguir, m as nos despedirem os em Éfeso.

Após três dias de silêncio sofrido e olhares acusatórios da tripulação, as irm ãs de Mirina ficaram naturalm ente aliviadas quando os navios chegaram à costa depois de atravessar o m ar. Im pelida por um tem poral cada vez m ais forte, a frota troiana foi levada direto para dentro do porto de Éfeso, sem conseguir ancorar.

Os navios passaram a noite inteira se balançando e esbarrando no cais e, pela m anhã, todos corriam de um lado para outro acim a e abaixo do convés, avaliando os estragos.

– Não há pressa – disse Páris quando Mirina foi se despedir. – Só vam os em bora quando tudo estiver consertado.

Ele a encarou ao falar, e ela ficou aliviada ao ver que, após dois dias teim ando em ficar longe dela, sua raiva tinha dim inuído pelo m enos o suficiente para ele querer fitá-la outra vez.

– Mas se você e suas irm ãs estiverem prontas para ir em bora, com o vej o que estão, deixe-m e levá-la até a Senhora de Éfeso para fazer as apresentações.

Com o logo irá constatar, não foi por coincidência que eu a trouxe até aqui.

Páris saiu do porto a pé e acom panhou as m ulheres até a cidade. Sem pressa de concluir a tarefa, deu o braço a Lilli para guiá-la e foi descrevendo tudo conform e eles passavam : os vendedores de frutas, os tingidores de roupas, os velhos sentados à som bra lam entando o rum o que o m undo vinha tom ando. Mais de um a vez, fez a m enina rir com algum com entário que Mirina m al conseguiu escutar.

Enquanto isso, Klito e Egeia faziam o possível para levar Kara com o grupo.

Em bora ela finalm ente houvesse parado de chorar a m orte do hom em que, segundo insistia, no fundo gostava dela, ainda se recusava a falar com Mirina ou a reconhecer que precisara ser salva.

– Eu o am ava! – exclam ou m ais de um a vez para quem pudesse escutar. – E

ele m e am ava!

– Foi por isso que a fez passar fom e, que a am arrou e espancou? – perguntou Pitana por fim .

Mas Kara se m ostrava surda a todas as vozes; havia tem pos buscara refúgio em um a vida que só existia dentro da própria m ente.

Situada entre suaves colinas e um cam po luxuriante e desabitado, a cidade de Éfeso deu a Mirina a im pressão de ser um lugar calm o e inofensivo. Era ali que ela e as irm ãs iriam m orar até conseguirem j untar recursos para ir em bora... ou até todas envelhecerem e ficarem sentadas à som bra com o aqueles anciãos gentis e sem dentes que rum inavam lem branças de vidas tranquilas. Não era um a perspectiva ruim se com parada ao horror que haviam deixado em casa ou ao que viram em Micenas, m as m esm o assim Mirina constatou que não lhe causava grande prazer, pois, com o quer que visualizasse essa im agem , era um futuro sem Páris e, em bora ela o conhecesse havia pouco tem po, j á se sentia ligada a ele. Aonde quer que ele fosse, ansiava por segui-lo. Se ele sum isse de vista, m esm o que por um instante, ela se sentia tão instável quanto um a cadeira à qual faltasse um pé.

Era um a sensação estranha e preocupante para alguém que aprendera a não depender de ninguém exceto de si m esm a. Apesar disso, Mirina tinha se

apegado tanto a ela que a possibilidade de perder Páris a enchia de m edo. Não um m edo agudo e tem porário, que podia ser superado por atos de coragem , m as um m edo tão profundo e generalizado que lançava um a som bra sobre tudo o que ela fazia ou dizia e m esm o sobre seu alegre reencontro com Lilli.

Que coisa esquisita, pensou ela, correndo os olhos pela cidade pitoresca, tão calm a e convidativa, e seus habitantes: ela, que j á vira tanto perigo e estivera tantas vezes à beira da m orte... que ironia do destino *ela*, dentre todas as pessoas do m undo, chegar a um lugar abençoado assim e ter a sensação de que sua vida tinha acabado.

Mirina im aginara a Senhora de Éfeso vivendo em um lugar elegante e isolado, sobre algum a colina com vista para a cidade, por isso foi um a surpresa quando Páris parou em um a rua com um e guiou todas elas por um portão aberto. Ela foi a últim a a entrar e viu que estavam em um pátio silencioso cercado por construções e por um pórtico som breado. De olhos arregalados e cheios de curiosidade, suas irm ãs adm iravam as plantas exóticas cuidadosam ente cultivadas em vasos. Pelo visto, a Senhora de Éfeso era um a m ulher que prezava a tranquilidade e a elegância, duas qualidades que Mirina ainda precisava adquirir.

Consciente das próprias deficiências, um a das quais eram os pés encardidos, ela se recolheu às som bras do pórtico... e então, de repente, todas aquelas pequenas preocupações foram esquecidas. Pois ali, entre as colunas e trepadeiras sinuosas, estava um a figura que ela conhecia bem : a Deusa da Lua.

Verdade sej a dita, ela não era lisa e negra, m as esculpida em m adeira, e a túnica de linho que vestia seu corpo estava coberta com um a profusão de m anchas m arrons, decerto respingos dos pedaços de carne apodrecidos pendurados em seu pescoço.

– Vej o que vocês duas j á viraram am igas – falou Páris ao se aproxim ar de Mirina e da estátua, ainda guiando Lilli pelo braço. – De todas as cidades do litoral de Troia, sabia que esta era a que m ais lhes agradaria. Aqui hom em nenhum tem poder. A Senhora de Éfeso protege as caçadoras e as donzelas, com binação que sem pre considerei específica deste local... – Ele balançou a cabeça. – Até conhecer você.

– Isto aqui são...?

Mirina chegou m ais perto para exam inar os pedaços de carne pendurados em volta do pescoço da deusa. Pareciam ser testículos de anim ais, as partes que ela sem pre cortava e deixava para as hienas.

– Tem o que sim . – Páris fez um a careta. – É um a tradição por aqui. Ai de qualquer m acho que cruzar a trilha de caça das filhas de Otrera. Cervos, ursos, hom ens...

Ele sorriu; era evidente que a estava provocando.

– Ninguém está a salvo – concluiu ele. – Este lugar vai ser perfeito para vocês.

– Quem é Otrera? – indagou Mirina.

Mas nesse exato instante um a m ulher m ais velha, com o pescoço rígido de tanta dignidade e usando um longo vestido cinza de m angas largas, apareceu em um a sacada que dava para o pátio, intrigada, o que era com preensível, com a súbita aparição daqueles desconhecidos.

– Hipólita? – cham ou ela. – Pentesileia?

– Otrera é a sum a sacerdotisa e irm ã da m inha m ãe – explicou Páris a Mirina, radiante de adm iração. – Mas ela odeia qualquer cerim onial, assim com o todas as suas filhas. Elas vivem para a caça e são exím ias em m ontaria; na verdade, a m aioria passa todo o tem po no cam po, nos arredores da cidade, onde criam e treinam cavalos.

Ele olhou para Mirina com um sorriso encabulado, um a raridade no seu caso.

– Foi assim que m eu pai conheceu m inha m ãe. Ele veio aqui com prar cavalos.

Ela o encarou.

– Seu pai... o rei de Troia?

Páris franziu o cenho.

– Você com certeza deve ter percebido que nós levam os nossos cavalos m uito a sério.

– Sim , m as... – Ainda sem entender direito, Mirina ergueu os olhos para a m ulher na sacada. – Quantas filhas Otrera tem ?

– Provavelm ente um as trinta – respondeu Páris. – Mais as noviças.

Ele lhe lançou um olhar de esguelha.

– Im pressionante para um a m ulher que nunca conheceu um hom em – com entou ele. – Venha, deixe-m e apresentá-la. Tenho certeza de que ela vai reconhecer a língua que você usa com suas irm ãs; m inha tia é m uito culta e se orgulha de sua fluência na m aioria dos idiom as estrangeiros.

Já era final de tarde quando Otrera enfim se levantou de sua cadeira de palha no pórtico de m árm ore. A essa altura, as m ontanhas distantes, j á vestidas para a noite, exibiam delicados tons de verm elho e um a grande paz caía sobre o m undo à m edida que o sol m ergulhava no horizonte, exausto e satisfeito.

– Então está decidido – disse a nobre m ulher, cuj o rosto grave, depois de tudo o que ela havia escutado, exibia em patia por Mirina e suas irm ãs. – Vocês poderão ser nossas hóspedes pelo tem po que quiserem . E caso se afeiçoem a este lugar, poderão ganhar seu sustento e passar a cham á-lo de lar, pois há sem pre trabalho a ser feito com os anim ais e nas plantações. Na verdade... – Ela lançou um olhar severo para Hipólita e Pentesileia, que haviam chegado a cavalo no m eio do relato de Mirina, suadas e desalinhadas. –... com o é raro m inhas filhas estarem onde penso que estão, m ãos sobressalentes virão bem a calhar.

Pouco depois, Páris se despediu de todas com um a vaga prom essa de voltar antes do fim do m undo, com o ele m esm o disse. Não queria se com prom eter com um a data e se retirou, determ inado, m al parando para dizer adeus a Mirina.

– Espere... – pediu Mirina. Ainda que hesitante, ela o seguiu porta afora e pela rua por um trecho. – Nunca m ais vou vê-lo?

Ele parou e se virou. Tinha o cenho franzido de contrariedade.

– Otrera as aceitou. Você não depende m ais de m im . Acho que isso deve ser um alívio para nós dois.

De pé na rua inclinada, o sol form ava um halo em volta da cabeça de Páris.

Ele nunca parecera m ais bonito nem m ais desesperado.

Mirina se aproxim ou, m as algo nos olhos dele a fez parar.

– Queria que fosse diferente – falou.

– O quê, exatam ente? – Páris inclinou a cabeça. – Você preferiria que não tivéssem os nos conhecido?

– Não! Mas eu... sei que lhe causei m uita dor...

Apesar da evidente decisão de se m anter sério, Páris soltou um a gargalhada.

– É verdade. Mas a culpa foi toda m inha. – Ele olhou por cim a do om bro para os m astros do porto. – Eu deveria ter j ogado você no m ar quando tive oportunidade.

Então, ao ver a expressão m agoada de Mirina, suavizou consideravelm ente a sua.

– Você disse querer que as coisas fossem diferentes – falou ele, aproxim ando-se cada vez m ais, até seus peitos quase se tocarem . – Então m e diga, insaciável Mirina, o que m ais desej a de m im ?

Ela ergueu a cabeça, tentando se proteger do encanto dele.

– Você j á gastou m uito com igo. A m áscara de ouro em Micenas...

– Não estou m e referindo a ouro.

Mirina hesitou, sem saber ao certo com o se expressar.

– Bem – falou por fim , vendo que ele ainda aguardava. – Se tiver tem po e nada m ais a fazer, eu gostaria que... – Ela vasculhou a m ente e lançou m ão da única coisa que conhecia. –... que m e ensinasse a lutar com o um hom em .

Páris arregalou os olhos.

– É m esm o? Eu diria que você j á tem prática m ais do que suficiente nesse quesito. Na verdade... – Ele abaixou a cabeça e falou bem no seu ouvido. –...

acho que a única lição que você ainda precisa aprender é se entregar com o um a m ulher.

Mirina sentiu um a onda de calor.

– Por que um a m ulher deve sem pre se entregar? Não sou um a presa...

– Não, a presa *sou eu*. E sua flecha m e atingiu faz tem po. – Páris pegou sua m ão e a levou ao próprio peito. – Bem aqui. E toda vez que tento tirá-la, você torna a cravá-la em m im .

Ele usou a m ão dela para dem onstrar. Ficaram os dois assim por um tem po, com a m ão de Mirina tão apertada contra o peito de Páris que ela pôde sentir o coração bater por baixo do tecido bordado. Então ela falou: – Por favor, não vá em bora. Não suporto pensar nisso.

– Nisso o quê? – Páris baixou os olhos para sua m ão. – Em não ter tudo e, ao m esm o tem po, não ter nada? – Ele cutucou o bracelete de chacal com um ódio evidente. – Você valoriza tanto essa sua liberdade, m as se deixa escravizar por um pedaço de m etal.

Então, soltando-a, deu alguns passos para trás e um a expressão desafiadora dom inava seus olhos cor de âm bar.

– Se quiser m esm o que sej a diferente, faça por onde. Você é a única com poder para isso.

Páris não voltou no dia seguinte, nem no outro. No terceiro dia, quando Mirina saiu às escondidas da casa para procurá-lo, não conseguiu m ais ver os navios troianos no porto.

Ele tinha ido em bora. Sem m ais nenhum a palavra de despedida.

Sua decepção foi tão grande que ela quase se sentou no m eio da rua e chorou.

Passara dois dias sonhando com o instante em que tornaria a vê-lo e insistira, de m odo egoísta e irracional, contrariando os planos de Otrera, para que ela e as irm ãs ficassem na cidade em vez de irem logo para o cam po... só para o caso de ele voltar.

Entrou de novo no prédio sentindo o peso da derrota e encontrou todas ocupadas com as m esm as coisas que faziam desde a chegada: algum as na cozinha, m oendo grãos e vigiando panelas, outras agachadas no pátio interno estendendo a roupa lavada sobre as laj otas quentes. Todas, até m esm o Egeia, haviam abraçado aquelas incum bências sim ples com alegria e gratidão. Depois de tudo por que haviam passado, qualquer tarefa que não fosse interrom pida por um m ar bravo ou por um hom em violento era um alívio.

Até m esm o Kara com eçava a dar pequenos sinais de recuperação. Já não resm ungava sozinha e não passava o dia inteiro dorm indo, com ódio, de costas viradas para as outras. No entanto, m esm o quando acordada, ao participar das tarefas da casa, de vez em quando ela ainda ficava alheia a tudo. Enquanto varria um piso ou batia um tapete, parava e se apoiava na vassoura por um longo tem po, decerto pensando em Micenas, não na Micenas que Mirina tinha visto, m as em um a im aginária só sua, onde ela, Kara, era rainha.

Quando consultada sobre o assunto, Otrera aconselhou Mirina e as outras a não confrontá-la nem a se m ostrarem im pacientes.

– Kara vai voltar quando estiver pronta – falou, enquanto cam inhava com Mirina debaixo da som bra do pórtico. – A m ente m uda, assum e a form a que m elhor lhe convém : às vezes é um leão, outras vezes um rato... e quanto m ais você a persegue, m ais depressa ela corre e m ais fundo se esconde.

Elas pararam diante da estátua da Senhora de Éfeso e, a pedido de Otrera, Mirina descreveu os ritos da Deusa da Lua. Ao ouvi-los, Otrera passou o braço pelo de Mirina e iniciou m ais um a volta pelo pórtico silencioso: – Tenho certeza de que as nossas senhoras, a sua e a m inha, são a m esm a.

Pois nós tam bém veneram os a noite, quando os hom ens dorm em , e nossas paixões são tão puras quanto os corações das gazelas na m ata. Am am os os anim ais, cavalos acim a de tudo, e cada um a de m inhas filhas sabe que o hom em , por m ais fascinante que sej a, traz apenas engodo e destruição. É o hom em , e som ente o hom em , quem rouba da m ulher sua dignidade natural e a infecta com o desespero e a m orte.

– Com certeza deve haver *alguns* hom ens bons – com eçou Mirina, pensando não apenas em Páris e nos corteses troianos, m as tam bém em seu pai e no pai de Lilli, este últim o tão ou m ais cuidadoso e paciente que qualquer m ulher.

Otrera encarou Mirina bem nos olhos. Suas íris castanho-claras pareciam tão calm as quanto as de um leão em repouso.

– Eu não disse que o hom em corrom pe a m ulher de propósito, só falei que é isso que sem pre acontece. Esta aqui j á foi a casa de um a m ãe que perdeu todas as filhas ao darem à luz. – Ela fez um gesto am oroso para a construção à sua volta. – Três filhas ela teve, três adoráveis m eninas que cresceram , foram cortej adas, se casaram ... e foram arrancadas pela m orte no auge da felicidade.

Essa m ulher, segundo diz a história, passou m uitas noites em claro aqui, sentada aos pés da Senhora Ártem is, m uito entretida em um a conversa com a deusa, até com preender por fim que havia um a lição a aprender com tudo aquilo. Assim , decidiu abrir a casa para desconhecidas e convidar m eninas órfãs de longe e de perto para se refugiarem aqui, contanto que elas aceitassem um pacto de pureza.

– Otrera apontou para um afresco de cavalos correndo na parede do pórtico. – Foi essa pobre m ãe enlutada quem descobriu os poderes curativos da caça, e devo dizer que nunca vi um a m ulher que não tenha ficado inteiram ente satisfeita por trocar um hom em por um cavalo e um a rédea.

Com o passar das sem anas, Mirina com eçou a entender o significado do que Otrera lhe dissera. Em bora fosse inverno e as terras estivessem adorm ecidas, m esm o assim seu vilarej o agrícola, espalhado pelo sopé de um m orro, fervilhava de atividade.

No início, as filhas de Otrera se m ostraram céticas em relação às recém -

chegadas, não por não aceitarem a chegada de gente nova e de m odos estrangeiros, m as porque o tipo de vida que Mirina e suas irm ãs sagradas levavam no Tem plo da Deusa da Lua lhes parecia excessivam ente regrado e tão tedioso que elas m al conseguiam conceber que alguém pudesse viver assim por escolha própria, em sã consciência.

– E você? – perguntou certo dia Pentesileia, a dos om bros largos, a Mirina, quando as duas estavam dando de com er às galinhas. – Com o pode se dizer caçadora se nem ao m enos sabe m ontar?

Mirina interpretou a frase com o resultado de um a confusão de línguas diferentes, não com o m á vontade, e sorriu para a nova am iga: – Eu dependo

das m inhas próprias pernas, não das de um anim al caprichoso.

Além do m ais, m inha arm a é o arco, e não vej o com o se pode m anej á-lo e m ontar a cavalo ao m esm o tem po.

– Então faça com o nós – retrucou Pentesileia. – Use a lança. Venha.

Ela lim pou dos dedos finos os últim os grãos de com ida para galinhas e com eçou a andar em direção à estrebaria.

– Vou lhe m ostrar!

Se pudesse agir de acordo com as próprias apreensões, Mirina sem dúvida teria m antido distância das estrebarias por um bom tem po, m as seu orgulho a im pedia de dizer isso à destem ida Pentesileia. Na verdade, o que levou Mirina a decidir dom inar aquela arte foi sobretudo perceber que aquelas outras m ulheres, algum as tão frágeis que não conseguiam erguer sequer um saco de cereais, se m ostravam inteiram ente à vontade na com panhia daquelas criaturas tem peram entais... Ela decidiu vencer o m edo nem que fosse para silenciar as provocações.

Assim que iniciou o treinam ento, suas irm ãs tam bém se prontificaram , encoraj adas pelo fato de ela ainda estar viva e, tirando alguns hem atom as nas costelas, praticam ente ilesa. Auxiliada por Pentesileia e por Hipólita, que era um pouco m ais com preensiva, elas passaram os m eses de inverno aprendendo a m ontar e a controlar os cavalos, e antes de as prim eiras flores da prim avera brotarem do solo, até m esm o Anim one j á cavalgava com segurança pelos pastos.

Lilli, é claro, im plorava para fazer parte de tudo aquilo. Mas Mirina relutava em deixar a irm ã m ontar sozinha ou m esm o ficar perto dos anim ais no chão, por m edo de ela levar um coice ou ser pisoteada. O cavalo de Pentesileia, em especial, era um anim al im previsível e agressivo, e ela nada fazia para dom ar seu tem peram ento; m uito pelo contrário. Assim , Mirina ia até a casa m ontada no próprio cavalo pelo m enos um a vez por dia, se aproxim ava da entrada situada um pouco acim a do nível da rua e punha Lilli na sua frente ou na sua garupa, segurando bem firm e. Desse m odo, as duas trotavam por um cam po de feno ainda por cortar ou iam até a praia devagar para galopar na areia. Mesm o assim , Lilli nunca parava de falar no dia em que m ontaria sozinha, e Mirina não sabia se deveria ficar feliz ou preocupada com o fato de a irm ã, que na verdade nunca tinha *visto* um cavalo, continuar a ter tam anha tendência para a aventura.

No início, tentara incentivar um a am izade entre Lilli e Helena, a garota que elas haviam resgatado de Micenas. De idades próxim as, as duas poderiam ter encontrado consolo na com panhia um a da outra... m as tinham tem peram entos tão díspares que era com o tentar prom over a am izade entre um cão e um gato.

Enquanto Lilli era a m esm a m enina feliz e agradável de sem pre, Helena era calada e carrancuda e tinha os olhos cheios de rancor. Sem pre que abria a boca, algo que por sorte era raro, suas palavras eram tão agressivas que Mirina tinha vontade de cobrir as orelhas de Lilli com as m ãos.

– Pensei que vocês fossem guerreiras – disse Helena certa vez, quando Mirina lhe pediu de m odo um tanto direto para j ustificar seus m odos em burrados.

– Disseram palavras grandiosas. Eu as segui porque sou um a guerreira. Mas vocês, não. Vocês não lutam .

Mesm o a descoberta de que na verdade não precisaria cauterizar um dos seios só fizera enfurecer a garota.

– Vocês m entem sobre tudo! – sibilou ela para Mirina, apontando-lhe um dedo cheio de ódio. – Igualzinho ao m eu pai.

A exclam ação deixou Mirina espantada; por algum m otivo, im aginara que Helena fosse órfã.

– Onde está seu pai? – perguntou, j á cogitando m andar a desagradável garota de volta para os pais, onde quer que eles estivessem . – Ele tam bém foi capturado pelos gregos?

Helena torceu o nariz de noj o.

– Eu não sou escrava. E não vou voltar para casa. Meu pai vai m e m atar. Eu *sei* que vai. Ele m atou m inha m ãe. E m inha irm ã. Eu sei que m atou. – Sua boca se contraiu. – Queria poder m atá-lo.

Mais de um a vez, Mirina surpreendeu Helena atrás do celeiro, entretida praticando com algum a arm a. Às vezes ela se j untava à j ovem , e as duas treinavam j untas o arrem esso de lanças e facas. Mas depois, de volta à casa, Helena olhava Mirina com olhos m ais frios do que nunca, com o se a prática não houvesse contribuído em nada para abrandá-la.

Em m eio a essa profusão de novos desafios, que incluíam aprender a língua de Éfeso, Mirina quase não tinha tem po livre para devaneios durante o dia. E à noite, deitada em silêncio no escuro, quando tentava recordar Páris, em geral adorm ecia de tão exausta antes que a im agem dele pudesse vir ao seu encontro.

Mesm o assim , ele nunca estava distante, tam pouco a em oção que provocava em Mirina fraquej ava nem dim inuía. Na m aior parte do tem po, isso a deixava feliz, m as de vez em quando sua felicidade era vencida pelo pânico e ela tem ia nunca m ais tornar a vê-lo. Pois, em bora ele houvesse curado sua antiga ferida, deixara em seu lugar um a cicatriz: um vínculo que nenhum a quantidade de banhos, fossem eles quentes ou frios, era capaz de apagar.

Por ironia, foram essas sensações que acabaram possibilitando a Mirina se aproxim ar de Kara. Certa noite, depois de lim parem j untas a cozinha, as duas estavam sentadas em silêncio nos degraus da porta, acariciando os gatos da casa, quando Kara de repente disse, com um a voz carregada de desafio: – Estou esperando o filho dele. Você entende?

E, de um a estranha m aneira, Mirina entendia. Já tinha ouvido as outras falarem , com um ar cansado e balançando a cabeça, sobre a gestação im aginária de Kara, m as até ali ninguém pedira a sua opinião. Pelo que sabia, Klito e Egeia tinham provas de que aquilo não passava de fantasia e haviam tentado envergonhar Kara e fazê-la voltar à razão, m as o resultado fora outra sem ana de lágrim as e um silêncio cheio de ódio.

Sentada ali nos degraus com Kara, am bas cansadas por causa do trabalho, Mirina quase pôde sentir a sua dor... quase pôde sentir o bolo de em oções disform es que a outra carregava dentro de si. Assim , passou o braço em volta da m ulher que por tantas sem anas se recusara a lhe dirigir a palavra e disse baixinho: – Entendo.

Desde a sua prim eira conversa com a altiva Pentesileia, Mirina acalentava um a am bição secreta. Quanto m ais as filhas de Otrera zom bavam de seu am ado arco e louvavam as vantagens da lança, m ais determ inada ela ficava a adaptar a arte do arco e flecha à m ontaria. A tarefa não era fácil, pois independentem ente de com o ela segurasse o arco, o cavalo ficava sem pre na frente. No fim das contas, decidiu que, com o não era possível fazer nada para alterar o form ato do anim al, a solução tinha de ser m elhorar o form ato da arm a.

– O que foi? – perguntou Lilli certa noite, ao ouvir Mirina grunhir de frustração.

As irm ãs dividiam um a cam a em um dos cantos do dorm itório. Todas as outras m ulheres j á dorm iam , depois de um longo dia de tarefas e treinam ento, porém Mirina, obstinada, continuava a m exer em seu novo arco à luz de um a pequena lam parina de barro.

– Está sentindo algum a dor? Você se cortou? – insistiu Lilli.

– O que está doendo é o m eu orgulho – sussurrou Mirina. – Porque eu não consigo inventar um j eito... – Lutando contra a m adeira e a corda, ela interrom peu a frase no m eio. – Volte a dorm ir. Desculpe ter acordado você.

– Deixe-m e aj udar. – Lilli estendeu a m ão para tatear o instrum ento ainda inacabado. – Pensei que você tivesse dito que era um arco. Este pedaço de m adeira está curto dem ais...

– Tem que ser curto – suspirou Mirina, lim pando do colo fibras de corda e farpas de m adeira. – Senão fica im possível de m anej ar a galope. Mas quanto m ais curto eu o deixo, m ais fraco ele fica. Puxe só! É um a arm a infantil agora. A m adeira perdeu todo o poder.

Lilli testou a corda e correu as m ãos por aquele obj eto tão im pecavelm ente construído.

– É lindo – falou. – Liso, obediente... Mas com o torná-lo m ais forte?

Ela pensou por alguns instantes.

– Talvez, com o no caso dos hum anos, a força venha da provocação... de ser forçado e precisar resistir. Talvez... – Ela devolveu o arco para a irm ã. – Talvez você deva forçar a m adeira de um j eito inesperado. Tente surpreendê-la e provocar sua força oculta para fazê-la em ergir.

Com isso, a m enina tornou a se deitar e pegou no sono na m esm a hora, enquanto Mirina ficou sentada encarando o desafio em suas m ãos, m ais desperta do que nunca.

Quando ela ficou pronta para exibir seu invento, a prim avera j á havia se transform ado em verão. Fabricar um arco não era um a tarefa sim ples: prim

eiro era preciso construir as ferram entas, depois encontrar e curtir os m ateriais... e acim a de tudo era preciso trabalhar com discrição, sem que Pentesileia descobrisse. Pois se a arm a fosse um fracasso, Mirina sabia que a zom baria seria sua única recom pensa por um trabalho tão árduo.

– Que coisinha disform e é essa? – perguntou Pentesileia, m eneando a cabeça para o curioso obj eto que Mirina trazia em um a das m ãos.

Era um arco cuj o com prim ento era m ais ou m enos a m etade do de um arco convencional, com as pontas forçadas para trás com o auxílio de chifre e tendões. À prim eira vista, não parecia grande coisa, e Mirina não pôde culpar as outras por rirem e balançarem a cabeça.

– Eu o batizei de arco recurvo – disselhes ela, com paciência, m as tam bém desafio. – Na m inha opinião, é superior à lança com o arm a para ser usada a cavalo. Alguém quer testar?

Aceitando o desafio com um m uxoxo, Pentesileia m ontou seu cavalo e seguiu na direção do alvo, com a lança recuada para um golpe potente. Com um grito de satisfação, arrem essou a arm a de certa distância, e a ponta se fincou no cervo de palha com tanta força que o fez cair no chão com um baque.

– Pronto! – exclam ou ela, voltando para perto de Mirina em um trote triunfal.

– E *você*, vai m atar o quê?

Mirina m eneou a cabeça para o cercado de cavalos vazio.

– Aquilo ali.

Todas se viraram para olhar, e foi preciso alguns instantes para Hipólita entender o que ela indicara e gritar: – Olhem ! Em cim a das estacas da cerca!

De fato, um a em cada três estacas tinha um a bola de palha equilibrada em cim a; o cercado estava rodeado por nada m enos que dez alvos.

Sem dizer m ais nada, Mirina esporeou o cavalo até ganhar o m áxim o de velocidade possível sem sacrificar sua m ira. Então retirou a prim eira flecha da alj ava e a apoiou no arco. Porém seu desej o de pôr Pentesileia no devido lugar a levou a soltar antes da hora a flecha, que passou voando pelo alvo sem tocá-lo.

Furiosa consigo m esm a por deixar preocupações m esquinhas prej udicarem sua concentração, ela seguiu em frente e disparou a flecha seguinte com cuidado... depois a terceira e a quarta. Todas acertaram os alvos em cheio, e as bolas de palha foram caindo no chão um a atrás da outra, varadas por suas flechas. Anim ada com o sucesso, Mirina apressou o galope, e sua m ira perm aneceu certeira, apesar da velocidade. Quando ela com pletou a volta no cercado e apareceu do outro lado depois de derrubar todos os alvos pelo cam inho, sua velocidade era tão grande que as m ulheres abriram cam inho, saindo da frente. Otrera foi a única que não se m exeu. A distinta senhora perm aneceu totalm ente im óvel enquanto o cavalo parava diante dela, escorregando nos cascos.

– Errei um – falou Mirina, olhando furiosa para a bola de palha na prim eira estaca.

Otrera se virou devagar em direção à cerca, depois encarou as outras. Sua expressão era indecifrável.

– O que m e diz, Pentesileia? Mirina errou um alvo. Devo dar a vitória a você?

Pentesileia não retrucou; a verm elhidão em suas bochechas j á dizia tudo. E

em bora todas à sua volta tam bém tivessem ficado caladas, em seu coração Mirina pôde ouvir seus estrondosos vivas.

Era um a m anhã clara de verão quando aconteceu. Sozinha no celeiro de feno, Mirina perseguia um a galinha fuj ona quando um a som bra com prida se desenhou no chão. Ela olhou para cim a e tirou os cabelos despenteados da frente do rosto.

Não o reconheceu na hora, pois a luz do sol que entrava pela porta atrás dele estava tão forte que ela teve de proteger os olhos.

– Continua caçadora, pelo visto – disse um a voz que ela conhecia bem , um a voz pela qual havia ansiado durante m eses a fio. – Está pronta para a sua aula?

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Sempre houve em meu coração um afeto inabalável por esses frígios e suas cidades que agora ardem após sucumbir às lanças de Argos, arruinadas, saqueadas, destruídas.

Eurípides, *As troianas*

MAR EGEU

DIAS ATUAIS

No dia seguinte, quando chegam os à ilha de Delos, o Sr. Telem akhos deu um a olhada no term ôm etro que m edia a tem peratura da água, lançou a âncora por cim a da am urada com um grunhido e anunciou que estava na hora do banho.

– Dezenove graus! – garantiu, acenando com o term ôm etro antes de j ogá-lo na água outra vez. – Melhor do que um chuveiro.

Sob o sol do m eio-dia, a água era de um azul transparente e suave, e m ais acim a se estendia a areia do litoral. Pensei em dizer que, de m inha parte, aquilo não era um cruzeiro de férias, m as nem m esm o a m inha rabugice foi páreo para aquela linda enseada banhada de sol. A única coisa que m e im pediu de arrancar as roupas e pular na água foi o orgulho; não queria que o Sr. Telem akhos pensasse que eu tinha m e rendido ao seu estratagem a de sequestro.

– Vam os lá, m ulher do m ar do Norte! – provocou ele, claram ente interpretando m inha hesitação com o frescura. – Aquela em hom enagem a quem você foi batizada nasceu nesta ilha! E não estou falando da princesa Diana – continuou ele, em um a explicação para Nick. – Estou m e referindo à deusa grega da caça, Ártem is, ou Diana para os rom anos.

– Sim . – Olhei de esguelha para os dois. – Mas com o vocês sabem , não é bom para os m ortais ver Diana se banhar. Porque isso pode levá-los à m orte.

Tive certeza de ouvir Nick resm ungar entre os dentes: “Então o nom e acertou em cheio.” Tínham os passado a m anhã inteira nos evitando e, sem pre que nossos olhares se cruzavam , ele m e lançava um a expressão irônica, com o se apenas tolerasse m inha presença, o que não incentivava m uito o diálogo. Tam pouco eu estava m uito ansiosa pela nossa próxim a interação. Passara a m aior parte da noite fazendo caretas ao lem brar algum as das coisas que tinha dito a ele, m as m esm o assim , pensando bem , não desej ava retirar nenhum a delas.

Antes de pular na água, Nick m e passou seu celular e disse: – Tenho certeza de que alguém lá em Oxford está esperando um a atualização.

Com ele ali em pé na m inha frente, bronzeado em toda a sua glória, era im possível não adm irar seu corpo, tão bem esculpido e liso quanto um a estátua rom ana e igualm ente convidativo a um toque. Afirm ei para m im m esm a que, apesar de toda aquela presença física, Nick era tão distante de m im em tudo que na verdade poderia m uito bem ser feito de m árm ore. Mas não adiantou: m esm o assim ele fez m eu sangue disparar nas veias.

– Obrigada – falei, olhando para o outro lado. – Quer que eu dê algum recado?

– Diga que você fez j us a cada centavo. Tom e... – Ele pôs um rolo de notas na m inha m ão. – Metade em euros, m etade em dólares.

Pesei as notas na m ão.

– Está tudo aqui?

– Menos a gorj eta, então é m elhor você m e tratar bem .

Ouvi-o m ergulhar e fiquei ali, segurando o dinheiro e o celular dele, com um a sensação insistente de arrependim ento. Mais cedo, enquanto Rebecca e eu fazíam os a cam a em nosso pequeno com partim ento, ela havia perguntado qual era o problem a com igo. Estava claro que m inha raiva em relação ao Sr.

Telem akhos era apenas a ponta do iceberg. Cansada dem ais para inventar qualquer coisa m ais lisonj eira do que a verdade, fiz um rápido resum o da confissão de Nick na noite anterior.

– Quer dizer, está claro então que ele é um charlatão, m entiroso e ladrão – concluíra, enquanto afofava o travesseiro. – Infelizm ente, na sua insondável estupidez, a sua ridícula am iga de infância deu um j eito de ficar um tiquinho...

– Eu sabia! – Rebecca se em pertigara, com os cabelos ainda desgrenhados da cam a. – Ele é o quarto cavaleiro. Eu soube assim que olhei para ele. Pronto, pensei, é esse o hom em que vai finalm ente superar aquele esgrim ista m entiroso na arte de partir o coração de Diana.

– Ah, sem essa! – dissera eu, j á arrependida por ter confiado nela.

Rebecca quase arrancara a colcha da m inha m ão.

– Não foi você quem m e disse que ele era noj ento? Que ele fedia?

Eu tinha feito um a careta para ela, com m edo de que Nick conseguisse nos escutar através da divisória.

– Sim , m as o problem a é que eu *gosto* do cheiro dele. Mesm o quando ele é noj ento, não que ele sej a. – Eu balançara a cabeça para tentar dissipar a confusão. – É com o se estivesse presa em algum a espécie de balão onde as leis da física não se aplicam ...

– Então m e perm ita furar o seu balão. – Rebecca dera a volta na cam a e usara a escova de cabelos para bater no m eu traseiro. – Pronto! Está se sentindo m elhor?

– Ai! Doeu.

– Que bom ! Agora controle-se. É isso que acontece com as pessoas em barcos: elas esquecem quem são e o que realm ente im porta.

Depois de nadar, liguei para m eus pais, que por sorte não estavam em casa.

“Eu sinto m uito, é que o m eu celular parou de funcionar”, falei para a secretária eletrônica. Em seguida enviei um torpedo curto para Jam es dizendo apenas: “A caça às am azonas continua. Próxim a parada: Troia. Pretendo estar de volta na segunda.”

– Então – falou Nick, estendendo a toalha ao lado da m inha. – Mal posso esperar para continuar de onde param os.

– E onde param os, exatam ente?

Olhei para Rebecca e a vi revirar os olhos antes de sum ir debaixo do convés para m udar de roupa.

Nick se recostou apoiado nos cotovelos e estreitou os olhos por causa do sol da tarde.

– E o caderno da sua avó?

– Ah.

Por causa do início brincalhão, eu esperava que voltássem os ao saco de dorm ir com partilhado na m argem do rio Nahanni e fiquei um pouco chateada por ter m e deixado levar sozinha por esse cam inho.

– Ontem à noite, quando você m e contou sobre a sua avó, disse que ela m uito provavelm ente devia ter tido form ação em arqueologia e que o caderno devia ser fruto de seus esforços para decifrar um idiom a antigo desconhecido – continuou ele, cuj o cenho franzido confirm ou que estávam os a quilôm etros de distância um do outro.

– Parece a única explicação lógica... – falei, recrim inandom e por adm irar seu corpo reclinado e m ais ainda por ter lhe dito tanta coisa.

– Então com o você explica as palavras m odernas? – Ele se virou para m im de m odo abrupto. – Tom ate. Milho. Cacau.

Dem orei a reagir, então ele sorriu e continuou: – Vam os lá, Dra. Morgan, não m e decepcione. Essas plantas todas vieram da Am érica no século XVI. Então explique por que um a civilização norte-africana da Idade do Bronze precisava de palavras para se referir a elas.

Abri a boca para responder, m as a verdade era que, m esm o j á conhecendo bastante bem o caderno, nunca havia prestado m uita atenção nessas palavras ditas m odernas. Meu ponto de partida sem pre tinham sido os sím bolos antigos, nunca o glossário em inglês. Ou sej a, o m otivo pelo qual eu nunca havia m e deparado com o term o “tom ate” era ele nunca haver aparecido no texto que eu estava traduzindo. O m esm o, sem dúvida, valia para “m ilho” e “cacau”.

– Quer dizer que você folheou o caderno? – perguntei por fim .

Nick fez o celular girar sobre a m adeira envernizada em um gesto distraído.

– Claro.

– Para quê? Para encontrar vestígios das am azonas atuais?

Ele enfim m e encarou e, por baixo de toda a provocação dele, pude ver o lado som brio que m e lem brava tão bem de ter visto na Argélia.

– Tem tam bém palavras para hotel, trem e envelope. Eu considero isso m ais do

que vestígios, Diana.

Chocada com o fato de ele ter descoberto tanta coisa no caderno de vovó, apoiei-m e nos cotovelos, im itando sua pose.

– O que está querendo dizer?

– Preciso m esm o explicar?

Balancei a cabeça, sem querer levá-lo a sério. Ali estava eu, alguém que havia passado a vida inteira acreditando nas am azonas e que tinha todos os m otivos do m undo para aceitar a existência de am azonas m odernas... m as que m esm o assim se pegava petrificada pela indecisão diante desse derradeiro salto no escuro. E ali estava Nick, vindo do nada e pronto para pular.

– Que im portância isso tem para você? – perguntei. – Isso tudo não é só um truque, um a encenação para enganar o inim igo?

Nick rolou para longe de m im e pôs um braço em cim a do rosto.

– O que im porta é que *eles* acreditam . A propósito, seu laptop está em Genebra.

– Com o é que você sabe?

– Tem um grupo na Suíça que a gente vem m onitorando faz algum tem po. No porto franco de Genebra existe um a rede eficaz de contrabandistas e traficantes, com presença em todos os m ercados internacionais im portantes. – Ele m oveu o braço e m e lançou um olhar de cum plicidade. – Tenho quase certeza de que estão m ancom unados com os seus am igos Moselanes.

O sol ainda proporcionava algum calor, m as de repente senti um calafrio.

– Nick, sério m esm o...

Ele uniu as m ãos sobre o peito e prosseguiu.

– Já perguntou ao seu nam orado com o o antepassado dele conseguiu o título de nobreza? Bom , vou lhe contar. Foi um a recom pensa do rei por trazer tantos tesouros do m undo antigo. Lorde Moselane precisa fazer j us a um a orgulhosa tradição fam iliar, e a rede de Genebra é o seu fornecedor de confiança. Essas

pessoas são especialistas em rem over im pressões digitais suj as e inventar procedências falsas. A m inha preferida é “presente de um colecionador suíço anônim o”.

Mais do que tudo, foi a form a arrogante com que Nick se referiu a Jam es que tornou a despertar m inha raiva da véspera. Estivesse ele m entindo ou não, e eu desconfiava m uito de que estivesse, sabia que o seu ataque aos Moselanes não tinha outro obj etivo a não ser m e provocar.

– Com o você sabe que m eu laptop está na Suíça? – perguntei, estudando o rosto dele. – E m eu celular? Deixe-m e adivinhar: você está rastreando m eus pertences com algum tipo de aparelho.

Ele não m e contradisse, então balancei a cabeça e continuei: – E ainda tem o topete de cham ar os outros de trapaceiros!

Nick fez cara de contrito, m as não por m uito tem po.

– É a natureza do j ogo – falou, com um dar de om bros desanim ado. – Pensei que você tivesse sido com prada por Grigor Reznik.

Fiquei tão claram ente aturdida que ele logo se explicou.

– Por que outro m otivo teria fingido em barcar em um avião para o Reino Unido quando na verdade ia para Creta? Eu não consegui entender. Mas sei que Reznik é obcecado por esses braceletes de chacal. – Ele m eneou a cabeça para o m eu pulso. – O cara pagaria um bom dinheiro por esse daí, acredite. Não é de espantar que ele queira ver o que tem no seu laptop. Já o seu celular... – Ele deu de om bros de form a casual. – O seu celular parece estar dando um passeio pela Espanha. Não m e pergunte por quê.

Fiquei tão desorientada que m al consegui m e lem brar do que tínham os falado ao sair da Argélia em relação ao crim inoso colecionador de arte de Istam bul e seu filho que m orrera no acidente de carro.

– Eu não sabia que os braceletes faziam parte da fixação de Reznik pelas am azonas – falei. – E com o você sabe que era *ele* quem estava atrás do m eu laptop? Achei que tivéssem os concordado que ele *não* estava por trás das explosões no tem plo... que algum a outra pessoa tinha tentado incrim iná-lo...

Nick fez cara de surpresa.

– Acho que esqueci a parte m ais im portante: Reznik é a em inência parda por trás da rede em Genebra que acabei de m encionar. Sej a ele ou não responsável pela explosão do tem plo, o pessoal dele *está* nos seguindo, sim , desde o com eço.

Eu aposto a m inha vida.

– Mas *por quê*?

Eu não aceitaria sua teoria sem antes pesar alguns prós e contras.

– Reznik acredita m esm o no Tesouro das Am azonas? Se acredita, parece que a caça ao tesouro dele com eçou m uito antes que *nós* aparecêssem os.

– É óbvio que ele sabe algum a coisa que a gente desconhece – ponderou Nick. – Mas o quê? Talvez a resposta sej a o seu *Historia Amazonum*... isso explicaria por que ele está tão interessado em você. Escreveu para ele pedindo para ver o m anuscrito, não foi?

– Mas ele nunca respondeu.

– Ah, respondeu sim . – Nick m eneou a cabeça para m inha têm pora m achucada. – Aposto que você está na m ira dele desde então. Ele deve ter gram peado o seu celular. Foi assim que descobriu que você estava em Creta.

– Mas, nesse caso, por que m andaria roubarem m eu telefone? – contrapus. – Não faz o m enor sentido. Agora ele não pode m ais escutar m inhas conversas.

Nick ficou calado por algum tem po. Então estreitou os olhos na direção do horizonte enevoado e disse: – Parece que tem os duas opções. Nos separam os, você vai para casa e faz todo o possível para convencer Reznik de que desistiu, ou então... – Ele m e lançou um sorriso atrevido. – Ou então continuarm os j untos e encontrarm os o tesouro *antes* dele.

Chegam os ao estreito de Dardanelos na sexta-feira à tarde. O Dardanelos, ou Helesponto, com o é cham ado pelos gregos, é a passagem m uito estreita que liga o m ar Egeu ao m ar de Márm ara. É tão pequeno que só pode ser com parado ao estreito do Bósforo, uns 300 quilôm etros m ais ao leste, onde o m ar

de Márm ara encontra o m ar Negro, e é naturalm ente um lugar de m uito vento e arriscado para velej ar.

Após a liberdade do m ar aberto, foi assustador entrar no perigoso estreito, que logo se fechou sobre nós por am bos os lados até o curso d'água ficar pouco m ais largo do que um rio grande. Durante a últim a hora, m ais ou m enos, o Sr.

Telem akhos vinha acom panhando nosso avanço pela costa com com entários do tipo: "Tenedos! Dizem que foi aqui que os gregos esconderam a frota enquanto esperavam os troianos m orderem a isca", ou "Estão vendo aquela costa ali?

Antigam ente era um a baía aberta, com o Hom ero descreveu."

Quando enfim atracam os na m ovim entada Çanakkale, a cidade m ais próxim a das antigas ruínas de Troia, Rebecca dorm ia a sono solto em um colchão no convés, alheia ao pandem ônio que reinava no porto. Durante nosso tem po no m ar, ela havia com eçado a tirar cochilos em horas m uito estranhas, e eu desconfiava que, apesar da aparente anim ação, ela estivesse achando aquela situação toda deprim ente. Expulsa de sua am ada Creta, ali estava ela, viaj ando na com panhia de um a am iga que costum ava ouvi-la, m as que agora andava com a cabeça cheia dem ais de preocupações para isso; até m esm o o Sr. Telem akhos estava tão ocupado curtindo aquela inesperada leva de j ovens que não podia dedicar m uito tem po à difícil situação de Rebecca.

Quanto a Nick, ele vinha dem onstrando um a indiferença grosseira aos esforços de m inha am iga para increm entar nosso passeio com inform ações pertinentes. Até ali, o tão esperado convite para trabalhar na Fundação Aqrab não acontecera. A única proposta feita por ele tinha sido para m im : com ou sem tesouro, Nick estava disposto a m e pagar m ais 10 m il dólares para continuar seguindo a trilha das am azonas com ele.

Eu respondera que iria pensar no assunto. Não que desej asse puni-lo por causa da incerteza que ele não hesitara em m e infligir, m as sim porque eu própria não estava segura de qual deveria ser m eu próxim o passo. Apesar das frustrações decorrentes de estarm os presos a bordo do *Penélope*, e apesar do com portam ento dissim ulado de Nick, era difícil m e im aginar longe dele, que passara a representar tudo o que vovó previra para o m eu futuro: aventura, perigo e descoberta.

Em contraste, a realidade que m e aguardava em casa j á praticam ente não m e seduzia. Após quase duas sem anas fora, eu precisava m e esforçar para recordar o que um a carreira em Oxford tinha de tão atraente e por que era tão im portante voltar correndo. Quanto m ais eu m e fam iliarizava com o m undo antigo à m inha volta, m ais a terra do rei Arthur, com suas paredes rachadas, cobertas de m usgo, e seu rigor gótico, sum ia na brum a.

– Arrá! – O Sr. Telem akhos virou as costas para o porto m ovim entado e m eneou a cabeça para o litoral do outro lado do estreito, a m enos de 1,5

quilôm etro de distância. – Onde estam os agora?

– Na Turquia? – sugeriu Nick.

– E para lá?

– Tam bém é a Turquia.

– Isso, isso. – O Sr. Telem akhos parecia m eio contrariado. – Mas e no contexto m aior, m ais geral?

– Isto aqui é o fam oso Helesponto – expliquei para Nick, com os dentes tiritando por causa do vento frio de novem bro que descia encanado pelo m ar de Márm ara, vindo direto, supunha eu, das estepes russas. – O ponto de encontro entre dois continentes. Aqui é onde a Europa beij a o Oriente.

Com as m ãos nos bolsos, Nick olhou para um a costa, depois para a outra.

– Está m ais para "j oga um beij o", você não acha?

– Solte a im aginação – retruquei. – E m ergulhe no rom ance. Foi o que lorde By ron fez. Ele atravessou o estreito a nado, com o tantos outros.

– Hero e Leandro! – exclam ou o Sr. Telem akhos, balançando a cabeça com tanta tristeza com o se os dois fossem seus parentes. – Ela era sacerdotisa de Afrodite e m orava em um a cidade aqui perto. Apaixonou-se por Leandro, que infelizm ente m orava do outro lado. Então ele passou a fazer a travessia a nado até que um dia... m orreu afogado. – Ele deu de om bros, j á com a cabeça em outra coisa. – Quem vai acordar a m oça?

– Por que é sem pre o hom em que tem de nadar? – resm ungou Nick.

Um Sr. Telem akhos nervoso rodeava Rebecca, que estava deitada, encolhida.

– Parece que m elhora m uito o sistem a circulatório – respondi, citando sem querer m inha m ãe em um a de suas m uitas tentativas fracassadas de levar m eu pai para passar o fim de sem ana na praia.

– Não se preocupe, m ulher do m ar do Norte. – Nick segurou m inhas m ãos geladas e as esfregou com as suas. – Não tem nada de errado com o m eu sistem a circulatório.

Eu ainda estava um pouco abalada com aquela intim idade inesperada quando o Dr. Özlem , velho am igo do Sr. Telem akhos e curador de um m useu próxim o, apareceu para nos encontrar. Em bora os dois tivessem se cum prim entado com a m esm o alegria desinibida, percebi na hora que o Dr. Özlem trazia um a tranquilizadora dose de *yin* para o *yang* inesgotável de nosso efusivo capitão.

Franzino e, calculei, castigado por um a vida inteira de trabalhos ingratos, o doutor acolheu nós quatro com as costas curvas e um olhar desconfiado enquanto apertava nossas m ãos. Mal havíam os nos aboletado dentro de sua velha Kom bi suj a quando ele nos olhou pelo retrovisor e deu um suspiro desanim ado.

– Vocês querem ver as pulseiras? – perguntou, com um tom que fazia pensar que estávam os a cam inho de um funeral de fam ília. – Tudo bem , eu m ostro.

Os braceletes das am azonas estavam expostos num a vitrine no andar principal do m useu adm inistrado pelo Dr. Özlem , um hum ilde conj unto de galpões dedicado aos achados arqueológicos da região de Çanakkale.

– Aqui estão – disse ele, apontando casualm ente com a cabeça para os dois chacais de bronze enrolados que, à prim eira vista, pareciam idênticos ao m eu. – Belo trabalho, não?

Rebecca foi a prim eira a rom per nosso silêncio atônito.

– Está dizendo que são falsos? – indagou. – Réplicas?

O Dr. Özlem esticou o queixo para a frente.

– Infelizm ente, sim .

– Mas... – Achei m uito difícil aceitar o fato de que duas réplicas dos braceletes das am azonas estavam expostas em um a vitrine de m useu na Turquia.

– Mas com o?

– Elas foram encontradas aqui em Troia m ais de cem anos atrás – explicou o Dr. Özlem . – Só que naquela época a arqueologia era algo prim itivo, e não sabem os em que cam ada elas estavam . Um a foi encontrada em um túm ulo perto do litoral antigo, a outra, enterrada nas ruínas do palácio real.

Ele baixou os olhos para o chão de ladrilhos, que pelo visto não era lim po havia sem anas.

– O correr do tem po, com o vocês sabem , está enterrado abaixo de nós em cam adas, com as épocas m ais recentes por cim a e o passado m ais distante por baixo. Quando nosso caro Heinrich Schliem ann com eçou a procurar a Troia de Hom ero, no final do século XIX, tinha certeza de que ela estaria por baixo, de m odo que não prestou m uita atenção nas cam adas que teve de escavar para chegar até lá. – O Dr. Özlem endireitou as costas, respirou fundo, com o se para acalm ar os nervos, em seguida expirou bem devagar, talvez por recom endação m édica. – Então as coisas ficaram m eio confusas desde então, entendem ?

Olhei em volta com discrição e entendi do que ele estava falando. A disposição da sala não fazia sentido para m im : um a m esm a vitrine continha obj etos de vários períodos diferentes e um a fileira de pedestais exibia bustos aos quais j á não restava quase nenhum traço e que sequer tinham etiquetas de identificação, o que era com preensível.

– Eu sei – suspirou o Dr. Özlem , depois de seguir a direção do m eu olhar. – É

que só algum as das nossas vitrines têm tranca, então precisam os pôr a segurança na frente da cronologia.

– Em geral dizem os que Troia tem nove cam adas – interveio Rebecca, em grande parte para Nick. – Schliem ann estava convencido de que a Guerra de Troia havia ocorrido na cam ada m uito antiga e profunda cham ada Troia 2, m as hoj e em dia a tendência é considerar que a *verdadeira* Troia na verdade é Troia 7, bem m ais tardia. Infelizm ente, com o vocês podem im aginar, boa parte

de Troia 7 acabou indo parar na pilha de lixo de Schliem ann. Mas ele achou ouro, o que contribuiu m uito para incentivar o financiam ento de futuras escavações.

Ela fez um a careta, com o se aceitasse isso com certa relutância.

– Quer dizer que a cam ada 7 era a Troia de Hom ero? – indagou Nick.

Os olhos de Rebecca se acenderam .

– Nem m e fale nesse assunto.

– Fale, sim – incentivei. – Peça para ela falar. Por favor.

– O fato é que todos nós gravitam os na direção da cam ada 7 porque ela parece ser a m enos im plausível de todas as teorias. – Rebecca olhou para o Dr.

Özlem com um a deferência tím ida. – Mas garanto que ninguém poria a m ão no fogo por isso. Ou será que poria?

Ao ver o leve m eneio de cabeça e o sorriso do Dr. Özlem , ela continuou, m ais convicta.

– Se estam os à procura de um a Troia realm ente espetacular, com m uralhas altas dignas das descrições de Hom ero, então Troia 6 deixa todas as outras cam adas no chinelo. Mas o problem a é que todo m undo vem procurando um a Troia que tenha sido arrasada pela guerra... *também* para se m anter fiel a Hom ero. E isso parece ter acontecido com a cam ada 7. Na m inha m odesta opinião, porém , a verdadeira aglom eração da Troia 7 era apenas um triste resquício da cidade espetacular que um dia existiu... nem de longe digna de um cerco de dez anos. Além do m ais, Troia 7 provavelm ente foi destruída por volta de 1190 a.C., o que, na opinião de m uita gente, é tarde dem ais. Com o os gregos puderam zarpar rum o à guerra com m il navios quando eles próprios j á estavam sendo erradicados? Na verdade, o retrato que surge é que aqueles foram os últim os dias da civilização que eles conheciam ; bárbaros ainda sem alfabeto saqueavam as costas do Mediterrâneo em ondas de destruição, e a região inteira m ergulhou em um a idade das trevas que durou várias centenas de anos, até os gregos basicam ente reinventarem o alfabeto por volta de 800 a.C.

Bati palm as.

– Estão vendo? Bex sabe tudo.

– Longe disso – falou Rebecca e deu de om bros, olhando para o Dr. Özlem , em um pedido de desculpas nervoso. – Estou só conj ecturando, igual a todo m undo.

– Então, se Troia não ficava na cam ada 7, onde ficava? – perguntou Nick.

– Ah! – Rebecca levantou um dedo, com os olhos brilhando. – Com o eu j á disse, quando olham os o plano da cidade em si, Troia 6 se destaca com o a m ais im pressionante de todas as cam adas. É nela que estão as altas m uralhas e é nela que os cidadãos viviam em relativo conforto. Além do m ais, Troia 6 foi destruída uns cem anos antes de Troia 7, ou sej a, por volta de 1275 a.C., o que para m im faz m uito m ais sentido. O único problem a é que nós acham os que Troia 6 foi arrasada por um terrem oto, não por um a guerra. Mas suponham os que na realidade não tenha sido um terrem oto... – Ela corou de form a encantadora conform e se aproxim ava do clím ax de sua teoria. – Suponham os que tenha sido um aríete. Ou será que eu deveria dizer um *cavalo*- aríete?

Ela cobriu a boca com um a das m ãos, com o se precisasse conter a própria em polgação, e olhou para todos nós em volta, esperando alguém com preender.

– Entendi – falou Nick, aquiescendo devagar. – Você acha que o fam oso cavalo de Troia na verdade era um gigantesco aríete?

– Pensem um pouco! – continuou Rebecca, com um a nova onda de anim ação. – Não é *possível* ter sido apenas um im enso cavalo oco de m adeira.

Que troiano iria com eter a inacreditável burrice de pensar: “Ora! Que belo presente de despedida dos m alditos gregos”, abrir o portão da cidade e levar o cavalo para dentro? Sério?

– Gostei da teoria – falou o Sr. Telem akhos, aquiescendo. – Mas sem pre gostei de teorias m alucas. O que acha, Murat? Um im enso aríete poderia ter destruído Troia 6, em vez de um terrem oto?

– Tenho que pensar um pouco. – O Dr. Özlem ergueu os om bros de leve. – Depois de m ais de um século escavando, tem os m uitas teorias, e j á escutei todas elas.

Ele virou a cabeça e olhou pela j anela toda suj a de poeira e condensação.

– Às vezes gostaria de ainda ser um sim ples agricultor. Por que toda essa nossa ânsia de transform ar um lindo m ito em realidade? Eu não entendo.

Som ente quando ele nos deixou para dar um a palavrinha com um de seus funcionários, que havia deixado um a das vitrines destrancadas, foi que o Sr.

Telem akhos teve a chance de explicar as circunstâncias que haviam tornado tão am arga a relação de seu am igo com a arqueologia.

– Ele passou vinte anos escrevendo para pessoas de toda a Europa, tentando fazer todos os artefatos troianos serem devolvidos à região e depositados neste m useu recém -dedicado a eles. – O Sr. Telem akhos gesticulou para o m odesto com plexo de construções à nossa volta. – E teve bastante sucesso. Muitas coisas foram m andadas para cá, entre elas os dois braceletes. Mas infelizm ente, poucos m eses depois de o m useu abrir, descobriu-se que alguns dos artefatos m ais valiosos tinham sido retirados e substituídos por falsificações... e a suspeita recaiu sobre Özlem . Ele passou oito anos lutando para lim par seu nom e, sem pre correndo o risco de ser preso. As autoridades daqui só desistiram de acusá-lo quando ele adoeceu, três anos atrás. Até hoj e ele tem inim igos que o cham am de ladrão, e a m aioria dos obj etos de valor que sobraram foi transferida para outros m useus, equipados com sistem as de alarm e m ais eficazes.

O Sr. Telem akhos chegou m ais perto, para que seu velho am igo não o escutasse.

– Tenho m edo de que fechem o m useu. Seria o fim para ele.

Virei-m e para Nick, que estava em pé atrás de m im com os braços cruzados e um a expressão grave adequada ao tem a.

– Tesouros roubados por ocidentais m alvados – falei para ele. – E devolvidos à sua terra natal, onde serão perdidos para sem pre. Me diga de novo, é isso m esm o que você quer?

– Ah, eles não estão perdidos para sem pre – disse o Dr. Özlem , tornando a se j untar a nós e trazendo um a bandej a de copinhos de chá. – Nós sabem os onde eles estão. Chá de hortelã, am igos? Infelizm ente não tem os cadeiras.

– O senhor j á pensou em pedir aj uda à Fundação Aqrab? – perguntou Nick, pegando um dos copos.

O Dr. Özlem acenou no ar com a bandej a vazia.

– Ah, não. Eles são uns trogloditas. Quando dão dinheiro, ficam querendo m andar em tudo e dizer aos outros o que fazer. – Ele estrem eceu. – Eu não gosto que ninguém m e diga o que fazer. Muito m enos trogloditas.

Nick não pareceu particularm ente ofendido com essa acusação. Seu sorriso de ironia sugeriu que não era a prim eira vez que ouvia aquilo.

– Talvez sej a disso que o senhor precisa – disse ele, girando o copinho que parecia absurdam ente pequeno na sua m ão. – De alguns trogloditas na sua equipe.

Mais corcunda do que nunca, o Dr. Özlem olhou para Nick com o se não houvesse reparado na sua presença antes e estivesse agora se perguntando se m ais algum a peste iria se abater sobre ele.

– Pode ser. Mas eu estou velho...

– Com licença – falei, aflita para salvar o Dr. Özlem e fazer a conversa voltar ao assunto em pauta. – Mas com o o senhor sabe que esses braceletes são *mesmo* falsos?

O doutor pousou a bandej a e destrancou a vitrine.

– Tom e aqui – falou, entregando-m e um dos chacais enrolados. – Em geral é preciso ser especialista para notar isso, m as olhe do lado de dentro, em baixo da cabeça. O que está vendo?

Dei um passo m ais para perto da vitrine e inspecionei o obj eto de bronze.

– Nada.

– Justam ente. – O Dr. Özlem estendeu a m ão para que eu devolvesse a j oia. – Nos originais havia pequenas incisões. Três pequenos sím bolos nesta aqui, dois naquela.

Fiquei tão anim ada que não consegui largar o chacal.

– Que tipo de sím bolos?

O doutor olhou para o Sr. Telem akhos, aquiescendo com o se eles j á houvessem planej ado aquele m om ento.

– Pronto. Agora pode fazer sua m ágica.

O Sr. Telem akhos se virou para a j anela encardida e desenhou dois sím bolos com o dedo na vidraça. Eu conhecia os dois, pois am bos faziam parte do alfabeto das am azonas de vovó, m as a palavra em si era nova.

– Isto estava escrito no prim eiro bracelete – disse ele.

Atarantada, encarei os dois sím bolos. Ali parecia estar, enfim , a prova de que os braceletes e os sím bolos de fato estavam ligados. Será que todos os chacais tinham aquelas incisões gravadas? Será que o m eu tinha? Nunca m e ocorrera verificar.

– Duas sílabas – falei, ofegante de anim ação – Será o nom e da dona? *Tem* que ser.

– E tem m ais. – O Sr. Telem akhos desenhou outros três sím bolos, em seguida se virou para m im com um ar de expectativa. – Era esse o nom e que estava inscrito no outro bracelete...

Nick falou m ais depressa do que nós.

– Nossa sacerdotisa-rainha de três sílabas – disse ele, estranham ente desapontado. – Mirina. Ela chegou m esm o a Troia.

– Que incrível! – Tive vontade de segurar Nick pelos om bros e sacudi-lo. – Nós seguim os *mesmo* a trilha delas.

– Sim – falou ele, pesaroso. – E é aqui que a trilha term ina. Pobre Mirina...

veio até tão longe para m orrer.

Percorrem os as ruínas de Troia ao pôr do sol, m aravilhados ao pensar que

aquela colina isolada e rodeada por cam pos de cereais, com seus confusos rudim entos de antigas construções em alvenaria, tinha sido outrora um a das grandes civilizações m undiais.

Talvez na tentativa de poupar o Dr. Özlem de um a palestra que ele decerto j á tinha dado centenas de vezes, Rebecca assum iu a tarefa de nos inform ar sobre as ruínas.

– Com o vocês podem ver, a cidade se expandiu com o tem po, e as m uralhas se alargaram j unto com ela, com o anéis concêntricos na superfície da água, para acom odar esse crescim ento – explicou m inha am iga, seguindo na frente por um labirinto de antigos m uros e fundações, algum as ainda surpreendentem ente altas.

– Mas que Troia é esta, exatam ente? – indagou Nick, olhando para os resquícios de um a im ensa torre.

– Troia 6 – respondeu Rebecca com as m ãos no quadril, em um a pose de quem era dona do lugar. – A *verdadeira* Troia, na m inha opinião. Foi quando toda esta m uralha externa foi construída, assim com o vários outros prédios im ensos.

Não concorda que estas são m uralhas dignas da Troia de Hom ero?

Ela olhou para m im em busca de apoio.

– O problem a é que nada significativo foi encontrado nessa cam ada – disse o Dr. Özlem . – Pelo m enos não que eu saiba.

– Exceto um a gigatonelada de tij olos – m urm urou Nick, sobretudo para m im .

– É possível que os gregos tenham atacado m uitas vezes – continuou o Dr.

Özlem , arrancando algum as ervas daninhas de um dos m uros e enfiando-as distraidam ente no bolso do casaco. – E quem sabe o terrem oto tenha até aj udado Troia no final?

Ele olhou para Rebecca e ficou claro que, aos poucos, a oportunidade de especular o reanim ava.

– Talvez a senhora tenha razão. Talvez sej a m esm o Troia 6. Com certeza ela

teve grande im portância estratégica.

O Sr. Telem akhos assentiu.

– Vocês viram com o o estreito é exíguo. É por ali que todos os navios tinham de passar a cam inho do m ar Negro. Às vezes eles ficavam sem anas parados lá, esperando até que o vento do norte parasse de soprar. Era um lugar perfeito para se ter um negócio: os clientes não podem ir em bora.

Ele foi avançando entre as ervas daninhas e pulou em cim a de um prom ontório coberto de gram a e cercado por entulho.

– Não é de espantar que esses troianos fossem populares. Orgulhosos troianos, dom adores de garanhões, senhores do m ar oriental. Pensem só no tesouro real, nas riquezas que ele deveria conter. – Ele abriu os braços para indicar esse esplendor im aginado. – Não é de espantar que o rei de Troia precisasse de m uralhas altas.

Virei-m e para Nick e peguei-o encarando m eu bracelete de chacal. No barco, sentira seus olhos pousados em m im m uitas vezes, a ponto de a sensação m e deixar tão ofegante quanto se ele houvesse de fato m e tocado. Mas agora estávam os novam ente em terra firm e, percorrendo m ais um a realização hum ana que o tem po cobrira de m ato, e o seu rosto não dava sinais de nada a não ser distanciam ento. Será que algum a vez tinha lhe ocorrido, pensei, que o j ogo traiçoeiro que m antinha com seus inim igos poderia ter enorm es consequências na vida de todos nós, não só na m inha e na de Rebecca, m as potencialm ente tam bém na do Sr. Telem akhos e do Dr. Ölzem , cuj a sinceridade e dedicação deixavam tão m ais evidente a m alícia do Sr. Al-Aqrab?

– É im portante lem brar que aqui nasceu o Tesouro das Am azonas – falei para Nick. – Acreditava-se que ele fosse form ado pelo ouro de Troia.

– E não um ouro qualquer – interrom peu o Sr. Telem akhos, depois de ouvir m eu com entário. – Estam os falando das peças centrais da civilização troiana.

Foram salvas pelas am azonas antes da queda da cidade.

Ele sorriu, brincalhão, com o se m esm o ele, por m aior que fosse sua crença nas am azonas, nunca houvesse acreditado na existência do tal tesouro.

– Mas o que eu queria dizer é que qualquer um louco o suficiente para pensar que o Tesouro das Am azonas um dia existiu, e ainda existe, pode vir bater na porta do Dr. Özlem m uito em breve – falei em voz m ais baixa, virando-m e outra vez para Nick. – E talvez não sej am m uito legais. Não se forem as m esm as pessoas que atacam m ulheres em labirintos escuros.

Nick m e encarou com as sobrancelhas arqueadas.

– Por que não diz isso à acadêm ica de Oxford que escreveu cartas para Reznik e deu início a essa história toda?

Ainda não de todo pronta a adm itir m inha própria culpa em relação àquilo, andei depressa até os outros e falei: – Então, todos nós concordam os que a história da linda Helena de Troia era pura ficção? Que para Aquiles e todos aqueles heróis gregos que perderam a vida, a Guerra de Troia foi m otivada por ouro?

O Dr. Özlem deu de om bros.

– Quem pode saber o que os seus líderes lhes disseram ? Os hom ens sem pre gostam de culpar as m ulheres por tudo o que dá errado. Basta ver Adão e Eva. – Ele suspirou. – Se pelo m enos tivéssem os algum registro histórico... só que não tem os. O que tem os são alguns antigos tratados feitos com outros povos, m as eles não inform am m uita coisa, e os nom es causam confusão. Será que o Alaksandu m encionado é o m esm o Páris histórico? Será que o “Grande Rei” de Ahhiy awa é o Agam enon de Hom ero? Mas onde está Heitor? Onde está Aquiles? Será que eles de fato estiveram aqui ou será que fizeram parte de outra história, que m ais tarde se m isturou à lenda de Troia?

Continuam os a descer um a trilha lam acenta em direção à parte m ais antiga das ruínas.

– Eu com certeza não sentiria falta de Aquiles – interveio Rebecca. – Sério, que herói estupra o cadáver de um adversário em pleno cam po de batalha?

Nick fez um a careta, por isso Rebecca riu e arrem atou: – Estou m e referindo à rainha das am azonas na época, Pentesileia. Segundo a lenda, as am azonas se aliaram aos troianos na guerra contra os gregos. Na *Ilíada*, Hom ero as cham a de *antianeirai*, ou sej a, “aquelas que lutam com o hom ens”.

Reza a história que Aquiles só se deu conta de que estava com batendo um a m ulher quando ela m orreu e ele espiou por baixo da arm adura.

Nick se virou para m im com o cenho franzido.

– Será que Pentesileia pode ser outro nom e para Mirina? Ou será que as am azonas tinham duas rainhas na época?

Era um a ótim a pergunta, m as eu estava irritada com a hipocrisia dele.

Qualquer que fosse o seu m otivo para estar ali e pôr todos nós em risco com sua presença, eu estava convencida de que pouco lhe im portava a verdadeira história das am azonas. Com o no caso dos invasores gregos, o que valia m esm o para ele era o ouro. Nick não parava de falar do Tesouro das Am azonas com o se fosse apenas ficção, m as eu j á não m e deixava enganar. Ele estava atrás do tesouro desde o início. Sua recente oferta de m ais 10 m il dólares para aj udá-lo a chegar antes de Reznik com certeza sugeria isso.

– Diana! – bradou o Sr. Telem akhos. – Aqui estam os nós, diante da pergunta m ais im portante de todas: as suas am azonas argelinas conseguiram chegar a Troia, e sua rainha de fato se cham ava Mirina? Ao que Hom ero responde...

Ele gesticulou para eu com pletar a frase, m as eu estava tão abalada que não o com preendi. O Sr. Telem akhos então ergueu o dedo em um gesto didático.

– Não esqueça Hom ero. É ele quem nos resgata. Ele m enciona especificam ente a nossa rainha ao descrever um pequeno m orro na planície do Escam andro. – Enquanto subia a escada tom ada pela vegetação à nossa frente, com os braços bem abertos, ele recitou o trecho: – “Denom inado Batieia pelos hom ens, m as pelos deuses o m onte da ágil Mirina.”

Minha surpresa foi tanta que m e senti enraizada no chão.

– O senhor acha que isso é um a referência à *nossa* Mirina?

O Sr. Telem akhos encarou o antigo cam po de batalha com os olhos sem icerrados, com o se fosse um oficial sobrevivente que voltasse ao cenário de um a devastadora derrota para entender onde havia errado.

– Se eu acredito? Eu acredito que a *Ilíada* é um código, um código cifrado para

quem for m erecedor...

– E a guerra de Troia? – indagou Nick. – Ela aconteceu m esm o?

– Algo com certeza aconteceu aqui – assegurou o Dr. Özlem e fechou o zíper de seu casaco im perm eável para se proteger da friagem do fim do dia. – Só não tem os certeza do quê. Mas eu duvido m uito que tenha sido por causa de um a m ulher.

Ele olhou para o relógio de pulso.

– Está ficando tarde. Minha m ulher fez com ida. Querem j antar conosco?

Quando voltávam os para o estacionam ento – e o grande cavalo de m adeira que indicava o acesso às ruínas –, um a silhueta m asculina em ergiu do sol poente e com eçou a avançar, determ inada, na nossa direção. Alto e atlético, com as m ãos nos bolsos, ele parecia um Apolo relutante ou algum a outra divindade despachada do Monte Olim po para um a últim a tarefa: aj udar m ais um hum ano que perdera o rum o.

– Xi – falou Rebecca, encolhendo-se na j aqueta de aviador. – Agora é que vam os ter encrenca.

– Com o assim ? – com ecei, m as então tam bém reconheci o hom em .

Era Jam es.

CAPÍTULO VINTE E SETE

ÉFESO

Mirina ficou tão chocada ao deparar com Páris que esqueceu de segurar o frango que finalm ente conseguira capturar. A ave indignada escapou de suas m ãos, batendo as asas com alguns cacarej os.

– Tom e...

Páris lhe lançou um a adaga de treino, feita de m adeira, m as Mirina não teve presença de espírito para pegá-la antes que caísse no chão a seus pés, erguendo um a pequena nuvem de poeira.

– Não vou lhe ensinar a lutar com o hom em , porque você não é hom em .

Goste disso ou não, você é m ulher, e com o tal tem algum as lim itações naturais.

Nunca se esqueça disso.

Ainda atordoada dem ais para falar, Mirina ficou observando Páris enquanto ele brandia a própria espada de m adeira, duas vezes m ais longa do que a adaga que havia lançado, e um a estaca com prida com um a bola de pano cravada em um a das pontas. Sua expressão estava perfeitam ente séria e serena; era com o se a separação houvesse conseguido curar qualquer fraqueza que ele outrora pudesse ter sentido por ela.

No entanto, assim que Mirina ergueu os braços para prender os cabelos com um barbante, viu-o lutar para desgrudar os olhos de seu corpo... e ser derrotado com um a careta.

– Nunca faça isso na frente de um hom em – disse ele com um a voz grave e rouca. – De um a form a ou de outra, ele vai acertá-la.

Deixando os cabelos com o estavam , Mirina catou a adaga de brinquedo e a segurou em frente ao corpo.

– E é assim que você quer que eu m e defenda? Um a faca de cozinha contra *isso* e *isso*? – Ela indicou com a cabeça as duas arm as que ele tinha nas m ãos.

– Se isto aqui fosse de verdade, com certeza representaria tanto perigo para quem a estivesse segurando quanto para a vítim a – disse Páris, m ostrando-lhe a espada de m adeira. – Muitos hom ens, querendo parecer invencíveis, carregam espadas com pridas dem ais para sua força e acabam encontrando um a m orte prem atura quando a lâm ina se volta contra eles. Um a m ulher inteligente não deve repetir esse erro. E isto aqui é outra arm a que o seu inim igo fará a gentileza de carregar para você. – Ele ergueu a lança de m entira. – Um a lança de arrem esso será atirada um a vez e pronto, naturalm ente; na m aioria das vezes, um a lança espetada no inim igo terá o m esm o destino. Pois acredite: no m eio de um a batalha, retirar a ponta dela de um cadáver vestido com um a arm adura de couro a tem po de evitar o ataque seguinte não é um exercício agradável.

– Mas *o senhor* entraria arm ado assim em um a batalha – falou Mirina.

Páris aquiesceu.

– Por ser hom em , preciso fazer o que é honrado, m esm o sabendo que isso irá m e condenar. Mas um a m ulher está livre para fugir, e ninguém j am ais irá zom bar e dizer que deveria ter feito outra coisa. Porém a rainha Mirina não se contenta com isso. Então venha aqui e m e m ate.

Ele sorriu por fim , abrindo os braços.

Os dois se rodearam algum as vezes. Páris sorria, m as Mirina ainda não sabia com o interpretar sua presença. Então parou e baixou a adaga.

– O senhor está brincando com igo. Conheço esse seu sorriso. Assim que eu chegar perto com este bastão de m adeira, vai m e golpear com essas varas e rir.

Páris fez que sim com a cabeça.

– Lem bre-se do que está fazendo agora, da sua atitude. É assim que você sem pre deve iniciar os seus com bates: fazendo parecer que j á se rendeu. Um a das regras m ais im portantes para um a m ulher é esta: sem pre tenha certeza de que o adversário a subestim a. A inclinação natural será considerá-la fraca, e essa é a sua m aior vantagem .

– Fraca?

Mirina finalm ente partiu para cim a dele. Assim que o fez, contudo, a espada de m adeira se interpôs a eles, bem rente ao seu pescoço.

– Essa era a regra núm ero dois – disse Páris, sem deixar de sorrir. – A núm ero um é a seguinte: Nunca subestim e *o adversário*.

Com isso, em purrou-a para longe, e Mirina cam baleou para trás, por pouco não tropeçando em um garfo de feno.

Nesse exato instante, quando ela estava refletindo sobre o que fazer a seguir, um a terceira pessoa surgiu na porta. Era Otrera, vestida com elegância excessiva para o celeiro e obviam ente intrigada com os ruídos de arquej os e de pés arrastando no chão.

– Sobrinho? – cham ou ela, observando as som bras cheias de poeira. – Disseram que você tinha chegado. Que surpresa agradável!

– Eu estava só... – Em um a rara dem onstração de tim idez, Páris pigarreou. – Eu só pensei que...

– Sim . – Otrera lhe estendeu um a das m ãos. – Estou vendo.

Pelo resto do dia, Mirina ficou ocupada com tarefas interm ináveis, todas executadas onde Otrera pudesse ouvi-la. Quando Páris finalm ente voltou para seu navio, Mirina j á estava em desespero por não ter trocado m ais nenhum a palavra com ele.

No entanto, quando atravessava o pátio m al ilum inado da residência particular de Otrera, Páris fez questão de parar para aj eitar a sandália bem ao lado de um a coluna coberta de j asm im . De algum a form a, sabia que Mirina estava bem ali, escondida de todos, torcendo para vê-lo um a últim a vez.

– Encontrem e na praia quando o sol nascer – disse ele entre os dentes, sem sequer olhar na sua direção. – E estej a arm ada.

Nessa noite, Mirina não conseguiu dorm ir. Rem exia-se e suspirava tanto que Pentesileia lhe ordenou que ficasse quieta e Lilli acordou aos prantos, m urm urando frases desconexas relacionadas a navios e incêndios na praia.

– É ela! – sibilou Lilli quando Mirina tentou consolá-la e fazê-la voltar a dorm ir.

– Eles estão vindo atrás *dela.*

– Dela quem , m eu am or? – sussurrou Mirina, abraçando-a com força j unto ao peito e torcendo para que o barulho não acordasse m ais ninguém .

– *Dela!* – respondeu Lilli, com o sem pre chateada com o fato de a irm ã não entender. – Da princesa. Ela está escura agora, m as está aqui.

Após um a longa noite sem pregar o olho, Mirina finalm ente saiu do dorm itório e se esgueirou por trás do celeiro para selar seu cavalo. Sabia que ainda faltava bastante para o sol nascer, m as estava dem asiado nervosa para esperar. E se seu estratagem a fosse descoberto? E se Otrera tentasse detê-la? O

perigo não era nem tanto o constrangim ento, m as o risco de não poder encontrar Páris com o planej ado.

O cavalo, um tordilho castrado, bufou de alegria ao vê-la, m as Mirina o silenciou, aflita. Em vez de sair m ontada com um grito de felicidade, com o norm alm ente faria, ela fez o anim al passar em frente à casa puxando-o pelas rédeas, na esperança de que ninguém a visse nem escutasse. Não que sua excursão tivesse nada de pecam inoso, m as... o j eito com o Otrera a havia encarado na noite anterior sugeria que os outros talvez pensassem diferente.

Afinal, Páris era hom em .

Enquanto percorria os cam pos em direção ao m ar, respirando o ar frio e tranquilizador, Mirina viu a névoa m atinal se erguer do solo com um a graça relutante. Em bora j á fosse verão, a terra não estava com pressa para revelar seus esplendores ante a chegada do sol; só quando ele estendeu os dedos dourados e a fez lem brar o calor de seu toque foi que ela se despiu da últim a cam ada de brum a e o acolheu com um a irrupção de cantos de pássaro.

Tam bém foi o sol que incentivou Mirina, im pelindo-a com a m ão quente em suas costas e espalhando à sua frente a luz gloriosa da m anhã conform e ela descia das dunas e chegava à praia. Num breve instante, a vastidão desolada da praia foi am orosam ente despertada do sono, sua cor m udando de um cinza arroxeado para um tom de m el.

E ali, no m eio daquilo tudo, ela viu Páris cavalgar na sua direção, segurando em um a das m ãos a espada de m entira. Mas ele não parou ao alcançá-la, apenas

sorriu e seguiu pela praia com o se quisesse chegar até o prom ontório rochoso.

Mirina partiu atrás dele e deu o m elhor de si para ultrapassá-lo. Quando enfim chegaram a um a pequena enseada protegida que ela j am ais soubera existir, os dois apearam , aos risos.

– Vej a só você! – exclam ou Páris, com um a decepção fingida. – E eu querendo lhe ensinar a m ontar... Vej o que as filhas de Otrera chegaram prim eiro.

– O senhor deve estar vendo m uitos defeitos no m eu estilo – disse Mirina, tirando as sandálias. – Hipólita vive m e cham ando a atenção por causa dos j oelhos...

Páris sorriu.

– Eu não m e atreveria sequer a reparar nos seus j oelhos. Tudo o que vej o é o rosto de um a m ulher no com ando, saboreando a cavalgada. E isso m ais do que basta.

Ele se conteve e virou-se para tirar a sela do cavalo.

– Diga-m e, os m eus atos im prudentes lhe causaram problem as em casa? – perguntou Mirina, ansiosa para retardar a sua brincadeira com arm as até conseguir respostas para suas perguntas m ais prem entes.

Páris a olhou por cim a do om bro.

– Se tivessem causado, eu não estaria aqui.

– Então o senhor... m e perdoou?

– Não sei m uito bem o que essa palavra significa. – Ele tirou a sela do cavalo e a pousou sobre um rochedo. – O que sinto em relação a isso é tão confuso que j á parei de tentar entender. Tentei cortar m eus sentim entos, m as eles cresceram outra vez.

Ele deu de om bros e sacou a espada de m entira.

– Está pronta?

Mirina hesitou, louca para entender do que ele estava falando, m as consciente de que novas perguntas só trariam novos enigm as. Assim , pegou suas duas facas de m adeira e cruzou os braços na frente do corpo, com o se estivesse com m edo.

– Pronto. Estou indefesa o suficiente para o seu gosto?

Páris aquiesceu.

– Não está ruim . Mas eu a conheço bem dem ais para m e deixar enganar. É

algo nos seus olhos... precisam os dar um j eito nos seus olhos. Mas prim eiro vam os falar sobre os seus pontos fortes, porque são eles as suas verdadeiras arm as. – Ele m eneou a cabeça na direção de suas pernas. – Em prim eiro lugar, sua elasticidade. Pés velozes e ágeis. Você poderia vencer um hom em na corrida, fácil. Na verdade... – Ele sorriu. –... j á m e venceu m uitas vezes.

Mirina franziu o cenho.

– Eu lhe pedi para m e ensinar a lutar. Ninguém precisa de instruções sobre com o fugir.

Páris ergueu a m ão em um alerta.

– Você é im paciente dem ais. É um a de suas fraquezas. Sej a a prim eira a atacar... e seria o m esm o que cravar a lâm ina no próprio peito. Esperar, esperar, esperar... depois esperar m ais um pouco: é esse o segredo.

– Esperar... – Mirina fez um a careta. – Enquanto m eu oponente m e corta em pedacinhos?

Páris assentiu.

– Ele vai tentar. Mas você saberá se esquivar dos golpes. E então, na hora em que *ele* ficar im paciente, descuidado e cansado, é aí que você vai atacar. Mas prim eiro... – Páris bateu com a lâm ina de m adeira na palm a da m ão. –...

prim eiro vou lhe ensinar a prever e evitar a espada.

Quando ele finalm ente a deixou descansar, Mirina estava toda dolorida, cheia de

hem atom as e arranhões. Agora sabia bloquear m elhor e evitar as investidas dele, sim , m as só depois de ter levado inúm eros cutucões e espetadas, a m aioria nos braços e pernas, m as tam bém algum as nas costelas. Mesm o quando ela cam baleava e caía, ele não lhe dava trégua: batia com a lâm ina de m adeira em seu traseiro até que Mirina se levantasse outra vez.

Quando ele relaxou a pressão, Mirina desabou na areia com um grunhido, sem saber se algum dia tornaria a ter forças para se erguer.

– Tom e.

Páris lhe ofereceu água, m as ela estava exausta dem ais para aceitar.

– E eu pensando que o senhor fosse nobre – m urm urou ela, segurando o cotovelo. – O senhor na verdade é cruel. Quando vou poder ter um escudo?

– Eu esqueci algum lugar? – Ele se aj oelhou ao seu lado e segurou seu braço.

– Hum ... – Passou o dedo sobre o hem atom a. – Que tal isso? – Ele se inclinou e encostou os lábios ali. – Melhorou?

Ela o encarou, sentindo “sim ” e “não” se digladiarem na garganta.

– Sim ? Bom , nesse caso... – Páris tornou a se levantar e lim pou a areia dos j oelhos. – Levante-se, ágil Mirina. Nós m al com eçam os.

De fato, ao longo de várias sem anas, Páris encontrou Mirina na praia e continuou a treiná-la, às vezes cedo, outras vezes tarde, de m odo que ninguém pudesse perceber um padrão nas ausências dela.

Fiel à sua palavra, ensinou-lhe o dom ínio das arm as que tinha, acim a de tudo a velocidade, a flexibilidade e o equilíbrio, e em pouco tem po ela j á conseguia se encolher e saltar para evitar a m aioria de seus golpes, para sua grande diversão e crescente consternação dele.

– Eu lhe ensinei bem dem ais! – exclam ou ele certo dia, bem na hora em que o sol se punha depois de um a tarde longa e quente. – Agora quem desfere os golpes é *você*... na m inha dignidade. Espere. O que está fazendo?

Jogando longe a lança e a espada, ele pulou em cim a dela bem na hora em que

ela se sentou para descansar, esm agando-a sobre a areia.

– O que foi que eu lhe disse? Nunca pense que acabou antes de estarem todos m ortos. Mesm o desarm ado, m esm o de j oelhos, seu inim igo ainda vai tentar pegar o seu pescoço.

Ele im obilizou seus braços e pernas, apoiando todo o peso em cim a dela.

– Agora m e em purre.

Mirina trincou os dentes e tentou em purrá-lo com toda a força, m as ele era pesado dem ais.

– Vam os lá – incentivou ele. – Sem pre existe um ponto fraco. Um m om ento de descuido. Encontre-o e use-o.

Ela tentou outra vez, depois m ais outra, m as não encontrou fraquezas.

Grunhindo por causa do esforço, encarou-o nos olhos para tentar adivinhar o que ele estava pensando. Não foi difícil, pois estavam em sintonia com os dela.

Ainda aos arquej os, ela parou de lutar.

E então ele a beij ou: o beij o pelo qual am bos ansiavam havia tanto tem po, um prêm io ofegante e febril que poderia ter durado para sem pre... se o calcanhar de Mirina não houvesse encontrado apoio em um m ontinho de areia e lhe perm itido virar a am bos, derrubar Páris de costas e encostar um a das adagas de m entira na sua garganta.

– E você diz que *eu* sou cruel? – grasnou ele, com os traços deform ados pela hum ilhação. – Você com certeza é a rainha do torm ento eterno.

Mirina pressionou a adaga um pouco m ais no seu pescoço.

– Eu ainda não o m atei. Certo?

Páris franziu o cenho.

– E por que não?

Em vez de responder, ela se inclinou e tornou a beij á-lo, ávida para ter outra vez

o prazer que acabara de sentir. E quando, alguns instantes depois, ele voltou a ficar por cim a, Mirina não se im portou, pois aquilo não parecia m ais um a derrota.

Um a vez liberta, sua paixão foi qual dois filhotes de leão em com bate, ao m esm o tem po brincalhões e incansáveis. Páris não se fartava de seus lábios...

aqueles lábios que tantas vezes o haviam provocado e dito não, enquanto Mirina m al conseguia conter o deleite por enfim poder senti-lo... sentir aquele corpo forte que tantas vezes havia adm irado, que tantas vezes desej ara ter contra o seu.

– Minha linda Mirina – m urm urou ele, correndo a m ão quente por seu braço até fechá-la em volta do bracelete de chacal. – Vam os tirar isto agora m esm o...

– Não – disse ela e afastou o braço.

– Não se preocupe. – Sem parar de beij á-la, ele estendeu a m ão para o bracelete outra vez. – Deixe que eu faço.

– Não! – Ela se encolheu para longe dele e o braço ficou torcido às costas. – Nós não podem os!

– Não podem os o quê? – Ele a puxou de volta e tornou a im obilizá-la debaixo de si. – Ofender o cachorrinho? Ele não pareceu se incom odar quando eu a beij ei, não é? Na verdade, desconfio que estej a gostando m uito.

Mas o estrago estava feito.

– Por favor. – Mirina pressionou o punho cerrado contra o rosto para conter as lágrim as. – Não quero m achucá-lo...

Páris se sentou, corado e irritado.

– Então por que será que tudo o que você faz invariavelm ente produz a m ais excruciante das dores?

Ele se levantou com um grunhido e se afastou pela praia, brandindo a espada de m entira contra adversários invisíveis.

Mais tarde, quando ele selava o cavalo, Mirina se aproxim ou e o abraçou por trás.

– Eu o avisei – sussurrou, tom ada por um a tristeza tão profunda que m al conseguia falar. – Minha resposta é sem pre um a m ordida violenta.

Páris deixou os braços caírem .

– Quem dera. Mas os deuses, em sua infinita ironia, deram aos seus lábios o sabor m ais doce que há. – Virando-se, ele segurou seu rosto e lhe deu outro beij o; parecia m uito abalado. – Eu deveria ir em bora e nunca m ais voltar, m as não consigo. Me encontrará aqui am anhã?

Eles passaram m ais três dias lutando, até Páris por fim cravar a espada e a lança na areia e cair de j oelhos, balançando a cabeça.

– Está se rendendo? – indagou Mirina, em pé na sua frente, sem saber o que fazer, ainda com as adagas em riste.

– Mirina. – Ele segurou o próprio rosto. – Minha form osa Mirina. Será que você nunca vai ser m inha? Estarei fadado a m e subordinar a um *cachorro*?

Ela se aj oelhou na sua frente, desesperada para aliviar sua angústia, m as com m edo do que poderia acontecer caso tentasse.

– Preciso voltar para Troia – disse Páris, por fim . – Assim que o dia raiar.

– Não! – Mirina o envolveu com os braços. – Não m e deixe outra vez. Por favor! Prom eta que vai voltar logo...

Ele baixou a cabeça.

– Não posso.

– Mas... – Ela encostou a bochecha na dele. – Mas você não gosta de m im ?

Páris levantou a cabeça; seus olhos eram pura reprovação.

– Se eu gosto de você? Mirina, você é a m inha *rainha*... eu a quero m ais do que m inha própria vida. – Ele engoliu em seco antes de prosseguir com súbita

determ inação. – Vá ao m eu encontro. Vá para Troia e sej a m inha m ulher. – Com olhos escuros e solenes, ele tocou seu queixo. – Ou fique aqui para sem pre, escravizada por um senhor im aginário.

Mirina o encarou e afastou do rosto os cabelos despenteados.

– Você se casaria com igo?

Páris balançou a cabeça.

– Você acha que eu ensinaria qualquer um a lutar com igo até a m orte? Quero que você sej a m inha m ulher. Minha única m ulher. – Ele a segurou pelo pescoço e a beij ou com firm eza na boca. – Bem perto de Troia existe um a colina cham ada Batieia; porei um hom em de sentinela ali, dia e noite, até você chegar. Batizarei o lugar de “m onte Mirina” em sua hom enagem .

Encarando-a, ele segurou sua m ão e a pressionou contra a própria face.

– Um frio cachorro de m etal... ou um hom em com o sangue a pulsar em cada m em bro? A decisão é *sua,* m as eu lhe im ploro: decida logo.

Mirina voltou para a casa depois de escurecer. Jam ais havia sentido com m aior intensidade o poder de atração daquele lugar: as portas e j anelas escancaradas e acesas com um calor conhecido, além das m uitas vozes erguidas em um coro caótico de alegria.

Ao atravessar a porta do j ardim , encontrou todas ocupadas pondo a m esa do j antar, rindo sem nenhum m otivo especial e absortas em toda sorte de coisas sem im portância. De repente se sentiu um a estranha, um a intrusa que houvesse trapaceado para ser aceita lá dentro.

Só então lhe ocorreu com o havia se tornado m estra em ignorar os próprios desej os, outrora sim ples, m as que aos poucos tinham se tornado com plexos. Um ano antes, quando ela e Lilli haviam atravessado j untas o deserto, nada a teria deixado m ais satisfeita do que deparar com um a m esa posta por am igos. E

depois de sair do Tem plo da Deusa da Lua em busca das irm ãs raptadas, ela com certeza teria caído aj oelhada de gratidão caso soubesse que um dia, em breve, todas elas, com exceção de um a, estariam vivendo outra vez em feliz

isolam ento, em um a área cultivada j unto ao m ar, cercadas por pessoas bondosas e terras férteis.

Um a vez que sua tarefa estava cum prida e as irm ãs, seguras, porém , os próprios desej os tinham caído por terra, sem vida e obsoletos, com o as cordas que os hom ens usam para erguer altas m uralhas. E ela se tornara vítim a do m al que acom ete todos os grandes arquitetos: quando o prédio fica pronto, ele não consegue habitá-lo com serenidade e colher os frutos de seu trabalho: precisa se ocupar com planos de um a nova construção, depois outra... até enfim ir se sentar à som bra da árvore dos velhos e ver que sua vida foi um a construção sem fim e que nunca teve tem po de habitá-la.

Ou talvez ela estivesse sendo inj usta. Com certeza houvera ocasiões em que tinha se com prazido genuinam ente com os desafios de cultivar a terra e a com panhia das novas am igas tão apaixonadas pela caça quanto ela. Lilli tam bém parecia feliz naquele lugar. Em bora as noites da m enina estivessem outra vez atorm entadas por sonhos ruins, seus dias eram alegres, repletos de gatos, patos e tarefas prazerosas. Otrera tom ava um cuidado especial para que as suas filhas incapazes de participar por com pleto da confusão de atividades – e havia m uitas m eninas assim , pois o povo da região não queria criá-las – nunca ficassem ociosas e para que nunca lhes faltassem responsabilidades que fossem só suas.

Tanto que Lilli desenvolvera um a atitude de quem se j ulgava indispensável ao bom funcionam ento da cozinha e protegia seus dom ínios com um a possessividade cada vez m aior. “Não suporto pensar no que elas com iam antes de chegarm os”, dissera ela a Mirina poucas sem anas antes. “Pode m e aj udar a lim par a despensa? Ninguém parece ligar para essas coisas.”

Com o tinha pouco m ais o que fazer, Mirina havia aceitado. Juntas, as duas tinham lim pado o subsolo, provando os itens em estoque para ver se estavam bons ou estragados, m as, acim a de tudo, haviam podido conversar a sós sobre o que esperavam do futuro. Quando o sol se pôs nesse dia e a despensa ficou enfim arrum ada, Mirina tinha certeza de que as duas gostavam igualm ente daquela nova vida e que não conseguiam pensar em nenhum lugar m elhor para estarem .

Mas então Páris voltara e, com ele, um a enxurrada de em oções e am bições que perseguiam Mirina aonde quer que fosse, sem pre a atorm entá-la, por m ais que ela m ergulhasse no açude atrás do celeiro, quase se afogando para tentar escapar.

Quando ela se sentou para j antar nessa noite, após se despedir de Páris e vê-

lo partir a cavalo sob a luz do crepúsculo, quase pôde sentir o cham ado de Troia entrar pelas j anelas abertas. Já ouvira a cidade ser descrita m uitas vezes com o um lugar m agnífico, de m uralhas e torres orgulhosas, m as nessa noite o lugar havia adquirido um brilho diferente: era o lar de um hom em incapaz de lhe negar o que fosse e cuj a proxim idade era tão fascinante que ela m al conseguia pensar em outra coisa.

Depois do j antar, bloqueando os ouvidos para o burburinho habitual da cozinha, Mirina passou um a hora instalando ratoeiras. Aquela podia não ser a m ais nobre das ocupações, m as ela encontrou um a estranha satisfação em fazer o que precisava ser feito com o m ínim o de sofrim ento possível para as vítim as.

Estava tão entretida m ontando suas arapucas que só reparou que tinha com panhia quando Otrera pousou a m ão sobre sua cabeça e disse: – Estava m e perguntando por que não era m ais incom odada pelos guinchos dos cam undongos antes de m orrer. Agora, tudo o que ouço é um estalo, depois silêncio.

– Quem dera fosse possível obrigar o coração hum ano a fazer o m esm o – m urm urou Mirina, lutando para desatar um nó.

– Venha. – Otrera acenou para ela se levantar. – Vam os cam inhar. A noite está m uito calm a.

Mirina entendeu na hora o que havia por trás daquele convite. A m ãe da casa, que tudo via, descobrira suas idas clandestinas até a praia, quer por m eio de um a testem unha, quer por sim ples dedução. O navio dos troianos tinha passado três sem anas atracado no porto, m as Páris só fora j antar com ela um a vez. Por quê?

O que o sobrinho escondia?

Preparando-se para a m erecida bronca, Mirina seguiu Otrera pela horta até a cam pina que havia m ais adiante. Ali, banhada pela luz da lua que nascia e lançando sua som bra disform e sobre os cereais, ficava a Árvore da Harm onia, um velho carvalho repleto de sinetas m ovidas pelo vento. Ninguém ainda lhe explicara a lógica daquela árvore e de seus pesarosos suspiros, m as Mirina j á tinha adivinhado tem pos antes que ela funcionava com o guardiã dos m ortos cuj as cinzas, supunha, estavam enterradas no solo j unto às suas raízes.

Intrigada com o fato de estarem ali, parou ao lado de Otrera e esperou a m ulher m ais velha falar. Tem ia que o assunto fosse pecado e punição e j á se preparava para alegar inocência quando Otrera estendeu a m ão, acariciou a casca da árvore e disse: – Você não chegou a conhecer Sisirbe. Ela foi a m elhor filha que j á tive.

Nunca violou um a única regra, nunca recusou um a tarefa que fosse. Montava a cavalo com destreza. Mas foi abatida por um a febre antes m esm o de virar adulta. E Barkida... – Otrera fez um a pausa para firm ar a voz. – Barkida caiu do cavalo e quebrou o pescoço. Ela e m uitas outras m orreram j ovens dem ais. O

Destino nem sem pre favorece quem é m erecedor, entende? Tudo o que podem os fazer é ser honestas com nós m esm as e torcer pelo m elhor. Um a vida infeliz, interrom pida antes da hora por um a m orte inj usta... sem dúvida é essa a m aior de todas as tragédias.

As duas ficaram paradas sem dizer nada por algum tem po, olhos erguidos para os sinos silenciosos. Então, depois de não conseguir encontrar crítica no que acabara de escutar, Mirina perguntou: – A senhora está m e dizendo para... ser feliz?

Otrera suspendeu um pouco as saias e com eçou a avançar m ais para dentro da cam pina. Seguiu um a pequena trilha até um banco de pedra com vista para a encosta onde ficavam os cercados dos cavalos.

– Quem sou eu para adivinhar o que o Destino lhe reserva? – disse ela por fim , sentando-se no banco. – Estou apenas lhe dizendo o que sinto no coração.

Com alguns tapinhas no banco, cham ou a m oça para se sentar ao seu lado.

– Venha, deixe-m e contar sobre o hom em que am ei.

Mirina se deixou cair sentada com um arquej o e sua expressão de espanto fez Otrera rir.

– Não tenha m edo. Já faz m uito tem po e nosso am or nunca passou de olhares de adm iração. Pois eu nada fiz para encoraj á-lo. Afinal de contas, estava dedicada à Deusa. – Ela fez um a pausa, lançou um olhar severo para Mirina, depois continuou: – Assim , esse hom em inconstante com eçou a cortej ar m inha irm ã e acabou convencendo-a a abandonar os votos e se casar com ele.

Otrera alisou a saia com as duas m ãos, talvez revivendo a tristeza do passado.

Então suspirou e prosseguiu.

– Eles com eteram a tolice de com em orar o casam ento aqui, debaixo do teto da Deusa, e ela, que é m uito cium enta, retribuiu com o m ais terrível presságio.

Na noite de suas núpcias houve um incêndio e o telhado da casa em que eles estavam desabou, quase m atando os dois. – Otrera balançou a cabeça. – Você pode im aginar os videntes prevendo m orte e m aldição eternas e aconselhando-os a m atar a criança concebida naquela noite. Mas m inha irm ã, claro, se recusou a adotar m edida tão cruel e supersticiosa, e o m enino foi criado com m uito am or e se tornou m uito am ado por seu povo.

Mirina se rem exeu no banco, pouco à vontade. De repente se lem brou de Páris lhe dizer, quando eles haviam chegado em Éfeso, que Otrera era irm ã de sua m ãe e que seus pais tinham se conhecido ali m esm o, naquela terra. Seria possível, pensou, que Páris fosse a criança concebida no dia do incêndio? Seria possível um m enino tão capaz, tão sorridente, hoj e hom em feito, ter nascido em m eio a presságios tão ruins?

– Então, com o vê, se eu tivesse m esm o am ado esse hom em , hoj e seria um a velha am argurada. – Otrera ergueu as m ãos e as deixou cair outra vez sobre o colo, sem vida. – Eu diria que a Deusa puniu *a mim*, não m inha irm ã. – Ela parou de falar e se em pertigou. – Mas som ente os insensatos fazem j ulgam entos prem aturos. O destino é paciente. Mais cedo ou m ais tarde, ele nos alcança.

– Os votos que fiz foram com a Deusa da Lua... – com eçou Mirina.

– E com suas irm ãs.

– É verdade. – Mirina se inclinou para a frente e pousou os cotovelos sobre os j oelhos. – Mas gosto de pensar que j á paguei m inha dívida com elas faz tem po.

Quanto à Deusa... ela nada fez para nos proteger. Se alguém traiu seus votos sagrados, foi *ela.*

– Cuidado. – Otrera ergueu a m ão. – Até os deuses precisam obedecer ao Destino. Pode ser que exista algum plano grandioso no céu... e pode ser que não.

Mas não vam os zom bar de poderes que não com preendem os.

– Desculpe – sussurrou Mirina, baixando a cabeça. – Nunca consegui segurar a língua diante de um a inj ustiça.

Otrera afagou sua m ão.

– E é por isso m esm o que vam os sentir tanto a sua falta.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Os homens cuja glória adveio com honestidade Têm toda a minha admiração. Mas os impostores Não merecem nenhuma: sorte e falsidade é só o que são.

Eurípides, *Andrômaca* TROIA, TURQUIA Enquanto m orava conosco, vovó nunca escondeu seu ódio pelos hom ens, ou, no que m e dizia respeito, pelos m eninos. Não por eles serem necessariam ente m alvados, m as porque os considerava um desperdício do nosso tem po. “Não deixe nenhum m enino im aturo de cabelos despenteados atrapalhar o seu treinam ento”, ela nunca se cansava de repetir. “Mais tarde, quando você for m adura e tiver dem onstrado o próprio valor, poderá saborear a com panhia de um m acho saudável da m esm a form a que saboreia um a boa refeição. Com a, durm a e esqueça.”

Contudo, talvez j am ais tivesse ocorrido a vovó que eu necessitasse de conselhos tão explícitos se Rebecca – em um típico exem plo de falta de controle do que poderia ou não contar – não tivesse revelado a história por trás da presença da bola de golfe da propriedade dos Moselanes na caixinha de obj etos que colecionávam os.

– A gente acha que essa bola pertence a Jam es Moselane – sussurrara ela, aninhando a esfera nas m ãos com o se fosse um filhote de passarinho.

– Sei – dissera vovó, cheirando com desagrado o sabonetinho de hotel. – Quem é Jam es Moselane e por que as bolas dele m erecem estar nesta caixa?

Ao fim da explicação de Rebecca, vovó balançara a cabeça e dissera: – Vocês precisam tirar esses pensam entos inúteis da cabeça. Vocês duas. E

precisam treinar m ais! Seus braços continuam fracos. – Ela estendera a m ão e endireitara o om bro de Rebecca. – Quando forem fortes o suficiente para se m

anterem eretas e quando tiverem m atado um hom em em com bate, *aí sim* poderão brincar com Jam es Moselane. Não antes disso. E lem brem -se de dividir.

Entenderam ?

Agora que nós duas estávam os paradas entre as ruínas de Troia observando Jam es se aproxim ar, Rebecca parecia tão aterrorizada quanto nesse dia distante ao ouvir as instruções de vovó. E eu tem ia estar tam bém .

– Jam es! – exclam ei, com o coração aos pulos, tentando decidir com o cum prim entá-lo.

Nós em geral nunca nos tocávam os, com exceção de um a breve m as possivelm ente acidental carícia quando ele m e aj udava a tirar o casaco. Dessa vez, contudo, ele andou direto até m im e m e deu um beij o na bochecha.

– Morg – falou, com um sorriso caloroso. – Desculpe ter dem orado tanto.

Então, virando-se para o Sr. Telem akhos e o Dr. Özlem , cum prim entou-os com o se os dois fossem velhos am igos.

Enquanto isso, atrás dele, vi Rebecca olhar nervosa para Nick e em seguida para m im , com o para se assegurar de que os sentim entos que eu havia lhe confessado no barco não estavam evoluídos a ponto de nos fazer m ergulhar em algo sórdido com o um triângulo am oroso. Mas nós não tínham os nada a tem er de Nick: ele m e olhou com o se eu sequer estivesse presente, ou talvez, para ser m ais exata, com o se fosse um a desconhecida e não m erecesse um a m udança de expressão. Só pude torcer para conseguir parecer tão blasée quanto ele.

Ao contrário do restante de nós, Nick não pareceu nem um pouco espantado com a súbita aparição de Jam es.

– Estava m e perguntando quando você viria se j untar a nós – falou, apertando a m ão estendida com um entusiasm o contido. – Desde que o seu nom e apareceu no m eu telefone.

– É, bom ... – Jam es forçou um sorriso rápido. – Eu queria ter vindo antes.

Oxford gosta de saber o paradeiro do seu pessoal. Nick, é isso?

– Você sabe quem eu sou.

Era preciso conhecer bem Jam es para ver o seu rosto se contrair de irritação.

Seria m uito fácil confundir aquilo com um sorriso.

– Ouvi dizer que os nossos advogados estão se entendendo às m il m aravilhas – disse ele. – Um as cartas m uito espirituosas de parte a parte.

Nick não retribuiu o sorriso.

– Acho que perdi o senso de hum or.

Houve um silêncio breve durante o qual os dois se encararam com a m esm a intensidade de dois duelistas que esperam o lenço cair. Então, por fim , Nick se afastou e Jam es se virou para m im e balançou a cabeça.

– Tem gente que não consegue se contentar com o que tem e *precisa* tentar se apoderar das coisas dos outros – disse ele, alto o suficiente para Nick escutar.

Não tive certeza se ele estava se referindo a m im ou à coleção da propriedade Moselane, m as busquei abrigo tem porário nessa incerteza. Estava claro para m im , porém , que Jam es tinha ido a Troia m e salvar da Fundação Aqrab; m eu últim o torpedo para ele fora enviado do celular de Nick. Sua presença ali sugeria que ele queria levar nossa am izade um passo adiante. Por que outro m otivo ele se daria o trabalho de m e rastrear na Turquia quando sabia que eu estaria de volta em Oxford poucos dias depois?

– Me diga um a coisa – falei, quando todos com eçaram a andar em direção ao estacionam ento e tivem os a oportunidade de ficar para trás. – Com o sabia que estaríam os aqui hoj e?

Jam es parou e segurou m inha m ão.

– Morg – falou, encarando-m e com aqueles olhos hipnóticos e profundos. – Eu te liguei tanto, tanto...

Sua sinceridade m e fez am olecer.

– Roubaram m eu celular – falei. – Eu queria ter voltado três dias atrás, m as...

as coisas se com plicaram . Meus alunos a essa altura devem estar com ódio de m im .

– Que hem atom a é esse?

Jam es levou os dedos à m inha têm pora com um carinho pouco característico.

Eu nem sequer m e dera conta de que o galo ainda estava visível.

– Não se preocupe, j ovem Morgan. – Ele passou um braço em volta dos m eus om bros e deu um leve apertão. – Eu estou aqui agora e está tudo sob controle. Quando recebi seu torpedo, pensei: sabe de um a coisa? *Nunca* estive em Troia. Talvez esta sej a a oportunidade.

Ele olhou para Nick, que nos aguardava ao lado da Kom bi do Dr. Özlem , tam borilando os dedos no m etal descorado.

– Além disso, m eu tio tem um a casa no m ar Negro. Sou capaz de inventar qualquer desculpa para dirigir os carros dele. – Jam es m eneou a cabeça para o único outro veículo no estacionam ento: um Aston Martin verde, m odelo de corrida. – Ao m esm o tem po que resgato donzelas em perigo.

O casal Özlem m orava em um a pequena casa de fazenda no m eio de um pasto.

Quanto m ais eu observava aquela hum ilde residência, m ais convencida ficava de que ela fora originalm ente construída para abrigar anim ais, não seres hum anos.

– Não vou acender a lareira porque m inha m ulher acha que fica um cheiro m uito forte de vaca quando as paredes esquentam – anunciou o Dr. Özlem em determ inado m om ento, confirm ando m inhas suspeitas sobre a estrutura. – Já eu não consigo sentir m ais cheiro nenhum – com pletou, indicando com tristeza o próprio nariz. – Dizem que às vezes acontece.

Em bora não falasse inglês, a Sra. Özlem entendeu o teor da conversa, e senti um a pontada de pena ao ver a expressão atorm entada em seu rosto gentil.

Franzina e vestida com roupas esgarçadas em tons de cinza, ela se m ovia com a graça dolorida de um a velha bailarina, e cada passo e gesto seu eram dedicados ao bem -estar do m arido. Se o Sr. Telem akhos j á não houvesse m ais do que

aludido à doença do Dr. Özlem , a preocupação im pressa no rosto de sua esposa teria nos dito tudo o que precisávam os saber sobre a fragilidade de seu m arido.

– Que chalé encantador – com entou Jam es, que havia aceitado na hora o convite para j antar e agora fazia o possível para recom pensar nosso anfitrião com observações alegres. – Im agino que esta possa ser considerada um a arquitetura turca tradicional, não?

– Sim – respondeu o Dr. Özlem , servindo a todos um a água turva de um a j arra de bronze de três pernas. – Arquitetura turca para vacas. A nossa casa era aquela ali em cim a. – Ele apontou para um a fotografia em oldurada na parede. – Nós vendem os para pagar os advogados. Nosso filho estuda direito, m as agora é tarde. – Ele com eçou a nos passar os copos cheios d'água com gestos tão dignos quanto se estes contivessem o m ais caro dos cham panhes. – Agora preferiria que ele estivesse estudando m edicina. Ou que se tornasse bom beiro hidráulico.

Bom beiro hidráulico seria bom .

Mais tarde, durante o j antar sobre duas m esas posicionadas lado a lado, Jam es sorriu para todo m undo e disse: – Mas então, com o anda a caça às am azonas? Estou surpreso por vocês terem dem orado tanto para chegar aqui. A Turquia não é tida com o o verdadeiro território das am azonas? O tem plo de Ártem is em Éfeso, logo ao sul daqui, não foi supostam ente construído por elas? Um a das sete m aravilhas do m undo, se não m e engano...

Ele olhou para o Dr. Özlem em busca de confirm ação.

– Alguns estudiosos acreditam que o antigo m undo m editerrâneo tinha m ais de um a sociedade m atriarcal – disse nosso anfitrião, aquiescendo, felizm ente alheio à tensão em volta da m esa que fazia todos cerrarem os dentes. – Um dos exem plos seria a ilha de Lem nos. Mas a expansão da cultura grega de dom inação m asculina foi em purrando essas sociedades cada vez m ais para o leste, até elas acabarem virando colônias no m ar Morto. É possível que Éfeso tam bém tenha sido um a sociedade m atriarcal, e as m uitas lendas que relacionam as am azonas a esta região sugerem que j á existiu um a tradição m atriarcal aqui.

– E é por isso, im agino eu, que heróis com o Hércules consideravam seu dever lançar um a cam panha preventiva contra elas de vez em quando e roubar suas cintas.

Jam es m e lançou um olhar de quem reconhecia estar tom ando em prestados os m eus term os em relação ao tem a. Ainda sorrindo, olhou para Nick do outro lado da m esa.

– Conhece os doze trabalhos de Hércules? Esse foi um deles, sabia? Roubar a cinta da rainha das am azonas. Algum sucesso nisso até agora?

Nick olhou para Jam es com um a expressão m uito estranha, com o se seus pensam entos estivessem m uito distantes. Então, de repente, voltou a si e disse: – Não sou tão culto quanto você no que diz respeito aos traj es íntim os fem ininos.

Um a gargalhada explosiva do Sr. Telem akhos finalm ente dissipou a atm osfera som bria. Até m esm o Rebecca se anim ou o suficiente para sussurrar em m eu ouvido: – *Por favor*, vam os continuar com os m itos sem entrar em assuntos pessoais.

Em bora eu não estivesse com disposição para conversas am enas, sabia que ela estava certa.

– Perm itam que eu esclareça, j á que sou *eu* que tenho um diplom a em m oda am azona – falei para os dois. – Pode ser decepcionante, m as essa cinta é só um cinturão largo que protege a parte inferior do tronco. A versão da Idade do Bronze de um a calcinha da vovó à prova de balas. Um hom em usava esse cinturão para carregar arm as, um a espada ou um a adaga, m as a m ulher, pelo m enos nos textos, usava-o com o sím bolo de proteção e virgindade. No caso da rainha das am azonas, é claro, as duas coisas se aplicam . Ao roubar o cinturão, Hércules de certa form a privava a rainha das am azonas ao m esm o tem po de seu poder m asculino e de sua dignidade fem inina. Ou, falando de m aneira m enos filosófica, ele a estuprou *e* roubou o spray de pim enta dela. Um herói e tanto.

Depois de fazer circular pela m esa várias tigelas e travessas, o Sr. Telem akhos disse a Nick: – Se quiser, podem os continuar subindo a costa e visitar o lar das am azonas no litoral sul do m ar Negro. – Ele virou a cabeça para o Dr. Özlem . – Murat conhece todos os arqueólogos que estão escavando em Karpu Kale e em Ikiztepe...

Ao ouvir isso, Rebecca enfim conseguiu recuperar a anim ação.

– Vam os, por favor! – exclam ou ela, olhando para os dois hom ens m ais velhos com o se eles houvessem lhe oferecido um lugar em um bote salva-vidas.

Então algo lhe ocorreu e ela olhou para m im com um ar nervoso. – O que acha, Dee? Mais uns diazinhos...?

Antes que eu conseguisse ao m enos reiterar todos os m eus m otivos para *não* prosseguir nem m ais um quilôm etro na prisão flutuante do Sr. Telem akhos, Jam es se introm eteu na conversa e disse: – Na verdade, vou roubar Diana para ir a um a festa em Istam bul am anhã à noite.

Não fui a única a encará-lo com incredulidade.

– Obrigada pelo convite, m as vou organizar um a festinha particular de cinco dias para voltar à Inglaterra – falei. Quando vi que ele não tinha entendido, apressei-m e em explicar. – Perdi m eu passaporte.

– Ah, deixe de ser boba! – exclam ou ele. – Meu tio trabalha no Consulado Britânico em Istam bul. Consigo um passaporte novo para você em um a hora.

Depois da festa j á vai estar pronto.

– Que festa é essa? – perguntou Rebecca por todo m undo.

Jam es sorriu, m as sobretudo para m im .

– Lem bra-se de Reznik, o colecionador para quem você escreveu sobre o *Historia Amazonum*? Ele vai dar um festão am anhã... um a espécie de baile de m áscaras. Tom ei a liberdade de nos incluir na lista de convidados. Pensei que seria um a ótim a oportunidade para você conhecer a figura.

Olhei para Nick do outro lado da m esa. Ele tinha dito que os Moselanes estavam m ancom unados com Grigor Reznik e com os contrabandistas de Genebra... Seria m esm o verdade? Meses antes, quando falei pela prim eira vez com Jam es sobre m inhas cartas para Reznik, ele não tinha dito nada sobre conhecer o suj eito pessoalm ente.

Encarando-m e com um a solenidade inabitual, Nick balançou a cabeça com discrição com o quem diz: “Não faça isso.”

– Reznik! – deixou escapar o Sr. Telem akhos, incapaz de conter sua oj eriza por m ais um segundo que fosse. – Aquele filho de um j um ento tem um casarão em Istam bul cheio de antiguidades roubadas. Ele chega a se gabar para os estrangeiros e celebridades, para fazê-los pensar que é alguém . Onde vocês acham que os dois braceletes de am azonas roubados de Murat estão agora? Hein?

Ele encarou Jam es com ira; era óbvio que o responsabilizava por associação.

– Dizem que ele tem um cofre no porão cheio de ouro de Troia que ninguém nunca soube existir. – O Dr. Özlem encostou a m ão espalm ada no peito, com o se tentasse acalm ar o coração. – Nosso filho fez faculdade com Alex Reznik e diz que o garoto se vangloriava dos crim es do pai para quem quisesse ouvir. Tal pai, tal filho. Pobre coitado. Acabou pagando por tudo isso.

– Coitado, tudo bem – falou Nick com os olhos sem icerrados. – Mas pobre, não.

– Bom – disse Jam es, parecendo um pouco irritado com a m inha falta de entusiasm o. – *Eu* vou ao baile de m áscaras e posso levar acom panhante.

– Todos nós? – indagou Rebecca, entendendo errado. Ela se em pertigou, subitam ente inspirada, e então virou-se para m im . – Que fantástico! – exclam ou.

– Jam es e eu distraím os Reznik enquanto *você* dá um a olhada no *Historia Amazonum*.

– Ótim a ideia – falei. – E vocês m e tiram da cadeia depois?

Jam es revirou os olhos.

– O m anuscrito fica exposto na biblioteca de Reznik para todo m undo ver. Não está nem conectado a um alarm e.

– Com o é que você sabe? – perguntei, m as ele não pareceu m e escutar.

– Aaah! – exclam ou o Sr. Telem akhos balançando a cabeça com ar sonhador.

– Com o eu gostaria de pôr as m ãos nesse m anuscrito. Dizem que ele contém inform ações vitais sobre o destino das últim as am azonas.

– Últim as?

Encarei-o, intrigada. Se ele acreditava m esm o que as am azonas ainda existiam , com o podia se referir a algum as delas com o as últim as?

O Sr. Telem akhos deu de om bros e a m esa inteira balançou.

– Estou só repetindo o que escutei. É essa a questão sobre o *Historia Amazonum*: nós só vam os saber quando ele for devidam ente traduzido e publicado. – Ele m eneou a cabeça para m im . – Fam a eterna, m inha filóloga de cabelos claros, caberá ao estudioso que cum prir essa tarefa.

– Que roubar o m anuscrito de Reznik, o senhor quer dizer?

– Roubar... pegar em prestado... convencê-lo a ceder. – O Sr. Telem akhos não parecia m uito preocupado com as im plicações j urídicas de tal ato. – Em se tratando daquele hom em , eu diria que vale qualquer coisa.

Pude sentir o olhar de alerta abrasador de Nick, m as o ignorei.

– Eu só quero dar um a olhadinha rápida...

Jam es aquiesceu para m e dar a entender que eu tinha tom ado a decisão certa.

– Dar um a olhadinha rápida e arrum ar um passaporte. Pode contar com as duas coisas.

Partim os para Istam bul no dia seguinte de m anhã cedo. Apesar das tentativas um tanto constrangedoras de Jam es para desconvidá-los, tanto Rebecca quanto Nick insistiram em nos acom panhar. “Ficou m aluca?”, retrucara Rebecca quando lhe pedi que ficasse no barco com o Sr. Telem akhos e com eçasse sem dem ora sua busca por em prego no m ar Negro. “Acha m esm o que vou deixar você ir a essa festa sozinha? Nem pensar. A gente vai entrar na água e virar com ida de tubarão *juntas*. Você e eu podem os ser as duas belas acom panhantes de Jam es e Nick pode ser nosso guarda-costas... j á que ele sabe tão bem ser m usculoso e m onossilábico. Não é, Nick?”

No papel, a viagem de carro durava sete horas; para Rebecca e eu, apertadas feito sardinhas no banco de trás enquanto Jam es e Nick cuidavam de coisas m ais im portantes no da frente, pareceu um a vida inteira. Pouco im portava que

nós m esm as tivéssem os nos oferecido para sentar atrás; nosso aperto físico não era nada com parado ao m au pressentim ento que m e dom inou no instante em que saím os de Çanakkale e continuou a reverberar por m inhas entranhas conform e seguíam os pela costa em direção ao norte. Meu plano im pulsivo de acom panhar Jam es ao baile de m áscaras de Reznik fazia sentido enquanto envolvia apenas nós dois. Mas será que era j usto eu continuar arrastando a pobre Rebecca com igo?

Quanto a Nick, eu tinha certeza de que ele saberia se cuidar, m as m esm o assim estava preocupada com ele tam bém . E se Reznik o reconhecesse?

– Que tragédia se todas aquelas criancinhas na escola, que tanto am am frequentar m useus, tiverem de recom eçar a ler livros para aprender sobre antigas civilizações – ouvi Nick dizer a Jam es do banco do carona, com um a das alpargatas pousada sobre o painel. – Im agine só um m undo em que todos os artefatos do Egito Antigo estivessem *de fato* no Egito e toda a Grécia Antiga fosse restituída à Grécia. Sério, a gente vai ter que *viajar* para ver essas coisas? Não vai m ais poder só roubar e pronto?

– Mas, se você enveredar por esse cam inho, quando é que vai parar? – rebateu Jam es, com o ele e sua fam ília j á deviam ter feito m uitas vezes. – Quando os m useus estiverem vazios? É perigoso puxar um fio da grande tapeçaria da civilização. A tram a toda pode se desfazer.

– Sabe de um a coisa? – falou Nick. – Muita gente tem ninfeias do Monet acim a do sofá. Mas posso j urar a você que nenhum a dessas pessoas se m artiriza por não ter o original. E por quê, você poderia perguntar? Porque, tirando os socialistas e os ladrões de banco, pessoas norm ais e sensatas não se sentem no direito de pegar coisas que não lhes pertencem .

Ele se rem exeu no banco; estava claro que desej ava aum entar a distância em relação a Jam es.

– Aliás, ninguém está tentando desfazer a grande tram a da civilização, apenas corrigir o desenho.

Jam es balançou a cabeça.

– Boa sorte. Quem dera o m undo fosse assim tão adm inistrável. Qualquer um que tente determ inar qual país tem a propriedade legal de um artefato está com

prando um a dor de cabeça para a vida toda.

– Diga isso ao Museu Nacional da Dinam arca – falou Nick, apoiando-se no vidro da j anela. – Eles j á devolveram 35 m il artefatos inuítes para a Groenlândia.

Acho que consideram isso um a *prevenção* da dor de cabeça.

– Dinam arqueses. Sem pre os dinam arqueses.

Jam es m al olhou por cim a do om bro antes de entrar em um a pista m ovim entada de carros que passavam .

– A história não existe em lugar nenhum a não ser nos livros. Nos livros que *nós* escrevem os. Pense um pouco. A m aioria dos artefatos teve m uitos proprietários legítim os ao longo da história. Para quem seria correto devolvê-los?

Será que determ inada estátua deveria ser devolvida à Grécia, onde foi fabricada, ou a Rom a, onde foi vendida pelo agente do artista, ou então à França, onde o com prador rom ano foi procônsul, ou ainda à Espanha, para onde os seus herdeiros se m udaram depois de sua m orte? – Ele lançou a Nick um olhar surpreendentem ente com preensivo. – Na sua pressa de fazer j ustiça, o m ais provável é que você crie um a série de novas inj ustiças.

Sentada no banco de trás ao lado de Rebecca, perguntei-m e m ais um a vez por que Nick havia decidido ir a Istam bul conosco. Enquanto Jam es podia estar m ovido por um im pulso rom ântico de ser o m eu protetor, eu duvidava que os m otivos de Nick fossem tão nobres. Havia algo m ais em j ogo... talvez algo além de um tesouro.

“Estava m e perguntando quando você viria se j untar a nós”, dissera Nick quando Jam es chegara a Troia. Seriam essas palavras a chave para o m eu papel naquilo tudo? Será que o m eu *verdadeiro* obj etivo tinha sido fazer os Moselanes saírem de seu abrigo para a luz? Nesse caso, não seria tão estranho assim Nick viver se referindo a Jam es com o m eu nam orado. Talvez essa fosse a palavra usada no m em orando da Fundação Aqrab sobre Diana Morgan.

E se a questão no final das contas não fossem os Moselanes, então... eu estava de volta à estaca zero, lutando para entender por que Nick se subm etia ao torm ento

de passar um dia inteiro no Aston Martin daquele j eito por nenhum outro m otivo além da estranha oportunidade de se fazer passar por guarda-costas de Jam es na festa de Reznik.

Sem pre que eu fechava os olhos, via um desfile de contradições entrem eado a im agens de vovó m e olhando através da j anela encardida de um ônibus e dizendo algo que eu não conseguia escutar antes de o m otorista fechar a porta entre seu m undo e o m eu e levá-la em bora rum o ao desconhecido.

Jam es entrou de carro no centro histórico de Istam bul e estacionou bem em frente a um com plexo de banhos públicos cham ado Cagaloglu Ham am .

– Não sei vocês, m as estou pronto para um banho turco – falou, olhando para Rebecca e para m im pelo retrovisor.

Enquanto estávam os em pé na calçada conversando sobre que roupas usar para a festa de Reznik e onde com prá-las, Nick pôs a bolsa de viagem sobre um dos om bros e disse: – Bem , obrigado pela carona. Tom e... – Ele m e lançou um bolo de notas pequeno e com pacto. – Pensei que você fosse gostar de receber a gorj eta em liras turcas. Divirta-se hoj e à noite.

– Mas... espere aí! – Dei um passo na sua direção e quase tropecei no m eio-fio. – Você não vem com a gente?

Nick olhou para o relógio de pulso.

– Não sei se vai dar tem po.

Só então percebi que havia passado os últim os tem pos em um estado de leveza singular; de repente, a gravidade retornou com força total.

– Então é isso?

Ele m e abriu um sorriso totalm ente descontraído e apertou m inha m ão com um a brevidade profissional.

– Boa sorte com seus futuros trabalhos. E lem bre-se. – Ele indicou com a cabeça m eu bracelete de chacal. – Não deixe Reznik ver isso.

Jam es riu, aliviado com aquele desdobram ento.

– Pensei que você fosse o m eu guarda-costas! Isso quer dizer que não vai se sacrificar por m im ?

Nick deu um passo para trás, depois outro.

– Eu j á m e sacrifiquei.

Apesar do acesso discreto e até hum ilde na rua, o banho turco se revelou um lugar de rara m agia. Situado no final de um longo corredor, bem no interior de um com plexo de construções contem porâneas, o m agnífico e antigo *hamam* parecia um cristal incrustado em rocha, um a caverna de beleza atem poral, perfeitam ente protegida do m undo exterior.

Só quando estávam os esparram adas sobre um a plataform a de m árm ore na sauna a vapor fem inina vazia, quase nuas, foi que Rebecca enfim m urm urou, j á m olenga por causa do calor: – O que ele quis dizer com aquele com entário sobre o sacrifício?

– Não faço a m enor ideia. – Olhei para a cúpula acim a de nós, onde um desenho de pequeninos furos criava um a deslum brante explosão de luz.

– Vem , tu que és a noite no dia... ou seria tu que és o dia na noite?

– É essa a ideia – falou Rebecca, para m inha surpresa bem à vontade sobre o m árm ore m olhado, com um braço por cim a dos olhos. – Estava preocupada com você, sabia? Tinha certeza de que Nick seria o quarto cavaleiro.

– Bom , pode ficar tranquila. – Sentei-m e de m odo abrupto, sem disposição para conversar sobre aquele assunto. – Com o você viu, ele m e atropelou a galope.

Antes que Rebecca pudesse dizer qualquer outra coisa, atravessei o recinto até um a das pias de m árm ore na parede e usei a concha de cobre para j ogar água fria no corpo.

Não adiantou. Em vez de aliviar m inha cabeça que latej ava, os respingos gelados só fizeram lavar a cam ada de fingim ento que eu havia aplicado com tanto cuidado. Não foi a água que m e fez arquej ar, m as sim a im agem realçada de Nick se afastando a passos céleres do Cagaloglu Ham am e da m inha vida.

Se o Sr. Telem akhos estivesse ali conosco – e não era difícil im aginá-lo à vontade sobre a plataform a de m árm ore dos banhos, usando um tapa-sexo digno de Hom ero em volta do tronco volum oso e com endo uvas no cacho – sem dúvida teria m e inform ado que Nick iria aparecer de novo m ais cedo ou m ais tarde –, com o um a bolsa perdida. Até então, porém , ele estivera errado em relação à m inha, e eu tem ia que fosse estar errado tam bém em relação a Nick.

O hom em que havia apertado a m inha m ão e se afastado de m im um a hora antes, verificando casualm ente os recados no celular, não m e parecera alguém que apareceria na festa de Reznik ou em qualquer outro lugar. Depois de passar o dia com três britânicos e de ser castigado de m odo incansável pelo hum or de Jam es, Nick parecia pronto para atravessar o Helesponto a nado para fugir de nós.

Era lógico que eu poderia entrar em contato com ele por m eio da Fundação Aqrab; ele não tinha desaparecido sem deixar rastro. Um telefonem a para Dubai e o assunto estaria resolvido. Mas o que eu diria? Por que era tão im portante para m im entrar em contato com Nicholas Barrán?

Suspirei e tornei a encher a concha de água. Quando m e inclinei para a frente, o bracelete de vovó roçou na pia de m árm ore, e fui dom inada por um a raiva irracional do bronze enrolado por não m e soltar nem m esm o ali. Era um absurdo, claro, m as quase senti que o chacal tinha contribuído para repelir Nick...

com o se houvesse notado que, nas últim as 24 horas, ele estava aos poucos ultrapassando Jam es na corrida secreta para ganhar m eu coração.

Foi preciso um a dona de loj a de roupas com m uita iniciativa no shopping center de Kany on para finalm ente colocar um a focinheira no pilantrinha. Para esconder m eu bracelete sem com prom eter o visual glam oroso, a vendedora insistiu para que eu usasse luvas de cetim com babados e um tom ara que caia longo. Além disso, para ter certeza de que ninguém interpretaria aquilo com o nada além de um a opção de estilo, Rebecca deveria usar um a roupa igual. Com sapatos forrados no m esm o tecido, claro.

– Vovó não iria gostar – foi a única coisa que consegui pensar em dizer quando nos postam os lado a lado em frente ao espelho dourado da loj a, Rebecca de verde para valorizar os cabelos ruivos, eu de azul para com binar com m eus

olhos.

– Tenho que discordar – disse ela, cuj o hum or havia sofrido um a considerável m elhora durante nosso traj eto até o shopping, quando eu dividira com ela m eus 10 m il dólares m ais gorj eta. – Sua avó sem pre disse que os m aiores poderes de um a m ulher estavam na sua capacidade de tapear o inim igo e fazê-lo pensar que ela era fraca e burra, certo?

Um bipe interrom peu nossa conversa. Era o celular de Rebecca, anunciando a chegada de um torpedo.

– Não sei por quê, m as desconfio que sej a para você – disse ela, franzindo o cenho para a tela antes de m e estender o aparelho.

Não reconheci o núm ero, m as soube na hora que o torpedo era de Nick. “Seu laptop está em Istam bul”, dizia o texto. “Fique longe de GR.”

– Parece que Reznik roubou *mesmo* o m eu com putador – falei para Rebecca, esforçando-m e ao m áxim o para usar um tom bem -hum orado. – O que você diria: é m elhor desistirm os?

– Não, caram ba! – Com as m ãos nas cadeiras, Rebecca fulm inou nossos reflexos. – Não estam os planej ando roubar o com putador de volta nem nada.

Reznik não vai nem *saber* que é você.

Estudei m eu próprio reflexo no espelho. Era provável que Rebecca tivesse razão: j am ais ocorreria a Reznik que eu fosse ao seu encontro por livre e espontânea vontade, m ovida apenas por um a hum ilde esperança de ver o *Historia Amazonum* com os próprios olhos e, quem sabe, se a festa estivesse m esm o boa, dar um a folheada rápida no m anuscrito...

“Tarde dem ais”, respondi para Nick. “Mas obrigada.”

Mais tarde, enquanto com íam os um kebab em pé na praça de alim entação, peguei o bilhete que o Sr. Telem akhos tinha posto na m inha m ão quando nos despedíram os.

– Tom e aqui – sussurrara ele, com um a discrição que não era do seu feitio. – Tem outro bracelete de chacal por aí. Achei que pudesse interessar.

O bilhete dizia apenas “Museum und Park Kalkriese. Dra. Jäger.”

– Na Alem anha? – indagara eu, sem saber ao certo o que ele queria que eu fizesse.

O Sr. Telem akhos assentira.

– Perto de Ösnabruck. Essa m ulher, a Dra. Jäger, sabe m uito m ais do que dá a entender. Ela talvez tenha as respostas que você está procurando.

– O que é isso? – perguntou Rebecca, apontando para o bilhete com o kebab. – Um a carta de am or?

– Por assim dizer – respondi, m ostrando-lhe o papel. – O Oráculo quer que eu faça um a viagem para ele. Parece que conseguiu virar *persona non grata* no universo dos m useus alem ães, e se eu algum dia for lá não devo m encionar o nom e dele.

– Sério?

Rebecca fez um a cara estranha, m agoada, e entendi que estava incom odada com o fato de o Sr. Telem akhos ter se confidenciado *comigo* dessa form a sem dizer nada a *ela*.

– Não se preocupe. – Com o eu não tinha bolsa, pus o papel dentro da m inha bolsinha de noite em cetim azul. – É claro que não vou para a Alem anha.

– Não. – Rebecca tentava adm inistrar os respingos do kebab. – Você vai passar um fim de sem ana rom ântico com Jam es. Até que enfim !

A im agem fez com que eu m e encolhesse.

– Sem chance. Assim que conseguir outro passaporte, vou é dar o fora.

Rebecca m e olhou por vários instantes, m as felizm ente não chegou a expressar com palavras a sua irritação. Durante anos a fio, eu a havia infernizado com m inhas conversas sobre Jam es. Agora que ele estava ao m eu alcance, eu não queria encostar nele.

Em bora Jam es continuasse a ser Jam es, não era m ais o cara que eu tinha

conhecido em Oxford. De um bem -educado am igo, ele de repente fora j ogado para um com prom isso tácito com igo, pulando por com pleto qualquer abordagem tradicional. Era com o se, na sua m ente, não houvesse necessidade sequer de perguntar o que eu sentia... com o se ele estivesse tão convencido da m inha devoção que não precisasse nem se dar m ais o trabalho da conquista. Assim , tratava-m e com o se pensasse que o páreo estava ganho. Cada olhar seu, cada palavra que ele m e dizia parecia encenado. Tudo m e soava estranham ente oco.

A residência de Grigor Reznik era um a aberração m oderna situada no bairro exclusivo de Ulus. Entram os na propriedade a pé, por um portão alto coalhado de seguranças. Quando avançam os até a casa por um cam inho m argeado por tochas no j ardim , pudem os adm irar um a am pla vista do escuro estreito do Bósforo, das pontes ilum inadas e das linhas entrecruzadas dos postes na m argem oriental.

– Pensei que ele fosse apaixonado por antiguidades de qualquer espécie – m urm urou Rebecca.

Sua m aquiagem de pavão em azul e verde se contraiu diante da visão da casa angulosa e inteiram ente desprovida de adornos que se erguia à frente. A luz se derram ava sobre nós por três níveis de j anelas panorâm icas, m as tinha um tom frio, fluorescente, um brilho calculado que estava m ais para alerta do que para boas-vindas.

– Pelo visto, Reznik acha que um a arquitetura m inim alista proporciona a m oldura perfeita para obras de arte – com entou Jam es, lim pando glitter das m angas de sua fantasia de Aladim . – E para instrum entos de tortura. Vocês repararam no sam urai? – Ele m eneou a cabeça para dois hom ens austeros de fantasia j aponesa que conferiam os convites em pé de um lado e outro da porta.

– Antigam ente, Reznik tinha a própria polícia secreta e esses cavalheiros, seus oficiais m ais graduados, o acom panharam quando ele se aposentou, por assim dizer.

– Pode m e lem brar de novo por que estam os visitando esse crápula? – m urm urou Rebecca, estrem ecendo de frio dentro de seu xale de cetim .

Nesse exato m om ento, quando Jam es estava subindo conosco os degraus em frente à casa, finalm ente m e ocorreu que ele não tinha ido até a Turquia para ser

m eu par. Estava lá por causa de Nick. Com o no m ito da linda Helena de Troia, o m ito da irresistível Diana Morgan não passava de um a conveniente ilusão usada para ocultar fatos prosaicos. A Fundação Aqrab havia declarado guerra aos Moselanes ao tentar se apoderar de sua coleção de antiguidades; agora parecia estar atrás de seres hum anos tam bém . Era tudo vergonhoso de tão sim ples: quaisquer que fossem os seus verdadeiros sentim entos por m im , Jam es era orgulhoso dem ais para deixar Nick levar em bora sem briga nem que fosse um único exem plar dos bens que considerava seus.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

TROIA

Os agricultores estavam ocupados capinando e regando suas lavouras quando Mirina e seu pequeno séquito finalm ente em ergiram da m ata. A vegetação term inou de form a um tanto abrupta e elas se descobriram nos lim ites da planície do Escam andro, a sudoeste de Troia, com um a am pla vista para o vale do rio até a capital que tinham viaj ado tanto para visitar.

A cidade reluzia sob o sol vespertino, que pousava sobre a paisagem com a m esm a graça de um a coroa preciosa esquecida em um a cam pina por um rei.

Em bora fortificado por m uralhas e torres colossais – ou, quem sabe, j ustam ente por causa disso –, o lugar exalava ousadia e destem or: os habitantes pareciam tão certos da própria segurança que m al paravam de m anusear suas ferram entas para deixar o olhar se perder além do delta do rio, na direção do m ar.

– Bem , agora vam os achar o hom em que não está aqui e dar m eia-volta – disse Anim one, um a das cinco escolhidas por Mirina para acom panhá-la.

Naquela m esm a m anhã, um a sem ana depois de saírem a cavalo de Éfeso rum o ao norte, Mirina contara às com panheiras de viagem sobre as palavras de despedida de Páris e o hom em que supostam ente estaria de sentinela na colina cham ada Batieia. “Se não houver ninguém lá, significa que Páris não está m ais m e esperando, e nesse caso podem os voltar para casa”, explicara ela, enfim dando voz ao seu m aior m edo. “Não m e espantaria. Afinal de contas, j á faz m ais de um m ês.”

Kara, que por m otivos pessoais havia im plorado para fazer a viagem , tentara lhe dar algum consolo: “O que é um m ês para um casal unido pelo destino?” Suas palavras tinham sido sinceras, m as m esm o assim Mirina não pudera deixar de se perguntar, com o fazia com frequência, se era m esm o verdade que a antiga rival se tornara sua am iga. Ainda sofrendo com a ilusão de estar grávida, Kara decidira perm anecer m ais um pouco em seu m undo im aginário. Talvez nesse m undo Mirina fosse a única que a com preendia. Pelo m enos era isso que Kara tinha dito e repetido quando ela tentara dissuadi-la de acom panhá-las.

Além de Anim one e Kara, Lilli fazia parte do grupo, claro, ainda m ontada a contragosto na garupa da irm ã. Atrás delas vinham Cim e e Hipólita, que se consideravam diplom atas – Cim e por causa da idade e por saber escrever; Hipólita por ser a única do grupo a conhecer o idiom a troiano. “Deixem que eu resolvo tudo”, dissera ela quando a viagem estava sendo planej ada. “Posso falar com as pessoas de lá e conheço o cam inho... até a sala do trono real.” As outras tinham ficado tão boquiabertas que ela rira. “Já acom panhei Mãe Otrera várias vezes. Com o vocês sabem , a rainha é irm ã dela e um dia foi um a de nós. Mas então foi atingida pela flecha envenenada m ergulhada em m el...” De brincadeira, Hipólita levara a m ão ao coração. “E ela, que antes era um a pom ba a voar livre pelos cam pos, abandonou os votos para virar um a vaca presa no curral de um touro.”

Tirando as provocações de Hipólita e alguns com entários am argurados de outras com panheiras, a notícia da partida de Mirina atraiu bem m enos atenção do que ela tem era. Com exceção de Otrera, Lilli era a única ciente da agonia e confusão que a haviam acom etido antes de finalm ente resolver partir. Por m ais cuidado que Mirina tom asse para se esconder das com panheiras e poder pensar em paz, Lilli sem pre a encontrava. Estivesse ela no andar de cim a do celeiro, no depósito de cereais ou no santuário da casa, Mirina podia ter certeza de que, cedo ou tarde, sentiria as m ãos m acias de Lilli nos braços e seria puxada para um bem -vindo abraço.

Não que as duas conversassem m uito sobre o seu dilem a. Lilli entendia os sentim entos da irm ã e sabia que palavras só confundiriam um a situação m ais ou m enos sim ples. Mirina tinha diante de si dois cam inhos: um de alívio tem porário e arrependim ento eterno, outro de dor tem porária seguida por grande felicidade.

O fato de Lilli estar disposta a apenas com partilhar seu silêncio lhe dizia que a m enina j á sabia qual seria sua escolha.

Quando ela por fim anunciou sua decisão de ir em bora de Éfeso, constatou que Otrera não se com overa com a notícia. “Quanto m enos falarm os sobre o assunto aqui na terra, m enos chegará aos ouvidos do céu”, dissera Otrera, séria, largando o cesto que tinha nas m ãos. “Mas nós *temos* de tirar seu bracelete.

Deixe-m e ver...”

Assim , o bracelete de chacal de Mirina fora rem ovido na horta sem qualquer cerim ônia. “Com o hoj e à noite não há lua, a Deusa talvez nem perceba o que aconteceu”, continuara Otrera, puxando o m etal com tanta força que quase quebrara o pulso que ele envolvia. “Tom e”, dissera, entregando o bracelete a Mirina, orgulhosa por tê-lo vencido. “Pode fazer o que quiser com ele, contanto que sej a discreta.”

Mas Mirina não conseguia j ogar fora aquele adorno opressivo, da m esm a form a que não se atrevia a guardá-lo, por m edo de que ele ainda viesse a puni-la.

No fim , acabara dando o bracelete para Helena, a m enina grega, para alegrar sua despedida. “Quero que fique com isto, pois você é a guerreira m ais valorosa que a Deusa poderia ter”, falara, pondo o chacal em volta de seu pulso. “E quem sabe ganhando você ela não ligue m uito para o fato de perder a m im .”

A m enina tocara o bronze lustroso cheia de reverência. “Quantas vezes m e odeio pelas coisas que digo”, m urm urara. “De todos aqui, você foi a única que não m e virou as costas. Desde a noite em que m e deixou vir com vocês, j am ais deixou de ser m inha irm ã. Rezo para um dia poder retribuir sua bondade.”

Então, por fim , chegara o dia da partida, com abraços chorosos e palavras finais de gratidão. Mirina fez prom essas solenes de visitá-las com frequência, m as nada m udava o fato de estar abandonando sua irm andade. Ela, que havia arriscado tudo para uni-las outra vez, estava de partida rum o a novas e proibidas aventuras, deixando todas para trás. Apesar das lágrim as e bênçãos das irm ãs, viu em seus olhos que elas se ressentiam da sua decisão.

A pequena colina cham ada Batieia se erguia bem visível na vastidão da planície do Escam andro. Cavalgando nessa direção na frente das irm ãs por um cam po de cereais, Mirina exam inou seus contornos com os olhos estreitados. Se era para anunciar que o hom em não estava lá, que fosse ela a fazê-lo.

Mas estava.

Sentado de pernas cruzadas com um a lança no colo, ele prim eiro endireitou as costas, em seguida se levantou, na expectativa. E quando ele estendeu um dos braços para um a saudação, Mirina viu que era Enéas, o dos braços e pernas com pridos, o com panheiro de m aior confiança de Páris.

Em briagada de alívio, ela pulou do cavalo e correu... m as parou no sopé do m

orro, constrangida.

– Seu m estre ainda m e espera? – indagou, estreitando os olhos por causa do sol. – Ou o senhor está aqui para m andar todas nós voltarm os para casa?

Enéas balançou a cabeça e se abaixou para pegar sua bolsa.

– Se eu dissesse a ele que a senhora esteve aqui e deu m eia-volta por m inha causa, este m orro teria de ser rebatizado outra vez, m as em hom enagem à m inha ossada.

Após descer a colina pelo outro lado, Enéas logo tornou a aparecer, m ontado em seu cavalo.

– Venham – falou, com eçando a subir o rio e a se afastar da cidade. – Vam os até m inha casa. Ele a encontrará lá.

O olhar que Cim e e Hipólita trocaram não passou despercebido a Mirina, tam pouco a careta de decepção de Anim one. Sabia que todas elas esperavam um a recepção digna da corte real, do tipo com o qual as filhas de Otrera estavam acostum adas. Serem levadas em segredo para um a choupana no cam po estava m uito aquém das suas expectativas.

O charm e rústico de seu destino pouco fez para am enizar aquela desonra.

Localizadas em um a encosta coberta por densa vegetação, as terras de Enéas na verdade eram pouco m ais do que um aglom erado de m odestas cabanas de m adeira... entre as quais a estrebaria era de longe a m ais im pressionante.

– Este é m eu filho – disse Enéas, referindo-se ao m enino que veio correndo recebê-los e aj udar com os cavalos. – E ali... – Ele apontou para a m enor de todas as cabanas, situada do outro lado do pátio enlam eado. – É ali que m eu m estre fica quando vem para cá.

Som ente então, olhando em volta para as outras m ulheres, foi que Enéas pareceu notar sua apreensão.

– Tenho consciência de que estam os um pouco distantes da cidade – continuou, e franziu o cenho, m agoado. – Mas é por isso que ele gosta de vir aqui – assegurou a todas e, relanceando o olhar para Mirina na expectativa de obter sua

aprovação, explicou: – Sem pre diz que é seu verdadeiro lar.

Relativam ente conform adas com a ideia de passar a noite naquelas colinas tão distantes, as m ulheres seguiram Enéas até a cabana em que ele m orava e foram recebidas pelo delicioso arom a de um ensopado.

– Esta é m inha m ulher, Creusa – falou Enéas, sorrindo para a j ovem que rem exia um caldeirão de cobre j unto ao fogo. – Ela não fala a sua língua, m as entende tudo e sabe o que fazer. Vou deixá-las com ela e volto m ais tarde.

Após trocar algum as palavras e um beij o com a m ulher, Enéas saiu da cabana. Instantes depois, Mirina ouviu o som de um cavalo descendo a galope a trilha da floresta e sentiu um a súbita anim ação ao pensar que Enéas estava a cam inho de Troia para avisar Páris de sua chegada.

A preocupação im ediata de sua anfitriã foi a com ida, o que Creusa resolveu com um a ida rápida ao outro lado do pátio, decerto até um a despensa, de onde trouxe um bem -vindo increm ento de queij o, pão e vinho. Em pouco tem po, a j ovem esposa de Enéas estava pronta para acom odar todas ao redor da m esa posta, enquanto ela própria desaparecia de novo do outro lado o pátio.

– Este ensopado não está nada m au – reconheceu Anim one, assim que elas ficaram a sós. – Mas hoj e à noite qualquer coisa m e pareceria boa.

– Basta m e dar um ninho m acio, e esta velha galinha não vai soltar m ais nenhum pio de reclam ação – falou Cim e, bocej ando dentro do cálice de vinho.

Elas com eram em silêncio por um tem po. Até Lilli, m ais calada do que o norm al, se com portava com o se soubesse algo que não se atrevia a explicar em palavras.

Creusa voltou com os braços cheios de cobertores de lã. Ao ver que suas convidadas haviam acabado de com er, indicou o outro côm odo a elas e apontou para um a cam a grande na qual todas caberiam com folga. Quando Mirina com eçou a desam arrar as sandálias, porém , Creusa lhe deu um tapinha aflito no om bro para im pedi-la.

– O que foi? – indagou Lilli, j á aninhada no m eio da cam a.

– Não sei – respondeu Mirina. – Acho que ela está m e pedindo aj uda.

– Bem . – Cim e tornou a bocej ar enquanto soltava o cinto e o deixava cair no chão. – Sej a o que for, você é a m ulher certa para isso.

Mirina im aginava que Creusa precisaria de aj uda com o grande caldeirão, então se espantou quando a m oça seguiu para fora da casa e acenou para que a seguisse. No pátio, Mirina viu que o sol de verão j á tinha desaparecido no m ar havia m uito tem po, m as m esm o assim o frescor do orvalho por toda parte a fez lem brar que a noite apenas com eçava.

Com sorrisos e incentivos, Creusa conduziu Mirina até a cabana que Enéas havia identificado com o sendo a de Páris e abriu bem a porta para deixá-la entrar. Depois da friagem inesperada da m ontanha, foi acolhedor entrar na pequena cozinha e ver um a lareira acesa. O côm odo estava longe de ser luxuoso e m al havia um a esteira para se sentar, m as em frente ao fogo havia um tonel grande e um tanto intrigante feito de m adeira e cheio d'água.

Mirina se aproxim ou, curiosa, inclinou-se para a frente e viu o próprio reflexo trem eluzente entre as pétalas de flor que flutuavam na superfície da água. Não parecia haver m ais nada subm erso na banheira. Som ente quando ergueu os olhos e viu os gestos encoraj adores de Creusa Mirina entendeu que *ela* deveria entrar naquela água, um a honra im erecida para quem não era sum a sacerdotisa nem m ais sequer um a m ulher sagrada.

Ela balançou a cabeça e recuou... m as Creusa a deteve. Aparentem ente estava acostum ada a pessoas relutantes, pois despiu Mirina desam arrando com destreza tudo o que era necessário, até não restar m ais nada para tirar. Som ente então, instada pelo pudor, Mirina pôs o pé dentro da água... e constatou que estava tão agradável e quentinha que não hesitou em se sentar.

Quando o fez, a água se ergueu à sua volta, e ela ficou aliviada ao ver que a cobria quase por com pleto, com pétalas de flor a se acum ularem delicadam ente em torno de seus om bros. Ao se apoiar na lateral de m adeira, porém , não pôde deixar de pensar no processo de construção de tão m agnífica obra e, enquanto Creusa guardava suas roupas com um a careta, tateou a banheira por dentro e por fora para tentar desvendar seus segredos.

Mas Creusa segurou suas m ãos, sorrindo, e as m ergulhou de novo na água.

Então, gesticulando para Mirina inclinar a cabeça para trás, pegou um a concha de m etal e com eçou a despej ar água em seus cabelos até encharcá-los por com

pleto. Depois disso veio o sabão, um a substância pegaj osa de cheiro doce, diferente de tudo o que Mirina j á conhecera.

Sentada sem se m exer, com os olhos fechados por causa da espum a, Mirina ficou encabulada ao constatar quanto gostava do banho: a água m orna, a tranquilidade daquele côm odo, os dedos delicados a percorrer devagar seus cabelos e pescoço. Talvez por Creusa ser um a desconhecida... ou talvez por causa dela m esm a, Mirina, que j á não tinha os pensam entos e sensações contidos pelo chacal. Se assim fosse, ela acolheria de bom grado aquela m udança. Pois não fora j ustam ente para isso que deixara Éfeso e fora para Troia? Não havia passado o m ês anterior em um estado de im paciência e irritação, sentindo que ainda havia m uita felicidade para encontrar na vida, m uito prazer?

Quando o banho finalm ente acabou e Mirina foi enrolada em tecidos m acios, sentia-se tão m ole que m al conseguia se m anter em pé. Creusa levou um a das m ãos às suas costas e a conduziu pela cortina nos fundos do côm odo até outro, m ais am plo do que se poderia esperar, m as que continha apenas duas coisas: um a lareira repleta de lenha, que queim ava e crepitava, e um a cam a baixa forrada com peles de anim ais.

Creusa apontou para a cam a e fez Mirina entender que ela dorm iria ali, separada das outras, separada de Lilli. Assim que ela pisou nas peles, a m oça voltou à cozinha e retornou em poucos instantes com um a tigelinha de chá quente.

Depois de ver Mirina provar a bebida e aquiescer, agradecida, Creusa se curvou para a frente em um im pulso e beij ou seus cabelos m olhados, então se retirou do côm odo com os olhos baixos.

Pouco depois, Mirina ouviu Creusa sair da cabana e a porta se fechar com um ruído suave. Dividida entre a preocupação com as outras e a obrigação para com Creusa, que obviam ente desej ava que ela ficasse ali m esm o, Mirina decidiu ter paciência e beber o resto do chá antes de ir ver com o Lilli estava.

Ao esvaziar a tigela, porém , que continha um a curiosa m istura de hortelã com algum a outra coisa, estava tão relaxada que a ideia de tornar a vestir as roupas em boladas em algum lugar no chão da cozinha era um a tortura. Com um suspiro profundo, deitou-se na cam a para descansar um instante...

E foi despertada por um barulho de água.

Sentou-se na cam a. Não fazia ideia de quanto tem po dorm ira. Seus cabelos estavam quase secos e o fogo se transform ara em um m ontinho de brasas.

Ela desceu da cam a e foi na ponta dos pés até a cortina espiar a cozinha, im aginando ver Creusa, a incansável Creusa, esvaziar a banheira. Mas o que viu a fez recuar com um arquej o. Era Páris, nu em pelo, em pé dentro da água depois de ter tom ado um banho, com a pele m olhada a refletir o brilho dos carvões no braseiro da cozinha enquanto secava os cabelos.

Sem saber o que fazer, Mirina ficou parada onde estava, enrolada em suas cobertas. Quando Páris enfim afastou a cortina e entrou no quarto, sem roupa quase nenhum a, ela sentiu um a tim idez tão grande que desviou o olhar. Mas seu desej o de vê-lo superou o recato e ela ergueu o rosto para encará-lo.

Não teve noção de quanto tem po os dois passaram assim , travando um diálogo m udo. Então, com o se estivesse esperando a sua perm issão, Páris foi na direção dela e segurou seu rosto, beij ando-a com toda a paixão represada que ela vira em seus olhos, beij os de tenras prom essas e im placáveis exigências, que a carregaram a galope por cam pos floridos sem fim ...

Mas quando ele tentou tirar o cobertor de cim a de seu om bro, a m ão dela disparou por reflexo e se fechou com força em volta do seu pulso. Páris sorriu e sussurrou: – Não lute com igo. Hoj e não.

Mirina soltou seu braço devagar.

– É só o que você m e ensinou tão bem .

Ele a beij ou no pescoço, logo abaixo da orelha.

– Sim , m as há m ais coisas a aprender.

Ela quase não conseguia pensar. Fechou os olhos.

– E o que você quer que eu aprenda hoj e?

– A lição m ais im portante de todas. – Ele a puxou bem para j unto de si. – A se render com graça.

Ela deu um arquej o de espanto.

– Mais um a vez, você está arm ado e eu não!

Ele deu um a risadinha, m as não a soltou.

– Em geral é isso que faz alguém se render.

– Se eu fosse hom em , você j am ais m e diria para m e render.

– Não. – Ele a segurou pelo pescoço e tornou a beij á-la, deliciando-se com sua m aciez. – Só que você não é hom em . É bonita dem ais, m isteriosa dem ais...

Seu toque experiente fez Mirina arquej ar.

– Não tenho certeza se eu sei ser m ulher. Nunca tentei.

Páris sorriu.

– Se você pudesse se ver, pensaria diferente.

– Pode m e aj udar?

O olhar dele ficou m ais profundo.

– A Terra precisa pedir ao Sol para nascer?

Mirina balançou a cabeça; queria que ele entendesse.

– A Terra é novidade para m im . Durante m uito tem po, quem governou m eu m undo foi a Lua.

– Eu sei. – Páris segurou sua m ão e beij ou o pulso, um tom m ais claro onde o bracelete de chacal ficava. – A Lua não tem poder de dar a vida. Por isso tem tanto ciúm e do nosso prazer.

Ele apertou sua m ão, m as então se lem brou de algum a coisa e a soltou.

– Mas prim eiro...

Intrigada, Mirina o viu desaparecer atrás da cortina e voltar instantes depois trazendo algo envolto em um pano. Depois de j ogar alguns pedaços de lenha na lareira, ele se aj oelhou j unto ao fogo, abriu o pano e revelou dois obj etos

escondidos lá dentro. O prim eiro era um a garrafa de barro sim ples, lacrada com cera, o segundo um cálice de ouro cravej ado de pedras preciosas. Ao ver o respeito com que Páris tocou este últim o, Mirina im aginou que não fosse um cálice com um da realeza; devia carregar algum a m agia.

– Tom e.

Ele lhe entregou o cálice, tirou o lacre da garrafa e serviu o líquido m ais escuro e viscoso que Mirina j á vira. Então tornou a falar, solene.

– Você é o cálice, eu sou o vinho.

Quando ela abriu a boca para perguntar por que não podia ser ao contrário, ele encostou os dedos em seus lábios e a encarou com um olhar intenso, com o quem faz um alerta.

– Beba.

Ela bebeu, m as só um golinho, e deixou o resto para Páris, que esvaziou o cálice com um a careta.

– Desculpe – disse ela. – Não entendi que era para beber tudo.

– Não. – Ele se aj oelhou e tornou a em brulhar tudo no pano. – Porque eu não lhe disse para beber tudo. Tenho certeza de que o gosto disto aqui j á assom brou m uitas noivas na noite de núpcias... com o se elas j á não estivessem am edrontadas o suficiente.

Mirina se espantou.

– Quer dizer então que eu agora sou sua m ulher?

Páris se levantou devagar e a beij ou com reverência. Então pegou o cobertor que ela ainda segurava em volta do corpo e o retirou com toda a delicadeza.

– Quase – sussurrou, adm irando-a antes de pegá-la no colo e pisar direto sobre a cam a. – Antes que a noite term ine, será.

CAPÍTULO TRINTA

Mirina acordou em um quarto banhado de sol. A luz forte a fez piscar; ela olhou em volta para descobrir por onde o sol estava entrando e viu um par de venezianas que fora aberto enquanto ela dorm ia. Deitado ao seu lado, Páris sorria para a sua confusão. Vê-lo a fez sentir um raio de prazer atravessar seu corpo, deixando um rastro de constrangim ento quando as suas lem branças da noite foram libertadas de um a vez só e saíram voando com as asas trêm ulas.

Mirina m ergulhou sob a pele de urso que cobria a am bos, afundou o rosto no pescoço de Páris e sentiu que ele ria.

– Pensei que tivéssem os liquidado essa sua tim idez – disse ele, beij ando-a na têm pora. Correu as m ãos por suas costas e a puxou m ais para perto. – Talvez devêssem os tentar caçá-la outra vez... É evidente que ela ainda está escondida em algum lugar.

Mirina deu um a risadinha ao sentir o toque exploratório de suas m ãos.

– Não há com o negar que você liquidou várias coisas – m urm urou ela em seu ouvido. – E liquidou sem dó... m as deixe-m e m anter m inha m odéstia por m ais algum tem po, para não parecer um a desconhecida aos m eus próprios olhos.

– Está bem – rosnou Páris, rolando até ficar por cim a dela. – Fique com a sua tim idez, se precisar, contanto que deixe esta ave de rapina que agora é seu m arido ficar com o resto.

Mais tarde, quando eles tornaram a se aquietar, Mirina pôs a m ão sobre o coração dele e disse: – E pensar que viaj ei para tão longe de tudo o que conhecia... para descobrir que m inha casa estava aqui o tem po inteiro, à m inha espera.

Páris virou a cabeça e m ergulhou os olhos nos dela.

– Fale-m e sobre as pessoas que você conheceu. Seus pais, sua fam ília...

Mirina estendeu a m ão e envolveu os dois em um cobertor.

– Estão todos m ortos. Minha irm ã Lilli... – Ela se deteve para conter um a súbita tristeza. – Ela é a m inha única parente viva.

Páris a beij ou na testa, em seguida se deitou e pôs-se a encarar o teto.

– Você tem sorte – falou, a voz pesada com um fardo que só ele percebia. – Ninguém para esperá-la, exigir coisas de você, j ulgá-la. Você é livre.

Aflita para dissipar aquele súbito pessim ism o, Mirina m oveu um a das m ãos debaixo das cobertas.

– Não m ais.

– É, sim . – Ele segurou sua m ão; ainda não estava pronto para brincar. – Esta casa... você e eu... isto é liberdade. Nós dois abrim os m ão de nossos laços para ficarm os j untos, e o m eu desej o... – Aproxim ando a m ão dela da boca, ele a beij ou com ternura. –... o m eu desej o era poderm os ficar aqui deitados assim até o fim dos tem pos.

Os dois passaram três noites na cabana. Durante o dia, Mirina fazia o possível para entreter as irm ãs, m as apesar da boa vontade e dos com entários bem -

hum orados das outras, ficou claro que todas, inclusive Lilli, com eçavam a ficar im pacientes com aquele isolam ento na m ontanha.

Quando Enéas voltou, no quarto dia, com ordens de levar o príncipe Páris de volta à corte, até Mirina sentiu um alívio secreto com o fim daquela tem porada rústica. Desconfiava que a m agnificência de um a recepção real aplacasse a insatisfação de suas irm ãs e a liberasse para novam ente passar longas e deliciosas horas sozinha com o m arido.

Durante o traj eto a cavalo pela m argem do rio Escam andro, porém , quando as m uralhas de Troia foram assom ando à frente, Páris se m ostrou tão calado que Mirina com eçou a im aginar se haveria algo que ele não tinha lhe contado, algum a realidade terrível que em breve frustraria suas expectativas de felicidade. Foi incapaz de im aginar o que poderia ser, a não ser o risco óbvio de o rei e a rainha não aprovarem a esposa escolhida pelo filho. Toda vez que ela havia abordado esse assunto, no entanto, Páris desconversara, rindo, e lhe garantira que ninguém acharia nada de errado com *ela*... dando a entender que, qualquer que fosse, o problem a era apenas com ele.

No fim das contas, Mirina afugentou essas especulações fúteis e se dedicou a contem plar a beleza da paisagem à sua volta. A planície do Escam andro j á lhe parecera rica e farta no dia da sua chegada; desde então, sua adm iração só aum entara, pois aquele agora era o seu lar; aquele trigo dourado a ondular com a

brisa eram os grãos que ela iria com er; e as m uralhas colossais, construídas para durar um a eternidade, eram o berço que ninava o seu futuro. E o futuro de Lilli tam bém , caso ela decidisse ficar em Troia.

Ao se aproxim ar do portão da cidade, Mirina teve de inclinar a cabeça para trás, de tão m aravilhada. Nunca na vida tinha visto m uralhas daquela altura, nem portas feitas com tábuas de m adeira tão gigantescas. Em nenhum lugar da cidade da Deusa da Lua havia qualquer construção com parável àquela; até as grandes fortificações de Micenas pareciam pequenas em com paração.

O portão escancarado perm itia um ir e vir constante de cam poneses e m ercadores, estes a cam inho do porto que reluzia ao longe ou retornando à cidade com carroças abarrotadas de m ercadorias estrangeiras. Tudo ali parecia ter um obj etivo. Mirina teria ficado feliz em apear e passar o dia inteiro sentada nos bancos j unto com os idosos, deixando-se levar pela m aré da vida.

– Quando chegarm os, é possível que haj a certa... com oção – disse Páris enquanto as conduzia pelo m eio da confusão. – Mas, por favor, confie em m im e não se preocupe. – Ele abriu para ela um sorriso tranquilizador. – Ninguém vai nos im pedir de ficar j untos, e antes que você perceba... – Ele se inclinou m ais para perto dela. –... vou persegui-la em cim a de um a cam a tão grande que você finalm ente vai ter um a chance de escapar da m inha luxúria de sátiro.

Mirina não se deixou enganar pela descontração dele. Percebeu os m úsculos contraídos da m andíbula e os vincos desenhados em sua testa. Vê-lo sofrer lhe causou aflição, ainda m ais por ele não com partilhar suas preocupações nem aludir aos m otivos. Pensando bem , contudo... ela o conhecia bem o suficiente para entender que seu silêncio, m ais do que tudo, era um a expressão do am or por ela. Tivesse ele de suportar o que fosse, pretendia suportá-lo sozinho. Desafiar essa decisão e dizer que isso a m agoava seria um golpe certeiro no coração dele.

Ao contrário do portão da cidade, o acesso à cidadela de Troia estava fechado e protegido por guardas arm ados. Para chegar lá era preciso subir um a ram pa íngrem e e estreita, com m uros altos de um lado e outro. Aquilo não se parecia com nada que Mirina j á tivesse visto.

– Nós som os um povo que preza a privacidade – explicou Páris. – Muitos navios estrangeiros ficam atracados aqui durante o verão...

Ele interrom peu a frase no m eio para se dirigir aos guardas no idiom a troiano, e estes se puseram de prontidão na m esm a hora, abrindo um a j anelinha no portão para ordenar que fosse destrancado por dentro.

Quando o portão se m oveu, Mirina viu que a entrada era um túnel feito com im ensos rochedos encaixados que aparentem ente só os deuses poderiam ter tido forças para m over. Do outro lado do túnel, Páris conduziu seu grupo até um pátio vasto e inclinado cercado por m agníficas residências. A cidadela troiana, lar do rei Príam o e sua corte, era por si só um a pequena cidade, dom inada do alto por um a construção particularm ente grande com um a sequência de colunas em sua fachada.

– Aquile é o Tem plo do Sacudidor da Terra – explicou Páris ao ver para onde ela olhava. – O todo-poderoso tio do Deus Sol. É aqui que ele m ora quando não está vagando pelo oceano. – Páris fez um gesto para indicar o vasto m ar azul visível além dos m uros da cidadela. – Mas venha, vej o que m eu pai está aqui fora. Assim terem os um a chance de falar com ele sem m uito eco e sem o coro lam entoso de sacerdotes agourentos...

Foi então que Mirina reparou no am ontoado de hom ens no outro extrem o do pátio e no belo alazão em pé no m eio deles. Quando ela e Páris foram na direção do grupo, com Enéas e suas irm ãs a segui-los de perto, ela viu um velho de bengala verificar os dentes do cavalo e calculou que um a negociação estivesse em curso.

Páris apeou, foi até outro hom em de pé um pouco afastado e com eçou a falar com ele, m eneando a cabeça em atitude deferente. Com o o hom em usava um a roupa sem nenhum a característica especial, Mirina só entendeu que aquele era o ilustre rei Príam o quando ele estendeu a m ão para o príncipe. Após um beij o obediente no anel do pai, Páris com eçou, pelo que Mirina pôde constatar, a dizer algo sobre as m ulheres que trouxera para a corte. Não tinha falado m uito quando os olhos de expressão serena do rei se estreitaram .

Ela havia se preparado para aquele m om ento, m as m esm o assim constatou que se encolhia diante do olhar perscrutador do rei Príam o quando ele exam inou prim eiro ela, depois suas irm ãs. Em bora pai e filho tivessem estatura parecida e os cabelos do rei houvessem apenas com eçado a ficar grisalhos, seus olhos poderiam ter passado pelos do hom em m ais velho do m undo.

– Venha, m eu am or.

Páris a aj udou a descer do cavalo e a conduziu pela m ão até diante do rei, que não sorria. Então deu um profundo suspiro e endireitou os om bros.

– Pai, esta é m inha m ulher. O nom e dela é Mirina.

A expressão do rei Príam o parecia esculpida em rocha de tão im óvel. Não expressava nem raiva nem alegria. Por um brevíssim o instante, Mirina pensou se Páris poderia ter errado ao supor que o pai ficaria à vontade falando a língua de Éfeso. Ou talvez ele não houvesse escutado o que o filho dissera. Mesm o antes de ela com pletar esse pensam ento, contudo, o rei respondeu nesse idiom a, sem qualquer vestígio de sotaque.

– É verdade?

Mirina sentiu a m ão de Páris se fechar com firm eza em volta da sua.

– Sim .

– E você, o que diz? – O rei se virou para Mirina. – É a m ulher dele?

Ela aquiesceu, ofegante dem ais para responder com palavras.

– Fale! – O rei não estava com disposição para gente subm issa. – Você é a m ulher dele?

Mirina engoliu o nervosism o.

– Sou.

Então, por fim , o rei Príam o assentiu para o filho.

– Que sej a, então. Que o Sacudidor da Terra abençoe essa união. E a sua m ãe tam bém ! Vou avisá-la agora.

Dizendo isso, o rei virou as costas e se afastou com passos decididos, deixando não apenas Mirina, m as suas irm ãs e Enéas consternados e em silêncio.

– Muito bem – disse Páris, dirigindo-se a todas as m ulheres ao m esm o tem po, com um sorriso a desafiar o em baraço que não lhes perm itia parar quietas. –

Bem -vindas à casa do m eu pai. Enéas vai cuidar para que sej am acom odadas de m odo confortável, enquanto Mirina e eu farem os o que precisa ser feito... algo que nem precisam invej ar.

A rainha não estava em seu pátio, cercada por dam as de com panhia e m úsicos, tam pouco havia se recolhido a seus aposentos privados para se banhar e ter privacidade. Quando Mirina e Páris finalm ente a encontraram , ela estava aj oelhada em um santuário caseiro sem j anela, diante de um pequeno altar repleto de velas de cera e pequeninas estatuetas.

Depois de aguardar alguns instantes para não interrom pê-la, Páris se abaixou e levou um a das m ãos a seu om bro coberto.

– *Mama*...

Mirina ouviu um arquej o, depois um soluço... e a rainha então se levantou de seu banquinho de oração e envolveu o filho nos braços, enquanto proferia um a enxurrada de lam entos chorosos. Acariciando seus cabelos com m ãos frenéticas e trêm ulas, beij ou-o inúm eras vezes, sem querer soltá-lo, e o que quer que ele tenha sussurrado em seu ouvido, por m ais calm o e paciente que tenha sido, só pareceu deixá-la ainda m ais abalada.

Mirina deu um passo para trás. Sua vontade era sair correndo e se esconder.

Havia previsto fúria e acusações, não lágrim as. Não lhe parecia certo testem unhar aquelas em oções tão íntim as. Com o poderia encarar a rainha depois daquilo? Sentiu raiva de Páris por tê-la feito participar de um m om ento tão crítico, m as m esm o assim pôde ver que ele tam bém estava chocado com o tam anho do desespero da m ãe.

– Mãe, por favor – disse ele, na língua de Éfeso. – Quando conhecer Mirina m elhor, vai entender...

– Mirina? É assim que devo cham ar sua assassina?

Relutante, a rainha se virou de frente para a nova nora.

– Você sabe o que fez? – sussurrou, com o quem suplica a um carrasco inclem ente. – Sabe o que fez com o m eu filho, o único m enino saudável que eu j á segurei no colo? – Conform e ela falava, sua voz ganhava força e, ao ver o terror

de Mirina, ela praticam ente arrem essou as últim as palavras na sua cara. – Você acha que conseguiu um a vida de riqueza, m as não! Sua porca gananciosa!

Quando ele m orrer, vou garantir que você sej a queim ada no m esm o dia, só que em um a pira bem diferente!

– Mãe! – exclam ou Páris, segurando-a com firm eza pelos om bros. – Controle-se! Mirina nada sabe sobre essa bobagem .

Ele envolveu a m ãe em um abraço apertado para tentar acalm ar seus trem ores.

– Olhe só para você! O que ela deve estar pensando? Mirina m e am a, eu lhe garanto, e preferiria m orrer a m e causar dor. Exatam ente com o você.

Houve um breve silêncio. Então, com a voz abafada pelo om bro dele, a rainha balbuciou: – Ela nunca vai poder am á-lo com o eu.

– Eu sei, m ãe. – Ele tornou a beij á-la. – Mas ela está se esforçando ao m áxim o. Ela é filha de Otrera, portanto sua sobrinha. Assim com o você, desfez os votos para se casar. Só *você* pode saber o que ela passou.

Essa frase, enfim , pareceu surtir efeito. Depois de enxugar os olhos com a ponta do xale de oração, a rainha recuou um pouco e tornou a olhar para Mirina, seu ódio por ora controlado.

– Mais um a m ulher que rom peu seus votos debaixo deste teto? Estam os am aldiçoados em dobro. Mas vej o agora que preciso assum ir m inha culpa. A Deusa j am ais m e deixou esquecer... e agora o dia do m eu j uízo está próxim o.

Ela pressionou um punho cerrado contra o peito, reprim indo outro acesso de tristeza.

– Não vou odiá-la, criança. Com eti um erro ao condená-la. Pois você nada m ais é do que um instrum ento da Deusa. Não foi você quem m atou m eu filho.

Fui eu. Com m inha ignorância e m aldade, eu lhe dei a m orte antes m esm o de os deuses lhe darem a vida.

Os aposentos de Páris ficavam no últim o andar do palácio real, um am plo côm odo com varanda e vista para a cidade e o porto. Para além do porto, situado

dentro de um a baía protegida, o m ar subia e descia em silêncio ao calor do m eio-dia, m arcado por um ou outro navio que saía do exíguo estreito de Dardanelos e dava a volta no cabo de Troia.

Era um a vista m agnífica, de fato luxuosa, m as nem assim Mirina conseguiu adm irá-la. O encontro com a rainha a deixara m uito perturbada. Ela não conseguia afastar da m ente a m aldição não m encionada que lançara um a som bra tão grande sobre m ãe e filho.

– Essa vai ser sua vista de agora em diante – disse Páris, aproxim ando-se por trás dela. – E esta aqui vai ser a m inha. – Ele a beij ou no pescoço, em seguida puxou o vestido que lhe cobria o om bro e correu as m ãos por sua pele. – A m ais bela vista de Troia... não, do m undo inteiro...

– Por favor.

Mirina segurou o vestido da m elhor m aneira que conseguiu.

– Assim com o o sol nasce de um lado e passa o dia inteiro viaj ando até o outro... – balbuciou o príncipe, delineando suas costas. –... eu poderia passar o dia inteiro viaj ando por você, da frente até as costas, de cim a até em baixo. E você j am ais, em tem po algum , esperaria em vão a m inha subida.

Ele pressionou o corpo nela por trás, brincalhão. Mas Mirina não conseguia se anim ar depois do dram a que havia presenciado.

– Me explique o que sua m ãe quis dizer – sussurrou ela, olhando-o por cim a do om bro. – Não consigo esquecer a tristeza dela.

Páris deu um suspiro e a soltou.

– Eu devia ter lhe avisado que m inha m ãe é supersticiosa. Acredita em m im se eu disser que não é nada com que se preocupar?

– Não.

– Maldição! – Páris saiu para a varanda. – Que belo com eço para o nosso casam ento. Mas im agino que não m e casei com você porque queria ser seguido por um a escrava subm issa. – Ele a olhou para ter certeza de que ela o escutava. – O que você precisa entender é que m inha m ãe gerou doze filhos, m as perdeu

nove. Alguns de parto, outros depois para um ... – Ele deu de om bros. –... Destino invej oso? Não vou fingir que entendo dessas coisas.

Mirina balançou a cabeça.

– Pobre m ulher. Ter de suportar tam anha tristeza...

– Enquanto isso, m eu m aravilhoso pai não para de ter filhos com suas outras esposas e concubinas e raram ente está sem um bebê ou um a m ulher nos braços.

Com os braços cruzados, ele virou as costas para a cidade. Ao constatar o choque de Mirina, deu um sorriso de ironia.

– Desculpe. Mas foi você quem quis saber.

– Obrigada pela sua franqueza.

Ela chegou m ais perto; ainda não estava pronta para abandonar o assunto.

– Mas por que sua m ãe m e acusaria de m atá-lo?

Páris revirou os olhos.

– Um a baboseira religiosa.

Mirina o encarou com intensidade, instando-o a prosseguir, m as ele perm aneceu calado. Então ela segurou seu rosto com as duas m ãos e disse: – Por favor, deixe-m e com partilhar m ais do que a sua cam a. Algo o atorm enta, e não poder aj udá-lo a suportar esse fardo m e causa dor. Lem bre-se do que você m e ensinou... e deixe-m e lutar ao seu lado, costas com costas, até conseguirm os afastar essa dificuldade...

Páris segurou suas m ãos e as beij ou, um a de cada vez.

– Quando eu nasci, não faltaram m aus presságios – disse ele por fim , virando-se outra vez para o m ar. – O sacerdote usou todos as artim anhas para convencer m eus pais de que eu era um a criança indesej ada... odiosa aos olhos dos deuses, portanto um a am eaça a Troia. – Ele lhe exibiu um sorriso triste. – Sem pre tivem os m edo, entende, de o Sacudidor da Terra se levantar e sair m archando

de nossa cidade tom ado pela ira, causando destruição por onde passasse. Às vezes é possível sentir quando ele se m exe... – Páris correu a m ão por um a ínfim a rachadura na balaustrada de pedra. – Mas não tenha m edo, m inha am ada, ele nunca esteve m ais calm o do que agora.

Mirina estudou seu perfil, aflita para entender.

– Mas o que os sacerdotes poderiam ter contra um recém -nascido?

– Eles nunca aprovaram a esposa que m eu pai escolheu. Tem iam que, com um a rainha originária de Éfeso, um a rainha acostum ada a arm as e independência, o povo troiano talvez se virasse contra os novos deuses e voltasse aos costum es antigos.

Páris hesitou, e quando prosseguiu foi com relutância.

– Preciso lhe dizer que, antes de m eu avô subir ao trono, Troia foi governada por m ulheres durante m uitas gerações. Otrera e m inha m ãe são descendentes das antigas rainhas da cidade. Foi por isso que m eu pai decidiu se aliar a elas pelo m atrim ônio. Mas os sacerdotes sem pre tem eram que m inha m ãe desafiasse a autoridade real do m eu pai, portanto, desde que ela pisou em Troia, com eçaram a encher sua cabeça com baboseiras supersticiosas.

Sentindo a dor de Páris, Mirina o abraçou. Os dois passaram algum tem po assim , observando a cidade que parecia alegre em ignorar o próprio passado secreto.

– Estou certa de que pode entender com o m inha m ãe está se sentindo – disse Páris por fim , apoiando a cabeça na dela. – Por m aior que fosse o seu alívio por m anter o bebê consigo, ela ficou perturbada com toda aquela conversa sobre m aus presságios. Portanto, assim que um novo coro de sacerdotes conspiradores assum iu suas funções e com eçou a exam inar entranhas e falar tolices para se prom over, ela tornou a consultá-los para entender m elhor o m eu destino.

Páris se calou, os olhos vagando pela cidade m ovim entada, acom panhando um a carroça aqui, um grupo de m arinheiros acolá. Ele então se virou, entrou no quarto, pegou a bolsa e dela tirou o pano que continha o cálice de ouro. Não o desem brulhou, apenas o pousou delicadam ente sobre um a m esa antes de cam inhar até a cam a – um im enso divã posicionado sobre um tablado de m árm ore entre quatro colunas de pedra verm elha – e se atirar de bruços nela.

Quando ele tornou a falar, sua voz saiu abafada pelas cobertas m acias, m as Mirina, depois de subir na cam a ao seu lado, escutou cada palavra, em bora talvez desej asse não ter escutado.

– Agora, para agradar a m eus pais, os novos sacerdotes decidiram que m eu destino não era tão ruim quanto antes se pensava... contanto que eu nunca m e casasse – com eçou ele. – Meu casam ento, disseram eles, despertaria a fúria do Sacudidor da Terra e ele m e m ataria. Mas aqui estou eu, casado e ainda vivo.

Ele se virou e abriu os braços. Com o Mirina não reagiu, ele se apoiou em um dos cotovelos e puxou de m aneira brincalhona seus cabelos.

– Vam os, linda esposa, venha rir com igo. Os cam inhos dos deuses podem ser um m istério, m as os cam inhos do hom em são óbvios dem ais.

Abalada com o que havia escutado, Mirina o abraçou.

– Você não precisava ter se casado com igo. Eu teria m orado com você, feliz...

– Mentirosa! – Páris se virou e a im obilizou sobre a cam a. – Desde o instante em que eu a cham ei de rainha Mirina e pus um a coroa na sua cabeça, am bos entendem os que não poderia ser de outro j eito. Eu precisava possuí-la de form a plena e total.

Ele baixou os olhos para seu corpo e para o vestido ainda aberto.

– Você fala com o se fosse m eu dono – protestou ela, em parte aliviada por abandonar o tem a sinistro, m as tam bém incom odada com o tom possessivo que Páris vinha usando com ela desde sua chegada ao palácio.

– E não sou? – Ele sorriu de seu cenho franzido, em seguida pôs-se a acariciá-

la, com o para dem onstrar que ela era sua. – Eu acho que sou.

– Perm ita-m e discordar. – Mirina deslizou um a das m ãos por baixo da túnica dele, e logo encontrou o que estava procurando. – Apesar de toda essa sua atitude arrogante, o destino do hom em é ser possuído pela m ulher, não o contrário.

O toque dela fez Páris se deitar de costas na cam a com um arquej o de prazer, e

ela se sentou em cim a dele, triunfante.

– Agora que entendo a m ecânica que rege esses assuntos, aposto que para cada bandido predador que obtém seu prazer sob a m ira de um a adaga, é possível encontrar cem m aridos governados pelos caprichos das esposas – disse ela, parada acim a dele.

Provocante, m exeu o corpo j unto ao dele, deliciando-se com seus grunhidos de im paciência.

– Não, m eu am or. Sim , m eu am or. Agora não, m eu am or – falou ela e, inclinando-se para a frente, cravou os olhos nos dele para exibir seu poder. – *Nós* possuím os vocês, m eu príncipe. A natureza quis assim . Nunca se esqueça.

A prim eira sem ana de Mirina no palácio foi um a confusão de felicidade intensa, quase eufórica, m isturada a constrangim entos e frustrações que a faziam chorar escondida ao final de cada dia – ela, a m atadora de m onstros do lago, a salvadora das irm ãs escravizadas.

Sua principal preocupação era Lilli. Infelizm ente, os critérios de Mirina para garantir o conforto da irm ã iam m uito além do que Páris estava disposto a fazer.

"*O quê?* ", exclam ara ele na prim eira vez que ela, com m uito tato, abordara o assunto. "Você quer que a sua inocente irm ã durm a no nosso quarto, onde vai ouvir tudo o que disserm os e fizerm os?" Ele balançara a cabeça, sem acreditar.

"Por que desej a am ordaçar dessa form a o próprio prazer? Você sabe que nós nunca ficaríam os à vontade com ela tão perto."

Mirina com preendeu, claro, e não repetiu o pedido. Mas não podia ignorar a tristeza que o futuro prom etia. Em breve Hipólita desej aria voltar para Éfeso, e Kara, Anim one e Cim e sem dúvida iriam com ela. Quando elas fossem em bora, Lilli teria que dorm ir sozinha entre desconhecidas em um quarto coletivo naquela terra estrangeira. Por m ais que Mirina am asse a irm ã e detestasse im aginar a vida sem ela, havia m om entos em que sentia que Lilli talvez fosse m ais feliz em Éfeso, rodeada de am igas.

Não aj udou em nada quando Páris, ansioso para dem onstrar seu am or fraterno de um m odo m ais agradável, se ofereceu para ensinar Lilli a m ontar o próprio cavalo. Ao ver a anim ação que essa proposta causou, não apenas em Lilli, m as

em todos que gostavam da m enina, Mirina não conseguiu se opor.

Assim , todo final de tarde, após concluir as tarefas do dia, Páris ia procurá-las no pátio da rainha, dava um beij o rápido no rosto de Mirina e levava Lilli em bora para um a hora de ruidosa diversão atrás das estrebarias.

Outro golpe que abalou o contentam ento de Mirina foi a expectativa crescente de que ela se com portasse com o princesa em tudo o que fazia, deixando de ser caçadora. Antes de chegarem a Troia, nem sequer lhe ocorrera que Páris pudesse querer fazê-la m udar de com portam ento, m as assim que eles se acom odaram em seu quarto ele lhe im plorou, entre beij os am orosos, que o deixasse guardar suas arm as e que ela usasse apenas as roupas que ele lhe desse.

– Por favor, entenda: eu am o seu coração de caçadora e j am ais iria querer que você m udasse – disse ele, depois de lhe ensinar a usar os broches de ouro que prendiam seus novos e delicados traj es. – Mas as pessoas aqui respeitam os costum es antigos, e eu não quero que riam de m im ...

– Elas respeitam os costum es *novos*, você quer dizer – corrigiu Mirina. – Você não m e disse que antigam ente, antes de o Sacudidor da Terra chegar...

– Shh! – Em bora estivessem a sós, Páris olhou em volta, nervoso. – Só precisam os lhes dar tem po para se acostum ar com a m udança...

– Que m udança? – Mirina estendeu o rebuscado vestido com um ar consternado. – Olhe para este tecido inútil; j á está rasgado! Daria no m esm o se eu andasse nua.

A discussão parou ali, porém o assunto estava longe do fim , pelo m enos para Mirina. Ela não tinha exagerado ao dizer a Páris, na noite de núpcias, que não sabia ser m ulher. Em bora ele houvesse se m ostrado m uito eficaz em apresentá-la a determ inados aspectos da fem inilidade, não a tinha preparado para as m uitas horas do dia em que ela teria de andar, sentar e falar com o m ulher, além de suportar o tédio interm inável do bom com portam ento fem inino.

Enquanto Páris passava os dias com o rei na sala do trono ou fora do palácio, Mirina não tinha escolha a não ser ficar com as irm ãs no pátio da rainha. No início, achou o lugar lindo: um pórtico largo dava a volta inteira em um pequeno j ardim retangular com um resplandecente chafariz no centro cuj a bacia era três vezes m aior do que a do Tem plo da Deusa da Lua. Depois de percorrer algum

as vezes os labirínticos cam inhos feitos de conchas do j ardim e constatar que todos iam dar exatam ente onde com eçavam , ela com eçou a desconfiar que a razão daquele isolam ento vigiado era tanto m anter as m ulheres confinadas quanto não perm itir a entrada de estranhos.

Reclinada na som bra do pórtico em posição confortável, a rainha passava a m aior parte do dia de olhos fechados, m eneando a cabeça ao ritm o da m úsica suave tocada por cortesãs idosas e bebericando o chá servido por criadas m udas.

Era raro que puxasse conversa com alguém , m as m esm o assim esperava que todas as suas dam as de com panhia ficassem sentadas fielm ente ao seu lado e com partilhassem sua graciosa indolência.

Mirina m al conseguia acreditar que aquela era a m esm a m ulher que havia conhecido no prim eiro dia, cuspindo fel diante do altar da casa. A rainha não aludira nem m ais um a vez ao episódio. Na verdade, quando Mirina e as irm ãs entraram no pátio pela prim eira vez e foram oficialm ente apresentadas, foi com o se ela houvesse esquecido por com pleto aquele prim eiro encontro, com o se houvesse tom ado algum elixir que nublasse sua m em ória e a deixasse m ais afável.

– Ah, sim – falou, depois de Hipólita recitar as com plexas saudações enviadas por Otrera. – Minha irm ã querida. Quanta gentileza. Agradeçam a ela e inventem algo bonito para lhe dizer em retribuição.

E pronto. Hipólita foi dispensada com um aceno, de m odo a abrir espaço para um a bandej a com frutas, e ninguém disse m ais um a palavra de boas-vindas.

Decepcionadas, com o era de esperar, as com panheiras de Mirina logo com eçaram a falar com saudade das tarefas que as aguardavam em casa. Foi preciso m uito esforço para Mirina convencê-las a suportar um a sem ana inteira daquele tédio pom poso.

– Não posso acreditar que você escolheu esta vida – sussurrou Anim one certo dia, olhando para as concubinas do rei no pátio e para seus filhos, que passeavam um tanto ruidosos pelo pórtico em frente.

Mirina não pudera deixar de notar que várias daquelas m ulheres estavam grávidas. O que realm ente a incom odava era a expressão de pena nos olhos de Anim one a sugerir que um dia ela, Mirina, seria a velha rainha a cochilar na

cadeira, exaurida por noites e m ais noites de solidão insone.

Nessa noite, ela voltou para o quarto com um a pilha de arm as de brinquedo e esperou Páris em polgada, pronta para atacá-lo com o tantas vezes havia feito na praia em Éfeso. No entanto, quando entrou no quarto e viu a espada de m adeira deslizar até se deter a seus pés, ele apenas riu e balançou a cabeça.

– Onde arrum ou isso? – perguntou, ignorando a postura de com bate de Mirina.

– Roubei dos m eninos – respondeu ela, m urchando de decepção.

– Dos m eus m eios-irm ãos? – Páris franziu o cenho. – Coitados. É m elhor eu ir explicar...

Quando ele finalm ente voltou, Mirina estava deitada na cam a, fitando os desenhos pintados no teto. Trepadeiras, ovos, frutas... todos sím bolos de fertilidade.

– Nós som os apenas éguas, não é? – falou. – Passeando delicadas em nosso curralzinho, esperando a hora de serem cobertas.

Páris ficou chocado dem ais para responder na hora, e antes m esm o de conseguir se abaixar para beij á-la, Mirina se levantou da cam a.

– Hipólita pode ter arm as, m as Mirina, não – continuou ela. – E Lilli pode m ontar, m as Mirina, não...

– É claro que pode!

Páris deu a volta na cam a, sorrindo, m as ela lhe virou as costas.

– Um cavalo! – disse ela, de braços cruzados. – Eu quero m ontar m eu *cavalo*.

Ele riu e a segurou pela cintura.

– Minha princesinha caçadora. Já se cansou de tanto luxo. Preferiria estar de volta a Creta, im plorando por restos de com ida.

Mirina se desvencilhou com violência do seu abraço.

– Espere. – Páris tentou puxá-la outra vez. – Não falei por m al.

– Eu sei. – Ela se virou para ele, lutando para engolir a raiva. – E você sem pre m e tratou com gentileza. Eu sou um a ingrata...

Páris sorriu e a segurou pelo queixo.

– Mas tão bonita.

Mirina engoliu em seco outra vez.

– Por favor, podem os voltar para sua cabana no alto do m orro? Só por alguns dias?

Ele aquiesceu.

– Assim que suas irm ãs forem em bora, irem os para lá. Você vai caçar com ida, e eu... – Ele tornou a puxá-la para si. – Eu vou caçar você.

Nesse exato instante, enquanto eles selavam o plano com um beij o, alguém bateu à porta.

– O rei solicita sua presença no tem plo – disse um a voz.

Ao ver o ar decepcionado de Mirina, Páris falou: – Por que não vem com igo? É m elhor eles se acostum arem com a sua presença. Onde está a coroa que lhe dei? É m elhor colocá-la. O tem plo é onde recebem os nossos inim igos.

O Tem plo do Sacudidor da Terra era um lugar solene, intim idador. Construído com os m esm os rochedos gigantes que Mirina tinha visto ao entrar na cidadela, de fato dava a im pressão de ser o lar de um ser im ortal a quem os confortos hum anos não proporcionavam prazer nenhum . Não havia m óveis nem luxos de qualquer espécie. Até as colunas que sustentavam o telhado alto eram sim ples e sem adornos; im pressionavam sim plesm ente pelo tam anho.

O único que parecia à vontade naquele cofre de pedra era a divindade em si, um colosso dourado reclinado, com o se adorm ecido, sobre um a prateleira de pedra elevada que m argeava toda a parede dos fundos do tem plo. Não havia com ida disposta para ele, nenhum a guirlanda de folhas ou presente votivo depositados abaixo de onde ele estava. Sua única diversão eram quatro j ovens e perfeitos anim ais que passeavam livrem ente pelo tem plo e com iam feno do chão.

Ao entrar ali ao lado de Páris, Mirina viu o rei Príam o em cim a de um a plataform a elevada no m eio do recinto, cercado por um grupo de guardas arm ados e nobres de ar som brio.

Na prim eira vez que ela vira o rei, este lhe parecera um hom em com o outro qualquer. Nesse dia, porém , ele usava um a coroa de chifres e um a túnica debruada de pele e tinha um aspecto de fato m aj estoso.

– Pai – disse Páris, subindo no pódio com Mirina logo atrás. – O que houve?

– Que bom que vocês dois vieram ... – respondeu o rei Príam o, gesticulando para um oficial da corte. – Os prim eiros que vieram lhes dar os parabéns estão esperando no portão: os leões de Micenas, sem pre atrás de um a presa.

Mirina sentiu Páris se retesar e im aginou o estrondo do oceano além das m uralhas da cidade. Ela fizera força para esquecer os tenebrosos acontecim entos de Micenas, m as nesse instante tudo lhe voltou em um acesso de pânico: o príncipe m orto no chão, o fedor do sangue, os lam entos das escravas deixadas para trás...

Não havia nada que pudesse fazer para deter os passos do Destino. Um tum ulto na entrada do tem plo a fez se virar e ver um grupo de hom ens lutando para conter um cavalo branco. Quando eles finalm ente conseguiram controlar o anim al, dois hom ens, um velho e um m oço, se adiantaram para falar com o rei Príam o. O m ais velho se apoiava pesadam ente no rapaz.

Som ente então Mirina o reconheceu: era Agam enon, senhor de Micenas.

Fazia m enos de um ano que ela o vira sentado no trono diante da fogueira em seu salão de recepção, m as esses poucos m eses o haviam m ordido com a fom e de m uitas décadas.

– Meu am igo – disse o rei Príam o, avançando com os braços abertos. – Você abençoa m eu país com a sua presença.

Ao que Agam enon, vergado pela idade, ergueu os olhos e respondeu: – Quem m e dera alguém tivesse abençoado a *mim*. Pois a últim a visita de seu filho m arcou o início de um tem po m au.

– Fico triste por ouvir isso. – O rei Príam o franziu o cenho, preocupado. – Triste

e surpreso. Meu filho m e disse que Micenas estava próspera.

Ele estendeu a m ão para que Agam enon percebesse a presença de Páris.

– Sim , bem ... – Agam enon fez um a pausa para tossir, e o som reverberou pelo tem plo. – Seu filho deixou m eu país antes de a tragédia se revelar. Portanto, ele decerto ignora m eus infortúnios.

– De fato, eu os ignoro – disse Páris, avançando até ficar um pouco na frente de Mirina, talvez para im pedir que os hom ens a vissem .

– Aquela m áscara que você m e deu... – Agam enon reprim iu um acesso de tosse. – Ela m e escolheu para o túm ulo. Mas não o culpo. Vim aqui pedir sua aj uda. – Com um gesto para os hom ens atrás de si, o rei m andou que trouxessem o cavalo branco. – E prestar tributo ao Sacudidor da Terra. Há m uitos m eses estam os tendo ventos desfavoráveis e m ares revoltos, caso contrário teríam os vindo antes.

– Belo presente – falou Príam o. – Agora m e diga quem trouxe consigo. Vej o que não é o seu filho.

Agam enon fez um a careta e deu um tapinha no braço do rapaz que o acom panhava.

– Este é m eu sobrinho Menelau, herdeiro de Esparta. Foi prom etido à m inha filha. Mas ela... – O velho rei parou para tom ar ar. – Minha filha foi raptada de m inha casa. Ninguém sabe onde ela está. E m eu filho...

Sem conseguir continuar, o senhor de Micenas gesticulou para que o sobrinho falasse por ele.

O j ovem Menelau de Esparta não era um rapaz sem atrativos, m as, assim que com eçou a falar, Mirina sentiu que era alguém criado para m atar sem reservas, para quem autoridade era sinônim o de verdade.

– Um ataque repulsivo foi desferido contra a pacífica Micenas – com eçou ele, obediente, com um a voz pausada. – O inim igo era um a tribo de m ulheres que lutam com o hom ens e cortam fora um dos seios para arrem essar m elhor a lança. Nós as cham am os de *amazonas*... m ulheres sem seios. Alguns dizem que elas encontraram abrigo aqui em Troia.

– Que disparate! – exclam ou o rei Príam o. – Nunca ouvi falar nessas m ulheres. Você j á? – perguntou, encarando o filho.

Páris balançou a cabeça, igualm ente chocado. Para sorte de Mirina, ninguém se deu o trabalho de lhe perguntar nada a respeito. Ela quase com certeza não teria conseguido fingir ignorância.

– Você m e dá sua palavra? – perguntou Agam enon, em pertigando-se. – Pois eu j urei persegui-las com espada e fogo.

Sem hesitar, o rei Príam o falou: – Você tem m inha palavra. Se eu algum dia vir essas aberrações... ora, eu m esm o as m atarei.

– Elas assassinaram m eu filho e roubaram m inha filha Helena, o único fruto das m inhas entranhas que talvez viva m ais do que eu – prosseguiu Agam enon, e sua raiva lhe renovou as forças. – Não m e resta m uito m ais vida, m as usarei toda a força que ainda tiver para pegá-la de volta. Você vai m e aj udar?

Horrorizada, Mirina viu os dois reis apertarem as m ãos. Seria m esm o verdade que a em burrada Helena, que agora estava em Éfeso usando o bracelete de chacal de Mirina, era filha do rei Agam enon? “Não vou voltar para casa”, lem brava-se de ter escutado a m enina dizer, com um sem blante pálido e aflito.

“Não vou voltar para casa. Meu pai vai m e m atar. Eu *sei* que vai. Ele m atou m inha m ãe. E m inha irm ã. Eu sei que m atou.” Se o pai dela fosse m esm o Agam enon, Mirina podia m uito bem acreditar. Podia até perdoá-la por ter fugido... se ela não houvesse utilizado um a artim anha tão desprezível.

O que fazer? Mirina não sabia. Olhou para Páris e pensou se ele saberia que a princesa raptada tinha deixado Micenas a bordo do *seu* navio. Mas Páris não estava m ais acom panhando o diálogo entre o pai e Agam enon. Agora encarava um a silhueta esguia em pé na porta do tem plo, com os cabelos revoltos. Kara.

Tom ada por um a prem onição, Mirina agarrou o braço de Páris, querendo que ele cham asse os guardas. Mas j á era tarde: Kara não podia m ais ser detida.

Atravessou correndo o recinto até Agam enon, j ogou-se aos seus pés e abraçou seus j oelhos com tam anha violência que ele teve de levar a m ão ao om bro do sobrinho para se equilibrar.

– Bondoso pai! – gritou ela enquanto os guardas a arrastavam para longe. – Estou aqui!

– Esperem ! – Agam enon acenou para os guardas a soltarem . – Não sou hom em de chutar um a m ulher em súplica. Pode falar!

– Elas m e levaram em bora contra a m inha vontade. – Kara ergueu para Agam enon uns olhos cheios de lágrim as e de alívio. – Eu não queria ir.

O senhor de Micenas a encarou no chão, m udo. Então seus olhos se estreitaram .

– Eu j á vi esta louca antes...

– Chega! – exclam ou Páris, dando um passo à frente.

Mas j á era tarde. Kara fora reconhecida.

– Com o esta criatura insana veio parar aqui? – quis saber Agam enon, erguendo a voz de tão furioso. – Foi ela quem ... – Ele enterrou um a das m ãos nos cabelos de Kara e a puxou para cim a com toda a força, arrancando-lhe um grito de pânico. –... quem m atou m eu filho, sua puta m iserável? Foi você?

– Não! – gritou Kara, tentando se soltar. – Não! Eu disse a elas para não...

– Onde elas estão? – Agam enon a puxou pelos cabelos de novo e a arrem essou pelo chão. – Diga! Onde elas estão?

– Pare! Pare, por favor! – Kara levou um a das m ãos à barriga para protegê-

la. – Estou carregando o seu neto...

Agam enon avançou com passos largos e lhe deu um tapa na cara.

– Nesse caso, m ato dois com um golpe só. Fale, sua louca! Onde está o assassino do m eu filho?

Aos soluços, sem conseguir se controlar e com o rosto todo suj o de lágrim as, Kara por fim levantou a m ão e apontou um dedo trêm ulo para Mirina.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Maravilhas há muitas, mas de todas A mais maravilhosa é o Homem...

Ele pode prender os alegres pássaros Com uma arapuca e todos os animais Selvagens da terra aprendeu a capturar.

Sófocles, *Antígona* ISTAMBUL, TURQUIA Pelo m enos trezentas glam orosas celebridades haviam aceitado o convite para o baile de m áscaras de Reznik, e a casa inteira reverberava o m ovim ento das pessoas e o eco de suas risadas. Não havia nenhum m óvel ou obj eto decorativo para dim inuir o barulho: nem sofá, nem tapete, nem cortina: era tudo feito de concreto, aço e vidro, com esculturas de m árm ore isoladas em cada canto e elegantem ente ilum inadas por spots de luz. Se alguém tivesse m e dito que o lugar ainda estava em obras, eu poderia m uito bem ter acreditado. Não era qualquer um que se sentiria à vontade em um a estante de concreto nu, ainda que a vista abarcasse dois continentes.

Os convidados, por sua vez, estavam longe de ser m onocrom áticos. Não só as m ulheres, m as tam bém vários dos hom ens usavam traj es grotescos e teatrais que davam a Jam es um aspecto reconfortante, bonito e norm al, m esm o vestido de Aladim . Havia superm odelos sem inuas em fantasias m ínim as coladas direto na pele e lobisom ens estilizados com coleiras cravej adas de brilhantes. A m aquiagem de pavão cintilante e cheia de arabescos que Rebecca e eu tínham os escolhido no shopping Kany on chegava a ser ridícula de tão discreta.

– Olhem ele ali – falou Jam es, apontando para um hom em fantasiado de toureiro espanhol no m eio dos exuberantes convidados.

Alto e rígido, com os cabelos brancos dom ados por um corte rente, Grigor Reznik se destacava entre seu séquito reluzente com o um hom em de gosto im pecável em m atéria de m oda e m ilitarm ente disciplinado em relação ao sorriso, que j am ais ia além dos lábios.

Senti um súbito calafrio de m au agouro e falei: – Talvez fosse m elhor a gente desistir desse tal m anuscrito...

– Deixe de ser chata, Morg! – Com um gesto ágil, Jam es pegou três *flûtes* de cham panhe sobre um a bandej a que passava. – Tom e, beba e relaxe um pouco.

Vocês duas. Não querem os que ele desconfie de *nada*.

Entre golinhos de cham panhe, perguntei-m e quantos dos convidados de Reznik

de fato sabiam quem ele era e o que tinha feito antes de se m udar para a Turquia. Será que sabiam sobre sua polícia secreta e os m anicôm ios infestados de ratos para onde ele m andava os prisioneiros políticos quando era chefe do Partido Com unista? Será que sabiam que m esm o agora, em teoria aposentado, ele deixava em sua esteira hom ens destruídos com o o Dr. Özlem , e que havia ignorado repetidos avisos das autoridades turcas em relação ao seu envolvim ento crim inoso no com érc io de antiguidades? Não pude evitar pensar que, a qualquer m om ento, um a equipe da Interpol poderia derrubar aquela porta estilosa e levar todo m undo preso em m eio a um a névoa de gás lacrim ogêneo. Mas ali estávam os nós, seus supostos am igos, trezentas pessoas tom ando seu cham panhe e legitim ando sua pessoa com nossa presença.

Enquanto abríam os cam inho pela m ultidão, vi um a silhueta m eio conhecida aparecer e desaparecer de vista antes de sum ir por um a porta.

– Viu aquela loura alta com roupa de cam undongo prateado? – sussurrei, puxando o braço de Rebecca.

– Quem ?

Ela se esticou para a esquerda, depois para a direita, m as não conseguiu ver a m ulher.

– Agora ela saiu – falei. – Mas tenho certeza de que foi ela quem roubou m eu celular em Náuplia. É óbvio que ela trabalha para Reznik.

Rebecca arregalou os olhos, m as não entendi se foi por acreditar em m im ou por m e achar m aluca.

Jam es se virou para nós duas, as sobrancelhas arqueadas.

– O que houve?

– Ah, nada – m urm urei, enquanto verificava que m inha bolsa de noite ainda continuava bem fechada, a bolsinha de cetim com o caderno de vovó que eu agora m antinha sem pre ao m eu alcance. – Com licença.

Fui até o toalete ilum inado com um a luz estroboscópica, apoiei-m e na bancada de m árm ore e tentei m e acalm ar. A sensação de desastre im inente que tivera ao chegarm os voltou com força total. Em um recanto otim ista de m eu coração,

eu havia acalentado a tênue esperança de que Nick no fim das contas aparecesse na festa e havia m e arrum ado para isso. Mas... se ele j á estivesse ali, com o eu poderia reconhecê-lo entre tantas pessoas m ascaradas?

Enquanto eu estava em pé diante do espelho, um a linda latina usando um a fantasia j usta de m ulher-gato saiu de um dos cubículos. Os cabelos grisalhos curtos lhe davam um a aparência ao m esm o tem po velha e j ovial e por um instante fiquei fascinada com o poder quase palpável que em anava de seu corpo.

Quando nossos olhos se cruzaram no espelho, porém , a m ulher m e encarou com um a expressão nada m enos do que venenosa. Só depois de a porta se fechar atrás dela m e ocorreu que eu talvez j á a houvesse visto antes, em outro lugar. Seus olhos tinham algo estranham ente conhecido...

Quando saí do banheiro, Reznik falava com seus convidados em um francês fluente. Peguei apenas o final de seu discurso, que term inou com um brinde sinistro: – Ao Alex, cuj a m orte hoj e com pleta um ano – disse ele, erguendo a *flûte*. – E à j ustiça.

– O que houve? – sussurrou Rebecca quando a m úsica e as conversas recom eçaram . – Você parece que...

– Chega de perder tem po! – falou Jam es. – Agora é a nossa chance.

Foram necessárias algum as cotoveladas decididas para ter acesso a nosso anfitrião, m as, quando conseguim os, Jam es foi recom pensado com um abraço firm e.

– Moselane! – exclam ou Reznik com um sotaque eslavo bem m arcado. – Que bom que veio. Quero conversar com você.

Ele encarou Jam es de form a expressiva. Com certeza teria dito algo m ais caso m inha proxim idade não o houvesse distraído. Olhou para m im e no início pareceu irritado, m as então arregalou os olhos com um ar de aprovação. Segurei a respiração por alguns segundos e pensei que ele tivesse m e reconhecido de algum a form a, m as suas palavras seguintes sugeriram o contrário.

– Que beleza – falou, olhando para m im e depois para Rebecca. – Estou vendo que com partilha o m eu apreço por coisas lindas e raras.

– Com partilho, sim – respondeu Jam es com um a calm a adm irável. Então, depois de nos apresentar com nom es falsos, seguiu falando: – Contei a estas lindas senhoras que você tem alguns... artefatos pouco usuais. Elas duas estão *muito* anim adas com a possibilidade de ver a sua biblioteca.

O j eito com o ele disse “biblioteca” sugeriu que na realidade ele queria dizer “quarto”.

– Espero que não as decepcione.

Pude ver os dedos de Reznik se contraírem por um brevíssim o instante ao redor da base de sua *flûte*. Ele então deu um a risadinha, olhou prim eiro para Rebecca, depois para m im , e disse: – Não posso recusar o interesse de um a linda m ulher, m uito m enos de duas.

Se quiserem , posso lhes m ostrar o m eu pequeno... m useu. – Ele olhou para o recinto à sua volta, de form a casual. – Mas vam os esperar que o em baixador vá em bora. Eu encontro vocês.

Passam os a hora seguinte entretidos em conversas sem im portância, fingindo nos divertirm os. Jam es dem onstrava um talento natural para aquilo. Tinha algo a dizer sobre todas as esculturas e m etade dos convidados e garantiu que nunca ficássem os sem cham panhe.

– Aquele ali é Alex, filho de Reznik – falou em determ inado m om ento, m eneando a cabeça para um a grande escultura em m árm ore de um rapaz no m esm o estilo do *Davi*, de Michelangelo.

– Que lindo – disse Rebecca. – Devia ser bem j ovem . Com o ele m orreu?

Jam es olhou em volta para se certificar de que ninguém o escutava.

– Segundo a polícia, foi um acidente de carro, m as Reznik não acreditou. Está convencido de que Alex foi assassinado e de que o acidente foi só para encobrir a verdade. Quem pode saber? Um dia ele vai ter que parar de perseguir fantasm as.

Esta festa é um bom sinal. Pelo m enos por um a noite ele tirou a arm a da boca.

Ainda olham os m ais algum as esculturas antes de Rebecca pedir licença para ir

ao banheiro. Assim que ela se afastou, Jam es se inclinou para j unto de m im e disse, com alegre descontração: – Acho que Bex está lam entando a ausência do nosso guarda-costas.

Abaixei-m e para estudar três pequenos bustos, que m ais um a vez se revelaram representações de Alex Reznik aos 5, 10 e 15 anos, respectivam ente.

– Posso garantir que ela ficou tão aliviada quanto eu por Nick ter ido em bora.

– É m esm o? – Jam es tentou cruzar olhares com igo. – Ela m e parece m eio...

pensativa.

Desconfiei que Jam es estivesse tentando descobrir o que eu própria sentia em relação ao assunto, m as não estava com disposição para lhe dar o que ele queria.

Após dois dias de exposição ao seu egocentrism o gritante, m inha paciência j á tinha se esgotado havia m uito tem po.

– Bex tem andado m uito estressada ultim am ente, tudo por culpa m inha.

– Deixe de ser boba. – Ele pôs um a das m ãos sobre m eu om bro nu. – Ninguém poderia ter um a am iga m elhor do que você.

Isso não causou o efeito que Jam es im aginava, então ele deu um passo e ficou na m inha frente, pondo-se entre m im e os bustos.

– Estou falando sério, Morg. Você é m uito especial para m im .

E ali, com seu turbante de Aladim m eio de banda, por um instante Jam es pareceu de fato falar a verdade, com o se quisesse m esm o estar apaixonado por m im . Mas eu não disse nada. Ele deu um sorriso hesitante: – Nós dois escolhem os o cam inho m ais dem orado, não foi?

A expressão dele foi tão cheia de esperança que senti pena, não só pelo fato de eu j á não o am ar, m as porque ele parecia totalm ente alheio ao fato de que tam pouco m e am ava. Em sua ânsia para derrotar Nick, ele havia assum ido um papel de protetor, e agora, com o sem pre respeitava todas as regras, sentia-se obrigado a dizer as palavras correspondentes ao papel, esquecendo-se de pensar se eram sinceras.

– Sem pre soube que você era alguém para levar a sério – continuou ele, segurando a m inha m ão. – Você tem esse j eito de rainha. Só não queria com eçar algum a coisa e depois... estragar tudo.

Continuei sem responder e ele prosseguiu, quase zangado.

– Eu te am o, Morg. Você sabe disso. Por que outro m otivo eu viria aqui resgatá-la?

– Me *resgatar*? – Puxei a m ão de volta. – Quem disse que eu precisava ser resgatada?

Jam es se retraiu, talvez só então percebendo quanto eu estava zangada.

– Katherine Kent. Por que ela diria isso se não fosse verdade? O que você falou para ela?

Fiquei tão estupefata que levei alguns instantes para conseguir responder.

– Nada – falei, por fim . – Deixei um recado quando estava na Argélia, m as não falo com ela desde que saí de Oxford. Nenhum a palavra.

Jam es franziu o cenho. Claro que o fato de a nossa conversa ser desviada por um a preocupação tão insignificante o deixara irritado.

– *Alguma coisa* você deve ter dito. Senão, com o ela saberia que você chegaria a Troia na sexta ou no sábado?

Nessa hora, vi Rebecca andando na nossa direção com um ar abalado. No entanto, estava tão preocupada com a revelação de Jam es sobre o conhecim ento e a interferência de Katherine que levei alguns instantes para recuperar os sentidos e prestar atenção no relato dram ático feito por m inha am iga de que um batedor de carteira parecia estar agindo entre os convidados e um a m ulher fora levada por um a am bulância após um a reação alérgica.

Enquanto a escutava sem prestar m uita atenção, percebi que alguém m e encarava do outro lado da sala. Quando ergui os olhos, vi um hom em em pé sozinho de terno escuro, sem gravata, encostado na parede m ais afastada.

Quando nossos olhares se cruzaram , um a corrente de em polgação e calor

varou m eu corpo da cabeça aos pés.

Era Nick.

Em vez de m e cum prim entar ou vir na m inha direção, porém , ele virou as costas e com eçou a subir a escada para o outro andar.

– Com licença – falei, entregando m eu copo a Rebecca. – Já volto.

Segurei a saia do vestido, atravessei o salão depressa e segui Nick até o andar de cim a apenas para vê-lo desaparecer m ais um a vez pelos degraus de vidro que conduziam ao piso seguinte. Meio ofegante, tam bém fui subindo até o últim o andar da casa, m etade do qual era ocupado por um a cobertura com j ardim . Sem ver Nick em lugar nenhum , entrei devagar pela porta panorâm ica aberta e tentei encontrá-lo entre os vasos de plantas e árvores.

Poucos convidados tinham subido até aquele terraço escuro, em sua m aioria hom ens, e todos fum avam em silêncio e conversavam diante da vista deslum brante da única cidade do m undo com um pé no Ocidente e outro no Oriente. Não levei m uito tem po para concluir que Nick não estava ali e m e senti m urchar de tanta decepção. Ele tinha m e visto, sim , m as por algum m otivo não quisera falar com igo.

Virei-m e para tornar a entrar... e dei com ele em pé bem atrás de m im .

– Você! – exclam ei, chocada e aliviada ao m esm o tem po. – Por que foi em bora daquele j eito?

Em vez de responder, ele m e puxou para as som bras. Um a de suas m ãos segurou com firm eza o m eu pescoço, a outra m e enlaçou pela cintura... e então seus lábios se grudaram aos m eus com um a voracidade insaciável. Todo o seu equilíbrio e apatia e qualquer tipo de fingim ento ficaram para trás. Agora estava m uito evidente o que ele queria. E eu queria o m esm o. Na hora em que ele m e largou, segurei-o pelas lapelas e o puxei outra vez para j unto de m im .

Nós tínham os passado m uito tem po excessivam ente próxim os um do outro, e algo tinha de m udar, a com eçar pelo cinto de castidade que vinha contendo m inha paixão desde que certo m estre de esgrim a havia m e ferido de m orte e fugido de volta para Barcelona. Se Nick de fato fosse o cavaleiro núm ero quatro, com o Rebecca previra, eu decidi ali m esm o, com um a onda de

excitação que percorreu m eu corpo feito um a labareda, que estava m ais do que pronta para cavalgar o apocalipse.

– Gostei da sua fantasia – sussurrei, depois de algum tem po, aj eitando as lapelas dele.

Ao que Nick respondeu, com um a voz rouca: – Eu não estou fantasiado.

– Você está *sempre* fantasiado. – Encarei-o nos olhos para tentar decifrar seu j ogo. – O que está acontecendo?

Ele em purrou um a m echa de cabelos rebeldes para trás da m inha orelha.

– Não achou m esm o que eu fosse abandonar você assim , achou?

– Eu não tinha certeza...

– Linda e coraj osa Diana. – Ele encostou a testa na m inha. – Deusa da caça.

Você agora vai m e estraçalhar? Não é isso que acontece com os m ortais que chegam perto dem ais?

A pergunta m e fez dar um a risada involuntária.

– Só quando eles veem a deusa nua. E você não viu. Ainda.

Essa palavrinha extra saiu sem querer, antes que eu pudesse detê-la, e fez Nick m e puxar de novo para j unto do seu peito e enterrar o rosto no m eu pescoço com o se fosse m e dar um a m ordida.

– Acho que acabei de ver.

Com certeza teríam os ficado ali no terraço por um a pequena eternidade, sem conseguir parar de nos beij ar, se Jam es e Rebecca não tivessem acabado subindo para m e procurar.

Nick os viu passar pela porta de vidro antes de m im e conseguiu m e puxar m ais para dentro das som bras antes de Jam es cham ar: – Morg? Você está por aqui?

Com o ninguém respondeu, os dois logo desistiram e foram em bora,

balbuciando algo que não entendi enquanto tornavam a descer.

– Ai, ai – sussurrei, levando à boca os dedos enluvados. – Que horror isso tudo.

– Por quê? – Nick m e soltou. – Você não am a Jam es. Não está na hora de acabar com o sofrim ento dele?

Não respondi, então ele enfiou a m ão no bolso interno e pegou um talão de cheques.

– Quando se decidir, pode m e encontrar aqui.

Rabiscou um endereço no verso de um cheque em branco, rasgou o cheque ao m eio e m e entregou.

– Por quanto tem po?

– Até am anhã de m anhã – respondeu, guardando no bolso a caneta e o talão.

– É quando vou receber novas ordens. – Ele deu um sorriso de m elancolia. – O

chefe acha que ando m e divertindo m uito ultim am ente. Está na hora de voltar a trabalhar na equipe.

Olhei para o endereço m anuscrito sem vê-lo de verdade.

– E eu conseguiria encontrá-lo pela Fundação Aqrab? Se não conseguir falar com você antes que vá em bora?

O sorriso de Nick desapareceu.

– É isso, Diana. – Ele passou um braço à m inha volta e apontou para um a das pontes ilum inadas sobre o estreito de Bósforo. – O ponto m ais próxim o entre nossos m undos.

– Entendi. Mas...

Ele m e beij ou de leve na têm pora, bem onde o antigo hem atom a estava escondido por baixo dos arabescos de glitter.

– Volte lá para dentro, encontre seus am igos e tire-os daqui.

– Espere!

Tentei segurá-lo, m as ele se afastou do m eu abraço.

– Estou falando sério. Vão em bora agora. Vai ter confusão *de verdade*.

Encontrei Jam es e Rebecca no prim eiro andar, esperando em frente a um dos banheiros de convidados.

– Olhe ela ali! – exclam ou ele, dando um passo para trás ao m e ver. – Estávam os preocupados.

– Esta casa é m uito confusa – falei, torcendo para m eu rosto não estar tão corado quando eu sentia. – Procurei vocês por toda parte.

– Bom , a gente está aqui – falou Rebecca, sem m e encarar.

Algo em seus lábios contraídos e em um a das sobrancelhas arqueada m e deu a entender que ela desconfiava direitinho do que eu estava fazendo e com quem .

De onde ela estava, percebi, poderia ter tido um a visão perfeita e desim pedida de Nick descendo a escada... m enos de trinta segundos depois de m im .

– Maravilha – falei, segurando os dois pelos cotovelos. – Venham , vam os em bora daqui. É óbvio que estam os perdendo nosso...

Fui silenciada pela m ão de alguém em m eu om bro.

– Jam es. Senhoras. – Reznik encarou nós três com a gravidade e o bom hum or do recepcionista de um a casa assom brada. – O em baixador j á foi. Estão prontos?

Seu pequeno m useu, com o descobrim os, ficava bem do outro lado da parede de concreto. Um a porta de m etal sim ples, que passava despercebida com facilidade, fazia a transposição entre dois m undos, o público e o privado. Desde que eu chegara, percebi, havia passado em frente a ela várias vezes pensando que fosse apenas a saída de em ergência.

– Em geral esta entrada é eletrificada – explicou Reznik, levando a m ão ao bolso da calça. – Mas é claro que não quero eletrocutar m eus convidados.

Ele sacou um pequeno m olho de chaves preso por um a corrente de ouro e testou a porta com a unha antes de destrancá-la.

– Me perdoem por entrar prim eiro.

Adentram os a escuridão depois dele e ouvim os a porta se fechar atrás de nós com um estalo nada encoraj ador. Então um a luzinha verde se acendeu quando nosso anfitrião parou para digitar um a senha em um painel na parede. Cada vez m ais im paciente, repetiu a senha três vezes antes de exclam ar: – *Chyort voz'mi!* Acabei de atualizar o sistem a de alarm e. Im becis!

Ele estendeu a m ão abruptam ente e acendeu as luzes do teto no que se revelou um a sala estreita, pelo visto um a espécie de espaço de isolam ento entre as duas partes da casa.

– Que estranho – prosseguiu. – Diz que está ligado, só que não está. Bom , não faz m al.

Talvez se lem brando de que tinha um a plateia, Reznik se virou para nós com um sorriso forçado.

– Antigam ente, as coisas *funcionavam*. Entendem o que eu quero dizer?

Todos aquiescem os. Pela palidez de Rebecca, entendi que ela tam bém acabara de lem brar que, para aquele hom em , cultura e arte andavam de m ãos dadas com roubo e coerção.

Apreensivo, Reznik franziu o cenho, abriu outra porta e entrou na nossa frente na réplica perfeita de um a antiga residência londrina, com candelabros de cobre e um a escada acarpetada que levava, supus, até o últim o andar.

Cada item decorativo sugeria que, ao passar pelas duas portas fortificadas, tínham os voltado cem anos no tem po. Com paredes revestidas de m adeira escura e repleta de cristaleiras cheias de antiguidades, a sala em que estávam os parecia um clube para cavaleiros. Faltava apenas o m ordom o de sem blante im passível, fraque e gravata para perguntar se gostaríam os de tom ar o chá na biblioteca, com o de hábito.

Alarm ado com o sistem a de segurança falho, Reznik seguiu na frente às pressas e percorreu conosco todos os artefatos expostos no prim eiro andar. Um a das

cristaleiras continha um traj e de sam urai dourado cercado por quatro espadas. Ao passar por ele, Reznik parou para pegar um a das arm as.

– Só por garantia – falou para nós três, dando a im pressão de estar acostum adíssim o a andar assim , arm ado contra inim igos em potencial. – Até agora, nada sum iu. Acho que está tudo bem . Venham com igo.

Subim os atrás dele o prim eiro lance da escada. Enquanto andávam os, Reznik disse para Jam es: – Não m e deixe esquecer: quero falar com você sobre um a am iga sua, Diana Morgan.

Não fui a única a levar um choque ao ouvir m eu próprio nom e: Rebecca m e fez um a careta de puro pânico e quase tropeçou na saia com prida. Felizm ente, Reznik estava na frente e não reparou. Jam es, o prim eiro a se recom por, disse: – O que tem ela? Faz algum tem po que não tenho notícias.

– Hum – fez Reznik, com o se sentisse que Jam es m entia. – Sabe onde ela está?

Term inam os de subir a escada e chegam os a um a biblioteca que ocupava todo o andar e em oldurava a grandiosa escadaria com um a galeria de estantes em butidas nas paredes.

– Que sala m agnífica! – exclam ou Jam es, fazendo o possível para m udar de assunto. – Quantos volum es você tem aqui?

Mas Reznik não chegou a registrar a pergunta. Com um ganido de ultraj e, precipitou-se por cim a de um grande tapete persa na direção de um a estante.

– Não! Que filhas da puta!

Abaixo de um a alm ofada de veludo verde, ilum inada por spots em m iniatura, havia um a placa de bronze na qual se podia ler P. EXULATUS: *historia amazonum*. Mas a alm ofada estava vazia.

Muito em bora o sistem a de alarm e estivesse com defeito, um a dezena de câm eras de vigilância estrategicam ente posicionadas ainda parecia funcionar.

Eram todas controladas por um com putador no últim o andar, um piso sem j anela que descobrim os ser um côm odo Luís XVI com pleto, com um gigantesco retrato de Maria Antonieta e um a m iniguilhotina para cortar

charutos.

A j ulgar pelo cheiro abafado e rançoso, era naquela caverna escura que Reznik dorm ia. Não pude reprim ir a sensação de que não deveríam os estar ali, de que estávam os nos tornando rapidam ente íntim os dem ais de um tirano.

– Peguei vocês – resm ungou nosso anfitrião enquanto desenterrava o m ouse de baixo de um a pilha de papéis. – Finalm ente peguei vocês. Suas cachorras de Satã. Muito espertas... distraindo m eus rapazes com o batedor de carteiras e a am bulância. Mas, ah! Eu peguei vocês em vídeo!

Enquanto ficávam os parados atrás de Reznik, sem saber m uito bem o que fazer, Rebecca m e cutucou e, agitada, m eneou a cabeça para dois m anequins no canto. Um deles usava um a roupa íntim a feita de pequenos anéis de m etal; o outro, um a túnica curta de couro de cobra. A j ulgar pelas arm as e pelas botas de pele anim al, era assim que Reznik im aginava as am azonas.

Exceto que... am bas haviam perdido a m ão direita. E aquilo devia ter sido recente, pois os dois pedaços de plástico estavam j ogados no chão, descartados.

Olhei para Rebecca e percebi que nós duas im aginávam os a m esm a coisa.

Aqueles m anequins tinham perdido dois braceletes de chacal.

Bem nessa hora, Reznik em itiu um ruído de consternação, e fom os os três atraídos para a tela do com putador.

– Quem é esse, caram ba? – exclam ou ele, congelando a im agem e dando um zoom na pessoa film ada pela câm era antes de tornar a falar, m ais alto ainda. – Alguém , *por favor*, pode m e dizer quem é esse?

Nós nos inclinam os para a frente de m odo a estudar a im agem borrada em preto e branco de um hom em em pé diante da estante, segurando o que só poderia ser o *Historia Amazonum*. Apesar da resolução ruim e do fato de o ladrão ter os olhos cobertos por um a m áscara, reconheci-o na hora. Afinal de contas, fazia apenas quinze m inutos que estivera nos seus braços.

– O que você acha? – falou Jam es, olhando para m im com um a m istura nada atraente de raiva e triunfo. – A gente conhece esse filho da m ãe que não vale nada?

Fiquei tão chocada que não consegui disfarçar. Sem dúvida eu era a vítim a m ais cega e m ais crédula que a Fundação Aqrab j á fizera.

– Não vale nada um a ova! – Reznik encarava a tela com o se quisesse parti-la em pedacinhos. – Esse m anuscrito m e custou um a fortuna. E eu agora o perdi.

Senti Jam es m e encarar enquanto pigarreava e dizia: – Não necessariam ente. Quem sabe um a ligação para Dubai possa esclarecer as coisas?

Em bora eu tivesse escutado as suas palavras, ainda estava tão paralisada por ver Nick na tela que só m e dei conta do que ele estava fazendo quando Reznik soltou um grunhido de surpresa.

– Você acha que Al-Aqrab está por trás disso?

Ignorando m inhas caretas, Jam es deu de om bros.

– Nós dois sabem os que o pessoal dele nunca respeita as regras. Quem m ais se atreveria a fazer isso com você?

Conform e a notícia do roubo se espalhava pela casa, a elegante reunião se transform ou em caos. Seguranças corriam de um lado para o outro ladrando ordens atrasadas, m as a confusão não era nada com parada ao turbilhão dentro da m inha m ente enquanto eu abria cam inho entre os convidados às cotoveladas, desesperada para sair e m e afastar daquele lugar.

– Morg! – disse Jam es atrás de m im , com o j á tinha feito várias vezes. – Deixe de ser chata. Cadê seu senso de hum or?

Não m e dei o trabalho de responder. Eu poderia lhe dizer o que fosse e ele responder com o lhe desse na telha, m as o sim ples fato de Jam es entregar Nick a um sádico com o Reznik m e causava um a fúria tão enlouquecedora que m inha vontade foi pegar um daqueles bustos sinistros de Alex Reznik e j ogá-lo na sua cara.

– Tudo bem ! – disse ele, finalm ente farto. – Vou pegar nossas coisas na chapelaria. Nos vem os no carro daqui a cinco m inutos. Quem não estiver lá pode voltar por conta própria.

E foi em bora.

– Preciso fazer xixi – falou Rebecca. – Me deem *um minutinho* só...

Enquanto esperava m inha am iga voltar, novam ente senti alguém m e observando, dessa vez da porta aberta do terraço. Era a m oça de fantasia de cam undongo prateado, m inha nêm esis de patins.

Nossos olhares se cruzaram em m eio ao pandem ônio. Então, com um m eio sorriso insolente, ela sacou um a bolsa e a colocou no om bro com um gesto casual, tornando im possível eu não reparar no óbvio.

Era a m inha bolsa, a que eu havia perdido no labirinto de Cnossos.

– Ei! – exclam ei, dando um passo instintivo na sua direção.

Assim que o fiz, porém , ela virou as costas e fugiu para o j ardim .

Fui atrás. A fantasia prateada era m uito visível contra o verde. Em bora a m ulher parecesse em excelente form a física consegui segui-la até o lim ite da propriedade, apesar dos m eus sapatos e do orvalho que tornava a gram a traiçoeira. Ao chegar lá, ela se esprem eu por um vão na alta cerca de aram e, parou para ver se eu ainda estava atrás dela e saiu correndo pela rua, com a bolsa a balançar.

As chances não eram boas, m as eu não queria deixar aquela m ulher fugir outra vez, não assim tão fácil. Resm ungando palavrões que nem sabia existirem , m e esprem i para passar pelo buraco, sacrificando o penteado, os sapatos e o bom senso de um a só vez, e segui a ladra de pernas com pridas pela íngrem e descida em direção à água.

Correr descalça pelo concreto áspero, com a saia com prida em bolada em volta do quadril, m e causou um a estranha sensação de liberdade. Até eu fiquei abism ada com m inha rapidez. Em bora os postes fossem passando um depois do outro, a distância entre nós não aum entou. A m ulher olhou várias vezes por cim a do om bro até que, em determ inado m om ento, virou um a esquina e sum iu.

Não levei m uito tem po para chegar à esquina, m as quando o fiz não consegui vê-la em lugar nenhum . Estava em um a zona residencial tranquila, com carros estacionados por toda parte. As possibilidades para se esconder eram inúm eras.

Parei, apurei os ouvidos tentando escutar passos ou algum outro som que

sugerisse o paradeiro dela... e foi então que vi: Um passaporte britânico. Caído na calçada aos m eus pés.

Intrigada, abaixei-m e e o peguei. Era o m eu.

Fui andando pela rua silenciosa com um a sensação absurda de sucesso quando vi outro obj eto caído na calçada m ais à frente, bem debaixo de um poste.

Minha carteira.

Talvez devesse ter m e ocorrido nessa hora, m as foi só quando encontrei tam bém m eu diário, caído exatam ente debaixo de outro poste, bem depois da esquina de m ais um a rua lateral, que entendi o que estava acontecendo.

Ela estava tentando m e atrair. Prim eiro a bolsa, depois o passaporte, em seguida a carteira... E eu, feito um a otária, estava caindo direitinho, pensando que a caçadora fosse *eu*.

Olhei para a frente e vi na calçada um obj eto m uito parecido com o chaveiro com todas as m inhas preciosas chaves de Oxford. Dessa vez, porém , não corri nessa direção. Em vez disso, recuei com m uito cuidado, quase esperando ver um bando de fortões descerem de um a van para m e am ordaçar e m e am arrar.

Recuei até a esquina antes de ousar m e virar. Com a cabeça girando, cheia de perguntas em boladas e respostas sem sentido, subi correndo a rua o m ais depressa que consegui na direção pela qual tinha vindo, até chegar enfim à propriedade de Reznik. Aliviada ao reconhecer a cerca de aram e pela qual havia m e esprem ido, cam inhei ao longo dela até chegar ao alto portão de entrada diante do qual vários convidados fantasiados ainda disputavam táxis.

Serpenteei entre as pessoas, sentindo os pés descalços latej arem , e segui pela rua até o outro lado, ainda tão ocupada tentando entender o que havia acontecido que passei pela vaga vazia no estacionam ento duas vezes antes de m e dar conta do que havia acontecido...

O Aston Martin de Jam es não estava m ais ali.

Sem querer acreditar, olhei para um lado e outro da rua várias vezes, com o pulso disparado, m as de nada adiantou. O tapete m ágico tinha ido em bora sem m im .

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

TROIA

O vento do norte soprou sem trégua por três longas sem anas. Para Mirina, foram três sem anas de um a odiosa prisão no próprio quarto, vendo de sua sacada a distante costa do Egeu se encher de em barcações que não conseguiam dobrar o cabo sem que o vento m udasse. Páris lhe garantiu que eram todos navios m ercantes com andados por capitães pacíficos, m as m esm o assim sua presença cada vez m ais num erosa era am eaçadora. Todos aqueles m arinheiros não tinham um a necessidade constante de com ida e entretenim ento? E ela não vira com os próprios olhos com o hom ens assim eram capazes de conquistar seu prazer à força de espadas?

– Nunca pensei que houvesse tantos navios no m undo – disse ela a Páris certo dia, quando os dois estavam em pé j untos na sacada.

– Quando o vento virar, todos eles irão em bora – garantiu-lhe o m arido, com as m ãos em seus om bros.

Mirina se encostou nele.

– Menos os navios gregos.

– Aposto que até m esm o *eles* j á estarão fartos – disse Páris, beij ando seu pescoço.

Agam enon, senhor de Micenas, tinha dado ao rei Príam o um m ês para punir as am azonas supostam ente escondidas atrás de seus altos m uros e lhe entregar a inocente Helena, raptada de sua casa com tam anha crueldade. Quanto ao destino de Mirina, era obviam ente im possível exigir a punição de um a princesa de Troia, pelo m enos enquanto ela fosse j ovem o bastante para despertar o interesse do m arido. Mas talvez a reafirm ação das boas relações entre Micenas e Troia, garantindo a livre circulação de navios e m ercadorias pelo Helesponto, servisse de atenuante para a m orte do príncipe em Micenas.

Mirina nunca chegou a entender a origem da inim izade entre Agam enon e o rei Príam o, m as sabia que havia dez anos um pirata grego cham ado Aquiles vinha saqueando o litoral troiano. “Os hom ens dele levam em bora nossas colheitas com o um exército de form igas”, contara-lhe Páris. “E o pior é que eles raptam

cidadãos que nasceram livres e os vendem com o escravos. Agam enon, claro, alega que essas incursões estão fora do seu controle, m as todo m undo sabe que ele se beneficia im ensam ente delas.” Páris balançara a cabeça, enoj ado.

“Meu pai decidiu que a m elhor form a de conter Aquiles era cobrar um a taxa de todos os navios gregos que entram e saem do Helesponto. Essas restrições de navegação, com o era de esperar, enfureceram todos os capitães gregos que ganham a vida nestas águas. Acredite, j á tive inúm eras conversas com m eu pai sobre a sensatez das suas políticas, pois tem o que elas não gerem nada a não ser m ais inim izade.”

Considerando esse histórico de queixas recíprocas, talvez não fosse surpresa para ninguém Agam enon ter decidido usar a questão da filha raptada para pressionar Príam o a abolir a taxa do Helesponto. O pedido, porém , tornou insensível o antes com preensivo Príam o: repugnado por ver um pai usar a m orte do filho com o pretexto para um a negociação ardilosa, o rei de Troia m andou Agam enon e sua delegação em bora sem prom eter nada. Im ediatam ente, porém , virou-se para Mirina e exigiu que ela cham asse Helena e as am azonas sem dem ora, para garantir que os gregos não tivessem m otivo para iniciar um conflito.

Assim , Hipólita e Anim one foram despachadas até Éfeso para explicar a situação a Otrera e convencer Helena a ir ao encontro do pai em Troia. Depois que as duas partiram , nada restou a Mirina exceto esperar. Trancada em seu quarto por decreto real de Príam o, ela recebia todas as notícias por Páris. A tentativa de suicídio da pobre Kara, a gentil intervenção de Lilli... tudo lhe chegava em relatos de segunda m ão e, em bora pudesse entender por que o rei sentia necessidade de puni-la pelos problem as que ela trouxera para a sua casa, Mirina detestava aquele confinam ento, aquela im potência.

– Tenha paciência – im plorou-lhe Páris diversas vezes. – Quanto m ais caso você criar, m ais a raiva dele vai durar. Meu pai é um hom em que precisa ver as coisas feitas do seu j eito. A única reação eficaz é m ostrar-se subm issa e silenciosa.

Quanto à rainha, ela só fora visitar Mirina um a vez, para acariciar seu rosto com dedos frios e exangues.

– Minha pobre criança – sussurrou, com os olhos a transbordar de tristeza. – Eu

sabia que seria assim . Soube desde o dia em que você chegou. Minha pobre m enina. Meu pobre m enino.

Tudo o que Mirina pôde fazer foi se agarrar à esperança de que suas irm ãs em Éfeso saberiam com o agir e viriam correndo em seu socorro. Com certeza a chegada de Helena a Troia – e depois de tantos m eses a m enina estaria m ais saudável e virginal do que nunca – acalm aria Agam enon e conquistaria o seu perdão para todos.

Quando o grupo enfim voltou de Éfeso, Mirina observou tudo com grande ansiedade da sacada de seu quarto, tentando distinguir o rosto das irm ãs. Contou doze m ulheres ao todo, m as não conseguiu reconhecer ninguém antes de elas desaparecerem na estrebaria para cuidar de seus cavalos.

Sem conseguir conter a anim ação, ela correu até a porta e bateu nas tábuas de m adeira. Só que não houve resposta nenhum a até Páris finalm ente ir buscá-la para levá-la à sala do trono.

– Sabia que dá para ouvir essa sua algazarra pelo palácio inteiro? – disse ele, de cenho franzido.

– Então por que ninguém responde? – Mirina disparou na sua frente pelo corredor. – O que m inhas irm ãs devem estar pensando? Que eu sou um a escrava?

Páris a segurou pelo cotovelo e a deteve, abrupto.

– Talvez chegue o dia em que você se lem bre dessa época de cativeiro e desej e que ela volte.

Mirina o encarou, subitam ente gelada.

– Não fale assim ...

– Então que nos calem os, os dois – disse Páris, passando o braço em volta dela. – Não vam os m acular estas horas com palavras ressentidas.

Enquanto o Tem plo do Sacudidor da Terra era onde Príam o recebia os inim igos, a sala do trono era onde ele recebia os am igos. Sua cadeira de m árm ore ficava num a plataform a rente à parede dos fundos e tinha braços esculpidos

com o esporões e um encosto que se abria para os lados com o asas de pássaro. O rei j á estava absorto nas notícias de Éfeso quando Mirina e Páris chegaram .

Se Mirina esperava um a acolhida de irm ã por parte do grupo, sua decepção foi am arga. Em pé no m eio do recinto, dirigindo-se ao rei com gestos am plos, Pentesileia dos om bros largos m al tom ou conhecim ento da sua presença, exceto por um m eneio grave de cabeça que dizia sem rodeios: “Isso é tudo culpa sua.”

Ao seu redor estavam m ulheres com quem Mirina raram ente havia falado nas terras de Otrera: caçadoras com bativas e exím ias em m ontaria que se consideravam m uito superiores às recém -chegadas e não perdiam tem po tentando confraternizar com elas. Os únicos rostos conhecidos de fato eram os de Pitana e Helena, e esta últim a tinha um ar tão ressentido quanto Mirina recordava. Mas pelo m enos estava ali.

– Não m e espanta ouvir falar nesses novos ataques no litoral – disse Príam o, rem exendo-se em seu trono de m árm ore. – Os gregos ficam m ais atrevidos a cada dia que passa. Se Agam enon algum a vez tentou conter aquele pirata cham ado Aquiles, com certeza agora tornou a soltá-lo. É um a atitude sensata de sua Otrera desistir das terras que cultivaram antes que sej am atacadas. Para onde ela pretende ir?

Pentesileia se em pertigou.

– Irem os para o leste, onde viverem os entre os kaskas criadores de cavalos, nas m argens pedregosas do m ar Negro. É um a região propícia à independência.

Com o o senhor deve saber, os gregos o cham am de m ar Inóspito e ele nunca foi conquistado por ninguém . Nem m esm o o senhor se atreveria a m andar um exército para aqueles vales estreitos.

Ela encarou o rei com um ar valente, com o sem pre incapaz de qualquer hum ildade.

– Por que Otrera não considera a possibilidade de se instalar aqui em Troia? – retrucou o rei, cuj o tom neutro sugeria que a provocação o intrigava m ais do que irritava. – Fica bem m ais perto, e nossas m uralhas são intransponíveis.

Mirina conhecia Pentesileia bem o suficiente para detectar em seus olhos um a

expressão rara: constrangim ento. Constrangim ento, im aginou, por causa do rei cuj a cidade não era boa o suficiente para Otrera.

– É m uita generosidade do povo troiano – disse Pentesileia, baixando os olhos.

– Mas... Otrera está decidida a nos afastar do litoral por com pleto.

– Entendo. – Príam o tam borilou os dedos no braço de m árm ore do trono.

Houve um silêncio nervoso, cheio de olhares dissim ulados, e então Mirina, sem conseguir se conter, deu um passo à frente.

– Que notícias vocês trazem das m inhas irm ãs? – indagou. – Onde elas estão agora?

Pentesileia se virou para ela, relutante.

– Estam os acam padas subindo o rio Sim óis, a nordeste daqui. Aquelas que preferiram ficar em Éfeso puderam fazê-lo. Mas ninguém ficou. Aquele local se tornou perigoso dem ais. E as que quiseram parar em Troia para entregar a pequena rebelde ao pai são as que estão vendo. – Pentesileia lançou para Helena um olhar de repulsa, em seguida fez um gesto digno na direção do grupo. – Ninguém m ais achou que tivesse o que fazer aqui.

A expressão hostil nos olhos de Pentesileia fez Mirina se retrair. Não podia culpar as filhas de Otrera por estarem descontentes com a situação que as forçara a abandonar sua casa, claro, m as esperava que pelo m enos elas a vissem com o am iga, ainda que não fosse m ais sua irm ã.

– Agora, rei, com a sua perm issão, cavalgarem os até a praia e devolverem os esta m enina a Agam enon, para poderm os reencontrar Otrera o quanto antes...

– Esperem ! – falou Mirina, zangada com a atitude im periosa de Pentesileia. – Não deveríam os consultar Helena quanto à m aneira m ais sensata de conduzir essa questão? Ela conhece o pai m elhor do que ninguém .

Pentesileia deu um m uxoxo.

– Não venha m e falar em sensatez! Foi você quem a roubou e é você quem vai devolvê-la form alm ente.

– Com certeza é essa a m inha intenção, m as...

– De j eito nenhum ! – exclam ou Páris. – Eu a proíbo.

Assim que aprovou o plano de Pentesileia de deixar as m ulheres entregarem Helena aos gregos, o rei Príam o ordenou aos guardas do palácio que segurassem Páris e o trancassem no quarto. Atônita dem ais para tentar intervir, Mirina seguiu os hom ens pelo corredor e entreouviu o furioso diálogo entre pai e filho enquanto o príncipe era arrastado para longe.

– Estou fazendo o que deve ser feito – disse o rei Príam o, gesticulando para indicar aos guardas que se m antivessem firm es. – Quando cair em si, você vai m e agradecer.

– Você é um assassino! – gritou Páris, debatendo-se tanto que foi preciso quatro hom ens fortes para contê-lo. – Está sacrificando essas m ulheres... e a m inha esposa tam bém ! Pelo m enos m ande um destacam ento de guardas j unto com elas...

– E dar a im pressão de que pretendem os com eter novas agressões? – O rei balançou a cabeça com pesar. – Essas m ulheres j á não enfureceram os gregos o suficiente? Com o rei, devo lavar m inhas m ãos em relação a elas. Já com o pai...

– Não diga essa palavra! – gritou Páris enquanto os guardas fechavam a porta na sua cara. – Juro pelos céus que nunca m ais farei um a refeição na sua com panhia!

Com esse terrível diálogo ainda a ecoar nos ouvidos, Mirina voltou para a sala do trono, onde Pentesileia e suas com panheiras aguardavam , im pacientes para partir. Presos às suas costas havia arcos recurvos m odelados a partir do que ela criara, assim com o alj avas com flechas que ela havia proj etado... m as m esm o assim elas a consideravam um a traidora, indigna de um a só palavra de conciliação. Mesm o o fato de ela as acom panhar contra os desej os do m arido não lhe valeu sequer um m eneio de cabeça aprovador.

Um a vez m ontadas em seus cavalos e relutantem ente equipadas com os capacetes pontudos e escudos em form ato de m eia-lua que o rei Príam o na últim a hora as obrigara a usar, as m ulheres saíram a galope da cidadela.

Enquanto habitantes da cidade e aves dom ésticas se esparram avam na sua frente, percorreram a toda as ruas de Troia sem conseguir pensar em nada a não ser em um a conclusão rápida para sua odiosa m issão.

Os quatro navios que haviam trazido Agam enon e Menelau a Troia tinham chegado até a praia em m eio a centenas de outras em barcações estrangeiras na baía protegida em frente à ilha de Tenedos, virada para o oeste. Para alcançar esse ponto, as m ulheres tiveram de atravessar a planície do Escam andro, e Mirina não foi a única a m ontar com o escudo erguido para se proteger da luz ofuscante.

Ao chegar perto da costa, ficou surpresa ao ver a im ensa cidade com posta de tendas que havia se form ado em volta dos navios. Se estivesse m enos bem inform ada, teria pensado que os m uitos m ilhares de m arinheiros haviam se reunido naquela vasta m argem sobretudo para com em orar, pois acim a de cada fogueira havia um a carne no espeto e nos rostos em volta não se via nenhum a expressão infeliz.

Quando elas chegaram ao acam pam ento grego, porém , alguns guardas se adiantaram , de lança na m ão, para ouvir o que tinham vindo fazer e se certificar de que não portavam nenhum a outra arm a além dos desprezíveis arcos nas costas. No entanto, assim que os hom ens se deram conta de estarem tratando com m ulheres, seu assom bro se transform ou em um a tem pestade de pilhérias, vaias e propostas lascivas.

– Tire o capacete – disse Pentesileia a Helena. – Assim eles vão reconhecê-la e parar com essas zom barias insuportáveis.

Mas Helena não tirou o capacete. Havia perm anecido m uda desde a chegada a Troia e era evidente que estava ofendida por ser expulsa da irm andade com tão pouca cerim ônia. Apesar de determ inada a não se deixar levar pela com paixão, Mirina sentiu um a pontada de dó da m enina, agora que sua entrega era im inente.

Quando elas se aproxim aram da barraca de Agam enon, o belo Menelau saiu prim eiro, de lança em punho. Atrás dele veio o senhor de Micenas, apoiado em um a bengala de prata.

– Ali está ele! – exclam ou Pentesileia, fazendo o cavalo parar. – Agora tire esse m aldito capacete...

Cavalgando na frente devagar, Helena ergueu o braço... para j ogar longe o escudo e soltar o arco. Antes de qualquer um poder intervir, j á tinha um a flecha esticada e apontada direto para Agam enon.

– Pai! – bradou, com um a voz débil dem ais para ir m uito longe. – Irei com o senhor, sob um a condição...

Mas o que ela pretendia dizer foi interrom pido de form a abrupta pelo fio insensível do Destino, pois um a lança atirada por Menelau para proteger o rei a acertou bem no peito, derrubando-a do cavalo com um ruído terrível dem ais para ser cham ado de grito. Ela caiu de costas na areia, chutou um a vez, em seguida se im obilizou, e sua cabeça pendeu para o lado sem m ais um a palavra.

Horrorizada dem ais para ser prudente, Mirina saltou do cavalo e se j ogou em cim a de Helena, buscando desesperadam ente algum sinal de vida. Mas a lança espetada no peito m agro era um sinal im placável de que a m orte chegara prim eiro.

Tom ada por um arrependim ento violento, Mirina abraçou os om bros inertes que tanto havia tocado durante seus treinos com arm as e com eçou a cobrir de beij os o rosto im óvel de Helena, quase sem perceber o que estava fazendo.

Som ente quando por fim se sentou e fechou os olhos j á cegos da j ovem foi que ouviu a ordem furiosa de Pentesileia: – Monte de novo no cavalo, sua im becil! Quer que todas nós sej am os espetadas feito peixes?

Assim que as m ulheres se afastaram do corpo de Helena, os gregos se am ontoaram à sua volta, curiosos para ver quem se atrevera a apontar um a arm a para o seu rei. Até m esm o o próprio Agam enon se adiantou, apoiado no braço de Menelau.

– Para trás! – gritou Pentesileia. – Não vai dem orar m uito para ela ser reconhecida.

Mas nem m esm o Agam enon reconheceu a filha antes de os hom ens a terem chutado um pouco. Então, de repente, ouviram -se brados estridentes, e o acam pam ento dos gregos explodiu de horror e fúria. Cavalos foram cham ados, arm as reunidas... Em poucos instantes, as m ulheres j á estavam fugindo a galope para salvar as próprias vidas, percorrendo a planície do Escam andro na direção oposta e fugindo de um a chuva de lanças e m aldições vociferadas.

Quando chegaram ao rio, Mirina e Pentesileia se puseram trás do grupo, de m odo a garantir que as com panheiras pudessem atravessar a ponte em segurança. Quando o fizeram , um a lança passou voando bem rente à orelha de Mirina, tão próxim a que ela pôde sentir o silvo do ar se deslocando. Por instinto, virou-se na sela, ergueu o escudo e sentiu o im pacto de m ais dois m ísseis: eram duas lanças, arrem essadas com tanta força que quase a derrubaram do cavalo.

Ao ver que as pontas das lanças estavam cravadas com firm eza no couro de boi, inutilizando o escudo, ela o j ogou longe e estendeu a m ão para o arco que trazia nas costas.

Um ... dois... três hom ens não tiveram presença de espírito suficiente para se esquivar de suas flechas; um quarto conseguiu se proteger e chegar perto de Pentesileia. A espada de bronze que ele carregava refletiu os últim os raios do poente quando ele em purrou seu escudo para o lado com a m ão livre.

Ocupada dem ais tentando acalm ar seu cavalo em pânico, Mirina não viu o golpe; tudo o que viu foi o corpo de Pentesileia cair no rio Escam andro em m eio a um j orro de sangue e ser levado pela correnteza, inerte.

Então ela própria foi interceptada. Dois hom ens bloquearam a ponte enquanto outros se aproxim avam , vindos de trás na sua direção. Ela tirou do cinto o m achado m inoico – arm a que Páris havia confiscado no início, m as que Lilli depois conseguira localizar com perguntas inocentes –, olhou em volta para ver quem a atacaria prim eiro... e escapou por um triz de um golpe largo do m esm o hom em que havia m atado Pentesileia. Foi o puro instinto que a fez se inclinar para o lado no exato instante em que ele atacou, m as o golpe a fez perder o equilíbrio e ela escorregou do lom bo do cavalo e caiu de cara no leito do rio.

Rindo de seu acidente, o hom em a seguiu a pé até a beira do rio, obviam ente im aginando que fosse despachá-la logo atrás de Pentesileia com um único golpe da espada. No entanto, bem na hora em que pensou que a houvesse derrotado, toda encolhida na lam a a seus pés, Mirina conseguiu acertá-lo no contragolpe e o golpeou com o m achado no tronco, que ele deixara exposto.

Talvez por causa do ângulo, o m achado não chegou a cortar a carne do hom em , m as o im pacto o fez vacilar e dobrar o corpo com um grunhido. Sem nem ao m enos pensar, Mirina o agarrou pelo om bro e o puxou com toda a força... e ele tam bém se foi, igual à m ulher que havia m atado, levado pela correnteza.

Arquej ando por causa do esforço e tonta de pânico, Mirina m al conseguia decidir se deveria ficar onde estava, perigosam ente perto da água, ou tentar subir de novo pela m argem lam acenta. De qualquer form a, teria de enfrentar uns dez hom ens, um a situação nada prom issora. Sentiu-se tentada a sim plesm ente pular no rio e deixar o destino assum ir o com ando...

Mas foi então que escutou: os gritos agudos e ululantes das filhas de Otrera. E

os hom ens tam bém escutaram . Com os rostos erguidos, incrédulos, com eçaram a recuar m argem acim a à procura dos cavalos... m as j á era tarde. Quando Mirina se virou, viu o bando de irm ãs de Pentesileia voltar em direção à ponte a galope, com os arcos em riste. Em um instante, suas flechas perfuraram todos os adversários.

Mas um a quantidade ainda m aior de gregos estava chegando, alguns a cavalo, outros a pé, e todos sedentos por vingança. Entre eles vinha Menelau, arm ado com várias lanças e decerto, após ter se dado conta do terrível erro que com etera, com ódio suficiente para arrasar um a cidade.

Juntando as rédeas do cavalo, Mirina seguiu em direção à ponte, tem endo as lanças que não dem orariam a chegar. Atravessou a ponte, uivando seu agradecim ento às filhas de Otrera ao m esm o tem po que se perguntava até onde elas conseguiriam chegar antes de serem novam ente detidas.

Mas os hom ens arm ados com lanças e espadas estavam tão pesados sobre as selas que as m ulheres conseguiram se m anter na frente e até m esm o aum entar sua vantagem , esporeando os cavalos e seguindo velozes pela planície do Escam andro em direção à segurança de Troia.

– Fechem o portão! – gritou Mirina quando elas finalm ente entraram . – Agora!

Enquanto as gigantescas portas de m adeira se fechavam e eram trancadas por um a im ensa trave fortificada, ela ouviu a fúria dos gregos presos do outro lado.

– Abram o portão, suas covardes dissim uladas! – bradou alguém , batendo na m adeira. – É essa a fam osa coragem de Troia? Deixar m ulheres com baterem no seu lugar?

Mais tarde nessa noite, quando Mirina voltou ao palácio com as com panheiras enlutadas, encontrou Páris à sua espera perto da estrebaria. Ele não disse nada,

apenas a olhou com um a expressão da qual ela j á vira alguns indícios, m as que nunca com preendera por com pleto antes daquele m om ento. Era m ais um pedido de desculpas do que um a acusação... um olhar som brio que deixava óbvio que ele j á vira o próprio destino nos atos dela tem pos antes e que havia m uito deixara de responsabilizar Mirina por isso.

Mirina despertou de sonhos terríveis antes da aurora e tateou ansiosa no escuro até encontrá-lo. Ele ainda estava ali, dorm indo ao seu lado.

Fazia três dias que os dois estavam na cabana no alto do m orro. Três dias de luto por um a princesa grega, três dias de preparativos para o nobre j ulgam ento que determ inaria o culpado por sua m orte. Fora Menelau quem sugerira um duelo entre ele próprio e Páris. Agam enon, havia explicado ele ao rei Príam o, estava abalado dem ais para voltar a Micenas sem j ustiça, e fora ele quem exigira que os j ovens resolvessem a questão da m aneira tradicional.

Antes m esm o de seu pai conseguir reagir, Páris aceitara o desafio. E

Menelau se retirara com a m esm a calm a com que havia chegado, cabisbaixo de luto por um a prom etida cuj o rosto só tinha visto quando ela estava caída na sua frente, traspassada por sua lança.

Depois disso, Páris levara Mirina de volta à cabana da floresta, de m odo que tivessem três noites j untos antes do m alfadado dia. Mas nenhum dos dois conseguiu aproveitar por com pleto o rústico refúgio pelo qual tanto haviam ansiado. Pois, em bora Páris se com portasse com o se não houvesse problem a nenhum , Mirina estava tão aflita de preocupação que não conseguia saborear suas carícias sem cair em prantos.

Nessa derradeira m anhã, quando acordou antes de o dia nascer, ela desej ou verdadeiram ente nunca tê-lo conhecido e que a vida dele j am ais houvesse sido contam inada pelo seu infortúnio. Se isso significasse que ele poderia envelhecer em paz, ela o teria deixado de bom grado desposar algum a outra, algum a m oça encantadora e obediente.

– O que foi? – indagou ele ao vê-la triste, puxando-a para um abraço. – Sonhos ruins outra vez?

Mirina tentou engolir as lágrim as, m as eram m uitas.

– Por que tem de ser assim ? – Ela encostou o rosto em seu peito. – Por que não podem os ficar aqui na floresta?

Páris suspirou.

– O m undo é assim , m eu am or. Os hom ens lutam , e as m ulheres choram . Há coisas que nunca m udam .

– Eu lutaria feliz no seu lugar – m urm urou Mirina. – Ele iria m e m atar, m as pelo m enos você viveria...

– Shh... – Páris correu os dedos por seus cabelos. – Você fala com o se eu j á tivesse m orrido. Não confia nas m inhas habilidades de com bate?

Mirina se sentou de form a abrupta.

– Você sabe que eu não tenho nada senão a m aior das considerações por você. Ninguém poderia ser m ais perfeito, em todos os sentidos. Mas os gregos são im previsíveis e astutos, você m esm o disse. E esse tal Menelau... – Ela estrem eceu. – Ele tem um a frieza nos olhos, com o se a vida e a m orte para ele fossem a m esm a coisa.

– Venha cá. – Ele tornou a puxá-la para os seus braços. – Fale m ais sobre as m inhas perfeições.

– Ah, por favor – sussurrou Mirina, beij ando sua face eriçada pela barba e sorvendo o seu cheiro, aquele cheiro que era só seu e que nenhum banho j am ais conseguira tirar. – Nós tam bém não podem os ir viver com os kaskas? Tem os nossos cavalos e arm as. Podem os caçar...

– Sim , poderíam os fazer isso – respondeu Páris, alisando sua pele. – Poderíam os ir m orar em um a cabana no m ato, onde ninguém nunca fala em honra ou desgraça. E, quando tiverm os nosso prim eiro filho, eu terei de ir caçar sozinho e deixar você para trás com um bebê nos braços. – Ele suspirou. – Meu am or, será que você não entende que essa vida não é vida? A cidade tem suas leis e tradições porque elas são necessárias para os hum anos prosperarem .

– Mas...

– Mirina. – Páris segurou seu queixo. – Eu escolhi isso. Ninguém está m e

forçando. Estou livre para desistir, m as não posso. Você talvez pense que isso é um a prova de que eu am o Troia m ais do que am o você, m as na verdade é o contrário. O hom em com quem você se casou é um hom em de honra. E para o seu bem ele pretende m anter essa honra até o fim , venha ele quando vier. Prefiro que sintam pena de você pode ter perdido um m arido coraj oso a que a ridicularizem por ter vivido com um covarde.

– Ninguém vai ter pena de m im , pois não haverá ninguém de quem ter pena – sussurrou Mirina, apoiando o rosto na m ão dele. – Sem você, eu não iria querer viver.

Páris deu um grunhido.

– Foi isso que o casam ento fez com você? A orgulhosa Mirina... onde ela foi parar? – Ele lhe deu alguns tapinhas no rosto, com o se quisesse acordá-la. – Com o posso ser valente se você j á enterrou nós dois? O que vai acontecer com Páris se não sobrar ninguém para recordar suas perfeições? Quem vai corrigir os m enestréis quando eles com eçarem a cuspir suas falsidades rim adas? – Ele sorriu e encostou o nariz no dela. – Você, m inha rainha, precisa viver e recordar.

Essa é a m inha bênção e a sua m aldição.

O duelo entre o príncipe de Troia e o príncipe de Esparta seria ao m eio-dia, quando o sol estivesse a pino. Além disso, iria acontecer em frente ao Portão Ocidental, ao norte da cidade, para que os nobres troianos pudessem assistir de sua alta torre na cidadela.

Talvez sem surpresa, a m ãe de Páris não conseguiu se levantar de sua cadeira no pátio interno, subir os degraus e ir se unir ao m arido nessa m anhã. Não apenas um a, m as três criadas vinham se esm erando para abanar a patroa com folhas de palm eira desde o dia em que o duelo fora m arcado, e todos sabiam que a rainha de Troia j á tinha acendido velas para os deuses de m odo a garantir um a acolhida calorosa para o filho.

Quanto a Mirina, suas súplicas veem entes para que Páris a deixasse ficar do seu lado durante a provação de nada adiantaram . Ela havia sugerido se esconder entre os guardas escolhidos para escoltá-lo, ideia que ele descartara na hora. Seu lugar era no alto da torre, estreitando os olhos para ver o m arido lutar em nom e de todos os que torciam por ele na m uralha.

Nenhum a de suas irm ãs tivera perm issão para subir e ficar com ela. Desde a m orte de Helena e o com bate no rio Escam andro, o rei Príam o fizera questão de m anter as problem áticas am azonas longe da vista dos gregos.

Ainda de luto pela perda de Pentesileia, as filhas de Otrera j á teriam ido em bora caso o rei Príam o não houvesse com entado que talvez fosse prudente ficarem em Troia até se saber o desfecho do duelo. Menelau tinha j urado que, caso perdesse, Agam enon veria a derrota com o um ato de j ustiça divina e voltaria para casa sem m ais reclam ações. Nesse caso, Otrera talvez quisesse repensar a decisão de sair de sua casa com o um coelho e escapar de raposas para ir viver entre lobos.

Mas, ainda que elas não estivessem ao seu lado na torre, Mirina sabia que Lilli, Cim e e Pitana rezavam por Páris lá em baixo, no palácio. Kara tam bém tinha chorado quando Mirina as deixara sentadas e infelizes j unto à fogueira da cozinha, e pedira m il desculpas pela dor que havia causado.

Mirina, porém , não acreditava que Kara estivesse m esm o arrependida.

– Por que você se deu o trabalho de salvá-la e enrolar seus pulsos? – perguntara ela a Lilli após a tentativa de suicídio de Kara. – Não fez nenhum favor a ela. Kara queria m orrer.

Lilli balançara a cabeça.

– Ela nunca quis m orrer. Queria apenas um a vida nova. E é isso que eu estou tentando lhe dar.

Mirina tentara protestar, porém a irm ã lhe tapara a boca com um a das m ãos.

– Você não estava conosco no navio para Micenas. Tem um a coisa que não sabe. Quando os hom ens descobriram que eu era cega, quiseram m e j ogar no m ar. Mas Kara não deixou. Ela conseguiu convencer o príncipe de que eu tinha poderes sagrados. Foi assim que atraiu a atenção dele. Desse m om ento em diante, ela se tornou o único alvo da sua perversidade. – O rosto de Lilli se contraíra de angústia. – Me salvar foi sua perdição.

Os hom ens chegaram na hora m arcada para o duelo.

Menelau atravessou a praia em disparada em sua carruagem puxada por cavalos,

incentivado por um a m ultidão de correligionários que o acom panhava a pé, aos gritos. Páris, que saiu pelo Portão Ocidental, saltou de sua própria carruagem quase im ediatam ente, para proporcionar ao oponente a satisfação de ter feito a entrada m ais espetacular.

Mas o herdeiro de Esparta não se deixou lisonj ear com tanta facilidade. Ao pisar no grande círculo desenhado no chão de cascalho, m al pareceu reparar nos vivas de todos os m arinheiros estrangeiros que haviam se reunido para assistir à diversão. Tam pouco se retraiu ao ouvir os insultos lançados dos m uros da cidade.

Se Mirina conseguisse ver seu rosto, sabia que não teria detectado em oção nenhum a e que Menelau encarava o adversário com os m esm os olhos de um açougueiro que descarna um a carcaça.

Am bos estavam arm ados com um a espada e um a lança de curto alcance.

Nenhum dos dois se dera o trabalho de trazer um a lança de arrem esso, um a vez que o círculo no qual iriam lutar m al tinha circunferência suficiente para um a corrida de aproxim ação. Dos dois, Menelau parecia de longe o m ais bem protegido, pois, em bora não portasse escudo, usava um a arm adura com pleta que lhe cobria não apenas o tronco, m as tam bém subia em volta do pescoço e descia até bem abaixo da virilha. Para arrem atar, tinha um capacete de prata pontudo com um a pena verm elha, além de protetores nas pernas e braços. Com exceção do rosto, cotovelos e j oelhos, quase nenhum a parte de seu corpo perm anecia exposta.

Páris, em com paração, usava apenas um a arm adura feita de placas leves e decidira se proteger segurando um escudo. Isso o deixava m ais vulnerável, m as com certeza tam bém m ais ágil. Sobre sua cabeça havia um sólido capacete de bronze com um a crista de crina de cavalo em form ato de m eia-lua, m as os seus m ovim entos eram tão livres e desim pedidos que ele m al parecia notar que o carregava.

Foi só quando os dois plantaram suas lanças no chão para m ostrar que estavam prontos que Mirina se deu conta de que nunca tinha visto Páris usar arm as de verdade contra ninguém . Sabia que ele treinava todas as m anhãs com vários hom ens diferentes, e m uitas vezes o vira lutar com Enéas e Dares a bordo do navio, m as tudo nunca passara de brincadeira...

Suas reflexões foram interrom pidas por vozes agitadas.

Agam enon acabara de chegar.

Em um gesto de am izade, o rei Príam o tinha oferecido ao senhor de Micenas um lugar confortável na Torre Ocidental, m as Agam enon recusara com educação, alegando sua condição de pai enlutado. O hom em que acabara de chegar ao cam po de batalha em sua carruagem puxada por dois cavalos, contudo, parecia m ais um guerreiro do que um pai, pois usava um a arm adura de bronze reluzente, com o se ele próprio fosse participar do duelo j unto com Menelau.

Com Agam enon enfim presente, a luta pôde com eçar.

Alguém lançou um a pedra no m eio do círculo. Assim que ela caiu no chão, erguendo um a pequena nuvem de poeira, os dois oponentes com eçaram a se rodear, com as lanças arm adas para o ataque. Com o se desej asse dem onstrar as vantagens de não portar escudo, Menelau trocou a lança de m ão algum as vezes, parecendo igualm ente capaz com as duas m ãos.

Do alto da torre, Mirina se lem brou de um a das regras que Páris havia lhe ensinado: nunca se esqueça de fazer o adversário subestim á-lo. A j ulgar pela m aneira com o Menelau se pavoneava, o espartano j á estava com etendo seu prim eiro erro ao se considerar intocável dentro da sua arm adura. Assim que ele atacou, porém , ela percebeu que Menelau tinha bons m otivos para se considerar o m ais forte, pois ele se m ovia com tam anha rapidez e potência que os seus golpes iniciais fizeram Páris cam balear, quase sem conseguir bloqueá-los com o escudo.

Abafando um grito com as m ãos, Mirina sentia o pânico aum entar à m edida que o espartano seguia atacando Páris repetidas vezes, acertando-o de todos os ângulos possíveis. Mas seu m arido não parava de se m exer, m ais ágil do que nunca, esquivando-se e pulando para escapar da ponta da lança.

A m ão pesada de alguém no seu om bro lem brou a Mirina que ela não estava sozinha na sua aflição.

– Tenha fé, m ulher – disse o rei Príam o, com um estranho sorriso nos lábios sem pre tão sérios. – Aquele ali é o m eu filho. O m elhor guerreiro que Troia j á viu.

Apesar de toda a sua potência e determ inação, Menelau não conseguiu concluir o duelo com a rapidez que sem dúvida previra. Em pouco tem po, teve de parar para enxugar o suor dos olhos, e os troianos na m uralha soltaram um viva coletivo quando Páris usou essa brecha para inverter a luta. Enquanto Menelau cam baleava para trás pela areia, Páris lhe desferiu golpes e m ais golpes com a lança... m as a arm adura resistiu a todos eles.

Ao seu lado, Mirina podia sentir o rei Príam o prever cada m ovim ento do filho. E sem pre que a ponta de sua lança era repelida pelas placas perfeitas da arm adura de Menelau, o rei soltava outro grunhido de frustração.

Depois dessas ofensivas iniciais, os dois hom ens recuaram para recuperar o fôlego. Agora sabiam que o seu com bate não teria um a conclusão rápida.

Quando recom eçaram a se rodear e a desferir um golpe aqui, outro acolá, ficou claro que estavam m edindo as forças e fraquezas um do outro.

De vez em quando, um ataque era seguido por um a brilhante e rápida troca de golpes, m as na m aioria das vezes Menelau se esquivava e tentava acertar as pernas de Páris, coisa que lhe valia apenas uivos de desagrado da m ultidão.

– Errado, errado – resm ungava o rei Príam o, com as m ãos descoradas de tanto apertar o parapeito. – Livre-se dessa lança.

Foi com o se o filho tivesse escutado a ordem do pai. Quando a ponta da lança de Menelau se enterrou por um breve instante na borda de couro do escudo de Páris, este últim o não hesitou, m as girou o escudo com tanta rapidez e força que Menelau acabou soltando a lança de m adeira.

Sem nem ao m enos parar para soltar a lança do escudo, Páris j ogou am bos para fora do círculo e partiu na m esm a hora para cim a de Menelau com a sua lança. Mirou alto, obviam ente tentando atingir o adversário entre o pescoço protegido e o capacete, m as a necessidade de precisão com prom eteu a força do golpe e, quando ele enfim arrem eteu a lança, Menelau conseguiu baixá-la sobre a coxa coberta pela arm adura e parti-la ao m eio.

– Ah, não! – gem eu Mirina, tapando os olhos.

Ao ver isso, o rei Príam o virou-se para ela e disse: – Levante os olhos, m ulher, e estej a com o seu m arido em espírito. O fim ainda está m uito longe.

De fato, após um breve recuo, os dois sacaram suas espadas e com eçaram m ais um a vez sua vagarosa dança, agora um pouco m ais próxim os. Mirina conhecia bem a espada de Páris e sem pre a j ulgara excessivam ente com prida e pesada; a de Menelau, porém , era m ais com prida ainda, e em bora ele de novo a tivesse passado de um a m ão para a outra algum as vezes, em clara provocação, ficou evidente que precisava de am bas para m anej á-la.

Se Páris houvesse seguido as instruções que tinha lhe dado na praia em Éfeso, teria perm itido a Menelau atacar inúm eras vezes e aguardaria o m om ento certo para acertá-lo quando ele estivesse desequilibrado. Mas Mirina logo entendeu que o m arido estava seguindo um código diferente, que punha a honra acim a da segurança.

Partindo para cim a de Menelau repetidas vezes, Páris não lhe deu chance de usar a lâm ina gigantesca. Em pouco tem po, a m ultidão com eçou a vaiar o espartano por sua lentidão e, talvez por desespero, Menelau com eçou a fazer o que j á tinha feito antes: atacar as coxas de Páris, a parte m enos protegida de seu corpo.

– Chega! – disse o rei Príam o com desdém , balançando a cabeça. – Acabe com ele.

E Páris obedeceu.

Com um a pausa que fez pensar que estava recobrando o fôlego, deixou Menelau recuar a espada para preparar um poderoso golpe... recuar tanto que foi preciso apenas um pé contra seu tronco coberto pela arm adura para fazê-lo cair de costas, desabando com um baque tão forte que pôde ser ouvido até no alto da torre.

De repente, tudo acabou. A colossal espada de Menelau deslizou pelo cascalho e Páris se postou acim a dele, com a ponta da lâm ina encostada no pescoço do espartano. Mas não o m atou. Apesar dos gritos frenéticos a toda a volta, apenas chutou areia no rosto de Menelau, em bainhou a espada e se afastou para pegar a pedra que fora lançada no círculo para iniciar o duelo. Beij ou-a e a ergueu, triunfante, com o capacete a reluzir sob o sol, e olhou direto para o alto da Torre Ocidental com o se quisesse que Mirina fosse a prim eira a saber.

Ela desceu desabalada a escada, ofegante de tanta alegria, e encontrou o m arido no pátio do palácio, cercado por correligionários anim ados que haviam tirado

seu capacete e m olhavam com vinho o lutador, enquanto o provocavam por não ter m atado Menelau.

– O casam ento fez você am olecer! – gritou o corpulento Dares, socando o om bro de Páris. – *Ele* não teria poupado você...

Páris riu e puxou Mirina para um abraço com a m esm a liberdade que teria tido se os dois estivessem sozinhos.

– Nada disso! – gritou ele em resposta, com suor e vinho a escorrer dos cabelos. – O casam ento m e endureceu.

E ele então a beij ou, para deleite dos am igos, e a pegou no colo do m esm o j eito que fazia quando estavam a sós.

– Não se preocupe – falou, sorrindo para Dares. – Terem os o nosso banquete.

Podem ir, eu chegarei logo depois.

Quando com eçou a andar em direção ao palácio, porém , Páris de repente cam baleou e caiu de j oelhos, quase derrubando Mirina no chão.

– O que houve? – exclam ou ela, segurando o rosto do m arido que de repente havia adquirido um a palidez de m orte. – Você está ferido?

– Não. – Ele se esforçou para tornar a ficar de pé. – Ele m al encostou em m im . Venha, dê a m ão a um velho.

Ele a segurou pelo braço, m as de novo suas pernas se recusaram a sustentá-

lo, e ele caiu para trás, grunhindo de frustração.

Os outros não dem oraram a perceber que havia algo errado.

– Som bra! – gritou alguém . – Ele precisa de som bra. E de água.

Com um esforço conj unto, os hom ens m eio arrastaram , m eio carregaram Páris até o Tem plo do Sacudidor da Terra, o prédio m ais próxim o de onde estavam . Ali, pousaram -no diretam ente sobre o chão de pedra e o abanaram da m elhor form a que conseguiram .

– A água j á vem – disse Enéas. – Fique deitado.

– Chega dessa bobagem – grunhiu Páris, tentando se sentar. – Vocês são o quê? Um bando de velhas am as? Não deixem m inha m ulher m e ver assim ...

– Ah, por favor – choram ingou Mirina, apoiando os outros. – Deite-se e fique calm o. Me diga onde está doendo.

Páris fez um a careta.

– Não está doendo. Mas eu... não estou conseguindo sentir as pernas.

Em poucos segundos, as placas protetoras foram rem ovidas de suas pernas e as sandálias descalçadas, na esperança de restaurar suas forças. Então Enéas catou algo do chão de repente e perguntou: – O que é isso?

Era um pequenino fragm ento de osso polido que parecia a ponta de um a flecha partida, só que curiosam ente oco, com um a dim inuta abertura na ponta.

– Maldição! – exclam ou Dares. – Um dardo envenenado.

Após um a busca rápida, descobriram um a perfuração que vertia um líquido na parte de trás do calcanhar de Páris. Mirina ficou em pânico ao constatar a gravidade no sem blante de todos, que lhe dizia que eles j á tinham visto hom ens atingidos por dardos envenenados e haviam aprendido a tem er o pior.

– Fique aqui e não se m exa – disse Dares, com um tapinha do om bro do am igo. – É só o calcanhar; acho que você vai ficar bem . E não se preocupe. – Ele se levantou e gesticulou para os outros o seguirem . – Você terá sua vingança.

Darem os a esses desgraçados o m esm o veneno que eles lhe deram . Malditos gregos e seus truques. Agam enon deve ter ordenado isso.

Ele se calou, com o rosto contraído de em oção.

– Junte-se a nós quando puder.

Os hom ens desapareceram em um farfalhar de ira, deixando Mirina e Páris a sós.

– Deite-se, m eu am or – im plorou-lhe ela, pondo o xale em bolado debaixo da cabeça do rapaz. – Está se sentindo m elhor?

Páris se deitou, obediente. Então respirou fundo, forçando o ar para dentro e para fora dos pulm ões.

– Um pouco.

– Quer que eu vá cham ar os criados? – perguntou ela, acariciando suas faces pálidas. – Ou o seu pai?

– Não. – Ele tentou tocá-la no rosto, m as quase não conseguia controlar a m ão. – Eles virão daqui a pouco.

– Por favor, diga que vai ficar bem – im plorou Mirina, beij ando sua m ão.

– Venha se deitar com igo. – Páris conseguiu abrir o braço para ela poder repousar a cabeça sobre o seu om bro. Em seguida tentou respirar fundo outra vez, m as seu peito estava pesado dem ais. – Pode ficar com igo assim até o final dos tem pos? – sussurrou, encostando os lábios na sua testa.

Som ente quando ela aquiesceu foi que ele fechou os olhos.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Para mim está evidente que o senhor é muito rico e que é rei de muitos homens, mas aquilo que me perguntou ainda não posso dizer a seu respeito.

Heródoto, *Histórias* ISTAMBUL, TURQUIA Não sei quanto tem po fiquei parada ali fora, descalça, encarando a vaga vazia na qual Jam es estacionara o carro. Será que ele tinha m esm o ido em bora sem m im ?

Eu não conseguia acreditar. Sim , Jam es estava um a fera com igo e provavelm ente havia entendido que o seu golpe vingativo contra Nick havia sufocado para sem pre m eu apreço por ele... m as com o ele pudera m e deixar para trás? Ou m elhor, com o Rebecca pudera deixá-lo fazer isso?

Em parte sem querer acreditar naquilo, cam inhei de volta à casa de Reznik para verificar se por acaso m inha am iga ainda estava lá, à m inha espera. Mas o alto portão j á tinha sido fechado e, tirando alguns seguranças que andavam de um

lado para o outro com rádios, tudo era silêncio. Enquanto eu estava ali, parada e indecisa, ouvi um deles dizer no rádio, em francês: – Não, não tem ninguém aqui. Eles j á foram em bora.

E em seguida a resposta a um a óbvia pergunta.

– Sim , senhor. A m ulher azul *e* a verde.

Sem ar de tão assustada, recuei para a som bra de um a densa trepadeira que caía por cim a da cerca... e então, assim que os guardas se viraram para o outro lado, saí correndo pela rua o m ais depressa que consegui, e felizm ente m eus pés descalços não fizeram barulho sobre as placas de concreto da calçada.

Se Rebecca não estava m ais dentro da casa, a *única* explicação era que tinha ido em bora com Jam es. Na verdade, tudo com eçava a fazer sentido. Os seguranças estariam fazendo perguntas inconvenientes sobre o roubo do *Historia Amazonum*, e Jam es e Bex tinham fugido, o que era com preensível. Era possível até que estivessem percorrendo o bairro no Aston Martin, tentando m e encontrar.

Assim , continuei andando, com a preciosa bolsa de festa bem apertada contra o peito. A perseguição e toda aquela ansiedade haviam m e deixado suada e com calor por um tem po, m as agora a noite fria de novem bro atingia m eus om bros nus com força total e fazia m eu queixo bater. Quando um táxi finalm ente encostou ao m eu lado, eu soube que tinha de entrar.

– Obrigada por m e salvar – falei para o m otorista, enquanto saíam os em disparada pela rua, com todos os dutos de ventilação soprando um ar quente. – Não sabia que Istam bul ficava tão frio assim no inverno.

O hom em suspirou e balançou a cabeça.

– Depois das festas de Reznik tem sem pre um a m ulher chorando na rua. Para onde a senhora quer ir?

Tirei as luvas de cetim e rem exi os dedos dorm entes. Assim que encontrasse um telefone público, teria de ligar para Jam es e Rebecca e esclarecer as coisas.

– Para o aeroporto, por favor – respondi, sabendo m uito bem que talvez só houvesse voos para a Inglaterra na m anhã seguinte. Mas pelo m enos se eu

passasse a noite no aeroporto seria a prim eira da fila, pensei.

Se Reznik fosse m esm o tão bem -relacionado quanto Nick m e dera a entender, não levaria m uito tem po para j untar as peças e com eçar a desconfiar que Diana Morgan havia participado do roubo do *Historia Amazonum*. Quando isso acontecesse, era m elhor eu estar a m ilhares de quilôm etros de distância de Istam bul.

Com os dedos trêm ulos, peguei o passaporte e verifiquei m ais um a vez que era de fato o m eu. Com aquele docum ento fundam ental em m ãos, eu não teria dificuldade para com prar um a passagem . O único desafio seria escapar dos capangas de Reznik até o avião decolar.

Enquanto folheava o docum ento, distraída, reparei em um papel adesivo am arelo escondido entre as páginas. Três palavras tinham sido rabiscadas em m aiúsculas: VOLTE PARA CASA. Não havia ponto de exclam ação, apenas essas três palavras escritas em esferográfica preta.

Passei alguns segundos encarando o papel, tentando ver além do recado bastante óbvio. Então m e ocorreu verificar a carteira. Quando a abri, preparei-m e para encontrar com partim entos vazios, m as, para m eu assom bro, tudo, inclusive m eus cartões de crédito, continuava ali. Na verdade, a divisória que continha apenas algum as notas am arfanhadas de libras quando eu saíra da Inglaterra, duas sem anas antes, estava agora abarrotada com m ais 2 m il euros em notas novinhas.

Em basbacada, peguei m inha agenda para ver se esta continha algum a outra pista em relação aos obj etivos das pessoas que haviam m antido m eus pertences reféns durante todo aquele tem po. E ali estava ele outra vez, o m esm o recado inconfundível, rabiscado no espaço vazio da sem ana seguinte: VOLTE PARA CASA.

Fiquei irritada com a arrogância daquelas pessoas. Então elas queriam que eu voltasse para a Inglaterra e estavam até dispostas a facilitar m inha partida com dinheiro e a devolução de obj etos roubados... m as, não im portava quem fossem , por acaso tinham m e dado um só m otivo para confiar nelas? Ainda estavam com m eu laptop e m eu celular, ainda eram responsáveis pelo galo na m inha testa, e o seu obj etivo ainda era um m istério para m im . A m enos que...

Recostei-m e no frio banco de couro e rem em orei o que sabia.

Um tesouro estava em j ogo, e eu j á havia conhecido dois dos caçadores.

Tanto Reznik quanto Nick estavam tentando encontrar o Tesouro das Am azonas. O

fato de m eu sedutor pretendente ter roubado o *Historia Amazonum* de Reznik consolidava de sobra a sua culpa. Mas quem eram as m ulheres no Audi prateado que tinham m e roubado em Náuplia? Será que elas trabalhavam m esm o para Reznik, com o Nick havia sugerido? Ou seria possível que fossem ... am azonas?

Senti um calafrio de anim ação ao pensar nessa possibilidade, por m ais louca que fosse. *Se* elas fossem m esm o am azonas, seria possível os seus obj etivos terem sido sem pre os m esm os: im pedir Reznik e Nick, entre outros, de encontrar seu tesouro? Seria por isso que não paravam de m e im portunar? Para m e im pedir de aj udar Nick?

Passei algum tem po sentada, quietinha, com os olhos pregados nos faróis do inevitável que se aproxim ava. Era um a sensação bizarra e exasperante pensar que eu tinha sido m anipulada em um im enso tabuleiro de xadrez sem saber se era um a peça preta ou branca. E ali, sentada no táxi, fui percorrida por m ais um calafrio e senti um im pulso irrefreável de m e rebelar contra aquele j ogo.

O chacal tinha tentado m e avisar várias vezes, não tinha? No entanto, na pressa de aplacar todos à m inha volta, eu havia ignorado suas sugestões. Agora ele estava se agitando novam ente, depois de ter recalculado nossas coordenadas, e sussurrava no m eu ouvido que eu ainda não podia voltar para casa... não antes de ter o *Historia Amazonum* nas m ãos. Então as am azonas não m e queriam do seu lado. Volte para casa, diziam . Bem , paciência. Na m inha atual agitação, quase consegui m e convencer de que aquele m anuscrito por si só redim iria todas as m inhas tribulações... de que ele enfim m e conduziria até vovó... m as eu tam bém precisava adm itir que parte da atração era o seu atual dono, cuj o contato estava rabiscado em um cheque dobrado dentro da m inha bolsa. Mesm o que Nick não tivesse roubado o *Historia*, ele tinha algo que eu queria m uito recuperar: m inha capacidade de am ar. Eu não tinha certeza de com o exatam ente iria arrancar essas duas coisas dele, m as precisava tentar.

O refúgio da Fundação Aqrab não ficava no m eio de um labirinto m edieval perto do Grande Bazar, com o eu havia im aginado. Na verdade, era um quarto no hotel Çirağan Palace, que, segundo m eu taxista agora redirecionado, era a

antiga residência de verão dos sultões turcos.

Apesar dos pés descalços, do penteado desm oronado e da m aquiagem berrante, provavelm ente tive sorte por estar usando m eu vestido de festa ao ser escoltada por um lacaio de libré pelo saguão do hotel até chegar à área de recepção separada do palácio. Com o pé-direito que devia facilm ente ser igual ao do teatro Sheldonian, em Oxford, cenário de m inha defesa de doutorado em m aio, o vestíbulo era todo revestido de m árm ore branco, com detalhes em m adeira escura a arrem atar as galerias superiores. No teto, um im enso lustre parecia pendurado no próprio céu.

No exato instante em que eu chegava perto do balcão da recepção, vi um a silhueta conhecida sair do elevador. Ele havia deixado crescer o bigode desde a últim a vez que eu o vira e agora usava óculos de lentes escuras, m as eu tinha passado tem po suficiente na com panhia do Dr. Ludwig para reconhecê-lo em qualquer lugar.

Ele não estava sozinho. Ao seu lado vinha um hom em de porte atlético, com um boné verm elho e um colete de m icrofibra, cuj o rosto m e pareceu estranham ente fam iliar.

Assim que m e escondi atrás de um arranj o de flores, entendi: os olhos debaixo do boné tinham m e encarado de um a fotografia em um caderno de recortes apenas um a sem ana antes. É claro que o rosto envelhecera algum as décadas, m as era im possível não reconhecer o m axilar tenso e o olhar penetrante de Chris Hauser, de Baltim ore, o hom em que tanto tem po antes havia convencido o Sr. Telem akhos de que o bracelete de chacal tinha origem nas am azonas.

Levei algum tem po para acalm ar o coração. Parecia que ir até ali nessa noite havia m e perm itido descobrir um dos j ogadores ocultos atrás de Nick, e em bora eu ainda estivesse dem asiado abalada para tirar qualquer conclusão útil da presença de Chris Hauser, sabia que agora não tinha com o voltar atrás.

Esperei um pouco de propósito antes de ir até a recepção ligar para Nick e lhe avisar que estava ali. Não queria que ele desconfiasse que m inha chegada coincidira com a partida de seus dois cúm plices. No entanto, quando ele desceu a grandiosa escadaria para m e receber, vi na sua expressão que ele estava se perguntando quanto eu sabia. Com certeza aquele não era o rosto de alguém que im aginava um a noite descontraída de prazer. Em vez disso, Nick parecia um

hom em que j á havia recebido um núm ero excessivo de visitas-surpresa. Eu o conhecia bem o suficiente para ver sua frustração, e o fato de ele ainda estar usando o terno escuro m ais do que sugeria que não tivera um só instante para descansar desde que voltara para o hotel.

– Oi, Deusa.

Ele m e beij ou nas duas faces enquanto seus olhos percorriam o recinto. Então pôs um a das m ãos nas m inhas costas e m e conduziu na direção dos elevadores, m eneando a cabeça para a recepcionista ao passar.

– *Sağolun*, Gökhan.

E isso bastou: a proxim idade de Nick e a suave pressão da sua palm a quase m e fizeram esquecer que eu não estava ali para m e render a ele; m uito pelo contrário.

– Noite difícil? – perguntou ele quando as portas do elevador se fecharam .

– Reznik com certeza sabe dar um a festa – falei, tentando esconder um rasgo m anchado de ferrugem em um a das m inhas luvas. – Você não deveria ter ido em bora tão cedo.

Nick baixou os olhos.

– Você perdeu seus sapatos outra vez.

– Ah, é? – Tentando não dar im portância àquilo, ergui a saia com o se quisesse verificar por m im m esm a. – Não tinha nem reparado.

As portas do elevador tornaram a se abrir.

– Você prim eiro – disse Nick, estendendo um dos braços.

Seguim os j untos pela galeria. Em bora tivéssem os subido apenas um andar, o im enso lustre que parecera tão distante visto do lobby agora dava a im pressão de estar ao nosso alcance, o que m e causou certa tontura. Forçando-m e a desviar os olhos de seu esplendor ofuscante, ralhei com igo m esm a por m e deixar im pressionar com tanta facilidade. Ali estava eu, sendo seduzida outra vez. Já estava na hora de m e controlar e recuperar m inha atitude de am azona.

Chegam os ao final da galeria e nos vim os diante de um a porta reforçada que Nick não se dera o trabalho de trancar.

– Eu não prom eti ficar – falei, antes de entrar. – Só queria m e despedir direito.

Assim que a porta se fechou atrás de nós, Nick segurou m inha m ão, tirou a luva e encostou os lábios no m eu pulso nu, logo abaixo do bracelete de chacal.

– Despedidas são im previsíveis. Às vezes levam a noite inteira.

Ele então acendeu a luz e revelou um a suntuosa saleta com três j anelas altas a em oldurar o céu noturno sobre o Bósforo.

– Você deve estar com fom e.

Vi-o olhar na direção de um a porta entreaberta pela qual dava para ver um a m esa de j antar posta com louça suj a e guardanapos am assados.

– Na verdade, não – falei, fingindo não reparar nos vestígios de seus convidados anteriores. – Mas adoraria tirar esta m aquiagem .

Nick assentiu, pelo visto aliviado, e m e levou até um quarto confortável em estilo otom ano com um banheiro contíguo.

– Fique à vontade – falou. – Se precisar de algum a coisa... – Ele apontou para um telefone dourado de disco sobre a m esa de cabeceira. – É só ligar para o serviço de quarto e pedir.

Respondi com um sorriso e pensei: quem dera fosse tão fácil... m as ele j á tinha saído e fechado a porta com firm eza atrás de si.

Depois de um a rápida lavada no rosto, passei algum tem po sentada na cam a, avaliando a situação.

Era óbvio para m im que Nick fora assolado por problem as nessa noite, e eu estava m orta de curiosidade para saber o que havia acontecido antes da m inha chegada. Será que o Sr. Ludwig e Chris Hauser tinham sido enviados pelo escritório de Dubai para pegar o *Historia Amazonum* e levá-lo para o Sr. Al-Aqrab antes que Nick, acostum ado a se m eter em confusão, corresse o risco de perdê-lo outra vez? Nesse caso, pensei, com um a pontada de preocupação, m

inha m issão de recuperá-lo j á fracassara.

Girei a m açaneta da m aneira m ais silenciosa que consegui e dei um a olhada discreta, m as descobri que Nick não estava à vista. No entanto, um a porta m aj estosa do outro lado da am pla saleta estava entreaberta e tive a sensação de que era ali que eu iria encontrá-lo. Atravessei o carpete felpudo pé ante pé, com o ouvido apurado para ruídos conhecidos, e ouvi um farfalhar de papéis. Depois disso... silêncio.

Apesar de tudo, fiquei pasm a. Seria aquele o m esm o hom em que, apenas duas horas antes, havia m e agarrado em um a varanda e m e convidado a passar no seu hotel m ais tarde? Mesm o se Ludwig e Hauser tivessem trazido m ás notícias, não pude reprim ir a sensação de que ele estava dem onstrando um a m uito inesperada falta de interesse por m im .

Bati à porta.

Alguns instantes se passaram antes de Nick enfim aparecer, com um a expressão m eio atarantada e todos os botões da cam isa abertos.

– Oi de novo – falei, adotando um a pose sedutora. – Você não ia m e levar para um a visita?

Ele pareceu não entender.

– O que você gostaria de ver?

– Que tal *este* quarto?

Passei por ele na porta, j á com os olhos à espreita. Com o eu pensava, aquela era a suíte principal, um espaço fantástico com certeza digno de um a fundação de Dubai com um cam po de golfe no telhado. Mas o m ais im portante era que, em cim a da cam a tam anho sultão, havia um envelope grande do qual saíam várias folhas de papel.

Ao ver que ele j á tinha m e pegado olhando, falei, em tom casual: – Já recebeu as ordens para ir em bora? Pensei que só fossem chegar am anhã de m anhã.

– Pois é – disse Nick, indo até a cam a para pegar o grande envelope, quer para im pedir que eu o exam inasse m ais de perto, quer para abrir lugar para outra

atividade não profissional. – Mas as coisas nem sem pre correm conform e o plano, não é?

Ele guardou os papéis em um a gaveta, em seguida se virou para m im com um a tentativa de sorriso no rosto.

– “É tudo um tabuleiro de xadrez de noites e dias... onde o Destino brinca com os hom ens com o se fossem peças. Para lá e para cá elas se m ovem , se reproduzem , se m atam . E um a a um a são guardadas de volta no arm ário.” Om ar Khay y ám .

Passam os um tem pão assim , cada qual, tive certeza, tentando decifrar o que o outro estava pensando. Por fim , recostei-m e em um a das colunas da cam a e falei: – Talvez o m elhor fosse desistir. Im agine só a liberdade...

O olhar de Nick se nublou.

– Não dá para desistir de algum as coisas.

Esperei que ele se explicasse, m as em vão. O m odo com o ele m e olhou sugeriu que estava se referindo não apenas a si m esm o, m as a nós dois. Era com o se, entre a festa de Reznik e agora, algo intransponível houvesse surgido entre nós... com o se ele desconfiasse que eu conhecia o seu lado escuro de ladrão e estivesse m e perguntando por que cargas-d’água havia aceitado aquele convite.

– Que proporções im pressionantes – falei, virando-m e para o quarto e adm irando a decoração antiga. – Quantas m ulheres do harém será que cabem nesta cam a?

Olhei para Nick por cim a do om bro e o peguei encarando m inha bunda.

– O que houve com o seu vestido? – perguntou ele. – E com os sapatos?

– Boa pergunta. – Dei um a espiada casual dentro do seu arm ário. – Ah, bastante espaço.

Mas nenhum *Historia Amazonum*. Pelo m enos não que eu visse.

– Diana. – Ele andou até m im . – O que está acontecendo? Fale com igo. A

gente passou por tanta coisa...

– Eu sei. – Virei-m e, relutante. – E este é o ponto m ais próxim o entre os nossos m undos, não é? – Encarei-o fixam ente. – Com o é que você está tão longe, então?

Vi surpresa na sua expressão, seguida por arrependim ento. Ele então segurou m eu rosto com m ãos delicadas e sua expressão se suavizou.

– Eu estou bem aqui. Estive aqui o tem po todo.

E então m e beij ou... um beij o vagaroso, irresistível, que arrancou um gem ido de desej o do fundo da m inha alm a.

– Divina Diana. – Com um a careta de dor, ele m e soltou. – Se você soubesse com o m e tortura...

Segurei-o pela cam isa aberta.

– Me m ostre quanto.

Nick m e olhou com irritação.

– Estou tentando ser cavalheiro.

– Por que com eçar agora? – Passei as m ãos por seu peito nu, saboreando aquela firm eza cálida. – Eu não vim aqui ter um a conversa educada, certo?

As palavras o fizeram se retesar. Ou talvez algo nos m eus olhos o tivesse intrigado. Com o cenho levem ente franzido, ele baixou os olhos para as m inhas m ãos, ou m elhor, para o bracelete de chacal, com o se receasse um a m ordida.

– Não – disse ele por fim . – Acho que não veio.

Com m edo de que ele com eçasse a m e interrogar, inclinei-m e e tornei a beij á-lo, na tentativa de que o beij o silenciasse quaisquer outras perguntas.

– Sabe qual é o seu problem a? – m urm urei. – Você *pensa* dem ais.

Os olhos dele tornaram a m ergulhar nos m eus.

– É m esm o?

– Ah, é sim . – Corri as m ãos pelo seu ventre e m ais abaixo. – Dem ais, *demais* da conta.

Só quando escutei seu súbito arquej o foi que m e ocorreu que seria m elhor pegar m ais leve. Ali estava ela, bem debaixo dos m eus dedos, a im ponente *pièce de résistance* de Nick, e quando ergui os olhos e vi o desej o som brio e indisfarçável na sua expressão, perdi a coragem por um instante.

– Com licença – falei, com o que torci para ser um sorriso tranquilizador e lascivo. – Me dê só um m inutinho.

Refugiei-m e no seu banheiro, tranquei a porta e m e recostei ali, trem endo da cabeça aos pés. O papel de sedutora era um a novidade tão grande para m im que não consegui dissociá-lo dos m eus próprios sentim entos. Sim , eu queria roubar o *Historia Amazonum* de Nick, m as tam bém queria m uito transar com ele. Será que as duas coisas eram m utuam ente excludentes?

Fui até a pia lavar as m ãos e o rosto com água fria na esperança de clarear o pensam ento. Mas a m ulher que m e encarou no grande espelho j á não queria ouvir a voz da razão. É verdade, ela parecia dizer, você talvez nunca m ais torne a ver esse cara depois que o dia raiar e talvez passe a viagem inteira de volta para Oxford aos prantos. Aposto que ele não é exatam ente um hom em com quem se possa esperar um relacionam ento norm al. Mas, por favor, quer você consiga ou não passar m ais de um a noite com ele e quer o *Historia Amazonum* troque ou não de m ãos no m eio do cam inho, você precisa sair e agarrar o suj eito, garota!

Olhei em volta à procura de um a escova de dentes e vi um barbeador apoiado em um pequeno recipiente de sabão para barbear e um a nécessaire fechada com zíper em cim a da bolsa de viagem de Nick, no chão. Abri a nécessaire, encontrei um a escova de dentes, um tubo de pasta... e quatro passaportes presos por um elástico.

Intrigada, retirei o elástico e abri os docum entos, um de cada vez. As nacionalidades e datas eram todas diferentes, assim com o as fotos, m as não havia com o não reconhecer o rosto de Nick em todos eles.

– Frank Danconia, canadense – m urm urei, folheando os passaportes. –

Nicholas Barrán, brasileiro... *você* eu conheço. Gabriel Richardson, neozelandês.

Fabio Azzurro, italiano...

Sentei-m e na privada, invadida ao m esm o tem po pela surpresa e pela am argura. Qual daqueles seria seu verdadeiro passaporte?, pensei. A j ulgar pelos carim bos, ele usava todos os quatro regularm ente. E o nom e? Eu sem pre achara que "Nick" não correspondia totalm ente a quem ele era... que havia algo errado na m aneira com o ele se apresentava para os outros. Talvez porque ele sentisse que estava m entindo.

E daí, sussurrou a m ulher no espelho? Que diferença faz se Nick tem identidades falsas? Isso m uito provavelm ente era um a exigência para trabalhar na Fundação Aqrab. Eu não havia acabado de m e convencer de que não tínham os futuro nenhum j untos, afinal?

Quando finalm ente saí do banheiro, as luzes estavam m ais fracas e um a m úsica suave tocava ao fundo, m as Nick não estava no quarto. Fiquei parada alguns instantes, esperando que ele aparecesse. Quando isso não aconteceu, fui dar um a olhada na saleta. Dito e feito: ali estava ele, no celular, andando de um lado para o outro em frente às j anelas.

Era a m inha chance. Ao sair do banheiro, ainda não tinha certeza absoluta de qual deveria ser m eu próxim o passo, m as agora que estava sozinha sabia exatam ente o que fazer. Sem perder tem po, corri até a côm oda para investigar o envelope grande que Nick fizera tanta questão de esconder de m im . Só que... o envelope não estava m ais lá.

Onde ele poderia ter colocado? Com ecei um a busca apressada, m as todas as gavetas estavam vazias. Consciente de que não tinha m uito tem po, aj oelhei-m e para olhar debaixo da cam a. Bingo: um a pasta de m etal.

Puxei a pasta com urgência, trêm ula. Fiquei anim ada ao constatar que não estava trancada e a abri na esperança de encontrar um a reserva de docum entos secretos... m as recuei, chocada. Aninhadas em espum a preta havia três pistolas com pentes e m unição extra.

Com a cabeça girando, fechei rapidam ente a pasta e tornei a enfiá-la debaixo da cam a. O que significava aquilo tudo... os passaportes, as arm as? Levantei-m e sem fazer barulho e atravessei o quarto pé ante pé para ver o que Nick estava

fazendo, m as estaquei quando ele entrou pela porta.

– Aonde você *pensa* que vai? – perguntou ele, im pedindo a m inha passagem .

Em bora o tom fosse de provocação, m esm o assim fiquei incom odada.

– O dia foi longo – falei, torcendo para ele não adivinhar os m otivos da m inha súbita m udança de ideia.

– E vai ficar m ais longo ainda. – Nick m e puxou para um abraço com um sorriso sugestivo. – Que bom que a gente deixou de lado esse papo de cavalheiro; agora vam os ver se eu consigo derrubar a am azona.

Ele recom eçou a m e beij ar, m as m inha disposição havia m udado tanto que não consegui entrar no clim a.

– Desculpe – m urm urei, afastando-m e. – Estou exausta *mesmo*.

A recuperação de Nick foi rápida o bastante para sugerir que ele j á im aginava desde o início que eu fosse desistir.

– Se está m esm o tão cansada, é m elhor ir para o seu quarto – disse ele, soltando-m e. – Porque se você não for...

Não preguei o olho nessa noite. Estou certa de que Nick tam bém não. Bem na hora em que o sol com eçou a nascer, ouvi um a porta se fechar e desconfiei que ele tivesse desistido de esperar e decidido sair.

Que sensação estranha: estar deitada naquela cam a gigantesca, sem ter a m enor noção de com o o dia iria se desenrolar. Depois do pânico inicial ao descobrir as pistolas, eu aos poucos conseguira m e consolar com um a cálida e reconfortante fantasia na qual Nick aparecia no m eu quarto antes de o dia raiar, sem conseguir ficar afastado, dizia que era louco por m im e prom etia m e contar tudo.

Nós passaríam os o dia em um rom ântico cruzeiro pelo Bósforo, im aginei, durante o qual ele se desculparia por todos os segredos e confessaria seus num erosos pecados. Relutaria em descrever com m uitos detalhes o roubo na casa de Reznik, é claro, m as eu m e m ostraria com preensiva, e tudo term inaria em beij os e um j antar à luz de velas em algum restaurante reservado do centro da cidade, onde ficaríam os de m ãos dadas debaixo da m esa enquanto ele m e

revelava o seu verdadeiro nom e.

Mas o sol nasceu e ele não chegou.

Houve apenas o leve *clique* da porta... depois m ais nada.

Fui até a saleta usando o pij am a com o brasão do hotel e encontrei um pedacinho de papel sobre a m esa de centro. “Volto j á. NB.”

– NB? – falei em voz alta, sentindo um a pontada de irritação. – Não só N, m as *NB*?

Passei a cabeça pela porta da suíte principal e vi que Nick de fato tinha saído.

Depois de um brevíssim o em bate com m inha própria consciência, na realidade um duelo em que m eus escrúpulos foram logo derrubados do cavalo, atravessei o recinto e m e aj oelhei j unto à cam a.

A pasta de m etal continuava ali, só que agora trancada. Mas isso não tinha im portância, j á que eu sabia o que havia lá dentro.

Enquanto apurava os ouvidos, alerta a qualquer barulho que sugerisse a volta de Nick, com ecei um a busca apressada pelo envelope grande. Já tinha esgotado todos os esconderij os naturais – em cim a do arm ário, dentro do arm ário, debaixo dos travesseiros – quando m eus olhos deram com um im enso vaso otom ano verm elho com um brilhante desenho de flores brancas. Nick era o tipo de hom em capaz de esconder algo de valor inestim ável bem debaixo do nariz de quem procurava.

E ali estavam elas, as coisas todas, enfiadas sem cerim ônia bem na parte de cim a do vaso: o envelope recheado, os quatro passaportes e o *Historia Amazonum*. Encadernado com um a capa de couro m acia tão gasta que apenas alguns filam entos a m antinham inteira, as páginas estavam cobertas por um latim m anuscrito que, com o tem po, tinha desbotado até ficar parecido com aquarela.

Apesar das circunstâncias precárias, senti um alívio em briagante ao descobrir que Nick ainda não tinha entregado o precioso m anuscrito ao Sr. Ludwig e Chris Hauser. Ali estava ele, enfim , são e salvo nas m inhas m ãos.

Quanto ao envelope, eu na realidade não pretendia levá-lo com igo, só dar um a

espiada no conteúdo. No entanto, assim que peguei os docum entos que Nick estava lendo na noite anterior, entendi que não poderia deixá-los para trás. Pois bem ali, preto no branco, estava a resposta para a m inha m aior pergunta: qual era, afinal, o obj etivo do Sr. Al-Aqrab? A luz forte da m anhã tornou tudo assustador de tão óbvio, e tive um a certeza nauseante de que precisava sair antes que Nick voltasse – não só daquele quarto ou de seus aposentos no hotel, m as da sua vida.

O aeroporto de Atatürk, em Istam bul, estava em pleno rush m atinal quando cheguei. Hom ens de terno se aglom eravam diante de cada balcão e totem de atendim ento, e esperei m eia hora na fila só para ser inform ada de que o prim eiro lugar disponível para Londres era no avião que saía às três da tarde.

– Mas tem certeza de que não existe nenhum outro j eito m ais fácil de eu chegar à Inglaterra? – perguntei à atendente. – Não faz m al se tiver escalas.

– Sinto m uito – disse ela, verificando a tela m ais um a vez. – Só tenho via Am sterdã às onze e m eia.

Não seria a m ais suprem a das ironias? Foi o que pensei enquanto serpenteava entre m alas e zum bis grudados no celular, em busca de um café onde pudesse fazer hora até o horário do m eu voo. Depois de tudo, ir parar em Am sterdã.

Sobretudo agora que eu estava vestida para o circuito da m oda, com chapéu de aba larga e uns óculos escuros do tam anho de Milão... tudo graças à exclusiva loj a de roupas na esquina do hotel Çirağan Palace, que havia engolido m etade da m inha fortuna em m enos de cinco m inutos.

Sentada a um a m esa reservada, com m inha pilha de papéis roubados e um a bandej a de café da m anhã, peguei o docum ento que m e deixara tão chocada na prim eira vez que eu o vira no quarto de Nick, duas horas antes. Era um a carta de instruções curta, datilografada, sem cabeçalho nem assinatura, que dizia o seguinte: Atenção, Jum bo, Vam os incluir chacais no cardápio. Um a pedra por cabeça. Só carne fresca. Confiram nossa seleção. Se o estoque dim inuir, estam os abertos a alternativas. Meia pedra por pulseira, um quarto por tatuagem . Entrega por Pavel.

Gram peadas a essa carta curta e esquisita havia três folhas de papel, todas ocupadas por fotografias borradas em preto e branco e um texto torto. As im agens m ostravam três m ulheres, film adas, supus, por câm eras de vigilância, e

havia closes granulosos de um bracelete de chacal e de duas tatuagens de chacal quase indistinguíveis. O texto identificava as m ulheres com o “Am azona 1”, “Am azona 2” e “Am azona 3” e havia estim ativas quanto à sua altura, peso e idade.

Meu prim eiro pensam ento foi que a carta era um a m ensagem codificada do Sr. Al-Aqrab para um assassino de aluguel, possivelm ente Nick, ordenando a m orte de três m ulheres que se pensava serem am azonas. Depois de ler o texto m ais de dez vezes, porém , j á não tinha tanta certeza. Por m ais disposta que estivesse a vilipendiar o Sr. Al-Aqrab, para m im era difícil ver Nick com o alguém que faria aquela tarefa de bom grado.

Deixando a carta de lado finalm ente, com ecei a folhear os outros docum entos do envelope na esperança de encontrar algo m ais direto.

Não precisei procurar m uito. Ali estavam elas, desbotadas, m as inconfundíveis: dezenas de fotos em preto e branco do m eu pai, da m inha m ãe e de m im ... Essa descoberta m e provocou um calafrio ainda m aior do que a carta para o assassino de aluguel.

O que eu acabara de encontrar era o relatório de um detetive do m esm o tipo que m eus pais haviam solicitado após o sum iço de vovó, só que, enquanto o deles continha apenas um as baboseiras inúteis, aquele parecia recheado de inform ações. Em bora o texto estivesse em árabe, as ilustrações falavam por si, e observei m ais um a vez as im agens granulosas de m eu pai m exendo em silêncio no seu bebedouro de pássaros... de m inha m ãe fazendo alongam ento após um a corrida... sem fazerem a m enor ideia de que estavam na m ira de um a teleobj etiva.

Quase todas as im agens eram fotos de longa distância e a m aioria tinha sido tirada através de j anelas ou arbustos. Era nauseante perceber que m eus pais e eu tínham os sido vigiados por olhos invisíveis m esm o em nossos m om entos m ais privados. Sim , havia fotos m inhas dando palestras para alunos e enchendo o quadro-negro com hieróglifos egípcios, m as havia tam bém outra em que eu aparecia cantando para os guppies do professor Larkin depois de consum ir um núm ero exagerado de solitários copos de vinho.

Em bora m inha m ãe tam bém aparecesse, o relatório estava obviam ente centrado em m eu pai e em m im , e não era difícil adivinhar por quê. Estava

claro que a questão das am azonas estava no cerne de tudo aquilo, pois um a das páginas exibia a conhecida foto antiga de casam ento que eu tantas vezes havia exam inado quando pequena: a única fotografia que existia de vovó e vovô, am bos com um ar estranham ente infeliz, com o se j á soubessem que o seu relacionam ento estava condenado.

O que aquele detetive bisbilhoteiro tinha conseguido desencavar a seu respeito?, pensei. Meu conhecim ento sobre o nam oro do casal se lim itava ao relato extrem am ente sucinto que vovó certo dia m e fizera após pedidos insistentes, um relato que eu tinha certeza de que ela não havia com partilhado com m ais ninguém .

Se vovó tivesse m esm o dito a verdade, ela e outra am azona, quando eram j ovens rebeldes, tinham com parecido a um a conferência científica em Copenhague com o intuito exclusivo de selecionar os m ais inteligentes participantes do sexo m asculino.

– Não se pode ter tudo – explicaram e ela enquanto eu ficava sentada a seus pés, com os olhos arregalados. – Então eu resolvi achar um hom em *inteligente*. E

achei. Foi o seu avô. Só que com eti um erro. Me apaixonei por ele. – Vovó m e lançara um olhar de alerta, com o se quisesse m e avisar para j am ais fazer a m esm a coisa. – Em vez de ser Kara, tornei-m e sua m ulher. Não deveria ter feito isso, m as... eu deixei a irm andade.

– Por que isso foi tão horrível? – perguntara eu, tom ada pela necessidade infantil de um final feliz. – Se a senhora o am ava de verdade...

– Você precisa entender. – Vovó se levantara e fora até a pequena j anela oblíqua onde tantas vezes ficava parada, olhando, im aginava eu, para as próprias m em órias fragm entadas. – Eu cresci com o am azona. Era a única vida que eu conhecia.

Com o ela raram ente se referia à sua porção am azona de m odo coerente, pus-m e de pé, nervosa e anim ada, louca para extrair o m áxim o de inform ação possível antes de a porta entre a infância dela e a m inha se fechar outra vez, talvez para sem pre.

– Onde foi isso, vovó? A senhora se lem bra?

Ela hesitara.

– Não é seguro você saber isso. Não ainda.

– Mas quando? Quando vai ser seguro?

Ela baixara os olhos para m im ; o am or e a reprim enda travavam um a luta em seus olhos.

– Quando você tiver dem onstrado o seu valor. Quando eu puder confiar em você.

E pronto. Ela nunca m e disse nada além disso.

Deixei de lado o relatório do detetive e tornei a enfiar a m ão no envelope de Nick. Dentro de um a capa de plástico estava o artigo que saíra em um periódico de m edicina uns dez anos antes. Levei alguns segundos para perceber que o autor era o velho am igo do m eu pai, Dr. Trelawny. Por m eio da com paração de cinco casos diferentes de paranoia esquizofrênica, o autor parecia querer afirm ar que todos eles tinham os m esm os elem entos centrais: personalidades paralelas e um a linguagem im aginária.

Em bora o pérfido Dr. Trelawny tivesse m odificado os nom es dos pacientes m encionados, era óbvio que um dos casos citados era o da m inha avó. O artigo não apenas descrevia com riqueza de detalhes sua personalidade de am azona, m as tam bém m encionava o bracelete de chacal, ao qual o m édico se referia com o "um badulaque sem valor m aterial im buído de valor em ocional", e discorria de form a extensa, com o constatei com pesar, sobre o "dicionário das am azonas" m anuscrito que ela havia deixado para a neta.

Ali estava, enfim , o vínculo que eu vinha procurando desde a prim eira vez que o Sr. Ludwig havia m e abordado em Oxford e m e seduzido com um alfabeto codificado das am azonas. Era óbvio que alguém na Fundação Aqrab sabia sobre aquele artigo desde o início e decidira especificam ente recrutar m inha colaboração, supondo, com razão, que eu fosse levar o caderno de vovó.

Fiquei tão abalada que precisei de um a segunda xícara de café apenas para aquecer as m ãos e parar de trem er. Que diabólico aquele Sr. Al-Aqrab por ter m e usado daquele j eito, por ter m e voltado contra m inhas sem elhantes e m e transform ado em um a caçadora involuntária de am azonas.

O envelope continha outros docum entos, m as eu j á tinha visto o bastante para saber que fizera a coisa certa ao tirar o *Historia Amazonum* das garras de Nick, para não falar em m im m esm a. Àquela altura, a questão m ais prem ente era o que eu deveria fazer em seguida. Não seria ingenuidade m inha achar que poderia voltar para Oxford e nunca m ais ouvir falar no Sr. Al-Aqrab?

Guardei o envelope dentro da m inha nova bolsa ridiculam ente cara, fui até o telefone público m ais próxim o e liguei para Rebecca. Fazia doze horas que pretendia entrar em contato com ela, e quase lhe telefonara do quarto no hotel Çirağan Palace... m as algo m e im pedira. Será que não bastava todos estarem rastreando *a mim* pelo celular? Eu não precisava que com eçassem a seguir m inha am iga tam bém .

– Alô? – m urm urou um a voz tím ida que não m e soou nada fam iliar.

– Bex? – falei, quase achando que tinha ligado para o núm ero errado.

Um a explosão de alívio do outro lado m e serviu de confirm ação.

– Dee? Cadê você? O que houve?

Fiquei tão feliz ao ouvir sua voz que m eus j oelhos quase fraquej aram .

– Eu estou bem . Quer dizer, na verdade não. Mas não im porta. Cadê *você*?

Está com Jam es?

– Ai, que horror... – choram ingou Rebecca.

Senti todos os pelinhos da m inha nuca se arrepiarem .

– O que foi?

– Jam es. – Ela m al conseguia falar de tão nervosa. – Reznik pegou ele.

Levei algum tem po para entender o que de fato havia acontecido com Rebecca. Para m eu im enso alívio, ela conseguira pegar um ônibus noturno de volta para Çanakkale e passara a m anhã no barco j unto com o Sr. Telem akhos, com os olhos pregados no celular, desesperada para ter notícias m inhas.

A hora que antecedera sua fuga para a rodoviária, porém , não poderia ter sido m ais horrível. Ela e Jam es tinham passado uns bons dez m inutos à m inha espera em frente ao banheiro de Reznik antes de entenderem que eu não iria sair de lá. Jam es acabara concluindo que eu devia ter fugido com Nick, e a coisa tinha virado um belo bate-boca.

Ao ver que eram os últim os convidados ainda na casa, os dois tinham decidido andar até o carro para ver se eu talvez estivesse esperando ali desde o princípio. Rebecca saíra andando na frente, ainda irritada dem ais com Jam es para lhe dirigir a palavra – assim m e disse ela, entre soluços de culpa e arrependim ento – e bem na hora em que havia passado pelo portão alguém com eçara a gritar atrás dela. Ao se virar, ela vira os seguranças de Reznik se aproxim arem de Jam es para im pedi-lo de sair. Sem entender o que estava acontecendo, seu instinto lhe dissera que eles estavam correndo perigo e ela com eçara a correr... deixando Jam es sozinho.

– Estou m e sentindo péssim a – m urm urou ela, revivendo aquele m om ento. – Eu deveria ter ficado com ele, m as... eu surtei. Fui correndo até o carro ver se você estava esperando a gente, m as a polícia estava lá com um reboque. Os policiais disseram algum a coisa que eu não entendi... acho que era preciso um adesivo de residente para estacionar ali, sei lá. Mas estou m e sentindo m uito m al em relação a Jam es.

– Tenho certeza de que ele vai ficar bem – falei. – É com preensível Reznik querer falar com ele. Você viu os dois... eles são velhos am igos. E Jam es é filho de lorde Moselane. Reznik j am ais se atreveria a...

– Estou ligando para ele sem parar, m as o celular está desligado...

– Bom , então pare de ligar! – falei, um pouco im paciente. – É assim que Reznik rastreia as pessoas. Não resta dúvida de que ele vai com eçar em breve a procurar o *Historia Amazonum*, de m odo que você e eu devem os ficar quietinhas e sem nos com unicar. O m elhor que você pode fazer é ir em bora no veleiro do Sr. Telem akhos.

– Mas e você? – quis saber Rebecca. – Onde *você* está?

Olhei em volta para o aeroporto m ovim entado, perguntando-m e quanto deveria lhe revelar. Era apenas um a questão de tem po até que alguém surgisse no m eu encalço... a única dúvida era: quem m e alcançaria prim eiro? Nick tinha m e

visto por últim o. Reznik estava com Jam es. Eu poderia optar por devolver o *Historia Amazonum*, claro, m as para quem ? E com o? Não, decidi, a hora dos gestos grandiosos tinha passado. Tudo o que eu iria conseguir seria atrair m ais atenção para m im m esm a.

Que sensação estranha, estar ali em pé no quiosque de telefones públicos, cercada por passageiros seguros de si que sabiam exatam ente para onde iam ... e perceber que eu era um a fugitiva.

– Não posso dizer – respondi, por fim . – Mas vou dar um j eito de term inar essa história, prom eto a você.

Depois de encerrar a ligação, passei alguns instantes refletindo, então liguei para Katherine Kent. Não nos falávam os desde a noite anterior à m inha viagem .

Eu lhe deixara um recado quando estava na Argélia, e só. No entanto, aquela m inha m entora que tudo via tivera conhecim ento suficiente sobre os m eus m ovim entos para m andar Jam es até Troia no dia exato em que eu chegara.

Com o era possível? Tive a sensação de que a resposta a essa pergunta talvez pudesse aj udar a guiar m eus passos seguintes.

Liguei para o núm ero dela três vezes com o m esm o resultado: um toque agudo para indicar que a ligação fora cortada. Isso, m ais do que tudo, fez o m eu m edo crescente se transform ar em pânico. Desde a invenção do telefone, nenhum núm ero de Oxford j am ais havia m udado. O fato de Katherine Kent não poder m ais ser contatada era um indício certo de que o m eu m undo estava ruindo.

Refugiei-m e dentro de um cubículo do banheiro e sentei para arej ar as ideias.

Os problem as estavam vindo na m inha direção, quanto a isso não restava dúvida.

Onde eu poderia m e esconder até as coisas se acalm arem um pouco? Estava tão frustrada que m inha vontade era bater com a testa na porta, m as com ecei a exam inar m inha bolsa de festa para ver quanto dinheiro m e restava. Ao fazê-lo, deparei com o bilhete do Sr. Telem akhos com o nom e do m useu alem ão onde, segundo ele, estava a últim o bracelete de chacal rem anescente.

Por m ais nervosa que estivesse, ao encarar aquele nom e desconhecido quase

pude sentir m eu próprio chacal responder ao seu distante cham ado. E, depois de algum as respirações rasas, do tipo que se dá antes de m ergulhar em um lago frio, decidi que a solução para a m inha atual situação difícil estava bem na m inha frente.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

TROIA

A Terra estava de luto.

O Sol havia se posto para sem pre, e a Lua reinava soberana. Nada nunca m ais iria brotar, crescer ou florescer. Tudo o que havia eram as m arés do oceano a subir e descer, ruidosas, incansáveis. A Terra não ligava m ais para nada.

Encolhida no chão do tem plo, Mirina sentiu o trem or, m as im aginou que fosse o próprio corpo. Um ronco profundo bem no âm ago do seu ser, um grito silencioso e estilhaçante de tristeza. Parecia-lhe natural que sua dor reverberasse pela construção à sua volta.

Deitada com a cabeça sobre o peito im óvel de Páris, ela j á decidira m uito antes que j am ais tornaria a se levantar. Desej ou que alguém acendesse um a pira ali m esm o, para consum ir os dois ao m esm o tem po e libertá-la do fardo de ter que abrir os olhos.

Mas a m ão de alguém em seu om bro exigiu outra coisa.

– Mirina – disse um a voz. Era a do rei Príam o. – Precisam os ser fortes agora.

Ela fingiu não escutá-lo.

– Mirina. Eu não posso m ais adiar. A m ãe dele precisa saber.

– Por favor. – Ela m al conseguiu articular as palavras. – Deixe-m e ir com ele.

Houve um novo trem or, dessa vez seguido por gritos distantes.

– Minha querida, eu preciso que você sej a forte pelo m eu filho – disse o rei, com a voz em bargada. – Está m e ouvindo?

Mirina abriu os olhos e aquiesceu.

– Ótim o. – Príam o segurou a cabeça com o quem resiste a um a dor indizível.

– Chegou a hora. Troia deve m orrer j unto com Páris... desde sem pre foi assim .

Nossas m uralhas vão ruir. O caos vai reinar.

– Por que ainda estou viva? – perguntou Mirina num sussurro. – Eu, que causei tudo isso...

O rei Príam o balançou a cabeça, apiedado.

– Você se acha m ais forte do que o Destino? Todos nós som os cálices, e nosso destino é servido segundo m edidas que não podem os com preender nem influenciar. Até m esm o o Sacudidor da Terra precisa se levantar contra a sua vontade e destruir o próprio lar. – Príam o deu um suspiro fundo. – Nisso eu preciso acreditar. De que outra form a um pai pode olhar para o filho m orto e ainda ter forças para seguir respirando?

O rei se calou, lutando contra as lágrim as. Então tornou a falar, brusco, eficiente.

– Venha com igo, filha. O Sacudidor da Terra nos concedeu um tem po precioso. Devem os usá-lo. Você e suas irm ãs deixarão Troia antes da hora final.

E você precisa levar algo precioso.

– Por que eu?

O rei Príam o se aj oelhou ao seu lado. Só então ela viu seus olhos, inchados de tristeza.

– Porque ele escolheu você. Escolheu você para carregar o futuro de Troia. E

sei que você vai protegê-lo m elhor do que ninguém .

O rei levou Mirina até o fundo das cavernas rochosas situadas debaixo da cidadela e lhe m ostrou a câm ara do tesouro, que reluzia e cintilava à luz de sua tocha. Mirina nunca tinha visto tam anho esplendor, tanta m agnificência e ouro, e olhou em volta com um ar reverente enquanto Príam o destrancava a porta da câm ara m ais interna.

– É isso que eu quero que você leve – falou, avançando para a escuridão na frente dela. – A alm a de Troia. Ela não pode cair nas m ãos dos gregos.

Após hesitar por um brevíssim o instante, Mirina o seguiu para dentro do vão.

E então com preendeu.

Quando em ergiu do subterrâneo, viu que o caos j á tinha com eçado. Mulheres aos lam entos agora enchiam o Tem plo do Sacudidor da Terra para prantear o príncipe m orto e im plorar à divindade que poupasse a sua cidade.

Foi correndo até o palácio e encontrou Pitana e Kara na cozinha cuidando da pobre Cim e, que fora atingida na cabeça e agora j azia deitada em frente ao fogo, pálida e gem endo, com os cabelos grisalhos suj os de sangue.

– Foi um a panela grande – explicou Kara assim que viu Mirina. – Caiu de um a prateleira quando a terra trem eu e a acertou, com o você pode ver...

– Sinto m uito dar trabalho – arquej ou Cim e. – Por favor, não se preocupem com igo. Daqui a pouco estarei de pé outra vez.

– Onde estão as outras? – indagou Mirina. – Tem os de ir em bora daqui.

– Nós sabem os – disse Pitana com um m eneio firm e da cabeça. – Estam os prontas.

– Por favor, dessa vez eu gostaria de ficar – sussurrou Cim e para Mirina.

– Não. – Mirina segurou sua m ão. – Você vem conosco.

Cim e sorriu.

– Estou pedindo para ser liberada. Só dessa vez. Estou cansada de viaj ar.

Gosto daqui.

Mirina balançou a cabeça.

– Quando a m anhã chegar, Troia talvez não exista m ais.

– Que bobagem ! – Cim e tentou rir. – O terrem oto passou, os gregos estão indo em bora... Quando o sol nascer, vai ficar tudo bem .

Mirina baixou a cabeça, sem conseguir m ais segurar o choro.

– Não vai ficar tudo bem . Tem os de ir em bora agora, enquanto ainda há tem po. Por favor, venha conosco. Sem você... talvez percam os a arte da escrita.

Cim e suspirou.

– Som ente os reis são registrados na escrita, sabia? Os reis e os heróis. O resto de nós não passa de ecos que se perdem no vale da eternidade. – Ela fechou os olhos com o quem adorm ece. – Agora m e deixem , crianças. Tudo o que lhes peço é para lem brarem m eu nom e e falarem de m im com carinho de vez em quando. Vocês farão isso?

Assim que Enéas chegou à cidadela, o rei Príam o se aproxim ou, segurou pelas rédeas seu cavalo que espum ava pela boca e disse: – Apeie. Tenho um serviço para você.

– Suplico que m e dispense, m estre – falou Enéas, pingando de suor após percorrer a cidade, com os braços riscados de arranhões que vertiam sangue. – Preciso levar reforços para nossos hom ens. Há m uita violência na planície do Escam andro. Nós saím os a cavalo para nos vingar dos desgraçados, com o o senhor talvez saiba, m as de repente, no auge da batalha, os cavalos entraram em pânico.

Ele estendeu a m ão e aceitou um pouco de água.

– Os gregos tentaram zarpar de volta para casa, m as seus navios estão todos presos no m ar violento. Eles tam bém sentiram o trem or, e tem em que o Sacudidor da Terra estej a vindo puni-los. – Enéas fez um a careta e cuspiu no chão. – Eles cortaram o pescoço de todos os cavalos que conseguiram encontrar, centenas deles, e deixaram os pobres anim ais sangrarem até m orrer, decerto com o um presente para o Sacudidor da Terra.

– Os gregos e seus presentes! – rosnou o rei Príam o. – Que raça detestável.

Tudo o que eles conhecem é sangue e fogo. Mas venha, você precisa de um a m ontaria nova – disse ele, com um tapinha na coxa de Enéas. – Tenho um a tarefa especial para você.

– Onde está Páris? – indagou Enéas, olhando em volta.

Só então reparou em Mirina. Bastou olhar seu rosto para saber o que havia

acontecido, e ele cobriu os olhos com as duas m ãos em um a angústia silenciosa.

Por ordens do rei, Enéas deveria guiar Mirina e as irm ãs para fora da cidade.

Eles saíram logo antes da m eia-noite, em um atropelo de atividade. Príam o tinha lhes dado cavalos de carga sobressalentes, para carregar o tesouro que desej ava que protegessem , e quando elas partiram , seu grupo era form ado por catorze m ulheres e vinte cavalos. Em um derradeiro tributo a Páris, Mirina deixou Lilli viaj ar na égua que ele havia lhe dado e que com tanto zelo lhe ensinara a m ontar.

Enéas atravessou com elas o Portão Ocidental para evitar os em bates na planície do Escam andro e as levou até o rio Sim óis. Ali, ele se despediu e disse a Mirina: – Hoj e foi um dia som brio para nós dois. Você perdeu o m arido; eu, um am igo. Console-se pensando que a pira funerária dele será acesa pelo próprio firm am ento e que ele terá farta com panhia em sua últim a j ornada. Já o m eu consolo... – Ele estendeu o braço e pousou um a das m ãos em seu om bro. – O

m eu consolo é que, em um curto m ês, você deu a Páris m ais am or do que a m aioria das pessoas encontra em um a vida inteira. Ele foi o m ais feliz dos hom ens e m e disse isso da própria boca. Não vai ser um velho resm ungão a se perguntar por que os prazeres da vida lhe passaram ao largo. Em bora fosse j ovem , Páris se fartou e sabia disso.

Sem conseguir dizer m ais nada, Enéas virou seu cavalo e voltou na direção de Troia. E as m ulheres, sem saber m ais quem deveria ser a líder após a m orte de Pentesileia, continuaram a subir o rio em silêncio, deixando Mirina sozinha em respeito ao seu luto.

Chegaram ao acam pam ento de Otrera no raiar do dia e encontraram todas j á despertas, tentando em vão acalm ar os cavalos.

Aconteceu bem na hora em que elas correram para abraçar as irm ãs: a ira dos deuses do céu se chocou com a Terra. Parecia que a m ão de um gigante havia puxado o chão sob seus pés e sacudido a todos, m ulheres e cavalos, lançando-os no ar com o grãos sendo debulhados sobre um a esteira. Ao som de um rugido dem oníaco, as árvores da velha floresta se inclinaram e se retorceram ... e então veio o terrível baque dos im ensos troncos e galhos desm em brados a cair por

toda parte.

Com gritos de m edo, as m ulheres se reuniram e ficaram esperando o céu ruir e desabar. Pois com certeza aquilo era o fim de tudo, o m om ento em que a Terra, depois de tanto suportar, finalm ente se sacudia para se livrar da m aldade hum ana.

Mirina acordou com um arquej o de esperança... m as tornou a cair deitada com um soluço de decepção. Estava na floresta, cercada por escuridão e um idade e por m ulheres adorm ecidas, e a pessoa cuj a proxim idade havia sentido era Lilli, aninhada o m ais perto possível da irm ã.

– Tom e. – Anim one pôs um braço atrás de Mirina e levou um recipiente com água à sua boca. – Você passou o dia inteiro desacordada. Está sentindo algum a dor?

– Páris – m urm urou Mirina. – Ele continua...?

Anim one acariciou sua face.

– Houve outro terrem oto. Terrível. Pitana e Hipólita voltaram a cavalo para...

– Ela hesitou. – Troia não existe m ais. Não sobrou nenhum a casa de pé. E há saqueadores por toda parte.

Mirina tornou a se deitar.

– Estou m uito cansada. Me perdoe.

Ela tornou a dorm ir até de m anhã, quando Otrera veio pessoalm ente acordá-

la e disse: – Precisam os levantar acam pam ento, Mirina. Já faz m uitos dias que estam os aqui, e os cavalos estão indóceis. Venha. – Otrera a pegou pela m ão e a conduziu até o rio. – Lave os olhos e arej e a cabeça. Lem bre-se de quem você é. Suas irm ãs dependem da sua coragem .

Mirina caiu de j oelhos à beira da água e enterrou o rosto nas m ãos.

– Com o posso ser coraj osa quando a m inha coragem só causa destruição?

Otrera se aj oelhou ao seu lado.

– Sem a sua coragem , suas irm ãs ainda seriam escravas em Micenas.

– Sem a m inha m aldita coragem , Páris ainda estaria vivo.

Mirina dobrou o corpo, doente de tanta tristeza.

– Não foi sua coragem que fez o rei Príam o taxar os navios gregos ou que fez esses navios saquearem a nossa costa – observou Otrera. – Tam pouco a sua coragem fez soprar o vento norte ou causou o terrem oto. Não se gabe pensando que tem tam anho poder sobre a vida e a m orte. Sem você... quem pode dizer que Páris não teria m orrido na própria cam a, esm agado pelo telhado? – Ela se inclinou m ais para perto; seus olhos tinham um a expressão conspiratória. – Não acha que o seu m arido vai ficar m ais garboso nos salões da Eternidade vindo direto da batalha, encharcado de vitória?

Mirina fechou os olhos e se deliciou com aquela bela im agem antes de ser novam ente tragada pela lem brança que a tudo consum ia: Páris m orto em seus braços, com o corpo ainda quente contra o chão frio do tem plo.

– Talvez.

– Muito bem . – Otrera com eçou a recolher água e a m olhar seu rosto. – Agora venha, vam os seguir viagem . Só estarem os a salvo dos gregos quando chegarm os à terra dos kaskas.

Enquanto elas seguiam rum o ao leste pelo litoral, Mirina reparou que Lilli estava m ais calada do que de costum e. Mesm o após vários dias de tristeza, choro e palavras carinhosas com partilhadas, a m enina continuava aflita. Quando Mirina finalm ente lhe perguntou o que tanto a preocupava, foi preciso insistir m uito para Lilli responder.

– Nós vim os tanta tristeza e destruição – disse ela certa noite, relutante, quando as duas estavam sem dorm ir, de m ãos dadas. – Fico arrasada por prever m ais.

– Mas você precisa fazer isso! – Mirina passou um braço em volta da irm ã. – Há m uito que aprendi a confiar nas suas apreensões. O que está vendo?

– Escuridão – m urm urou Lilli. – Não há nada senão agonia na terra dos kaskas.

Nós sobreviverem os por algum tem po, m as depois... esquecim ento. A única luz que vej o vem do norte. Precisam os atravessar o curso d'água, sei que precisam os.

Mirina não conseguiu esconder a consternação.

– Você quer que nós desbravem os as selvagens terras do norte? Para ir aonde nenhum a criatura civilizada j á pisou?

Lilli aquiesceu.

– Vej o rios e m ontanhas, além de florestas sem fim . E vej o tam bém ... – A voz dela vacilou. – Você sorrindo outra vez, incentivando-nos a prosseguir.

Mirina com partilhou as visões da irm ã com Otrera, porém a m ulher m ais velha não quis nem ouvir falar em um a m udança de planos. E quando Mirina continuou a insistir que fossem para o norte, Otrera por fim olhou para ela com uns olhos cheios de am argura e disse: – Você entende o que isso quer dizer?

Mirina aquiesceu, pesarosa.

– Parece que o Destino está decidido a nos separar.

Elas chegaram ao ponto de travessia após m ais dois dias de viagem . Era um lugar m ovim entado, cheio de m arinheiros e vendedores de fala veloz, m as as m ulheres passaram a cavalo pela m ultidão, em silêncio e com o sem blante fechado, ignorando os com entários ruidosos que as seguiam aonde fossem . Pois era ali que o grupo deveria se separar: algum as seguiriam Otrera e zarpariam para o leste rum o ao m ar Inóspito e o restante atravessaria com Mirina ali, onde o estreito era m ais fechado.

Para a m aioria, a escolha foi sim ples. Nenhum a das filhas de Otrera desej ava separar-se do grupo com quem havia convivido desde sem pre e com certeza nenhum a delas queria se aventurar em terras habitadas por "bruxas chupadoras de sangue e lobisom ens uivantes", com o Otrera tinha dito ao lhes apresentar as duas alternativas.

Para as m ulheres vindas do Tem plo da Deusa da Lua, às m argens do lago Tritônis, porém , e em especial para as que tinham sido resgatadas de Micenas, foi um a escolha cruciante entre o conforto e a lealdade. "Com o vocês podem

nos pedir isso agora?", reclam ara Klito depois de Otrera e Mirina explicarem a situação para todas na véspera. "Nós fom os poupadas da m aior calam idade que o m undo j á viu, tenho certeza, e agora..." Ela abrira os braços e esticara um em direção à irm ã sagrada, o outro em direção à m ulher que passara a considerar com o m ãe. "... agora querem nos obrigar a nos separar, bem quando a salvação parece estar ao nosso alcance?" Murm úrios de aprovação percorreram o grupo.

Depois de interrom perem a viagem para dar de beber aos cavalos e descansar um pouco, elas se reuniram nas m argens de um grande rio. Mirina e Otrera se revezaram para subir em um rochedo alto e falar com as m ulheres sentadas em pedras à sua volta.

– Não som os tolas a ponto de pensar que salvação sej a algo que *existe* – com eçou Mirina, forçando-se a falar alto apesar da tristeza que lhe apertava a garganta. – Não estou dizendo que estarem os a salvo no norte, m as não quero que vão para a terra dos kaskas para serem m ortas com o anim ais. Ainda que não acreditem nas visões de m inha irm ã, ao m enos levem em consideração os avisos do rei Príam o...

– Ouçam só o que ela diz! – cortou Egeia, irada, pondo-se de pé. – Prim eiro nos abandona por causa de um hom em , agora finge se im portar com a nossa segurança. E olhem só para ela. – Egeia apontou a faca de caça diretam ente para Mirina, a faca de caça que um dia havia j urado j am ais portar, m as que agora era seu bem m ais precioso. – Ela acaso inspira confiança? Está doente, fora de si, não sabe o que diz nem o que faz. Isso é a vingança da Deusa, é óbvio.

Im aginem se ela m orresse? O que nós iríam os fazer? Não. – Egeia cruzou os braços, com faca e tudo. – Ela que siga o seu cam inho infeliz, e nós seguirem os o nosso, é isso que eu digo.

Um a acalorada discussão seguiu-se ao duro discurso de Egeia, m as todas, até m esm o as que discordavam , fizeram silêncio quando Kara se levantou.

Mostrando-lhes as cicatrizes no pulso com o se fossem um argum ento em si, ela olhou para Egeia e disse: – Você fala de sorte e vingança com o se soubesse do que está falando. Só que não tem a m enor ideia. Nunca foi violada nem levada nos navios negros. Nunca teve de suportar a im undície de Micenas. – Com o rosto contorcido de fúria, Kara apontou para Mirina. – Foi *ela* quem apareceu para nos buscar. *Ela* pôs a nossa felicidade acim a da sua própria. E você acha

que a Deusa a odeia? Errado! A Deusa a am a. Ela a adm ira. Por isso fez dela um exem plo para todas nós. Você acha que ela trilha um cam inho de infortúnio? Pode ser. Mas eu vi um a princesa de Troia com um a coroa na cabeça, e fui *eu* quem , na m inha loucura, atirei-a aos leões. – Ela segurou o rosto, lutando de novo contra seus dem ônios. – Portanto preciso trilhar com ela esse cam inho de infortúnio, aonde quer que ele conduza.

Talvez encontrem os bruxas voadoras e seres sem i-hum anos, m as não pode ser pior do que o que j á vim os. E nós som os sobreviventes, não som os?

Ela olhou em volta para todas, com as m ãos erguidas em um gesto de súplica.

– Mirina poderia ter m orrido m uitas vezes, eu tam bém , e vocês idem . Mas nós não m orrem os. Ainda estam os vivas porque tem os um as às outras. E tem os um a obrigação a cum prir. – Ela apontou para os cavalos de carga cedidos pelo rei Príam o. – Um hom em que governou um a das m ais grandiosas cidades do m undo nos pediu, com seu últim o suspiro, para serm os guardiãs de um tesouro.

Eu preferiria esse desafio a qualquer conforto que ele pudesse oferecer. De m inha parte, tenho m uita vergonha de que m e redim ir e não consigo pensar em nenhum lugar m elhor para fazer isso do que os selvagens rios do norte, onde nunca m ais hei de ouvir ninguém falar grego.

Depois de Kara, ninguém m ais ousou se levantar, e o grupo seguiu em direção à costa im erso em um burburinho de raiva e indecisão. Mesm o quando se aproxim aram do porto e se puseram a estudar todos os navios que chegavam , Mirina ainda não sabia se atravessaria o estreito com três irm ãs ou trinta.

O tesouro do rei Príam o, contudo, perm aneceria sob a sua guarda. Houvera alguns m urm úrios sobre a inj ustiça de ela o m anter só para si, m as o ciúm e arrefeceu assim que Mirina revelou a natureza do tesouro e deixou que as outras o vissem com os próprios olhos.

– Na verdade, nós não invej am os esse seu fardo – disse Otrera, falando em nom e de todas. – Só rezam os para que os seus esforços sej am recom pensados.

Na praia, elas pararam j unto a um a em barcação vazia que lhes pareceu prom issora. Um hom em alto e corpulento estava deitado à som bra do casco, m ascando um a raiz. Sua única arm a parecia ser um porrete de m adeira, m as

Mirina não duvidou de que ele seria capaz de usá-lo com grande destreza. Ao ver as m ulheres, o hom em se sentou e m eneou a cabeça, desconfiado.

– Quanta carga seu navio pode transportar? – perguntou-lhe Otrera na língua de Éfeso. – Suponho que o estej a alugando.

O hom enzarrão sorriu, m ostrando os dentes, e a raiz se balançou no canto de sua boca.

– Ele é todo seu, m eu bem , se pagar o preço j usto. Para onde vão?

Otrera franziu o cenho. Estava claro que o hom em era um bruto, vestido com um a pele de leão cheia de falhas e quase m ais nada, m as parecia robusto e disposto, falava o seu idiom a, e o navio estava claram ente disponível.

– Algum as de nós querem apenas atravessar até o outro lado, m as o restante quer navegar rum o ao leste até chegar à foz do rio Term odonte – disse ela. – Pelo que sei, são poucas as estradas transitáveis entre aqui e lá, e a travessia por m ar é bem m ais rápida e segura do que viaj ar por terra. Estou certa?

– Está sim , m eu bem .

O hom em finalm ente se levantou e deu um a boa olhada no grupo.

– Quantos cavalos... Não sou m uito fã de cavalos. Produzem m uito esterco. Já lim pei m uito esterco na vida. – Ele cuspiu a raiz e lim pou as m ãos. – Mas tenho alguns am igos, e Teseu e seus rem adores agora trabalham para m im , ou sej a, tem os quatro navios no total.

Ele tornou a sorrir, m ostrando os dentes em um sorriso conciliatório.

– Vam os com eçar com a viagem fácil. Quantas vão atravessar, no total?

Era o instante que todas tem iam e haviam adiado o m áxim o possível.

– Bem . – Otrera se virou para o grupo. – Podem falar, m eninas. Quantas vão para o norte com Mirina?

Lilli e Kara levantaram a m ão na hora. Foram seguidas por Klito, Pitana e m ais um a m eia dúzia. Mas foi só. Anim one não estava entre elas. Montada em seu

cavalo, com a cabeça baixa, ela não conseguia olhar para Mirina. Contudo, caso tivesse tido coragem para fazê-lo, teria visto o perdão nos olhos da am iga.

– Certo – falou o hom em , depois pôs o dedo no nariz, inspecionou o que havia encontrado e lim pou o dedo na túnica de pele de leão. – Se forem só essas, posso atravessar com o prim eiro grupo agora m esm o, e decidirem os o resto quando m eus com panheiros retornarem .

– E quanto ao pagam ento? – indagou Otrera.

– Bem ... – O hom em coçou o pescoço largo. –... por que não vem os que tipo de rem adores eu consigo arrum ar e de quanto tem po precisam os para levar as senhoras até onde querem ir?

Ele olhou Hipólita de cim a a baixo, dem orando-se em seu cinturão bordado e nas coxas torneadas.

– Tenho certeza de que as senhoras vão ter algo que m e agrade.

Então chegou a hora da despedida. Mirina abraçou todas, um a de cada vez, e por últim o se viu nos braços de Otrera sem conseguir traduzir as em oções em palavras.

– Não precisa chorar – disse a m ulher m ais velha, sorrindo. – Tenho certeza de que logo tornarem os a nos ver. Você vai se dar conta de que as terras do norte não são lugar para viver e vai se j untar a nós antes de o bebê chegar.

Mirina se retesou, espantada.

– Não estou entendendo...

Otrera sorriu e lhe deu um beij o na testa.

– Eu posso não conhecer os hom ens, m as as m ulheres eu conheço. Você está carregando algo bem m ais precioso do que o tesouro do rei Príam o. Está carregando o seu neto.

Em pé na popa do navio, Mirina viu seu m undo e a m aioria das pessoas que conhecia irem dim inuindo de tam anho a cada golpe dos rem os, até nada restar exceto a consciência de que suas irm ãs continuavam lá, esperando os navios

voltarem .

Mas sua tristeza estava anestesiada pela incom preensão causada pelas últim as palavras de Otrera. Seria m esm o possível? Será que um a parte pequenina e im ortal de Páris tinha sobrevivido dentro de seu corpo? Ela m al se atrevia a ter esperanças de que isso fosse verdade, tem endo descobrir que não era e perdê-lo outra vez.

Afastou esse pensam ento e olhou para o pulso, onde antes ficava o bracelete de chacal. Ao dar a j oia a Helena, a pobre e am aldiçoada Helena, j am ais im aginara que fosse querê-la de volta, m as agora sentia falta da sua presença reconfortante. Depois de tudo o que havia acontecido, ansiava pelo perdão: perdão por ter am ado Páris, por ter abandonado a irm andade, por levar consigo a dor aonde fosse. Só não sabia ao certo a quem recorrer. À Deusa da Lua? Difícil.

Até os chacais j á deviam ter perdido a fé em sua antiga senhora.

Não, pensou Mirina: ela teria de encontrar o perdão em si m esm a e em suas dez fiéis com panheiras. Seria preciso reafirm ar sua irm andade em outros term os. Um a vez instaladas com segurança em outro lugar, elas teriam de se sentar para um a conversa e talvez, se ela tivesse sorte, conseguissem encontrar alguém capaz de fabricar outro bracelete.

Um a ordem abrupta interrom peu suas especulações. O dono do navio em que estavam , o bruto que havia se m ostrado tão j ovial quando elas haviam conversado com ele em terra, andava de um lado para o outro pelo convés com seu enorm e porrete, incitando os rem adores e parecendo não ter qualquer escrúpulo em esm agar a cabeça de algum preguiçoso.

– Não confio nele – m urm urou Pitana, indo se j untar a Mirina. – Acabei de ver em seus olhos um a expressão cruel e interesseira. Estou m e perguntando se devem os lhe pedir que dê m eia-volta.

Mirina pensou por alguns instantes.

– Otrera não é ingênua. E tenho certeza de que suas filhas sabem se defender.

Se você tivesse visto o que eu vi naquele dia na planície do Escam andro, concordaria com igo que elas têm tanta vontade de m atar quanto hom ens.

No entanto, depois de cruzarem o estreito com segurança e atracarem na m argem norte, Mirina se dem orou na praia. Queria dar um a últim a palavra com o capitão. Fingindo adm iração, perguntou: – Com o um hom em feito o senhor veio parar nesta região desolada?

Ele deu de om bros, j á sem qualquer preocupação de parecer bem aos olhos dela.

– Matei um hom em . Calculei que era m elhor sair da cidade antes que os am igos dele descobrissem .

Mirina sorriu, tom ando cuidado para esconder sua preocupação.

– Quem foi?

O hom em encarou a água com olhos sem icerrados.

– Um hom em para quem eu trabalhava. Lim pava as estrebarias dele. Muito esterco. Ele não quis m e pagar. Então arranquei os dentes da boca dele.

Infelizm ente, os dentes estavam ligados ao cérebro. Ou pelo m enos estavam quando term inei.

O hom em soltou um a risada que saiu com um ronco e olhou em volta para ver se os rem adores riam tam bém .

– Muito bem – disse Mirina, aj eitando o m achado no cinto. – Não se esqueça de contar essa história para m inhas am igas do outro lado. Elas vão gostar. Agora, antes de nos despedirm os, m e diga seu nom e e eu lhe direi o m eu.

Ela estendeu a m ão. O hom em a olhou com sarcasm o, com o se desconfiando que ela zom basse dele.

– Quer saber m eu nom e? Por quê? Vai m e denunciar? Eu e os outros não estam os procurando problem as. – Ele fez um gesto genérico em direção à costa.

– Nós estam os só... m antendo distância por um tem po.

Por fim , ele apertou sua m ão.

– Não há nada de errado com isso. Meu nom e é Hércules.

Mirina aquiesceu.

– O senhor e eu tem os m uita coisa em com um , Hércules. Som os dois m atadores e, no entanto, querem os paz. Vou lhe dar um conselho: não toque nas m inhas irm ãs. Nós som os as am azonas, m atadoras de hom ens. Som ente os fracos de cabeça tentam a sorte conosco.

– Matadoras de hom ens? – repetiu Hércules e a encarou com um sorriso torto. – Diga isso de novo, e nós talvez a ponham os à prova.

Mirina teve consciência da súbita m udança de disposição entre os rem adores.

Viu que a observaram com aparente cobiça, trocando cotoveladas e m eneios de cabeça aprovadores.

– O senhor quer m e testar? – indagou ela, erguendo a voz. – Está vendo aquele pássaro ali?

Apontou para um a gaivota encarapitada no alto do m astro de um navio um pouco adiante na praia. Então, sem dizer m ais nada, soltou o arco e disparou um a seta com tam anha velocidade e precisão que a ave sequer grasnou ao desabar na areia, transpassada.

– Nós som os as am azonas – repetiu ela com m ais firm eza, enquanto os hom ens olhavam boquiabertos e incrédulos para a ave m orta. – Som os as m atadoras de anim ais e de hom ens. Som os selvagens e habitam os lugares igualm ente selvagens. A liberdade corre em nosso sangue e a m orte sussurra na ponta de nossas flechas. Nada tem em os; é o m edo que foge *de nós*. Quem tentar nos im pedir sentirá nossa fúria.

Com isso, ela virou as costas e se afastou pelo m ato alto, até os hom ens conseguirem ver apenas a ponta de seu arco.

E então, bem na hora em que eles se lem braram de respirar outra vez, ela desapareceu.

PARTE V

E C L I P S E

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

É fato notório que nenhuma das tribos da Germânia vive em cidades e que mesmo individualmente elas não permitem que as casas se encostem; vivem separadas e dispersas conforme a água de fonte, prado ou arvoredo que agradar a cada um.

Tácito , *Germânia* OSNABRÜCK, ALEMANHA O traj eto de carro partindo do aeroporto de Münster m al durou m eia hora, tem po suficiente para eu com eçar a ser acom etida por dúvidas.

– A culpa é sua – falei para o chacal enquanto passávam os por um a planície verde-escura saturada de um idade. – Foi você quem quis se esconder aqui. E

agora?

Era um a tarde chuvosa e triste, tão com um em novem bro no norte da Europa. Em bora eu nunca tivesse estado naquela região da Alem anha, senti-m e por instinto em casa naquele desânim o gelado, que correspondia de form a perfeita ao m eu atual estado de espírito. Meu pânico havia passado, m as restava um a sensação insistente de que talvez tivesse sido m ais sensato pegar um avião de volta para Oxford, cham ar a polícia e pronto. Mas... o que isso m e traria?

Um a sensação tem porária de segurança? Em bora m inha certeza ainda não fosse total, disse a m im m esm a que estava fazendo a coisa certa ao seguir a pista do Dr. Telem akhos sobre o bracelete que havia em Kalkriese. Tanto Reznik quanto Al-Aqrab estavam m uito decididos a encontrar as am azonas, e o único j eito de eu escapar deles, ao que parecia, era chegando prim eiro.

O voo de Istam bul tinha sido dedicado a estudar o resto dos docum entos ultrassecretos de Nick. O que eu havia descoberto contribuíra bastante para esclarecer m inha confusão, m as em nada aliviara m inhas angústias. Ao vasculhar o envelope com certa apreensão, eu havia encontrado outro relatório de detetive escrito em árabe, m ais grosso ainda do que o prim eiro. Só que dessa vez o docum ento não era sobre m im e m inha fam ília; era sobre m im e Katherine Kent.

Várias fotos granuladas m ostravam nós duas na sua sala de Oxford, com um ar

terrivelm ente suspeito, em bora o tem a de nossa conversa quase com certeza fosse algum historiador grego m orto dois m il anos antes. Havia, porém , outras im agens de Katherine bem m enos inocentes. Um a m ostrava-a de luvas diante de um saco de boxe, suada e fazendo careta, outra dentro de um táxi, usando chapéu e uns óculos escuros grandes que praticam ente gritavam “operação secreta”.

Mas a série de fotos que quase m e fez regurgitar os salgadinhos servidos no voo m ostrava m inha supervisora e outra pessoa trocando um pequeno em brulho em um a estação de trem m ovim entada.

Essa pessoa, sem qualquer som bra de dúvida, era a m inha nêm esis loura.

Não tenho certeza de quanto tem po passei ali, folheando as fotos para lá e para cá, tentando entendê-las. Devia ser esse o m otivo do interesse de Katherine por m eus m ovim entos: a ligação com as pessoas responsáveis pelo ataque no labirinto e pelo roubo no porto de Náuplia. Será que isso significava que ela era um a am azona? Eu nunca tinha reparado que usasse um bracelete de chacal, e nenhum a j oia assim aparecia nas im agens.

Foi sob um novo e m edonho aspecto que vi nosso relacionam ento desfilar diante dos m eus olhos, desde o prim eiro encontro, cinco anos antes. Para m eu assom bro e orgulho, a renom ada professora de Oxford havia m e abordado durante um sim pósio de alunos em Londres e expressado interesse em m eus planos. “Se você decidir seguir carreira acadêm ica, eu teria prazer em ser sua orientadora”, dissera ela, do m odo direto que lhe era tão característico. E, com m uita graça, ela havia rabiscado um núm ero de telefone no alto das anotações que eu fizera durante a palestra. Eu lhe telefonara na sem ana seguinte.

Fora um início tão m ágico, um presente tão bem -vindo... Mesm o que o gesto de Katherine houvesse sido ditado por forças externas, eu m e recusava a pensar nele sob um a luz puram ente negativa. Ela havia m e aj udado, e j untas tivem os alguns bons m om entos; eu m e com prazia pensando que nossa relação era gratificante para ela tam bém . Mas então algo acontecera. Eu tinha pegado um avião com o Sr. Ludwig contra a vontade dela, deixado um recado para ela da Argélia, e agora o seu telefone, o m esm o que ela havia m e dado naquele dia em Londres, estava desativado.

Só ao exam inar o últim o docum ento do envelope de Nick com ecei a com

preender a m aldade daquela tram a. Os papéis gram peados eram um a com pilação de artigos de j ornal, textos datilografados e fotos m acabras da polícia m ostrando corpos m olestados e arm as e equipam entos de vídeo confiscados, bem com o um carro todo am assado no fundo de um precipício. Só depois de j á ter lido boa parte do prim eiro artigo encontrei um nom e que reconheci: Alexander Reznik, conhecido no circuito de film es *snuff* com o "Serra de Osso".

Ficou claro que aquilo era o rastro da m orte do am ado filho de Reznik, que conseguira se safar de vários j ulgam entos por assassinato graças às ligações políticas do pai.

Passei algum tem po exam inando as páginas, nauseada com os crim es de que Alex Reznik era suspeito, que incluíam atos bestiais e estarrecedores de canibalism o. Em um trecho m em orável, a seguinte citação lhe era atribuída: "Não é crim e quando *eles* vêm até *você* e concordam em serem com idos."

Quando finalm ente em ergi do poço sem fundo dos m onstros da vida real, m eus olhos deram com um a notícia de j ornal anunciando que Grigor Reznik havia oferecido um a recom pensa de 1 m ilhão de dólares pelas "vadias am azonas" que tinham m atado seu filho. Sua declaração fora: "Tenho tudo gravado, j uro por Deus. Elas devem saber que não vou descansar antes de vê-las em paladas."

O m edonho relatório, aliado à descoberta de que Reznik tam bém estava caçando as am azonas no intuito de assassiná-las, m e provocou calafrios de m edo tão fortes que tive de pedir um cobertor à com issária de bordo. Pelo visto, no final das contas nem Reznik nem Al-Aqrab estavam atrás do ouro das am azonas; a perseguição na qual eu e o *Historia Amazonum* havíam os entrado era m uito m ais m ortal do que um a caça ao tesouro.

Ainda estava gelada quando fiz o check-in no m eu quarto m oderno, aconchegante e confortável no hotel Idingshof, em Bram sche, cidade m ais próxim a do Museu Kalkriese. Ao espiar por entre as cortinas fechadas, contei onze carros no estacionam ento abaixo da m inha j anela, e enquanto estava em frente à j anela m ais um entrou. Esse últim o não estacionou, apenas parou e perm aneceu ali por alguns instantes, com o m otor ligado, antes de ir em bora devagar. À luz do crepúsculo, pude distinguir de m odo vago um hom em ao volante e a m aneira com o ele não parava de olhar para cim a com a m ão encostada na orelha sugeria que estava ao telefone.

Recuei e senti m eu pulso acelerar. Seria um dos detetives da Aqrab? Ou um dos seguranças de Reznik? Com certeza nem m esm o aquele tipo de gente poderia ter m e encontrado tão depressa. Além do m ais, com relação a Reznik, eu não tinha quase certeza absoluta de que Jam es se esforçaria m uito para resolver as coisas antes de voltar para Oxford? Mesm o que ele ainda estivesse chateado com igo, não deixaria Reznik acreditar que eu estava m ancom unada com Nick.

Ou deixaria? Não dava para garantir nada.

Depois que o carro foi em bora, andei de um lado para o outro algum as vezes pelo quarto, tentando m e acalm ar. É claro que o m otorista não estava atrás de m im . Era só m inha im aginação transform ando qualquer som bra em inim igo. Na verdade, pensei com outro calafrio, aquilo devia ser paranoia. Tudo o que eu precisava agora era deixar o chacal m e convencer de que eu era m esm o um a am azona disfarçada, e eu teria então de fato encontrado vovó... transform andom e nela.

Olhei as horas. Meu plano original era ir direto ao Museu Kalkriese, m as j á eram cinco da tarde. Resolvi que no dia seguinte a prim eira coisa que faria seria ir até lá, de m odo a ter o dia inteiro para encontrar e interrogar a m ulher que o Sr.

Telem akhos queria que eu encontrasse.

Após m e certificar de que a porta estava bem trancada, pedi um j antar cedo ao serviço de quarto e, por fim , sentei-m e com o *Historia Amazonum*. Que m om ento im portante, pensei: três sem anas antes, não poderia ter im aginado triunfo m aior do que ter nas m ãos aquele m anuscrito antigo. Nas atuais circunstâncias, porém , não teria sido im possível sentir-m e tentada a trocá-lo por um a das pistolas de Nick.

O texto desbotado na folha de rosto quebradiça inform ava que o *Historia* era dedicado a um am igo e com panheiro de exílio, o poeta rom ano Ovídio, o que sugeria ter sido escrito em ou próxim o a Tom is, na costa rom ena do m ar Negro.

O fato de ser um lugar tão rem oto podia m uito bem explicar por que o texto nunca havia integrado o conj unto oficial de literatura latina, tendo, em vez disso, sido passado de m ão em m ão a particulares até ser transcrito em seu form ato atual, pelos m eus cálculos, em algum m om ento do início do século XVIII.

A narrativa, um a alegre m istura de boatos e especulações pseudocientíficas, com eçava expondo diversas teorias sobre a ascensão e queda da nação am azona.

A m aior parte eu j á conhecia, m as algum as não, e foi com gratidão que escapei do m eu presente repleto de ansiedade para as m argens do sudeste do m ar Negro, ainda que por pouco tem po.

– As pessoas dessa região relatam a seguinte história, que todas sustentam ser verdade – m urm urei com igo m esm a, traduzindo em voz alta um trecho particularm ente interessante. – Segundo elas, depois de sofrerem um a devastadora derrota diante do poderoso Hércules, o bando de m ulheres hum ilhadas teve um desentendim ento terrível, com o as m ulheres às vezes têm .

Revirei os olhos, dei m ais um a garfada no bife em panado que pedira no serviço de quarto e voltei ao texto.

– Enfim ... pelo que m e diz m eu velho e m ofado intelecto rom ano, foi nessa época que a j ovem nação am azona se separou pela prim eira vez. A m etade m ais violenta, segundo dizem , fugiu para o m ar Negro e fundou a ilustre cidade de Tem iscira, enquanto o resto, cansado de tanta destruição e após as trágicas perdas sofridas com a Guerra de Troia, se aventurou nas im ensas florestas setentrionais e caiu no m ais total esquecim ento.

Recostei-m e na poltrona para digerir essa inesperada reviravolta da lenda fam iliar. A parte sobre as am azonas terem se dividido em dois grupos era nova para m im . Perguntei-m e por que nenhum outro autor j am ais a tinha m encionado. Das duas um as, concluí: ou porque era um a bobagem ou porque nenhum outro autor antigo, à exceção de P. Exulatus, se dera o trabalho de registrar a tradição oral da região.

Só m ais tarde nessa noite, depois de eu escovar os dentes e ir para a cam a, foi que o *Historia* finalm ente chegou ao tem a pelo qual eu vinha esperando desde a página um : o Tesouro das Am azonas.

– Quanto ao fam oso tesouro das am azonas – li, j á acostum ada com o estilo retórico e pom poso do texto –, alguns hom ens bem -inform ados são da opinião de que ele nunca chegou a ser levado para Tem iscira e que só os tolos continuam a buscá-lo nessa violenta região. Segundo eles, a rainha am azona a quem o rei Príam o confiou os obj etos m ais preciosos de Troia estava no grupo

que se refugiou nas florestas negras do norte. Por esse m otivo, acredita-se em geral que o tesouro se perdeu há m uito tem po, pois essas am azonas, ao se afastarem do m apa do m undo, afastaram -se da existência com o um todo. Tam pouco nenhum a de nossas coraj osas legiões rom anas estacionadas na Sarm ácia ou na Germ ânia Magna j am ais relataram ter visto nessas partes tesouros que não fossem os prim itivos...

Fiz um a pausa para refletir sobre a tradução adequada.

–... *badulaques* que os bárbaros tanto am am e que nenhum com andante de exército com vergonha na cara j am ais levaria de volta para Rom a em triunfo.

O texto prosseguia com outras observações petulantes sobre os bárbaros do norte, m as o texto era tão difícil de ler à luz da lum inária de cabeceira que decidi deixá-lo de lado até o dia seguinte.

Quando m e deitei, m eus pensam entos se distanciaram à procura de Nick.

Tentei im aginar sua fúria ao descobrir que eu fugira com o *Historia* e com seu envelope secreto... m as foi im possível. Ansiosa dem ais para conseguir dorm ir, levei a m ão à gaveta da m esinha de cabeceira, peguei o docum ento que tanto havia m e chocado em seu quarto naquela m anhã e exam inei m ais um a vez a carta de instruções que ordenava a m orte das am azonas. Seria possível eu ter m e precipitado ao considerar aquilo um a m ensagem de Al-Aqrab para Nick? Agora que sabia sobre a recom pensa m ilionária de Reznik, fazia m ais sentido que *ele*, e não Al-Aqrab, fosse o autor da carta.

Relutando em tirar conclusões, pus a carta de lado e tornei a m e deitar. Estava na hora de questionar tudo em que acreditara até então, decidi. P. Exulatus dizia que as am azonas tinham ido para o norte... e por que não? As histórias folclóricas europeias não m encionavam às vezes donzelas dedicadas à arte da guerra? Até aquele ponto, eu havia descartado com desdém figuras com o as am azonas m edievais que viviam às m argens do rio Danúbio e sua general, Sharka, supostam ente responsável por decapitar centenas de hom ens em um a única batalha e estuprar várias dezenas de prisioneiros durante a noite... antes de m atá-

los tam bém .

Talvez as am azonas tivessem *de fato* sobrevivido nas florestas selvagens da Europa central e setentrional, só que com outros nom es. Será que as valquírias e

donzelas com escudo da m itologia escandinava eram orgulhosas descendentes das antigas am azonas? Essa ideia sedutora m e m anteve acordada por um tem po e pelo m enos m e im pediu de pensar em Nick.

O Museu Kalkriese ficava no m eio de terras cultivadas e florestas, cercado por altos pinheiros em todos os lados. Quando entrei no estacionam ento de cascalho vazio, tive a incôm oda sensação de que as árvores m e observavam , perguntando-se quem eu era e por que viaj ara tanto para perturbar sua paz.

Tinha chovido a noite inteira e, em bora o sol estivesse fazendo o possível para encontrar um a brecha entre as nuvens, a névoa m atinal ainda pairava pesada sobre a paisagem , preenchendo todas as reentrâncias dos cam pos adorm ecidos e prendendo-se a cada grupo de coníferas.

Com certo tem or que o m useu e o parque histórico estivessem fechados por causa do inverno, deixei o carro no estacionam ento e subi a pé um a trilha escorregadia e lam acenta até o centro de visitantes. Só então, quando m e aproxim ei do prédio, vi um a bicicleta encostada na parede e reparei que havia luzes lá dentro. Incentivada por esses m odestos sinais de vida hum ana, abri a porta e fui recom pensada por um a lufada m orna com arom a de café.

Ao ver que eu era a prim eira – e possivelm ente a única – visitante do dia, um j ovem arqueólogo cham ado Felix teve a gentileza de m e servir um a xícara e m e contar um a coisa e outra sobre o m useu. Fiquei tentada a lhe perguntar logo sobre a Dra. Jäger, m as achei que seria pouco sensato revelar o m otivo da m inha visita antes de reunir m ais algum as inform ações.

Ao cam inhar lá fora pelo chão em papado do sítio arqueológico, outra vez reparei nos altos pinheiros que estalavam e sussurravam atrás de m im . Era óbvio que o terreno havia sofrido m udanças consideráveis ao longo dos últim os 2 m il anos, m as foi difícil reprim ir a sensação de estar andando por um solo traiçoeiro, com o o exército de Rom a fizera antes de m im .

Eu j á havia encontrado m uitas vezes a Batalha de Teutoburgo nos livros de história rom ana, m as nunca pensara que um dia visitaria o local ou que a trilha do bracelete de chacal de vovó fosse m e conduzir a um a região tão assom brada.

Segundo os dados históricos, no ano 9 da era cristã, legiões rom anas acom panhadas por forças auxiliares, m ais de 20 m il soldados no total, pereceram nas

florestas da Germ ânia setentrional, e o Im pério Rom ano j am ais conseguiu se expandir além desse ponto. Os especialistas em história latina se referiam a esse evento com o “Desastre de Varo”, culpando de form a im plícita o com andante rom ano Varo pela chocante aniquilação de todo o seu exército.

O que eu nunca havia entendido direito era que a batalha fora um a em boscada executada de form a brilhante por integrantes de tribos da região e que as legiões rom anas tinham sido enganadas para adentrar um terreno que invalidava sua superioridade em m atéria de arm am entos e im possibilitava as form ações de com bate. Obrigado a m archar por um a trilha estreita na floresta, o exército havia se separado a tal ponto que perdera a força num érica, e os soldados, sem dúvida intim idados pela im ensidão das m atas germ ânicas, deviam ter se sentido estranham ente pequenos e vulneráveis m esm o antes de iniciado o ataque.

Além de encurralados entre um pântano traiçoeiro e um a cresta de m ontanha coberta por um a densa floresta, os legionários rom anos foram fustigados pela chuva e cegados pelo nevoeiro. Atolados e desorientados, tornaram -se alvos fáceis para as tribos, que os atacaram da parte alta da floresta e os em purraram para o im enso charco m ais em baixo.

Depois de passear pelo parque, finalm ente entrei no m useu, um a construção cor de ferrugem com um a torre alta em um a das extrem idades. Poderia ter passado o dia inteiro ali, m as estava tão aflita para achar o bracelete das am azonas e ver o que os arqueólogos do m useu tinham a dizer sobre ele que passei correndo pela exposição em apenas vinte m inutos. Em seguida gastei m ais vinte percorrendo tudo no sentido contrário, apenas para confirm ar m inha deprim ente conclusão.

O bracelete não estava lá.

Quando voltava a pé pelo sítio arqueológico, vi que o tem po tinha virado. O

céu estava escuro feito chum bo e as árvores se balançavam com violência ao vento forte. Com o estava m uito nervosa, quase tive a im pressão de que elas haviam sentido a presença de alguém m ais am eaçador do que eu e que, ao seu m odo fantasm agórico e m udo, tentavam m e alertar.

Correndo das prim eiras gotas de chuva, passei pela porta do centro de visitantes e m e alegrei ao ver que Felix continuava a postos, e ainda não ocupado dem ais

para conversar.

– O que vou dizer pode parecer m eio estranho, m as um a pessoa m e contou que vocês tinham um bracelete igual a este aqui exposto no m useu – falei, levantando discretam ente a m anga.

– É m esm o? – Félix exam inou m eu chacal sem parecer reconhecê-lo. – Tenho certeza de que nunca vi nada assim . Interessante.

– Ouvi dizer que a Dra. Jäger trabalha aqui, é verdade?

Olhei para ele com um ar esperançoso. Felix se anim ou.

– Cim e? Sim , ela j á trabalhou aqui. Ainda aparece de vez em quando.

Murm urando algo consigo m esm o, ele verificou um a lista plastificada de núm eros de telefone ao lado da caixa registradora.

– Jäger... Jäger...

Depois de um rápido telefonem a em alem ão, Felix pôs o fone no gancho e m e encarou, radiante.

– Ela convidou a senhora para tom ar um café hoj e às três da tarde e quer m uito lhe contar tudo sobre o bracelete.

Ao sair do m useu, passei algum as horas chuvosas no centro de Bram sche, com prando roupas e outros itens essenciais. Ao voltar para o hotel, fiz questão de entrar por um a porta lateral, só para o caso de alguém estar vigiando as chegadas e partidas dos hóspedes.

A arrum adeira havia passado no m eu quarto enquanto eu estava fora, e logo fui ver se m inhas coisas estavam todas onde eu as deixara. O caderno de vovó e o *Historia Amazonum* eu agora levava com igo aonde fosse, claro, m as deixara o envelope roubado de Nick em um a gaveta da m esa de cabeceira, e sim , ele continuava lá. Só que... eu tinha certeza de que havia posto um folheto turístico por cim a, de m odo a escondê-lo um pouco. O folheto continuava ali, m as agora estava por baixo do envelope.

Agitada e aflita, folheei rapidam ente os docum entos, m as não dei falta de nada.

Seria possível a arrum adeira ter m udado os papéis de lugar? Ou será que eu não m e lem brava direito de com o havia deixado o envelope?

Entrei no banheiro para ver se tudo ainda estava lá. Tirando o fato de a arrum adeira ter virado m inha pasta de dente de ponta-cabeça dentro do copo, não vi nada que sugerisse um intruso.

Com raiva de m im m esm a por m e deixar levar pela im aginação, resolvi não tom ar nenhum a atitude precipitada. Faltava só um a hora para o m eu encontro com a Dra. Jäger. Se eu ainda tivesse dúvidas em relação ao quarto quando voltasse, poderia m e hospedar em outro lugar.

Ao sair do hotel ao volante de m eu carro alugado, não parei de olhar pelo retrovisor para ver se alguém m e seguia. No entanto, em m eio à névoa e à escuridão daquela tarde chuvosa de novem bro, todos os carros pareciam se fundir em um só, e a Mercedes que m e preocupava em um instante no seguinte j á tinha sum ido.

A Dra. Jäger m orava praticam ente do outro lado da rua em relação ao sítio arqueológico que eu visitara naquela m anhã. Ao que parecia, havia m orado a vida inteira na m esm a casinha na floresta, e ser convidada para ir lá era um a grande e inusitada honra. “Procure um acesso de carros com prido que vai dar em um a fazenda abandonada”, tinha explicado Felix. “Vá até o final e estacione.

É ali que a trilha com eça. Eu nunca vi, m as foi o que ela m e disse.”

Estacionei o carro segundo as instruções e entrei a pé na floresta m ais adiante. Enquanto subia a íngrem e trilha de terra batida, com os olhos sem icerrados por causa da chuva fina e pulando por cim a dos riachinhos que desciam por entre o cascalho irregular, ocorreu-m e que aquela cresta coberta por árvores devia ter sido um a parte im portante da floresta da qual as tribos alem ãs haviam lançado seu ataque sobre os legionários rom anos encurralados à beira do grande pântano m ais em baixo.

Segundo determ inadas fontes históricas, alguns anos após a desastrosa derrota, os rom anos tinham despachado para a região outro exército, encarregado de recuperar os estandartes de águia sagrados das legiões perdidas e, se possível, m ontar um relato realista do que de fato acontecera. De acordo com o historiador rom ano Tácito, até m esm o os aguerridos soldados do grupo de recuperação ficaram horrorizados com o que encontraram , pois a floresta ao redor do antigo

cam po de batalha fora transform ada em um abom inável m onum ento à m orte e à destruição. Pilhas de ossos hum anos j aziam ao relento, e crânios decapitados tinham sido pregados em árvores, talvez com o parte de rituais religiosos, talvez com o um alerta a futuros invasores.

Ao percorrer essa m esm a floresta, ainda sem conseguir m e livrar da sensação de estar sendo observada, foi fácil entender a apreensão que os soldados rom anos deviam ter sentido tanto tem po antes. Perto do m useu, os pinheiros pareciam densos e im ponentes, m as ali a floresta era m adura, m aj estosa, e exercia um tipo diferente de intim idação. Pinheiros colossais, com séculos de idade, estavam posicionados a poucos m etros uns do outros, envoltos em névoa; apesar do tem po ruim , sua solenidade m uda m e fez sentir que haviam testem unhado m uita violência ao longo da vida e que há m uito haviam aprendido a guardar silêncio. Mesm o às três da tarde, o lugar tinha um a atm osfera sobrenatural m ais arrepiante ainda do que a chuva.

Quando finalm ente encontrei a casa da Dra. Jäger, um m odesto chalé de pedra situado em um a pequena clareira e cercado por um trecho de m ato alto, j á eram três e quinze. O que deveria ter sido um a cam inhada de cinco m inutos pela floresta havia levado m ais de vinte, de form a que eu nem tinha batido à porta de m adeira bruta e j á decidira ir em bora bem antes de o sol se pôr, para não ter de voltar para o carro no escuro.

– Bem -vinda, bem -vinda! – cum prim entou-m e um a m ulher m ignon de certa idade, sorridente e anim ada, antes m esm o de a porta se abrir por com pleto. – Entre! Estou fazendo *pfefferkuchen*!

Depois de lim par as m ãos na calça de veludo cotelê m arrom , ela fechou a porta atrás de m im e voltou correndo para a cozinha, com o se algo estivesse pegando fogo.

– Não tire os sapatos. O chão está frio.

Até esse instante, eu vinha m e agarrando à afirm ação do Dr. Telem akhos de que a m ulher que estava prestes a encontrar “sabia m uito m ais do que dava a entender”. Consequentem ente, im aginara a Dra. Jäger com o um a am azona enrustida, chegando até a m e afligir com visões de um m achado de batalha de dois m etros de altura decidido a enfim m e deter. Agora, tinha vontade de rir dos m eus próprios m edos. Em bora em boa form a e dona de um a energia visível, a

Dra. Jäger não m e parecia alguém que dedicasse as horas vagas a caçar gente com o Alex Reznik.

Depois de pendurar o casaco encharcado em um cabide feito com um a galhada de cervo, entrei na sala e olhei em volta. Na verdade era um a casa m uito antiga, com paredes de pedra irregulares e um teto caiado e m eio afundado sustentado por vigas de m adeira. Todas as superfícies disponíveis eram dom inadas por algum a parte de um anim al: as paredes estavam cobertas por troféus de caça – cabeças de cervos, j avalis selvagens e até ursos m e encaravam com olhos alertas e vidrados – e todas as cadeiras, forradas com couros e peles.

Um a das poltronas posicionadas de frente para a lareira tinha um a pele de urso m arrom -escura j ogada por cim a, ainda com as patas e garras.

– Quem aqui é caçador? – perguntei quando a Dra. Jäger voltou com um a bandej a de café.

Com um a gostosa risada, ela pousou a bandej a sobre a borda de pedra da lareira.

– A caça é um a coisa de fam ília. Pelo m enos era. Não existem m ais ursos por aqui. – Ela se endireitou e ergueu os olhos para a parede. – Algum as dessas cabeças são antiquíssim as. Eu provavelm ente deveria j ogar fora. Só que... – Ela deu de om bros e serviu o café. – Elas m e fazem com panhia.

Grata pelo fogo, segui seu exem plo: sentei-m e em um a das poltronas de frente para a lenha que ardia e pus os pés na borda.

– Experim ente um dos m eus *pfefferkuchen* – insistiu ela, oferecendo-m e um pote com biscoitos. – São um quitute natalino tradicional, e estou fazendo agora para que possam am adurecer e ficar perfeitos antes das festas. – Ela abriu um sorriso conspiratório, e um par de covinhas j uvenis surgiu em seu rosto. – Para dizer a verdade, eu faço esses biscoitos o ano inteiro. Mas não conte para ninguém .

Conversam os um pouco m ais sobre os biscoitos de pim enta, e então m inha anfitriã uniu as m ãos e disse: – Quer dizer que a senhora veio até Kalkriese por causa do bracelete? Me diga um a coisa, onde ouviu falar nele?

Cogitei por um breve instante dizer a verdade, o que teria significado m encionar

o Dr. Telem akhos, que, com o ele próprio reconhecia, era *persona non grata* no m undo dos m useus alem ães, e acabei dizendo apenas: – Não m e lem bro. Parece que dois braceletes parecidos foram encontrados na Turquia. Aliás, eu tam bém tenho um .

Mostrei-lhe o chacal no m eu pulso. A Dra. Jäger chegou m ais perto, claram ente intrigada.

– Parece bronze. Que interessante... O bracelete que tínham os aqui era de ferro.

Ao ver m inha surpresa, ela aquiesceu de form a m isteriosa, tornou a se recostar na cadeira e cobriu as pernas com um xale.

– Estava no pulso de um a m ulher que caiu no grande pântano 2 m il anos atrás. Quando a encontram os lá, desconfiam os que tivesse participado da Batalha de Teutoburgo, m as ninguém acreditou. Mulheres não participaram da guerra, disseram m eus colegas da academ ia. Mulheres são vítim as, não guerreiras. Mas estava claro para m im que a cabeça dela tinha sido quebrada por um a lâm ina afiada. Além disso, a coluna vertebral com prim ida e o cóccix curvo eram indícios de um a vida a cavalo, e havia sete pontas de flecha debaixo da sua lom bar... – A Dra. Jäger fez um gesto para indicar a região. –... o que para m im sugere que ela carregava um a alj ava cheia de setas. Além disso, ela apresentava fraturas por estresse nos ossos que haviam calcificado enquanto ainda estava viva, fraturas provocadas por lutas e treinam ento físico árduo. É claro que todo m undo concordou conosco em relação a tudo até a hora em que lhes dissem os que o esqueleto não era de hom em , e sim de m ulher. Os arqueólogos sem pre partem , ou pelo m enos sem pre partiram , do princípio de que esqueletos encontrados com arm as eram do sexo m asculino. Nunca lhes ocorreria sequer levantar essa questão, e é bem verdade que às vezes pode ser difícil diferenciar um sexo do outro.

– Bom , e com o vocês sabem que era *mesmo* um a m ulher? – indaguei.

A Dra. Jäger se inclinou para a frente e cutucou o fogo com um atiçador com prido.

– Por causa da bacia. Ela apresentava sinais claros do que cham am os de "diástase da sínfise pubiana", um a condição que pode ocorrer após a gravidez.

Ela devia ter m uitas dores. Foi um achado singular. O único problem a é que o

esqueleto sum iu. Nós o m andam os para um laboratório de m edicina forense para análises m ais profundas, m as ele nunca chegou lá. Foi um escândalo e tanto, na época. Tudo o que nos restou foi o bracelete. E duas sem anas depois de com eçarm os a exibilo no m useu ele tam bém sum iu.

A Dra. Jäger se levantou e foi até um caldeirão de bronze no canto buscar m ais lenha para o fogo.

– Com o pode ver... – prosseguiu ela, esticando-se para depositar os pedaços de lenha onde queria. – Eu sei quase tão pouco sobre o assunto quanto a senhora.

É por isso que estava com esperanças de que pudesse m e revelar m ais.

Ela m e sorriu, desculpando-se. Passam os um tem po caladas, ouvindo a seiva estalar na lenha nova. Então falei: – Tudo o que sei é que existem pessoas que alegam ter visto um núm ero bastante grande de braceletes assim , dos feitas de bronze, espalhados por todo o m undo antigo. Na verdade, cheguei a ouvir um a teoria de que eles eram usados pelas... – Lim pei a garganta com um pigarro e tentei soar casual. –... pelas antigas am azonas.

Acho que não posso culpar a Sra. Jäger por ter rido em voz alta.

– Me desculpe, m as isso é m aravilhoso! – disse ela. – Agora entendo. A senhora conversou com aquele velho inventor de histórias lá da Grécia, Yanni Telem akhos.

Meio constrangida com a sua capacidade de m e desm ascarar, esforcei-m e para encontrar um a explicação, m as ela a descartou com um aceno.

– Não se preocupe – falou, ainda rindo. – Sei que não são só os doidos que sonham com as am azonas, m as tam bém pessoas que gostam de m istério e aventura. – Ela estudou m eu rosto com um sorriso cúm plice. – Você é um a dessas pessoas, Diana?

Talvez tenha sido a lareira aconchegante, ou talvez a sua gentileza... Qualquer que fosse o m otivo, de repente senti um im pulso irresistível de contar tudo à Dra.

Jäger. Desde o sum iço da m inha avó, dezoito anos antes, até m inha chegada à Alem anha na véspera. Mesm o que ela não fosse am azona, e m esm o que não

soubesse m ais do que estava revelando, m esm o assim tive a sensação de que valeria a pena lhe contar m inhas atribulações e descobertas.

Depois de falar sem parar por quase um a hora, finalm ente m e recostei na poltrona e balancei a cabeça.

– Sinto m uito falar tanto...

– Não, im agine – retrucou m inha anfitriã, com um sem blante com preensivo.

– Você passou por m uita coisa. Fez descobertas im portantes. E agora está se perguntando se a sua avó, no fim das contas, tinha razão. Se ela era m esm o um a am azona. – Ignorando m eus débeis protestos, a Dra. Jäger continuou a falar, com os olhos pregados no fogo. – Está pensando: "Se eu seguir a trilha das am azonas até o final, será que vou encontrá-la?" É natural pensar assim , Diana, porque você a am ava m uito. Mas pode ser perigoso passar a vida à espera de um a convocação de outro m undo, sabe? Você com eça a ver coisas, a ouvir coisas... a inventar coisas do nada.

Distraída, ela estendeu a m ão para pegar outro biscoito de pim enta, m as viu que o pote estava vazio.

– Me diga um a coisa: esse caderno da sua avó... ele m enciona algum nom e?

Algum lugar? Qualquer coisa que possa explicar por que essas pessoas tão diferentes parecem tão interessadas nele?

– É essa a questão – falei. – Não sei m uito bem se elas *estão* interessadas, nem por que poderiam estar. O caderno não contém m ensagem nenhum a...

nenhum m apa do tesouro, se a senhora preferir. É óbvio que Reznik está atrás de vingança. Eu sinceram ente não sei o que Al-Aqrab quer com as am azonas, m as tenho quase certeza de que ele está m e usando para tentar encontrá-las. Quanto às am azonas... – Olhei de relance para ela, desconfiando que ainda não acreditasse na presença dessas m íticas m ulheres entre nós. – Elas estão fazendo o possível para m e im pedir.

A Dra. Jäger abriu um sorriso.

– Mas aqui está você.

A toda a m inha volta, os anim ais observavam com atenção de seus postos nas paredes, com o se perguntassem o que eu faria a seguir.

– É – respondi, tanto para eles quanto para m inha anfitriã. – Só que aqui é o fim da trilha; ela vai dar direto naquele pântano. O *Historia Amazonum* diz que um pequeno grupo de am azonas foi para o norte, e isso pode até ser verdade.

Talvez elas tenham continuado a viver aqui na Alem anha por m ais m il anos, fabricado novos braceletes em ferro e lutado contra os rom anos da m esm a form a que tinham lutado contra os gregos. Mas com o vam os saber?

A Dra. Jäger esticou o braço e apertou m inha m ão.

– Volte para Oxford e tente esquecer essas coisas terríveis. Fico feliz que tenha vindo aqui hoj e. Você fez m ais do que qualquer avó poderia ter esperado.

Com esta viagem , tenho certeza de que finalm ente perm itiu a ela ter paz, assim com o você agora ficará em paz. Volte para casa, querida. Volte para casa.

O absurdo desse conselho m e deixou sem fala. Era com o se ela não tivesse entendido o que eu havia lhe contado... com o se achasse que m inha sensação de estar sendo caçada não tinha o m enor fundam ento. Mas estava ficando tarde, e eu não m e sentia disposta a reiterar m inhas preocupações sobre Reznik e Al-Aqrab para alguém que no fim das contas não estava nem aí.

Antes de ir em bora, perguntei se poderia usar o banheiro, e enquanto lavava as m ãos não pude evitar um a espiadela no arm ário de rem édios. Nas prateleiras, vi os crem es e com prim idos habituais... e em seguida frascos de fenol, éter etílico e m orfina... além de duas canecas cheias de instrum entos cirúrgicos.

Aquilo era tão surreal que quase com ecei a rir. Por que cargas-d’água um a adorável velhinha precisava de todo aquele instrum ental m édico? Bichos de estim ação feridos? Acidentes de caça? Procedim entos m édicos ilegítim os? Meu im pulso de rir logo se transform ou em incôm odo. O éter etílico era um anestésico antiquado usado para induzir a inconsciência. Mas em quem ? Visitas bisbilhoteiras? Saí do banheiro sentindo a pulsação latej ar nos ouvidos.

Na pressa de voltar à sala, confundi as portas no pequeno corredor e entrei por acidente em um escuro e m inúsculo escritório. Um a única lum inária se equilibrava com precariedade na borda de um a m esa pequena coberta por

pilhas desm oronadas de papel, e sua cúpula de vidro verde lançava um a luz sinistra e sobrenatural nas prateleiras abarrotadas que cobriam as paredes.

Mas o m ais perturbador daquele côm odo não era a luz espectral nem a ausência de j anelas, e sim o aspecto das prateleiras. Pois elas não continham livros, apenas folhetos. Folhetos brancos idênticos em pilhados uns por cim a dos outros, o m ais apertados possível... alguns chegavam a transbordar de caixas de papelão abertas no chão.

Não pude evitar. Tive que olhar m ais de perto.

Fui até um a caixa aberta e m e abaixei para exam inar a capa do folheto que estava por cim a. Era o catálogo de um a casa de leilões recém -saído da gráfica, com um vaso grego na capa. O proj eto gráfico para lá de sem graça m e despertou um a lem brança. Eu não tinha visto recentem ente o m esm o tipo de catálogo sobre a m esa de Katherine Kent? O único m otivo pelo qual m e lem brava tão bem era que ela o havia guardado dentro de um a gaveta com um a urgência que eu não conseguira j ustificar.

Em um clarão, vi-m e de volta ao porão do Sr. Telem akhos e o ouvi dizer, em tom veem ente de desafio: “Há quem diga que nunca usam telefone nem e-m ail para se com unicar... que usam um a form a im possível de ser rastreada... talvez um a espécie de panfleto im presso.”

Sem conseguir m e conter, peguei o catálogo e com ecei a folheá-lo, percorrendo as páginas rapidam ente em busca de algo escrito no alfabeto das am azonas. Mas tudo o que encontrei foram colunas estreitas com tópicos num erados e um a ou outra im agem em preto e branco de vasos antigos, quadros e outros obj etos à venda. Só que...

Cheguei m ais perto da lum inária e exam inei a foto de um tapete oriental à procura de algum sinal de escrita ou código. Seria m inha im aginação ou um parágrafo quase m icroscópico escrito no alfabeto das am azonas de vovó tinha sido transposto sobre a im agem de m odo a se m isturar de form a perfeita com o desenho do tapete? Um parágrafo tão dim inuto que só poderia ser lido com o auxílio de um a lupa...

Fiquei tão anim ada que quase m e esqueci que era um a intrusa naquele escritório. Foi só quando ouvi um a tábua ranger que larguei o catálogo depressa e m e virei para sair dali.

A Dra. Jäger estava em pé bem atrás de m im , com o sem blante bondoso deform ado por fúria e desconfiança.

– Desculpe! – exclam ei. – Meu senso de direção é péssim o. Mas que coleção incrível de periódicos... – Abri o que torci para ser um sorriso desarm ante. – Arqueologia alem ã, suponho. A senhora é editora?

– Sim – respondeu ela por fim , e sua expressão se suavizou um pouco. – Sou a editora-chefe. Um trabalho ingrato. Mas alguém precisa fazer.

Ela segurou m eu cotovelo com delicadeza e m e guiou de volta até a sala.

– Quer m ais um café? Ou quem sabe um chá?

– Está ficando tarde. Eu deveria m esm o ir andando...

– Eu insisto! – Ela praticam ente m e em purrou de volta para a poltrona em que eu estava sentada antes. – A noite está fria lá fora; você precisa de um a bebida quente.

Com um sorriso quase tão sim pático quanto antes, a Dra. Jäger desapareceu na cozinha e ouvi-a pôr a chaleira no fogo.

Olhei para baixo e vi m inha nova e cham ativa bolsa no chão ao lado da poltrona. Estava bem onde eu a havia deixado, m as na m inha ansiedade achei-a m ais ereta. Fiquei desconfiada. Será que a m inha anfitriã tinha feito um a busca rápida, pensei, e tom ado cuidado para deixar a bolsa em pé direitinho depois?

Com dedos trêm ulos, verifiquei a bolsa e confirm ei que ainda estava tudo ali: o caderno de vovó, o *Historia Amazonum* e todo o dinheiro que m e restava, preso com um elástico apertado.

Não soube o que fazer. Parte de m im estava desesperada para levantar e ir em bora, m as com o sem pre m inha curiosidade foi tão grande que sufocou tem porariam ente m eu bom senso. Será que, por acidente, eu havia encontrado um dos folhetos secretos das am azonas m encionados pelo Sr. Telem akhos?

Um barulho na cozinha m e trouxe de volta de m eus devaneios. Ou talvez sej a m ais exato dizer que a ausência de ruído m e alertou para o furtivo m urm úrio entrecortado de um telefonem a secreto.

Dessa vez, sequer pensei: m eu corpo se levantou da poltrona sozinho.

Acossada por im agens preocupantes – a expressão furiosa da Dra. Jäger, os instrum entos cirúrgicos, as centenas ou m esm o m ilhares de catálogos de leilão –, atravessei o recinto da m aneira m ais silenciosa que consegui, sentindo o pânico aum entar a cada passo. Era óbvio que m inha anfitriã estava determ inada a m e m anter na sua casa por m ais um tem po... m as por quê? E para que aquela ligação secreta? Qualquer que fosse a explicação para seu com portam ento esquisito, tive certeza de que não haveria de ser nada de bom para m im .

Peguei m eu casaco ao passar e irrom pi porta afora sem m e dar sequer o trabalho de fechá-la ao sair. Então com ecei a correr, o m ais rápido que pude, pela trilha que m e levaria de volta até o carro.

A essa hora, a floresta j á estava quase totalm ente escura, e a névoa, m ais densa ainda do que na hora em que eu havia chegado. Quando enfim ouvi a Dra.

Jäger gritar por m im da casa, tive certeza de que ela não conseguia m ais m e ver.

– Diana! – gritou ela, com um a voz esganiçada de tão brava. – Volte aqui!

Estou m andando!

Mas é claro que continuei a correr. Mesm o quase sem conseguir ver um m etro e m eio à frente do nariz, sabia que bastava seguir a trilha e continuar descendo o m orro. Assim , fui descendo, descendo, descendo cada vez m ais pela escuridão e a brum a, pisando em lam a e poças geladas ao tentar m e esquivar dos galhos m ais baixos.

Estava tão certa de lem brar o cam inho que foi um choque quando a trilha de repente se bifurcou. Atarantada, corri de um lado para o outro algum as vezes, tentando determ inar qual dos dois novos cam inhos era o m enos errado. Am bos pareciam subir de volta em direção à floresta, ainda que em direções totalm ente distintas. Tudo o que eu conseguia ver à frente era névoa cinzenta a cobrir um vazio negro feito breu, e nada disso m e agradava.

Foi então, enquanto estava parada sem saber para onde ir, que ouvi um barulho que fez um calafrio varar m eu corpo inteiro. Foi um uivo com prido seguido por latidos, talvez não exatam ente o ruído que um lobo faria, m as quase.

E, no silêncio que seguiu o últim o latido, escutei outra coisa, um som conhecido que, nas atuais circunstâncias, foi m uito perturbador.

Eram os baques fortes e ritm ados de cavalos a galope.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Enquanto os romanos tentavam resistir aos elementos, os bárbaros de repente os cercaram por todos os lados de uma vez só, atravessando a mais densa vegetação como se já conhecessem os caminhos.

Dião Cássio, *História romana* A floresta estava repleta de dem ônios: invisíveis, eles uivavam e silvavam sobre patas de cavalos, com um a assustadora capacidade para entrar e sair da tram a da realidade. Pareciam ora estar aqui, ora ali... e, durante alguns m inutos totalm ente desconcertantes, em lugar nenhum .

Nesse breve intervalo de silêncio, contudo, distingui vozes hum anas graves m isturadas à confusão, ricocheteando entre as árvores e falando um idiom a que não consegui identificar, um a língua que parecia se dissolver na brum a e m e alcançar apenas em fragm entos. Então vieram os tiros, uns dez no m ínim o, em rápida sucessão... seguidos pelo grito m ais lancinante que eu j á havia escutado.

Talvez por estar tão aterrorizada, levei algum tem po para com preender aqueles sons. Se fosse confiar nos m eus ouvidos, havia hom ens, cães, cavalos e os arrepiantes gritos de m orte de um anim al selvagem que eu não conseguia nom ear. A única explicação lógica, concluí, em pé atrás de um tronco de árvore im enso na beira da trilha, era que estávam os na tem porada de caça e aqueles gritos e silvos dem oníacos eram os ruídos naturais de um a presa em fuga.

Desesperada para sair da floresta antes de ser pisoteada por anim ais assustados ou, pior ainda, por seus perseguidores, m ergulhei no arbusto m ais próxim o e com ecei a abrir cam inho pela vegetação rasteira rum o ao sopé do m orro, na direção que torcia para ser a do m eu carro. Talvez tivesse sido m ais lógico ir para o outro lado, de m odo a ser vista pelos caçadores e quem sabe até pedir aj uda, m as algo na ferocidade daqueles hom ens, em suas vozes cada vez m ais altas e seu m odo violento de m ontar m e dizia que era m elhor eles não perceberem que eu estava ali.

Segui engatinhando pelos arbustos espinhosos e logo fiquei encharcada por causa da folhas m olhadas. Batendo os dentes de tanto frio, peguei-m e

suplicando à floresta que perdoasse m inha intrusão e m e deixasse sair dali... m as ela continuou a m e segurar com capins grudentos e espinhos ferozes, fazendo o possível para im pedir m inha fuga.

Com o os arbustos eram m uito densos e eu estava preocupada em evitar os espinhos, nem percebi os cavalos se aproxim ando até ouvir um deles bufar bem alto logo atrás de m im .

O barulho m e perturbou tanto que m e j oguei no chão por instinto e m e forcei a ficar im óvel. Então vieram as vozes, não as vozes graves de hom em que eu tinha ouvido antes, m as um diálogo um tanto sucinto em alem ão entre duas m ulheres.

– Onde ela está? – perguntou um a delas.

– Achei que tivesse visto – respondeu a outra. – Mas agora não tenho certeza.

Houve outra bufada, um a frase que não com preendi dita com sarcasm o... As m ulheres tornaram a se afastar e voltaram a galope para dentro da floresta, atiçando os cavalos com com andos guturais.

Abalada a ponto de m al conseguir coordenar braços e pernas, saí engatinhando o m ais rápido que pude, coloquei-m e de pé por um breve instante para continuar m ais depressa... m as pisei no vazio e despenquei vários m etros por um a encosta, antes de escorregar de cabeça e cair em cim a de uns arbustos que brotavam de um a poça de lam a.

Com um arquej o de susto, levantei-m e do m ato pegaj oso e lim pei a lam a do rosto. Para m inha surpresa, a bolsa nova continuava no m eu om bro e, em bora estivesse tão encharcada quanto eu, pelo m enos estava ali.

Encolhida e de j oelhos, tentei ver onde estava. Quando m eus olhos se acostum aram o suficiente com a escuridão, vi um a luz débil m ais à frente.

Acabei percebendo que era a placa ilum inada que assinalava a entrada para o estacionam ento do m useu, do outro lado da rodovia. Eu literalm ente caíra da floresta para o m eio de um descam pado a poucas centenas de m etros da estrada de acesso à fazenda abandonada.

Quando finalm ente consegui dar a partida em m eu carro alugado, e depois de

ligar a calefação no m áxim o, estava tão gelada e fraca que m al conseguia m e m anter sentada. Dei ré pela estradinha de cascalho e foi preciso toda a m inha concentração para guiar o carro em volta do outro que fora deixado ali em algum m om ento depois da m inha chegada.

Um a Mercedes azul-escura. A m esm a que eu tinha visto no centro de Bram sche, ao sair do hotel m ais cedo naquela tarde. Reparei que tinha placa de Genebra.

Em poucos segundos, m inha fúria superou o m edo. Quem quer que fossem aquelas pessoas, elas não iriam m ais m e seguir. Quase em briagada de tanta raiva, encostei o carro e abri o kit de prim eiros socorros que estava no banco de trás à procura de algo útil. Não havia facas, claro, e nada além disso poderia m e perm itir rasgar os pneus. Mas havia ataduras e band-aids... o suficiente para form ar duas densas bolas que se encaixaram à perfeição nos canos de descarga da Mercedes. “Se o carro for velho, nem adianta tentar”, fora o conselho de vovó quando ela m e ensinara a fazer aquilo. “Só funciona se o sistem a não tiver vazam ento nenhum .”

Finalm ente fui em bora, e tive de m e esforçar ao m áxim o para dobrar m eus dedos frios em volta do câm bio e pressionar o pé anestesiado no pedal do acelerador. No entanto, um a sensação desafiadora de dever cum prido logo com eçou a m e aquecer por dentro. Algo de m au havia acontecido naquela floresta, m as *eu* tinha sobrevivido. Havia hom ens e m ulheres com cavalos e arm as, m as nenhum deles conseguira m e pegar. E agora eu havia conseguido ganhar um pouco de tem po, ou pelo m enos assim esperava.

De volta ao hotel, entrei direto debaixo de um chuveiro quente, de roupa e tudo.

Fui tirando as cam adas enlam eadas um a a um a enquanto analisava m inhas alternativas. Não dem orou m uito, pois só havia um a coisa a fazer: ir em bora o quanto antes.

Se existia um a parte de m im que sonhava com um alegre reencontro com vovó no final de todas aquelas atribulações, ou pelo m enos com um encontro am igável com pessoas que a houvessem conhecido, os acontecim entos daquela tarde tinham m e curado por com pleto. Se a Dra. Jäger fosse responsável por m obilizar as m ulheres que haviam m e caçado na floresta, eu precisava concluir que essas am azonas m odernas – pois era difícil cham á-las de outra coisa –

eram um a am eaça para m im no m ínim o tão grande quanto Reznik.

Enrolada em um a toalha, passei alguns m inutos percorrendo o quarto para recolher m inhas coisas. Não havia tem po para ver se o caderno de vovó e o *Historia Amazonum* tinham sobrevivido intactos ao deslizam ento na lam a; o que eu precisava era encontrar um m apa da Alem anha. Onde ele estava, droga?

Três batidas rápidas na porta interrom peram m inha busca frenética.

Petrificada, fiquei encarando a porta, quase esperando que ela se abrisse com violência. Em vez disso, porém , vi algo deslizar por baixo dela e percebi que era um pedaço de papel.

Cheguei m ais perto e m e estiquei para ver o recado rabiscado: “Você está em perigo. Eu posso aj udar. Nick.”

Um a espiada rápida pelo olho m ágico confirm ou que era m esm o ele do outro lado da porta, com a barba por fazer e o cenho franzido de im paciência.

Fiquei alguns segundos sem respirar, com a m ente tom ada pela indecisão. Eu tinha roubado um envelope ultrassecreto daquele hom em , além de um m anuscrito de valor inestim ável. Era para eu tem ê-lo, porque ele devia estar um a fera. No entanto, o fato de vê-lo provocou em m im um a sensação totalm ente inesperada de alívio e, escondida de form a bem pouco honrada por trás dele, um a alegria extrem a, incandescente, tornou im possível m andá-lo em bora.

Com o coração descom passado por causa daquela aparição repentina, estiquei o braço e abri a porta. Som ente então, quando ele entrou no quarto, ocorreu-m e que eu estava só de toalha e que talvez fosse bom encontrar algum a form a de m e defender, só por garantia.

Nick olhou para o quarto em volta, desconfiado, antes de se virar para m im .

Seus olhos se nublaram ao constatar m eus traj es sum ários e, tenho certeza, as em oções conflitantes ainda estam padas no m eu rosto. Então, com o se tivesse percebido que eu esperava um pronunciam ento seu, ele falou, de m odo um tanto ridículo: – Vim salvar você.

– Na verdade... – Fechei a porta atrás dele. –... você está m e atrapalhando.

Não sei de quem foi a iniciativa. Nick com certeza não tinha a intenção de fazer aquilo, nem eu... m as de repente estávam os nos braços um do outro, fechando a torturante e insuportável distância entre Istam bul e Bram sche.

Foi assustador ver com o todo o resto, inclusive m inhas dúvidas e m entiras, se desintegraram assim que a boca dele encostou na m inha. Com um grunhido que parecia condenar a própria fraqueza, Nick m e beij ou com frenesi, entregando-se, com o se eu fosse o único outro ser hum ano em um m undo de brutos e ele houvesse passado a vida inteira à m inha procura.

– Bem -vindo à Alem anha – sussurrei depois de algum tem po, na vã tentativa de recuperar o fôlego. Mesm o através do suéter, eu sentia o calor e a energia que seu corpo irradiava, e a ideia de largá-lo não parecia nada atraente. – Pode ficar, se quiser, m as eu infelizm ente vou ter de ir em bora.

– Calm a aí, Deusa – m urm urou Nick ao pé do m eu ouvido. – Dessa vez nós vam os j untos.

Mas o j eito com o ele m e im prensava contra a parede sugeria que não estava com a m enor pressa de sair dali.

– Você é um hom em m au. – Acariciei seus cabelos, ainda sem conseguir acreditar que fosse m esm o ele, que tivesse ido tão longe para m e salvar. – Eu deveria ter ido em bora horas atrás... e nunca ter deixado você m e encontrar.

– Ah, eu teria te encontrado em qualquer lugar.

Tentei fitá-lo nos olhos.

– O que Al-Aqrab quer de m im ?

Nick se aproxim ou para m e dar outro beij o.

– Ele não sabe que eu estou aqui.

Arquej ei ao sentir suas m ãos sob a toalha, acariciando m eu corpo nu. Foi um choque descobrir que, em bora um a voz distinta de chacal na m inha m ente ainda m e alertasse para m anter o controle e exigir um a explicação, outra parte, rebelde e fatalista não quisesse nada além de deixar Nick m e vencer, todas as dezessete versões dele.

– Não está com m edo de ser em palado pelas m inhas irm ãs am azonas? – sussurrei.

– Estou. – Ele com eçou a beij ar m eu om bro nu até a curva do pescoço e arrancou de m im um acom panham ento involuntário feito de pequenos suspiros traiçoeiros. – Mas você vale o risco.

Bem nessa hora, o telefone do quarto tocou.

– Ai, droga! – Em purrei-o para longe. – Vej a quem está lá fora.

Enquanto Nick olhava por entre as cortinas fechadas, peguei o fone e atendi com um “alô” ríspido.

Não houve resposta, e a linha ficou m uda.

– O que você está vendo? – perguntei a Nick. – Um a Mercedes azul?

– Não sei bem – respondeu ele, ainda olhando. – Um Audi escuro acabou de chegar.

– O que você acha do seguinte... – falei enquanto corria pelo quarto e ia vestindo peças de roupa aleatórias. Por m ais que m e doesse o sim ples fato de cogitar isso, pensei em um a estratégia de fuga possível. – Que tal a gente deixar o *Historia Amazonum* bem aqui, em cim a da cam a?

Nick fez que não com a cabeça e se aproxim ou para m e aj udar a recolher m inhas coisas.

– Reznik está cagando para o m anuscrito. Era só um a isca para pegar as am azonas que m ataram o filho dele. Agora ele acha que você é um a delas.

– E por que ele poderia pensar que eu sou um a am azona? – gritei do banheiro enquanto recolhia depressa m eus recém -adquiridos e bastante caros produtos de toalete.

– Porque Reznik é um filho da puta paranoico que tira raios X dos convidados sem eles saberem – gritou Nick em resposta. – É para encontrar arm as escondidas, claro, m as braceletes de chacal por acaso tam bém aparecem .

Instantes depois, descem os apressados o corredor silencioso em direção à saída de em ergência. Bem na hora em que Nick estendeu a m ão para a porta branca de m etal, contudo, ela foi aberta pelo outro lado e duas m ulheres surgiram .

Com o usavam roupas de corrida e tinham toalhas nos om bros, m eu prim eiro pensam ento foi que eram apenas hóspedes do hotel voltando da academ ia. No entanto, assim que m eneei a cabeça em um cum prim ento sim pático, um a delas deu um soco na barriga de Nick e abaixou o rosto dele com força em direção ao próprio j oelho.

Fiquei tão chocada com aquela explosão de brutalidade que levei alguns instantes para entender o que estava acontecendo. Apesar do nariz sangrando, Nick reagiu de form a adm irável, desferindo nas adversárias alguns golpes certeiros que elas claram ente não esperavam ... m as então um a terceira m ulher apareceu.

Eu acabara de tirar da parede um quadro pesado que pretendia usar com o arm a quando vi m ais pessoas se aproxim arem da outra ponta do corredor.

Só então m e ocorreu gritar por socorro, m as j á era tarde. Os dois hom ens que vinham na nossa direção estavam enfiando a m ão dentro dos casacos e, por sua expressão, pude ver exatam ente em busca de quê.

Com um grito de m edo, consegui alertar as três m ulheres do perigo, e elas na m esm a hora soltaram Nick e saíram em disparada pelo corredor para interceptar os hom ens antes que os tiros com eçassem .

– Vam os! – cham ei Nick, puxando seu braço. – É a nossa chance.

Peguei as m alas que estavam ao m eu alcance e desci com passos atabalhoados a escada de em ergência com ele logo atrás. Segundos depois, irrom pem os pela porta dos fundos para o j ardim do hotel.

– Por aqui – disse Nick, e no escuro tudo o que pude ver foi a sua silhueta correndo na m inha frente pela gram a m olhada de orvalho.

Nós nos abaixam os para passar por um a cerca eletrificada e seguim os em frente por um descam pado acidentado e encharcado cheio de ovelhas silenciosas, antes de chegar a um a estradinha de cascalho e um carro estacionado j unto a um barracão de ferram entas.

– Não! – falei quando ele abriu a porta do carona para m im . – *Eu* dirij o. Você cuida do seu nariz.

Não trocam os m ais nenhum a palavra até chegarm os à *Autobahn*. Eu estava ocupada dem ais m e certificando de que ninguém nos seguia e Nick havia abaixado o banco ao m áxim o para tentar conter o sangram ento do nariz.

– Quebrou? – perguntei, depois de algum tem po.

Nick grunhiu.

– É preciso m uito m ais do que isso para quebrar esta nareba. Que raios foi aquilo?

– Já m e fiz a m esm a pergunta duas vezes hoj e – respondi. – Acho que a gente foi pego num fogo cruzado. Uns capangas de Reznik lá de Genebra estão m e seguindo em um a Mercedes e tenho quase certeza de que aquelas três adoráveis dam as eram am azonas. O que você acha?

Ele em itiu um ruído de dor que talvez tivesse a intenção de ser um a risadinha.

– Bom , você m e avisou para não irritar suas irm ãs am azonas. Tom e. – Ele abriu o com partim ento entre os bancos, pegou um obj eto e m e entregou. – Seu passaporte novo. Vam os ter que ficar fora de circulação por um tem po. Seu nom e é Artem is Panagopoulos. Achei bom serm os gregos. Você pode falar, e eu serei apenas o m arido dedicado. Que tal um a cabana de praia em um a bela ilhota distante, com os cum prim entos do patrão?

Tive de m e esforçar ao m áxim o para m anter m eu foco na estrada quando m inha vontade era segurar Nick pelo colarinho e sacudi-lo.

– Pensei que você tivesse largado o em prego! Disse que Al-Aqrab não sabe onde você está...

– E não sabe m esm o. Mas ainda trabalho para ele. – Nick m e olhou com um ar hesitante. – Se for algum consolo, quase fui dem itido por roubar o *Historia Amazonum*.

– Sério? – Senti m eu hum or m elhorar com essa inform ação inesperada. – Mas se não foi Al-Aqrab que m andou você pegar o m anuscrito... por que você

pegou?

Nick deu um suspiro.

– Parece que Reznik m andou roubar o m anuscrito de um pequeno arquivo na Rom ênia. Um zelador levou a culpa.

– Mas não foi por isso que você pegou.

– Tá. – Ele subiu um pouco o encosto do banco. – O que aconteceu foi o seguinte: eu tinha ordens estritas para *não* ir à festa de Reznik, m as não pude resistir à tentação de rever você. Só que antes de conseguir abordá-la, fui distraído por um a fulana vestida de m ulher-gato que ficou m e encarando com o se m e conhecesse, depois saiu correndo j unto com um a am iga fantasiada de cam undongo...

– Espere aí. – Tentei m e lem brar da hostil m ulher-gato que havia encontrado no banheiro de Reznik. – Eu tam bém vi essas duas. A de cam undongo foi quem roubou m eu celular em Náuplia. E aposto que foi a m esm a que m e atacou no labirinto.

– Acho que não. – Nick se m exeu no banco e fez um a careta de dor. – A pessoa que atacou você no labirinto roubou seu laptop, e ele estava na casa de Reznik bem antes de a festa com eçar. Tenho quase certeza de que aquelas duas invadiram a casa para roubar *dele* o seu com putador. Agora ele está no fundo do m ar Negro, dorm indo j unto com os peixes *e* com o seu celular. Sej a com o for, e sinto m uito se isso estraga a im agem que você tem de m im com o um crim inoso durão, na festa eu vi essas duas m oças bonitas entrarem de fininho na sala em que Reznik guardava sua pequena coleção de antiguidades. Resolvi ir atrás e as ouvi subir até o últim o andar. Isso m e deu um a chance de verificar a biblioteca. E

foi lá que o encontrei, pronto para ser pego: o futuro acadêm ico de Diana Morgan. Quis lhe dar o m anuscrito naquela m esm a noite, de presente, m as aí as coisas ficaram m eio... estranhas.

Olhei de relance para ele, am olecida com aquela confissão tão sincera.

– Seu gesto m e com ove, só que agora estam os com um bando de capangas de Reznik e um as am azonas duras na queda no nosso encalço.

Nick deu um grunhido infeliz.

– Tá, eu com eti um erro. Estava certo de que as câm eras tinham sido desativadas j unto com o sistem a de alarm e. Mas se eu não tivesse pegado o *Historia*, seu nam orado nobre nunca teria m e delatado, Reznik nunca teria avisado ao m eu pessoal lá de Dubai sobre o roubo e *eu* nunca teria ficado sabendo sobre o raio x que transform ou você em am azona. Cite um a tragédia grega capaz de com petir com essa.

Passam os algum tem po calados. Ali, longe da floresta de Teutoburgo, a noite estava calm a e lím pida, as estrelas cintilavam à nossa volta e um a lua trem eluzente em form ato de foice flutuava no horizonte. Mas a claridade do lado de fora não penetrava em m im . Várias cam adas de confusão se acum ulavam até bem lá no fundo da m inha consciência, e eu m e sentia frustrada por, m esm o agora, sentada ali bem ao lado de Nick, ainda não saber o que estava por trás do interesse da Fundação Aqrab pelas am azonas. Sabia, porém , que não deveria lhe fazer essa pergunta a 130 quilôm etros por hora. Em vez disso, perguntei: – Com o você m e encontrou?

Ele pareceu achar graça na pergunta.

– Vej am os. Você viaj ou com seu próprio nom e, alugou um carro em seu próprio nom e e se hospedou no hotel Idingshof com seu próprio nom e.

Senti que ele estava sorrindo.

– Desculpe, Dra. Livingstone, m as se você não quisesse m esm o que eu aparecesse, não deveria ter deixado um rastro da largura do rio Nilo... ou seria m elhor dizer do Am azonas?

Não retruquei, então ele suspirou e tornou a falar.

– Eu liguei para a Rebecca. Ela teve grande prazer em m e aj udar. Falou que o Sr. Telem akhos tinha dito a você para ir a Kalkriese. Depois disso, tudo o que tive de fazer foi ligar para uns hotéis da região...

Senti um a pontada de indignação.

– A Bex confiou em você?

– E por que não deveria confiar?

Mil m otivos m e vieram à m ente, m as todos pareciam um tanto patéticos se com parados ao fato de que Nick havia desafiado o poderoso Al-Aqrab e ido até a Alem anha para salvar m inha vida e ter o nariz am assado.

Levei o resto do traj eto para narrar m inhas desventuras em Kalkriese, inclusive m inhas suspeitas sobre os catálogos de leilão e sobre a Dra. Jäger ser distribuidora de um a newsletter am azona.

– Faria sentido, não faria? – disse eu quando finalm ente saím os da *Autobahn*.

– *É claro* que as am azonas não podem correr o risco de alguém descobrir sua form a de com unicação secreta... principalm ente não com a recom pensa m ilionária que Reznik está oferecendo por suas cabeças.

De tão absorta que estava na nossa conversa, m al reparei na escuridão à nossa volta antes de ouvir o inconfundível ruído de cascalho sendo esm agado pelos pneus. Nick tinha m e dado indicações e eu obedecera, m as...

– Isto aqui não é o aeroporto de Frankfurt – foi tudo em que consegui pensar para dizer enquanto parávam os o carro em frente a um chalé às escuras.

– É im possível enganar um a filóloga – disse Nick, e desceu do carro. – Achei que a gente precisava de um pouco de paz e tranquilidade.

Ouvi-o destrancar a porta do chalé com um a chave antiquada.

– Que lugar é este, afinal? – perguntei, saindo do banco do m otorista e tentando em vão distinguir à paisagem à nossa volta.

Havia um cheiro de floresta, e o único barulho que se ouvia eram os pios de um a distante coruj a, em bora eu não m e lem brasse de ter visto m uitas árvores ao longo da estrada de cascalho.

– O apartam ento clandestino da Aqrab em Frankfurt?

– Nada disso – respondeu Nick, acendendo algum as lum inárias lá dentro. – Bem -vinda à *minha* Alem anha. Estam os na serra de Taunus, não m uito longe do aeroporto. Agora não dá para ver, m as daqui se tem um a ótim a vista para o

vale do Main. – Ele sorriu por cim a do om bro. – Já m e curei de m uito fuso horário nesta casa. Na verdade, é o único im óvel que eu tenho.

Entrei atrás dele no pequeno chalé. Exceto por um a cam a grande, não havia m uitos m óveis. Um a escrivaninha pequena e um a cadeira frágil estavam posicionadas em frente a um a j anela, e o único outro lugar para sentar era um alm ofadão em frente à lareira.

– O que foi? – perguntou Nick, aj oelhando-se para am assar um j ornal velho.

– Não é chique o suficiente para a Dra. Livingstone?

Olhei em volta para as paredes de pedra bruta e o teto de m adeira. Havia algo de m uito sedutor naquela rusticidade evidente e no leve cheiro de m adeira queim ada que pairava no ar. Aquilo não era o Çirağan Palace, m as, se eu pudesse escolher, preferiria estar ali.

Quando voltei do pequeno banheiro, Nick estava apoiado no console da lareira, esperando o fogo acender.

– Tom e. – Entreguei-lhe um a esponj a de banho m olhada. – Sua vez.

Ele m e lançou um sorriso irônico.

– Eu sei que estou im undo...

– Não m ais do que de hábito. – Aj udei-o a tirar o suéter salpicado de sangue e o vi fazer um a careta, tentando proteger o om bro. – Está doendo m uito?

– Já senti m uita dor desde o dia em que conheci você.

O m odo com o ele m e olhou deixou bem claro o que estava querendo dizer.

– Você devia ter m e dem itido quando teve a oportunidade – sussurrei, correndo as m ãos por baixo da sua cam iseta. – Ou m e deixado m orrer lá no tem plo.

Ele m e silenciou com um beij o. Depois m ais outro. Então, com um m eneio de cabeça irritado, falou: – Eu fiz tudo o que pude para *não* m e apaixonar por você.

Essas palavras m e provocaram um a felicidade ridícula.

– E qual foi o resultado?

Nick pegou m inha m ão, encostou palm a com palm a, e depois de alguns segundos eu não soube m ais dizer de quem era a pulsação que sentia.

– O que m e diz, Deusa? – Ele m e encarou. – Perm ite que este m ortal a am e?

Cheguei m ais perto.

– É perigoso. Mas você gosta do perigo, não é?

Sem hesitar, Nick m e puxou para um abraço, e com eçam os a nos atracar com voracidade. Eu ainda tinha algum as dúvidas, só que não m e lem brava m ais quais eram . A única verdade que eu queria descobrir era a *dele*... qual seria a sensação da sua pele contra a m inha, se a sua im paciência era tão frenética quanto a m inha. Roupas foram arrancadas, m ãos encontraram enfim o cam inho... Nossa urgência para estar j untos foi tal que am bos esquecem os de ser delicados. Ouvi Nick dar um grunhido quando m e agarrei ao seu om bro, m as não tive certeza se era por dor ou prazer. Isso não m e deteve. Eu ansiava por ele m ais do que j á ansiara por qualquer outra coisa e m e apossei do seu corpo com um a avidez de predador. Sem nem m esm o tirar todas as roupas, acabei colada à parede, com um a parte significativa dele dentro de m im , e m eu êxtase foi tam anho que quase perdi os sentidos.

– Ai, m eu Deus – gem eu ele quando finalm ente desabam os j untos sobre o alm ofadão, ele com o nariz sangrando outra vez. – O que você fez com igo?

– Minha Deusa, acho que é o que você quer dizer – m urm urei, lim pando o sangue de seu lábio com delicadeza, ainda tom ada por assom bro e prazer. – Desde quando você ficou tão religioso?

Nick acariciou com os dedos m inha pele suada. A expressão em seus olhos era de reverência.

– Só os im ortais são capazes de atrair um hom em do j eito que você m e atrai.

– Você não gostava tanto assim de m im no com eço.

Ele sorriu, entendendo que eu estava pescando um elogio.

– Não sei se arrastar você para a m inha barraca e abrir a braguilha teria sido a m elhor form a de recebê-la na Argélia. O que você acha?

– Talvez se você prim eiro tivesse raspado aquela barba sarnenta.

Ele riu.

– Cuidado. Se você não se com portar, ela pode crescer de novo.

Mais tarde, depois de nos acom odarm os na cam a, eu por fim fiz a pergunta que vinha m e assom brando havia tantos dias.

– O que você quis dizer naquele dia, em Istam bul, quando falou que j á tinha se sacrificado pelo Jam es? – perguntei, deslizando os dedos pelo seu peito.

Nick sorriu e m e beij ou.

– Você sabe o que eu quis dizer. Se não fosse ele, eu j á teria ficado com você há m uito tem po.

Soltei um a gargalhada.

– Seu patrão não disse para não assediar as funcionárias?

Ele grunhiu.

– O assédio faz parte do pacote.

– Me diga um a coisa... você gosta de trabalhar para o Sr. Al-Aqrab?

Ele pensou um pouco.

– Não.

– Então por que não vai em bora?

– Não é tão sim ples. – Nick pareceu constrangido, quase tím ido. – Acho que chegou a hora de contar. O Sr. Al-Aqrab é m eu pai.

– *O quê?*

Eu teria pulado da cam a se ele não houvesse m e segurado.

– Calm a – falou, beij ando m eu pescoço. – Você não está na cam a com o dem o.

– Não sei.

Eu não sabia se devia rir ou chorar. Era difícil ficar chateada com ele por enfim m e dizer a verdade, m as m e entristecia pensar nele cercado pelo inevitável séquito do play boy, form ado por carros velozes e m odelos de biquíni.

– Defina “dem o”.

– Eu tenho algum as qualidades redentoras, não tenho? – Nick pegou m inha m ão e a guiou por baixo do edredom . – Com o por exem plo um ... coração enorm e?

– Que tal um a explicação enorm e? – rebati, lem brando a m im m esm a todos os excelentes m otivos que tinham m e feito fugir dele em Istam bul. – Vocês espionaram a m inha fam ília! Chegaram até a… contratar um detetive noj ento para engatinhar no m eio de arbustos e fotografar m eus pais na própria casa. E

aquelas pistolas debaixo da sua cam a? Im agino que você as use para m atar pessoas.

Encarei-o para ver se m inhas palavras tinham surtido algum efeito e fiquei bastante satisfeita ao ver seu sorriso desaparecer.

– Então m e desculpe se eu estiver um pouquinho contrariada, para não dizer outra coisa. Desde o prim eiro dia você vem m entindo para m im , m e intim idando, m e m anipulando... eu não sei nem qual é seu nom e de verdade!

Nick sentou na cam a e cruzou os braços em frente ao peito. A luz da lareira desenhava som bras am eaçadoras em seu rosto.

– Meu nom e é Nick. Eu j á disse. Meu pai m e batizou de Kam al, m as m inha m ãe m e cham ava de Niccolò.

– A sua m ãe brasileira? – sugeri, ansiosa para aj udá-lo a prosseguir.

Lem brava-m e bem de nossa conversa em Micenas, em volta do quadro-negro que servia de m esa de j antar na casa do Sr. Telem akhos, quando Nick havia nos entretido com im agens de sua infância pobre, todas falsas, com o eu agora percebia.

– Não. – Ele suspirou e fechou os olhos. – Minha m ãe biológica.

Ele se calou e eu, ainda m eio confusa, fiquei desnorteada de vez. Tinha certeza absoluta de que ele iria falar sobre o conteúdo do envelope que eu havia lhe roubado, a com eçar pelo relatório do detetive sobre os m eus parentes. A consciência de que eu na verdade talvez fosse apenas um personagem secundário na grande explicação de Nick m e causou um estranho choque.

– Meu pai nasceu no Irã, em um a fam ília antiga e rica – com eçou ele, ainda de olhos fechados.

– A fam ília Al-Aqrab, im agino?

– Não, nada disso. – Ele descartou a sugestão com um gesto cansado. – Al-Aqrab é um nom e árabe. Quer dizer “escorpião”. Meu pai m udou de nom e aos 22 anos, quando foi expulso da fam ília.

Talvez sentindo a m inha surpresa, ele abriu os olhos. Sua expressão era tão triste que senti um a fisgada de pena. Som ente então m e ocorreu que talvez o m otivo principal para ele ter guardado segredo durante tanto tem po em relação à verdadeira identidade não era nem tanto um desej o de enganar *a mim*, m as a necessidade de m anter algum distanciam ento do pai. Todos aqueles disfarces e atitudes diferentes, todos aqueles passaportes... será que ele estava se escondendo não apenas de saqueadores e contrabandistas, m as tam bém de si m esm o?

Cheguei m ais perto e lhe dei um beij o na bochecha, o que lhe causou um sorriso.

– Trinta e quatro anos atrás, m eu pai conseguiu entrar para a equipe de rem o de Oxford – continuou. – Ele e os com panheiros foram a Londres com em orar.

Lá ele conheceu um a m ulher e os dois acabaram passando a noite j untos. Só que ela sum iu antes de o dia raiar e ele nunca m ais a viu.

Nick então se levantou da cam a e desapareceu dentro da pequena despensa, nu em pelo, deixando-m e ali a pensar com o eu tinha conseguido ficar longe daquele hom em lindo durante tanto tem po e, um pouco m ais relevante, se aquele era o final de sua história.

Minutos depois, ele reapareceu com um a garrafa de vinho tinto, dois copos e um pacote de biscoitos salgados. Só quando estávam os am bos com um copo cheio na m ão foi que ele brindou com igo e prosseguiu: – Um ano m ais tarde, m eu pai recebeu um bebê j unto com suas correspondências. Era eu. Tinha um bilhete j unto que dizia: “Hassan, querido, esse é o nosso filho. O nom e dele é Niccolò. Por favor, perdoe o m enino. Ele não tem culpa pela m ãe ser o que é.” Tinha m ais coisa, m as nada disso im porta agora. O bilhete estava assinado “Mirina”.

Sem saber o que dizer, fiquei encarando-o.

– Com o você pode im aginar, m eu pai passou 33 anos tentando reencontrar essa tal Mirina – prosseguiu ele, tom ando um gole de vinho. – Está convencido de que ela é am azona. Era linda, forte, e as circunstâncias do encontro deles foram bizarras. Meu pai estava voltando a pé de um a boate com os am igos quando um a linda m oça latina se j untou ao grupo e o segurou pelo cotovelo. Só m ais tarde, quando ele relem brou o que havia acontecido, foi que lhe ocorreu que nessa hora a rua estava cheia de carros de polícia, todos com a sirene ligada. Enfim , a m oça andou até o hotel com eles e seguiu m eu pai até o quarto. Ele estava tão fascinado com ela que não se opôs. Assim que ficaram sozinhos, ela pediu licença e foi até o banheiro. Com o dem orou um pouco, m eu pai bateu na porta e perguntou se ela estava bem . Ninguém respondeu. Quando ele tentou abrir a porta e viu que estava trancada, arrom bou-a com um chute, pensando que talvez ela estivesse usando drogas ou tentando se m atar... Todo tipo de coisa passou pela cabeça dele. Encontrou-a sentada no boxe, tendo um a crise histérica de choro. A princípio, pensou que ela estivesse ferida, porque viu sangue na toalha de m ão sobre a pia, m as não conseguiu encontrar ferim ento nenhum . Então reparou na faca de caça sobre a pilha de roupas dela.

Nick m e fez um a careta.

– Meu pai ficou intrigado, claro. Quem é essa m ulher? O que ela fez? Tentou conversar com ela, m as ela o em purrou para longe e perguntou, com sarcasm o: “Você sabe qual é a punição por m acular um a am azona?” No fim das contas, ela se levantou, se secou com a toalha, e m eu pai a convenceu a passar a noite

no quarto dele. Não sei os detalhes, m as com o fui concebido nessa noite, posso deduzir que m eu pai não dorm iu na poltrona. E, sim ... – Nick m eneou a cabeça para o m eu braço. –... ela usava um bracelete igual ao seu. Por isso m eu pai foi a Micenas trinta anos atrás, conversar com o Sr. Telem akhos.

Com isso, a longa fileira de dom inós finalm ente com eçou a cair na m inha cabeça.

– Claro! – exclam ei. – Era o seu pai! O Sr. Al-Aqrab! *Ele* era o Chris Hauser de Baltim ore, não era? Por isso você ficou tão estranho naquele dia.

– Fiquei? – Nick pareceu m eio confuso. – Bom , você não acha norm al? Eu não fazia ideia de que m eu pai j á tinha estado lá, com um nom e falso. Até agora não entendo com o o Sr. Telem akhos fez a ligação. Eu não m e pareço nem um pouco com o m eu pai. Ou será que sim ?

– Ele é o Oráculo, afinal de contas – falei, esquivando-m e da pergunta com diplom acia. – Disse que a m inha bolsa ia aparecer de novo, e apareceu m esm o.

Nick m e olhou com o se não tivesse certeza de até que ponto eu o havia perdoado. Então tocou m inha bochecha com um gesto esperançoso e sussurrou: – Ele m e disse que você era m inha alm a gêm ea. Mas isso eu j á sabia.

Beij ei a palm a da sua m ão.

– Gostaria que a gente tivesse tido esta conversa antes de ir para Istam bul. Ou pelo m enos antes de *sair* de Istam bul.

Nick balançou a cabeça.

– Diana. Eu só fiquei sabendo disso tudo *ontem à noite*. Depois que você sum iu, peguei um avião até Dubai para conversar a sós com m eu pai, o que é sem pre um desafio...

– Você foi até Dubai? Mas eu acabei de ver o seu pai no Çirağan Palace com o Sr. Ludwig...

– Ele é um cara bem escorregadio – disse Nick, servindo m ais vinho. – Eu tinha pedido a ele para m e explicar tudo... que raio a gente estava fazendo, qual era o

seu papel, por que Reznik estava atrás do caderno da sua avó. Foi por isso que ele m e deu o envelope, que *você* então, bem a propósito, roubou de m im .

Nick m e lançou um olhar de esguelha.

– Aliás, ele tam bém m e deu as pistolas para o caso de Reznik aparecer. É o seu j eito de dem onstrar am or.

Em sinal de em patia, apoiei a cabeça no seu om bro.

– Eu sinto m uito...

– Não precisa. Se você não tivesse fugido desse j eito, eu nunca teria arrancado dele a verdade. Sem pre soube que m inha m ãe não era a m ulher que tinha m e dado à luz, m as com o você m esm a disse, antes de conhecer você eu m al sabia soletrar a palavra “am azona”. Na verdade, foi só naquela noite no veleiro, quando você m e contou da sua avó e disse algum a coisa sobre as am azonas abandonarem seus filhos hom ens, que com ecei a desconfiar que a nossa viagem tivesse algo a ver *comigo*. Meu pai tinha m e incum bido de um a m issão estranha, basicam ente ficar perto de você e ver o que seria revelado, m as não tinha m e explicado o que queria.

– Por que não? Por que todo esse segredo?

Nick deu um suspiro profundo.

– Meu pai é assim . Ele sem pre diz: “Aquele que controla o presente pode reescrever o passado.” Só que eu nunca tinha m e dado conta de que ele estava falando sobre si próprio. Acho que quando você com eça a m entir para os outros e a construir um a realidade alternativa, não pode de um a hora para outra desm ontar tudo e pronto.

Ele tornou a balançar a cabeça. Tinha um ar tão som brio quanto eu m e lem brava de ter visto na Argélia.

– Parece que eu estou m entindo para você desde o com eço, eu sei, m as o fato é que eu estava só passando adiante as m entiras que o m eu pai contou para *mim*. Não fazia a m enor ideia de que ele tinha passado 33 anos à procura das am azonas e de que o seu envolvim ento com arqueologia era só um a desculpa para escavar cada form igueiro do Mediterrâneo...

– Talvez ele achasse que estivesse protegendo você – sugeri, pensando nos m eus próprios pais. – Mas nesse caso... por que quis que *você* encontrasse o rastro das am azonas? Im agino que era com isso que ele esperava que eu fosse aj udar...

– Ele queria dar à m inha m ãe biológica um a chance de m e conhecer, foi o que m e disse. – Nick franziu o cenho. – Pessoalm ente, acho que é um j ogo de poder. Ele quer provar que estava certo, no fim das contas, e que as am azonas *existem* m esm o. Disse para ficar de olho em você... para segui-la, ver aonde você queria ir.

Senti um a pontada de desconfiança.

– Mas você m e m andou em bora. No prim eiro dia. Por que m e m andar em bora se você diz que estava incum bido de m e seguir?

Nick concordou com um m eneio de cabeça.

– Quando a gente se conheceu, m inha prioridade era o tem plo. Pensei que você fosse atrapalhar por causa do seu vínculo com Oxford e com os Moselanes.

Ele sorriu, talvez reconhecendo com o tudo tinha sofrido um a m udança dram ática desde então.

– Preciso adm itir um a coisa: estava louco para m e livrar de você. Mas quando conversei com m eu pai, ele deixou bem claro que você era m ais im portante do que o tem plo – disse e, passando um braço à m inha volta, m e deu um beij o na testa. – Mal sabia ele com o tinha razão.

– Mesm o eu sendo um a am eaça?

– Um a am eaça com bracelete de am azona. – Nick encostou um dedo no chacal. – Isso anim ou bastante as coisas. Meu pai ficou convencido de que, m ais cedo ou m ais tarde, você iria m e conduzir à grande nave-m ãe das am azonas. E

com o isso estava dem orando a acontecer, ele im aginou que pudesse dar um j eito de provocá-las, de obrigá-las a agir. Por isso quis que eu devolvesse o seu celular naquela últim a noite na Argélia: queria ver para quem você ligaria e o que iria acontecer. Ele j á desconfiava que a sua colega de Oxford, Katherine Kent, estivesse envolvida com as am azonas, só não sabia que papel ela desem

penhava.

– Que beleza – falei. – Fazendo experim entos científicos com o próprio filho.

Bum ! Nessa ele com certeza acertou em cheio. Im agino que sej a pelo m esm o m otivo que fez você espalhar o boato sobre o Tesouro das Am azonas, para aum entar a pressão sobre elas.

Nick deixou a cabeça pender, parecendo tão contrito quando devia pelas atitudes do pai.

– E pensar que eu dei continuidade ao j ogo dele, em purrando você na direção dos problem as. Sim plesm ente não percebi o que a gente iria enfrentar. Nem ele.

Parece que estava convencido de que, em algum m om ento, m inha m ãe iria perceber quem eu era e se revelar para m im . E se isso não acontecesse... não teria problem a, porque eu não sabia nada sobre ela m esm o. Ele com certeza j am ais im aginou que fosse se envolver na guerra entre as am azonas e Reznik.

Passam os algum tem po em silêncio. Era estranho ficar ali sentados vendo as cham as dançarem na lareira e saber que, enquanto aquela m adeira ardia, m eu universo inteiro havia m udado de perspectiva. Por fim , acabei m e aconchegando j unto a Nick e falei: – Você m e disse que seu pai era m úsico de rua. Eu gostava assim .

Ele suspirou.

– Bom , ele era. E eu era *mesmo* o m olequinho que passava o chapéu. Quando a fam ília dele no Irã soube do bebê, ou sej a, de *mim*, ficou um a fera. Quiseram que ele se livrasse de m im e continuasse os estudos em Oxford com o se nada tivesse acontecido. Com o m eu pai se recusou, eles cortaram relações por com pleto. E quando ele conversou com a adm inistração da faculdade e se ofereceu para trabalhar em troca de com ida, abrigo e estudos, eles responderam que não, que ele não podia ficar lá com um bebê... não era esse “o protocolo de Oxford”. Meu pai não tinha dinheiro, não podia voltar para casa... Então m e pôs dentro de um a m ochila e entrou para um grupo de m úsicos itinerantes. Foi assim que fom os parar no Rio, onde ele abriu seu prim eiro negócio e conheceu a m ulher que virou m inha m ãe adotiva. Ele é um típico hom em que construiu a própria fortuna. Conviver com ele é exaustivo. Ele tem necessidade de controlar tudo.

– Até você?

– Principalm ente eu.

Tentei sorrir.

– O pessoal lá de Oxford não gosta m uito dele. Tenho a im pressão de que ele é bem ... im placável?

Nick apertou m inha coxa.

– Ele não é tão ruim quanto as pessoas gostam de pensar, só é focado nos próprios obj etivos. Já ouviu falar em algum capitalista bem -sucedido que *não* fosse considerado im placável? É o preconceito preferido da m assa de m anobra não pensante.

– Mesm o assim , im agino que ele não vá ficar m uito satisfeito se descobrir que você está envolvido com um a acadêm ica de Oxford.

Nick se virou e m e encarou com um sorriso torto.

– Ele entenderia m inha necessidade de conquistar a princesa de gelo que nem sequer se dignava a apertar m inha m ão.

Seu sorriso se desfez e ele correu os dedos por toda a extensão do m eu corpo, com o para dem onstrar a liberdade com a qual aquela m ão antes desdenhada agora podia se m over.

– Foi isso que você fez? – indaguei, quando ele se inclinou para um beij o. – Derrotou m inha soberania glacial?

– E não foi? – Ele rolou para cim a de m im . – Estarei sentindo um a rebelião?

Relaxei sob o corpo dele e ele sorriu.

– Não parece.

– Cuidado – avisei. – Pode ser um a em boscada. A qualquer m om ento m inhas irm ãs am azonas podem derrubar a porta com um chute...

– Tem razão. – Ele im obilizou m eus braços contra a cam a. – É m elhor eu

andar logo.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Até aqui (e nesse ponto os boatos correspondem à verdade), e somente até aqui, o mundo alcança.

Tácito, *Germânia* Acordei de repente, com o coração em disparada, tem endo que tudo não houvesse passado de um sonho. Quando vi Nick ao m eu lado, porém , dorm indo um sono profundo, senti um alívio tão grande quanto se houvesse acordado de um pesadelo. Aconcheguei-m e j unto ao seu calor delicioso e m e dem orei a observá-

lo enquanto a luz do novo dia o banhava. Com o era possível aquele hom em glorioso ter descoberto, em m enos de um m ês, facetas m inhas, para não dizer um rol inteiro delas, que eu nem im aginava que existiam ?

– Me dê só um instantinho, Deusa – resm ungou ele. – Eu sou m ortal, lem bra?

Apesar do nariz m achucado, até dorm indo Nick parecia o trabalho de um artista. Ocorreu-m e que, apesar de todos os seus segredos, seu corpo não carregava m arcas de sua história difícil. Nenhum a cicatriz, nenhum a j oia, nenhum a tatuagem dava qualquer pista sobre suas origens ou as m ãos pelas quais ele havia passado antes de cair nas m inhas. Kam al al-Aqrab vivia com um a origem forj ada e ele próprio confessara ter passado toda a vida adulta fugindo de im postores interesseiros que não conseguiam ver o hom em de verdade por baixo da etiqueta de luxo.

Nisso, éram os m ais parecidos do que eu de início quisera reconhecer. Sim , havíam os crescido em volta de fogueiras bem diferentes, para não dizer em cavernas inteiram ente distintas, m as tam bém tínham os m uita coisa em com um , sobretudo em m atéria de fugas e buscas. Enquanto Nick havia percorrido os cantos m ais rem otos da Terra tentando escapar das am bições im periais do pai, eu tinha galopado até o passado para com bater quem afirm ava que as am azonas não passavam de nom es desbotados em pergam inhos esfarelados. Que coisa estranha e m aravilhosa nossos cam inhos terem se cruzado daquele j eito.

Agitada dem ais para voltar a dorm ir, esgueirei-m e para fora da cam a e fui até a lareira ver se conseguia reavivar as brasas. Então virei-m e enfim para a bolsa toda suj a, preparando-m e para a devastação que talvez encontrasse lá dentro.

Era a terceira bolsa que eu fora obrigada a usar no intervalo de duas sem anas. Torci para a bruxa das bolsas logo se cansar de m im .

Felizm ente, o *Historia Amazonum* sofrera apenas danos m ínim os. O m ais afetado pela m inha queda na encosta enlam eada fora o caderno de vovó.

Desm ilinguido e encharcado, ele tinha agora praticam ente a m esm a textura de um pano de prato. Deu vontade de chorar quando a capa soltou na m inha m ão e vi que a tinta azul tinha ficado tão m olhada que se tornara ilegível.

Sentei-m e à escrivaninha j unto à j anela e separei com cuidado as páginas no m eio, na esperança de que a um idade não houvesse penetrado até o m iolo... em vão. De todas as centenas de palavras que vovó traduzira para m im de form a tão m eticulosa, não havia sobrado nenhum a.

Arrasada, folheei o caderno a esm o para ver se restava algum vestígio das palavras e se eu de algum a form a poderia reconstruí-las. Foi então que vi...

A escrita invisível.

Era um a única palavra, escrita a cada três páginas ou algo assim , m as isso bastou para eu m e levantar e saltitar pelo quarto, num a anim ação silenciosa.

O que vovó tinha usado? Lápis de cera branco? O que quer que fosse, era ilegível enquanto a tinta azul cobria cada página. Mas agora que não restava nada além de m anchas, o lápis de cera branco, por ser gorduroso, sobressaía ao repelir o azul aguado. Muito sim ples.

Durante todo aquele tem po, pensei com um a careta, eu viera carregando a m ensagem secreta de vovó. Se não fossem os m aus bocados que passara na véspera na floresta de Teutoburgo encharcada, eu talvez j am ais descobrisse a verdade.

Sentei-m e outra vez e com ecei a exam inar o caderno ensopado desde o início, segurando cada um a das páginas contra o sol que nascia por cim a do prado lá fora para detectar os rabiscos ocultos.

Só que não foi tão fácil quanto parecia. À prim eira vista, nenhum a das palavras fazia sentido. Intrigada, vasculhei a gaveta da escrivaninha, encontrei bloco e caneta e com ecei a transcrevê-las na ordem exata em que as havia encontrado:

PHIN XPO LEMS AHI PP LA PAD OB REMS

APA NTA RIT ETH ERMO DO AMR PE SI AACI BI EINY THYI AMO LP AD AV AB URUS I Depois da confusão inicial, com ecei a atacar a lista com todas as técnicas de quebra de código que conhecia: em baralhando as letras, trocando sílabas de lugar, pegando todas as prim eiras ou todas as segundas letras... m as nenhum a das tentativas resultou em nada sequer rem otam ente inteligível.

O fato de as palavras m e serem fam iliares de um m odo vago do j eito que estavam , ainda que não fizessem sentido, era particularm ente frustrante. Eu tinha a sensação de que, com algum a m inúscula adaptação ou m udança de perspectiva, tudo iria se esclarecer de form a perfeita. Contudo, a lista parecia ao m esm o tem po grega e latina, e eu duvidava que vovó tivesse dom inado esses idiom as. Mesm o que um dia tivesse sido arqueóloga, seria m esm o possível, tantos anos depois, ela ter conservado fluência suficiente para elaborar um a m ensagem ? Além do m ais, se aquilo estivesse m esm o escrito em um a m istura de idiom as antigos, com o ela podia ter certeza de que *eu* algum dia conseguiria ler?

De qualquer form a, estava claro que ela quisera se assegurar de que o recado não cairia em m ãos erradas. A questão era: qual o critério para as m ãos serem consideradas *certas*? Que conhecim ento vovó queria que eu adquirisse antes de ser considerada digna da sua confiança?

Mas é claro.

Ali estavam elas, tão distintas quanto qualquer constelação em um a noite sem nuvens.

Estava tão absorta em m inha descoberta que pulei de susto quando Nick m e abraçou por trás.

– Se você não voltar para a cam a neste instante, vou ligar para a Anistia Internacional – balbuciou ele j unto aos m eus cabelos.

– Mas é que estou prestes a fazer um a grande descoberta – protestei. – Me dê só um segundo...

– Desculpe. – Ele m e levantou da cadeira e saiu m e carregando, com anotações,

caneta e tudo. – O deus das grandes descobertas sou *eu*, e é ali que elas acontecem .

Só depois, quando consegui extrair os papéis do m eio dos lençóis em bolados, foi que consegui entabular com ele um a conversa de verdade sobre a m ensagem secreta de vovó.

– Consegui! – falei, acenando com m inhas anotações. – É basicam ente um a lista de nom es de am azonas dividida em pedaços, com um a letra faltando.

Nick coçou a bochecha onde os pelos da barba com eçavam a despontar e pegou a lista, que dizia:

PHINX POLEMSA HIPP LAPADO BREMSA

PANTARITE THERMODOA MRPESIA ACIBIE

INYTHYIA MOLPADA VABURUSI?

Depois de ler os nom es, ele m e devolveu o bloco.

– Isso explica tudo.

– Só quem conhece as lendas am azonas conseguiria entender o que está escrito – expliquei. – Os nom es não são óbvios. Olhe só... – Entreguei-lhe o últim o pedaço de papel, que dizia o seguinte:

SPHINX POLEMUSA HIPPO LAMPADO BREMUSA

PANTARISTE THERMODOSA MARPESIA ALCIBIE

MINYTHYIA MOLPADIA VABURUSI?

– *Sphinx* não quer dizer esfinge? Que eu saiba, a esfinge é um anim al... – com entou ele.

– Pois é – concordei, pegando de volta a lista em suas m ãos. – Im agino que sej a um alerta. “Cuidado com o enigm a.” Depois disso, é só um a lista de nom es de am azonas. Se bem m e lem bro, Polem usa e Brem usa lutaram com Pentesileia, Molpadia participou do saque a Atenas, e assim por diante. O único nom e que não estou reconhecendo é o últim o: Vaburusi. Mas pouco im porta.

Preste atenção nas letras que estão faltando. Elas form am a palavra “Suom ussalm i”.

– Que ainda precisa ser desem baralhada – disse Nick, com eçando a entender a brincadeira.

– Não! – cutuquei-o com a caneta. – Onde você estudou? É um a cidade na Finlândia, ao sul do Círculo Polar Ártico.

Ele estreitou os olhos.

– Por favor, não vá m e dizer que você quer ir para lá.

Sentei-m e ereta na cam a, ainda tonta de anim ação.

– Por que não? Você não acha isso incrível? Vovó está nos dizendo para ir até Suom ussalm i. Dá para ouvir.

– Que estranho. – Nick inclinou a cabeça, com o quem escuta um cham ado distante. – Já eu acho que ela está nos dizendo para ficar aqui m esm o... nesta cam a. Na verdade...

Ele estendeu a m ão e m e agarrou pelos braços e, em bora um pouco chateada por ele parecer tão desinteressado na m inha descoberta, não pude reprim ir um a risada quando ele m e puxou para cim a de si.

– O que aconteceu com a ilhota distante?

– Por que não com eçar com *esta* ilha aqui?

Bem nessa hora, o celular dele tocou. Ele o ignorou.

Um m inuto depois, o aparelho recom eçou a tocar. Quando Nick enfim olhou para a tela, fez um a careta e passou o aparelho na m esm a hora para m im . Eram m eus pais.

– Ah, graças a Deus você está bem ! – disse m eu pai, com um a voz estranham ente abalada. – Não tínham os certeza se conseguiríam os falar com você nesse núm ero. Onde você está? De quem é esse telefone?

Hesitei, sem querer responder a nenhum a das duas perguntas.

– Não im porta! – interrom peu m inha m ãe. – Meu bem , a gente recebeu um a ligação às quatro horas da m adrugada e ficou sem entender.

– Era um a pessoa bem desagradável – disse m eu pai. – Ela nos disse para inform ar a você que... – Ele fez um a pausa para se lem brar dos term os exatos.

–... que você tem três dias para entregar o caderno. A pessoa m encionou um banco de parque específico em Paris. Se você não obedecer... – Meu pai pigarreou para tentar soar profissional. –... coisas ruins vão acontecer com quem você am a.

Fiquei tão chocada que nem tentei fingir que o assunto não era sério.

– Sei que parece assustador, m as estam os tentando arrum ar um a solução – falei.

– “Estam os”? Quem ? – quis saber m eu pai. – Isso tudo tem a ver com Bex?

– Não – respondi. – Tem a ver com a vovó.

Reprim i um im pulso infantil de acrescentar “e a gente não estaria nesta situação se tivesse sim plesm ente *conversado* sobre algum as dessas coisas”, porque na verdade seria inj usto. O que eu disse foi outra coisa.

– Mas não se preocupem , não é tão ruim quanto parece. Eu explico quando a gente se vir. Enquanto isso, não está na hora de vocês irem passar aquele fim de sem ana na praia? Sei que é novem bro, m as por que não pegam o carro até algum a pousadinha aconchegante na Cornualha e passam um tem po lá? Com um nom e falso. Por favor.

– Reznik – disse Nick assim que eu desliguei. – Ele sem pre escolhe um banco.

E um lugar cheio de gente. E foi típico do Moselane dizer a ele onde os seus pais m oram .

Senti um a absurda pontada de irritação.

– Por que não as am azonas?

Nick desceu da cam a e com eçou a procurar nossas roupas.

– As am azonas não estão em guerra contra a gente; estão em guerra contra *ele*. Se elas quisessem m esm o esse caderno, pode apostar que j á teriam roubado há m uito tem po.

– Talvez elas nem soubessem da existência do caderno.

Nick passou a cam iseta pela cabeça e fez um a careta de dor.

– Verdade. E com o *Reznik* soube do caderno? Por Jam es?

– Jam es não sabe sobre o caderno – falei. Então algo m e ocorreu e soltei um grunhido. – O envelope! Aquele que eu peguei de você. Os capangas lá de Genebra devem ter exam inado os docum entos no m eu quarto de hotel em Bram sche. Não sei se você se lem bra, m as lá tinha um artigo de m edicina escrito por um tal Dr. Trelawny...

– Eu não cheguei a essa parte – falou Nick com o cenho franzido. – Só vi o relatório do detetive sobre você e a carta de Reznik para a rede de inform antes dele...

– A carta para Jum bo? Pensei que fosse um a m ensagem para um m atador de aluguel. Na verdade, pensei que fosse para *você*.

– Jum bo, que nem aquele elefante fam oso. Orelhas grandes, entendeu? – Nick dem onstrou com um gesto. – Reznik estava tentando coletar inform ações. A recom pensa m ilionária só veio depois. Com o ele é um cara paranoico, tem câm eras por toda parte, e o coitado acabou film ando o assassinato do próprio filho. Vou poupá-la dos detalhes. Digam os apenas que Alex Reznik sabia quem o estava m atando e por quê. Foi isso que detonou a fixação de Reznik pelas am azonas. Não sei quão perto ele está de encontrá-las, m as o interesse dele pelo caderno de sua avó m e diz que está bem no encalço delas.

– Não tanto quanto a gente.

Nick m e encarou com olhos sem icerrados.

– Com o assim ?

– Pense um pouco. – Aj oelhei-m e na cam a para tentar convencê-lo. – Se a gente entregar o caderno para o Reznik, ele vai ver na hora a escrita secreta. E

levando em conta a obsessão que tem pelas am azonas, talvez ele tam bém consiga decifrar o enigm a de vovó. Sei lá, vai ver “Suom ussalm i Vaburusi” é tudo de que ele precisa para encontrar a grande nave-m ãe das am azonas, com o você disse, e explodi-la.

Pensar nisso m e provocou um calafrio.

Nick andou até a cam a, m ais sério do que nunca. Baixando a m ão para tocar m eu rosto, falou: – E tem certeza de que isso seria tão ruim assim ?

Rom pem os a cam ada de nuvens e vim os que a Finlândia estava coberta de neve.

Enquanto andávam os até nosso carro alugado, grandes flocos caíam do céu, leves e sem parar, com o um a chuva de confete a nos dar as boas-vindas.

– Não é exatam ente a praia de areia fina que você esperava – com entei com Nick.

Ao sairm os do estacionam ento, a neve batia com tanta força no para-brisa que tive de ligar o lim pador na velocidade m áxim a.

– Mas não é m aravilhoso? – falei, fazendo o possível para soar anim ada. – Quase ouço os vivas das crianças finlandesas.

– Você está escutando um a porção de coisas hoj e. – Nick acendeu a luz interna para ver m elhor o m apa. – Algum a voz está lhe dizendo se tem os que virar à esquerda ou à direita quando chegarm os a Oulun Lääni.... sej a lá o que isso for?

Pisei de leve no freio algum as vezes para avaliar se a pista estava escorregadia.

– Eu disse que a gente deveria ter pegado o GPS.

– Hom em que é hom em não usa GPS – lem brou-m e ele.

– E é por isso que quase não sobrou hom em nenhum – assinalei. – Eles vão saindo do patrim ônio genético e depois não conseguem m ais voltar.

Passam os algum tem po sem dizer nada. Eu sabia que Nick ainda estava irritado com a m inha decisão de ir a Suom ussalm i, m as ele não conseguira propor nenhum a alternativa viável. O único fator positivo era que ele não havia m e abandonado, o que m e causava im ensa gratidão.

Antes de sair do seu chalé, naquela m anhã, eu havia ligado para o Museu Kalkriese e pedido o telefone da Dra. Jäger. Afinal de contas, ela era o m ais perto que eu havia chegado de um a am azona. Mas Felix m e disse que ela havia feito um a viagem inesperada para visitar um a irm ã que ninguém sabia existir. Não tinha deixado qualquer inform ação de contato, o que não era surpresa.

Considerando a form a com o elas haviam nos tratado, a essa altura nem Nick nem eu gostávam os m uito das am azonas. Ao contrário dele, porém , eu sentia quase um a obrigação de ficar ao lado delas, nem que fosse por am or a vovó.

Sim plesm ente não podia entregar o caderno a Reznik, nem a qualquer outra pessoa, para ser sincera. Mas, se não o fizesse, iria m e preocupar para sem pre com a segurança dos m eus pais.

No fim das contas, até Nick concordou de m á vontade que precisávam os ir até a Finlândia. Nem que fosse por causa do m órbido princípio de que o inim igo do

seu inim igo é seu am igo, ao que parecia nossa m elhor chance era encontrar as am azonas antes de Reznik. Talvez elas estivessem em Suom ussalm i, talvez não... m as aquela era nossa única pista. Além do m ais, com o eu vivia dizendo a Nick ao m esm o tem po que convencia a m im m esm a, m inha avó não teria m e m andado até ali a troco de nada. Era bem verdade que o seu recado em lápis de cera branco tinha quase vinte anos de idade, m as ela com certeza não havia escrito aquilo em um rom pante. Na verdade, quanto m ais eu pensava no assunto, m ais segura ficava de que vovó havia m e confiado a chave m ágica para entrar em um a im penetrável fortaleza am azona e que, quando chegássem os lá, todos os nossos problem as iriam term inar.

– Anim e-se! – falei para Nick enquanto percorríam os a m istura de neve e lam a em alta velocidade. – Você daqui a pouco vai estar tom ando m artínis de vodca dentro de um a banheira de água quente, cercado por superm ulheres peitudas usando biquínis ridiculam ente pequenos.

No entanto, conform e fom os nos em brenhando m ais para o interior do país, afastando-nos do aeroporto de Oulu, pude sentir o desânim o nos pressionar por todos os lados. No inverno finlandês em baçado e tom ado pela neve, era im possível dizer se estávam os passando por terras agrícolas ou regiões de tundra, pois tudo estava congelado e im óvel: cada poste, cada arbusto, cada erva daninha. Acim a dessa paisagem hibernada pendia um sol envelhecido, cansado dem ais para dispersar o crepúsculo, em bora ainda fosse apenas o m eio da tarde.

– Tive um a ideia – falei enfim , encostando o carro no m eio da densa floresta de Kainuu. – Você dirige e eu conto um a história.

Não sugeri isso apenas para nos alegrar. A verdade era que eu estava louca para retom ar a leitura do *Historia Amazonum* e ver com o aquilo term inava.

Em bora P. Exulatus tivesse escrito aquilo dois m il anos antes, eu não parava de pensar que talvez, de algum a form a indireta, seu conhecim ento pudesse nos aj udar quando e se de fato conseguíssem os encontrar as am azonas. Assim , traduzindo o latim original à m edida que prosseguia, li o resto do m anuscrito em voz alta para nós dois. O texto dizia m ais ou m enos o seguinte: – Sobre os bárbaros da Sarm ácia e da Germ ânia Magna há m uito a dizer, m as vou m e ater aos relatos que dizem respeito às am azonas. Muitos afirm am ter visto m ulheres com batendo a cavalo nessas regiões, m as resta saber se é correto cham

á-las de am azonas. Não considero am azonas m ulheres que convivem com hom ens diariam ente. Tam pouco as esposas dos bárbaros, que portam arm as para proteger as fam ílias e os frutos do seu trabalho, referem -se a si m esm as com o am azonas. Elas estão apenas agindo segundo... – Fiz um a pausa para pensar na tradução adequada. –... segundo o *bom senso*, e nesse povo sadio ainda é possível encontrar virtude tanto nos hom ens quanto nas m ulheres. Eles não fingem se esconder atrás de tratados escritos sustentados por exércitos distantes, m as acordam todos os dias preparados para defender os próprios direitos.

– Gostei desse cara – falou Nick quando parei de novo para tentar entender um trecho confuso. – Pena ninguém m ais ler o que ele escreve.

– Bem , vam os torcer para a gente conseguir m udar isso – falei.

Então, depois de passar os olhos pelas páginas seguintes, que davam exem plos de guerreiras fam osas da Sarm ácia e da Cítia, pulei um a parte até onde a ação tornava a ficar m ais anim ada.

– Tá, vam os lá: Essas são algum as das histórias exem plares desses povos cavaleiros. Estam os chegando agora ao fim da nossa história, pois dentre todas as lendas da Germ ânia Magna apenas um a diz respeito às am azonas. Soube por um soldado estacionado ali durante o Desastre de Varo e que por pouco escapou do m assacre.

Arquej ei e tornei a ler rapidam ente a últim a frase.

– O Desastre de Varo! É assim que os rom anos cham avam a Batalha de Teutoburgo... a grande em boscada sobre a qual falei, em que a m ulher do pântano da Dra. Jäger m orreu. Agora sim estam os chegando a algum lugar!

Escute só: O soldado j urou que tinha sido auxiliar do com andante da Décim a Nona Legião.

De tão anim ada, segurei Nick pelo braço.

– Um sobrevivente! Todo m undo pensava que essas três legiões tivessem sido dizim adas até o últim o hom em . Mas esse soldado é um a testem unha ocular!

Quase sem conseguir m e conter, voltei ao texto: – Na véspera da desastrosa batalha, um a m ulher vestida com roupas de hom em apareceu tarde da noite

para pedir um favor ao com andante. Exigiu falar com ele a sós. Intrigado, ele m andou todos em bora, à exceção de seu aj udante.

– Estou sentindo cheiro de encrenca – falou Nick.

– Quando questionada sobre o que desej ava, a m ulher perguntou ao com andante se ele conhecia a lenda de Alexandre, o Grande, e Talestre, rainha das am azonas – prossegui, ansiosa. – Quando ele reconheceu j á ter escutado a história, ela lhe disse que a sua m issão era parecida. Desej ava passar a noite com ele, explicou. Quando o dia am anhecesse, sum iria para sem pre.

Nick deu um assobio.

– Eu nem sabia que era *possível* dizer um a coisa dessas em latim .

– O com andante, com o era natural, ficou surpreso com o pedido – continuei, cutucando Nick nas costelas. – Por ser rom ano, não estava acostum ado a m ulheres tão diretas. No fim das contas, porém , concluiu que ela devia ter sido m andada com o um bem -hum orado presente de seus oficiais, e com o era um hom em orgulhoso, decidiu aproveitar a oportunidade. Para sua surpresa, quando o dia raiou, a m ulher se levantou de sua cam a e se preparou para partir, com o prom etido. E quando o com andante, que havia apreciado a sua... hum ...

com panhia, convidou-a a ficar, ela respondeu o seguinte: “Rom ano, nossos cam inhos se cruzaram por um breve instante, com o às vezes acontece com os cam inhos do Sol e da Lua, m as agora devem os nos separar. São as regras segundo as quais am bos vivem os. Mas hoj e, quando a noite cair, você poderá se consolar pensando que a sua força seguirá vivendo.” Não contente com essa resposta enigm ática, o com andante insistiu que ela ficasse, fazendo todo tipo de prom essa que em geral funciona com as m ulheres. Mas ela então lhe m ostrou o bracelete que usava e disse: “O senhor é um hom em de m uitas virtudes, um hom em forte e sem m ácula, e foi por isso que eu o escolhi. Mas este chacal sagrado é quem dita o m eu destino e m e lem bra que a Lua é m inha senhora. Não posso fechar os olhos às exigências dela. Ela m e proíbe de ficar na sua com panhia enquanto brilhar a luz do dia.” Ao que o com andante respondeu: “A senhora fala com tanta segurança que sinto-m e im pelido a contrariá-la. Por acaso é um a nobre germ ânica? Quem sabe a verei novam ente durante as negociações de paz?”

Olhei para Nick antes de prosseguir a leitura: – “O senhor talvez m e vej a

novam ente", respondeu ela. "Mas não será um reencontro feliz. Am bos sabem os que não pode haver paz sem sangue." Em pé na soleira da porta, ela se virou pela últim a vez e disse: "Com o a visão da sua pessoa ainda m e é agradável, eu poderia lhe dizer para se salvar. Mas sei que isso contraria sua natureza. Foi a sua coragem que m e fez escolhê-lo entre m ilhares para ser o pai do m eu filho. Portanto, antes de partir, dir-lhe-ei o seguinte: rom ano, o senhor vive para m atar, e a sua honra se alim enta da carne alheia.

Enquanto este bracelete dourado estiver no m eu braço e nos braços das m inhas irm ãs, nós vam os roubar sua força, m as desprezar o seu poder e o poder dos seus sem elhantes. Pois haverá outros; cada século produz um novo e ávido senhor, m as eles todos virarão poeira, ao passo que nós, am azonas, viverem os para sem pre."

Baixei o m anuscrito, quase sem ar de tão agitada.

– O texto chega a m encionar um bracelete de chacal. Essa história *tem* que ter um a parte verdadeira. O que você acha?

Nick tinha o cenho todo franzido, im erso em pensam entos, e por um instante pensei que não tivesse escutado a últim a parte da tradução. Então ele pediu: – Você se im porta em ler de novo esse últim o trecho? Em que ela diz a ele que não pode ficar?

Reli o trecho, e ele então se calou outra vez, tam borilando os dedos no volante.

– O que foi? – perguntei. – Está m e deixando m orta de curiosidade.

Ele dem orou um pouco a responder.

– Tenho quase certeza de que a m inha m ãe am azona disse para o m eu pai algum a coisa nessa m esm a linha. Algum a bobaj ada poética sobre o chacal e a Lua e sobre não poder com partilhar com ele a luz do dia.

Levei a m ão à coxa dele e dei um leve apertão. A floresta à nossa volta era densa, onipresente, coberta por um silêncio gelado: tudo, m enos acolhedora. No entanto, a irônica Lua que havia nos acom panhado em nosso traj eto até Frankfurt na noite anterior estava agora bem à nossa frente. Rainha inconteste do inverno ártico, parecia nos cham ar.

– Bem , o resto é só um a ladainha obsequiosa para tentar convencer algum im perador, com certeza Tibério, a deixar o autor voltar para Rom a – falei, enquanto folheava as últim as páginas do *Historia Amazonum*. – Mas é m uito provável que o pobre P. Exulatus tenha m orrido no exílio, com o tantos outros, e que ninguém no seu país j am ais tenha ouvido falar neste m anuscrito.

– Que pena – com entou Nick. – Gostei da últim a história.

– Mesm o que ela não explique nada?

– Mas ela explica. – Ele olhou para m im . – "Som ente nós, am azonas, viverem os para sem pre." O que m ais você precisa saber?

A cidade de Suom ussalm i era pouco m ais do que um punhado de loj as e prédios diante da floresta insondável que se abatia sobre ela por todos os lados.

Quando param os em um posto de gasolina para pedir indicações sobre com o chegar ao hotel m ais próxim o, dei-m e conta de que os m oradores dali pareciam im ersos no m esm o elem ento m ístico que a silenciosa floresta de Kainuu. Eles nos olharam com o se soubessem exatam ente quem éram os e estivessem apenas se perguntando quando enfim iríam os chegar... m as, m esm o assim , seus olhos não m ostraram nenhum a em oção. Nós podíam os ser am igos ou inim igos. Seria preciso m ais do que a troca de algum as gentilezas em torno de um a caixa registradora para descobrir.

O quarto de hotel tam pouco nos acolheu com qualquer entusiasm o especial, em bora fosse possível considerar sua estética depurada de aloj am ento estudantil desocupado com o um exem plo de elegância nórdica m oderna.

– Só para deixar registrado, caso o assunto venha à tona no futuro... e eu sei que vai vir – falou Nick, pondo nossas m alas sobre o piso de bétula. Então m e pegou no colo e rosnou bem ao pé do m eu ouvido: –... foi *você* quem fugiu da m inha decadente suíte no Çirağan Palace. – Andou até a cam a, pousou-m e sobre o edredom sim ples e ficou parado em pé ao m eu lado. – Qual é o problem a com vocês, britânicos? Por que têm tanto m edo de conforto?

– O conforto deixa as pessoas desatentas.

– Sabe de um a coisa? – Nick com eçou a beij ar m eu pescoço. – Que sorte eu nunca ter lhe ensinado nenhum a técnica de autodefesa. E eu ainda não vi seu

florete de esgrim a em nenhum lugar aqui por perto. Agora posso fazer o que quiser com você.

– Pelo visto está esquecendo que eu acabei de arrastar você até o Ártico.

– Ah, eu sei disso. – Nick deitou de costas e pôs os braços atrás da cabeça, sorrindo com um ar desafiador. – E agora vou receber m inha recom pensa. Não é?

Eu ri.

– Você é m esm o um hom em das cavernas.

– E você deveria agradecer por isso – frisou ele. – Não foram os hom ens das cavernas que inventaram a m etafísica m isógina. É preciso ser um pouco civilizado para fabricar um a m aldade assim .

Mais tarde durante a noite, depois de algum as horas m aravilhosas e nada civilizadas na cam a e de um a ducha dem orada e sensual, fui novam ente lem brada de quão frágil era a nossa atual felicidade.

– O que é isso? – perguntou Nick quando com ecei a escovar os dentes, e o sorriso sum iu de seu rosto. – Onde você arrum ou essa pasta de dente?

Encarei o tubo inócuo pousado sobre a bancada e senti um pânico brotar dentro de m im . Antes de em barcarm os no avião naquela m anhã, ele havia m e instruído a deixar para trás tudo o que estivera espalhado pelo m eu hotel em Kalkriese enquanto eu estava fora. Mas, de algum a form a, eu havia esquecido aquela pasta de dente.

– O que você está fazendo? – perguntei quando ele com eçou a esprem er o crem e dental branco dentro da pia.

– Aqui... está sentindo?

Ele m e fez tocar a parte inferior do tubo, onde um nódulo pequeno e duro parecia ter se aloj ado.

Cruzam os olhares. Seria um rastreador?

– Eles sabem onde a gente está? – perguntei, e gelei só de pensar que talvez tivéssem os de fugir outra vez dos capangas de Reznik àquela hora da noite.

– Não necessariam ente – respondeu ele, pondo a roupa. – Mas não quero correr nenhum risco. Mantenha a cam a quentinha. Vou levar nosso am igo fluoretado para dar um passeio.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Vamos fazer um trato firme De não nos machucarmos Nunca em toda a eternidade Enquanto a lua dourada ainda brilhar.

Do poem a épico *Kalevala* SUOMUSSALMI, FINLÂNDIA O Monum ento à Guerra de Inverno de Suom ussalm i era tão fora do com um que passam os por ele de carro várias vezes antes de perceber do que se tratava.

Tentando aproveitar ao m áxim o o sol do m eio-dia, procurávam os lápides idênticas alinhadas com o um exército em m archa, m as o que encontram os foi tão diferente que levam os um susto.

Fora o dono da m ercearia em frente ao hotel quem havia nos sugerido um a visita ao Raatteen Portti, com o eram conhecidos o m onum ento e o m useu que o acom panhava, um a vez que estes, pelo visto, eram a porta de entrada para a história de Suom ussalm i. Mais cedo de m anhã, tínham os conversado com o recepcionista do hotel, segundo o qual “Vaburusi” na verdade não era um nom e só, m as dois. “Vabu” era um nom e de m enina em finlandês, e “Rusi” era um sobrenom e. Infelizm ente, não havia ninguém cham ado Rusi no catálogo telefônico da região. E assim fôram os parar na m ercearia, cuj o dono afirm ara tam pouco saber de ninguém com esse sobrenom e. “Mas tentem no Raatteen Portti”, sugerira ele, rapidam ente desenhando um m apa para nós. “Marko, que trabalha lá, lem bra tudo sobre todo m undo. Mesm o as coisas que não querem os lem brar.” Ele desviara os olhos, e linhas de tensão haviam surgido em volta dos seus olhos.

Assim , por volta da hora do alm oço, quando o sol estava no auge, fom os de carro até o Monum ento à Guerra de Inverno e logo percebem os que nada naquele lugar era previsível. Apesar da superfície m odesta, ou talvez j ustam ente por causa dela, senti que Suom ussalm i tinha um a alm a funda e escura cheia de segredos bem guardados.

Entram os no parque do m onum ento e fom os recebidos por um vento leste de fazer bater o queixo, que nos obrigou a cobrir as cabeças com os capuzes e calçar as luvas térm icas que tínham os com prado m ais cedo, antes de iniciar nossa excursão. Os casacos adquiridos no aeroporto de Frankfurt sim plesm ente não davam conta do frio em um país onde o sol de novem bro m al conseguia surgir no céu antes de m ergulhar de cabeça na noite polar, às três horas da tarde.

– Vam os entrar – disse Nick, com a voz abafada pelo capuz.

– Só depois de verm os o parque. Eu esquento você m ais tarde.

À nossa volta, m ilhares de rochas talhadas de m odo grosseiro, cada qual com um form ato diferente, estavam dispostas em um a am pla clareira na floresta, lem brando-nos de que cada soldado m orto hom enageado ali tinha sido um ser hum ano distinto, alguém cuj os últim os pensam entos decerto não tinham sido sobre política internacional, m as sim sobre pessoas queridas e os com panheiros ao seu redor. Pelo m enos foi essa a m inha interpretação, que expus em voz alta por trás do cachecol enquanto avançávam os pelo cascalho gelado.

Fom os até o cam panário no centro do m onum ento e vim os um hom em se aproxim ar vindo do prédio do m useu ali perto. Trazia um a escada. Ao perceber que íam os na m esm a direção dele, pôs a escada no chão, aj eitou os óculos e se adiantou para nos cum prim entar. Em bora usasse apenas um a j aqueta de couro e nenhum a roupa de lã, seu aperto de m ão foi tão caloroso quanto seu sorriso.

– Meu nom e é Marko – falou, erguendo a gola da j aqueta. – Estava indo lim par os sinos. São 105 no total, cada um de um tam anho diferente.

Ele apontou para o alto do cam panário, que na verdade não era um a torre, m as sim quatro vigas curvas de m adeira que se apoiavam um as nas outras para form ar um gigantesco apoio em form ato de Y para todos os sinos.

– Um sino para cada dia da Guerra de Inverno. Dá para ouvi-los quando o vento sopra. Mas entrem , venham tom ar um café. O especial da sem ana é *karjalanpiirakat*. – Ao ver que não tínham os entendido, ele sorriu e abriu os braços. – Não se preocupem . É um a especialidade da Carélia.

Havia poucos visitantes no m useu de Raatteen Portti nesse dia. Duas m ulheres falastronas trabalhavam j untas no café e um idoso de cadeira de rodas sentado à um a m esa perto da j anela m anuseava fotografias em silêncio.

Em bora estivesse claram ente curioso, Marko não perguntou de onde éram os, apenas nos fez percorrer rapidam ente o m useu, im aginando, com o com certeza fazia com todo m undo – e não sem m otivo –, que não tínham os a m enor ideia sobre as datas ou circunstâncias da Guerra de Inverno, que era a sua paixão.

– Foi a tentativa que Stalin fez de invadir a Finlândia no inverno de 1939-40 – explicou ele, apontando para velhas fotos plastificadas do Exército Verm elho penduradas na parede. – Estávam os em desvantagem num érica de dez contra um , e Stalin pensou que, com todo o seu m aquinário m oderno, poderia conquistar a pequena e indefesa Finlândia em duas sem anas. Nem se deu o trabalho de equipar seus soldados com uniform es de inverno.

Percorrem os o m useu em silêncio, observando m ontagens em tam anho real de patrulhas finlandesas de esqui usando traj es de neve cam uflados e arrepiantes im agens de soldados russos m ortos, congelados, com as m ãos exangues eternam ente erguidas em um gesto de surpresa e proteção.

Ao ver nossa expressão horrorizada, Marko parou para explicar.

– O inverno desse ano foi m uito, m uito rigoroso. A 40 graus abaixo de zero, você não pode suar, nem m esm o de m edo, porque o suor vira gelo e faz você congelar. Mas, ao m esm o tem po, você precisa m anter a pulsação. Na hora em que o sangue com eça a correr m ais devagar... – Ele m eneou a cabeça para as tristes fotografias à nossa volta. – Por exem plo, quando você é atingido por um a bala ou quando alguém corta o seu pescoço com um a faca am arrada a um bastão de esqui, seu corpo sim plesm ente congela do j eito que está... sentado, em pé, não im porta. Se vocês lerem o nosso épico nacional, o *Kalevala*, verão que nós, finlandeses, aprendem os a respeitar o gelo e que fizem os um pacto para conviver com ele. Stalin não respeitou o inverno finlandês. Mandou seus soldados para cá para com eterem assassinato, e foi isso que eles encontraram .

Param os para olhar m ais de perto alguns dos obj etos pessoais que os russos m ortos transportavam consigo, e entendi que Marko sentia tanta pena deles quanto dos finlandeses. Do m esm o m odo que os rom anos da Batalha de Teutoburgo, aqueles hom ens tinham sido m andados para um território hostil e desconhecido por líderes arrogantes, apenas para serem dizim ados por povos de m enor im portância que recusavam os grilhões do im pério.

– O que aconteceu aqui em Suom ussalm i exatam ente? – quis saber Nick. – O

m ais lógico seria Stalin tentar prim eiro atacar Helsinque.

– E ele tentou – respondeu Marko. – Ele tentou tudo. Bom bardeou Helsinque sem nem m esm o declarar guerra, depois atacou a fronteira com aviões e tanques, causando um a carnificina m edonha. E nós, o que tínham os? Hom ens valentes, que corriam direto para cim a dos tanques e atiravam coquetéis m olotov nos dutos de ventilação. – Ele se em pertigou de orgulho. – É um a invenção nossa, sabiam ? Da Guerra de Inverno. Foi por isso que os batizam os com o nom e do m inistro das Relações Exteriores russo.

Talvez sentindo que tinha se deixado levar, Marko enfiou as duas m ãos nos bolsos da j aqueta de couro antes de prosseguir, deixando os cotovelos apontados para fora de m aneira casual.

– Aqui em Suom ussalm i praticam ente só houve com bates de guerrilha.

Muitos dos veteranos ainda se recusam a falar no assunto, m esm o hoj e. Dizem apenas que fizeram coisas terríveis.

Marko esm agou um a guim ba invisível com o sapato.

– Duas divisões russas atravessaram a fronteira aqui m esm o, pela estrada de Raate. Vieram com m uitos blindados, de m odo que tiveram de ficar na estrada dentro da floresta form ando um a longa fila, sob um frio de lascar. Os finlandeses usavam esquis, tinham roupas cam ufladas próprias para a neve. Os russos foram um alvo fácil. Vinte e três m il cadáveres, congelados feito estátuas, espalhados por vários quilôm etros na estrada de Raate.

Finalm ente chegam os à acolhedora cafeteria e nos sentam os em volta de um café com bolo. Marko nos contou que até hoj e poucas pessoas queriam m orar perto daquela estrada. Lobos e ursos viviam na floresta, m as o m ais perturbador de tudo eram os m ilhares de soldados russos enterrados em covas com uns às m argens daquela via da m orte. Com o era do seu feitio, Stalin negara por com pleto a derrota, recusara-se a levar de volta os corpos de seus soldados e obrigara os finlandeses a enterrar os hom ens enviados para destruí-los. Alguns túm ulos tinham identificação; a m aioria, não. Segundo Marko, qualquer aglom eração de bétulas saudáveis entre os pinheiros desalinhados era indício certo de haver um a cova coletiva debaixo da terra: a natureza havia criado sua própria hom enagem

para as vidas ceifadas antes da hora naquela floresta assom brada.

– Não im agino que o senhor j á tenha ouvido falar em um a m ulher cham ada Vabu Rusi... – arrisquei, após um instante de silêncio.

Marko pensou um pouco.

– Eu não. Mas Aarne talvez saiba algum a coisa.

Ele se levantou e foi falar com o hom em da cadeira de rodas.

Só percebi quão à flor da pele estava quando vi o velhote se em pertigar e responder anim ado à pergunta. Então Marko nos cham ou com um aceno e nos conduziu até um a sala cheia de arquivos m etálicos e com um proj etor de slides apontado para um a tela branca daquelas retráteis.

Conversando baixinho em finlandês, os dois com eçaram a vasculhar gavetas cheias de slides até Aarne erguer um a caixa estreita, verificar as anotações escritas à m ão na lateral e m enear a cabeça, sério, em confirm ação.

Enquanto o proj etor aquecia, Marko explicou que Vabu Rusi fora um a integrante da organização Lotta Svärd na época da guerra, um a das m uitas voluntárias que haviam aj udado os soldados finlandeses atrás das linhas de com bate.

– Segundo Aarne, Vabu era excelente enferm eira e sem pre aj udava com as am putações. Os rapazes gostavam de olhar para o rosto bonito dela, em vez de para o m édico. – Marko franziu o cenho. – Vocês entendem ...

Ele balançou a cabeça com tristeza.

– Mas a história dela foi trágica. O m arido de Vabu m orreu na Guerra de Inverno, e ela e a filhinha foram feitas reféns por aliados dos russos... pelo m enos é o que Aarne acha. Com o no caso de tantas outras m ães e crianças finlandesas, ninguém nunca m ais as viu. Mas deem um a olhada.

Marko inseriu o prim eiro slide no proj etor e vim os um a velha fotografia em preto e branco que m ostrava m ulheres vestidas de enferm eira em frente a um prédio.

Aarne se inclinou para a frente, estudou cada rosto, em seguida fez que não com a cabeça. Som ente quando Marko inseriu no proj etor o quarto slide – outra im agem de um grupo de enferm eiras – foi que Aarne finalm ente aquiesceu e apontou anim ado pra um a j ovem sentada em um banco com prido na prim eira fila.

– Pronto! – falou Marko. – Esta é Vabu Rusi. Segundo Aarne, ela era filha única. Um a pena, pois qualquer rapaz teria adorado se casar com as irm ãs dela.

Aproxim ei-m e o quanto pude da im agem granulada para exam inar o rosto encantador e sorridente. Era im possível não sentir um a conexão com Vabu Rusi depois de ouvir a história triste de sua vida, m as as lágrim as entaladas na m inha garganta podiam ser m ais do que um a sim ples em patia. Aquela m ulher tinha algum a sem elhança com a m inha avó? Era difícil dizer. Eu não m e lem brava de algum dia ter visto vovó sorrir.

– E a filha? – perguntei aos dois finlandeses, levantando a m ão para bloquear a luz do proj etor. – Vocês teriam um a foto dela?

Marko balançou a cabeça, pesaroso.

– Ela era m uito novinha quando as duas foram levadas. Aarne não lem bra nem com o se cham ava.

Pude ver que ele estava louco para saber por que aquilo tinha tanta im portância, m as a boa educação o im pedia de dar voz à curiosidade. Talvez o fato de viver cercado por veteranos da Guerra de Inverno houvesse lhe ensinado a hora de parar com as perguntas.

Quando saím os do m useu, o sol j á desaparecera havia tem pos no horizonte e o ar tinha um quê noturno que m e gelou até os ossos. Ao cam inhar até o carro j unto com Nick, eu m e perguntava se algum dia voltaria a m e sentir totalm ente aquecida. Não só por causa da decepção ao descobrir que a pobre Vabu Rusi não estava em condições de nos aj udar a esclarecer o m istério da m inha avó; a verdade era que aquele lugar todo m e causava um a tristeza profunda. Eu m al podia esperar para ir em bora daquela terra arrasada toda feita de gelo e seus m ilhares de fantasm as sem lar.

– Procurar Vabu não deu em nada – falei, levando as m ãos aos bolsos para encontrar a chave do carro. – E agora, qual vai ser a próxim a parada? Arquivo

m unicipal?

Mas Nick m antinha um estranho silêncio e de vez em quando olhava para o outro lado da rua na direção de um a m oto e seu piloto, parados na som bra entre dois postes de rua.

– Aquilo é um a KTM – disse ele por fim . – Acabou de vencer o rali Paris–Dacar. De novo.

Fiquei à espera da conclusão e ele arrem atou: – Vi um a hoj e de m anhã, quando estávam os na loj a de roupas. Aposto que é a m esm a. Não tem m uita gente que andaria de m oto em um tem po destes.

Assim que ele disse isso, a m oto saiu chispando pela escuridão em direção à fronteira com a Rússia.

– Reznik? – perguntei, sentindo um novo arrepio, dessa vez de m edo.

– Acho que não. – Nick ainda encarava o vazio negro da estrada de Raate, os m úsculos do m axilar tensos. – Mas creio que estam os sendo observados.

De volta ao hotel, puxei-o para outro banho, louca para tê-lo só para m im outra vez. Em bora não tivéssem os feito planos nem para ficar nem para ir em bora, eu sabia que as sirenes logo com eçariam a cham ar Kam al al-Aqrab, sem falar no im piedoso ciclope paterno que governava sua vida.

– Deusa linda e rara – disse ele, entrando na banheira com igo. – Am bos sabem os o que acontece com os m ortais que veem Diana se banhar.

– Sim . – Puxei-o para baixo do j ato sibilante de água m orna, ansiosa para saborear suas perfeições e esquecer o m undo im perfeito à nossa volta. – Mas prom eto que vai valer a pena.

– Quem diria que eu estaria m e dedicando a *hieros gamos* na Finlândia em novem bro... – m urm urou ele, puxando-m e para si.

Eu ri de surpresa, pois m e lem brava m uito bem de nossa conversa safadinha durante o j antar com Rebecca em Creta.

– Pensei que você não falasse grego.

– Mas eu tive que pesquisar, né? Em bora o seu rosto corado naquela noite j á tivesse explicado tudo. – Ele acariciou m inhas bochechas com os olhos repletos de sinceridade. – Nunca pesquisei tantas palavras na vida... Você faz bem ao m eu vocabulário.

Franzi o cenho, fingindo consternação.

– Só ao seu vocabulário?

Ele correu as m ãos por m eu corpo escorregadio.

– Deixe-m e pensar. Para o que m ais você serve?

– Posso chicoteá-lo com um galho de bétula, que tal? – sugeri, dando-lhe um tapa na bunda. – É o que os finlandeses fazem quando vão à sauna. Parece que é m uito refrescante. Aí depois eles saem correndo e vão rolar na neve. O que acha?

Nick m e deu um sorriso travesso.

– A gente iria derreter toda a neve da Finlândia. – Então, virando-m e de costas, ele m e puxou para si com m ãos atrevidas e m urm urou por cim a do m eu om bro: – Tenho um a ideia m uito m elhor. E não vam os nem precisar do galho de bétula.

Foi só quando estávam os prontos para j antar que reparei no envelope que alguém havia enfiado por baixo da nossa porta. Estava endereçado ao Sr. e Sra.

Panagopoulos e continha um pedaço de papel de carta grosso dobrado, com um m apa desenhado à m ão e um recado curto no alto: Por favor, venha m e visitar sem dem ora.

Vabu Rusi Nick foi o prim eiro a se recuperar dessa pequena reviravolta.

– Parabéns – falou, dando-m e um beij o nas costas. – Você encontrou as am azonas.

Apreensiva, exam inei as instruções.

– Será que elas tornariam m esm o tudo tão fácil assim ? E se for o Reznik? Os

hom ens dele m e encontraram em Kalkriese... Pelo m enos im agino que tenham sido m andados por ele. As placas eram de Genebra.

Conversam os sobre isso por algum tem po e decidim os que Reznik só conseguira m e seguir até a Alem anha pelo m esm o m otivo que perm itira a Nick m e encontrar lá, ou sej a, o fato de Rebecca ter m encionado m eu interesse pelo Museu Kalkriese ao telefone. Reznik devia estar m onitorando as ligações da m inha am iga desde a noite da festa. O fato de ele agora recorrer a am eaças a m eus pais, se é que de fato tinha sido Reznik, e não as am azonas, era um a boa indicação de que, no m om ento, ele não tinha a m enor ideia de onde estávam os.

Supondo que a carta fosse m esm o das am azonas, a grande questão era se elas queriam um encontro am igável ou se estavam nos conduzindo para um a arm adilha. As indicações nos m andavam percorrer a estrada de Raate, passar pelo m onum ento à Guerra de Inverno e seguir rum o ao m esm o lugar para onde a m oto havia rum ado e desaparecido. Eu sabia que tinha de ir.

– Mas você não precisa m e acom panhar – falei para Nick quando andávam os j untos até o carro. – A avó é *minha,* o problem a tam bém .

Ele abriu o porta-m alas e guardam os nossa bagagem . Decidíram os fazer as m alas todas, só para o caso de as coisas desandarem e term os de sair de Suom ussalm i depressa.

– Você não está entendendo, né? – respondeu ele, fechando o porta-m alas com força. – Eu j á encontrei o que procurava. Meu final feliz é este aqui, e vou aproveitá-lo m esm o que ele m e m ate.

Inclinei-m e para beij á-lo.

– Não diga isso.

Quando atravessam os a cidade adorm ecida e seguim os em direção à desolada fronteira russa, a floresta foi se fechando à nossa volta com sinistra determ inação. O cenário de cam inhos batidos que conhecíam os tão bem havia sum ido. À nossa frente se estendia a terra arrasada dos cim érios, bem no fim do m undo. Estávam os adentrando, enfim , o verdadeiro território das am azonas.

– Você por acaso não trouxe um a daquelas pistolas de Istam bul, trouxe? –

perguntei a Nick, sobretudo para quebrar o silêncio.

Mas ele estava preocupado com algo no retrovisor. Quando m e virei, vi dois fracos pares de faróis atrás de nós na estrada, que, tirando isso, estava deserta.

– Estão nos seguindo?

– Acho que sim – respondeu ele, com um a careta. – Vam os ver se consigo m e livrar deles.

Percorrem os m ais um quilôm etro, algo assim , até chegarm os a um cruzam ento. As instruções de Vabu Rusi diziam para seguir em frente, m as, assim que o fizem os, Nick de repente apagou os faróis e entrou em um a trilha estreita e sulcada que se em brenhava na floresta. Quando ficam os escondidos pelas árvores, ele puxou o freio de m ão e desligou o m otor.

A parada foi tão súbita que m al tive tem po de m e preparar: fui arrem essada para a frente e parei com um tranco do cinto de segurança.

– Tudo bem ? – perguntou ele, tocando-m e no escuro. – Desculpe o m au j eito.

Instantes depois, dois carros passaram pela estrada atrás de nós.

– Agora vam os ver. – Nick se virou no banco. – Vam os dar três m inutos a eles.

Menos de um m inuto depois, contudo, os carros voltaram na outra direção, dessa vez em velocidade consideravelm ente m ais lenta.

– Fique aqui! – falou Nick e abriu a porta.

Saí do carro tam bém e o segui pela trilha sulcada até conseguirm os ver os dois veículos. Estavam parados no m eio do cruzam ento, com o m otor ligado, e pelo visto os m otoristas discutiam sobre aonde ir.

Quando os carros enfim partiram chispando, depois de terem escolhido a estrada rum o ao oeste, Nick m e abraçou e passam os algum tem po assim , só respirando. Sem dizer nada, voltam os para o carro e continuam os, cabreiros depois de term os escapado por um triz. Nem foi preciso falar sobre quem tinha m andado os dois carros, j á que am bos suspeitávam os de Reznik. Na noite anterior, Nick havia convencido um cam inhoneiro que estava indo para o norte a

levar o tubo de pasta de dente até a Lapônia... m as pelo visto j á tinha sido tarde.

Concentrei-m e nas instruções de Vabu Rusi e orientei Nick a descer um a estrada secundária, depois outra, sem nunca deixar de m e assom brar com o fato de alguém ter se dado o trabalho de pôr placas legíveis naquele lugar erm o. Só quando param os para olhar um a placa caída percebi que eram apenas indicações tem porárias feitas de m adeira.

Não sei quanto tem po passam os dirigindo até chegarm os a um acesso de carros com prido de onde a neve tinha sido varrida. Algo nas som bras que o luar proj etava e nas estradas desertas da floresta havia m e feito perder a noção de tem po. E os galhos retorcidos que arranharam o carro quando passam os por um a guarda de honra espectral toda feita de árvores só aum entou m inha sensação de que estávam os na fronteira do m undo físico.

A m ansão de dois andares no final do acesso sinuoso parecia tão abandonada quanto o cam inho m alcuidado nos levara a esperar. Varrida pela luz de nossos faróis, vi um a fachada de m adeira grandiosa, m as toda descascada, com as j anelas lacradas. Só quando cheguei m ais perto percebi a m eia dúzia de pares de esqui encostados na parede. Em bora obviam ente não estivesse deserta, a casa com certeza não parecia a fortaleza inexpugnável que havíam os esperado.

– É isso? – Nick se inclinou para a frente no banco do m otorista, com incredulidade e desconfiança estam pada no rosto. – Cadê o alam brado e o fosso de piranhas? Posso ver as instruções?

Mas o m apa de Vabu Rusi não dava m argem a erros: ali era de fato onde deveríam os estar.

– É óbvio que isto aqui é só um ponto de encontro aleatório – falei, torcendo para conseguir disfarçar a decepção. – Elas nunca revelariam a localização de seu verdadeiro quartel-general.

Descem os do carro e andam os até a casa. Os degraus da frente tinham sido rachados por décadas de inverno im piedoso e a aldraba de bronze em form ato de ferradura ficara esverdeada com o passar do tem po. O que acontecia de fato naquele lugar m altratado?, pensei. Seu obj etivo seria receber as pessoas... ou lhes dizer adeus? Assim que Nick chegou ao m eu lado nos degraus, m andei as dúvidas às favas e bati com firm eza à porta, deixando bem claro que, acontecesse o que acontecesse, a responsável era eu.

Esperam os um tem po. Quando a porta enfim se abriu, m inhas preocupações se dissiparam com o se j am ais houvessem existido, pois a luz que em anou do interior da casa era cálida e abundante, e a m ulher que nos recebeu nada transm itia a não ser as m ais am igáveis intenções. Alta e m agra, usava calça j eans e um suéter grosso estam pado com renas brancas e tinha os cabelos grisalhos presos em um rabo de cavalo apertado. À prim eira vista, seu rosto franco e anim ado sugeria um a m ulher na casa dos 60, m as a textura em aciada e cheia de tendões de sua m ão ao apertar a m inha m e fez desconfiar que fosse m ais velha do que aparentava.

– Até que enfim ! – disse ela, no que reconheci com o um sotaque finlandês. – Entrem . E, por favor, desculpem o aspecto da casa. O inverno aqui é inclem ente.

Ela nos conduziu até um grandioso hall de entrada do qual subia um a escadaria curva. Alguns m óveis antigos e um grande quadro de vacas pastando sugeria que havíam os chegado ao lar de um a fam ília culta. No entanto, algo m e dizia que aquilo era só fachada.

– A senhora é Vabu Rusi? – perguntou Nick, abrindo o zíper de sua parca de esqui.

A m ulher sorriu.

– Meu nom e é Otrera.

Ela pegou nossos casacos e os pendurou em ganchos de bronze no hall, bem ao lado de um arm ário de arm as com seis espingardas em pé.

– Ursos, lobos, carcaj us... – com entou, em resposta ao com entário que não fizem os. – Levo um a espingarda com igo sem pre que vou pôr o lixo para fora. Ou então isso. – Nossa anfitriã sacou do porta-guarda-chuvas um espadim em poeirado. – Os carcaj us sabem que isto aqui enfiado na fuça não é um a sensação agradável. Mas venham .

Ela tornou a guardar o espadim e foi andando na nossa frente até um a sala de pé-direito alto, com um antigo fogareiro a lenha de três níveis em um dos cantos.

– Vam os nos aquecer – convidou.

Quando entram os no côm odo am plo, um punhado de adolescentes se levantou na hora e saiu sem fazer barulho por outra porta. Do j eito com o estavam vestidas, com calças de m oletom e cam isetas de m anga com prida, e a j ulgar pelos livros-texto surrados e estoj os de lápis que tinham debaixo dos braços, elas davam a im pressão de form ar um grupo de estudo reunido casualm ente na casa de alguém . Instantes depois, pudem os ouvi-las conversar em voz alta enquanto percorriam a casa. Um livro esquecido sobre um a cadeira entregou o tem a do encontro: russo avançado.

Apesar das dim ensões grandiosas, a sala tinha um clim a utilitário: todas as j anelas estavam fechadas por persianas, e a única m obília era um a coleção de cadeiras desem parelhadas. Algum as eram estofadas, outras tinham o espaldar reto, outras não passavam de bancos; todas, porém , estavam viradas de frente para um grande m apa-m úndi pendurado em um a das paredes, com um quadro branco logo ao lado.

– Sentem -se! – convidou Otrera, apagando depressa os rabiscos m ulticoloridos do quadro branco.

Ela então pegou um a cadeira e sentou ao contrário, com um a perna de cada lado, repousando os braços no encosto de form a casual. Não pude deixar de m e assom brar com sua form a física, que m e fez sentir um leve form igar de esperança. Teria vovó envelhecido tão bem quanto ela? E se ainda estivesse viva, será que poderia estar ali, naquela casa, à espera do m om ento certo para aparecer e m e dizer oi?

Bem nessa hora, ouvi algo se aproxim ar com um rosnado com prido antes de dar um rugido e parar bem em frente à casa. Olhei para Nick e vi que ele tam bém tinha escutado. A m oto.

Espiei a porta que dava para o hall e fiquei esperando, nervosa, para ver que tipo de pessoa iria entrar. Só que ninguém apareceu. Tudo o que ouvim os foram passos pesados subindo, um a irrupção de vozes agitadas e um a porta batendo.

Quantas pessoas haveria naquela casa?, perguntei-m e. E quem eram elas, afinal? Até então, não vira ninguém que correspondesse à im agem que eu tinha de um a am azona, e a casa tam pouco dava a im pressão de ser um local de encontro, m uito m enos um centro de com ando digno de um a poderosa organização internacional. Olhei para Otrera e peguei-a encarando Nick com um ar curioso e

o cenho franzido antes de por fim dizer: – Você tem um a pergunta para m im .

– Tenho m uitas – confirm ou Nick e se inclinou para a frente, pousando os cotovelos sobre os j oelhos. – Im agino que foi a senhora quem nos cham ou aqui.

Pequenas rugas de bom hum or – ou talvez de nervosism o – repuxaram os lábios de Otrera.

– Deixem -m e com eçar contando sobre a m ulher em nom e de quem vocês foram cham ados aqui hoj e – disse ela. – Com o ficaram sabendo em Raatteen Portti, Vabu Rusi e sua filhinha Enki estavam entre os reféns civis capturados pelos aliados dos russos em represália à derrota de Stalin aqui em Suom ussalm i na Guerra de Inverno. Eles em geral m atavam os civis e pronto, m ulheres, crianças, bebês. Mas Vabu e Enki foram levadas de cam inhão para a Rússia e postas em um cam po de prisioneiros cham ado Kintism äki. Eu tam bém estava lá, com m inha irm ã, Ty y ne. Nosso pai tinha falecido na guerra e nossa m ãe m orreu quando nos pegaram .

Otrera tirou um fiapo da m anga do suéter e o deixou cair no chão antes de prosseguir, com um a voz m ais branda: – A pequena Enki de Vabu m orreu no cam po. Havia m uitas sem anas que não fazia um a refeição decente, com o todas nós, e a m ãe não conseguiu m ais m antê-

la aquecida. Quando dois guardas vieram levar o corpinho em bora, Vabu os m atou com um a faca de cozinha.

A narrativa sucinta e neutra de Otrera m e deixou tão chocada que m al pude acreditar que ela realm ente houvesse presenciado o fato. Mais um a vez, algo na sua atitude m e lem brou vovó, que tam bém conseguia falar de coisas sinistras com um distanciam ento im pressionante, com o se as palavras não passassem de utensílios dentro de um a gaveta.

– Isso causou um grande levante no cam po – continuou Otrera. – Durante a confusão, Vabu reuniu algum as de nós, m eninas órfãs, e conseguiu nos fazer passar por um buraco na cerca. Passam os o dia e a noite inteiros andando, e pela m anhã j á não tínham os m ais forças. Só queríam os dorm ir, e Vabu não conseguia nos fazer continuar. Mas nós tivem os sorte. Um m adeireiro russo nos viu deitadas sobre um m onte de neve na beira da estrada, nos pegou e nos levou para sua casa. Ele e a fam ília nos deram roupas quentes e com ida. Quando

recuperam os as forças, eles nos aj udaram a atravessar clandestinam ente a fronteira de volta para a Finlândia.

Nesse ponto, Otrera respirou fundo e, com essa inspiração forçada e trêm ula, com ecei a m e dar conta da extensão de seu autocontrole.

– Eu tinha só 8 anos, m as m e lem bro m uito bem – explicou ela, com um a calm a renovada. – Lem bro-m e que Vabu não queria voltar para sua antiga casa, pois sabia que os aliados dos russos a haviam incendiado. Na verdade, aqui em Suom ussalm i o m edo era tanto que m uita gente tinha se m udado. Toda vez que íam os a algum a casa, encontrávam os um a ruína ou desconhecidos vivendo lá.

Parecia o fim do m undo. Foi m uito difícil para Ty y ne. “Por que a gente não pode ir para casa?”, m inha irm ã vivia perguntando. “O que aqueles hom ens fizeram com a m am ãe?”

Otrera passou algum tem po sentada, de olhos fechados, com o se o relato a houvesse exaurido. No entanto, bem quando eu estava prestes a sugerir que deixássem os o resto da história para depois, ela tornou a erguer o rosto e um a nova centelha de energia brilhou em seus olhos.

– O que eu não percebi foi que, durante todo esse tem po, Vabu estava à procura de alguém : um a m ulher que tinha conhecido no hospital durante a Guerra de Inverno, logo depois de seu m arido m orrer. Essa m ulher, que era violinista, tinha lhe dito que, se ela quisesse um novo com eço, podia entrar com Enki para o seu circo itinerante, que nesse ano estava passando o inverno nos arredores de Äm m änsaari.

Com o se houvesse sentido a nossa descrença, Otrera se apressou em esclarecer: – Sei que parece esquisito, m as Vabu não tinha m ais a quem recorrer. Depois de perder todo m undo que am ava, era agora responsável por sete órfãs: eu, Ty y ne e m ais cinco. E essa violinista tinha lhe dito que o circo aceitava j ovens que não tivessem m ais para onde ir e lhes ensinava m ais do que sim ples acrobacias: ensinava-lhes a se virar no m undo sem precisar depender de ninguém . Ah, sim , quando encontram os esse lugar, foi o paraíso! – Otrera enfim sorriu, deliciando-se com essa ínfim a parte agradável do passado. – Os cavalos, a m úsica, as fantasias... Era um m odo de vida m uito diferente, m uito exótico para um a m enina com o eu. As contorcionistas e trapezistas faziam coisas inacreditáveis;

lem bro-m e de vê-las e pensar: com o é possível obrigar o corpo a fazer isso? E é claro... – Ela nos encarou com um ar de conspiração. – Só havia m ulheres.

Obviam ente satisfeita com nosso interesse por sua história, ela se levantou da cadeira e foi até o fogareiro pôr m ais lenha. Seu passo agora estava m ais enérgico. Vista de trás, de j eans e botas de salto, ela com certeza j am ais pareceria um a m ulher de 80 anos.

Enquanto ela estava de costas, olhei para Nick, m as ele estava preocupado com os ruídos da casa. Ouviam -se vozes ao longe... o barulho de panelas e frigideiras... até m esm o um piano tocando... m as ele encarava a porta com o se esperasse um a em boscada a qualquer m om ento.

Quando voltou para perto de nós, Otrera virou a cadeira de frente e sentou de m odo norm al. Estava m ais grave agora, com as em oções outra vez exiladas no passado distante.

– É claro que vocês sabem aonde quero chegar com isso – falou. – Esse circo itinerante era a divisão báltica das am azonas.

Minha agitação foi tanta que não consegui m e conter e exclam ei: – Quer dizer que *vocês* são as am azonas?

Otrera abriu um sorriso enigm ático.

– Som os um a parte, sim . Durante m uitas gerações, a divisão báltica viveu à m oda cigana, sem nunca parar no m esm o lugar e raram ente travando contato com as irm ãs am azonas de outras partes do m undo. A guerra tornou a vida delas bem m ais incerta, claro...

Fom os interrom pidos por um breve instante quando um a m oça de top esportivo passou a cabeça pelo vão da porta para fazer um anúncio em finlandês.

– Ah, sim – disse Otrera, acenando para a j ovem tornar a sair. – Um a pessoa quer falar com vocês antes do j antar. Mas, prim eiro, deixem -m e term inar m inha história. Foi Vabu Rusi quem convenceu as am azonas do Báltico, a nossa divisão, de que era hora de sossegar e pensar de form a estratégica sobre nossa potencial contribuição para o m undo m oderno. Nós, a nova geração, não queríam os apenas nos apresentar por dinheiro e entrar em brigas aleatórias aqui e ali.

Queríam os, isso sim , j untar forças com as outras divisões de am azonas para lutar pela liberdade e segurança das m ulheres do m undo todo. Assim , depois da Segunda Guerra Mundial, com eçam os a nos organizar e a fortalecer o contato com nossas irm ãs em outros países. Tivem os tanto sucesso nesse aprim oram ento da m issão de nossa organização e na m elhoria da com unicação entre as diferentes divisões que a sede internacional das am azonas acabou sendo transferida para cá, 25 anos atrás.

– São quantas divisões ao todo? – quis saber Nick.

Otrera balançou a cabeça de leve.

– É claro que não posso divulgar nenhum detalhe, m as podem estar certos de que tem os gente do Alasca até Fij i. Cada um a de nossas divisões tem a própria cartilha organizacional e a própria rainha. Não acreditam os em centralização, m as precisam os trabalhar j untas. É um equilíbrio com plexo. Tráfico de pessoas, estupro e outras atrocidades não respeitam fronteira nem j urisdição, e nós tam pouco. Mas nossa esperança é que as j ovens que vivem em sociedades abertas e tolerantes com o você, Diana, precisem m enos de nós no futuro... que se tornem suas próprias am azonas. Vocês têm liberdade para aprender, para treinar.

– Ela deu um sorriso de ironia. – Só precisam desm am ar das tetas do Estado e do seu falso j uram ento de protegê-las. Parem de m order a isca; o anzol vai dilacerar suas entranhas. Mas venham .

Ela se levantou e foi até a porta na nossa frente.

Nick e eu trocam os olhares intrigados enquanto seguíam os nossa anfitriã pelo corredor até um a espaçosa biblioteca com um piano de cauda no m eio. O

côm odo tinha vários sofás cercados por estantes abarrotadas, m as a única pessoa presente era um a m ulher de cabelos curtos sentada ao piano, de olhos fechados, tocando um a sonata m elancólica.

Era Katherine Kent.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Não podemos viver com as suas mulheres. Pois nós e elas não temos os mesmos costumes. Nós atiramos com o arco e a lança e montamos cavalos, mas não

dominamos as “tarefas femininas”.

Heródoto, *Histórias* Por m aior que tivesse sido a m inha surpresa ao encontrar m inha m entora de Oxford naquele lugar rem oto e pouco usual, aguardei em silêncio que ela term inasse a peça. O que m ais m e chocou, percebi, não foi tanto a presença de Katherine ali entre as am azonas, m as sim o seu j eito intim ista de tocar piano. Ela m anuseava as teclas com o se fossem partes sensíveis de um ser vivo; eu j am ais a considerara capaz de tam anha sutileza em ocional.

Quando ela enfim repousou as m ãos, passou alguns segundos sentada de cabeça baixa, depois olhou para m im com um sorriso pesaroso.

– Eu fiz o que pude para evitar este m om ento. Mas subestim ei você.

De algum lugar lá no fundo de m im , senti o ronco da raiva chegando.

– Para um a pessoa que raram ente se engana em relação a alguém ou algum a coisa, você com certeza sabe escolher o m om ento certo.

Katherine se levantou devagar.

– Pensei que seria m elhor para você não saber. O conhecim ento pode ser um a coisa perigosa...

– Não tanto quanto a ignorância.

Otrera se interpôs em nosso cam inho.

– Diana, você precisa entender que essa situação tem sido difícil para nós.

Tem os regras rígidas, que nos proíbem de falar de m odo aberto sobre quem som os, *principalmente* ao telefone. Nas atuais circunstâncias, Katherine fez o que achou m ais correto: ficou atenta aos acontecim entos sem revelar nada. Não se esqueça de que não sabíam os sobre o caderno da sua avó até você encontrar a Sra. Jäger em Kalkriese. Você nunca disse a Katherine que tinha conseguido decifrar a inscrição do tem plo na Argélia em apenas cinco dias. Ela ficou horrorizada quando soube que o nosso idiom a secreto podia ser traduzido com tanta facilidade.

Nick pôs a m ão no m eu om bro, com o para fazer valer o próprio direito de

intervir.

– Então vocês resolveram explodir o tem plo – disse ele, am argurado. – E

aproveitar para se livrar de nós dois.

– Não! – disse Otrera bem alto. – A m issão foi levada a cabo por nossa divisão norte-africana. Elas não sabiam que vocês estavam lá em baixo, é óbvio.

Fizeram questão de divulgar o alerta à bom ba para ter certeza de que o local fosse evacuado prim eiro.

Katherine deu a volta no piano. Pareceu-m e m ais baixa do que na m inha lem brança: m enos adm irável, m ais hum ana.

– Nós sem pre soubem os que o tem plo estava lá, e estávam os em alerta m áxim o desde quando Al-Aqrab o encontrou – disse ela. – Mas foi só quando você deixou a m ensagem sobre ter decifrado a inscrição que percebem os de fato quanto a construção nos punha em risco. – Ela exam inou m eu rosto em busca de com preensão, talvez até de perdão. – Se for algum consolo, o tem plo continua lá.

Só está cheio de areia. – Ela se aproxim ou de m im , e quase pensei que fosse estender a m ão e m e tocar. – Nossa intenção nunca foi m achucar você, m as era preciso detê-la. Sem querer, você estava aj udando Reznik. Mais tarde, quando o pessoal dele roubou seu laptop em Creta, tivem os de pegar de volta, pois ele poderia conter a chave para decifrar nossa linguagem ... do m esm o m odo, tivem os de im pedir que você usasse o telefone, j á que era assim que ele a estava rastreando. Eu tinha certeza que, depois de Náuplia, você iria desistir e voltar para casa. Mas, com o j á disse... subestim ei você. – Ela sorriu, e vi um raro brilho de adm iração em seus olhos.

– Me perdoem por afirm ar o óbvio, m as por que vocês não m udam seu m odo de com unicação? – perguntou Nick. – Sím bolos antigos, folhetos de papel, nada de telefonia celular... parece tudo m uito am ador. Não está na hora de passar para o digital?

Otrera se em pertigou de irritação. De salto, tinha a m esm a altura que eu, e estava claro que a idade não dim inuíra em nada sua autoridade.

– Nós nos correspondem os assim desde a época de Gutenberg. Vocês m esm os j á viram os perigos de usar telefones. Se quiserem sobreviver, principalm ente nesta época de vigilância do berço até o túm ulo, precisam ser analógicos. Não m e digam que não sabem que o nosso próprio governo rastreia com im punidade a nossa com unicação digital? – Otrera bufou, depois estendeu os braços, com o se quisesse cham ar nossa atenção para o recinto, suas lum inárias antigas e volum es gastos. – O que vai viver para sem pre é o livro im presso, sem falar no carro anterior à era da inform ática ou no velho relógio de bolso. Várias vezes, um a pressa irrefletida de se m odernizar substituiu m étodos m elhores.

Pouco im porta o risco de um pulso eletrom agnético que vai fritar todos os circuitos eletrônicos e deixar qualquer um com m enos de 25 anos delirando e babando em um quarto de paredes acolchoadas, totalm ente desconectado do m undo que conhecia. – Otrera olhou Nick de cim a a baixo com repulsa, com o se estivesse se referindo a ele pessoalm ente. – Não, pouco im porta o apocalipse que se aproxim a e no qual as pessoas nem sequer pensam , m as pergunte a si m esm o o seguinte: quem é m ais am ador, m ais vulnerável? Quem confia em m áquinas que precisam ser plugadas na tom ada, ligadas à rede, ou de algum a outra form a conectadas para serem m ais do que um pedaço de plástico inútil... ou quem aprendeu a dom inar a vida sem elas?

Otrera parou de falar e nos encarou com um olhar que dizia tudo. Apesar dos pesares, era óbvio que lhe causava grande satisfação poder com partilhar sua visão de m undo, e, quando ela prosseguiu, foi em um crescendo quase eufórico: – Vocês vieram aqui em busca de um a fortaleza m oderna, cheia de m áquinas piscando e com scanners de retina em cada porta, não foi? Um antro subterrâneo, com pessoas de uniform e laranj a andando de um lado para o outro em carrinhos de golfe? – Seus lábios se curvaram para cim a em um sorriso diabólico. – Bom , sinto m uito, m as não vam os adm inistrar um a sociedade secreta pasteurizada do j eito que os hom ens gostam de im aginá-las. Nós aqui cortam os lenha para nos aquecer. Se você acha isso am ador, tudo o que posso dizer é o seguinte: está m ais vulnerável do que pensa.

Nessa hora, Katherine se rem exeu de im paciência e disse para m im e para Nick: – É claro que estam os sem pre tentando m elhorar nosso sistem a, e m uito em breve nossos catálogos vão cair em desuso. Já faz algum tem po que a nossa equipe de com unicações está desenvolvendo um novo sistem a...

– Pom bos-correio? – sugeriu Nick.

Otrera estreitou os olhos.

– Podem rir, ignorantes. Nós usam os m esm o pom bos-correio para nos com unicarm os, m as só internam ente, aqui na região.

– Mas a questão é que essas últim as sem anas foram um a catástrofe para nós – continuou Katherine, com os lábios contraídos de irritação. – Se pessoas com o Reznik conseguirem se apossar dos nossos m em orandos confidenciais *e* da chave para decifrá-los, poderão docum entar nossa atividade no passado, e possivelm ente prever nossos m ovim entos futuros. Quando nossa equipe de elite invadiu a casa de Reznik para roubar de volta o seu laptop, Diana, encontrou em cim a da escrivaninha dele um a coleção de nossas publicações internas. Isso confirm ou que ele de fato tinha conseguido invadir nossas linhas pessoais de com unicação. – Katherine m e encarou com um ar som brio. – Basta agora conseguir o seu caderno, e ele terá j usto aquilo de que precisa para decifrar nossas conversas.

– Naquela noite, depois da festa do Reznik, enquanto a sua super-heroína loura m e distraía com m inha carteira e m eu passaporte, o que teria acontecido se eu tivesse seguido em frente? – perguntei. – Era um a arm adilha?

Otrera e Katherine se entreolharam . Então Otrera respondeu, vaga: – Nosso obj etivo era fazer você voltar para Oxford em segurança o quanto antes.

– E a Dra. Jäger lá em Kalkriese? – insisti. – Por que ela não foi sincera com igo e explicou tudo isso? Ou será que na verdade estava torcendo para eu ser m orta?

Eu conhecia Katherine bem o bastante para perceber sua expressão m udar.

– Cim e m orou a vida inteira naquela casa. É capaz de qualquer coisa para não com prom etê-la. Ela estava torcendo para você voltar para a Inglaterra e deixar a explicação por *minha* conta...

– E talvez eu tivesse voltado, m esm o, se tivesse conseguido falar com você.

Mas o seu celular...

– Foi desativado. É. – Katherine revirou os olhos, im paciente. – É claro que eu não podia correr o risco de você m e ligar e fazer perguntas. Isso com prom eteria o m eu disfarce.

Balancei a cabeça.

– Cim e pelo m enos poderia ter dado um a indireta de que estava do m eu lado.

– Acredite, ela ficou m uito infeliz quando ligam os para avisá-la que você estava sendo seguida pelos m atadores de aluguel do Reznik e para instruí-la a não deixar você sair antes de eles terem sido neutralizados – disse Katherine. – Se você não tivesse saído correndo daquele j eito, tudo teria se resolvido, e a nossa divisão alem ã não teria... – Seus olhos se desviaram para o rosto de Nick.

– Quebrado o m eu nariz? – sugeriu ele.

– É. Bom . – Katherine deu um passo para trás. – A nossa divisão alem ã não tinha sido inform ada sobre *você*. Elas estavam lá para resgatar Diana, e não tinham entendido que... – Ela olhou para Otrera, subitam ente corada.

O barulho de um sino antiquado interrom peu o m om ento constrangedor.

– O j antar está na m esa! – disse Otrera, visivelm ente aliviada.

Nick não se m exeu.

– Por que vocês nos cham aram aqui hoj e? – perguntou ele às duas. – Não estou ouvindo nenhum pedido de desculpas.

Otrera o encarou com um olhar que teria feito hom ens m enores se encolherem .

– Você é o *primeiro* hom em a ser convidado a entrar nesta casa. Por favor, não esqueça isso, Niccolò.

O som de seu verdadeiro nom e fez Nick levar um susto, m as Otrera sim plesm ente se virou para m im e disse, com a benevolência superior de um a déspota todo-poderosa: – O caderno da sua avó. Tenho certeza de que você vai entender que gostaríam os de m antê-lo aqui conosco.

Senti um a pontada de decepção. Desde que chegara, estava esperando vovó ser m encionada. Sem querer forçar o assunto, deixara Otrera rem em orar o passado ao seu próprio ritm o. Agora, infelizm ente, a única preocupação que ainda lhe restava parecia ser o caderno. Estava na hora de adm itir que m inha esperança infantil de reencontrar vovó nessa noite era exatam ente isso: infantil.

– Entendo – falei. – Só que Reznik m e deu um ultim ato. Se eu não lhe entregar o caderno, ele vai atacar as pessoas que eu am o. Mas o que acontece é o seguinte... – Tirei da bolsa o volum e estragado pela água e o entreguei a Otrera. – Esse caderno não é m ais um dicionário do seu idiom a. A única m ensagem que sobrou nele foi “Suom ussalm i Vabu Rusi”, e com o Reznik j á sabe que a gente está aqui, na realidade não faz sentido esconder isso dele. Mas, com o o caderno agora está totalm ente inutilizado, ele vai ficar irado quer eu o entregue ou não.

Otrera folheou o volum e com o cenho franzido.

– Que péssim a notícia. Eu não sabia que ele tinha lhe dado um ultim ato, nem que sabia onde vocês estavam . – Ela ergueu os olhos para nós dois. – Com o podem ter certeza disso?

– Porque dois carros nos seguiram até aqui hoj e – respondeu Nick. – Conseguim os despistá-los, m as eles ainda estão nos procurando.

– Entendo. – Otrera entregou o livro a Katherine. – Isso m uda tudo. Eu sinto m uito. Não vai m ais dar tem po de j antar.

A sala de j antar ficava nos fundos da casa e, ao contrário da sala de reunião e da biblioteca desertas, estava aquecida e anim ada. O principal elem ento era um a m esa tão com prida quanto as dos refeitórios de Oxford, com lugar para pelo m enos cinquenta pessoas em bancos de m adeira de um lado e outro. Na ponta da m esa havia um a cadeira com aspecto de trono e espaldar de m adeira esculpido em um m otivo intrincado.

– Em geral a casa vive cheia – explicou Otrera, fechando a porta atrás de nós. – Mas por causa de duas em ergências distintas no lado russo da fronteira e de atrasos no aeroporto de Arlanda, som os poucas aqui hoj e à noite. Estas são as nossas noviças.

Ela atravessou o recinto na nossa frente e indicou com um gesto as várias j ovens vindas de um a cozinha próxim a carregando pratos fum egantes e braçadas de lenha.

– Nós resgatam os m ilhares de m eninas por ano, e algum as decidem ficar conosco. No m om ento tem os quatrocentas noviças no m undo todo, espalhadas por nossas diferentes divisões.

Ela apontou para um a m oça com prida e m agra vestida com um m acacão j eans e assentiu com um gesto, orgulhosa.

– Aquela ali é Lilli. Aos 7 anos, ela foi roubada de um orfanato na Estônia e vendida com o prostituta. Mas nós a salvam os, assim com o salvam os m uitas outras. Espero que vocês a perdoem .

Otrera encarou Nick e eu com um olhar por cim a do om bro que j á dizia tudo.

– Lilli é incisiva, m as tem boa intenção. Ela está em treinam ento para ser nossa próxim a rainha, e por esse m otivo nós às vezes a m andam os realizar m issões fora da região. – Talvez percebendo que havia revelado m ais do que deveria, Otrera franziu o cenho e arrem atou. – A rainha é nossa agente m ais exposta... é ela quem corre os m aiores riscos. É a prim eira a chegar e a últim a a sair. Se todas as nações obrigassem suas autoridades eleitas a exercer esse princípio básico de liderança, eu lhes garanto que teríam os um núm ero significativam ente m enor de guerras neste m undo. Olhem só para Lilli. – Otrera tornou a m enear a cabeça para a j ovem . – Não a estam os treinando para ficar escondida dentro de um bunker com ar-condicionado e a liderar suas tropas apertando botões. Ela tam pouco vai m andar suas irm ãs partirem para a batalha com equipam entos insuficientes, pois se as coisas derem errado será a prim eira a m orrer.

Intrigada com aquela longa e arrebatada apresentação, dei um a olhada m ais atenta em Lilli. Ela usava um a bandana verm elha em volta da cabeça da qual pendiam duas tranças louras. Foi só quando m e lançou um olhar de soslaio lá do outro lado da sala que um a centelha de reconhecim ento se acendeu em m im .

– É *ela*! – sussurrei para Nick. – A m ulher vestida de cam undongo que m e fez ir atrás dela em Istam bul! A ladra de patins de Náuplia!

– Pitana! Pentesileia! – cham ou Otrera e saiu m archando na nossa frente com im paciência até se aproxim ar de quatro m ulheres que conversavam em pé j unto à cabeceira da m esa enquanto com iam castanhas de um a tigela. – Precisam os agir. Reznik está se aproxim ando.

As m ulheres se viraram na nossa direção, desconfiadas, com os olhos sem icerrados. Não eram m ais altas do que eu, m as algo em seu físico e em sua postura denunciava um a força interior fora do norm al. Um a usava botas de cam urça até o j oelho e j aqueta no m esm o m aterial. Um a cicatriz clara na

sobrancelha esquerda se destacava em seu rosto bronzeado. A outra vestia preto da cabeça aos pés, com o corpo esguio apertado dentro de um a calça de couro e de um suéter de gola rulê j ustos. O contraste entre aquele corpo escuro e j ovem e os orgulhosos fios grisalhos nas têm poras era gritante; seria bem fácil ter tingido os cabelos e passado por um a m ulher da m inha idade, m as estava claro que a artificialidade não era algo prezado pelas am azonas.

Todas as quatro tinham a postura confiante de m ulheres em excelente form a física, e vê-las m e encheu de em oções que eu não sentia desde que viaj ara pelo m undo das am azonas na com panhia de vovó, por m eio de desenhos criativos e histórias em ocionantes. Essas em oções estavam agora tão m isturadas a lem branças reais da m inha infância que eu era quase capaz de recordar os cheiros e sons daquele reino dourado de cascos de cavalo ruidosos e carruagens velozes.

Pulando as apresentações, Otrera fez um rápido resum o da situação e concluiu dizendo: – Im aginam os que sej a Reznik, m as não tem os provas.

As m ulheres se entreolharam . Ficou claro que estavam abaladas com a notícia, m as seu silêncio dizia m ais do que isso. Pude ver em seus olhos que elas estavam zangadas não só conosco, m as com Otrera tam bém . Nunca haviam desej ado a nossa presença ali, entendi; m uito provavelm ente, haviam sido contra o convite, e agora a realidade havia provado que tinham razão.

– Muito m e espanta vocês não saberem que Reznik estava aqui – falou Nick, sem se deixar abater pela fria acolhida. – Afinal, passaram o dia inteiro nos espionando.

Ele encarou um a, depois a outra.

– Quem é o piloto da KTM? Não acham que ela atrai um pouco de atenção dem ais aqui no inverno?

Sua atitude insolente não surtiu efeito algum a não ser deixar as am azonas ainda m ais aflitas. Por fim , a m ulher de gola rulê preta falou, com um sotaque pausado de eslava: – Os finlandeses não têm m edo de m ulheres fortes. Só os hom ens fracos querem que as m ulheres sej am fracas. E você, pensa o que sobre isso? – Ela correu os olhos negros pelo corpo de Nick, detendo-se em cada um dos principais grupos m usculares. – Tem m edo de m ulheres capazes de lhe dar um a surra?

– Preferiria que a senhora desse surras em outra pessoa – retrucou ele. – Não tem gente por aí que m erece apanhar m ais do que eu?

Ele m e lançou um olhar de súplica com o quem diz: “É m elhor não provocar m ais essas senhoras.”

– Você pode nos considerar fora da lei – disse a m ulher da cicatriz na sobrancelha, com um tom desafiador e um sotaque sueco m elodioso. – Mas a verdade é *nós* som os a lei. Não essa lei choram inguenta, im produtiva e im potente, que vive fechada dentro de grandes livros em estantes de m ogno faj uto, m as a lei que vive no coração hum ano. A lei que diz que as pessoas m ás serão punidas. A lei que diz que poder não é direito e que assassinos e m olestadores não ficarão em liberdade.

– Tem policiais por aí que rezam para *nós* encontrarm os os m alfeitores *antes* deles – interveio a m ulher de preto. Seus olhos se estreitaram , e ela abriu um sorriso am eaçador. – Nós não dam os liberdade condicional. E não ficam os em pacadas em um a burocracia gigantesca que a tudo devora.

– Eu sou totalm ente a favor de lim itar o poder do Estado – disse Nick. – Mas vocês não têm m edo de essa j ustiça pelas próprias m ãos vitim ar alguns inocentes?

Ao ouvir isso, Otrera se introm eteu e falou, com um tom de resolução inflexível.

– Nós podem os com eter erros, m as não nisso. Quem viola os direitos dos outros perde os próprios direitos. Mas agora não é hora para filosofar sobre política. Pitana... – Ela encarou firm e a m ulher da cicatriz. – Precisam os de um plano.

– É um a pena vocês terem tantas ausências hoj e – com entou Nick, ignorando a im paciência de Otrera. Ele virou a cabeça para a cadeira sem elhante a um trono na cabeceira da longa m esa de j antar. – Quem senta ali? Sua rainha? Qual será o nom e dela? – Ele olhou com atenção para as am azonas. – Mirina?

Suas palavras foram recebidas com um silêncio tão profundo que pude ouvir um a gaveta se fechar no andar de cim a.

– Venham ! – cham ou Otrera, segurando Nick e eu pelos braços com firm eza.

– Tenho um a coisa para m ostrar a vocês. Katherine, fique aqui.

Enquanto nos afastávam os das outras, Otrera balançou a cabeça e disse: – Não é fácil para nós abrir a casa para desconhecidos.

Vi Nick franzir o cenho.

– É isso que nós som os? Desconhecidos?

Otrera o encarou por um longo tem po.

– O seu pai m udou de nom e quando saiu de Oxford. Nós não fazíam os a m enor ideia de quem você era. – Ela se interrom peu para nos fazer passar por um a porta dos fundos com trinco antiquado. – Foi só na festa de Reznik que com eçam os a desconfiar da verdade. Alguém reparou em você entre os convidados e o achou parecido com ...

No breve silêncio de sua frase interrom pida, lem brei-m e da m ulher-gato que tinha m e olhado com um ódio inexplicável no banheiro da casa de Reznik e que depois, segundo Nick, tinha participado do assalto. Mesm o então, com todas aquelas coisas acontecendo à m inha volta, eu vira algo de conhecido em seus olhos escuros penetrantes que chegara a ser sinistro. Então percebi, por fim , onde j á os tinha visto antes. Eram os olhos do hom em que estava andando bem ao m eu lado.

– Mas isso não as im pediu de m e dar um a surra no Hotel Idingshof – com entou Nick enquanto seguíam os Otrera até um corredor escuro com cheiro de m ofo e as paredes cobertas por roupas e calçados para usar do lado de fora.

Otrera acendeu as luzes.

– Nossa divisão alem ã é m uito eficaz. Ela fez o que achou necessário. Pelo m enos depois disso nós descobrim os quem você era.

– Com o? Porque eu brigo igual ao m eu pai?

Enquanto com eçava a descer um a escada estreita até um subsolo, Otrera falou por cim a do om bro: – Com o você acha que foi? Nós tem os um laboratório. Um a gota de sangue basta...

– *Isso* elas com certeza conseguiram . – Nick se esprem eu para passar por m im e a seguiu de perto escada abaixo; não parecia com partilhar m inhas apreensões quanto ao nosso destino subterrâneo. – E depois? Vocês têm m eu DNA, sabem quem são m eus pais. E depois? Vão m e m ostrar um a caixa com m eus ursinhos de pelúcia antigos? É isso que estam os indo fazer aí em baixo?

Em vez de responder, Otrera continuou a avançar na nossa frente por um espaço de arm azenagem subterrâneo cheio de lanças, arcos, m achados e sapatos de neve pendurados ou encostados nas paredes. Quando passam os por um a porta entreaberta, tanto Nick quanto eu param os para espiar um côm odo com um a parede inteira coberta por telas de TV sintonizadas em canais de notícias diferentes. Por estranho que parecesse, o único som que em anava dele e de sua profusão de im agens piscantes era o trote ritm ado de um a m ulher alta e forte correndo em um a esteira com um fone enfiado nos ouvidos, atenta às telas que não paravam de m udar.

Percebendo que havia nos perdido, Otrera voltou na nossa direção com um sorriso tenso.

– É claro que precisam os saber o que está acontecendo – disparou ela, em grande parte para Nick. – Mas não tem os nenhum com putador conectado à internet nesta casa. Nossa equipe de pesquisa é cem por cento m óvel e opera exclusivam ente de cibercafés aleatórios. Mas, por favor, venham com igo. Não tem os m uito tem po.

Assum indo outra vez a dianteira, ela tirou um a chave grande do bolso da calça, parou no final do subsolo e destrancou um a im ensa porta.

– Pronto – falou, em purrando a porta com o om bro e acionando um interruptor lá dentro. – Este é o nosso santuário.

Entram os atrás dela em um côm odo am plo e m al-ilum inado, que tinha a tem peratura e o clim a de um a cripta. A única luz vinha de prateleiras ilum inadas nas paredes, e a escuridão no resto do santuário era tão absoluta que levei alguns instantes para detectar a presença de um im enso cofre de ferro no m eio do chão de pedra. Com pelo m enos 1,5 m etro de com prim ento e 1,2 de profundidade, o cofre estava fechado por um cadeado m edieval, e, apesar dos gestos im pacientes de Otrera, tanto Nick quanto eu tivem os dificuldade para desgrudar os olhos dele.

– O que tem aí dentro? – perguntou Nick. – O Tesouro das Am azonas?

Ao ver que não conseguia nos convencer a nos afastar do enigm ático receptáculo, Otrera tornou a andar na nossa direção, cruzando os braços por causa do frio.

– Não é o que vocês pensam . – Ela nos encarou fixam ente, quase nervosa. – Não tem ouro nenhum aí dentro.

Meu pulso acelerou.

– Mas isso é o tesouro do rei Príam o?

Otrera hesitou.

– Nós acham os que sim . – Ela pousou a m ão na porta do cofre, com o para garantir que ele perm anecesse fechado. – Só a rainha tem a chave.

Por m ais que eu soubesse que o assunto lhe causava desconforto, não consegui m e afastar. Ali estava eu, que acreditava fielm ente nas am azonas, a m enos de um m etro de distância de um tesouro que até m esm o *eu* havia considerado apenas lenda... Era m aravilhoso dem ais. Então aquiesci e falei para Otrera: – Entendo. Mas ao m esm o tem po preciso protestar contra a ideia de proteger a história dessa form a. Suponham os que o rei Príam o de fato tenha confiado às am azonas os artefatos m ais valiosos da civilização troiana... bom , por que ele fez isso? Decerto queria garantir que não fossem destruídos. E foi um a sábia decisão.

Os gregos aniquilaram Troia de m aneira tão com pleta que nem sequer sabem os ao certo que língua os troianos falavam . Até hoj e, a natureza de sua civilização é um dos m aiores m istérios do m undo antigo. Na verdade, por centenas de anos os estudiosos acreditaram que Troia e a Guerra de Troia não passassem de um grande m ito fantástico. Onde o rei Príam o estava com a cabeça quando pediu às am azonas para guardar seu tesouro? Por acaso ele queria que o seu reino fosse apagado da história hum ana por 3 m il anos? Não!

Dei um tapa na tam pa do cofre e vi Otrera se sobressaltar.

– Tenho certeza de que o seu m aior desej o seria ver essas coisas conhecidas pelo m undo. Porque se estiverem só acum ulando poeira em um subsolo gelado

no m eio do nada, é com o se tivessem sido destruídas pelos m alditos gregos.

Minha frase fez Otrera se retrair, e ela então falou, rígida: – Eu não a convidei aqui para discutir m itologia. Com o você pode ver, este é um lugar de lem branças e m editação. – Ela gesticulou para as prateleiras ilum inadas a toda a nossa volta, e som ente então percebi que os obj etos ali expostos eram urnas de bronze de diferentes tam anhos e form atos. – Vabu Rusi e todas as suas m eninas hoj e descansam aqui. Eu sou a últim a delas. Venha.

Ela m e pegou pelo cotovelo e m e conduziu até um a das prateleiras, sobre a qual havia sete urnas. Da parede atrás destas pendia um a fotografia em preto e branco em oldurada que m ostrava um a senhora de sem blante grave, sentada em um a poltrona, com sete j ovens reunidas à sua volta.

– Aqui! – Otrera apontou para um a das m eninas. – Reconhece esse anj inho?

Inclinei-m e m ais para perto, im aginando que a m enina fosse a própria Otrera. Em vez disso, vi um rosto com dois olhos serenos que reconheci na hora.

– Minha irm ã, Ty y ne – disse Otrera. – Ela era a sua avó.

O choque da revelação foi tam anho que não consegui segurar o choro. Não só por causa da foto e da súbita com preensão de que era *por isso* que Otrera havia nos convidado... O que m ais m e abalou foi o peso inesperado do inexorável. Vovó estava m orta. Eu j á desconfiava disso desde que recebera o bracelete dela pelo correio, m as agora tinha certeza. Ali estava a urna com suas cinzas. Toquei-a, tom ada por um a sensação de perda profunda.

Dom inada pelos sentim entos, quis abraçar Otrera e lhe agradecer por ter possibilitado aquele instante. Mas ela foi m ais rápida: levou um a das m ãos ao bolso da calça, pegou um pequeno envelope lacrado e m e estendeu, com o se quisesse m e im pedir de chegar m ais perto.

– Tom e! – falou, pelo visto com pressa de concluir a transação. – Escrever para gente de fora é estritam ente proibido pelas nossas regras. Mas Ty y ne, ou Kara, com o era cham ada aqui, não estava nem aí para as regras. Ela m e fez j urar que, se um dia você aparecesse em Suom ussalm i à sua procura, eu a receberia com o alguém da fam ília e lhe entregaria esta carta.

Talvez sentindo quanto eu estava abalada, Nick passou um braço à m inha volta

para m e confortar.

– A senhora nos cham a de forasteiros, m as nós som os seus parentes, m esm o que vocês não pensem assim – falou. – Deve ter m ais gente assim por aí que tentou encontrá-las... principalm ente filhos hom ens, com o eu.

Otrera balançou a cabeça.

– É raríssim o term os relações com hom ens. Ninguém quer correr o risco de conceber um m enino e precisar fazer a terrível escolha entre o filho e a irm andade. Mas às vezes a Natureza assum e o com ando. – Ela sorriu para nós dois, com o a dizer que entendia o poder do am or m esm o que houvesse passado a vida inteira a desafiá-lo. Então sua expressão m udou. – Ah, falando nisso. – Ela estendeu um a das m ãos para m im . – O bracelete de chacal. Ty y ne o deu para você, portanto ele é seu. Mas ela não queria que você o usasse com o se fosse um a j oia. O bracelete representa um pacto, Diana, e vem atrelado a regras e responsabilidades. O seu é um dos chacais de bronze originais; só sobraram uns poucos com o ele. Algum as de nós usam chacais de ferro ou de prata, e outras usam réplicas de bronze, m as cada vez m ais estam os deixando de usar m etal. É

detectável dem ais. A m aioria de nossas integrantes m ais j ovens hoj e opta por um a m arca ou tatuagem . A rainha ainda usa um chacal de bronze, m as o tira quando sai em m issão.

Otrera lançou um olhar cúm plice para Nick.

– Pelo m enos *hoje em dia*. Quando seu pai a conheceu, ela ainda estava em treinam ento e usava o bracelete aonde fosse. Im agino que tenha sido isso que a entregou.

O braço de Nick se tensionou ao m eu redor.

– Correção: quem m e entregou foi *ela*. Escolher a irm andade em detrim ento da m aternidade faz sem pre parte do teste para ser rainha? É óbvio que Mirina passou com louvor.

Já quase sem paciência, Otrera se virou para m im com o cenho franzido.

– Dê aqui.

Ela segurou m eu braço, arregaçou a m anga e tirou o chacal de bronze do m eu pulso com um m ovim ento experiente. Então m e entregou o bracelete com um m eneio grave da cabeça.

– Se decidir usá-lo outra vez, Katherine Kent será o seu contato.

Eu quase não soube o que fazer com o bracelete.

– Você acha que era isso que m inha avó queria? – perguntei. – Que eu m e tornasse um a de vocês?

Otrera m e lançou um m isterioso olhar de esguelha antes de recom eçar a andar em direção à porta.

– Não sei. Com o eu disse, Ty y ne não respeitava regras. E quando ela voltou para cá, depois de todos aqueles anos, estava m arcada. Mesm o assim , foi a m elhor m entora que nossas m eninas j á tiveram . Im previsível, sim . – Ela sorriu por cim a do om bro. – Tenho certeza de que não preciso dizer isso a *você*, Diana.

Ela foi um a professora brilhante, e quero que saiba que os seus últim os anos aqui conosco foram m uito anim ados e m uito produtivos.

– Com o ela m orreu? – perguntei.

Ela parou e m e olhou com um sorriso carinhoso.

– Do j eito que sem pre quis. Cavalgando.

– Ela falava sobre m im ?

Otrera recom eçou a andar.

– O tem po todo. Mas leia a carta. E, depois de ler, por favor destrua.

– Espere! – disse Nick. – E eu? Não tem carta nenhum a para m im ?

Otrera parou e abriu a pesada porta com um puxão.

– Os corações hum anos são m ecanism os com plexos e im previsíveis.

– Ela está aqui, não está? – Ele ergueu os olhos para a parte de cim a da casa.

– Por que não quer m e conhecer? A nobre rainha Mirina está constrangida com o próprio passado?

Apoiando-se na porta aberta, Otrera se virou para encará-lo; dava para ver a em patia e a austeridade travando um em bate em seu rosto.

– O que ela fez com o seu pai não foi nada pior do que aquilo que os hom ens vêm fazendo com as m ulheres desde o início dos tem pos. Fique feliz por ela ter deixado você vivo.

Com isso, ela apagou a luz e esperou que a seguíssem os escada acim a.

– Clareiem o pensam ento. Precisam os nos preparar para a batalha.

As outras continuavam reunidas na sala de j antar. Assim que entram os, Pitana veio em nossa direção, parecendo um a capitã pirata com as botas de cano longo e a cicatriz na sobrancelha.

– Algum a notícia? – indagou Otrera.

Pitana respondeu com um m eneio curto de cabeça.

– Enguiços e atrasos. Nenhum a das equipes vai conseguir chegar antes do am anhecer. Se Reznik aparecer hoj e, só podem os atacá-lo de frente quando souberm os quais são os seus recursos.

– Justam ente hoj e... – Otrera respirou fundo. – Qual é o plano, então?

Pitana se virou para a eslava vestida de preto que havia provocado Nick m ais cedo.

– Pen?

Pentesileia deu um passo à frente; seus olhos irradiavam um brilho de desafio.

– Vai depender de vocês dois – falou, olhando para m im e depois para Nick com um ar de expectativa e cautela. – E de quão dispostos estiverem a lutar do nosso lado.

CAPÍTULO QUARENTA *E não existe um céu lá em cima para puni-la?*

Eurípides, *Andrômaca* Fom os em bora de carro em silêncio, aturdidos. Era tudo m uito novo e confuso; só duas coisas eram certas: vovó esperava que eu a encontrasse no final, e eu a havia encontrado m esm o. Mal podia esperar para abrir a carta que ela m e deixara, m as, ao m esm o tem po, um a parte de m im tem ia as em oções que ela poderia desencadear.

– Não fique triste – disse Nick, passando um braço à m inha volta enquanto dirigia. – Fique feliz pela sua avó. Ela conseguiu voltar para casa graças à poupança do seu porquinho.

Enxuguei os olhos.

– É que eu queria ter sabido... em vez de ficar tão chateada com ela o tem po todo. Quando ela falava sobre os hom ens de roupa verde, não era aos m édicos que estava se referindo, m as aos assassinos aliados dos russos. Que lem branças horríveis ela devia ter...

– Mas que sorte ela tam bém ter tido *você* – disse Nick. – Você deu a ela um espaço feliz em que ela pôde se esconder de tudo por um tem po.

Lá fora, outra nevasca caía sobre a floresta silenciosa, e os flocos cam baleavam na nossa direção à luz débil dos faróis. Era um a atm osfera am eaçadora, irreal. Nós tínham os encontrado as am azonas, e eu enfim descobrira a verdade sobre vovó, m as a que preço?

– E você? – Olhei para o perfil de Nick no brilho azul do painel. – Você está bem ?

– Vou ficar – respondeu ele, sem convicção. – Quando isso tudo term inar.

Nessa hora, am bos reparam os em um a form a escura que não se m ovia, im pedindo a nossa passagem . Era um a van de entregas. Nick dim inuiu a velocidade e aj ustou os faróis para ver m elhor, m as a neve caía com tanta força que a luz apenas refletiu de volta na nossa direção.

– Lá vam os nós – disse ele, desanim ado, parando o carro com um leve derrapar dos pneus na estrada congelada. – Está pronta?

Em um segundo apenas, fui tom ada por um m edo violento, de revirar o estôm ago. E então, de repente, fom os banhados por luz: os faróis fortes e ofuscantes de dois outros carros que pararam atrás do nosso, im pedindo-nos de voltar.

– Agora, por favor... – Nick se virou para m im ; seus traços estavam deform ados pela luz inclem ente. – Não os provoque. Faça o j ogo e pronto.

Assim que saltam os do carro, pelo m enos doze hom ens vestidos com traj es pretos de com bate desceram dos outros veículos e nos cercaram . Metade tinha arm as apontadas para nós. Os outros tam bém poderiam m uito bem ter, porque as suas expressões eram tão frias e duras quanto qualquer arm a.

– Que gracinha – falou Reznik, avançando calm am ente das som bras.

Com um traj e de com bate igual ao de seus hom ens, o chefão com unista aposentado parecia m uito à vontade naquela paisagem gelada, com flocos de neve a cair sobre os cabelos grisalhos e curtos.

– Vocês dois form am um lindo casal. Tenho algum as belas im agens de vocês.

Ele parou bem na nossa frente e deu aquele seu sorrido contido, forçado, que tanto havia m e perturbado quando eu o conhecera em Istam bul: era o sorriso de um assassino calculista.

– O príncipe Aqrab e sua princesa am azona. *Complimenti*. Conseguiram m e enganar, os dois. Não im aginei que as am azonas pudessem ser tão... – Ele m e olhou de cim a a baixo com um desdém bem -hum orado. – Descarnadas. Ah, fazer o quê? – Ele olhou por cim a do om bro. – Está vendo? Eu disse que iríam os encontrar os dois j untos.

Só então percebi quem estava em pé ao lado dele.

Jam es Moselane.

Encolhido por causa do frio e com os olhos sem icerrados para se proteger da neve que voava, m eu velho am igo tinha um a expressão tão relutante e triste que no início pensei que fosse prisioneiro de Reznik. Mas então percebi que ele tam bém estava segurando um a arm a.

– Que raios está acontecendo? – exclam ei, tão consternada que quase esqueci o

m edo. – Mas que absurdo! Vocês sabem que eu não sou am azona!

Jam es fez um a careta cansada e disse, praticam ente só para Nick: – Vam os lá, devolva. Vam os agir com o adultos.

Olhei para Nick e senti que ele estava se esforçando para não dar um soco na cara de Jam es.

– Tom e. – Tirei o *Historia Amazonum* da bolsa. – A gente ia devolver...

Reznik arrancou o volum e da m inha m ão e j ogou para o lado com um esgar desdenhoso.

– Não essa m erda sem valor. O caderno!

– Não está com igo – gaguej ei. – A gente deixou com o professor Seppänen...

– Quem é professor Seppänen, porra?

Olhei para Nick. Nós tínham os ensaiado a história com Pitana, e ela insistira que tudo soaria m ais autêntico se saísse da m inha boca.

– Um especialista em idiom as antigos – expliquei, com os dentes batendo por causa do m edo, do frio e da necessidade de soar convincente. – A gente acabou de j antar com ele...

– Onde?

Acenei com o braço em direção ao breu atrás de nós.

– Logo ali adiante.

Reznik m e encarou com os olhos estreitados. Então se virou para Jam es.

– O que você acha?

Não m e atrevi a tirar os olhos de Reznik. Será que Jam es m e conhecia bem o bastante para saber que eu estava m entindo? Caso sim , não dem onstrou nada.

– Tudo bem ! – Reznik acenou para seus hom ens. – Vam os lá...

– Espere aí! – falou Jam es.

Ele foi até Reznik e os dois tiveram um a conversa breve e acalorada. Tive certeza de ouvir Jam es dizer: “A gente tinha um trato!”, e Reznik responder com m urm úrios de relutância até, no final, soltar um rosnado de irritação e se virar para dar um a ordem a quatro de seus capangas.

Sem hesitação, os hom ens se adiantaram , seguraram Nick pelos om bros e com eçaram a arrastá-lo para longe de m im . Cravei as unhas nos seus braços e gritei para que o soltassem , m as Reznik m e conteve, segurando-m e com força.

Com o não parei de m e contorcer e dar trancos, ele m e deu um tapa na cara com as costas da m ão.

Foi um golpe fortíssim o, e por alguns segundos m eu m undo escureceu. Tive um débil registro de Nick cham ando o m eu nom e, m as m e faltou ar para responder.

– Eu perdi dois dos m eus m elhores agentes em Kalkriese – disse Reznik com um esgar, bem j unto ao m eu rosto. – Não foi um a sem ana boa. Vocês, am azonas, são todas iguais, um as piranhas...

– Por favor! – falei, com a voz engasgada, enquanto tentava recuperar o equilíbrio. – Não o m achuquem !

Reznik deu um m uxoxo zom beteiro.

– Ah, que bonitinho! A am azona está apaixonada. Isso deixa tudo bem m ais divertido.

Ele estalou os dedos e fez os hom ens arrancarem prim eiro o casaco de esqui de Nick, depois o suéter, deixando-o apenas de calça e cam iseta.

– Que tal? – perguntou Reznik para m im , com os olhos esbugalhados pela necessidade de dom inar. – O seu bonitão está ficando com m uito frio, bem rápido. Vam os ver... 90 quilos, 1,85 m etro, 35 anos, dez graus abaixo de zero.

Ele m oveu a cabeça, fingindo fazer um a conta, em seguida tornou a estalar os dedos.

– Parem com isso – gritei quando os hom ens com eçaram a rasgar a cam iseta de Nick. – Vocês vão m atá-lo!

– Errado. – Reznik m e segurou pelo m axilar com um sorriso sardônico no rosto. – Quem vai m atá-lo é *você* se não...

Nick se j ogou em cim a de um dos hom ens que o seguravam , o que tinha um a subm etralhadora apertada contra as costelas. O hom em desabou com um sibilo de dor, levando a m ão à garganta, e a arm a trocou de m ãos. Tudo aconteceu tão depressa que m al consegui acom panhar os m ovim entos. Em um segundo, os três outros hom ens de traj e de com bate j á estavam recuando enquanto tentavam em punhar as próprias arm as com gestos atabalhoados.

– Não! – gritou Nick, apontando a subm etralhadora para um de cada vez. – Sem sangue. Está bem ? Sem sangue. Vam os fazer um serviço lim po. Vocês não querem deixar m eu pai puto, querem ?

Durante alguns instantes de tensão, a floresta ficou tão silenciosa que deu para ouvir um lobo distante. Então Reznik m e soltou e gesticulou para todos se acalm arem .

– Estam os só nos divertindo. Vam os voltar ao que interessa. Não faz sentido deixar Al-Aqrab puto.

Ele fez um gesto im paciente para o hom em que segurava as roupas de Nick.

– Devolva o casaco do cara.

Reznik estava ocupado dem ais dando ordens para reparar quando Jam es, pálido de fúria, ergueu a arm a que estava segurando e a apontou para Nick.

Joguei-m e para a frente e abaixei o braço dele, m as a arm a disparou com um estrondo infernal e ensurdecedor que fez Reznik dar um pulo para a frente e arrancar a arm a fum egante da m ão de Jam es enquanto proferia um a sequência de palavrões.

Horrorizada, corri na direção de Nick, que tinha caído de j oelhos com um grunhido de dor segurando o quadril, onde um a m ancha verm elha j á se espalhava. Nauseada com a visão do seu sangue, j oguei-m e no chão ao seu lado, arranquei m eu casaco e o pus em cim a dos seus om bros para protegê-lo

do frio.

– Ele tem que ir para um hospital! – gritei. – Por favor!

Ouvi Reznik dar um grunhido.

– Vocês querem ir para um hospital? Mas claro! Eu sou um rom ântico à m oda antiga. Podem passar a noite j untinhos no necrotério. Quem sabe até eles põem os dois dentro do m esm o saco?

– Deixe de ser burro – falou Nick entre os dentes trincados, ainda segurando o quadril. – É o caderno que você quer, não é? A Diana j á disse: ele está logo ali adiante na estrada. Mas você precisa dela para m ostrar onde é.

– Não! – Abracei-o. – Eu não vou deixar você aqui desse j eito!

Nick m e encarou com um olhar de súplica.

– Mas *tem* que deixar. Estou contando com você.

– Chega!

Reznik arrancou m eu casaco de cim a de Nick e fez um a onda de dor percorrer m eu couro cabeludo ao m e puxar pelos cabelos. Então gritou um a ordem para um de seus hom ens, que foi até nosso carro alugado, sentou-se ao volante e m anobrou o veículo para fora da estrada e para dentro da vala.

Reznik se virou para Jam es.

– Porra, que idiota você é. Agora vam os ter que lim par essa m erda toda. Só reze para Al-Aqrab não descobrir quem fez isso. Se eu fosse você, lordezinho Moselane, com praria um a passagem só de ida para Marte.

Encarei Jam es com fúria, enoj ada com aquele suj eito traiçoeiro feito um a cobra. Em bora Reznik j á o tivesse desarm ado m uito antes, Jam es continuava com o braço m eio erguido; parecia congelado no m esm o lugar.

– Eu não pretendia atirar nele – falou, num sussurro quase inaudível. – Eu só...

– Tarde dem ais! – Reznik deu outro tabefe atrás da cabeça de Jam es ao passar.

– Vam os lá achar o caderno. Depois cuidam os do corpo.

Foi assim que deixam os Nick: agachado na neve toda suj a de sangue. Só o que vi a seguir foi o banco de trás suj o de um carro quando os hom ens m e j ogaram lá de cabeça.

– Tudo isso é culpa sua – disse Reznik, entrando atrás de m im . – Se você tivesse m e dado o caderno logo de cara... – Ele segurou m eu rosto com um a das m ãos e m e encarou com um sorriso zom beteiro. – Ainda seríam os todos am igos.

Não falei nada. Tive que fazer um esforço para não vom itar quando saím os em disparada, deixando Nick sozinho na escuridão e no frio.

O traj eto foi um borrão. Sem pensar ou hesitar, eu disse ao m otorista exatam ente aonde ir, m as a única coisa que m e passava pela cabeça era o sangue de Nick a se esvair de seu corpo tão depressa quanto seu calor, deixando-o indefeso contra a noite ártica. Ele j á estava trem endo quando fom os em bora, e iria trem er por m ais algum tem po enquanto tentasse com bater a hipoterm ia.

Então os trem ores iriam cessar. E era nessa hora que eu tinha de estar lá para salvá-lo. Se não estivesse, o corpo dele iria parar de funcionar, um órgão de cada vez, até não restar m ais vida.

Quando finalm ente chegam os à trilha esburacada que conduzia ao esconderij o das am azonas, eu j á estava tão enlouquecida de im paciência que m e inclinei para a frente e em purrei o m otorista.

– Vam os! Mais rápido!

Enquanto eu falava, a fachada descascada e as j anelas lacradas da casa apareceram em breves clarões, e o efeito fantasm agórico do lugar foi realçado pelas luzes erráticas de nossos faróis e dos outros carros que vinham atrás.

– É isso? – Reznik se inclinou para a frente e espiou a construção em m au estado. – É um a casa abandonada. – Ele m e encarou, e a raiva fez os cantos de seus olhos trem erem . – Sua putinha...

Eu estava descontrolada dem ais para conter m inha fúria.

– Nick está m orrendo de frio lá atrás! – exclam ei. – Por que eu iria m entir para você?

Reznik desceu do carro, reuniu seus hom ens e instruiu os três m otoristas a ficarem ali, com os m otores ligados. Então pressionou o cano da arm a nas m inhas costas e m e fez andar na frente até os degraus de pedra da porta principal.

Eu não fazia ideia do que nos aguardava lá dentro. Pitana não havia nos revelado essa parte do plano. Com o um pequeno grupo de am azonas, a m aioria adolescente, sem falar em Otrera, que tinha m ais de 80 anos, poderia resistir a um a gangue de brutam ontes arm ados até os dentes?

Depois de bater várias vezes sem resultado, Reznik m e em purrou para o lado e esm urrou a porta com os punhos. Então, com o não houve resposta, tentou a m açaneta... e viu que a porta estava destrancada. Quando Jam es se aproxim ou, Reznik m e segurou pelo om bro.

– Entre, entre! – sibilou, em purrando-m e para entrar prim eiro.

Cham ando com um a voz hesitante: “Olá? Professor Seppänen?”, passei pela porta e entrei na casa escura. Com o os carros do lado de fora estavam ligados e com os faróis acesos, a única coisa que m e recebeu quando entrei foi m inha própria som bra, espichada pelas tábuas do piso. O corredor estava inteiram ente vazio. Todos os m óveis tinham sum ido, inclusive o arm ário de espingardas. A única coisa que restava era o suporte para guarda-chuvas.

Abalada com o estava, quase gritei de frustração. As am azonas tinham ido em bora. Seu quartel-general fora com prom etido, e a em boscada que elas haviam planej ado nada m ais era do que um a form a de se livrar de Nick e de m im . Senti m eu peito se contrair; nunca na vida m e sentira tão abandonada. Até m esm o a traição de Jam es ficava pequena se com parada àquilo.

Reznik m e deu um cutucão forte com o cano da arm a.

– Então, onde está?

– Eu não sei. – Olhei em volta, tentando decidir o que fazer. – Está m uito tarde. Com certeza o professor j á foi dorm ir.

Reznik se virou para seus hom ens e deu instruções para revistarem a casa.

Dois foram m andados para a sala de reunião, dois para a biblioteca e o restante para o andar de cim a. Ele então m eneou a cabeça para a porta do refeitório, bem à frente, que estava levem ente entreaberta.

– O que tem aí dentro?

– Não sei – respondi.

Éram os só os três agora: Reznik, Jam es e eu. Minha cabeça estava em polvorosa pensando em m aneiras possíveis de fugir daqueles dois e sair da casa.

– Prim eiro as dam as.

Reznik m e segurou com firm eza pelo braço e pressionou o cano da pistola nas m inhas costas enquanto atravessávam os o espaço j untos.

O refeitório estava quase às escuras. Os faróis do lado de fora, que haviam deixado o hall tão claro, não conseguiam ilum inar m ais do que alguns m etros da com prida m esa de j antar.

Bem nessa hora, ouvim os um barulho no andar de cim a, em cim a de nossas cabeças. O barulho de algo se arrastando depressa... depois um grito agudo abafado... então silêncio.

Reznik se retesou, sacou um walkie-talkie e vociferou um a pergunta. Não houve resposta.

– Acenda a luz! – disse ele, cutucando-m e com a arm a.

Pela sua voz, percebi que ele estava com eçando a ter dúvidas em relação àquele lugar, e o fato de nenhum a luz se acender quando acionei o interruptor não aj udou em nada.

– Tente outra vez! – falou, com um esgar.

– Shh! – disse um brutam ontes grandalhão com um gorro de esqui na cabeça e um a arm a em riste; era um dos quatro que haviam revistado os côm odos do térreo antes de se j untar de novo a nós.

Todos escutaram com atenção.

O silêncio dentro da casa era total. O único ruído a destoar da im pressão de com pleto abandono foi um leve relincho vindo lá de fora. O barulho fez Reznik soltar um palavrão contrariado.

– Para fora! – vociferou ele, em purrando todo m undo. – Para fora, lá para fora *já*!

Assim que os hom ens com eçaram a recuar, porém , a porta da frente bateu atrás de nós e nos vim os rodeados por um a escuridão total. Assustada dem ais para agir de outro m odo que não por instinto, encolhi-m e para escapar de Reznik e m e afastei dos hom ens. Encostei na parede, m al sentindo a dor quando bati com a cabeça em um dos ganchos de casaco. Pude ouvir palavrões e passos de pesadas botas de com bate enquanto os capangas de Reznik tentavam localizar a porta, e então, de repente...

Um a explosão de luz vinda de cim a nos cegou e um barulho horrível e frenético de chicotadas nos engolfou por vários segundos, diferente de qualquer outra coisa que eu j á tivesse escutado.

Protegendo os olhos dos violentos raios de luz, levei alguns instantes para distinguir os corpos que j aziam esparram ados no chão perto da porta, crivados por dezenas de flechas. Foi um a visão grotesca, nauseante. A m aioria das flechas fora m irada na cabeça e no rosto, acim a dos coletes à prova de balas. O sangue que escorria das horrendas feridas j á com eçava a form ar poças no chão.

Os únicos que não tinham sido feridos eram Reznik e Jam es, am bos encostados na parede da sala de j antar, escondidos, assim com o eu, dos olhos das arqueiras na galeria logo acim a.

Reznik levou alguns instantes para entender que todos os seus hom ens tinham m orrido, tanto no prim eiro andar quanto no térreo, e que nós três éram os os únicos sobreviventes. Quando seus olhos encontraram os m eus, seu rosto se contorceu tanto de fúria que ele deixou de parecer hum ano.

– Você m e enganou! – rosnou ele, partindo para cim a de m im pela parede sem entrar na linha de m ira das arqueiras.

Nem parei para pensar quais poderiam ser as suas intenções. A pistola em sua m ão e a expressão lívida em seu rosto foram tudo de que precisei para estender a m ão até o suporte de guarda-chuvas. Por sorte, o antigo espadim ainda estava lá.

Despreparado para m e ver segurando um a arm a, Reznik continuou a avançar, sem parecer registrar o perigo.

– Venha! – vociferou ele para Jam es, que continuava petrificado de choque. – Vam os usá-la com o refém ! – Ainda com a pistola apontada para m im , ele estendeu a m ão livre para segurar m eu braço, m as consegui pôr o espadim entre nós dois.

– Não se atreva! – falei, com um a voz tão calm a que eu própria m e espantei.

Não sei por quê, m as segurar um a arm a que eu conhecia tão bem m e fez voltar a raciocinar direito. – Eu vou voltar para buscar Nick...

– Não vai porra nenhum a! – Reznik afastou a lâm ina com o braço e apontou a arm a para a m inha cara. – Você vai vir *comigo*.

Bem nessa hora, um a m ulher arm ada com um facão surgiu pela porta do refeitório atrás dele. Era Pitana. Ela não atacou Reznik, m as recuou em silêncio ao ver o perigo que eu estava correndo.

E isso bastou. Reznik olhou por cim a do om bro para ver o que tinha atraído m inha atenção, e eu m e estiquei para a frente, desarm ando-o com um golpe no pulso. Ele gritou de susto e de dor, e segurou o ferim ento com a outra m ão. A pistola caiu no chão com alarde, bem no m eio de nós dois.

Rugindo de fúria, Reznik se abaixou para pegá-la outra vez, m as eu a chutei para longe. Estava tão concentrada em m antê-lo afastado de m im que só entendi o que Jam es estava fazendo quando ele se precipitou para a frente e recolheu a pistola.

– O que você está fazendo? – gritei quando ele apontou a arm a para m im e com eçou a recuar em direção à porta, passando por cim a dos cadáveres.

– Venha! – Jam es fazia gestos frenéticos para Reznik o seguir. – Vam os sair da...

A frase se concluiu com um grito de dor. Pela segunda vez, a pistola caiu no chão fazendo m uito barulho. Um a flecha vinda lá do alto havia atingido Jam es em cheio na m ão, perfurando a palm a, e ele dobrou o corpo, grunhindo de dor.

– Cavalheiros! – rugiu um a voz com grande autoridade.

Olhei para cim a e vi Otrera, m inha terrível e linda tia-avó Otrera, em pé na galeria com o arco em punho, a corda ainda vibrando depois do tiro perfeito. À

sua volta estava um grupo de j ovens am azonas, entre as quais Lilli.

Otrera abriu os braços, ainda com o arco na m ão, e disse a Reznik: – O senhor queria nos encontrar. Aqui estam os.

Não esperei para ver a reação de Jam es. Sem hesitar m ais nem um segundo, atravessei o recinto correndo, passei por Jam es e catei a pistola no cam inho.

Quase sem parar, abri a porta da frente com um safanão, e m inha aflição para sair foi tanta que tropecei na soleira e caí de quatro no chão sobre os ásperos degraus de pedra.

Ainda com a pistola na m ão, levantei-m e, m as senti a m ão de alguém agarrar m eu rabo de cavalo e percebi que Reznik estava bem atrás de m im . Girei o corpo, acertei-o na cara com a pistola e consegui soltar os cabelos. Quando m e virei e com ecei a correr, o supercílio dele j orrava sangue.

Apesar de ferido, Reznik m e seguiu escada abaixo e cam baleou atrás de m im pela neve.

– A pistola! – rosnava ele, com a voz tão autoritária quanto antes. – Me dê a pistola!

Duas furiosas bufadas e um rápido bater de cascos nos fizeram dar um pulo de m edo. Alguém sobre um cavalo, am bos unidos em um a única form a negra e m agnífica, saiu a galope da floresta e passou bem entre nós dois, tão perto que o com prido casaco de couro da pessoa que m ontava o cavalo bateu na m inha bochecha. Só vi seu rosto por um a fração de segundo quando ela passou, m as foi o bastante para reconhecer Pentesileia, a eslava que havia planej ado a em boscada.

Com um ganido triunfal, Reznik se abaixou para recolher algo que ela havia lançado na neve bem do seu lado ao passar. Era um revólver.

Seus dedos se fecharam com ânsia em volta da arm a, m as m esm o assim não

senti m edo. Seu im becil, pensei, enquanto recuava para longe dele. Por acaso você não conhece a quarta regra das am azonas? Nunca m ate um hom em desarm ado a m enos que sej a necessário.

Antes de Reznik conseguir disparar um só tiro, Pentesileia se virou na sela, ergueu um a arm a de fogo que estava escondida debaixo do casaco... e um estrondo ensurdecedor j ogou Reznik e o revólver para trás e para cim a de um banco de neve. Tudo o que pude ver dele foram as m ãos e os pés, m as soube que nem eles nem o hom em a quem pertenciam j am ais tornariam a se m over.

– Morg! – Um cham ado frenético m e despertou do estado de choque. Em pé no lim iar da casa, Jam es acenava feito um louco. – Volte aqui! Por favor!

Virei-m e e saí correndo.

Segurando a pistola com as duas m ãos, corri pela estrada que dava acesso à casa. Im aginando que os m otoristas brutais de Reznik estariam abrigados dentro de seus carros, de arm a em punho e desesperados, fiquei aliviada ao constatar que não. Os dois carros e a van estavam vazios, com as portas da frente abertas, e os únicos vestígios dos três hom ens de Reznik restantes eram os sulcos ensanguentados na neve pelos quais eles haviam sido arrastados.

Entrei no últim o carro, um utilitário esportivo novinho em folha com bancos de couro, vasculhei o interior em busca da chave e por fim a encontrei no chão, toda suj a de sangue e neve derretida. De tão nervosa, m al era capaz de controlar as m ãos e os pés, m as m esm o assim consegui dar a partida no carro e engatar a ré antes de recuar o m ais depressa que pude pela estradinha sinuosa.

Quando cheguei à estrada principal, com ecei a refazer com um a urgência ofegante o cam inho pelo qual viera. Tudo em que conseguia pensar era Nick à m inha espera, agonizando a cada m inuto.

A im agem dele encolhido na neve em silenciosa agonia era tão poderosa que havia perm anecido em m inha retina durante todo aquele tem po. Quando enfim m e aproxim ei do ponto em que o havíam os deixado, tive absoluta certeza de que o encontraria aj oelhado j unto à estrada, encolhido para se proteger do frio.

Só que ele não estava lá.

Saltei do carro e m e virei para todos os lados algum as vezes, gritando o nom e

dele a plenos pulm ões enquanto um a bola gelada de pânico que m e revirava o estôm ago ia ficando cada vez m aior. Não estava m ais nevando e um silêncio total reinava sobre a floresta, certam ente suficiente para m e convencer de que ninguém estava respondendo aos m eus cham ados.

Corri até nosso carro alugado caído na vala e abri a porta com um puxão para ver se Nick tinha se arrastado até lá em busca de abrigo. Mas ele tam pouco estava ali.

Som ente então m e ocorreu procurar rastros na neve que acabara de cair...

rastros de alguém andando ou se arrastando... m as os faróis que eram m inha única fonte de luz deixavam tudo tão claro que levei algum tem po para distinguir que, de fato, havia um desenho recente: um a única m arca de pneu que descia a estrada em direção a Suom ussalm i.

Senti um a onda de esperança. Será que um a m oto tinha recolhido Nick?

Entrei de novo no carro e fui seguindo o rastro da m oto o m ais depressa que consegui. Foi só quando cheguei aos lim ites da cidade que outras m arcas com eçaram a se entrem ear à que eu estava seguindo, m as m esm o assim , graças à hora tardia e ao pouco tráfego, consegui segui-la pela cidade até seu único destino lógico.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

E um homem que a vir derramando lágrimas poderá dizer: "Eis ali a mulher de Heitor, o mais bravo guerreiro que os troianos domadores de garanhões conseguiram recrutar, tempos atrás, quando os homens lutavam por Troia."

Hom ero, *Ilíada* O hospital estava pouco m ovim entado, e só algum as pessoas trabalhavam no plantão da noite. Quando entrei pela porta do pronto-socorro, todos os funcionários ergueram o rosto. Pelos seus olhos arregalados, pude supor que m eu estado não era nada bom .

Assim que confirm ei que Nick estava de fato internado ali, um a enferm eira com pena de m im m e conduziu até um a pequena área de espera equipada com um a dezena de cadeiras vazias.

– Na garrafa térm ica tem água quente para fazer chá – disse ela. – Vou avisar ao

Dr. Huusko que a senhora está aqui.

– Com o ele está? – perguntei, estudando o rosto dela para tentar coletar qualquer inform ação que ela pudesse ter. – Está bem ?

A enferm eira não m e encarou.

– O Dr. Huusko vai conversar com a senhora.

Não faço ideia de quanto tem po passei sentada ali, ansiosa, aguardando notícias. O radiador posicionado logo atrás de m im estava quente, m as m esm o assim eu não conseguia parar de trem er. Os acontecim entos da noite haviam m e deixado gelada até a m edula, quase catatônica de tanto choque e exaustão. Nem sequer tive presença de espírito suficiente para m e levantar e ir lavar as m ãos, m uito em bora elas ainda estivessem suj as com o sangue de Nick.

Quando o Dr. Huusko apareceu, enfim , não veio direto na m inha direção, m as prim eiro parou e ficou m e olhando lá do outro lado da área de espera. E, quando ele falou, sua voz saiu tão grave que parecia um ronco vindo da própria Terra.

– Espero que a senhora tenha um a boa história para m e contar.

Levantei-m e, com as pernas dorm entes, e procurei em vão algum a brecha no sem blante do m édico. O Dr. Huusko era aquele tipo de hom em intim idador e parrudo, que dá a im pressão de ter enfrentado várias tem pestades de gelo e quedas de raios, para quem seres hum anos com o eu eram pouco m ais de um incôm odo passageiro.

– Por favor, m e diga que ele vai ficar bem – falei, e as palavras quase entalaram na m inha garganta.

O Dr. Huusko apontou para o próprio estetoscópio.

– Isto aqui não é um a bola de cristal. É ciência. Mas a ciência está do nosso lado. – Ele finalm ente se aproxim ou de m im . – Se eu não fosse um hom em racional, diria que o seu nam orado tem um anj o da guarda. – Ele m e m ostrou o que estava segurando.

Era o bracelete de vovó. Ou m elhor, im aginei que fosse, porque a cabeça do

chacal estava tão deform ada que não parecia m ais um anim al.

– Isto aqui estava no bolso da calça dele – explicou o Dr. Huusko. – Im pediu a bala de penetrar. Nunca vi um a coisa assim . Provavelm ente salvou a vida dele.

– Mas ele estava sangrando – sussurrei, tentando conter lágrim as de incom preensão e alívio.

O Dr. Huusko m e encarou, consternado.

– É claro que ele estava sangrando! A senhora im agina qual é a sensação de ter um obj eto desses socado para dentro dos seus tecidos com um a força de várias centenas de quilos?

Encarei-o nos olhos, louca para ouvi-lo confirm ar que Nick estava fora de perigo.

– Então ele vai ficar bem ?

Mas o sem blante do m édico tornou a ficar duro.

– Ele está em com a. Vam os ver. Teve um a hipoterm ia grave. O coração dele parou; não sei por quanto tem po. Pode ser que tenha havido danos celulares. – Suas sobrancelhas peludas se contraíram ainda m ais. – Sem oxigênio sendo bom beado até o cérebro...

Não desm aiei, m as tudo escureceu durante alguns segundos.

– Posso vê-lo?

– Quando ele estiver estabilizado. – O m édico tirou outra coisa do bolso do j aleco: o celular de Nick. – Isto aqui estava no outro bolso dele. Talvez a senhora queira ligar para alguém . A m ulher que o trouxe até aqui disse que era m ãe dele, m as não nos inform ou m ais nada. Tentam os fazê-la ficar, m as... – O Dr. Huusko fez um a cara feia. –... ela não quis.

Fiquei andando de um lado para o outro do corredor, triste e chocada dem ais até para chorar. Acabei indo m e sentar na cafeteria deserta com o celular de Nick e o bracelete deform ado de chacal na m esa à m inha frente. Um solitário tubo de néon zum bia acim a do balcão de alim entos vazio ali perto, piscando às vezes

com o se estivesse prestes a se apagar. Por algum m otivo, aquilo m e lem brou a cabine em que eu dorm ia na Argélia, e por um breve instante fui tom ada por um desej o inútil de voltar no tem po até um ponto em que Nick e eu ainda antipatizávam os e em que nem m esm o nos m eus sonhos m ais desvairados eu teria m e im aginado sentada em um hospital daquele j eito, chorando por ele.

Depois de algum as inspirações fundas e rápidas, acabei conseguindo afastar esses pensam entos inúteis e m e concentrar no telefone. Em bora a últim a coisa que eu quisesse fazer fosse falar com desconhecidos, a situação era grave o suficiente para j ustificar um a ligação.

Percorri a interm inável lista de contatos de Nick sem reconhecer nenhum nom e, até finalm ente ter a ideia de verificar a lista de discagem rápida e ver que pessoas ele considerava m ais próxim as e m ais íntim as. Para m inha surpresa, o prim eiro núm ero da lista estava identificado com o “Escritório para Brigar”. Em seguida vinham “Menino Maravilha” e “Goldfinger”. No fim das contas, parei de tentar entender e liguei para o prim eiro núm ero.

O telefone tocou um pouco até que alguém atendesse, e eu j á havia m e preparado para um a caixa postal em Dubai quando um a voz m asculina sonolenta falou: – Até que enfim .

– Aqui é Diana Morgan – respondi depressa. – Estou ligando do celular de Kam al al-Aqrab. Im agino que o senhor o conheça.

Um alto farfalhar soou do outro lado. Então, com um a voz dividida entre a preocupação e a raiva, o hom em perguntou: – O que houve? De onde está ligando?

Olhei em volta para a cafeteria deserta.

– Da Finlândia. Do Hospital de Suom ussalm i. – Parei para deixar a voz acalm ar. – Infelizm ente houve um ...

– Meu filho está vivo?

A pergunta m e acertou em cheio no coração.

– Ah! O senhor é...

– Responda à pergunta.

O tom hostil do Sr. Al-Aqrab fez m inha coragem m urchar um pouco.

– Está, m as a gente não sabe se... – Minha voz tornou a falhar. – Ele teve um a grave hipoterm ia...

– Não saia daí. Eu chego j á.

Ele desligou.

E foi ali que o Dr. Huusko acabou m e encontrando, deitada em cim a do celular de Nick na cafeteria vazia, triste dem ais para m e m exer.

– Tom e.

Ele segurou diante dos m eus olhos um a foto em tons de cinza. A im agem m ostrava um a m ulher passando pelas portas de vidro do hospital enquanto tirava da cabeça um capacete de m oto.

– Foi ela quem trouxe o seu nam orado. A senhora sabe quem é?

Inclinei-m e para exam inar a im agem . A fotografia fora tirada de cim a, m as m esm o assim reconheci na hora os cabelos grisalhos curtos. O anj o da guarda de Nick era a m ulher zangada de Istam bul. Ela tentara nos evitar perm anecendo no andar de cim a a noite inteira, m as o Destino m esm o assim a tinha encontrado e posto à prova. Será que dessa vez ela fora aprovada com louvor? Era um a questão de perspectiva. Quebrando a regra de ser a prim eira na linha de com bate, a rainha das am azonas do Báltico deixara as irm ãs sozinhas com os capangas de Reznik para salvar o próprio filho.

– Então? – insistiu o Dr. Huusko.

Balancei a cabeça, sem encará-lo.

– Não. Sinto m uito.

– Venha. – Ele acenou para eu m e levantar. – Vou deixar a senhora vê-lo. Ele ainda está em com a, m as o cérebro hum ano é um m istério.

Deitado em um a cam a de hospital em um quarto individual, Nick parecia estar conectado a todos os tipos de equipam ento m édico do estabelecim ento. E

exibia um a palidez tão m ortal que eu não o teria reconhecido se não soubesse que era ele.

Fui até a cabeceira e pus a m ão com delicadeza por cim a da sua. Ele não reagiu. Tam pouco fez qualquer m ovim ento identificável quando m e curvei e lhe dei um beij o no rosto.

O Dr. Huusko m ediu o pulso de Nick do j eito antigo, ignorando todos os com plexos aparatos.

– Ele é um hom em forte, com um coração forte – falou, fazendo um a anotação em um prontuário. Então se virou de frente para m im , com a expressão nos olhos um pouco m enos severa. – Não sei o que aconteceu com vocês dois.

Não tenho certeza se quero saber. Mas a polícia vai fazer perguntas. É m elhor a senhora com eçar a pensar nas respostas.

Enfim a sós com Nick, deitei-m e ao seu lado na cam a estreita e m e aconcheguei o m áxim o possível. Apesar de tudo, seu cheiro continuava o m esm o. Tentei recordar a m anhã daquele m esm o dia, quando havia acordado ao seu lado no casulo quentinho de nossos edredons de hotel. Na ocasião, tivera a forte sensação de que na verdade nada fora do nosso pequeno ninho tinha m ais m uita im portância; eu finalm ente havia encontrado o centro do m eu universo.

– Eu te am o tanto – sussurrei no seu ouvido, torcendo para as palavras chegarem até ele, onde quer que estivesse. – Por favor, volte. Me desculpe.

Fora eu quem insistira para ir até a Finlândia, eu quem fizera questão de seguir a trilha de vovó até o fim . E quando as coisas tinham saído errado, eu havia hesitado e ficado sem ação enquanto Nick enfrentava os hom ens de Reznik.

“Com o pode não querer aprender a defender as pessoas que am a?”, perguntara-m e ele nas ruínas de Micenas. “Eu posso ensinar uns truques fáceis.”

Na hora, eu estava brava dem ais para escutá-lo. E agora a grande engrenagem dos céus tinha pegado a m inha arrogância e a j ogado bem na m inha cara com um a precisão de cegar os olhos.

O Sr. Al-Aqrab chegou quando o dia estava raiando. Ao escutar as ríspidas exigências e exclam ações indignadas no corredor lá fora, calculei que fosse a polícia que havia chegado para m e interrogar. Mas então a porta do quarto foi aberta com um em purrão e quatro hom ens entraram , com o Dr. Huusko e duas enferm eiras agitadas em seu encalço.

A atitude séria e profissional deixava o Sr. Al-Aqrab tão diferente do hom em que eu tinha visto um a sem ana antes, de boné, atravessando o lobby do Çirağan Palace, que tive de recorrer ao sem blante intenso no caderno de recortes do Dr.

Telem akhos para m e convencer de que era ele de fato. De terno e gravata quase idênticos aos dos três hom ens que o acom panhavam , ele parou no m eio do quarto sem sequer tom ar conhecim ento da m inha presença, em seguida andou até a cam a de Nick com um a careta de fúria im potente.

– Quem fez isso?

Sua prim eira pergunta não foi direcionada a ninguém em especial.

– Reznik e Jam es Moselane – respondi, olhando para o Dr. Huusko. – Eles nos seguiram até aqui.

O Sr. Al-Aqrab resm ungou um palavrão.

Esperei alguns instantes, im aginando que ele fosse tentar falar com Nick ou pelo m enos tocar nele. Com o isso não aconteceu, falei: – Não chega a ser um a surpresa, certo? Não era esse o plano desde o início?

Usar-nos com o isca?

Ele se virou para m im devagar, com o se m al conseguisse acreditar no m eu atrevim ento.

– E a senhora, quem é?

– Diana Morgan. – Estendi a m ão. Com o ele não a apertou, um a bolha de fúria e im potência explodiu na m inha cabeça. – Com certeza deve se lem brar de m im do relatório do detetive. Im agino que o senhor e os seus... – Meneei a cabeça para os outros hom ens, todos parados com o cenho franzido por um a agressividade latente. –... e o seu departam ento de inteligência saibam m ais

sobre m im do que m eus próprios pais.

– Certo – falou o Sr. Al-Aqrab, levando a m ão até dentro do paletó. – Quanto eu lhe devo?

Dei um passo para trás.

– Pelo quê, exatam ente?

Ele sacou o talão de cheques.

– Para sair por aquela porta agora... – Ele apontou por cim a do om bro com um a caneta-tinteiro de ouro. –... e apagar tudo isso da sua m ente.

Em bora o tom da nossa conversa estivesse longe de ser cordial, fiquei tão pasm a com aquela grosseria que o quarto à m inha volta se transform ou em um borrão.

– Eu não aceitaria um centavo sequer do senhor nem que fosse um a m endiga na rua – falei, forçando-m e a pronunciar as palavras. – Foi o senhor quem fez isso com o seu filho. E se não fosse a m ãe dele, que o recolheu de um banco de neve e trouxe para cá, ele agora estaria m orto.

Falei com um tom furioso e arrebatado, e o Sr. Al-Aqrab titubeou um pouco antes de endireitar os om bros e apertar a gravata.

– Isto aqui não é hora nem lugar para...

Ele gesticulou para outra pessoa, e foi só então que vi a equipe m édica entrar no quarto atrás do Dr. Huusko.

– O que estão fazendo? – perguntei, dando um passo m ais para perto de Nick.

Mas era bem claro o que eles estavam fazendo.

Tentei im pedir sua passagem .

– Não o levem em bora daqui! Por favor! O Dr. Huusko j á organizou... – Ao ver que ninguém prestava atenção em m im , virei-m e para o Sr. Al-Aqrab e exclam ei: – Não basta o que o senhor j á fez com ele? Está um frio do cão lá fora.

Um a vez que ele continuou a m e ignorar, im pedi sua passagem e o forcei a prestar atenção.

– Tudo bem . Está levando-o de volta a Dubai – concluí e, de tão abalada, m al consegui abrandar a voz. – Eu vou j unto.

O Sr. Al-Aqrab não poderia ter feito um a cara m ais consternada.

– A senhora? Por quê?

Lutando para conter as lágrim as, olhei para Nick.

– Porque ele vai perguntar por m im quando acordar.

Outro olhar desdenhoso de cim a a baixo m e pôs no m eu devido lugar.

– Duvido m uito. Agora com licença...

Sem hesitar, a equipe m édica desconectou Nick de todos os aparelhos do quarto com grande eficiência e prendeu cada tubo a seus próprios aparelhos portáteis. Então em purraram a cam a para fora do quarto, e eu saí correndo atrás pelo hospital.

– Estou falando sério – disse para o Sr. Al-Aqrab. – Nem se atreva a ... – Estendi a m ão e tentei segurar a grade da cam a. – Pare! O senhor não está entendendo!

Com um a m anobra suave e sem esforço, ele conseguiu m e conter ali m esm o, enquanto a equipe m édica seguia pelo corredor e desaparecia depois de um a quina.

– Ah, eu estou entendendo perfeitam ente – disse ele, pondo a m ão em m eu om bro com um gesto de superioridade. – Nick é m eu filho. Ele tem esse efeito nas m ulheres. Tom e aqui. – Ele enfiou a m ão no paletó, pegou um bolo de dinheiro e pôs na m inha m ão. – Com pre um a coisinha para a senhora. Ele iria gostar.

Ao volante do utilitário esportivo de Reznik, voltei pela estrada de Raate sob a luz da m anhã e descobri que nosso carro alugado não estava m ais caído na vala e que todos os indícios de violência tinham sido apagados por outra nevasca. Nossa bagagem havia sum ido, assim com o o m eu casaco, o *Historia Amazonum*, a carta de vovó... não sobrara sequer um a pegada.

Continuei em frente, e aos trancos e barrancos consegui encontrar o cam inho de volta à casa das am azonas, apesar de tudo parecer diferente à luz do dia e de as placas im provisadas terem desaparecido da estrada.

Ao subir pelo acesso sinuoso, constatei na m esm a hora que m inha viagem tinha sido em vão. Além de não haver m ais nenhum carro em frente à casa, apenas um a confusão de m arcas de pneu quase apagadas, a casa em si havia sum ido. No lugar em que antes ficava a triste e velha m ansão restava apenas um a pilha de entulho carbonizado.

Saltei do carro e dei um a volta pela neve, que chegava à altura do j oelho, em busca de sinais de vida. Finas colunas de fum aça ainda subiam dos restos queim ados da casa, m as nenhum obj eto identificável se destacava entre os destroços.

Fiquei encarando aquela ruína, sentindo-m e estranham ente anestesiada. O

que eu esperava? Encontrar as am azonas ainda ali, ocupadas em lim par m anchas de sangue do chão?

Dei a volta nos alicerces da casa e reparei em um galpão cinza escondido na m ata. Era um a construção com prida e alta, talvez até m ais alta do que a casa em si. Fui m e aproxim ando pela neve e abri as portas do galpão com curiosidade e cautela.

Lá dentro havia dezenas de cocheiras vazias e pilhas de palha suj a no chão.

Mais do que tudo, um carrinho de m ão virado e um saco rasgado de feno sugeriam um a partida precipitada.

Nos fundos do galpão, outra porta estava aberta. Do outro lado havia um im enso recinto vazio com piso de concreto. Minha prim eira im pressão foi que algo m uito im portante tinha sido guardado naquele espaço grandioso com telhados de catedral, algo que agora não estava m ais ali. Mas então reparei nas cordas penduradas nas vigas do teto e... nos trapézios.

De repente, ouvi Otrera descrevendo o circo itinerante que outrora constituíra a divisão báltica das am azonas e entendi que aquele recinto espaçoso havia abrigado m esm o algo especial: m ulheres em treinam ento. Nenhum espelho ou tatam e sequer vinha suavizar seu caráter severo; aquele galpão não tinha sido um a sala de exibição, m as sim um lugar de foco, esforço e dor.

As paredes todas grafitadas corroboravam m inhas suspeitas. A m aioria das coisas estava escrita em idiom as que eu não entendia, m as havia duas inscrições em inglês. A prim eira dizia: “Aqueles capazes de abrir m ão da liberdade essencial para obter um a pequena segurança tem porária não m erecem nem liberdade nem segurança.” A outra dizia apenas: “Um a nação de ovelhas vai gerar um governo de lobos.”

Fui até um a barra paralela chum bada na parede, segurei o m etal frio e tentei m e suspender. Não consegui. Havia feito aquilo quando criança, ao brincar de am azona com Rebecca no j ardim , m as depois... adulta, eu dera ouvidos alegrem ente a quem dizia que as m ulheres não deviam fazer esse tipo de coisa.

Voltei pelas cocheiras procurando por toda parte algum obj eto esquecido, qualquer pequena lem brança que m e desse forças para prosseguir. Mas tudo havia desaparecido. No fim das contas, acabei pegando um punhado de feno do saco rasgado e pondo no bolso.

Onde estaria agora a divisão báltica da irm andade?, pensei. E o que teria acontecido com Jam es? Teria ele virado fum aça j unto com os outros segredos das am azonas naquela casa?

Com a espinha gelada pela lem brança da sangrenta conclusão da guerra entre Reznik e as am azonas, virei-m e para tornar a sair. Ao fazê-lo, um obj eto pendurado em um prego j unto à porta cham ou m inha atenção. Era o m eu casaco. Sem entender, peguei-o e o exam inei. De fato, dentro dos bolsos estavam todas as coisas que eu acreditara ter perdido: m eu dinheiro, m eu passaporte m ais um a vez... e a carta de vovó.

Sentei-m e no carrinho de m ão virado e abri o envelope ali m esm o. A carta não era com prida, e a caligrafia trêm ula sugeria que ela estava fraca quando a havia escrito.

Diana, Quantos anos você tem agora? Fico tentando vê-la na m inha frente, m as não consigo chegar a um a conclusão sobre quanto tem po você levou para m e encontrar. Queria conversar com você de novo e explicar tudo, ouvir com o anda a sua vida, m as agora é tarde para isso. Katherine Kent m e disse que você é feliz. Saber isso m e traz paz.

Vou lhe dar m eu bracelete de chacal, m as não pense que eu quero que você vire am azona. Só quero que tenha a possibilidade de escolher. Um núm ero dem

asiado grande de m ulheres cresce sem ter escolha. Meu m aior desej o para você é um a vida de liberdade. Lem bre-se de m anter vivas as suas escolhas; não as deixe enfraquecer. E não deixe que os outros a convençam de que não tem opções. Lem bre-se: a coragem não tem idade.

Não sei onde vou estar quando você ler isso, m as se puder irei encontrá-la e sussurrar no seu ouvido. A prim eira coisa que vou sussurrar é o seguinte: não desista nunca. No final, o bem sem pre vai vencer o m al.

Com todo o m eu am or, Kara

PARTE VI E Q U I N Ó C I O

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Então Odisseu, que tantas agruras suportou, tomou o arco, armou-o sem dificuldade e cravou uma flecha no ferro. Postou-se na soleira e disparou à sua frente as velozes setas, com uma expressão de ira terrível, e abateu o rei Antinoo. Então disparou contra os outros suas flechas mortais, e eles caíram um após o outro.

Hom ero, *Odisseia* OXFORD, INGLATERRA Com um a indiferença riscada de chuva, os sonhadores cam panários pontudos m e acolheram com o se eu j am ais houvesse m e ausentado. O ar de novem bro estava um pouco m ais frio do que quando eu tinha viaj ado, três sem anas antes, e todos pareciam um tiquinho m ais infelizes ao andar apressados de prédio em prédio, com os livros abraçados j unto ao peito. Tirando isso, tudo tinha um aspecto praticam ente igual. O porteiro m al ergueu os olhos do caderno esportivo do j ornal quando parei para pegar m inha correspondência.

– Oi, Frank – falei enquanto vasculhava m inha caixa de correio, surpresa com a pouca quantidade de cartas após o que m e parecia um a longa ausência. – Algum a novidade?

Ele balançou o rosto bochechudo com um a com iseração fingida.

– Nada, que eu saiba. Hoj e dizem que vai fazer sol. Mas só vendo. Ah... quase ia esquecendo. – Ele se esticou para rem over um recado de um quadro de avisos.

– Jam es Moselane ligou ontem à noite. Disse que era urgente. Ele deixou um telefone.

Am bos olham os para os núm eros rabiscados a lápis.

– Da Suíça? – perguntei, olhando surpresa para o código de país.

Frank deu de om bros.

– Ele só disse que era urgente. Tom e. – Ele m e entregou o pedaço de papel com um a careta, louco para se livrar da responsabilidade. – Melhor ligar logo.

A sala do professor Larkin não foi m ais acolhedora do que a portaria. Um a névoa de abandono em poeirado pairava no ar, e os pobres guppies estavam m ortos no aquário, boiando de barriga para cim a. Pus a correspondência sobre a escrivaninha, e a prim eira coisa que fiz foi ir até o banheiro e j ogar na privada o telefone de Jam es j unto com os peixes. Ao voltar, um pouco m ais calm a, acendi todas as lum inárias que ainda funcionavam e enchi a chaleira em preparação para um a longa tarde tentando superar a tristeza e pondo m inha vida em ordem outra vez.

Eu havia passado o fim de sem ana à procura de m eus pais em todas as pousadas da Cornualha, e finalm ente os encontrara em um salão de chá em Falm outh. Tínham os voltado j untos de carro para a região de Cotswolds na noite anterior e passado o cam inho inteiro conversando sobre vovó. Após 18 anos m antendo tudo represado atrás de um m uro de silêncio e aflição, o m undo de m eus pais foi tão inundado por lem branças que eles m al sabiam a qual delas se agarrar. Juntos, confirm am os o que j á sabíam os e j untam os a isso o que tínham os descoberto na Finlândia. O retrato que se form ou de vovó foi o de um a m ulher m arcada pela perda e pelas dificuldades que era bem m ais forte e bem m ais sã do que eles até então acreditavam .

Arrasada e exausta com o eu estava, teria sido bom passar um tem po na casa dos m eus pais, escondida naquele m undo de m em órias refeitas. Mas eu não podia ficar fora para sem pre. Precisava enfrentar m eus alunos e apaziguar m eus colegas; era um a batalha que eu não podia m ais adiar.

Assim , peguei o trem m atinal para Oxford que conhecia tão bem torcendo para entrar direto na m inha antiga rotina. No entanto, sentada no m eu lugar à j anela habitual, tudo parecia de certa form a ter m udado à m inha volta: as cores

estavam m ais escuras, o ar, estranho e m orto. Até m esm o os ruídos das outras pessoas tinham m udado para um tom m enor.

Antes de ir em bora da Finlândia, havia tentado ligar para o segundo núm ero da discagem rápida de Nick... m as descobrira que a linha tinha sido cancelada.

Tentasse eu o que fosse, tudo o que conseguia ouvir era o m esm o recado autom ático em árabe. As palavras eu não entendia, m as o significado era claro: eu tinha sido desconectada.

Enquanto percorria a Cornualha em busca dos m eus pais, havia usado todas as conexões de internet que conseguira encontrar à procura de algum telefone direto do escritório da Fundação Aqrab em Dubai. Quando finalm ente encontrei, anotei-o em um pedaço de papel para ligar assim que chegasse a Oxford.

Agora, encarando o núm ero, prestes a fazer a im portante ligação do antiquado aparelho do professor Larkin, senti um a conhecida fisgada de repulsa ao recordar o entrevero com o Sr. Al-Aqrab. Mas eu não podia m ais deixar aquilo m e deter; m inha aflição por causa de Nick era tão grande que eu não conseguia com er nem dorm ir e tinha a sensação de que m inha alm a estava em guerra com m eu corpo, cham ando-o de traidor por ter fugido para Oxford em vez de ir passar o pente fino nas ruas de Dubai.

O telefone tocou apenas um a vez, um a recepcionista atendeu e m e transferiu para um francês que, decerto em um a bela sala com vista para o golfo Pérsico, deixou bem claro que a Fundação Aqrab e a fam ília Aqrab eram duas entidades distintas.

– Não tenho inform ação nenhum a para lhe dar – disse ele várias vezes, evidentem ente obedecendo ao protocolo da em presa. – Mas posso colocá-la em contato com nossa assessoria de im prensa caso estej a interessada em saber m ais sobre a fundação.

Bem na hora em que desliguei, o telefone tornou a tocar.

– Alô? – atendi, esperançosa, ainda pensando em Dubai.

– Morg!

A alegria de Jam es por ter conseguido falar com igo foi explosiva.

– Escute, eu sinto tanto... Sinto m uito m esm o. Está com ódio de m im , né? Não posso culpá-la. Mas escute... em nom e dos velhos tem pos. – Ele baixou a voz. – Estou em apuros. As suas am igas arm aram bonito para cim a de m im . Podem os conversar? Você está m e ouvindo?

Com o não respondi, ele deu um a risadinha nervosa.

– Tudo bem . Que tal o seguinte: dinheiro. Sei que você vive apertada. É só dizer seu preço. Tudo o que você precisa fazer é vir a Genebra... – Ele baixou ainda m ais a voz. – E dizer a esses babacas que eu não m atei o Reznik. Tá bom ?

Estou na delegacia central... Porra, Morg, eu estou algem ado!

Desliguei o telefone.

Quando o aparelho tornou a tocar, tirei-o da tom ada.

As am azonas obviam ente haviam sabido a form a exata de lidar com Jam es e o cadáver de Reznik. Para ser franca, não senti a m enor necessidade de interferir em sua j ustiça.

Meus com prom issos docentes, no fim das contas, tinham sido assum idos por algum aluno superdotado da graduação, e todos com quem falei pareceram extrem am ente relutantes em se dar o trabalho de fazer as coisas voltarem ao que eram antes. Ao que parecia, o próprio professor Vandenbosch, diretor do departam ento que havia em barcado havia tem pos em um a m issão para m e aniquilar, tinha assinado os papéis. Houve até um a sugestão de que aquele m eu substituto tinha agora o direito de ocupar a casa do professor Larkin e que seria m elhor eu com eçar a procurar outro lugar para m orar. É claro que eu entendia a lógica desse raciocínio, pois havia negligenciado m eus com prom issos durante três sem anas, m as nem por isso estava disposta a abrir m ão sem briga do lugar que m e esforçara tanto para conquistar.

O fato de Katherine Kent não ter voltado da Finlândia tam pouco aj udou. A prim eira coisa que eu tinha feito fora passar na sua sala, m as ninguém veio atender m inhas batidas insistentes, e o porteiro não fazia a m enor ideia de quando ela voltaria.

– Com a professora Kent, nunca se sabe – disse-m e ele com um sorriso conspiratório. – Eu acho que ela trabalha para o MI5, só que ninguém acredita.

Na terça-feira de m anhã, voltei à faculdade depois de um a sessão catártica de treinam ento no clube de esgrim a e encontrei a porta do m eu apartam ento entreaberta. Meu prim eiro pensam ento foi que a faxineira devia ter aparecido, m as quando não escutei aspirador de pó nem o barulho de latas de lixo, apenas silêncio, senti um conhecido calafrio na espinha.

Abri a bolsa de ginástica o m ais silenciosam ente possível e peguei m eu florete. Feito apenas para fins esportivos, ele tinha lâm ina flexível e ponta rom buda, m as era m elhor do que nada. Nas m ãos certas, até m esm o um florete esportivo podia ser letal.

Respirei fundo, passei pela porta... e dei de cara com Rebecca.

– Meu Deus do céu! – guinchou ela, levando a m ão ao coração quando m e viu. – Está tentando m e m atar?

Abaixei o florete, e dem os um forte abraço.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei, depois de alguns instantes. – Eu não lhe disse para ir velej ar com o Sr. Telem akhos?

Rebecca recuou e enxugou as lágrim as.

– Se é esse o tipo de am iga que você quer, pode pôr um anúncio nos classificados. Você precisa de aj uda, e aqui estou. Recebi um envelope por portador com suas chaves dentro, e achei que podia m uito bem usar.

Com param os observações tom ando duas doses de *single malt* no Grand Café.

Nem ela nem eu éram os grandes bebedoras de uísque, m as tenho certeza de que am bas sentíam os que um a m udança se fazia necessária. Sentadas em bancos altos no bar, tentam os j untas desfazer o nó de pessoas e acontecim entos que haviam nos afastado... e agora tornado a nos unir. Naturalm ente, Jam es Moselane tinha grande im portância nesse grupo heterogêneo de am igos e inim igos.

– Ainda não consigo acreditar – disse Rebecca por fim . – E pensar que a gente

venerava esse pústula. O que acha que vão fazer? Deixá-lo apodrecer na cadeia? Cortar a cabeça dele com um a espada? Não é isso que faziam antigam ente lá na Suíça?

Dei de om bros e girei a bebida no copo.

– Não faço ideia de com o elas conseguiram pôr a culpa nele pela m orte do Reznik, m as sabe de um a coisa? Ele m erece. Se algum dia eu o vir outra vez, vou devolver aquela bola de golfe.

Quando finalm ente voltam os j untas para casa, de braços dados, Rebecca j á sabia tudo o que havia para saber sobre m inhas agruras na Alem anha e na Finlândia. E, em bora ela houvesse reagido ao m eu pesaroso relato com exclam ações de incentivo com o “Tenho certeza de que ele vai ficar bem ” e “É

claro que ele te am a!”, eu a conhecia bem o bastante para saber que Rebecca com partilhava m eu m edo de nunca m ais ver Nick.

– Por que não vem para Ikiztepe com igo? – perguntou ela, aj ustando o ritm o dos passos ao m eu sobre as pedras irregulares do calçam ento. – É um lugar m aravilhoso, em ocionante, e o Dr. Özlem disse que estão loucos atrás de gente para contratar.

Rebecca m e olhou para ver se eu parecia receptiva.

– Estou dizendo, ser dem itida lá de Cnossos foi a m elhor coisa que j á m e aconteceu. Mas e você? Não está na hora de desm am ar aqui de Oxford?

Fiz que não com a cabeça.

– Só depois que eu fizer um curso de defesa pessoal.

Foi então que vi. Um a van de entregas parada em frente ao portão da faculdade, com o m otor ligado, e ao seu lado, em pé, um a silhueta que eu conhecia m uito bem . Com as botas com pridas e roupas j ustas, m inha am iga am azona Lilli sobressaía na rua m edieval com o um a desafiadora planta perene a crescer em um paredão de rocha.

Quando nos viu, ela m eneou a cabeça com o se tivéssem os um acordo secreto e deu a volta na van até o lado do carona.

– Espere! – gritei, dando um pulo para a frente, m as j á era tarde.

A van desceu a rua e sum iu ao dobrar a esquina em direção a Oriel Square.

Em pé em frente à entrada da faculdade, Rebecca e eu ficam os paradas, atônitas.

– Fala sério!

Entrei pelo portão e atravessei a portaria correndo, com im agens da coleção de m oedas e cacos de cerâm ica rom ana do professor Larkin a desfilar diante dos m eus olhos.

– O que será que elas levaram dessa vez?

Na pressa de voltar para m eu apartam ento, só reparei que o porteiro Frank estava m e cham ando quando ele saiu para o gram ado em m angas de cam isa e suspensório.

– Chegou um a encom enda para a senhora! – berrou ele, obviam ente perturbado por ter tido que sair da caverna em que vivia. – É m elhor pegar logo.

Nem consigo m e m exer lá dentro.

Não era exagero. No chão da portaria havia três caixotes de m adeira do tam anho de m áquinas de lavar roupa, tão pesados que seriam necessárias várias pessoas para m ovê-los.

– Acabaram de chegar – disse-m e Frank. – Especialm ente para a senhora.

Eles nem quiseram ir em bora antes que a senhora chegasse.

– Eles quem ? – indaguei, curiosa para saber o que Lilli tinha lhe dito exatam ente.

Mas Frank j á estava ao telefone tentando encontrar algum braço forte para nos aj udar.

Meia hora m ais tarde, os três caixotes estavam no chão da sala do professor Larkin.

– Não sei se eu abriria – falou Rebecca, m ordendo o lábio. – Lem bra da caixa

de Pandora? Liberar toda a tristeza do m undo, essas coisas?

Vasculhei as gavetas no escuro à procura de algo que pudesse servir de pé de cabra.

– Pode m e cham ar de otim ista, m as não consigo im aginar que tenha sobrado m ais tanta tristeza assim para liberar.

Só quando pegam os um m artelo e um form ão com Frank, que m e em prestou as ferram entas balançando a cabeça, conseguim os enfim tirar a tam pa do caixote m arcado com o algarism o "1". Depois de rem over alguns pregos, que gem eram ao serem extraídos da m adeira, Rebecca e eu espiam os o interior cheio de serragem , fascinadas pelo fichário de couro que estava por cim a.

– Vej am os.

Peguei o fichário, que descobri conter um texto m eio com prido e datilografado, felizm ente no m eu idiom a.

– Esta é a história de Mirina, a prim eira am azona, fundadora da nossa irm andade – leu Rebecca por cim a do m eu om bro. – Ai, o Sr. Telem akhos vai adorar isso!

Folheei as páginas para ver se havia um bilhete explicativo escondido em algum lugar. Mas é claro que não. As am azonas eram m ulheres de poucas palavras.

Pus o fichário de couro de lado, enfiei as m ãos na serragem e tateei um pouco enquanto Rebecca observava com olhos arregalados. O que quer que houvesse dentro daquele caixote estava m uito bem protegido, e tive que escavar bastante antes de m eus dedos toparem com algo duro.

– Calm a aí! – Assim que m e viu fazendo força para puxar o obj eto, Rebecca m e em purrou de lado. – Vam os com cuidado.

Em pouco tem po, o chão da sala do Sr. Larkin ficou coberto por pilhas de serragem à m edida que Rebecca avançava em sua escavação. Quando o obj eto finalm ente ficou exposto, ela não o retirou do caixote, apenas se inclinou pela borda para estudá-lo.

– Esse negócio é antigo – falou. – Tem que ser.

Ficam os paradas em silêncio por alguns instantes, encarando a tabuleta de argila. Então fui buscar um a lum inária e a segurei acim a do caixote para poderm os ver m elhor.

– Não é o alfabeto das am azonas, é? – perguntou Rebecca depois de algum tem po.

– Não, não é. – Segurei a lâm pada o m ais perto que o fio esticado m e perm itiu. – Acho que é luvita.

Assim que eu disse isso, o plugue escapuliu da tom ada, m ergulhando-nos em um a escuridão repentina. Mas a visão que perdurou na m inha m ente era clara com o o dia.

– Ai, Bex! – sussurrei, sentindo o form igam ento j á esquecido da anim ação acadêm ica. – Será m esm o possível?

Nesse exato instante, o telefone tocou.

– Estou com um j ornalista aqui na linha – disse Frank, cuj a voz soou adequadam ente surpresa. – Ele quer falar com o responsável pela descoberta das tabuletas troianas. É a senhora?

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

RIO ISTROS

Talla nasceu durante a lua cheia.

Saudável e fam inta, tinha os m esm os olhos do pai. Mirina passou dias a fio sem fazer outra coisa que não segurá-la no colo e olhar naqueles olhinhos sem pre que estavam abertos.

– Você o viu? – sussurrava ela, deixando Talla segurar a ponta de seu dedo. – Seu pai está olhando para nós? Eu acho que sim .

Elas haviam passado o outono inteiro subindo o rio Istros. Aquelas terras setentrionais eram um m undo sem grandiosidade, sem qualquer tipo de sofisticação. As pessoas que elas encontravam eram sim ples e fáceis de entender. Às vezes eram sim páticas, outras vezes não; seus m odos nada tinham de intrigantes.

Até agora, Mirina e suas irm ãs não tinham encontrado nem bruxas, nem lobisom ens; na verdade, toda vez que chegavam a um novo povoado, ficava bem claro que o que havia fora do com um ali eram *elas*: m ulheres de rostos diferentes, cabelos diferentes, roupas diferentes, sobretudo costum es diferentes...

Mulheres sem hom ens.

Elas decidiram passar o inverno em um vale, onde não havia m uitos outros caçadores com quem com petir. Ali construíram cabanas para si e para os cavalos e enterraram as preciosas tabuletas do rei Príam o em ninhos de palha sob o piso.

Não se passava um dia sem que falassem sobre o futuro. Tinham um sonho com um : o de um a terra fértil e acolhedora, onde pudessem praticar em paz a agricultura e a caça sem o m edo constante de que o que tinham lhes fosse novam ente tirado. “Quando chegarm os lá...”, diziam para si m esm as e um as para as outras, e nenhum a duvidava que um dia isso fosse m esm o acontecer.

“Esse lugar está lá, à nossa espera”, Lilli sem pre dizia, sorrindo para um horizonte que não conseguia ver. “Terem os nosso próprio povoado... não, nossa

própria cidade. Um a cidade de m ulheres.”

Durante o longo inverno, elas passaram as noites em volta da fogueira, encolhidas sob peles e couros, construindo com palavras essa cidade. A questão dos hom ens surgia de vez em quando, m as com o nenhum a delas podia sequer im aginar algum dia querer qualquer intim idade com os m achos toscos que povoavam aquelas terras setentrionais, a resposta em geral eram risos.

– Jam ais lhes pedirei para viver sem esses prazeres – disse Mirina às irm ãs certa vez, atiçando o fogo com um graveto. – Mas acredito que hom ens e m ulheres são tão diferentes que não deveríam os tentar viver no m undo uns dos outros. Se precisarem , saiam e se divirtam com um pastor sob o céu estrelado, m as não tentem com partilhar sua luz do dia. Pois o sol funciona para os hom ens com o um elixir: cega seus olhos para o valor das m ulheres e os faz ousar pensar que devem nos governar. Até m esm o o m ais gentil dos hom ens pensará estar nos fazendo um favor ao nos isolar do m undo. – Ela abaixou a cabeça quando as lem branças vieram .

– Com certeza nem todos os hom ens são m estres tirânicos – obj etou Pitana, ocupada fabricando um brinquedo de m adeira para Talla. – Eu, pelo m enos, m e lem bro de com o você sorria. – Ela ergueu os olhos para Mirina, tentando avaliar sua disposição. – Gostaria de saber com o é sorrir desse j eito. Parecem e que os hom ens trazem à tona facetas de nós que definhariam se passássem os a vida sem eles.

– Se não fossem os troianos, Kara e eu ainda estaríam os presas em Micenas – concordou Klito. – Com certeza *alguns* hom ens m erecem ser louvados com o libertadores.

– Isso eu não nego – reconheceu Mirina. – Estou certa de que m uitos hom ens bons j á perderam a vida, ou pelo m enos a felicidade, por causa de um a m ulher.

É por isso que digo que a m aior gentileza que podem os fazer por eles é deixá-los em paz. Essas precauções serão vantaj osas para nós, tam bém . Pois a reação prim itiva dos hom ens ao nosso com plexo poder é nos subj ugar e nos fazer acreditar que devem os ser subj ugadas. Eles cham am isso de ato de am or e proteção... são essas as palavras dos ardilosos tiranos. E quando nós acreditam os neles e, por livre e espontânea vontade, acorrentam os a nós m esm as e nossas

irm ãs... – Ela suspirou fundo e balançou a cabeça. –... nossa tragédia se torna o suprem o triunfo *deles.*

– Isso m esm o – concordou Kara, que havia abraçado aquela nova vida com m ais ardor do que qualquer outra. – O am or é um a coisa traiçoeira. Nós dam os força aos hom ens, m as eles não retribuem o favor. Mesm o aquelas dentre nós que se consideram superiores em espírito perdem as referências quando um hom em se em plum a. Eles nos lançam um feitiço venenoso, não é?

Ela olhou para as outras ao redor em busca de confirm ação.

– Mais um a vez sou eu que tenho sorte – falou Lilli, sorrindo enquanto ninava a pequena Talla. – Não consigo ver essas plum as venenosas que as fazem perder o rum o. Considerem -se afortunadas, irm ãs, por terem pelo m enos um a entre vocês capaz de m anter um rum o firm e.

– Proponho então que a nossa cidade não aceite hom ens, para não haver o risco de algum galo em plum ado tentar governá-la contra a nossa vontade – falou Mirina quando a conversa por fim se acalm ou e ela j á estava am am entando Talla. – Todas terem os liberdade para ir e vir, claro, e passar as noites com o desej arm os; nenhum a Deusa da Lua cium enta vai nos tirar essa possibilidade. – Ela apontou para a cicatriz no seio, lem brança perm anente da sua iniciação no Tem plo da Deusa da Lua. – De agora em diante, essas cicatrizes significarão liberdade, não escravidão. Nossos dias serão nossos apenas, dedicados à produção e ao aprim oram ento; enquanto o sol brilhar, nenhum hom em ou divindade de pedra terá perm issão para nos confinar.

Com o passar do tem po, seu contingente aum entou. Mesm o naquele m undo de florestas e m ontanhas não faltavam m ulheres dispostas a trocar um m arido por um cavalo e um arreio. Sem pre em m ovim ento, Mirina e seu grupo cada vez m aior de irm ãs se recusaram a fixar residência até encontrarem o local perfeito para sua cidade.

Por fim , coube a Talla contrariar o caráter nôm ade da m ãe.

– Não podem os ser caçadoras para sem pre – disse ela certo dia, quando estavam todas reunidas em volta de um cervo que assava. – Tia Lilli tem razão: há m ãos que precisam plantar e colher. Sei que não querem os fundar um a cidade e term os de m udá-la de lugar, m as não é assim que o m undo funciona? A m aré vai subir, vai descer, e vam os estar em outro lugar. – Ela olhou para

cada um a das com panheiras. – Não nos deixem os escravizar por um conceito...

Mirina silenciou a filha com um gesto cansado.

– O futuro não carece de inim igos, tenho certeza. Para sobreviver, precisam os estar sem pre prontas, sem pre leves para nos m over...

– E estarem os! – exclam ou Talla, erguendo os braços para o céu. – Mas até o m ais forte dos corredores precisa descansar. Podem os ser am azonas, m as não conseguirem os galopar daqui até a eternidade.

Assim , elas se fixaram por um tem po, depois se m udaram , em seguida tornaram a se fixar, sem nunca fincar raízes por com pleto em um só lugar, sem pre só de passagem . E aonde quer que fossem , as tabuletas de argila de Troia, que nenhum a delas conseguia ler, sim bolizavam a prom essa feita ao rei Príam o e a elas m esm as: nunca esquecer.

Ao longo dos anos, elas m uito labutaram para recordar a escrita que Cim e havia lhes ensinado, porém , m ais do que tudo, nunca pararam de contar suas histórias. Mesm o quando o tem po passou e seu grupo se dividiu em vários, cada divisão seguiu agarrada com obstinação à história que era sua raiz com um . Pois nessa história, elas sabiam , estava o conhecim ento que protegeria a sem ente do inseto fam into: a prom essa de um m undo novo e m elhor.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Talvez ainda haja outra Troia.

Eurípides, *As troianas* OXFORD, INGLATERRA O teatro Sheldonian estava tom ado por um burburinho de especulações. Era raro a hum ilde área da filologia clássica atrair atenção m undial, m as a coletiva de im prensa acabara se revelando um a dessas ocasiões. Menos de um m ês antes, o Sr. Ludwig tinha m e j urado que eu estava prestes a escrever um capítulo da história. Em bora fosse m entira, ele no final das contas tinha toda a razão, pensei enquanto cam inhava até o tablado.

– Obrigada, professor Vandenbosch.

Sorri para aquele pobre velho m aledicente, que tivera m enos de 24 horas para escrever um a introdução elogiosa na qual constavam m inha form ação acadêm

ica, m inhas virtudes pessoais e o valor inestim ável que eu representava para a com unidade acadêm ica de Oxford... na verdade, dali em diante, para a academ ia com o um todo. Apesar de um leve espasm o m uscular no canto do olho enquanto se dirigia às senhoras e senhores da im prensa, o venerável diretor do departam ento se m ostrou convincente e afável no papel de m eu fiel am igo e colega.

Nos três dias anteriores, desde a chegada dos caixotes, o professor Vandenbosch e todas as outras pessoas com algum interesse no m undo antigo haviam m e feito passar por um com preensível rolo com pressor de perguntas, acusações e insultos, e ele, em especial, ficara m uito decepcionado ao m e ver sair viva. De âncora autonom eado daquele caso todo, ele logo foi posto para escanteio por j ornalistas e autoridades, que não tiveram paciência para sua m ediação arrogante. No fim das contas, o vice-reitor havia entrado no circuito, e um a coletiva de im prensa fora organizada de um dia para o outro.

– Com o vocês j á sabem , um colecionador suíço anônim o confiou a m im doze tabuletas de argila com inscrições em luvita, um a língua falada em todo o m undo hitita durante o segundo e prim eiro m ilênios antes de Cristo – continuei, olhando para o m ar de rostos da plateia. – Minha teoria de trabalho é que essas tabuletas contêm registros históricos da antiga Troia, que foram tirados da cidade antes de ela ser destruída, m ais de 3 m il anos atrás. O significado desses registros é m onum ental. Com o todos sabem , a lendária Troia segue intrigando não apenas os especialistas, m as qualquer um com interesse nas civilizações antigas. Espero que essas tabuletas possam constituir um a base para reescrever o que sabem os sobre a cidade do rei Príam o.

Minha intenção era falar m ais coisas, m as assim que fiz um a pausa um a profusão de braços se levantou para cham ar m inha atenção. Concentrei-m e em um grupo de pesos pesados da m ídia, que o vice-reitor teve o cuidado de m e apontar, e respondi a algum as perguntas em rápida sucessão, sem deixar m argem para réplicas.

– A senhora disse que o doador foi um colecionador suíço anônim o – disse um repórter londrino de voz rascante e cabelos grisalhos alisados para trás. – Pode nos dar m ais detalhes?

– Infelizm ente, não. Eu concordei em proteger seu anonim ato.

– Dra. Morgan – um a j ornalista cuj o rosto eu reconheci da TV tom ou a palavra. – Quando exam ino seus artigos e suas pesquisas, vej o m uita coisa sobre... – Ela fez um a careta. –... sobre as am azonas, e não m uito sobre Troia.

Houve algum debate em relação à qualificação da senhora para esse novo desafio?

Forcei um sorriso.

– Se a senhora pesquisou m eu trabalho, sabe que o idiom a luvita não m e é estranho.

– O que dizem exatam ente as tabuletas? – indagou um am ericano de terno m arrom am arfanhado, o único dos j ornalistas com um a cara relativam ente sim pática.

– Faz só três dias que as recebi – respondi. – Mas, até onde posso ver, estam os diante de registros históricos que m encionam acontecim entos e nom es específicos.

Eu pretendia prosseguir, m as fui im pedida por um francês de olhos desvairados com o os de um pit-bull, que sim plesm ente não conseguiu esperar a sua vez.

– Na últim a sem ana, houve outros supostos incidentes no círculo do com ércio de artefatos – bradou ele não só para m im , m as para todos. – Um conhecido colecionador cham ado Grigor Reznik foi m orto no porto franco de Genebra, na Suíça. Parece que ele foi baleado pelo filho de um colecionador rival durante um a troca ilícita de artefatos. Há quem diga que Reznik era o antigo proprietário das tabuletas de Troia. Além disso, três dias atrás, um m anuscrito antigo cham ado *Historia Amazonum* foi devolvido anonim am ente ao arquivo rom eno do qual havia sido roubado, supostam ente tam bém por Reznik. – O francês m e encarou com seu olhar acusador. – Qual foi o seu papel nesses acontecim entos?

A pergunta quase m e fez engasgar.

– Isso tudo é novidade para m im – falei, com a m aior calm a de que fui capaz. – Mas duvido m uito que as tabuletas troianas tenham passado todos esses anos em um entreposto de Genebra. Próxim a pergunta, por favor!

Depois de os j ornalistas m ais agressivos se cansarem de m im , m inhas m ãos

trem iam tanto que tive de cruzar os braços. Até o últim o m inuto, im aginei que Katherine Kent fosse aparecer do nada para assistir à coletiva. Mas pelo visto aquela era um a batalha que eu tinha de travar sozinha.

Desconfiava que m eu pequeno discurso para Otrera em Suom ussalm i tivesse sido fundam ental para convencer as am azonas de que estava na hora de elas fazerem j ustiça ao seu tesouro. Mesm o assim , sua confiança em m im era tão com ovente que eu m al soube com o reagir a não ser garantindo que as tabuletas ficassem seguras e seus textos fossem traduzidos e publicados. O fato de o release anônim o ter sido enviado para a im prensa no m esm o dia em que os caixotes m e foram entregues confirm ava m inhas suspeitas de que eu não seria apenas m ais um a guardiã das tabuletas; cabia a m im trazer a cidade perdida do rei Príam o de volta à vida.

– Últim a pergunta?

Corri os olhos pela plateia outra vez, tentando escolher entre dezenas de braços afoitos. Entre as pessoas encostadas nas paredes estavam vários hom ens de terno cinza, tão discretos em sua aparência que eu nem havia reparado neles até então.

Seriam do serviço secreto? Essa possibilidade fez m eu corpo se contrair de m edo. Será que eles estavam ali para m e questionar sobre Reznik? Ou sobre Jam es?

Tornei a olhar na sua direção e m e perguntei se eles pretendiam m e prender logo depois da coletiva, e se eu deveria tentar fugir... Mas foi então que finalm ente reparei *nele*, em pé bem no m eio dos outros, com a m esm a expressão im placável que exibira um a sem ana antes, ao invadir o quarto de hospital do filho e m e chutar longe feito um cachorro de brinquedo. Ele tam bém queria m e fazer um a pergunta.

– Pois não, Sr. Al-Aqrab – peguei-m e dizendo ao m icrofone.

O nom e fez um terrem oto percorrer a plateia, e todos se esticaram para ver o diabo da Babilônia ali entre eles de form a tão inesperada.

– Dra. Morgan – disse o Sr. Al-Aqrab, consciente dos flashes que pipocavam à sua volta. – Gostaria de lhe dar os parabéns por resgatar e dar nova vida a um pedaço esquecido da história. Sem dúvida essa descoberta será um divisor de

águas na relação entre a sua universidade e a m inha fundação, que infelizm ente se opuseram no passado. – Ele fez um a pausa para que todos com preendessem o significado daquelas palavras, então prosseguiu. – Sei que a senhora j á entrou em contado com as autoridades turcas e louvo essa sua iniciativa. Com isso em m ente, quem considera o proprietário legal dessas tabuletas? Será que elas, agora, com o tantos outros tesouros antigos, vão virar propriedade do Reino Unido?

Ele abriu os braços em um gesto de acusação.

A pergunta provocou um a série de pequenos sism os, e os fotógrafos se viraram para capturar a im agem do dia. Mal reparei na confusão; tudo em que conseguia pensar era Nick. Com certeza o Sr. Al-Aqrab não estaria presente caso a condição de seu filho fosse crítica.

– As tabuletas foram confiadas a m im especificam ente, e considero m eu dever garantir sua segurança – falei por fim , ao perceber que todos aguardavam m inha resposta. – Mas ninguém pode ser o dono da história de outro povo, m esm o que esse povo tenha m orrido há m uito tem po. Conservar artefatos troianos de qualquer tipo aqui na Grã-Bretanha, tão longe de seu local de origem , seria voltar a um a práxis ultrapassada.

Endireitei as costas, fazendo o possível para superar o crescendo de descontentam ento acadêm ico que am eaçava m e engolir.

– O doador m e encarregou da escolha do futuro lar das tabuletas, e m inha intenção é devolvê-las ao seu lugar de origem assim que possível.

Em m eio ao m arem oto de ira que se seguiu à m inha declaração, tive certeza de ouvir o professor Vandenbosch gritar: “Que absurdo!”

O Sr. Al-Aqrab olhou em volta; era óbvio que estava adorando aquele furor.

– E se eu propusesse construir um m useu para elas?

O recinto silenciou na m esm a hora, e todas as cabeças se viraram novam ente para m im , com o se o teatro Sheldonian estivesse repleto de ovelhas a observar um cam inhão de feno ser descarregado, ovelhas que podiam ou não estar a cam inho do m atadouro.

– Já existem m useus em Troia... – com ecei.

– Um m useu *seguro*, Dra. Morgan. Supervisionado por alguém que acho que a senhora conhece: o Dr. Murat Özlem . O que m e diz? – O Sr. Al-Aqrab sorriu, e o sorriso m odificou seu rosto por com pleto. – Não está na hora de um a em preitada conj unta?

– É claro que terem os de pedir perm issão às autoridades turcas – falei. – Mas... a sua proposta é m uito generosa. Talvez sej a bom m arcarm os um a reunião.

Um a floresta inteira de braços se ergueu no rastro do nosso diálogo. O

professor Vandenbosch j á estava quase se levantando da cadeira, pronto para intervir e assum ir o controle do tablado e do m icrofone.

Sem saber se deveria ouvir m ais algum a pergunta, ergui os olhos e vi o Sr. Al-Aqrab e sua escolta cam inharem em direção à porta; não tinham m ais o que fazer ali.

Tive um a súbita crise, e tudo à m inha volta ficou cinza. Pouco m e im portava o que acontecesse, de j eito nenhum eu iria deixar aquele hom em fugir de m im outra vez.

– Obrigada – falei ao m icrofone. – O professor Vandenbosch terá prazer em responder ao resto das suas perguntas.

Com isso, desci do tablado e avancei apressada pelo corredor central do teatro, sem desgrudar os olhos da porta. Não corri, m as quase.

Quando irrom pi porta afora, um a chuva gelada que eu não esperava m e confundiu por tem po suficiente para o Sr. Al-Aqrab acenar um adeus travesso, entrar em um a lim usine preta e ir em bora, deixando-m e encharcada por dentro e por fora.

Fiquei ali, paralisada, com os olhos cravados no borrão da Broad Street. Meus pés não conseguiam sair do lugar.

– Você precisa perdoar m eu pai – disse um a voz atrás de m im . – Ele nunca teve m uito talento para se desculpar.

Virei-m e e dei de cara com Nick ali em pé, tão encharcado quanto eu, m as m esm o assim sorrindo. No entanto, seu sorriso desapareceu ao ver a expressão do m eu rosto.

– Oi, Deusa – disse ele, estendendo a m ão para tocar m inha bochecha. – Não está feliz em m e ver?

E eu então finalm ente m e atirei em seus braços, agarrando-m e ao seu calor com cada trêm ula parcela do m eu corpo, tão desesperada para m e certificar de que ele estava inteiro que nem m e ocorreu beij á-lo até sua boca encontrar a m inha e espantar todos os m eus tem ores.

– Não se preocupe – disse ele depois de algum tem po. – Eu estou bem . E não vou m ais sum ir, prom eto. A não ser que você queira.

Eu ainda não estava pronta para rir.

– Eu estava arrasada – m urm urei, pressionando o rosto no vão do seu pescoço. – Por que você não m e ligou?

Nick segurou m eu rosto com as duas m ãos.

– Porque eu precisava ver seus olhos...

Nesse exato instante, a porta do teatro Sheldonian se abriu de supetão, liberando um a enxurrada de novas perguntas.

– Ai, não – falei. – Não quero entrar lá de novo.

Nick riu.

– Ah, m as por que não? É claro que quer. – Ele m e girou de frente para a m ultidão. – Pode arm ar seu arco, Diana. Estou bem atrás de você.

Nick tinha reservado um quarto no Claridge de Londres, m as não conseguim os chegar até lá. Depois da coletiva, fugim os da m ultidão a pé pela New College Lane, passam os debaixo da Ponte dos Suspiros e entram os no prim eiro beco.

Puxando Nick pela m ão, fui percorrendo um labirinto escuro de paredes m arcadas pelo tem po até chegar ao refúgio m ais escondido de Oxford: o hotel

Bath Place. Após um a pergunta educada e com um a chave na m ão, entram os atabalhoados no quarto e arrancam os as roupas m olhadas um do outro com um a fúria desenfreada. Foi só quando vi os pontos em sua coxa que m e lem brei de seu recente contato im ediato com a m ortalidade.

– Espere aí! – arquej ei. – Você está bem ? Talvez fosse m elhor a gente...

– A gente o quê? – Ele m e puxou para bem perto, com os olhos cravados nos m eus. – Esperar o sol se pôr? Estou disposto a quebrar as regras se você tam bém estiver.

Em purrei-o para cim a da cam a e m ontei em cim a dele, beij ando-o.

– A única regra por aqui é você ficar vivo de agora em diante – sussurrei, saboreando a sensação do seu corpo no m eu.

Mais tarde, quando estávam os deitados j untos, suados e felizes, Nick m e encarou com o cenho franzido e perguntou: – Mas espere aí. Você não tem um apartam ento aqui em Oxford?

– Tenho – respondi com um suspiro. – Mas a Bex está lá. E m eus pais vão passar depois. Na verdade... – Verifiquei seu relógio e dei um grunhido. –... a gente com binou de se encontrar para um chá daqui a um a hora.

– Eu estou convidado?

Dei um a risada e m e aconcheguei j unto a ele.

– O risco é todo seu. Lem bre que m eu pai era diretor de escola. Ele sabe fazer perguntas.

Nick m e deu um beij o na testa.

– Estou preparado para m e com portar. Sei que eu sou a encarnação dos piores tem ores dos seus pais. Com um teim oso hom em de negócios de Dubai e um a m otociclista am azona m isturados à herança genética, só Deus sabe com o os netos deles vão ser.

Sem saber ao certo com o interpretar essas palavras, pousei a m ão sobre a dele com delicadeza e falei: – Meu chacal levou um tiro por você. Tenho certeza de

que m eus pais fariam o m esm o.

Nick passou alguns instantes calado. Então, com um a solenidade pouco habitual, falou: – Talvez agora sej a um a boa hora para você m e pedir em casam ento.

Fiquei tão assom brada e tão em polgada que desatei a rir. Com o ele não riu j unto, sentei-m e na cam a e o encarei.

– Você é m aravilhoso. Mas acadêm icos não pedem bilionários em casam ento, sabia?

– Não se preocupe. – Nick tam bém se sentou e deu um m eio sorriso. – Meu pai acredita, e eu concordo com ele, que o j eito m ais seguro de destruir um hom em é lhe pagar para não fazer nada. Eu preciso trabalhar e pagar as contas igual a todo m undo.

Seu sorriso aum entou.

– Mas não estou m uito preocupado com isso. Meu plano é form ar equipe com um a filóloga de renom e m undial. E se ela não m e pedir em casam ento, serei apenas o nam orado bonitão.

Eu não respondi, então ele m e puxou para seu colo e seu tom se fez m ais ansioso.

– Vam os lá, m e dê um a aj udinha. Com o posso pedir para você dividir seus dias e noites com igo até que a m orte nos separe... sem deixar vovó chateada? Sei que ela está sentada lá em cim a, no céu das am azonas, brandindo o punho para m im . – Ele estendeu a m ão para o casaco j ogado ao lado da cam a e pegou um a caixinha de j oias quadrada. – Mas estou torcendo para conseguir apaziguá-la com *isto aqui*.

– Ai, Nick, não precisa m e dar nada – falei, sentindo um a pontada de desconforto. – Por favor.

– Eu sei, eu sei. – Ele ergueu as m ãos no gesto de quem se defende. – Nada de anéis, nem diam antes, nem dotes patriacais. Já entendi. Mas... – Ele pôs a caixinha na m inha m ão. –... você pode pelo m enos dar um a olhada.

– Tá, m as você não precisava m esm o ter...

Abri a caixa.

Não havia nada lá dentro.

Sem entender, levantei o forro de cetim azul para ver se havia algo escondido em baixo. Mas não havia.

Ergui os olhos e vi que Nick estava adorando m e deixar perplexa.

– É para o chacal – disse ele por fim . – Um a casinha de cachorro para o seu m elhor am igo.

Feliz dem ais para conseguir falar, inclinei-m e e lhe dei um beij o.

– Calm a! – disse ele, rindo. – Todo esse sexo diurno é novidade para vovó.

Não quero levar outro soco no nariz.

Desci da cam a, peguei m inha bolsa recém -com prada e dela extraí o chacal deform ado que ainda carregava com igo aonde fosse. Nick m e observou voltar e colocar o bracelete em seu novo leito de cetim azul. Assim que fechei a tam pa, ele m e puxou para a cam a com um a risada diabólica.

– Agora você é *minha*!

– Cuidado – falei, erguendo a caixa de j oias em um alerta fingido. – Isto aqui não é um asilo. Meu chacal pode ter ficado cego com o tiro, m as ele ainda m orde.

– Espero que sim . – Ele m e puxou outra vez para o seu colo. – O que você quer fazer na próxim a m eia hora? Ainda não contei sobre a m inha ida até o hospital de Suom ussalm i, à beira da m orte, com os braços congelados em volta da cintura coberta pelo colete à prova de balas da m inha m ãe... m as acho que isso é m ais conversa para um j antar.

– E eu não contei sobre a xará da sua m ãe, a prim eira Mirina.

Olhei de relance para m inha bolsa, perguntando-m e se estaria na hora de m

ostrar a Nick o fichário de couro no qual estavam m eticulosam ente registradas as m em órias do pequeno grupo de irm ãs que, 3 m il anos antes, havia viaj ado antes de nós da Argélia até Troia e rum o à liberdade das florestas do norte.

– Quem sabe, se você tiver sorte, eu leio para você *depois* do j antar.

– Tive um a ideia – disse ele. – Por que você não m e leva de novo para o chuveiro?

Encarei-o por um longo tem po.

– Você lem bra o que aconteceu da últim a vez.

– Lem bro, claro. – Ele m e puxou para um beij o. – Mas m esm o assim valeu a pena.

Na verdade, só conseguim os ler a história contida no fichário de couro duas sem anas depois, j á de volta à Turquia para conversar sobre a localização do novo m useu para as tabuletas troianas com um radiante Dr. Özlem e um Sr.

Telem akhos que não parava de parabenizar a si m esm o. Apesar disso, eu sabia que Nick levava o tem a das am azonas tão a sério quanto eu e que essa nossa pré-

história com partilhada serviria para sustentar nosso am or nos dias vindouros.

Pois o nosso cam inho, sim , até m esm o o nosso, estaria cheio de inim igos e ciladas do destino, m as o chacal, em seu régio posto, garantia-nos que, enquanto estivéssem os j untos, os três, j am ais nos afastaríam os m uito da felicidade – que, no fim das contas, tinha sido o m aior presente de vovó para m im .

Nota da autora As am azonas de fato existiram ? É claro que sim . Elas eram exatam ente iguais ao retrato pintado pela literatura e a arte antigas? Decerto não. Assim com o no caso de tantas outras figuras e acontecim entos m íticos, as am azonas representam um sonho, um m edo, um a sedutora constelação de ideias e em oções centradas no papel da m ulher na sociedade m editerrânea prim itiva. Será que as m ulheres pegaram em arm as para defender seu lar e as pessoas que am avam ? Parece im possível isso não ter acontecido. Será que elas reuniram exércitos inteiros para com bater potências m ilitares gregas pré-históricas? É im provável. No entanto, desde os prim órdios do hom em (e da m

ulher), contadores de histórias buscaram fascinar suas plateias com vilões anorm ais e m em bros decepados, e para os gregos antigos as am azonas eram m atéria-prim a para um fenôm eno de popularidade. Essas notáveis m ulheres ainda existem hoj e em dia? Com certeza sim , dentro de cada um a de nós. Às vezes só notam os a existência de nossa am azona interior quando a vida nos desfere um golpe atordoante... m as tenho certeza de que ela está lá, esperando para nos em prestar sua força.

Dediquei este livro à m inha m aravilhosa sogra, Shirley Fortier, que sucum biu à em boscada do câncer no m esm o m ês em que term inei a versão final deste livro. Em bora sem m ontaria e em desvantagem num érica desde o princípio, ela lutou até o fim com um a coragem espantosa que nunca soubem os que possuísse.

Sentim os m uito a sua falta e j am ais a esquecerem os.

Quanto às am azonas originais da m itologia grega, as lendas que descrevem seus feitos são tão abundantes, nebulosas e, com frequência, contraditórias, que ninguém j am ais poderia esperar reunir todas as ram ificações em um a narrativa única, integral. Eu com certeza não tentei fazer isso, e espero que os leitores tenham consciência de que estou lidando com a tradição de form a lúdica e que este livro de form a nenhum a pode substituir trabalhos em basados de não ficção sobre o tem a. Assim sendo, incentivo-os a continuarem suas caças às am azonas: galopem até a biblioteca m ais próxim a, vasculhem sem m edo as livrarias e deixem -se levar pelos m itos antigos disponíveis para nós até hoj e, m ilênios depois, em tantas intrigantes e diferentes interpretações.

Em bora os acontecim entos e personagens do livro certam ente sej am , em grande parte, fictícios, tom ei m uito cuidado para garantir que o contexto histórico fosse o m ais sólido possível. Vários especialistas renom ados fizeram a gentileza de ler o m anuscrito em andam ento e m e deram contribuições de valor incalculável; acim a de tudo, tenho um a feliz dívida para com m eu querido am igo Dr. Thom as R. Martin, professor da cátedra Jerem iah O’Connor de Estudos Clássicos do College of the Holy Cross, e recom endo fortem ente a leitura de suas conhecidas obras *Breve história da Grécia Clássica* e *Roma Antiga – De Rômulo a Justiniano* a qualquer um interessado em um a fascinante viagem ao nosso incrível passado sem sair da poltrona.

Tam bém sinto im ensa gratidão por m eu velho am igo Dr. Tim othy J. Moore,

professor da cátedra de Estudos Clássicos John and Penelope Biggs da Universidade de Washington em St. Louis, cuj a brilhante e generosa energia no início do proj eto m e fez passar a ver os filólogos sob um viés heroico, e cuj o estilo direto e com bativo de orientação contribuiu m ais para m e fortalecer do que qualquer quantidade de apoio sorridente e delicado teria conseguido.

Meus am igos m ais próxim os, Mette Korsgaard, editora sênior da Gy ldendal Business, e Dr. Peter Pentz, curador do Museu Nacional da Dinam arca, tiveram a bondade de ler o livro sob a perspectiva de um arqueólogo. Com seus conselhos em m ente, devo ressaltar que as opiniões m uitas vezes divergem quando se trata de interpretar achados antigos. Alguns estudiosos com certeza irão discordar de m inhas escolhas para descrever o passado – afinal, o ceticism o é um pré-

requisito da verdadeira erudição –, m as isso não significa necessariam ente que as coisas não poderiam ter acontecido da form a que as descrevi. Torço, é claro, para que os leitores curiosos usem m eu livro com o um tram polim e m ergulhem nos m uitos m istérios não resolvidos do passado, tom ando de assalto as disciplinas da história, filologia e arqueologia, ávidos por aj udar a expandir nosso conhecim ento em relação ao m undo antigo.

Devo assinalar tam bém que o Dr. Pentz foi o prim eiro a m e inform ar sobre os grandes esforços do Museu Nacional da Dinam arca para adotar um a posição sustentável na grande e crescente batalha sobre a restituição de artefatos. Para quem estiver interessado em ler m ais sobre esse tem a fascinante, recom endo m uito o excelente livro de Sharon Waxm an, *Loot*, bem com o *The Medici Conspiracy*, de Peter Watson e Cecilia Todescini (am bos inéditos no Brasil). Os dois estudos são ricos em detalhes e sustentados por um a pesquisa cuidadosa, m as tam bém podem ser lidos com o bem boladas histórias de suspense.

Tam bém sou grata à aj uda de m inha grande am iga Sra. Heather Epps, de Storrington, West Sussex, que m uito gentilm ente leu todo o m anuscrito com especial atenção ao uso do inglês britânico e suportou com elegância todos os m eus am ericanism os e pequenas alfinetadas nas excentricidades dos nobres e acadêm icos da Grã-Bretanha. Dez anos atrás, tive a sorte de ser m em bro visitante da pós-graduação no Corpus Christi College, em Oxford, enquanto concluía m eu doutorado sobre historiadores latinos, e im agino que, apesar das atribulações de Diana Morgan, o leitor pôde notar a im ensa adm iração e gratidão que sinto em relação a esse lugar esplêndido e às pessoas singularm

ente talentosas que o habitam .

Minha gratidão vai ainda, na Finlândia, para o diretor do m useu de Raatteen Portti, Marko Seppänen, e a escritora Ty y ne Martikainen. Foi graças aos seus esforços e à sua experiência de um a vida inteira que pude entender de fato a tragédia da Guerra de Inverno, que arruinou a vida de tantos m ilhares de finlandeses e russos. Desde que coproduzi o docum entário *Fire and Ice: The Winter War of Finland and Russia* (Fogo e gelo: A Guerra de Inverno entre Finlândia e Rússia), estou decidida a divulgar o grande trabalho conduzido por Ty y ne Martikainen e seus colegas finlandeses e russos para descobrir o que aconteceu com todos os civis finlandeses feitos reféns e m andados para cam pos de prisioneiros tanto tem po atrás.

Sem pre digo aos m eus alunos que é preciso m ais de um cérebro para transform ar um a boa história em um bom livro. Isso com certeza se aplica ao m eu caso. Não gosto nem de im aginar com o teriam ficado as j ornadas de Diana e Mirina sem os conselhos sólidos dos incríveis editores que m e aj udaram a conferir a duas histórias m irabolantes um form ato m anej ável. O que teria sido de m im sem a bem -hum orada experiência da Dra. Cordelia Borchardt, da Fischer/Krüger, o bom senso tranquilizador de Iris Tupholm e e Lorissa Sengara, da HarperCollins do Canadá, ou a incansável experiência de Dana Isaacson, da Ballantine/Random House. Chego a sentir calafrios. E eu certam ente teria em pacado em m uitas ideias im possíveis sem m inha incrível e paciente editora na Ballantine, Susanna Porter, cuj os olhos de águia e toque experiente, m ais um a vez, m e apontaram com segurança o cam inho.

Nem é preciso dizer que m uitas outras pessoas participaram do nascim ento deste livro, m ais do que eu conseguiria agradecer adequadam ente aqui. A m aravilhosa equipe da Ballantine tornou tudo um a alegria e está sem pre ao m eu lado. Além de Susanna Porter e Dana Isaacson, gostaria de agradecer a Libby McGuire, Jennifer Hershey, Kim Hovey, Vincent La Scala, Priy anka Krishnan, Susan Turner, Kristin Fassler, Ashley Woodfolk, Toby Ernst, Susan Corcoran e Lisa Barnes por seu apoio e otim ism o constantes. E um a dose extra de gratidão a Paolo Pepe, responsável pela linda capa.

Tam bém devo um obrigada especial aos m eus am igos da Gy ldendal, em Copenhague. Merete Borre e Vivi Vestergaard em prestaram seus ouvidos a m uitas ideias insensatas, e seu incentivo e disposição nunca fraquej aram .

Obrigada, além disso, à m aravilhosa tradutora dinam arquesa Ulla Oxvig, bem com o a Anne Hj erm itslev e Line Miller, da Gy ldendal, por seu trabalho incansável até a feliz conclusão. Por últim o, m as não m enos im portante, um im enso obrigada a Harvey Macaulay, da Im periet, que com o de hábito acertou a capa dinam arquesa na prim eira tentativa.

Desde o nascim ento de *Julieta*, em 2008, considero Maj a Nikolic, Maria Aughavin, Victoria Doherty -Munro, Chelsey Heller, Angharad Kowal e Stephen Barr, da Writers House, parte da m inha fam ília, e não consigo im aginar um a vida de escritora sem m eu espetacular agente Dan Lazar, cuj a integridade e experiência são im batíveis. Minha dívida para com essa fabulosa equipe j am ais poderá ser contida em um sim ples “obrigada”.

Ainda não m encionei a influência de m inha m ãe neste livro; sim plesm ente m e falta espaço. Mas tenham certeza de que ela estava com igo, m ontando cam elos no Saara e chapinhando na lam a em Kalkriese, prevendo cada um dos m eus passos e m e incentivando por todo o cam inho. Sem seu apoio e seus inacreditáveis sacrifícios ao longo de toda a m inha vida, eu j am ais teria realizado o sonho de m e tornar escritora; pior ainda, nem sequer teria tido coragem de acalentar esse sonho.

Mesm o com esse exército de pessoas incríveis atrás de m im , porém , eu não seria quem sou, nem teria energia para fazer o que faço, sem os preciosos am or e apoio da m inha filhinha e do m eu querido m arido, Jonathan. Talvez m inhas irm ãs secretas fiquem chateadas com o que vou dizer, m as cá entre nós, se você tiver a sorte de capturar o m acho perfeito, no fim das contas não é tão ruim assim tirar aquela proteção de m etal e virar am azona de vez em quando.



SOBRE A AUTORA

© Grant Sim eon Anne Fortier nasceu e cresceu na Dinam arca. Graças à m ãe, desde pequena é apaixonada por m úsica e idiom as. Com eçou a escrever seu prim eiro rom ance aos 11 anos e, aos 13, apresentou um m anuscrito a um a editora.

Seu prim eiro livro, *Hyrder På Bjerget*, foi publicado em seu país em 2005.

Depois disso, Anne decidiu escrever apenas em inglês e, em 2010, lançou *Julieta* (editado no Brasil pela Arqueiro), que foi sucesso em m ais de trinta países.

Anne tam bém coproduziu o docum entário *Fire and Ice: The Winter War of Finland and Russia*, vencedor do Em m y. Ela tem doutorado pela Universidade Aarhus, da Dinam arca, e lecionou na Europa e na Am érica do Norte.

Atualm ente, m ora no Canadá com a fam ília.

Os direitos de tradução de *A irmandade perdida* j á foram vendidos para nove países.

www.annefortier.com











INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber m ais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com .br

e curta as nossas redes sociais.

Além de inform ações sobre os próxim os lançam entos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de prom oções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com .br

facebook.com /editora.arqueiro

twitter.com /editoraarqueiro

instagram .com /editoraarqueiro

skoob.com .br/editoraarqueiro

Se quiser receber inform ações por e-m ail, basta se cadastrar diretam ente no nosso site ou enviar um a m ensagem para atendim ento@editoraarqueiro.com .br

Editora Arqueiro Rua Funchal, 538 – conj untos 52 e 54 – Vila Olím pia 04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-m ail: atendim ento@editoraarqueiro.com .br

Sumário Créditos

Prólogo

Parte I

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Parte II

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Parte III

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Parte IV

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Parte V

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo trinta e nove

Capítulo quarenta

Capítulo quarenta e um

Parte VI

Capítulo quarenta e dois

Capítulo quarenta e três

Capítulo quarenta e quatro

Nota da autora

Sobre a autora

Inform ações sobre a Arqueiro

Document Outline

- Créditos
- Prólogo
- Parte I
  - Capítulo um
  - Capítulo dois
  - Capítulo três
  - Capítulo quatro
  - Capítulo cinco
  - Capítulo seis
- Parte II
  - Capítulo sete
  - Capítulo oito
  - Capítulo nove
  - Capítulo dez
  - Capítulo onze
  - Capítulo doze
  - Capítulo treze
  - Capítulo catorze
  - Capítulo quinze
  - Capítulo dezesseis
- Parte III
  - Capítulo dezessete
  - Capítulo dezoito
  - Capítulo dezenove
  - Capítulo vinte
  - Capítulo vinte e um
  - Capítulo vinte e dois
  - Capítulo vinte e três
- Parte IV
  - Capítulo vinte e quatro
  - Capítulo vinte e cinco
  - Capítulo vinte e seis
  - Capítulo vinte e sete
  - Capítulo vinte e oito

    - Capítulo vinte e nove
    - Capítulo trinta
    - Capítulo trinta e um
    - Capítulo trinta e dois
    - Capítulo trinta e três
    - Capítulo trinta e quatro
- Parte V
    - Capítulo trinta e cinco
    - Capítulo trinta e seis
    - Capítulo trinta e sete
    - Capítulo trinta e oito
    - Capítulo trinta e nove
    - Capítulo quarenta
    - Capítulo quarenta e um
- Parte VI
    - Capítulo quarenta e dois
    - Capítulo quarenta e três
    - Capítulo quarenta e quatro
- Nota da autora
- Sobre a autora
- Informações sobre a Arqueiro